UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E LITERATURAS
ESPAÑHOLA E HISPANO-AMERICANA

BRUNA MACEDO DE OLIVEIRA

**Análise da interferência em traduções do gênero receita realizadas por
estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira**

(VERSÃO CORRIGIDA)

São Paulo
2013

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E LITERATURAS
ESPAÑHOLA E HISPANO-AMERICANA

**Análise da interferência em traduções do gênero receita realizadas por
estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira**

Bruna Macedo de Oliveira

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Língua
Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-
Americana do Departamento de Letras Modernas
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de Mestre em Letras

Orientadora: Profa. Dra. Heloísa Pezza Cintrão

VERSÃO CORRIGIDA

De acordo,

O exemplar original está disponível
no Centro de Apoio à Pesquisa
Histórica da FFLCH/USP

São Paulo
2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

O48a Oliveira, Bruna Macedo de
Análise da interferência em traduções do gênero receita realizadas por estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira / Bruna Macedo de Oliveira; orientador Heloísa Pezza Cintrão. - São Paulo, 2013.
463 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana.

1. Estudos da Tradução. 2. Linguística de *Corpus*. 3. Tradução no par português-espanhol. 4. Estudos de processo e produto tradutório. 5. Interferência. I. Cintrão, Heloísa Pezza, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Bruna Macedo de Oliveira

Análise da interferência em traduções do gênero receita realizadas por estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras

Aprovado em 30 de setembro 2013

Banca examinadora

Profa. Dra. Heloísa Pezza Cintrão

Instituição: USP

Assinatura: _____

Profa. Dra. Mirta Groppi

Instituição: USP

Assinatura: _____

Prof. Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves

Instituição: UFOP

Assinatura: _____

*Dedico o presente trabalho a
meus pais, familiares e a
todos os amigos que, perto ou longe,
me encorajaram nesta empreitada.*

AGRADECIMENTOS

A meus pais, pelo apoio e amor incondicionais, e pelo modelo de conduta, honestidade e respeito que sempre me proporcionaram.

A meu irmão Leonardo que, mesmo não estando entre nós, esteve sempre ao meu lado nesta caminhada.

A Adriana Batista, Adriana de Paula, Esmeralda Franco, Larissa Locoselli, Lucinda Oliveira, Maíra Penna e Michele Costa, pelo ombro amigo, pelas palavras de incentivo e, principalmente, por deixarem que fizesse parte de suas vidas e por fazerem parte da minha.

À tradutora María del Pilar Sacristán Martín, minha admiração, pelos valiosos e incontáveis ensinamentos.

À Profa. Dra. Heloísa Pezza Cintrão, por ter me apresentado e guiado, ainda na graduação, pelos estudos tradutórios e, sobretudo, pela cuidadosa, paciente e impecável orientação, pela confiança, amizade e pela imensa ajuda e parceria neste *nosso* trabalho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), por toda a ajuda financeira outorgada a esta pesquisa.

Às professoras Mirta Groppi e Stella Tagnin, pelo importantíssimo aporte a este estudo, antes, durante e depois do exame de qualificação.

Às professoras Maite Celada e Neide González, pelo exemplo de empenho, dedicação e pelo carinho.

A todos os professores da Área de Espanhol do Departamento de Letras Modernas da FFLCH/USP, por sua contribuição à minha formação pessoal e intelectual.

Em especial, aos voluntários desta pesquisa, sem cuja colaboração nada disso teria se tornado possível. Obrigada por seu tempo e por fazer com que estudos como este continuem sendo realizados.

A todos aqueles que tiveram algum tipo de participação, direta ou indireta, neste trabalho, meus mais sinceros agradecimentos.

SUMÁRIO

Resumo.....	8
Abstract	9
Resumen	10
Lista de figuras	11
Lista de quadros	12
Lista de tabelas	16
Índice.....	17
Introdução	19
Capítulo I - A interferência em aprendizagem/aquisição de língua estrangeira e em tradução ..	24
Capítulo II - O conceito de naturalidade e a naturalidade em tradução	35
Capítulo III - A subordinação adverbial temporal e final em português e em espanhol	44
Capítulo IV - A relação entre gênero e tradução.....	68
Capítulo V - A abordagem processual e a Linguística de <i>Corpus</i>	83
Capítulo VI - A formação do <i>corpus</i>	112
Capítulo VII - Análise dos dados	164
Algumas conclusões e considerações finais	438
Referências bibliográficas	454
Anexos (em CD)	463

RESUMO

OLIVEIRA, B. M. **Análise da interferência em traduções do gênero receita realizadas por estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira.** 2013. 465 f. Dissertação (mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013.

Neste trabalho propomos uma análise do fenômeno da interferência em traduções do gênero receita feitas por estudantes brasileiros de E/LE, com base num estudo empírico de *corpus* comparável, *corpus* paralelo e dados cognitivos. Entendendo a interferência como a incorporação de elementos de uma língua na produção em outra (MACKEY, 1970 apud PRESAS, 2000), acreditamos que a utilização de uma estrutura frequente no texto fonte, mas pouco usual na língua meta, constitui um resultado indesejável/não natural (TAGNIN, 2005), especialmente no caso de textos que se pretendem comunicativos, como é o caso da receita. A partir de dados empíricos, o estudo buscou verificar a hipótese de Presas (2000), segundo a qual é possível encontrar na tradução um tipo de interferência que, ao contrário do fenômeno normalmente descrito nos estudos de aquisição/aprendizagem, atuaria na direção oposta, ou seja, da língua estrangeira sobre a língua materna. De acordo com nossa suposição inicial, certas estruturas poderiam favorecer a incidência desse fenômeno, exatamente por apresentarem um funcionamento análogo, mas não idêntico, nas duas línguas. Com o propósito de investigar essa hipótese, coletamos um *corpus* de traduções para o português de uma receita em espanhol, feitas por estudantes brasileiros em dois momentos distintos do bacharelado de letras português-espanhol, na metade (alunos egressos de Língua Espanhola 3) e no final do curso (alunos egressos de Tópicos Contrastivos). Focalizamos nesse material a tradução das orações subordinadas temporais introduzidas por “*cuando*” e “*hasta*” e das finais encabeçadas por “*para*”. Para caracterizar o emprego/seleção de certas construções sintáticas como um tipo de interferência em tradução, foi fundamental certificar-nos de que as estruturas encontradas nas traduções não eram de fato as mais frequentes no gênero em língua portuguesa. Nesse sentido, valemo-nos de um *corpus* especialmente coletado para esse fim, formado de receitas escritas em português e espanhol. Pareceu-nos igualmente importante que fizessem parte do *corpus* outras duas tarefas, além da **tradução**, (i) uma atividade de **produção livre**, na qual os sujeitos teriam de escrever uma receita em português a partir de uma sequência de imagens, e (ii) uma atividade de **produção dirigida**, na qual tivessem de completar, também em uma receita em português, espaços correspondentes às orações subordinadas que nos interessava observar. Objetivávamos verificar: **1)** qual era a forma mais frequente para as orações subordinadas com “*cuando/quando*”, “*hasta/até*” e “*para/para*” no gênero receita nas línguas espanhola e portuguesa; **2)** se o uso que os estudantes brasileiros fariam das construções temporais e finais para escrever e completar as receitas em língua portuguesa coincidiria com as estruturas utilizadas por eles na tradução; e **3)** se haveria diferenças entre receitas coletadas na internet, escritas originalmente em português, e as produções dos estudantes. Essas três tarefas foram realizadas num programa específico, o *Translog* (JAKOBSEN, 1999), que nos proporcionou alguns dados para o estudo do processo tradutório (como a ocorrência ou não de pausas nessas construções). Como fundamentação teórica, utilizamos os conceitos de **interferência** nos Estudos de Aquisição de Segundas Línguas e nos Estudos da Tradução e de **naturalidade** e realizamos um **estudo contrastivo** das orações subordinadas temporais e finais nas duas línguas. Como metodologia, lançamos mão de alguns princípios da **Linguística de Corpus** e também de **técnicas dos estudos de processo** em tradução.

Palavras-chave: Estudos da Tradução, Linguística de *Corpus*, tradução no par português-espanhol, estudos de processo e produto tradutório, interferência, gênero receita.

ABSTRACT

OLIVEIRA, B. M. **Investigating interference in the translation of recipes by Brazilian students of Spanish as a foreign language.** 2013. 465 p. Master's Thesis. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013.

This study aims at investigating interference in the translation of recipes carried out by Brazilian students of Spanish as a foreign language, based on an empirical study of a comparable corpus, a parallel corpus, and cognitive data.

Understanding interference as the incorporation of elements of a language when producing another (MACKEY, 1970 apud PRESAS, 2000), we believe that using a structure which frequently occurs in the source text, but does not occur frequently in the target language leads to an undesirable and unnatural result (TAGNIN, 2005), specially in the case of communicative texts, such as is the case of the recipe genre. Based on empirical data, this study aimed at verifying the hypothesis in Presas (2000), according to which it is possible to find in translation a type of interference that, contrariwise to the phenomenon commonly described in language acquisition/learning, acts in the opposite direction, that is, from the foreign language to the mother tongue. According to our initial assumption, certain structures may favor the occurrence of this phenomenon, precisely because they function analogously, but not identically, in both languages involved. To investigate this hypothesis, a corpus was built with translations of recipes into Brazilian Portuguese from Spanish. The translations were carried out by Brazilian students on two different occasions of the Portuguese-Spanish undergraduate course: in the middle of the course (L3) and at the end of the course (TC). For this study we used the corpus to focus on the translation of subordinate time clauses beginning with “*cuando*” and “*hasta*”, and of finality clauses starting with “*para*”. In order to establish the use/selection of certain syntactic constructions as a type of interference in translation, it was essential to verify that the structures found in the translations were not in fact the most frequent in the recipe genre in Brazilian Portuguese. In this respect, we used a corpus specially built to this end made up of recipes originally written in English and Portuguese. It was considered equally important in terms of corpus building that two other tasks, besides **translation** were included in the corpus, (i) a **free writing** task, according to which the subjects had to write a recipe in Portuguese based on a sequence of pictures, and (ii) a **cloze** task, according to which they had to fill in the spaces, which corresponded to the subordinate clauses object of this study, in a recipe in Portuguese. The goal was to identify: **1)** which was the most frequent form used in subordinate clauses with “*cuando/quando*”, “*hasta/até*”, and “*para/para*” in recipes in Spanish and Brazilian Portuguese; **2)** whether Brazilian students would use time clauses and finality clauses to write and complete recipes in Portuguese in the same way they used the structures in their translations; and **3)** whether there were differences among the recipes gathered on the internet, recipes originally written in Portuguese, and the recipes written by the students. These three goals were attained with the aid of a specific software: *Translog* (JAKOBSEN, 1999), which provided part of the data used to investigate the translation process (such as the occurrence or of pauses in the clauses, or lack thereof). The chosen theoretical background was based on the concepts of **interference** in second language acquisition and in translation, and **naturalness**, in order to carry out a **contrastive study** of subordinate time and finality clauses in both languages. The method used was based on some of the principles of **Corpus Linguistics**, in addition to **process studies techniques**.

Keywords: Translation Studies, Corpus Linguistics, Translating from and into Brazilian Portuguese and Spanish, Studying Translation Processes and Translation Output, Interference, Recipes.

RESUMEN

OLIVEIRA, B. M. **Análisis de la interferencia en traducciones del género receta realizadas por estudiantes brasileños de español lengua extranjera.** 2013. 465 p. Tesis de máster. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013.

En este trabajo de investigación se analiza el fenómeno de la interferencia en estudiantes brasileños de E/LE al traducir textos del género receta. Para ello, se realiza un estudio empírico de *corpus* comparable, *corpus* paralelo y datos cognitivos. Entendemos aquí por interferencia la incorporación de elementos de una lengua en la producción en otra (MACKEY, 1970 apud PRESAS, 2000). A nuestro juicio, la utilización de una estructura usual o corriente en el texto fuente, pero poco común en la lengua meta, produce un resultado indeseable/poco natural (TAGNIN, 2005), sobre todo cuando se trata de textos de carácter comunicativo, como es el caso de la receta. Con base en datos empíricos, el estudio busca comprobar la hipótesis de Presas (2000), según la cual se puede encontrar en la traducción una clase de interferencia que, al contrario del fenómeno que se suele describir en los estudios de adquisición/aprendizaje, actúa en la dirección opuesta, es decir, de la lengua extranjera sobre la lengua materna. Partimos de la hipótesis de que determinadas estructuras podrían favorecer la incidencia de este fenómeno, justamente por su similitud o por un funcionamiento análogo, aunque no idéntico, en las dos lenguas. Para investigar esta hipótesis, recogimos un *corpus* formado por traducciones al portugués de una receta redactada en español. Estudiantes brasileños en dos momentos distintos de la carrera de Letras portugués-español, en la mitad (L3) y al final de la carrera (TC), produjeron el material de análisis. Nos interesaba estudiar la traducción de las oraciones subordinadas temporales que empezaban con “cuando” y “hasta” y las finales encabezadas por “para”. Para poder considerar el uso/selección de determinadas construcciones sintácticas como una clase de interferencia en traducción, era necesario asegurarnos de que las estructuras detectadas en las traducciones no eran, efectivamente, las más corrientes/frecuentes en ese género en portugués. Para comprobar el uso de estas estructuras en cada una de las lenguas, nos servimos de un *corpus* seleccionado especialmente para esta finalidad, formado por recetas escritas en portugués y español. Además de la **traducción** al portugués, nos pareció importante que formaran parte del *corpus* otras dos actividades más (i) la **producción de un texto libre** en portugués, en la que los sujetos tuvieran que redactar una receta a partir de una secuencia de imágenes; e (ii) una **producción dirigida**, en la que los sujetos tuvieran que completar en una receta en portugués las lagunas referentes a las oraciones subordinadas que nos interesaba observar. Teníamos como objetivo comprobar: **1)** qué forma era más frecuentemente utilizada en las oraciones subordinadas con “cuando/*quando*”, “hasta/*até*” y “para/*para*” en el género estudiado, tanto en español como en portugués; **2)** si los sujetos, al escribir y completar las recetas en portugués, utilizarían las mismas construcciones (oraciones temporales y finales) empleadas en la traducción; y **3)** si habría diferencias entre las recetas recogidas en la web, escritas originalmente en portugués, y la producción de los estudiantes. Para estas tres actividades se utilizó una aplicación especial, el *Translog* (JAKOBSEN, 1999), que nos permitió obtener algunos datos para estudiar el proceso traductor (tales como la presencia o no de pausas en tales construcciones). En cuanto a la fundamentación teórica, se aplicaron los conceptos de **interferencia** en los Estudios de Adquisición de Segundas Lenguas y en los Estudios de la Traducción y de **naturalidad**. Asimismo llevamos a cabo un **estudio contrastivo** de las oraciones subordinadas temporales y finales en ambos idiomas. Como metodología, se siguieron algunos principios de la **Lingüística de Corpus** y también de **técnicas de los estudios de proceso traductor**.

Palabras clave: Estudios de la Traducción, Lingüística de *Corpus*, traducción en la combinación portugués-español, estudios de proceso y producto traductor, interferencia, género receta.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Relação equivalência, naturalidade e gênero	40
Figura 2 – Hierarquia domínio, gênero, tipo textual	70
Figura 3 – Hierarquia situações, gênero, discurso e texto segundo Hatim e Mason.	78
Figura 4 – Hierarquia de equivalências de Halliday	79
Figura 5 – Modelo de Krings para o processo de tradução (KRINGS, 1986: 269).....	85
Figura 6 – Planilha de códigos/informações das receitas coletadas da internet	115
Figura 7 – Tela do <i>Translog</i> exibida aos participantes da pesquisa.....	142
Figura 8 – Tela do <i>Translog</i> Supervisor.	143
Figura 9 – Resumo das instruções da redação (<i>Translog</i>).....	152
Figura 10 – Resumo das instruções e texto da tarefa de complete (<i>Translog</i>).....	153
Figura 11 – Visualização de dados da tradução de V10_L3.....	154
Figura 12 – Resultados do <i>Concord</i> para “cuando” em língua espanhola	165
Figura 13 – Planilha de classificação das orações subordinadas temporais com “ <i>hasta</i> ”	166
Figura 14 – Planilha de classificação das orações subordinadas temporais com “até” com aplicação de filtros.....	166
Figura 15 – Distribuição de infinitivos/subjuntivos nas orações não correferenciais com “até” no <i>corpus</i> de comparação em português	442
Figura 16 – Distribuição de infinitivos/subjuntivos nas orações não correferenciais com “para” no <i>corpus</i> de comparação em português.....	443
Figura 17 – Distribuição em EE e PB de “ <i>poner</i> /pôr” e “ <i>colocar</i> /colocar”	445

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Gênero textual <i>versus</i> tipo textual por Marcuschi (2007 [2002]).....	69
Quadro 2 – Classificação do <i>corpus</i> segundo o número de palavras	106
Quadro 3 – Etapas da formação do <i>corpus</i> de aprendizes.....	112
Quadro 4 – Modelo de arquivo de armazenamento dos textos coletados na internet	116
Quadro 5 – Material para a atividade de tradução do teste-piloto.....	118
Quadro 6 – Material para a atividade de escrita do teste-piloto	120
Quadro 7 – Material para a atividade de completar do teste-piloto	121
Quadro 8 – Ordem de execução das tarefas por grupos	123
Quadro 9 – Agendamento da conversa com os alunos.....	125
Quadro 10 – E-mail enviado aos alunos interessados em participar do estudo.....	127
Quadro 11 – Questionário 1 (perfil dos voluntários)	130
Quadro 12 – Material para atividade de tradução (final)	137
Quadro 13 – Material para a atividade de escrita (final)	140
Quadro 14 – Material para a atividade de completar (final)	141
Quadro 15 – Lista de dicionários disponibilizados para consulta durante a coleta.....	148
Quadro 16 – Instruções da tarefa de tradução	149
Quadro 17 – Instruções da tarefa de redação	151
Quadro 18 – Instruções tarefa de complete	153
Quadro 19 – Pontos focalizados durante a entrevista (tarefa de tradução)	156
Quadro 20 – Questionário 2 (pós-tradução)	157
Quadro 21 – Autorização para uso de dados.....	157
Quadro 22 – Arquivo Comentários de V2_TC	160
Quadro 23 – Arquivos contidos na pasta de cada voluntário	160
Quadro 24 – Trecho da entrevista (parte de redação do texto em português) de V7_L3	161
Quadro 25 – Fragmentos observados na tradução.....	200
Quadro 26 – Comparação da Tradução (F1) TC.....	201
Quadro 27 – Comparação da Tradução (F2) TC.....	204
Quadro 28 – Comparação da Tradução (F3) TC.....	209
Quadro 29 – Comparação da Tradução (F4) TC.....	215
Quadro 30 – Comparação da Tradução (F5) TC.....	218
Quadro 31 – Comparação da Tradução (F6) TC.....	224
Quadro 32 – Comparação da Tradução (F7) TC.....	227
Quadro 33 – Comparação da Tradução (F8) TC.....	233
Quadro 34 – Comparação da Tradução (F9) TC.....	235
Quadro 35 – Comparação da Tradução (F10) TC.....	239
Quadro 36 – Comparação da Tradução (F11) TC.....	242
Quadro 37 – Comparação da Tradução (F1) L3.....	250
Quadro 38 – Comparação da Tradução (F2) L3.....	253
Quadro 39 – Comparação da Tradução (F3) L3.....	257
Quadro 40 – Comparação da Tradução (F4) L3.....	261
Quadro 41 – Comparação da Tradução (F5) L3.....	263
Quadro 42 – Comparação da Tradução (F6) L3.....	267
Quadro 43 – Comparação da Tradução (F7) L3.....	269

Quadro 44 – Comparação da Tradução (F8) L3.....	274
Quadro 45 – Comparação da Tradução (F9) L3.....	276
Quadro 46 – Comparação da Tradução (F10) L3.....	279
Quadro 47 – Comparação da Tradução (F11) L3.....	282
Quadro 50 – Comparação da Escrita (I1) TC (todos os casos)	290
Quadro 51 – Comparação da Escrita (I1) TC (“até”).....	291
Quadro 52 – Comparação da Escrita (I2) TC (todos os casos)	293
Quadro 53 – Comparação da Escrita (I2) TC (“quando”).....	294
Quadro 54 – Comparação da Escrita (I2) TC (“até”).....	295
Quadro 55 – Comparação da Escrita (I2) TC (“para”).....	296
Quadro 56 – Comparação da Escrita (I3) TC (todos os casos)	298
Quadro 57 – Comparação da Escrita (I3) TC (“até”).....	299
Quadro 58 – Comparação da Escrita (I4) TC (todos os casos)	301
Quadro 59 – Comparação da Escrita (I4) TC (“até”).....	302
Quadro 60 – Comparação da Escrita (I4) TC (“para”).....	303
Quadro 61 – Comparação da Escrita (I5) TC (todos os casos)	305
Quadro 62 – Comparação da Escrita (I5) TC (“até”).....	306
Quadro 63 – Comparação da Escrita (I5) TC (“para”).....	307
Quadro 64 – Comparação da Escrita (I6) TC (todos os casos)	309
Quadro 65 – Comparação da Escrita (I6) TC (“até”).....	311
Quadro 66 – Comparação da Escrita (I6) TC (“para”).....	311
Quadro 67 – Comparação da Escrita (I7) TC (todos os casos)	313
Quadro 68 – Comparação da Escrita (I7) TC (“quando”).....	315
Quadro 69 – Comparação da Escrita (I7) TC (“até”).....	316
Quadro 70 – Comparação da Escrita (I7) TC (“para”).....	316
Quadro 71 – Comparação da Escrita (I8) TC (todos os casos)	319
Quadro 72 – Comparação da Escrita (I8) TC (“até”).....	320
Quadro 73 – Comparação da Escrita (I8) TC (“para”).....	321
Quadro 74 – Comparação da Escrita (I9) TC (todos os casos)	323
Quadro 75 – Comparação da Escrita (I9) TC (“assim que”).....	324
Quadro 76 – Comparação da Escrita (I10) TC (todos os casos)	326
Quadro 77 – Comparação da Escrita (I10) TC (“para”).....	327
Quadro 78 – Comparação da Escrita (I11) TC (todos os casos)	330
Quadro 79 – Comparação da Escrita (I11) TC (“quando”/”assim que”)	331
Quadro 80 – Comparação da Escrita (I11) TC (“até”).....	332
Quadro 81 – Comparação da Escrita (I11) TC (“para”).....	332
Quadro 82 – Distribuição de Infinitivos/Subjuntivos com “até” e “para” na tarefa de Produção Livre de TC	334
Quadro 83 – Comparação da Escrita (I1) L3 (todos os casos)	337
Quadro 84 – Comparação da Escrita (I1) L3 (“até”).....	338
Quadro 85 – Comparação da Escrita (I2) L3 (todos os casos)	341
Quadro 86 – Comparação da Escrita (I2) L3 (“quando” / “assim que”)	342
Quadro 87 – Comparação da Escrita (I2) L3 (“até”).....	343
Quadro 88 – Comparação da Escrita (I2) L3 (“para”)	343
Quadro 89 – Comparação da Escrita (I3) L3 (todos os casos)	344
Quadro 90 – Comparação da Escrita (I3) L3 (“até”).....	345

Quadro 91 – Comparação da Escrita (I4) L3 (todos os casos)	347
Quadro 92 – Comparação da Escrita (I4) L3 (“quando”)	348
Quadro 93 – Comparação da Escrita (I4) L3 (“até”).....	349
Quadro 94 – Comparação da Escrita (I5) L3 (todos os casos)	351
Quadro 95 – Comparação da Escrita (I5) L3 (“quando”)	352
Quadro 96 – Comparação da Escrita (I5) L3 (“até”).....	353
Quadro 97 – Comparação da Escrita (I5) L3 (“para”)	353
Quadro 98 – Comparação da Escrita (I6) L3 (todos os casos)	356
Quadro 99 – Comparação da Escrita (I6) L3 (“quando”)	357
Quadro 100 – Comparação da Escrita (I6) L3 (“até”).....	358
Quadro 101 – Comparação da Escrita (I6) L3 (“para”)	358
Quadro 102 – Comparação da Escrita (I7) L3 (todos os casos).....	360
Quadro 103 – Comparação da Escrita (I7) L3 (“até”).....	361
Quadro 104 – Comparação da Escrita (I7) L3 (“para”)	363
Quadro 105 – Comparação da Escrita (I8) L3 (todos os casos)	365
Quadro 106 – Comparação da Escrita (I8) L3 (“até”).....	366
Quadro 107 – Comparação da Escrita (I8) L3 (“para”)	367
Quadro 108 – Comparação da Escrita (I9) L3 (todos os casos).....	368
Quadro 109 – Comparação da Escrita (I10) L3 (todos os casos).....	370
Quadro 110 – Comparação da Escrita (I10) L3 (“para”)	371
Quadro 111 – Comparação da Escrita (I11) L3 (todos os casos).....	374
Quadro 112 – Comparação da Escrita (I11) L3 (“quando”).....	375
Quadro 113 – Distribuição de Infinitivos/Subjuntivos com “até” e “para” na tarefa de Produção Livre de L3.....	376
Quadro 114 – Fragmentos selecionados para a tarefa de Produção Dirigida.....	379
Quadro 115 – Comparação de Complete (C1) TC (“quando”).....	380
Quadro 116 – Comparação de Complete (C2) TC (“quando”).....	381
Quadro 117 – Comparação de Complete (C3) TC (“quando”).....	383
Quadro 118 – Comparação de Complete (C4) TC (“até”)	384
Quadro 119 – Comparação da Complete (C5) TC (“até”)	386
Quadro 120 – Comparação da Complete (C6) TC (“até”)	389
Quadro 121 – Comparação da Complete (C7) TC (“até”)	391
Quadro 122 – Comparação da Complete (C8) TC (“até”)	393
Quadro 123 – Comparação da Complete (C9) TC (“para”).....	395
Quadro 124 – Comparação da Complete (C10) TC (“para”).....	397
Quadro 125 – Comparação da Complete (C11) TC (“para”).....	399
Quadro 126 – Comparação da Complete (C12) TC (“para”).....	401
Quadro 127 – Comparação da Complete (C13) TC (“para”).....	403
Quadro 128 – Distribuição de Infinitivos/Subjuntivos com “até” e “para” na tarefa de Produção Dirigida de TC.....	406
Quadro 129 – Comparação da Complete (C1) L3 (“quando”).....	410
Quadro 130 – Comparação da Complete (C2) L3 (“quando”).....	411
Quadro 131 – Comparação da Complete (C3) L3 (“quando”).....	413
Quadro 132 – Comparação da Complete (C4) L3 (“até”).....	415
Quadro 133 – Comparação da Complete (C5) L3 (“até”).....	417
Quadro 134 – Comparação da Complete (C6) L3 (“até”).....	419

Quadro 135 – Comparação da Complete (C7) L3 (“até”).....	421
Quadro 136 – Comparação da Complete (C8) L3 (“até”).....	422
Quadro 137 – Comparação da Complete (C9) L3 (“para”).....	424
Quadro 138 – Comparação da Complete (C10) L3 (“para”).....	426
Quadro 139 – Comparação da Complete (C11) L3 (“para”).....	428
Quadro 140 – Comparação da Complete (C12) L3 (“para”).....	430
Quadro 141 – Comparação da Complete (C13) L3 (“para”).....	432
Quadro 142 – Distribuição de Infinitivos/Subjuntivos com “até” e “para” na tarefa de Produção Dirigida de L3	434

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Alunos interessados em participar do estudo na consulta inicial.....	126
Tabela 2 – Voluntários confirmados em relação com os que manifestaram interesse inicial	130
Tabela 3 – Data da nova consulta, número de matriculados, número de interessados e número de voluntários de confirmados (egressos de L3)	131
Tabela 4 – Alunos que participaram do estudo e procedência	132
Tabela 5 – Cronograma de coletas por grupo, voluntário e tempo médio de duração	133
Tabela 6 – Perfil dos egressos de Tópicos Contrastivos	134
Tabela 7 – Perfil dos egressos de Língua Espanhola 3	135
Tabela 8 - Síntese dos materiais válidos coletados	162
Tabela 9 – Distribuição de infinitivos e subjuntivos nas orações temporais com “até”	174
Tabela 10 – Distribuição de infinitivos e subjuntivos nas orações temporais com “ <i>hasta</i> ”	179
Tabela 11 – Distribuição de infinitivos e subjuntivos nas orações finais com “para” (português)	186
Tabela 12 – Distribuição de infinitivos e subjuntivos nas orações finais com “ <i>para</i> ” (espanhol)...	194

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO I - A INTERFERÊNCIA EM APRENDIZAGEM/AQUISIÇÃO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA E EM TRADUÇÃO	24
1.1 O CONCEITO DE INTERFERÊNCIA EM APRENDIZAGEM/AQUISIÇÃO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA	24
1.2 A TRANSFERÊNCIA, A INTERFERÊNCIA E A INTERFERÊNCIA EM TRADUÇÃO	28
CAPÍTULO II - O CONCEITO DE NATURALIDADE E A NATURALIDADE EM TRADUÇÃO.....	35
2.1 A NATURALIDADE	35
2.2 A NATURALIDADE NA TRADUÇÃO	37
CAPÍTULO III - A SUBORDINAÇÃO ADVERBIAL TEMPORAL E FINAL EM PORTUGUÊS E EM ESPANHOL	44
3.1 AS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS	45
3.2 AS ORAÇÕES TEMPORAIS EM PORTUGUÊS E EM ESPANHOL	51
3.2.1 As temporais em português	51
3.2.2. As temporais em espanhol.....	53
3.3 AS ORAÇÕES FINAIS EM PORTUGUÊS E EM ESPANHOL	57
3.3.1 As finais em português	57
3.3.2 As finais em espanhol.....	60
3.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS TEMPORAIS E FINAIS.....	64
CAPÍTULO IV - A RELAÇÃO ENTRE GÊNERO E TRADUÇÃO	68
4.1 O GÊNERO.....	68
4.2 GÊNERO (TIPO) E TRADUÇÃO	73
4.3 GÊNERO E QUALIDADE NA TRADUÇÃO	78
CAPÍTULO V - A ABORDAGEM PROCESSUAL E A LINGÜÍSTICA DE <i>CORPUS</i> ...	83
5.1 ESTUDOS DE PROCESSO TRADUTÓRIO	83
5.1.1 Estudos processuais precursores: problemas e estratégias de tradução.....	83
5.1.2 Uma nova subdivisão: problemas <i>versus</i> dificuldades de tradução	87
5.1.3 A relação entre problema e erro de tradução	89
5.1.4 A utilização de técnicas de acesso ao processo tradutório.....	91
5.1.4.1 Estudos processuais coadunados ao encargo tradutório	91
5.1.4.2 Uma abordagem da técnica dos protocolos: seus prós e contras.....	93
5.1.4.3 A utilização de opções metodológicas das Ciências Sociais no campo da Tradução	96
5.1.5 Medidas de tempo na detecção de problemas e dificuldades de tradução: o <i>Translog</i>	98
5.2 A LINGÜÍSTICA DE <i>CORPUS</i>	101
5.2.1 Tipologia	101
5.2.2 Questões de representatividade	105
5.2.3 LC, naturalidade e idiomaticidade.....	106
5.2.4 Ferramenta para exploração de <i>corpus</i> : o <i>WordSmith Tools</i>	107
5.2.5 LC, tradução e tradução técnica	109

CAPÍTULO VI - A FORMAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	112
6.1 A CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> PARA COTEJO	112
6.2 PREPARAÇÃO PARA A COLETA DE DADOS	116
6.2.1. A escolha das tarefas e o teste-piloto	116
6.2.2 Falhas observadas, aperfeiçoamento do desenho experimental e observações gerais	122
6.2.3 Recrutamento e cronograma das coletas	124
6.2.4 Os participantes do estudo	133
6.3 COLETA	136
6.3.1 Tarefas propostas	136
6.3.2 Ferramentas utilizadas	142
6.3.2.1 <i>Translog</i>	142
6.3.2.2 <i>Protocolos verbais e técnicas retrospectivas</i>	144
6.3.3 Procedimentos e materiais adotados	146
6.4 PÓS-COLETA	158
6.4.1 Procedimentos e transcrição das entrevistas	158
6.4.2 Problemas e observações relativos à coleta	162
CAPÍTULO VII - ANÁLISE DOS DADOS.....	164
7.1 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> DE RECEITAS COLETADAS DA INTERNET	164
7.1.1 Descrição das orações encontradas no <i>corpus</i> de receitas escritas	167
7.1.2 Análise comparativa	194
7.2 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> DE APRENDIZES.....	197
7.2.1 Dados de produto e processo tradutório	199
7.2.1.1 <i>Tradução no Grupo TC</i>	200
7.2.1.2 <i>Tradução no Grupo L3</i>	251
7.2.2 Outras atividades	288
7.2.2.1 <i>Produção Livre TC</i>	288
7.2.2.2 <i>Produção Livre L3</i>	336
7.2.2.3 <i>Produção Dirigida TC</i>	379
7.2.2.4 <i>Produção Dirigida L3</i>	409
ALGUMAS CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	438
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	454
ANEXOS (EM CD)	463

INTRODUÇÃO

O contraste entre as línguas portuguesa e espanhola sempre nos chamou a atenção, ainda antes da graduação, quando éramos estudantes em um dos centros de língua mantidos pelo Governo do Estado de São Paulo. Esse interesse ganhou intensidade com as disciplinas de tradução cursadas na universidade, com a pesquisa realizada no Trabalho de Graduação Individual (TGI) e com o exercício da profissão de tradutor.

A ideia para esta pesquisa, entretanto, nasceu da observação de um *corpus*¹ de traduções de uma receita feitas por estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira (E/LE). Naquele momento, durante nossa passagem pela primeira disciplina de pós-graduação², explorávamos o *corpus* sem um objetivo bem definido. O cotejo da receita em espanhol com suas traduções para o português nos levou a constatar uma grande proximidade entre o texto fonte e o texto meta, notadamente nas traduções das orações subordinadas temporais com “*hasta*” e, em menor medida, com “*cuando*”, e nas orações subordinadas finais com “*para*”.

Essa proximidade nos causava um certo incômodo com relação aos textos traduzidos, não porque dela resultassem erros ou agramaticalidades em português, mas porque, como falantes nativos da língua portuguesa e como consumidores desse gênero, o produto final da tradução não nos soava plenamente “natural”. Isso nos parecia ser decorrência do estrito uso das mesmas construções sintáticas empregadas no texto fonte em espanhol, embora na língua meta, o português, outras formas fossem possíveis.

O espanhol e o português não parecem funcionar exatamente da mesma forma no que se refere aos usos de tempos e modos verbais nas orações subordinadas adverbiais temporais iniciadas pelos conectores “*cuando/quando*” e “*hasta/até*”, e nas orações subordinadas finais introduzidas pela preposição “*para/para*”.

Em língua espanhola moderna, as temporais com “*cuando*” referidas ao futuro, como as encontradas nas receitas, são construídas com o presente do subjuntivo **(1.1)**, enquanto que, em língua portuguesa, utiliza-se o futuro do subjuntivo **(1.2)**³:

¹ Coletado e cedido pela Prof.^a Dr.^a Heloísa Pezza Cintrão.

² Denominada [*Aprendizagem da Tradução e Competência do Tradutor: Bases, Polêmicas, Pesquisa*](#), oferecida pelo Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo no primeiro semestre de 2010 e ministrada pela Prof.^a Dr.^a Heloísa Pezza Cintrão.

³ Todos os exemplos subsequentes foram extraídos de receitas disponíveis em sites especializados em receitas.

1.1. *Cuando la cebolleta esté transparente, se echan las anchoas y se calientan vuelta y vuelta por cada lado.*

1.2. **Quando** estiver quase dourando adicione na primeira panela o camarão.

Nas temporais com “*hasta*” haverá uso de presente do subjuntivo quando existir mudança de sujeito com relação à oração principal em língua espanhola (**2.1**), ao passo que, em língua portuguesa, parece ser muito frequente o infinitivo mesmo em casos de mudança de sujeito (**2.2**), embora também seja possível o uso de presente do subjuntivo (**2.3**):

2.1. *Se mete al horno y se tiene unos 40 minutos, **hasta** que se dore ligeramente.*

2.2. Cozinhe os ovos **até** endurecerem.

2.3. É só levar tudo ao fogo e mexer sempre **até** que engrosse.

As orações subordinadas finais com “*para*” em espanhol funcionam de modo similar às temporais com “*hasta*”: mudanças de sujeito são marcadas pela subordinação com “*que*” + presente de subjuntivo (**3.1**). Em português, encontramos tanto o uso de infinitivo (**3.2**), quanto o de presente do subjuntivo (**3.3**) para esse mesmo caso:

3.1. *Dejamos gratinar varios minutos más **para** que se funda el queso.*

3.2. Não refogue demais os camarões **para** não ficarem duros.

3.3. Desligue o fogo **para** que os ovos cozinhem sem secar completamente.

O emprego exclusivo de subjuntivo nas traduções em orações de sujeitos não correferenciais nos fez crer que estávamos diante de um fenômeno interessante, um tipo especial de interferência, em sua modalidade sintática, no qual a estrutura da língua estrangeira determinaria a seleção de uma estrutura da língua materna, mesmo esta não sendo a única possível, ao mesmo tempo em que parecia inibir a opção em favor de outra estrutura na língua materna, possivelmente mais frequente e natural para o gênero.

Caracterizar o uso de tais estruturas sintáticas na receita traduzida para a língua portuguesa como um certo tipo de interferência em tradução dependeria primeiro de uma comprovação de que essas construções com subjuntivo, quando inexistente correferencialidade entre os sujeitos, não fossem realmente as mais frequentes em português. Com esse propósito, utilizamos um *corpus* de receitas escritas originalmente em língua portuguesa, na variante brasileira, como parâmetro de comparação. Assim, pretendíamos observar se havia ou não de fato na tradução um desvio do padrão de

frequência normal de funcionamento das orações subordinadas temporais e finais em língua portuguesa, no que concerne à seleção de infinitivos ou subjuntivos.

Pareceu-nos importante verificar também qual seria o comportamento dos sujeitos que realizariam a tradução quando da produção dessas mesmas construções em sua própria língua materna. Para isso, lançamos mão de outras duas atividades, nas quais os voluntários: **(i)** redigiram uma receita em língua portuguesa, a partir de uma sequência de imagens e de algumas palavras de orientação; e **(ii)** completaram lacunas em uma receita em língua portuguesa, com as subordinadas temporais e finais antes indicadas.

Todas essas atividades foram feitas num programa específico, o *Translog* (JAKOBSEN, 1999), que nos permitia observar a ocorrência de pausas e reformulações durante a realização das tarefas. Essas marcas nos interessavam porque, de acordo com nossa hipótese, a existência de construções semelhantes em espanhol e em português faria com que os sujeitos deixassem de refletir, na tradução, sobre seus usos específicos e sobre qual desses usos seria mais ou menos recorrente em sua própria língua e nesse gênero. Como consequência, haveria uma transferência direta de formas linguísticas do texto fonte para formas linguísticas do texto meta sem qualquer pausa na tradução dessas estruturas.

Utilizamos como fundamentação teórica os conceitos de **interferência** em aquisição de segundas línguas e em tradução e o conceito de **naturalidade**. Lançamos mão também do estudo contrastivo das **orações subordinadas temporais e finais**, na língua espanhola e na portuguesa. Como apoio metodológico, empregamos alguns princípios da **Linguística de Corpus**, além de algumas **técnicas dos estudos processuais**.

Isto posto, pretendemos verificar com esta pesquisa:

- 1) Se há diferença entre a produção de traduções do gênero receita por parte de estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira em comparação com textos desse tipo coletados em *sites* brasileiros, originalmente escritos em língua portuguesa.
- 2) Se é possível detectar, por meio não só do produto, mas também do processo, como e se ocorre a interferência na tradução realizada por estudantes brasileiros desse gênero textual, principalmente no que concerne às traduções de orações subordinadas adverbiais temporais (com “*cuando*”/ “*hasta*”) e finais (com “*para*”).
- 3) Qual a influência e o impacto do texto fonte na tradução de aspectos relativos à sintaxe das duas línguas.

No CAPÍTULO I, destacamos o conceito de interferência, como ele foi definido pela primeira vez nos estudos de aquisição de segundas línguas por autores como Weinreich (1974 [1953]), Corder (1993 [1983]), Gass e Selinker (1993 [1983]) e Kellerman e Sharwood-Smith (1986), e como vem sendo considerado nos Estudos da Tradução, especialmente tomando-se como exemplos os estudos de Baker (1993), de Toury (1986 e 1995) e de Presas (2000). Tratamos de discutir, em especial, como e se as definições dadas por aqueles estudos servem ao campo da tradução e como esse fenômeno tem ou pode ter implicações importantes para o produto final tradutório, especialmente no caso de línguas próximas, como é o caso do português e do espanhol.

No CAPÍTULO II, relacionamos a noção de interferência com a de naturalidade e, sobretudo, com a de naturalidade em tradução, e discutimos sua importância para a tradução de textos comunicativos. Nesse sentido, mobilizamos alguns conceitos caros aos Estudos da Tradução, como o de equivalência (NIDA, 1964/2009), e outras importantes noções, como a de convencionalidade (TAGNIN, 2005), utilizada, por exemplo, nos estudos de Linguística de *Corpus*.

O CAPÍTULO III traz uma descrição das orações subordinadas temporais e finais objeto de nosso estudo em português e em espanhol, a partir de uma perspectiva gramatical.

No CAPÍTULO IV, tratamos a noção de gênero, expondo como este é abordado nos estudos discursivos e textuais. Discutimos ainda como, nesses trabalhos, são entendidas e costumam ser distinguidas as noções de gênero e tipo. Na tradução, principalmente, buscaremos evidenciar como tal divisão se mostra, por diversas vezes, pouco nítida. Destacaremos a noção de gênero/tipo utilizada nos estudos funcionalistas de tradução (REISS; VERMEER, 1996 [1984]) e também nos estudos do discurso (HATIM; MASON, 1995 [1990]). Por último, abordamos a relação existente entre o conceito de gênero e a qualidade em tradução (HOUSE, 2001; HALLIDAY, 2001).

A parte metodológica de nossa pesquisa é objeto do CAPÍTULO V. Na primeira parte do capítulo, fazemos um percurso por importantes estudos no campo do processo tradutório, abordando teóricos como Krings (1986), em seu trabalho precursor a respeito de problemas e estratégias de tradução; Nord (1987a/2005), que aporta uma valiosa diferenciação entre problemas e dificuldades de tradução; e Séguinot (1990), que reflete sobre a noção de erro como uma interessante porta de entrada aos processos mentais na tradução. No que tange ao uso de técnicas específicas nos estudos de processo, trazemos à baila o trabalho de Jääskeläinen (1989), cujo foco é o encargo/finalidade tradutória; o de

Gonçalves (2001), que descreve e discute o uso da técnica dos protocolos verbais e oferece uma visão geral dos prós e contras relacionados a essa técnica; e Alves (2001), que procura apontar as vantagens de se adotar, nas pesquisas em tradução, opções metodológicas que coadunem análises quantitativas e qualitativas, de produto e de processo, naquilo que chama de "triangulação"; e, acerca do uso das medidas de tempo em tradução, apresentamos o trabalho de Rothe-Neves (2001) e seu importante relato sobre o *Translog* (JAKOBSEN, 1999). A segunda parte do capítulo é dedicada à Linguística de *Corpus* (LC). Descrevemos a tipologia segundo a qual os *corpora*, incluídos os nossos, pode(ria)m ser classificados (BERBER SARDINHA, 2004) e tratamos questões como a representatividade de um *corpus* de estudo; retomamos a discussão a respeito da naturalidade e da idiomatidade, tal como consideradas pela LC; e enfocamos a utilização de ferramentas de exploração de *corpora* para estudos como o que aqui realizamos.

No CAPÍTULO VI, detalhamos todo o material de nossa pesquisa. Inicialmente, destacamos como se deu (i) a construção do *corpus* comparável, conformado pelas receitas originalmente produzidas em português e em espanhol e, em seguida, (ii) a composição do *corpus* de nossos voluntários, constituído por três atividades (tradução de uma receita, redação de uma receita e texto de uma receita com lacunas a serem preenchidas com as respectivas orações). Também explicitamos como ocorreu a preparação para a coleta e o teste-piloto, as falhas e aperfeiçoamentos realizados no desenho experimental, o recrutamento e a organização para a coleta final, as tarefas, ferramentas, procedimentos e materiais nela utilizados, e o processo pós-coleta, com a transcrição e posteriores observações e problemas detectados.

O CAPÍTULO VII é dedicado à análise dos dados, começando com o *corpus* de receitas escritas em cada uma das línguas e terminando com o *corpus* dos voluntários.

Na última parte do trabalho, apresentamos algumas CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS à nossa pesquisa.

CAPÍTULO I

A INTERFERÊNCIA EM APRENDIZAGEM/AQUISIÇÃO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA E EM TRADUÇÃO

1.1 O conceito de interferência em aprendizagem/aquisição de língua estrangeira

Nos anos de 1950 e 1960, de acordo com Larsen-Freeman e Long (1994 [1991]: 94), era comum a crença de que a língua materna tinha um papel decisivo e ao mesmo tempo negativo na aquisição da segunda língua, o que foi denominado **interferência**. A interferência constitui uma das faces de um fenômeno mais amplo, conhecido como **transferência** e entendido como a incorporação de elementos de uma língua na produção em outra (MACKEY, 1970 apud PRESAS, 2000).

Mesmo amplamente difundidos, esses dois termos não são unanimidade entre os estudiosos. No que diz respeito à transferência, por exemplo, Corder (1993 [1983]) manifesta preferência pela denominação “papel da língua materna”; enquanto Gass e Selinker (1993 [1983]) e Kellerman e Sharwood-Smith (1986) optam pela designação “influência interlinguística”. Segundo tais autores, essas constituiriam formas menos marcadas, inclusive valorativamente, e, portanto, mais apropriadas para referir-se aos diversos fenômenos decorrentes do contato entre línguas, como é o caso da interferência, do empréstimo, da omissão, da transferência positiva, por exemplo.

Para Gass e Selinker (1993 [1983]), o fenômeno da transferência não seria passível de uma classificação qualitativa, mas sim as formas de interlíngua resultantes dessa transferência que, quando comparadas pelo pesquisador com as normas da língua meta, podem ser pensadas como positivas, negativas ou neutras, de acordo com cada circunstância.

Esses dois autores acreditam que o problema do termo interferência é a ideia negativa por ele implicada. Na visão desses estudiosos, o aspecto negativo não se confirma, já que o fenômeno pode ter como resultado um efeito benéfico, pois a língua estrangeira pode se desenvolver adequadamente sobre a base fornecida pela língua materna. Ao evitarem a utilização da palavra interferência esperam não incorrer numa associação

equivocada entre esse termo e outros de conotação negativa, como é o caso do erro, da dificuldade e do problema de aprendizagem.

Corder (1993 [1983]) também expressa insatisfação com o termo interferência, em especial por sua relação com os estudos de aquisição de segunda língua de base behaviorista, os quais, de seu ponto de vista, já teriam sido em muito superados. Na linha de estudos behaviorista, considera-se que a aquisição de uma segunda língua é um processo no qual hábitos ou comportamentos da língua materna são transferidos para o sistema da língua que está sendo aprendida, acarretando erros no desempenho dos sujeitos nesta última. Para Corder, esse uso do termo interferência deveria ser abandonado, pois o impacto da língua materna não implica um processo de inibição na aprendizagem, como pressuporia a utilização adequada do termo. Corder acredita que o termo interferência só poderia ser utilizado se passasse por uma redefinição ou se fossem encontradas, como alternativa àquela posição teórica já não mais em voga, novas formas de se delimitar tal fenômeno.

Santos Gargallo (1993) explica que o conceito de interferência é utilizado especialmente no contexto da Análise Contrastiva, modelo que tem sua origem na Linguística Contrastiva, em suas aplicações aos estudos de aquisição e ensino-aprendizagem de segundas línguas. Nesse modelo, como aponta, defende-se uma comparação sistemática entre a língua materna do aprendiz e a língua meta, no nível fonético, morfológico, sintático ou lexical, com o objetivo não só de descrever, mas também de prever as áreas de maior ou menor dificuldade na aquisição da segunda língua. Weinreich (1974 [1953]) acredita que a comparação dos sistemas das línguas materna e estrangeira pode levar a uma lista de potenciais formas de interferência, uma lista que, para Lado (1957) só deveria ser plenamente considerada após a sua validação por meio da checagem da produção dos aprendizes. Conforme referem Fries (1945) e também Lado (1957), os estudantes têm tendência a transferir estruturas e vocabulário de sua língua materna para aquela que está sendo adquirida, seja na etapa de produção, seja na de recepção dessa língua, razão pela qual durante muito tempo a Análise Contrastiva atribuiu à interferência toda a responsabilidade pelas dificuldades de aprendizagem e pelos erros cometidos pelos estudantes.

Com os estudos da Análise de Erros, segundo Santos Gargallo (1993), esses pressupostos foram relativizados. Tal modelo desempenhou um papel de grande relevância no contexto de ensino de segundas línguas ao preceituar que, através da análise sistêmica de

um *corpus* de erros de aprendizes, poder-se-ia chegar a propostas de ensino-aprendizagem mais efetivas. Nesse sentido, a Análise de Erros foi fundamental porque conseguiu ampliar o que até então se considerava como fonte dos erros da produção dos estudantes. Por meio de estudos empíricos levados a cabo nesse campo, constatou-se que nem todos os problemas da produção dos sujeitos tinham como origem a interferência. Nessa nova perspectiva, o erro deixava de ser visto como um inimigo da aprendizagem e passava a ganhar o status de aliado, ao operar como uma janela que dava acesso a informações da etapa do processo de aprendizagem na qual se encontravam os estudantes. Mais do que isso, a presença do erro indicava que a aprendizagem estava de fato ocorrendo.

Na Análise de Erros, de acordo com Santos Gargallo (1993), considera-se que a aproximação à língua estrangeira é feita em fases, em uma escala de progressão que vai aumentando ao longo do processo de aprendizagem e que vai sendo modificada na medida em que o aprendiz se apropria de novas estruturas da segunda língua. Trata-se de um material linguístico específico e individual, no qual podem ser verificadas características comuns, no caso de sujeitos que compartilhem uma mesma língua materna ou formação, fenômeno que foi cunhado por Corder (1971a) como “dialeto idiossincrático”. Na tentativa de descrever melhor esse fenômeno, Selinker (1972: 214) lança mão do termo de “interlíngua” para designar um “sistema linguístico separado baseado no *output* observável que resulta da tentativa do aprendiz de produzir a norma da língua meta [*a separate linguistic system based on the observable output which results from a learner's attempted production of a TL norm*]”.

De acordo com Larsen-Freeman e Long (1991 [1994]: 63), o termo interlíngua parece ter sido usado pela primeira vez em 1935, por John Reinecke (1969), em sua dissertação de mestrado intitulada “Língua e Dialeto no Havaí”. Nesse trabalho, como explicam os autores, Reinecke trata de descrever como o fenômeno ocorria em diferentes grupos de imigrantes que utilizavam um dialeto improvisado que, como interlíngua, tendia a se transformar em uma língua mais formal e, e última instância, passava a ser a primeira língua de todos os habitantes da região. Para Corder (1993 [1983]: 25), a interlíngua pode ser definida como um sistema intermediário entre as duas línguas, um processo em nada estático, no qual os aprendizes interagem com o meio, descobrem determinadas regularidades e formulam hipóteses sobre o funcionamento da língua que está sendo aprendida, as quais serão confirmadas ou não à medida que recebem mais *input* dessa nova língua.

Além de aplicar-se aos estudos de Aquisição de Segundas Línguas, de Análise Contrastiva e de Análise de Erros, o conceito de interferência é usado também no campo do Bilinguismo. Nesses estudos, entendidos em linhas gerais como aqueles que abordam a situação linguística na qual falantes usam alternativamente duas línguas diferentes – pelo menos virtualmente, os bilíngues poderiam atuar tanto passiva quanto ativamente nas duas línguas –, o conceito é usado para caracterizar desvios da norma que ocorrem no discurso de indivíduos bilíngues, como resultado de línguas em contato e da familiaridade com mais de uma língua (WEINREICH, 1974 [1953]).

Para Santos Gargallo (1993: 37), o conceito de interferência, tal como tratado por Weinreich (1974 [1953]), leva em conta também o efeito da língua meta sobre a língua materna, ignorado pelos estudos da Análise Contrativa, mas amplamente reconhecido por pesquisas e perspectivas ulteriores, como a Análise de Erros e os estudos de Bilinguismo.

Arabski (1968 apud SANTOS GARGALLO, 1993) realizou um estudo com base no modelo de Análise de Erros, na expressão escrita de estudantes poloneses de inglês como L2, e seus resultados o levaram a diferenciar dois tipos de interferência. No primeiro caso, a língua que estava sendo aprendida era a principal causa dos erros cometidos; no segundo, era a própria língua materna a fonte dos erros. Por essa razão, seria possível distinguir dois tipos de interferência: a interlinguística (ou externa) e a intralinguística (ou interna).

Selinker (1994: 31), com o exemplo de Weinreich (1974 [1953]), busca identificar o caráter bidirecional da interferência. Em sua pesquisa, observa como um falante americano de ídiche, ao igualar um item da língua A com um item da língua B, em termos de semelhança formal, consegue criar um processo que lhe possibilita identificar a forma /op/ “off” com a forma inglesa “up”, o que ocasionaria uma inovação na língua materna do sujeito. Para Selinker (1994: 32), esse fenômeno poderia constituir um tipo de “transferência reversa” de uma interlíngua (íidiche > inglês) na língua materna, no qual a semelhança formal teria um papel central. Assim, a interferência poderia ser mais bem entendida segundo a definição dada por Santos Gargallo (1993: 49) como “um conceito psicológico de influência mútua entre a língua nativa e a língua objeto de estudo [*un concepto psicológico de influencia mutua entre la lengua nativa y la lengua objeto de estudio*]”.

Pela discussão realizada até aqui, podemos salientar que:

- 1) Apesar da discordância com relação ao uso ou não do termo transferência, a ocorrência do fenômeno nem sempre terá um único resultado. Nos aspectos em que a língua materna e a estrangeira diferem muito, a incorporação da língua materna na estrangeira quando da produção de enunciados inadequados poderá receber o nome de transferência negativa ou interferência. Por outro lado, naqueles pontos em que a língua materna e a estrangeira coincidirem, o fenômeno poderá facilitar a aquisição da língua estrangeira e ter como resultado a produção de enunciados adequados nessa língua, podendo ser designado como transferência positiva (ver LARSEN-FREEMAN; LONG, 1991);
- 2) Apesar de se estabelecer uma estreita (e, às vezes, legítima) relação entre transferência, interferência e erro, aquelas nem sempre serão responsáveis pela ocorrência deste. Além disso, o erro não deveria ser considerado como algo a ser erradicado, mas como uma etapa natural, através da qual se pode ter acesso a informações sobre o estágio da interlíngua na qual se encontrem os aprendizes;
- 3) O fenômeno da interferência interlinguística não parece ter uma única direção, mas sim duas: da segunda língua sobre a língua materna e da língua materna sobre a segunda língua (SL ↔ LM).

1.2 A transferência, a interferência e a interferência em tradução

A “**transferência**” constitui, segundo Laviosa (1998), um dos universais em tradução. Os universais são definidos por Baker (1993: 243) como aquelas “características linguísticas que tipicamente ocorrem em textos traduzidos mais que em textos originais e são pensadas como independentes da influência do par de línguas específico envolvido no processo tradutório [*linguistic features which typically occur in translated rather than original texts and are thought to be independent of the influence of the specific language pairs involved in the process of translation*]”. São exemplos de universais a simplificação, a explicitação, a normalização e a transferência do discurso.

Para Toury (1995: 275), a universalidade da transferência de discurso é expressa por meio da **lei de interferência**, formulada pelo estudioso nos seguintes termos: “fenômenos que pertencem à configuração do texto fonte tendem a ser transferidos para o texto meta na tradução [*phenomena to the make-up of the source text tend to be transferred to the target text*]”.

Para esse autor, a transferência pode ser caracterizada como positiva ou negativa e, embora a sua ocorrência não se relacione a um único elemento, a experiência pareceria constituir um fator importante para a incidência de maior ou menor grau de transferência negativa (normalmente a que ocorre nos microníveis linguísticos), posto que o fenômeno parece ser mais suscetível de acontecer com tradutores novatos.

Wode (1978 apud LARSEN-FREEMAN; LONG, 1994 [1991]) traz uma importante contribuição ao explicar que o fenômeno da interferência só tem lugar se as estruturas da língua materna e da língua estrangeira forem confluentes numa medida de semelhança decisiva. Isso significa que o aprendiz e, nesse caso, poderíamos incluir também o tradutor, deverá perceber algum ponto de semelhança – tal como havíamos indicado na seção anterior, com o exemplo de Weinreich a respeito do ídiche e do inglês – a ponto de confiar que será possível transferi-la para a língua que estiver sendo aprendida ou traduzida.

Essa semelhança entre as línguas encontra estreita relação com a chamada “distância linguística” que, nos estudos de aquisição, poderia ser expressa do seguinte modo: quanto mais próximas linguisticamente forem duas línguas, mais acelerado será o processo de aprendizagem entre elas, uma vez que a língua materna contribuiria significativamente para a aquisição da segunda língua (CORDER, 1993 [1983]).

A distância linguística é enfocada em estudos como o de Silva (1992), que trabalha com as línguas portuguesa, espanhola e inglesa, e o de González e Kulikowski (1999), que lidam estritamente com o par português-espanhol.

Com base no método das modalidades de tradução de Aubert (1998), Silva pretendia determinar estatisticamente o grau de “distância linguística” em tradução, observada comparativamente para os pares português>inglês e português>espanhol. Cintrão (2006: 174), no entanto, observa que a distância linguística medida apenas no produto e exclusivamente com base nas modalidades tradutórias pode causar distorções, e que uma distância mais “real” poderia ser entendida como “aquela que deveria ser quantificada a partir de parâmetros objetivos e de procedimentos empíricos no plano do uso”. Feita essa ressalva, apesar de a distância entre línguas de base latina, como o português e o espanhol, ser claramente menor que aquela entre o português e a língua inglesa, de origem anglo-saxã, os resultados obtidos por Silva quanto às distâncias foram, para a combinação português-inglês, bastante mais próximos aos da combinação português-espanhol do que se poderia esperar.

González e Kulikowski (1999), por sua parte, dedicam-se a determinar a “*justa medida de una cercanía*” na combinação português-espanhol no contexto de aprendizagem/aquisição da língua espanhola por estudantes brasileiros. Nesse trabalho concluem, tomando por base o estudo de Kellerman (1983), que além da “distância real”, que normalmente procuram mensurar os estudos estritamente linguísticos, teria um papel relevante no processo de aquisição a “distância percebida”, que diz respeito à percepção subjetiva que o aprendiz tem da distância/proximidade entre as duas línguas.

Cintrão (2006: 177) considera que os resultados inesperados obtidos por Silva em seu estudo dever-se-iam em boa medida à falta de um dispositivo, no método das modalidades, que permitisse incluir nas estatísticas as proximidades de base lexical, resultantes das raízes etimológicas comuns: as categorias do método de Aubert destacam as distâncias e proximidades sintáticas. Segundo Cintrão, seria justamente a proximidade de base lexical "que confere ao par português-espanhol uma característica de elevado grau de transparência inicial, em especial na modalidade escrita (...), [e na chamada] ‘distância percebida’” referida por González e Kulikowski. A relação entre o par português-espanhol poderia ser caracterizada, de acordo com Cintrão (idem: 178-179):

(...) como a de uma proximidade grande de raízes etimológicas/bases lexicais, no léxico e na morfologia, combinada com uma importante distância sintática em lugares pontuais mas cruciais (para a aquisição, por exemplo), como o uso de pronomes sujeito e clíticos, as diferentes disposições das palavras nas frases, as diferentes formas de enunciar.

Na visão de Kellerman (1979/1983 apud GASS; SELINKER, 1993 [1983]), o fenômeno da transferência ultrapassaria as questões de semelhança e diferença entre a língua materna e estrangeira, envolvendo também o aprendiz como um participante ativo do processo, já que a ocorrência do fenômeno dependeria de quão próxima uma língua estaria da outra, na visão do aprendiz, a ponto deste permitir que houvesse transferência.

Outro importante fator, para Kellerman (1983), é a fase de aprendizagem em que se encontram os aprendizes. Larsen-Freeman e Long (1991: 104), retomando o estudo de Kellerman, indicam que os principiantes tenderiam a transferir elementos marcados (formas menos transparentes semanticamente) junto com os não marcados (formas mais transparentes entre a LM e a L2). Os aprendizes de nível intermediário, conforme explicitam, seriam mais cuidadosos na transferência de formas não claramente

transparentes, provavelmente porque até esta etapa já teriam cometido muitos erros para saber que, apesar da semelhança, as línguas realmente se diferenciariam em muitos pontos. Os aprendizes de nível avançado, por sua vez, estariam novamente mais dispostos a assumir a possibilidade de transferência, o que poderia ser explicado pela dinamicidade presente na noção de distância entre as línguas, que constantemente vê-se modificada pelos novos *inputs* da língua meta a que está sendo exposto o estudante.

Corder (1993 [1983]) discute a transferência em suas relações com o empréstimo. Para o autor, poderia ser inadequado identificar a transferência como aqueles aspectos da língua materna que são utilizados de forma recorrente na língua meta com um resultado negativo e com o erro. O que é chamado de transferência poderia ser entendido meramente como empréstimo? O aprendiz da língua estrangeira, ao não dispor de determinado léxico ou estrutura em face de uma necessidade comunicativa, estaria apenas tomando emprestado da língua materna os recursos de que ainda não dispõe na língua estrangeira, como tentativa de transpor o obstáculo, ou seja, valendo-se de uma estratégia comunicativa tentativa? Se for assim, não seria adequado dizer que está "transferindo" alguma coisa para a língua estrangeira. No caso de línguas intimamente relacionadas (as chamadas línguas próximas), como aponta, o empréstimo inclusive nem sempre redundará em erros, já que há maiores probabilidades de que se obtenham enunciados corretos. O empréstimo não seria, na visão de Corder (1993 [1983]: 26), "um fenômeno do processo de aprendizagem, mas do desempenho, uma característica do uso da linguagem [*borrowing is a performance phenomenon, not a learning process, a feature, therefore, of language use*]". Como expõe, o fenômeno do empréstimo pode aplicar-se tanto para explicar o uso de elementos lexicais quanto sintáticos da língua materna na produção em língua estrangeira e sua ocorrência pode ou não ser temporária.

Segundo Corder (1993 [1983]: 26), o mesmo pode ocorrer também na compreensão leitora, quando as semelhanças no nível lexical e sintático entre uma dada combinação podem conduzir à tentativa de valer-se de conhecimentos da língua materna na interpretação de enunciados da língua estrangeira. Essa hipótese poderia igualmente ser aplicada a alguns casos de interferência em tradução, como explica Cintrão (2006: 186), quando há pouco domínio da língua estrangeira. Por outro lado, de acordo com a autora, é possível que o tradutor, apesar de contar com amplo conhecimento na segunda língua, de conseguir compreendê-la adequadamente e de poder realizar a passagem por seu nível de processamento cognitivo-pragmático, na tradução para a língua materna,

não o faça. Refletindo sobre este segundo caso, Presas (2000: 26) fala do “poder hipnótico que o texto fonte exerce sobre o tradutor, mesmo quando ele ou ela é altamente proficiente e está traduzindo da segunda língua para a língua materna [*the hypnotic power which the L2 source text seems to exert on the translator, even when he or she is highly proficient and is translating from L2 into L1.*]”.

Na visão de Hurtado Albir (1990), a proximidade entre as línguas constitui um fator peculiar de dificuldade na tradução, em especial na etapa que sucede à fase de compreensão e antecede à reexpressão do novo texto: a fase de desverbalização. Para a estudiosa:

É preciso buscar as causas disso na eventual contaminação linguística do tradutor, que tem dificuldade de separar claramente as duas línguas, e na hipnose exercida pelo texto fonte, que ameaça bloquear o desenvolvimento correto e sucessivo das três fases: a fase de desverbalização, essencial no método interpretativo, é mais difícil no caso de duas línguas próximas.
[*Il faut en chercher les causes dans la contamination linguistique possible du traducteur qui rend ardue la séparation nette entre les deux langues, et dans l'hypnose exercée par le texte de départ qui risque de bloquer le développement correct et successif des trois phases: la phase de déverbalisation essentielle dans la méthode interprétative est plus difficile dans le cas de deux langues apparentées.*] (HURTADO ALBIR, 1990: 228)

O questionamento de Weinreich (1974 [1953]: 44-45) a respeito de classes (gramatical/funcional) mais ou menos suscetíveis à transferência termina por sustentar a leitura a respeito da proximidade ou das raízes comuns entre as línguas funcionarem como um fator favorável à ocorrência do fenômeno da transferência negativa em tradução. Assim como Wode e Corder, Weinreich, tomando como exemplo a transferência no nível morfológico, explica que a transferência é possível sempre que estejam presentes certas condições, como a semelhança entre os sistemas linguísticos, embora esse não seja o único critério para a ocorrência do fenômeno, já que nem todas as formas possíveis no sistema linguístico efetivamente se materializam no uso.

No caso da interferência na tradução para a língua materna, parece ser mais provável sua ocorrência em estruturas lexicais e sintáticas de funcionamento análogo, mas nem sempre idêntico. Esse tipo de semelhança parcial funcionaria como uma espécie de gatilho para a passagem automática de uma estrutura da língua estrangeira

como se ela funcionasse exatamente da mesma forma na língua materna. Como sugere Cintrão (2006: 189), no caso de bilíngues proficientes, isso poderia dever-se a “um estado mental de desatenção, por sobrecarga cognitiva atribuível aos limites de capacidade de memória de trabalho”.

Para Cintrão, há um certo grau de automatismo próprio do processamento linguístico que poderia explicar o “poder hipnótico/hipnose” do texto fonte, referidos por Presas e Hurtado Albir, no caso de tradutores proficientes na língua estrangeira. No caso de tradutores pouco proficientes na língua estrangeira (traduzindo para a língua materna), de acordo com Cintrão, seria mais provável a explicação da interferência em tradução como resultado de empréstimos fracassados. A hipótese de Cintrão é a de que, em tradução, esse tipo especial de interferência da segunda língua na produção em língua materna, no caso de tradutores pouco proficientes na L2, tenha como origem problemas principalmente no processo de recepção do texto de origem.

Cintrão formula a hipótese de que interferências sintáticas seriam mais prováveis de ocorrer na tradução do que as lexicais, posto que os sentidos veiculados pelo léxico são mais referenciais e os das estruturas e palavras sintáticas (como preposições) são relacionais, menos palpáveis e por isso mais passíveis de escaparem à atenção consciente. Isso favoreceria em maior grau a associação direta automática de uma estrutura sintática da língua estrangeira com uma estrutura similar da língua materna, sem a passagem pela fase de desverbalização. Haveria, assim, uma espécie de “tendência de que as falsas semelhanças sintáticas passassem mais despercebidas do que as falsas semelhanças lexicais”.

O estudo de Oliveira (2009), no qual se propunha testar as modalidades de tradução literal e decalque (AUBERT, 1998) como indicadores de desenvolvimento da competência tradutória, num *corpus* de traduções para a língua materna feitas por aprendizes de ELE, parece apontar exatamente nessa direção. Ao acrescentar, na modalidade decalque, um dispositivo que diferenciava as similitudes lexicais das sintáticas, observou-se que o número de decalques de tipo sintático era de fato superior ao de decalques de tipo lexical. Embora restritos à modalidade decalque – redefinida para o estudo como uma espécie de transferência – esses resultados reforçariam a hipótese de uma maior tendência a que o fenômeno de interferência na tradução para a língua materna fosse mais suscetível de ocorrer no nível das estruturas sintáticas e das

palavras gramaticais do que no nível das palavras lexicais, ao menos no caso de línguas próximas, como o português e o espanhol.

A discussão da interferência em tradução, como veremos, compreende outras questões, como a naturalidade e o papel do gênero implicado no processo tradutório. É o que tratamos de discutir nos capítulos subsequentes.

CAPÍTULO II

O CONCEITO DE NATURALIDADE E A NATURALIDADE EM TRADUÇÃO

2.1 A naturalidade

Durante o estudo de um *corpus* de traduções de receitas realizado em 2010, observamos que as traduções feitas pelos estudantes apresentavam estruturas que não pareciam ser as mais frequentes para o gênero receita, o que redundava em textos, a nosso ver, pouco naturais.

Mas o que seria ou constituiria a naturalidade e a não naturalidade? Segundo Tagnin e Teixeira (2004: 315), a naturalidade pode ser entendida como aquelas “coisas que de fato são ditas numa dada área de uma dada língua ou variante linguística”. Os enunciados não naturais ou pouco naturais, por outro lado, seriam aqueles que não se configuram como erros propriamente ditos, porém tampouco refletem a linguagem usada por falantes de uma determinada língua, em um dado contexto de comunicação. São enunciados que, apesar de bem construídos do ponto de vista gramatical, não correspondem à forma real como são originalmente produzidos em dada língua. Nos termos de Salkie (1997 apud LAMPARELLI, 2007: 22): “‘Não está errado, só que não se diz desse jeito’, é a reação típica para a linguagem que não é natural [‘It isn’t wrong but you just don’t say it like that’ is a typical reaction to unnatural language]” (tradução de Lamparelli).

A noção de naturalidade encontra íntima relação com a de norma, introduzida por Coseriu (1952), segundo a qual a norma não se referiria a critérios de correção, mas àquilo que é comprovável de forma objetiva na língua dos sujeitos, as formas que são utilizadas/preferidas pelos membros de uma determinada comunidade linguística dentro das distintas possibilidades oferecidas pelo sistema. Observa-se, então, que a simples aplicação de regras gramaticais tidas por corretas no sistema da língua não é suficiente para caracterizar o uso efetivo da língua pelos falantes nativos (KJELLMER, 1992).

De acordo com Pawley e Syder (1993), as sentenças realmente utilizadas por falantes nativos equivalem a um número muito pequeno com relação ao total de estruturas gramaticais existentes em uma língua. Em outros termos, embora sejam possíveis inúmeras construções dentro de um sistema, a maioria delas sequer chega a ser cogitada como opção pelo falante numa dada situação.

Esses dois estudiosos realizam uma diferenciação importante no que diz respeito a dois componentes que, segundo postulamos, fariam parte da naturalidade, são eles, a “*nativelike selection*”, isto é, a capacidade que tem um falante de expressar-se de uma maneira gramatical e ao mesmo tempo percebida como adequada por sua comunidade; e a “*nativelike fluency*”, a capacidade que um falante tem de produzir extensões fluentes de discurso espontâneo conectado (PAWLEY; SYDER, 1993: 191).

Ao tratarem dessas duas questões fundamentais, discutem como os falantes nativos se expressam de uma forma gramatical e, ao mesmo tempo, com naturalidade. Desta forma, jogam luz sobre a diferença existente entre os enunciados que **estão corretos**, ou seja, aqueles que evidenciam os mecanismos de funcionamento e regras gramaticais de uma língua, e os enunciados que **refletem o jeito que se diz** (TAGNIN, 2005), i.e., aqueles realizados por sujeitos fluentes numa dada língua ou comunidade linguística, ou ainda os produzidos por falantes em situações de aprendizagem por imersão, que apresentam características inerentes não só à gramática, mas também à idiomaticidade, no sentido daquilo que é natural a uma língua e comunidade.

Pawley e Syder (IBIDEM) explicam que duas perguntas merecem destaque no que diz respeito à seleção de formas mais naturais e à fluência. A primeira é como os falantes nativos fazem a seleção das estruturas que utilizarão dentre uma gama de possibilidades, que inclui sentenças gramaticalmente corretas, mas que não seriam as produzidas ou as comumente selecionadas; e a segunda diria respeito a como, apesar de a capacidade humana parecer ser limitada para codificar as novas falas enquanto vão sendo realizadas, os falantes costumam produzir enunciados fluentes com muitas orações que ultrapassam esses limites.

Enfatizam, assim, que tanto a seleção quanto a fluência não têm recebido o devido destaque por parte de gramáticos, razão pela qual é comum encontrarmos, especialmente no caso de aprendizes de língua estrangeira, a aplicação geral de regras que na teoria são produtivas, mas que na prática têm como consequência enunciados não naturais ou altamente marcados (PAWLEY; SYDER, 1983). A questão da naturalidade é fundamental no estudo de uma língua, segundo indicam, porque:

O fato é que apenas uma pequena parcela do conjunto total de sentenças gramaticais são “do tipo nativas” na forma – no sentido de serem facilmente aceitáveis pelos falantes nativos como comuns, como formas naturais de

expressão, em contraste com expressões que são gramaticais mas julgadas como ‘não-idiomáticas’, ‘estranhas’ ou ‘estrangeirismos’.

[The fact is that only a small proportion of the total set of grammatical sentences are nativelike in form – in the sense of being readily acceptable to native informants as ordinary, natural forms of expression, in contrast to expressions that are grammatical but are judged to be ‘undomatic’, ‘odd’ or ‘foreignisms’]. (PAWLEY; SYDER, 1983: 193)

Conforme indicam, a familiaridade dos sujeitos com uma ou outra circunstância fará com que julguem um enunciado ou expressão como natural ou não (PAWLEY; SYDER, 1983). Isso não significa que um falante nativo precisará ter ouvido uma dada sentença X para emitir seu julgamento. Na verdade, ainda que as combinações lexicais sejam novas, os modelos sintáticos e outras circunstâncias contribuem para que um falante saiba se o enunciado é ou não do tipo “nativo”.

Com base nesse tripé – seleção, fluência e familiaridade –, poderemos observar os dados de nossos sujeitos nas tarefas a que serão submetidos para verificar se e em que medida a familiaridade com relação ao gênero e às suas estruturas fará com que nossos voluntários, enquanto falantes nativos da língua portuguesa, optem pelas sequências mais adequadas à produção de enunciados fluentes nessa língua e no gênero em questão.

2.2 A naturalidade na tradução

A questão da naturalidade em tradução está intimamente relacionada com um debate central nessa área, que tem surgido sob distintas denominações dicotômicas, segundo Rodrigues (2000), como são exemplos a **tradução literal** e **tradução livre**, **tradução palavra por palavra** e **tradução sentido por sentido**, **equivalência formal** e **equivalência dinâmica** (NIDA, 1964/2009), **literalidade** e **liberdade** (KELLY, 1979) e **tradução domesticadora** e **estrangeirizadora** (VENUTI, 1986). Essa mesma polaridade pode ser expressa, como sugere Rodrigues, na forma como uma tradução deva ou não ser encaminhada, se deve parecer **estranha** ou se deve soar **natural** (STEINER, 1975).

Interessa-nos focalizar aqui especialmente a forma como o referido debate é reformulado por Nida (2009), para quem é necessário reconhecer que há diferentes tipos

de tradução e que sua tipologia relativa vai além dos pares opostos tratados tradicionalmente.

Segundo Nida (2009: 127-128), as diferenças em tradução poderiam ser explicadas por três fatores básicos: o primeiro diria respeito à natureza da mensagem; o segundo, à(s) finalidade(s) do autor ou do tradutor; e o terceiro ao tipo de público a que se destina o trabalho.

Com relação ao primeiro fator, a **natureza da mensagem**, Nida explica que a forma e o conteúdo, embora inseparáveis, podem ter graus de importância distintos, ou seja, haverá traduções em que o conteúdo será privilegiado em detrimento da forma e mensagens em que a forma terá um importante grau de precedência sobre o conteúdo.

O segundo fator seria a **finalidade do tradutor e do autor**. Nida esclarece que o mais comum é que a finalidade do tradutor coincida com a do autor do texto original, mas isso nem sempre ocorrerá: o tradutor pode querer tornar o texto final mais inteligível para seu leitor e, nesse sentido, algumas adaptações que visem deixá-lo mais próximo de sua realidade serão bem-vindas; outras vezes, o tradutor pode ter como finalidade evitar o entendimento equivocado da mensagem e, para isso, lançará mão de recursos que tornem o texto traduzido mais claro.

O terceiro fator a ser considerado no que se refere às diferenças entre as traduções é o **público**. Segundo explica Nida, essas diferenças vão além da capacidade de decodificação da mensagem e englobam o interesse dos sujeitos pelo texto.

Apesar da crítica à dicotomia tradicional existente na classificação das traduções, Nida também incorre numa classificação dicotômica, desta vez sob a forma de **equivalências**. Para o autor, dois tipos de equivalência poderiam ser encontrados e cada um se voltaria, mais ou menos, para os três fatores precedentes por ele assinalados. A primeira dessas equivalências, a **formal**, tem seu foco na mensagem, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo. Nela, o tradutor tenta reproduzir o mais fielmente possível esses dois aspectos, o que muitas vezes requer notas de rodapé para que o texto seja compreensível. Na segunda equivalência, a **dinâmica**, o autor esclarece que a relação entre o receptor e o texto deveria ser substancialmente da mesma natureza que a existente entre o receptor e a mensagem originais. Esse tipo de tradução visa a completa naturalidade da expressão, busca aproximar a mensagem à cultura receptora e coloca ênfase no modelo da cultura meta. Em outras palavras, não se pretende que o receptor

da tradução entenda o funcionamento da língua e da cultura do texto fonte para apreender a mensagem do texto meta (NIDA, 2009: 129).

Nesse sentido, o autor acredita que seria necessário considerar também a distância cultural e linguística presente entre as partes envolvidas na tradução. Embora essa distância possa ser considerada positiva, como indica, no caso de línguas e culturas próximas, também pode ser problemática, ao colocarem-se questões como a falsa semelhança ou a semelhança superficial e os falsos cognatos.

É especialmente em tal aspecto que entra em jogo a naturalidade: nem sempre é fácil fazer uma tradução completamente natural, principalmente no caso de textos de boa literatura, que refletem e exploram amplamente a capacidade idiomática (NIDA, 2009: 133).

Em nosso estudo piloto feito a partir da tradução de receitas, constatamos que os estudantes privilegiavam, muitas vezes, formas encontradas no texto fonte, transferindo-as para o texto final da tradução. Isso fazia com que o produto tradutório de nossos voluntários ficasse bastante marcado por características da *equivalência formal* descrita por Nida, e que o resultado da tradução não fosse exatamente o desejado para um texto comunicativo como a receita.

Esperar-se-ia, no caso de textos desse tipo, que as escolhas tradutórias se pautassem mais pela *equivalência dinâmica*, que o foco da tradução fosse o receptor e que o texto final fosse mais afim com aqueles do mesmo gênero encontrados na língua meta. A naturalidade deveria apresentar-se, nesse tipo de equivalência, sob a mesma epígrafe observada em Tagnin e Teixeira (2004) e Tagnin (2005), como reconhecível por um falante bilíngue como “O jeito que a gente diz [*That is just the way we would say it*]”.

Assim, se a não naturalidade estará relacionada, em nosso caso, à equivalência formal e, talvez, em situações muito extremas, ao erro, a naturalidade estará vinculada à equivalência dinâmica, e constituirá um importante fator na avaliação da qualidade do trabalho tradutório. É o que buscamos representar na figura a seguir:

Figura 1 – Relação equivalência, naturalidade e gênero

Nida considera importante que se definam as implicações do termo “natural” aplicado às traduções. Segundo ele, esse conceito se aplicaria às três áreas do processo de comunicação: 1) a língua e cultura receptoras, como um todo; 2) ao contexto da mensagem em particular e 3) ao público da língua meta. Além disso, uma tradução natural envolveria duas principais áreas de adaptação: a gramática e o léxico.

Na questão da naturalidade em tradução igual importância terá o gênero, uma vez que as convenções de uso da língua podem ser distintas, dentro de uma mesma variante, para diferentes tipos de texto. Assim, pensar nas três áreas do processo de comunicação indicadas por Nida será pensar, de antemão, em como o gênero será ou deveria ser construído e que adaptações teriam de ser feitas para conformar o texto a essa nova situação comunicativa, de língua e culturas diferentes das do texto fonte, de um novo contexto e de um novo público.

Com a possível exceção de certos gêneros e finalidades específicas, a naturalidade deveria constituir “uma preocupação central da tradução” (TAGNIN; TEIXEIRA, 2004: 315). Para obter uma tradução natural, será importante considerar questões como a convencionalidade, ou seja, o “aspecto que caracteriza a forma peculiar de expressão numa dada língua ou comunidade linguística” (TAGNIN, 2005: 14), por ser esse aspecto fundamental à finalidade da tradução, que se preocupa com a conservação não apenas de aspectos linguísticos, mas também culturais e de recepção, enfim, de uma tradução que busca um tipo de equivalência dinâmica.

Com o objetivo de atender a essas exigências em prol da naturalidade, o uso de *corpora* será uma alternativa bastante interessante, especialmente para suprir as deficiências de falantes ingênuos, tradutores novatos, aprendizes de língua estrangeira

que ignoram grande parte das expressões pré-existent na língua, as chamadas unidades fraseológicas, e também a forma como determinados gêneros são construídos, quanto à sua estrutura sintática e lexical.

Tagnin (2002) argumenta que, em determinadas circunstâncias, todos os falantes podem ocupar o lugar de ingênuos numa língua, em especial em situações nas quais lhes sejam exigidos conhecimentos de áreas especializadas ou de situações novas. A falta de consciência de que determinadas formas não são igualmente aplicáveis de uma língua para outra, principalmente em um gênero ou situação específica pouco ou não conhecida, ou, ainda – e aqui enfocamos nosso caso – um breve lapso dessa diferença, motivada não por unidades fixas, mas, talvez, pela proximidade entre as línguas, pode fazer com que os sujeitos, especialmente os tradutores, sejam ingênuos tanto na compreensão quanto na produção.

De acordo com a autora, a dificuldade em se encontrar soluções naturais na tradução seria mais recorrente quando se tratassem de versões (i.e., tradução inversa ou tradução para a língua estrangeira), nas quais os sujeitos não disporiam de tantos recursos linguísticos ou seriam mais “ingênuos”. No entanto, como reconhece, é possível que o tradutor encontre dificuldades para produzir um texto natural mesmo no caso de traduções diretas (i.e. para a sua própria língua materna),

(...) caso se atenha tanto ao texto de partida a ponto de não perceber que, entre formas igualmente gramaticais, uma delas é de uso mais corrente. Em outras palavras, pode não se dar conta de que, dentro de uma gama de formas gramaticalmente *possíveis*, há certas formas que têm uma *probabilidade* maior de ocorrerem. Caso o tradutor selecione uma dessas formas *possíveis*, em detrimento da mais *provável*, produzirá uma tradução não natural, não fluente. (TAGNIN, 2002: 193)

Acreditamos que em traduções para a língua materna a dificuldade de se produzir enunciados naturais pode ser mais recorrente do que se espera, especialmente devido ao excesso de confiança nessa língua, o que favoreceria a escolha de estruturas gramaticais pouco ou não naturais, justamente por sua aceitabilidade na língua meta.

Poderíamos supor que esses contrastes mais sutis no nível sintático chamariam menos a atenção do tradutor que estaria mais atento à transferência sintática apenas se o resultado dela fosse efetivamente agramatical. No caso de não se encontrarem

“problemas” na transposição de uma sintaxe mais próxima daquela do texto original na língua de chegada, não seria, para esses sujeitos, relevante ou imprescindível realizar qualquer tipo de rearranjo morfossintático. No entanto, e talvez ao contrário do que imaginem os aprendizes, e por que não, também os tradutores novatos, como aponta Briones (2001: 61), dentre os erros mais frequentes na tradução entre as línguas portuguesa e espanhola estão as estruturas sintáticas e as situações próprias da pragmática, semelhantes, mas não coincidentes nas duas línguas, e a ausência de autenticidade decorrente de um conhecimento escasso de equivalentes. Como aponta, são situações em que os sujeitos entendem o que está escrito na língua estrangeira, mas não conseguem realizar a reexpressão valendo-se de uma *forma habitual* na respectiva língua.

Essa ausência da forma habitual ou da naturalidade na tradução pode ser decorrente, em boa medida, do “poder hipnótico” (PRESAS, 2000: 26) exercido pelo texto/língua fonte, que influenciaria a produção em língua materna de uma maneira tão incisiva a ponto de fazer com que os sujeitos não desconfiem da utilização das estruturas sintáticas do texto em língua espanhola no texto em língua portuguesa.

Acreditamos que isso ocorreria na medida em que esses indivíduos estivessem tão preocupados com o que é radicalmente diferente que não conseguiriam analisar com clareza o que é, ou pode não ser, igual nas duas línguas e no gênero tratado e, dada a inexistência desse processamento consciente, produziriam enunciados pouco comuns na tradução para sua própria língua, por mais surpreendente que isso possa parecer.

É por essa razão que defendemos o uso de *corpora* na tradução, especialmente nos casos de textos técnicos ou especializados, como a receita. Estudiosos como Bowker (1998: 648) já indicavam como o emprego de *corpora* tem repercussões positivas sobre a melhora da qualidade da tradução, especialmente na “escolha correta de termos e na redação idiomática”. De acordo com Tagnin (2002: 191):

Se entendermos “escolha correta do termo” como colocação e “redação idiomática” como linguagem natural, perceberemos que esses dois aspectos são os pilares do que denominamos “convencionalidade (ou fraseologia) na língua”, cuja falta de conhecimento caracteriza o “falante ingênuo” (FILLMORE, 1979).

A “escolha correta do termo” ou “colocação” e a “redação idiomática” ou “linguagem natural”, reunidos sob a denominação de “convencionalidade/fraseologia”,

são parte essencial dos conceitos utilizados por Pawley e Syder (1983) de “*nativelike selection*” e “*nativelike fluency*”, e estão na base da naturalidade.

Para analisar como estão presentes na tradução os três pilares que garantem a naturalidade, ou seja, a familiaridade (com o gênero tratado), a seleção (de termos ou de construções mais frequentes/prováveis nesse gênero) e a fluência (a forma mais usual nele encontrada), coletamos um *corpus* de receitas escritas nas duas línguas, a fim de (i) observarmos como se apresentam as construções estudadas nos dois idiomas e respectivas variedades no gênero em questão e de (ii) constituir uma medida de comparação com as traduções que nossos voluntários farão posteriormente.

CAPÍTULO III

A SUBORDINAÇÃO ADVERBIAL TEMPORAL E FINAL EM PORTUGUÊS E EM ESPANHOL

Ao tratar da naturalidade e, em especial, da naturalidade em tradução, assinalamos que algumas estruturas utilizadas pelos estudantes em seu trabalho nos suscitavam suspeitas com relação à naturalidade ou, mais claramente, à falta desse componente na tradução para a língua materna. Essas estruturas são as chamadas orações subordinadas adverbiais temporais, com “quando/*cuando*” e “até/*hasta*”, e as orações subordinadas adverbiais finais, com “para/*para*”.

Para assegurar-nos de que há ou não naturalidade na produção dos voluntários de nossa atual pesquisa, inicialmente decidimos verificar como são descritas essas orações, de uma perspectiva gramatical, para depois observarmos, por meio de *corpora*, seu funcionamento real no gênero receita. Nos subitens a seguir buscamos tratar as orações subordinadas adverbiais nas duas línguas, de uma maneira geral, para, em seguida, adentrarmos ao estudo das subordinadas temporais e finais que nos interessam.

Tencionamos explorar, sobretudo, a forma como é utilizado o modo subjuntivo nas orações subordinadas temporais encabeçadas por “*cuando*”/“quando”, exemplo (1), e como se dá a distribuição de subjuntivo e infinitivo nas orações temporais com “*hasta*”/“até”, exemplo (2), e nas orações finais com “*para*”/“para”, exemplo (3), em ambas as línguas nesse gênero⁴.

(1)⁵ Orações subordinadas temporais com “*cuando*” e “quando”:

1.1. ***Cuando*** *la cebolleta* *esté* transparente, *se echan las anchoas y se calientan vuelta y vuelta por cada lado.*

1.2. **Quando** estiver quase dourando adicione na primeira panela o camarão.

(2) Orações subordinadas temporais com “*hasta*” e “até”:

2.1. *Vamos removiendo* ***hasta*** *que se forme* una crema.

2.2. Numa tigela grande, bata as claras **até** ficarem firmes.

⁴ Os exemplos a seguir (1, 2 e 3) foram extraídos de receitas disponíveis em *sites* especializados nesse tema, mas não constituem, como se verá, as únicas estruturas possíveis nesse gênero.

⁵ Os exemplos que fazem parte deste capítulo foram extraídos, na maior parte dos casos, do próprio texto teórico referido em cada trecho. Para os casos que fogem a essa regra, foram incluídas notas de rodapé.

(3) Orações subordinadas finais com “*para*” e “*para*”:

3.1. *Dejamos gratinar varios minutos más **para** que se funda el queso.*

3.2. Hidrate a gelatina com ¼ de xícara de água e leve ao banho-maria **para** derreter.

3.1 As orações subordinadas adverbiais

Entende-se por oração subordinada aquela que faz parte integrante de outra oração, a principal (também chamada de matriz ou nuclear) que tem uma regência própria. A oração subordinada, por sua vez, não possui autonomia e depende de outra oração para existir.

Segundo Cunha e Cintra (2001), as orações subordinadas classificam-se de acordo com as funções que desempenham em cada caso. Se exercem funções de substantivo (i.e., se funcionam como sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicado, aposto e agente da passiva), e atuam como constituintes de um sintagma verbal encaixando-se nele como seu argumento (CASTILHO, 2010), recebem o nome de **substantivas** ou **integrantes**; se funcionam como adjunto adnominal de um substantivo ou pronome, ou seja, se se encaixam no sintagma nominal como seu complementador, são chamadas **adjetivas** ou **relativas**; e se fazem as vezes de adjunto adverbial, atuando como constituintes de toda uma sentença (matriz ou nuclear) são denominadas **adverbiais**.

Como explica Castilho (2010), uma oração pode estar em relação de adjunção à outra, sem que haja encaixamento. É justamente esse tipo de dependência expressa pelas **orações subordinadas adverbiais**. Como notamos no exemplo (4) a seguir, a oração adverbial não se encaixa na principal como um termo daquela, mas se junta a (ou se combina com) ela para expressar uma circunstância, no caso concreto, uma circunstância temporal.

(4) O motorista fugiu **quando** percebeu a aproximação dos policiais.⁶

A classificação desse tipo de oração como subordinada adverbial não constitui um ponto pacífico entre os autores que se dedicam ao tema, por essa razão não entraremos em detalhes nesse quesito. Indicaremos apenas que estudiosos como

⁶ Exemplo extraído da internet.

Matthiessen e Thompson (1988 apud BRAGA, 1999) preferem incluí-las no bloco das chamadas **orações combinadas por hipotaxe**, segundo classificação de Halliday (1985), uma vez que essas orações não se comportariam como advérbios da oração matriz, não funcionariam como seus constituintes e nem teriam propriedades gramaticais determinadas por ela, como ocorre com as demais orações subordinadas. Conforme explicam Matthiessen e Thompson, a hipotaxe ocuparia um lugar intermediário no que diz respeito ao vínculo estabelecido com a oração principal – ao conter o traço de dependência e não o de encaixamento –, abarcando orações que codificariam circunstâncias (de tempo, de causa, de condição, etc.), daí serem chamadas também de **orações circunstanciais**.

As orações adverbiais ou circunstanciais se ligam à nuclear por meio de **conjunções** ou de **locuções conjuntivas**⁷ que costumam figurar no início da segunda sentença e estabelecem uma relação sintática entre ambas. Castilho (2010: 238) esclarece que a tradição gramatical tenta captar essas informações adicionais relativas às conjunções e ao que estas exprimem para obter uma classificação segundo o tipo de subordinada adverbial. Assim, teríamos uma denominação baseada em critérios semânticos em *causais*, *condicionais*, *temporais*, *finais*, *concessivas*, *comparativas*, *consecutivas*, *conformativas* ou *modais* e *proporcionais*.

Não são apenas as conjunções ou locuções que têm um importante papel nas orações subordinadas, os modos que as acompanham na oração subordinada também merecem destaque.

Para Castilho, por exemplo, não seria por acaso que o subjuntivo atua como o modo de diversos tipos de subordinadas e que ambos os termos, subjuntivo e subordinada, sejam “praticamente homônimos e certamente sinônimos” (CASTILHO, 2010: 355). Conforme o autor, isso ocorre porque o modo subjuntivo e as subordinadas compartilham um traço de dependência. Em outros termos, o modo subjuntivo denota uma ação ainda não realizada no momento da enunciação, concebida como dependente de outra, daí a vir a ser o modo prototípico dessas orações.

Porto Dapena (1991) explica que as orações subordinadas adverbiais do espanhol podem conter verbos tanto no modo indicativo, como no modo subjuntivo, dependendo da atitude do falante com relação ao que deseja expressar, do tipo de

⁷ As *conjunções* ou *locuções conjuntivas* serão por vezes chamadas neste trabalho de nexos ou conectores, exatamente por realizarem a ligação entre as orações subordinadas e as principais.

relação circunstancial exercida com relação à oração principal e também do elemento de ligação. O autor aponta que a escolha tanto do modo como da conjunção ou locução dependerá da relação temporal de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade existente entre o verbo da oração subordinada e o verbo da oração nuclear.

De forma geral, a opção por um ou outro modo deveria ser regida pelo que o falante pretende expressar, se se tratasse de algo já experimentado por ele, usaria o modo indicativo; se não, o subjuntivo. Porto Dapena (1991: 183) afirma que, como regra, o uso de indicativo ocorrerá quando o verbo da subordinada se referir ao presente ou ao passado, com relação ao momento da enunciação, e será simultâneo ou anterior ao do verbo da principal (5). O uso do verbo no modo subjuntivo, por outro lado, ocorrerá quando o verbo da subordinada fizer referência a um tempo posterior ao do verbo da oração principal (6).

(5) *Lo avisé **cuando lo supe**.*

(6) *Lo avisaré **cuando lo sepa**.*

A alternância quanto aos modos nem sempre ocorrerá dessa forma: haverá casos em que só será permitido o uso de um deles. Pérez Saldanya (2000: 3.285-3.286) assinala que o elemento de ligação determinará a escolha do modo a ser utilizado na subordinada, fato que levou a alguns linguistas a considerarem que “o modo é um elemento redundante que se limita a repetir morfológicamente o valor já explicitado de maneira lexical pela conjunção ou pela locução conjuntiva [*el modo es un elemento redundante que se limita a repetir morfológicamente el valor que ya explicita de manera léxica la conjunción o la locución conjuntiva*]”.

Perini (1998) utiliza dois exemplos dessa exigência estabelecida pelas conjunções ou elementos de ligação, no português. A preposição “para” nas orações subordinadas adverbiais finais, como em (7), não permite o uso de indicativo; a preposição “até” empregada nas temporais, por outro lado, e apesar das diferenças semânticas quanto ao uso, possibilita tanto o emprego de indicativo (8) como o de subjuntivo (9)⁸:

⁸ Os exemplos 7 a 9 foram extraídos da internet.

(7) É dispensável autorização judicial **para** que crianças ou adolescentes brasileiros residentes no Brasil viajem ao exterior.

(8) Fiquei no mesmo lugar durante 2 dias seguidos, **até** que um moço me viu e me levou para sua casa.

(9) Todos são inocentes **até** que se prove o contrário.

Sendo assim, como ensina Pérez Saldanya (2000: 3.286) em relação à língua espanhola, o uso de **indicativo** estará condicionado a que o falante se refira a um tempo ou lugar específicos, ao factual, ao real, a contextos nos quais é afirmado o valor de verdade de uma oração e, portanto, quando utilizado, configurará exemplos comprometidos com o estatuto de verdade daquilo que se expressa. O **subjuntivo**, por outro lado, será empregado nos demais casos, quando tivermos orações não assertivas, eventos efetivamente não ocorridos (não factuais) ou que não ocorreram, mas que poderiam ter ocorrido (contrafactuais). Para o especialista (p. 3.287), o emprego do modo subjuntivo dependerá de outros fatores, pragmáticos ou textuais, “relacionados, em geral, ao conteúdo conhecido e secundário da informação contida na oração subordinada [*relacionados en general, con el contenido conocido y secundario de la información contenida en la oración subordinada*]”.

Vale a pena recordar então que apesar de o subjuntivo ser o modo por excelência das orações subordinadas, a alternância ou não entre este modo e o indicativo, tanto no espanhol como no português, pode depender da relação de sentido existente em cada caso e, principalmente, da conjunção empregada permitir ou não um ou outro. O indicativo, como vimos em (5) e (8), servirá à expressão do fato certo, real, ao passo que enunciados como os de (6) e (9), com subjuntivo, apresentarão o acontecimento como incerto, irreal ou ainda não comprovado.

Outras orações subordinadas permitirão ainda a presença da forma nominal: o **infinitivo**. Perini (1998: 178) explica que a grande maioria dos verbos aceita o infinitivo nas subordinadas em língua portuguesa (10), com algumas restrições (10a), nas quais o infinitivo só será possível se a subordinada não tiver um sujeito diferente do da oração principal, como em (10b).

(10) Lelé reconheceu o time estar em más condições físicas.

(10a) * Manuel quer Artur comprar o piano.

(10b) Manuel quer comprar o piano.

De acordo com esse autor, há alguns verbos que admitirão o infinitivo apenas se este fizer parte de um complemento preposicionado, o que torna agramaticais sentenças como (11a). No entanto, o mesmo não ocorrerá se o complemento não estiver no infinitivo, como em (11b)⁹.

(11a) *Os alunos pediram sair.

(11b) Os alunos pediram que a prova fosse adiada.

O infinitivo ganha uma importante evidência em língua portuguesa por apresentar uma modalidade que não existe em outras línguas românicas, o **infinitivo flexionado**, também chamado infinitivo pessoal (PERINI, 1998: 178). Diferentemente do infinitivo impessoal (12a), que não se refere a uma pessoa gramatical e tem forma invariável, o infinitivo pessoal possui sujeito, pode ou não aparecer flexionado e possui flexões de número e pessoa (12b). Todavia, conforme explicita Perini, o infinitivo flexionado ocupa um lugar marginalizado na sintaxe do português, suas condições de concordância são distintas das dos demais tempos e as intuições dos falantes sobre quando utilizá-lo são muito menos seguras do que para os outros tempos verbais.

(12a) Amar é viver intensamente cada momento.

(12b) Depois de andar(mos) por diversos e diferentes caminhos, nos encontramos.

Como é possível verificar no exemplo (12b) acima, em alguns casos, a escolha pela forma flexionada do infinitivo será eletiva. Para Cunha e Cintra (2001), essa escolha dependerá da evidência dada à ação ou a seu agente, de modo que se a opção se der em favor da primeira, será utilizado o infinitivo não flexionado, e se a opção se der em favor do segundo, o infinitivo flexionado.

Perini (1998: 200-201) assinala que as possibilidades de manifestação do infinitivo flexionado do português dependem de traços, tanto semânticos como sintáticos, do verbo da oração principal. Assim, para explicar os usos do infinitivo flexionado, lança mão de uma classificação de verbos em três tipos, como a seguir se observa:

⁹ Os exemplos 11b e 12 foram extraídos da internet.

- Tipo A: de modo geral, incluem-se nessa categoria os verbos factivos que apresentam a propriedade semântica de pressupor a verdade de seu complemento, como é o caso de lamentar;
- Tipo B: verbos que têm subjuntivo no complemento sempre que não há ou não se entende que exista identidade entre os elementos indicados pelos sufixos de pessoa e número, e/ou sujeitos, dos dois verbos, como é o caso de sair; e
- Tipo C: verbos que não se encaixam em nenhum dos dois grupos anteriores e, segundo sugere o autor, provavelmente configuram os casos mais comuns em nossa língua, como o é o caso do verbo ver. (PERINI, 1998: 205-206)

Com base nessa divisão e nas características de cada verbo, dispõe sobre três regras nas quais se pautaria o emprego do infinitivo flexionado. Teríamos as seguintes situações.

A. Quando o infinitivo é subordinado a um verbo do tipo A será livre a ocorrência de sufixo de pessoa-número, como em:

(13a) Os diretores lamentam profundamente não dispirem de recursos

(13b) Os diretores lamentam profundamente não dispor de recursos.

B. Quando o infinitivo é subordinado a um verbo do tipo B só será admitida a flexão se a oração subordinada for introduzida por preposição:

(14a) Nós queremos sair.

(14b) *Nós queremos sairmos.

(14c) Nós queremos um visto **para** entrarmos no país.

Em casos como (14b) a flexão do infinitivo causa inaceitabilidade, por isso apenas o exemplo (14a), que não tem sufixo de pessoa-número, é aceitável. Se, por outro lado, a subordinada for encabeçada por preposição, como na adverbial final (14c), a flexão tornar-se-á possível.

C. Quando o infinitivo é subordinado a um verbo do tipo C, a ocorrência de sufixo de pessoa-número só será admitida se: (I) a oração subordinada for introduzida por preposição; ou se (II) houver um candidato possível a sujeito da subordinada. Vejamos nos exemplos a seguir:

(15a) Eles viram o desastre sem fazerem nada.

(15b) Eles viram o desastre sem fazer nada.

Até agora tratamos de caracterizar, ainda que sucintamente, o uso das orações subordinadas adverbiais no par linguístico português-espanhol e os modos empregados em cada caso. Nas próximas seções, buscaremos dar destaque, dentro das subordinadas adverbiais, àquelas orações que serão estudadas em nosso *corpus*, as **temporais** e **finais**.

3.2 As orações temporais em português e em espanhol

3.2.1 As temporais em português

A oração subordinada adverbial temporal conforma um período composto, constituído por uma oração principal e uma temporal. De acordo com Neves, Braga e Dall’Aglio-Hattnher (2008), enquadram-se dentro da categoria **hipotaxe** que, como vimos, trata-se de um processo de combinação de sentenças, a principal e a dependente ou subordinada, denominada hipotática, responsável pela expansão da oração nuclear, que apresenta uma relação circunstancial.

De acordo com Neves (2003: 787), “a análise das construções temporais pode ser representada na análise das orações iniciadas pela conjunção *quando*”. Esse nexos temporal pode apresentar um aspecto de **simultaneidade** (ainda que não absoluta), de **anterioridade** e de **posterioridade** com relação ao evento expresso na oração principal.

(16a) A renúncia pegou-o **quando estava servindo em Campo Grande** (...).

(16b) **Quando você chegou**, eu já tinha comido toda a sobremesa.

(16c) **Quando você chegar**, eu já terei comido toda a sobremesa.

O nexos “quando”, como demonstrado em (16c), costuma vir acompanhado de futuro do subjuntivo para a expressão de eventos não factuais ou de projeção futura.

No que se refere à sua posição no período, as orações subordinadas desse tipo podem vir antepostas à principal, como em (17a) ou pospostas, como em (17b)¹⁰, ou ainda intercaladas na oração principal, depois de algum dos membros dessa oração, como em (17c). Entretanto, como esclarece a autora, essa ordem não é aleatória e, em geral, exprime significados e leituras próprias do falante, de modo que, embora a alternância de posição da temporal seja possível, não deixará de ter influências sobre a interpretação de seu sentido.

(17a) **Quando o discípulo está pronto**, o mestre aparece.

(17b) O desmame se inicia **quando outro alimento é introduzido**.

(17c) Vala **quando não se tapa** cresce, sabe?

Além de “quando”, outras conjunções ou locuções conjuntivas podem expressar a relação temporal, são elas: *enquanto, apenas, mal, antes, depois, logo, até, assim*, etc. As locuções conjuntivas têm normalmente o elemento “que” ao final e envolvem (NEVES, 2003: 789):

a) um advérbio, como *antes, depois, logo, assim*;

b) uma preposição, como *até, desde*;

c) o numeral ordinal primeiro, como *primeiro que*;

d) um sintagma nominal de tipo frequentativo, como *todas as vezes que, cada vez que*.

No que se refere à preposição “até”, que também será examinada em nosso estudo, não foram encontradas muitas informações específicas, talvez devido ao fato de esse nexos, como afirma Ilari et al (2008), ser pouco frequente no discurso e localizar-se entre os menos gramaticalizados do português. Trata-se, segundo informam, de uma

¹⁰ Os exemplos 17b e 17c foram extraídos da internet.

partícula que estabelece relações de dois tipos, espaciais (18a)¹¹ e temporais (18b), em que está presente a ideia de um limite, um ponto final cujo início se pressupõe.

(18a) Subiu, subiu, **até** chegar ao topo da montanha.

(18b) Mexa bem **até** dar o ponto desejado.

Quando referidas a ações com projeção futura, as orações com “até” podem vir acompanhadas de presente do subjuntivo (19a) se não há correferência entre os sujeitos; ou de infinitivo, tanto quando os sujeitos têm o mesmo referente (19b) como quando não o têm (19c)¹².

(19a) Grécia não receberá mais dinheiro **até que retome ajustes**.

(19b) Como se planejar **até conseguir o novo emprego**.

(19c) Faça uma calda **até o açúcar obter um tom caramelado**.

3.2.2. As temporais em espanhol

A respeito das orações subordinadas adverbiais temporais em língua espanhola, Pérez Saldanya (2000) informa que estas construções situam ou delimitam cronologicamente o evento da oração principal em relação ao evento expresso na subordinada.

García Fernández (2000: 3.176) aponta que a relação estabelecida por essas orações é regida pelo significado da partícula de tempo (nexo) que ligará uma sentença à outra, de forma que o tempo gramatical servirá para delimitar o evento verbal no tempo, mas não será suficiente para determinar com precisão a sua posição. Essa é justamente a função dos complementos adverbiais.

Pérez Saldanya (2000) indica que as relações expressas pelas orações temporais podem ter diferentes valores e matizes. Podem indicar **simultaneidade** (como no caso do conector “*mientras*”), **anterioridade** (como em “*antes de que*”), **posterioridade** (como “*luego que*”) e **delimitação temporal** (como “*hasta*”).

¹¹ Os exemplos de 18 foram extraídos da internet.

¹² Os exemplos de 19 foram extraídos da internet.

As orações temporais, de um modo geral, constroem-se com indicativo quando apresentam um carácter factual, ou seja, quando são verdadeiras e se referem a um fato já experimentado (seja esse fato passado, presente ou habitual), e denotam um evento produzido no momento tomado como referência e que se prolonga até depois desse momento. As orações com subjuntivo, por outro lado, dizem respeito a uma circunstância posterior ao momento de referência e, portanto, a uma circunstância eventual, não confirmada ou ainda não realizada.

Porto Dapena (1991: 183) afirma que as possibilidades de que esses modos se alternem em um dado contexto não serão muito frequentes nas orações temporais. O autor explica que mesmo quando a possibilidade existe, haverá implicações importantes, pois, “uma das orações alternativas ou perde o seu carácter temporal ou implica uma mudança temporal ou aspectual que obriga à visão real ou experimentada (indicativo) e irreal, eventual ou, em última instância, não experimental (subjuntivo) [*una de las oraciones alternativas o pierde su carácter temporal o conlleva un cambio temporal o aspectual que obliga a la visión real o experimentada (indicativo) e irreal, eventual o, en definitiva, no experimental (subjuntivo)*]”.

Com relação aos modos previstos nas orações temporais, entraria também em jogo a forma nominal chamada infinitivo. Segundo Martínez García (1996: 56), entre todas as unidades que introduzem um complemento circunstancial temporal, apenas algumas aceitam a forma infinitiva (como no caso dos nexos *antes, después, luego, al poco, enseguida, nada más* e as preposições *tras, hasta*, etc.), enquanto outras (partículas como *cuando, según, conforme, a medida, en tanto, en cuanto, a la vez, de paso, entre tanto, mientras, cada vez, siempre, nunca* e *jamás*) não o admitem.

Passaremos agora à análise das temporais que nos interessam em nosso trabalho, ou seja, as introduzidas pelos conectores “*cuando*” e “*hasta*”.

A respeito da conjunção “*cuando*”, Martínez García (1996: 37) expõe que esse nexos normalmente situa o que é referido pela oração temporal como vagamente paralelo ao que é expresso na oração principal. De acordo com a autora (p. 38), esse nexos também acumula o significado lexical de tempo, os valores gramaticais de preposição, de determinante e do relativo “*que*”, o que lhe permite adverbializar a oração e, ao mesmo tempo, funcionar dentro dela como complemento circunstancial. As orações introduzidas por “*cuando*” se comportam de maneira análoga ao restante das orações temporais, ou seja, aparecem com indicativo se designam eventos factuais (passados,

presentes ou habituais) como (20a), e com subjuntivo fazem referência a contextos posteriores e não factuais, como (20b).

(20a) *Se llevó una terrible sorpresa **cuando** entró en su habitación.*

(20b) *No encontrará a nadie **cuando** llegue.*

Pérez Saldanya (2000: 3.313) expõe que o contraste entre esses usos pode ser visto em orações como (21), em que o tempo da oração principal pode assumir um valor de presente habitual (no primeiro caso), semelhante ao da locução “*siempre que*”, e de futuro (no segundo), um valor próximo ao das orações condicionais.

(21) *Seguro que te alegrarás **cuando** {regresa/regrese} de vacaciones.*

Apesar das semelhanças com outras estruturas temporais, as orações introduzidas por “*cuando*” apresentam algumas peculiaridades decorrentes do caráter relativo deste conector. Essa característica possibilita que as orações com “*cuando*” possam aparecer com indicativo em contextos de posterioridade. Numa oração como (22), o indicativo aponta que o falante está se referindo a um intervalo de tempo concreto e específico, que foi delimitado previamente pelo interlocutor; o subjuntivo, por outra parte, se refere a não especificidade desse intervalo (IBIDEM: 3.314).

(22) *Se lo comunicaremos **cuando** tú {quieres/quieras}.*

Martínez García (1996: 38) acrescenta que a partícula “*cuando*” não admite na subordinada a presença de formas verbais futuras, de tal forma que quando o referido na oração principal se orienta ao futuro, será imprescindível o uso na subordinada do presente (23a) ou do imperfeito do subjuntivo (23b):

(23a) *Te daré el libro **cuando** vengas.*

(23b) *Lo haría **cuando** tuviera tiempo.*

Com relação à preposição “*hasta*”, como vimos para “até” em português, pode-se dizer que é uma conjunção de tipo delimitativo, ou seja, fornece-nos informações sobre o momento em que começa e/ou termina o evento verbal.

Conforme ensina García Fernández (2000: 3.198-3.199), se o tempo pode ser representado por uma espécie de “linha que avança da esquerda (passado) para a direita (futuro), ‘*hasta*’ indica o limite à direita de um período de tempo [*línea que avanza de izquierda (el pasado) a derecha (el futuro)*], ‘*hasta*’ indica el límite derecho de un segmento temporal]”.

Há uma segunda hipótese relativa a esse conector, de acordo com o referido autor, a de que haveria dois tipos de “*hasta*”: um **durativo** e outro de **localização pontual**. O primeiro indicaria o limite final de um intervalo de tempo, como em (24a).

(24a) *Juan se quedó **hasta** las tres.*

O segundo situaria o momento em que o evento ocorre, como em (24b):

(24b) *Juan no llegó **hasta** las tres.*

Esses exemplos ilustram que, apesar da preposição ser a mesma em determinados contextos, a sua interpretação nem sempre o é. García Fernández (2000: 3.199) destaca que essa proposta não estaria livre de problemas, embora haja dois pontos a seu favor. O primeiro diria respeito ao fato de que alguns gramáticos observaram que essa preposição não se comporta da mesma forma em contextos afirmativos e negativos, o que comprovaria essa dupla natureza. O segundo dado a favor da hipótese de dois “*hasta*” baseia-se na possibilidade de que esse elemento seja seguido por uma oração de infinitivo. Na presença de “*hasta*” durativo esta possibilidade se limita a alguns casos nos quais há uma relação de consequência entre a oração subordinada e a principal (25).

(25) *Cantó la escena final de Salomé **hasta** perder totalmente su voz.*

No caso de “*hasta*” pontual, não existiria essa mesma restrição, como se nota em (26a e 26b), em que ambas as sentenças seriam gramaticais. Esta diferença, como dispõe García Fernández (2000: 3.201), não encontra explicação natural se considerarmos a existência de um só “*hasta*”, mas sim se houvessem dois.

(26a) *No pararé **hasta** no haberlo conseguido.*

(26b) *No me habló **hasta** no haber llegado al teatro.*

Nas orações com “*hasta*” que apresentam um evento ainda não cumprido, poderemos encontrar subjuntivo ou infinitivo. No primeiro caso, quando não há correferência entre os sujeitos (27a) e, no segundo (27b), quando os sujeitos são coincidentes¹³.

(27a) *Paraguay frena licitaciones **hasta que** asuma Cartes.*

(27b) *FBI no descansará **hasta encontrar a los culpables.***

3.3 As orações finais em português e em espanhol

3.3.1 As finais em português

As orações subordinadas adverbiais finais em língua portuguesa são formadas por uma oração principal (nuclear ou matriz) e uma oração final que, segundo Bechara (1992: 163), exprimem **a intenção, o objetivo, a finalidade de declaração** contida na sentença matriz. Seu contexto mais característico, de acordo com Neves (2003: 889), é que a “oração principal tenha um sujeito capaz de exercer controle sobre o evento expresso na final”, como em (28):

(28) *Vamos fazer uma abordagem objetiva e clara **para que todos compreendam esta matéria.***

Da mesma forma que as temporais podem ser representadas por “quando”, as finais encontram sua representante máxima na preposição “para”, normalmente seguida da partícula “que”. A relação final também pode ser expressa com um verbo na forma nominal, com uma oração introduzida apenas pela preposição “para” ou pela locução “a fim de” e um verbo no infinitivo. Em geral, tanto “para” como “a fim de” são estruturas

¹³ Os exemplos de 27 a 30 foram extraídos da internet.

admitidas num mesmo contexto, como em (29), da mesma forma como o são “para que” e “a fim de que”, em (30) (NEVES, 2003: 885).

(29) Walt e Michael foram viajar para Los Angeles **para/a fim de** começar uma vida nova.

(30) STF concede liminar **a fim de que/para que** Petrobras não se submeta à Lei de Licitações.

Castilho (2010: 377) explica que para as orações adverbiais há exemplos de orações construídas com indicativo e subjuntivo. No entanto, esse não seria o caso das orações finais que, pelo valor de intenção, virtualidade e prospecção que evidenciam, só podem ser construídas com subjuntivo, como em (31a) e (31b), ou com infinitivo, como em (31c).

(31a) Vestiu-se bem **para que** todos notassem.

(31b) Vestiu-se bem **a fim de que** todos notassem.

(31c) Vestiu-se bem **para** ser notada por todos.

As orações finais em que a partícula “que” segue-se à preposição apresentam sempre o modo subjuntivo, seja no presente ou no pretérito imperfeito¹⁴:

(32a) Intimação é o ato pelo qual se dá ciência a alguém dos atos e termos do processo, **para que** faça ou deixe (pres. subj.) de fazer alguma coisa.

(32b) Instalar uma sede administrativa em Brasília há seis anos foi o primeiro grande passo **para que** discutíssemos (pret. imp. subj.) junto às lideranças políticas (...).

Afirma Neves (2003: 886-887) que as orações finais introduzidas por “para que” e um verbo no subjuntivo são aquelas que apresentam um sujeito distinto da oração principal, como em (33):

(33) Na minha opinião, *a política*_(suj1) serve **para que** *nós*_(suj2) possamos auxiliar a nossa sociedade, e não nos beneficiarmos dela.

¹⁴ Os exemplos 32 e 33 foram extraídos da internet.

As orações construídas pela preposição “para” seguida de verbo em infinitivo não apresentam essa restrição com relação ao sujeito. Desta forma, segundo a autora, podem construir-se orações:

a) com sujeito idêntico ao da oração principal, caso em que o infinitivo pode ou não, para fazer a concordância com seu sujeito, aparecer flexionado:

(34) Na base em Maranguape, os *animais* foram colocados um a um em canoas **para serem/ser** levados até o cativeiro natural.

b) com sujeito distinto do da oração principal, caso em que é mais comum o infinitivo aparecer flexionado para fazer a concordância com o respectivo sujeito:

(35) Convém, atualmente, subdividir a própria contabilidade, **para** melhor apreendermos a sua finalidade e avaliarmos a sua extrema importância na administração.

No entanto, quando o sujeito da oração subordinada tiver o mesmo referente de qualquer outro membro da oração principal, a flexão para identificar o sujeito da oração final é desnecessária (IDEM: 889), como se vê em (36):

(36) Comprou *oito hectares*_(obj. direto) em Arraial do Cabo, **para servir** de base à criação de gigas.

Neves explica ainda que as orações finais apresentam uma tipologia interna, com relação à modalidade por elas indicada. Assim, teríamos construções **finais factuais**, com verbo da oração principal no presente (37a) ou no passado (37b); **finais hipotéticas**, com o verbo da oração principal no futuro do presente ou do pretérito (37c) ou com o verbo da oração principal no imperativo, exemplo (37d); e construções **finais contrafactuais**, com verbo da oração principal no futuro do pretérito composto, como em (37e).

(37a) Vê que alguém, em uma pedra mais alta, lhe **faz** sinais nervosos **para que saia** dali.

(37b) Dona Leonor **fez** sinal **para que** me aproximasse.

(37c) Prometeu que **tomaria** as providências necessárias **para que** Dona Leonor não tornasse a se intrometer na minha vida particular.

(37d) E **preste** bem atenção, **para que** depois não se assuste.

(37e) Eu não sabia, que diacho, do que é que me acusavam nem o que **teria feito para** ser tratado assim.

Do ponto de vista do nível em que estão construídas, conforme explicita a autora, as orações finais podem ser de dois tipos:

I) as que ligam o conteúdo proposicional da *oração principal* (**adverbiais circunstanciais**):

(38a) Esboçou um movimento **para que** seguissemos em frente.

II) as que modificam o próprio ato linguístico (**adverbiais de enunciação**):

(38b) **Para** dizer a verdade, não sei o que se passa na cabeça do Rei. (paráfrase de **digo isso para dizer a verdade**)

3.3.2 As finais em espanhol

São chamadas orações subordinadas adverbiais finais em língua espanhola aquelas que, da mesma forma que em língua portuguesa, expressam a **finalidade**, o **propósito** ou o **objetivo** com que se realiza uma ação. Galán Rodríguez (2000: 3.625) explica que estas estruturas foram incluídas nas chamadas orações circunstanciais em razão de que a finalidade expressa por elas enuncia uma circunstância.

Para a expressão de finalidade, de acordo com García (1996: 65; 71), as seguintes estruturas podem ser utilizadas:

- a) as preposições *para*, *a*, *por* seguidas de infinitivo. “*Para*” é a partícula de expressão da finalidade por excelência, é a que tem o uso mais geral e abrangente e pode substituir as demais locuções prepositivas, mas não o contrário; além disso, “*para* + infinitivo” permite modificar a ordem ou intercalar elementos na oração;
- b) orações subordinadas substantivadas por “*que*” e transpostas à categoria adverbial pelas preposições *para*, *a* e *por*, ou as locuções mais ou menos gramaticalizadas, nas quais há um substantivo que expressa lexicalmente a finalidade, como *a fin de*

(que), con ou al objeto de (que), con la intención/propósito/fin/finalidade de (que), con vistas a que, en orden a que etc.

Para García, a noção de finalidade é decorrente da de causalidade. Ao estabelecer-se uma relação entre um efeito (*el niño viene*) e uma causa, interpretada como posterior e intencional (*para que le den caramelos*) obtém-se uma oração final. A diferença entre estas últimas e aquelas é que as causais apresentam um caráter de anterioridade (motivo realizado), e as finais um caráter virtual (não realizado).

Por esse aspecto prospectivo, as orações finais costumam vir pospostas ao verbo principal (39)¹⁵; no entanto, podem ocorrer tematizadas, na posição inicial (40), se o emissor der ao objetivo uma relevância especial (GALÁN RODRÍGUEZ, 2000: 3.621).

(39) *El gobierno cambiará la ley **para que** los jueces vuelvan a elegir el CGPJ.*

(40) ***Para obtenerla** tendrás que revivir de seguido a cinco jugadores.*

Existem, de acordo com Pérez Saldanya (2000: 3.308), dois tipos de orações finais: as propriamente ditas, ou puras, que indicam o propósito ou a intenção pela qual um agente realiza o evento da oração principal, ou seja, se observam as características semânticas de agentividade e prospectividade; e as que têm um valor basicamente consecutivo.

Com relação aos tempos e modos verbais que acompanham as finais, Galán Rodríguez (2000: 3.621) assinala que os traços semânticos que exprimem a finalidade têm um claro reflexo sintático. A atitude volitiva do sujeito (relativa à sua vontade), portanto, intencional, e a concepção dos fatos como referentes ao futuro encontram mais afinidade com o modo subjuntivo, que é também o modo da subjetividade e da irrealidade. Isso não significa, entretanto, que sejam impossíveis outras construções, como as com infinitivo.

Para Porto Dapena (1991: 209), nas orações finais, utilizar-se-á obrigatoriamente infinitivo quando os sujeitos tenham o mesmo referente, como em (41); e subjuntivo, quando os agentes não são correferenciais, como no exemplo (42), ambos extraídos de García (1996: 74).

¹⁵ Os exemplos 39 e 40 foram extraídos da internet.

(41) *Juana canta **para** alegrarse.*

(42) *Juana canta **para** que nos alegremos.*

As orações finais podem ainda, segundo Pérez Saldanya (2000: 3.310), aparecer em contextos sem agente, nos quais se referem à ideia de objetivo como utilidade. Nesses casos, conforme o autor, a oração subordinada geralmente aparece em infinitivo, seja porque o sujeito da oração subordinada coincide com um argumento da principal, como (43), seja porque não diz respeito a nenhum sujeito concreto, mas a um sujeito genérico ou indeterminado, como em (44).

(43) *Esta cuerda servirá **para** mantener sujeto el paquete.*

(44) *Este tipo de azada sirve **para** rascar y cortar las malas yerbas.*

Porto Dapena (1991: 209-210), por sua vez, assinala que há situações em que o infinitivo será utilizado mesmo quando os sujeitos das duas orações não forem os mesmos, como em (45). Galán Rodríguez (2000: 3.629) corrobora essa afirmação ao dizer que não é necessário, nas orações com infinitivo, que a correferência se dê entre os sujeitos das duas orações, de modo que o agente que realmente executa a ação pode manifestar-se em um complemento direto ou indireto, como em (46).

(45) *Le presté (suj. = yo) mi coche **para** ir (suj. ≠ yo) a la feria.*

(46) *Llama a la enfermera **para** levantarte (enfermera-tú).*

O modo subjuntivo, por outro lado, aparecerá nas situações em que há dois agentes distintos, como em (47)¹⁶. Galán Rodríguez (2000: 3.634) expõe que, em alguns casos, poderá ocorrer com agentes idênticos (48)¹⁷, em especial quando: **i)** a oração principal apresenta um sujeito na voz passiva; **ii)** não há um sujeito [+humano] nas orações, embora se entenda que alguém realiza a ação; **iii)** na oração principal o verbo aparece modalizado (como nos casos de imperativo, em que se expressa uma ordem ou

¹⁶ Exemplo extraído de Pérez Saldanya (2000, p. 3.310).

¹⁷ Exemplo extraído de Porto Dapena (1991, p. 209).

conselho); e **iv**) a oração de <para que + subjuntivo> denota a atitude do falante, mas não de fato uma finalidade ou propósito.

(47) *Esto servirá **para que** nos dejen en paz durante una temporada.*

(48) *Los corresponsales fueron convocados a una rueda de prensa **para que** informasen correctamente a sus agencias y periódicos.* (sujeito da oração principal e da subordinada = “los corresponsales”)

Galán Rodríguez assinala que o aspecto não agentivo e não volitivo de contextos como o de (47) pode ser constatado no fato de que, nessas orações, não é possível parafrasear a conjunção “para que” pela conjunção causal “porque” e o verbo “querer”, como (48), “porque quieren informar”. Para a autora (p. 3.622), exemplos como o de (47) ficariam fora das chamadas orações finais de tipo “pura”, exatamente por estarem destituídos de agente na oração nuclear, ou seja, por serem orações com sujeito impessoal. Segundo a concepção da estudiosa, se o sujeito da oração principal não é humano, não pode atuar como agente e, portanto, possuiria apenas um caráter de instrumento com que se realiza a ação expressa no verbo infinitivo na oração final. Vejamos, por exemplo, a diferença existente entre (50) (*él-él*), em que existe um agente “el actor” e (51) (*tu inteligencia-tú*), em que é evidente que “la inteligencia” tem um papel de instrumento, com o qual se atinge um propósito.

(49) **Esto servirá porque quiere que nos dejen en paz una temporada.*

(50) *El actor no servía **para** representar el papel de cómico.*

(51) *Tu inteligencia te servirá **para** lograr lo que te propongas.*

Em situações em que o verbo apresentar um complemento direto referido a pessoas, a alternância entre infinitivo e um verbo na forma pessoal pode ser modificada. Isso ocorre porque, além do sujeito do verbo (no caso de que este seja igualmente o agente), também o complemento direto é suscetível de ser correferencial com o sujeito do infinitivo, como já havia informado Galán Rodríguez. Em (52) o infinitivo é utilizado sem a correferência com o sujeito da oração principal (*los jefes*), mas com o complemento direto (*lo*); em (53), por outra parte, a não correferência é marcada no/pelo próprio verbo da subordinada (exemplos de GARCÍA, 1996: 75).

(52) *Los jefes lo enviaron a Madrid **para** hacer unas gestiones.*

(53) *Los jefes lo enviaron a Madrid **para que** hiciese unas gestiones.*

Essa alternância nem sempre é possível, principalmente quando há alguma possibilidade de que tanto o sujeito verbal quanto o complemento direto sejam agentes do infinitivo. Nesse caso, conforme García (1996: 76), a situação se reestabelece e se suprime a possibilidade de ambiguidade seguindo-se a regra geral, ou seja, empregando-se o subjuntivo em orações com sujeitos diferentes:

(54) *Los guardias lo asustaron **para que** se marchase. (los guardias – él)*

Quando o verbo da oração principal está no imperativo, a situação também pode ser modificada. Se os sujeitos não são coincidentes, utilizar-se-á um verbo na forma pessoal, com subjuntivo, como (55). No entanto, quando há coincidência entre os sujeitos, será possível tanto o infinitivo quanto a forma pessoal (56). O infinitivo, por não apresentar desinências de pessoa em língua espanhola, permite a múltipla referência, apesar disso, em determinadas circunstâncias, como (57), o contexto reduz as possibilidades de interpretação a um único referente (IBIDEM: 77).

(55) *Haz los deberes **para que** mañana no te riña el profesor.*

(56) *Escribe la carta **para** mandarla hoy / **para que** la mandes hoy*

(57) *Ponte la chaqueta **para** no pasar frío / **para que** no pases frío.*

3.4 Considerações sobre as orações subordinadas adverbiais temporais e finais

Pelo exame das construções subordinadas temporais e finais, é possível afirmar que as características apontadas pelos teóricos aqui mencionados, de maneira ampla, evidenciam a existência de coincidências e disparidades entre as estruturas estudadas, nos dois idiomas. Contudo, alguns itens merecem destaque nesse primeiro cotejo gramatical. Para tornar essa comparação mais clara, utilizaremos alguns exemplos extraídos de receitas, já que são esses os casos que nos interessam.

Nas temporais com “quando/*cuando*”, por exemplo, observamos uma clara diferença na descrição gramatical, especialmente quando há referência a contextos futuros. Cada uma das línguas selecionará tempos distintos, apesar de o modo ser o mesmo. Ao passo que em português a opção se dará em favor do futuro do subjuntivo:

(58a) Quando estiverem cozidas, escorra.

Em espanhol os verbos selecionados estarão em presente do subjuntivo:

(58b) *Cuando esté ya frita, se añaden los tomates troceados y sin pipas.*

Nas subordinadas adverbiais temporais com “até” e também nas finais com “para” podemos destacar, especialmente, duas características: (1) a probabilidade, ao que parece, mais recorrente em português, de que o infinitivo apareça mesmo em contextos não correferenciais; e (2) a possibilidade prevista em língua portuguesa de que a forma nominal, o infinitivo, possa concordar em número e pessoa com o seu sujeito. Essa última característica será relevante no caso da tradução feita para a língua portuguesa, exatamente por essa forma inexistir em outras línguas românicas.

Em língua espanhola, tratamos de chamar a atenção para os matizes semânticos que o subjuntivo e o infinitivo nas orações com “*hasta*” e “*para*” podem (ou não) apresentar, o que tampouco parece consagrar-se como um ponto pacífico entre os teóricos. Pudemos notar, ainda, que a escolha (se é que podemos chamá-la assim) entre infinitivo e subjuntivo estará condicionada mais fortemente pelo elemento de ligação.

No caso das temporais com “até”, podemos dizer que, para a expressão de ações futuras, como as que nos interessam observar em nosso *corpus*, existe a possibilidade de que apareça tanto o presente do subjuntivo com a partícula “que” (60a), como o infinitivo, seja ele flexionado (60b) ou não (60c). Constatamos que o infinitivo na oração temporal poderá ocorrer mesmo quando não existir coincidência entre os sujeitos, como no exemplo (60b).

(60a) Frite os bolinhos **até que** estejam dourados.

(60b) Cozinhe as batatas **até** ficarem macias.

(60c) Cozinhe os ingredientes **até** formar uma cocada mole.

Em língua espanhola, por sua vez, o emprego de formas verbais em infinitivo, para os casos da temporal com “*hasta*”, parece relacionar-se mais à manutenção do sujeito da primeira oração na segunda (60d), embora algumas circunstâncias possam possibilitar a sua ocorrência quando os sujeitos não são os mesmos, desde que o complemento direto ou indireto da oração principal possa atuar como agente da subordinada.

(60d) *Batimos muy bien **hasta** conseguir una crema suave.*

Nos casos em que o sujeito da temporal não era o mesmo da oração principal ou que a referência desse sujeito era ambígua, encontramos a estrutura subordinada com a forma flexiva do verbo, “*hasta que* + presente subjuntivo”:

(60f) *A mitad de cocción agregar el arroz y saltearlo con la cebolla, **hasta que** esta última esté transparente y el arroz opaco.*

As subordinadas finais com “para” em língua portuguesa podem ser construídas tanto com presente de subjuntivo (61a), quanto com infinitivo, seja ele não flexionado (61b) ou flexionado (61c).

(61a) Vá virando os cubinhos conforme vão dourando **para que** fiquem com um dourado por igual.

(61b) Leve ao forno **para** assar por aproximadamente 40 minutos.

(61c) Tampe e guarde em geladeira por pelo menos um dia antes de servir, **para** absorverem o sabor da calda.

Em língua espanhola, não é possível utilizar infinitivo nas subordinadas finais em todos os casos indicados para a língua portuguesa. Como se observou, o uso de infinitivo nas subordinadas com “*para*” parece ser mais provável quando o sujeito da oração matriz se mantém na oração dependente, como em (61d), e o de subjuntivo em todos os demais casos, (61e).

(61d) *Prepárala en un gran molde cuadrado y córtala en porciones, **para** tener unos deliciosos pasteles.*

(61e) *Removemos otra vez **para que** se junte todo bien.*

Apesar das semelhanças iniciais, no que diz respeito às descrições gramaticais de “até/*hasta*” e “para/*para*”, a seleção das formas verbais que acompanham esses nexos não parece ser exatamente simétrica entre o português e o espanhol. Em língua portuguesa parece existir um leque um pouco mais abrangente do que o verificado em língua espanhola, para o uso de infinitivo no caso de “até” e “para”, especialmente pela possibilidade dessa forma verbal poder estabelecer uma nítida relação de concordância com o seu sujeito por meio da flexão.

No capítulo VII, realizamos um tratamento de nossos *corpora* de receitas coletados da internet e daquele obtido com os voluntários da pesquisa. Com as receitas originalmente escritas em cada idioma, poderemos verificar de que forma os exemplos encontrados se relacionam com as descrições gramaticais anteriores. Com o material coletado junto aos voluntários, poderemos observar se nossos sujeitos farão uso de todas essas possibilidades que, apesar de semelhantes em determinados casos, não coincidem estritamente nas duas línguas e no gênero tratado. Poderemos verificar mais detidamente como se dá, nesse gênero e, posteriormente na tradução dele, a questão da correferencialidade nas duas línguas, no que se refere ao emprego de infinitivos, e se haverá diferenças significativas quanto ao uso efetivo dessa forma nominal nas estruturas com “até/*hasta*” e “para/*para*” em que não há coincidência entre os sujeitos.

CAPÍTULO IV

A RELAÇÃO ENTRE GÊNERO E TRADUÇÃO

4.1 O gênero

O conceito de **gênero** tem sido discutido por vários pesquisadores, mas nem sempre a partir de um mesmo prisma. Muitos estudiosos têm se apoiado fortemente na definição mais célebre do termo, encontrada na obra *Os gêneros do discurso*, como a “forma tipificada da totalidade da obra, da totalidade do enunciado” (BAJTÍN; MEDVEDEV, 1994 [1928]: 207), uma espécie de comunicação que “organiza, constrói e acaba, de maneira específica, a forma gramatical e estilística do enunciado” (SOUZA, 1999: 102).

Segundo Rojo (2005), há importantes diferenças entre o tratamento dado a esse tema pela teoria de gêneros discursivos e pela teoria de gêneros textuais. Para lidar com tal noção, assim, é fundamental buscarmos entender em que consistem os objetos dessas duas perspectivas teóricas, a discursiva e a textual, para que possamos optar pela que nos permite abordar as receitas como um "gênero" específico.

Rojo (2005: 185-186) explica que a **teoria dos gêneros discursivos** se centra “sobretudo no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos”. Na perspectiva discursiva seriam considerados, portanto, os participantes em interação, bem como a distribuição dos seus lugares sociais num dado contexto de produção. A **teoria dos gêneros textuais**, por outro lado, tem seu foco “na descrição da materialidade textual” e se vale de “um plano descritivo intermediário que trabalha com noções herdadas da linguística textual e que integrariam a composição dos textos do gênero”.

Retomando autores como Bronckart (2003 [1999]), Adam (1999) e Marcuschi (2007 [2002]), Rojo consegue esboçar, com relação à teoria dos gêneros textuais, os seguintes pontos em comum entre as abordagens desses estudiosos. Segundo a autora (2005: 192-193):

1. Todas se aproximam de uma definição wittgensteiniana de gênero como família de textos, sendo que famílias podem ser reconhecidas por similaridades (no dizer de Wittgenstein, por formatos). Essas similaridades podem ocorrer no nível do **texto** (e aqui, faz-se referência às formas do texto – textuais/de

composição; linguísticas/de estilo – ou do **contexto** ou situação/condição de produção – relacionada com a função, finalidade ou critérios pragmáticos/utilitários);

2. Todas buscam compatibilizar análises textuais/da textualidade com as descrições de (textos em) gêneros, seja por meio de **sequências e operações textuais** (Adam, Marcuschi), seja por meio dos **tipos de discurso** (Bronckart);
3. Todas remetem a uma certa leitura pragmática ou funcional do contexto/situação de produção; e, finalmente,
4. Todas mencionam a obra de Bakhtin e estabelecem uma aproximação – não isenta de repulsão e, logo, polifônica – com o discurso bakhtiniano.

Marcuschi (2007 [2002]) traz uma importante contribuição ao entendimento do conceito de gênero, ao separar termos que, via de regra, são bastante confundidos: o **gênero** e o **tipo textual**. Os **gêneros textuais** seriam concebidos pelo autor como “uma noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sociocomunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica” (p. 22-23). Os **tipos textuais**, por outro lado, seriam utilizados “para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela *natureza linguística* de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}” (p. 25). De acordo com Marcuschi, gênero e tipo textual diferenciar-se-iam nos seguintes quesitos:

Gênero textual	Tipo textual
a) Definidos por propriedades sociocomunicativas;	a) Definidos por propriedades linguísticas;
b) Constituiriam textos empiricamente realizados, que cumprem funções em situações comunicativas;	b) Constituiriam sequências linguísticas no interior dos gêneros;
c) Conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;	c) Conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, verbo verbal etc.
d) Exemplos de gêneros textuais seriam a carta, o romance, o bilhete, a receita culinária, a bula de remédio, o cardápio etc.	d) Os tipos textuais resumem-se à narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.

Quadro 1 – Gênero textual *versus* tipo textual por Marcuschi (2007 [2002])

O autor ainda define outro conceito bastante relevante para a teoria dos gêneros, o conceito de **domínio** que, segundo indica (idem: 23-24), pode ser empregado “para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana”, que daria origem a vários gêneros.

Numa escala de progressão hierárquica, seguindo a classificação marcuschiana, teríamos o conceito de **domínio**, no qual surgiriam os discursos específicos através dos diversos **gêneros**, de número praticamente infinito, que, por sua vez, refletiriam as situações de comunicação de uma comunidade, e os **tipos textuais**, que apresentariam um número bastante restrito e que teriam como característica predominante as suas propriedades linguísticas.

Figura 2 – Hierarquia domínio, gênero, tipo textual

Marcuschi acredita que a forma no gênero não costuma constituir um de seus aspectos definidores ou caracterizadores. Contudo, é importante considerar que as características textuais fazem com que (re)conheçamos os gêneros e são responsáveis por nossas expectativas quanto a eles. É no e pelo gênero que se reproduzem os esquemas mentais e as estruturas familiares aos falantes: ao empregarmos um gênero identificamos também as situações nas quais ele se produz e essa identificação inclui, necessariamente, a sua forma.

Obviamente, esses aspectos dependem dos próprios sujeitos, enquanto participantes ativos do ato comunicativo. Alguns gêneros, como a receita culinária, por exemplo, possuem uma organização e funções bastante estáveis. Observa-se sua presença em muitas outras áreas, como a literatura e a história, nas quais podem ser identificadas as características de um povo e de uma cultura, por exemplo. Como explica Brait (2010), a receita não é um gênero de simples definição, posto que não é nem mesmo idêntico em todas as partes do mundo e tampouco permanece imutável ao

longo do tempo. Um exemplo disso são as novas plataformas, como é o caso da internet, que permitem determinadas ações (como a manifestação dos consulentes) e configuram-se como espaços muito menos rígidos (quando ao tamanho da receita e a sua padronização) do que os livros de receita impressos. Isso possibilita que o gênero seja altamente dinâmico. Para a autora, essas variações não implicam que o gênero se torne outro, já que continua mantendo sua função primitiva de ensinar a cozinhar, apesar de suas medidas, sua própria arquitetura e seus interlocutores não serem exatamente mais os mesmos.

Quanto à tipologia textual, é possível detectar outro aspecto linguístico-formal bastante característico do gênero receita: ele se definiria como um gênero que abrangeria textos de tipo injuntivo, cuja característica fundamental é a de uma sequência linguística de valor predominantemente imperativo, não apenas no que se refere ao modo verbal, mas no sentido de que tem como finalidade comandar a realização, por parte de alguém, de uma sequência de ações visando um resultado pré-determinado, no caso, um determinado prato/bebida. Conclui-se, portanto, que a forma no gênero não é um elemento a ser desprezado, embora não seja ela a única responsável por sua caracterização.

Com efeito, conhecer o funcionamento do gênero e daquilo que o conforma será crucial tanto para a sua compreensão como para sua produção, seja na própria ou em outra língua. Como bem assinalou Bakhtin (2003 [1979]: 283):

Os gêneros organizam o nosso discurso quase da mesma forma que organizam as formas gramaticais. Aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume, uma determinada construção composicional.

A inobservância desses aspectos relativos ao funcionamento do gênero pode ocasionar problemas para o receptor e para o próprio texto, como a pouca ou a não naturalidade. Prova disso é que, apesar de dominarem bem uma língua, muitas pessoas podem ver-se totalmente inaptas em determinadas (e provavelmente novas) circunstâncias, por desconhecerem ou conhecerem pouco os gêneros nelas empregados.

Ao trabalhar com os gêneros a partir de uma perspectiva textual deter-nos-emos em uma análise muito mais pontual e de propriedades composicionais, razão pela qual aspectos como a historicidade, a ideologia, a regularidade das relações sociais inerentes ao discurso numa dada esfera comunicativa, próprios à vertente discursiva, não terão

lugar em nossa análise. Não deixaremos de lado, contudo, conceitos como o de domínio/esfera e de auditório social/público também presentes na abordagem discursiva, mesmo que recebam um tratamento diverso, como se verá.

A noção de auditório relaciona-se ao gênero justamente porque “toda situação inscrita duravelmente nos costumes possui um auditório organizado de uma certa maneira e conseqüentemente um certo repertório de pequenas fórmulas correntes” (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1992 [1929]: 126), que encontrarão forte eco na teoria de *scenes-and-frames* de Fillmore (1971: 63), segundo a qual os *frames* (termo que poderia ser traduzido por “moldura” ou “estrutura”) designariam qualquer sistema de escolha linguística, tanto no nível lexical quanto no nível gramatical, que possa estar associado a certas instâncias, relativas às experiências ou percepções cognitivas dos sujeitos, normalmente compartilhadas socialmente, denominadas *scenes* (cenário, cena).

Como explica Snell-Hornby (1999 [1988]: 107), determinadas estruturas linguísticas (*frames*) ativam determinadas cenas (*scenes*), da mesma forma que determinadas cenas evocam determinadas estruturas. Forma-se uma espécie de rede em que “uma frase do texto evoca uma série de associações que ativam outras formas linguísticas que, por sua vez, evocam mais associações, razão pela qual toda expressão linguística em um texto está condicionada por outra” [*una frase del texto evoca una serie de asociaciones que ponen en acción otras formas lingüísticas que a su vez evocan más asociaciones, por lo cual en un texto toda expresión lingüística está condicionada por otra*]. Apesar das estruturas linguísticas empregadas nas cenas comunicativas não serem estanques, obviamente a sua percepção e assimilação dependem muito do conhecimento de mundo dos sujeitos que participam do ato comunicativo. Isso implica, por exemplo, que um leitor brasileiro de uma receita provavelmente esperará um determinado texto que pode (ou não) ser o mesmo que um leitor espanhol tenha em mente, já que os *frames* e *scenes* (FILLMORE, 1971) podem não ser os mesmos evocados pelos sujeitos nas suas respectivas língua e cultura.

Partindo desses pressupostos, pretendemos chegar às particularidades do gênero receita aqui tratado e à interação entre ele, sua tradução e seu público.

4.2 Gênero (tipo) e tradução

Como vínhamos destacando, a noção de gênero é fundamental para pensar as ações comunicativas humanas e a forma como elas se desenvolvem. Assim como nos estudos linguísticos, a noção de gênero em tradução não é totalmente clara e por vezes se confunde com a noção de tipo.

Para Reiss e Vermeer (1996 [1984]: 154), num livro que dedica considerável espaço e ênfase à relação entre a tipologia textual e a tradução, os tipos de texto podem ser definidos como “os tipos de atos de fala orais ou escritos de caráter supraindividual e sujeitos a atos comunicativos recorrentes, que geraram modelos característicos no uso da língua e na estruturação de textos precisamente devido à sua constante repetição [*los tipos de actos de habla orales o escritos de carácter supraindividual y sujetos a actos comunicativos recurrentes, que han generado unos modelos característicos en el uso de la lengua y en la estructuración de textos precisamente debido a su constante repetición*]”. Essa noção parece coincidir com a de gênero textual vista anteriormente, embora tenha sido apresentada para ela – na tradução em espanhol – a nomenclatura de **tipo textual**, e alguns exemplos seriam o ensaio, o conto e a notícia. Reiss e Vermeer propõem ainda outra referência classificatória mais ampla, traduzida para o espanhol como **categorias textuais** (p. 179-180), relacionada às três **funções comunicativas** propostas por Bühler – informativa, expressiva e operacional –, que nos dariam três categorias textuais básicas, segundo a predominância de uma dessas funções no texto e/ou em cada parte dele. As categorias textuais também seriam relevantes para a tradução na medida em que indicariam critérios para as escolhas hierárquicas do tradutor.

Segundo sustentam esses autores, a noção de tipo textual é fundamental porque dela dependerá o método de tradução utilizado em cada caso. Isso acontece porque não é possível realizar, na relação entre o texto fonte e meta, uma equivalência de/em todos os seus elementos. Reiss e Vermeer formulam que o princípio dominante de toda tradução deveria ser a sua finalidade (*Skopo*) e que cada tradução, de acordo com seus objetivos específicos, determinaria as estratégias utilizadas, de modo que haveria diferentes tipos de tradução possíveis e igualmente válidos, para diferentes finalidades: interlinear, literal, filológica, comunicativa, criativa (p. 120-121). O objetivo da tradução, nessa perspectiva (REISS; VERMEER, 1996 [1984]: 122), deveria ser “produzir um texto final adequado” à sua finalidade no contexto de recepção.

Dentro dos vários possíveis tipos de tradução, os autores reconhecem que, atualmente, a chamada “tradução comunicativa” é tida por ideal. Ela aparece definida nos seguintes termos:

a informação sobre uma oferta informativa mediante a “imitação” da oferta informativa do texto de partida com os recursos da língua e da cultura de chegada.

[la información sobre una oferta informativa mediante la “imitación” de la oferta informativa del texto de partida con los recursos de la lengua y la cultura final]. (p. 121)

[...] um tipo de tradução que o leitor não há de reconhecer, pelo menos no plano linguístico, como tal; ou seja, uma tradução que, com função idêntica, possa servir imediatamente na cultura de chegada à comunicação (tanto cotidiana como literária ou artístico-estética) e que, ao mesmo tempo, seja equivalente ao original, isto é, possua o mesmo valor em todas as suas dimensões (sintáticas, semânticas e pragmáticas). [...] Apenas neste caso, a escolha das formas linguísticas adequadas para a composição do texto final contribui para o estabelecimento de uma relação de equivalência no plano textual. Só é possível exigir uma relação de equivalência com o texto de partida em tradução deste tipo.

[un tipo de traducción que el lector no ha de reconocer, por lo menos en el plano lingüístico, como tal; o sea, una traducción que, con idéntica función, pueda servir en la cultura final de forma inmediata a la comunicación (ya sea cotidiana, literaria o artístico-estética) y que al mismo tiempo sea equivalente al original, es decir, posea el mismo valor en todas sus dimensiones (sintácticas, semánticas y pragmáticas). [...] Sólo en este caso la elección de los signos lingüísticos adecuados para la composición del texto final contribuye a establecer una relación de equivalencia en el plano textual. Tan sólo es legítimo exigir una relación de equivalencia con el texto de partida a traducciones de este tipo.] (p. 121)

A afirmação de que a relação de equivalência só é uma exigência na tradução de tipo comunicativo está relacionada à distinção que os autores propõe entre **adequação** e **equivalência**, uma diferenciação que entendem como necessária nos Estudos da Tradução. A equivalência seria um tipo específico de um fenômeno mais amplo, a adequação:

Adequação na tradução de um texto (ou elemento textual) de partida se refere à relação que existe entre o texto de chegada e o texto de partida considerando, de forma coerente, o objetivo (*skopo*) perseguido com o processo de tradução. (grifo nosso)

[Adecuación en la traducción de un texto (o elemento textual) de partida se refiere a la relación que existe entre el texto final y el de partida teniendo en cuenta de forma consecuente el objetivo (escopo) que se persigue con el proceso de traducción.] (p. 124)

Equivalência expressa a relação entre um texto de chegada e um texto de partida que podem exercer, de igual forma, a mesma função comunicativa em suas respectivas culturas. (grifo nosso)

[Equivalencia expresa la relación entre un texto final y un texto de partida que pueden cumplir de igual modo la misma función comunicativa en sus respectivas culturas.] (p. 124)

Equivalência é, segundo nossa definição, **um tipo especial de adequação**, ou seja, adequação quando a função entre o texto de partida e o texto de chegada se mantém constante. (grifo nosso)

[Equivalencia es, según nuestra definición, un tipo especial de adecuación, es decir, adecuación cuando la función entre el texto de partida y el final se mantiene constante.] (p. 125)

Para assegurar uma mesma função comunicativa para os receptores da tradução, segundo sustentam esses autores, seria necessário estabelecer uma hierarquia dos níveis de equivalência, pautada de acordo com cada circunstância tradutória. Seria necessário primeiro classificar o texto em um tipo textual, mas isso tampouco constitui uma tarefa fácil, já que mais de um tipo textual pode ser atribuído à grande parte dos textos existentes, afirmam. Para exemplificar essa classificação hierárquica de equivalência, Reiss e Vermeer (1996 [1984]: 139) utilizam o texto culinário, para o qual, indicam, seria importante especificar corretamente os ingredientes e precisar a forma de misturá-los na receita.

Claro está que, para obter esses níveis de equivalência, principalmente em textos que se pretendem comunicativos, como é o caso da receita culinária, aspectos como a fluidez/modo de dizer habitual/convenção do gênero na língua e cultura de chegada não poderão ser ignorados. Impossível não trazer à baila aqui o conceito de

convencionalidade abordado em seções anteriores. Para Reiss e Vermeer, o termo convenção diz respeito às regras explícitas, mas também às regras implícitas dos textos, e se fazem notar em diferentes níveis, como o fraseológico, o estrutural, o gramatical, o lexical, etc.

Haveria, na visão desses estudiosos, três funções relacionadas com as convenções dos tipos de texto que servem como sinais de reconhecimento e como sinais que orientam a compreensão do texto. Essas funções correspondem, nas receitas, a: i) fórmulas, como *Coloque*; ii) informação precisa sobre os ingredientes e etapas do preparo; iii) uso de imperativos (p. 164). Algumas convenções podem ser comuns a mais de uma cultura, mas também podem ser específicas a uma dada comunidade linguística e cultural (p. 166).

Ao tradutor caberá decidir se manterá as convenções do texto fonte ou se as substituirá pelas da língua/cultura meta. No caso da receita, por exemplo, seria conveniente fazer essa substituição, já que:

todos os textos de uso prático parecem mais estar sujeitos a convencionalismos; e, por último, é precisamente nesses campos em que se espera uma “**tradução comunicativa**”, ou seja, uma tradução que não apenas se ajuste às regras das estruturas linguísticas da língua meta e a suas normas, mas também se adapte às convenções da cultura meta no que se refere a modelos linguísticos mais ou menos fixos e a configuração textual.

[todos los textos de uso práctico parecen estar sujetos en mayor grado a convencionalismos; y, por último, es precisamente en estos campos donde se espera una “traducción comunicativa”, es decir, una traducción que no sólo se ajuste a las reglas de las estructuras lingüísticas de la lengua final y sus normas, sino que también se adapte a las convenciones de la cultura final en lo que se refiere a modelos lingüísticos más o menos fijos y a configuración textual.] (REISS; VERMEER, 1996 [1984]: 168)

O conceito de **convenção** também é destacado por Hatim e Mason (1995 [1990]: 182-183). Para esses pesquisadores, ele pode ser definido como “formas convencionais de textos associadas a **situações concretas** [*formas convencionales de textos asociados a ocasiones sociales concretas*]” que serão responsáveis pela adequação ou não de uma determinada realização comunicativa. Dentro do contexto usuário-uso, há um vínculo estabelecido entre uma situação dada e a linguagem nela empregada, o que denominam registro. Explicam os autores que o **registro** é formado pelo *campo* (campo de atividade, tipo de uso linguístico, função social do texto), pela *modalidade do discurso*

(meio, canal a través do qual se produz a atividade linguística e manifestação da natureza do código linguístico) e pelo *tom* (pessoal, que transmite a relação entre falante e ouvinte, formal, elevado, etc.; e funcional, que descreve o porquê do uso da linguagem, por exemplo, exortar, persuadir, etc.).

Hatim e Mason se valem da definição de Kress (1985: 19) do conceito de gênero, segundo a qual os **gêneros** seriam “formas convencionalizadas de textos que refletem tanto as funções metas, associadas a determinadas situações sociais, como os propósitos daqueles que delas participam [*formas convencionalizadas de textos que reflejan tanto las funciones y metas asociadas a determinadas ocasiones sociales como los propósitos de quienes participan en ellas*]” (p. 91).

Com relação ao **discurso**, “entendido como modalidade de expressão, sistemas conceituais que regulamentam o processo em razão do qual o significado denotativo de um elemento de um texto adquire um significado conotativo adicional [*entendido como modalidad de expresión, se trata de sistemas conceptuales que regulan el proceso en virtud del cual el significado denotativo de un elemento en un texto adquire un significado connotativo adicional*]” (p. 93), recorrem às reflexões de Prince (1981 apud HATIM; MASON, 1995 [1990]: 122). Para Prince, há uma clara diferença entre as entidades novas e as textual ou situacionalmente evocadas no discurso, ou seja, aquelas ativas no modelo discursivo, seja pelo co-texto, seja pela situação e entidades inferíveis. Tal separação importa para os Estudos da Tradução na medida em que aquilo que é inferível ou o que é situacionalmente evocado para o leitor de um texto numa determinada língua pode não sê-lo igualmente para o receptor do texto em/de outra. O problema que se coloca no campo da tradução é que o tradutor, especialmente o não nativo, terá que saber lidar não apenas com as estruturas linguísticas do texto fonte, mas, principalmente, com as cenas ali mobilizadas, que podem ou não coincidir com as de seu próprio repertório.

Numa escala de progressão, definem Hatim e Mason, teríamos os **textos**, entidades concretas que ao relacionar-se com outros textos formariam **discursos**, os quais são percebidos no contexto dos **gêneros** (p. 182-183). A figura a seguir busca refletir essas relações:

Figura 3 – Hierarquia situações, gênero, discurso e texto segundo Hatim e Mason.

Como já havíamos pontuado, os gêneros e suas convenções costumam variar segundo cada língua/cultura. Contrastar essas características será um passo crucial quando o que se persegue é uma tradução de alta qualidade. Abordaremos esse tema na seguinte seção.

4.3 Gênero e qualidade na tradução

Halliday (2001) e House (2001) desenvolvem importantes reflexões sobre o tema da qualidade em tradução e não deixam de explicitar o lugar destacado do gênero/tipo textual nesse sentido.

Halliday, por exemplo, lança mão do conceito de equivalência como parâmetro para discutir a qualidade em uma tradução. Para o autor, é possível estabelecer diferentes níveis de equivalência (eg. fonética, sintática, semântica...), cujo "valor" se organizaria numa espécie de hierarquia, segundo o princípio geral de que um nível inferior pode variar desde que o superior se mantenha invariável. Acima dos níveis que vão do fonético ao semântico, Halliday considera três metafunções: ideacional, interpessoal e textual:

Metafunção é a organização dos níveis de conteúdo (lexicogramatical e semântico) em componentes funcionais: ideacional, interpessoal e textual, grosso modo, as partes do sistema que tem a ver com a construção da experiência humana, decretando as relações sociais e criando o discurso.

[Metafunction is the organization of the content strata (lexicogrammar and semantics) in functional components: ideational, interpersonal and textual - roughly, the parts of the system that have to do with construing human experience, enacting social relationships, and creating discourse.]
(HALLIDAY, 2001: 15).

Halliday atribui uma importância destacada à equivalência nos níveis semânticos e da metafunção ideacional em tradução, na medida em que sustenta que é a equivalência nesses níveis que nos permite reconhecer um texto como tradução de outro, e não seria possível falar em qualidade de tradução se previamente não reconhecemos algo como sendo efetivamente uma tradução. Paradoxalmente, observa, parece ser a equivalência nas metafunções interpessoal e textual o que nos leva a reconhecer, entre diferentes traduções, que uma seja "melhor" que outra. Pareceria possível estabelecer uma aproximação entre a equivalência na metafunção textual de Halliday com a equivalência textual de Reiss e Vermeer. Para Halliday, num plano sistêmico linguístico, distintos tipos de equivalência teriam pesos diferentes, como se representa na figura abaixo:

Figura 4 – Hierarquia de equivalências de Halliday

Embora proponha o princípio geral de que, em tradução, os níveis inferiores possam variar para que a equivalência nos níveis superiores se mantenha, com destaque para a equivalência nos níveis semântico e da metafunção ideacional, como dissemos, Halliday reconhece que, em determinados casos, um nível mais inferior pode adquirir uma posição mais elevada, se assim as características do texto, a finalidade e circunstância tradutórias o exigirem. Num texto poético, por exemplo, poderia haver pontos da tradução em que a equivalência fonética prevalecesse sobre a exatidão da equivalência semântica, para reconfiguração de características textuais como assonâncias, métrica, rimas. Acreditamos que esse exemplo, na verdade, não configura propriamente uma exceção à regra geral que Halliday propõe para o funcionamento da hierarquia entre as equivalências: seria possível entendê-lo como resultado da alta relevância da equivalência no nível da metafunção textual, ou seja, traços caracterizadores do gênero poesia estariam recebendo um alto valor hierárquico, decorrendo daí o aumento de valor da equivalência fonética.

House, em seu estudo, faz uma leitura crítica das abordagens descritivista, funcionalista, pós-modernista-desconstrutivista e linguística para tratar a questão da qualidade em tradução. Com a finalidade de responder à pergunta que dá nome a seu artigo, ou seja, como saber quando uma tradução é boa, pareceu-lhe importante comparar cada uma dessas diferentes abordagens no âmbito da avaliação e, para isso, usa como parâmetro as três questões seguintes (2001: 127):

- 1) Como o texto fonte se relaciona com sua tradução? [*How does a source text relate to its translation?*]
- 2) Como as características do texto fonte e as características da tradução se relacionam e como estas características são percebidas pelos agentes humanos (o autor, o tradutor e os receptores da tradução) envolvidos nesta operação? [*How are features of the source text and features of the translation related to one another, and how are they perceived by human agents (author, translator, translation recipients)?*]
- 3) À luz das perguntas 1 e 2, como podemos dizer quando uma tradução é uma tradução e quando o produto final é um texto resultante de uma operação textual diferente? [*In the light of (1) and (2) above, how can we tell when a translation is a translation, and when it is a text resulting from a different textual operation?*]

No que diz respeito à perspectiva descritivista (HOUSE, 2001: 129-130), por exemplo, que privilegia a cultura de chegada em relação ao texto de origem, o problema básico seria, na visão de House, como definir que um texto final será uma tradução e que critério deveria ser usado para avaliá-la.

Na teoria funcionalista, como havíamos visto, o foco está na finalidade da tradução, coincidindo com a descritivista, portanto, em reduzir a importância do vínculo de equivalência entre texto fonte e texto meta para efeitos de avaliação de qualidade em tradução. O critério mais importante para avaliar a qualidade nessa perspectiva seria o modo como as normas da cultura meta são atendidas. O problema dessa abordagem, segundo House (p. 131), é saber como o *skopo* (objetivo, finalidade) de um texto se manifesta linguisticamente.

Na abordagem pós-modernista e desconstrutivista (p. 131-132), diz House, pretende-se verificar de maneira crítica as práticas de tradução a partir de uma posição

política e sócio-filosófica a fim de desmascarar a relação de poder existente na tradução. No entanto, tampouco se responde quando um texto é uma tradução e quando um texto pertence a diferentes categorias textuais, o que, na visão de House, configura-se como um ponto problemático na avaliação da qualidade de tradução.

A abordagem de orientação linguística, para a autora, (p. 133), é aquela que considera a relação entre o texto fonte e o texto traduzido como fundamental, diferenciando-se em sua capacidade de fornecer procedimentos detalhados e técnicas para a análise e a avaliação da tradução. A perspectiva sistêmico-funcional de Halliday (1985) é a adotada por ela para elaborar um modelo de avaliação de qualidade em tradução, que foi publicado pela primeira vez em 1977 e revisado em 1997. Sobre essa perspectiva de análise, House afirma que:

Os esforços por vincular explicitamente o texto e o contexto e, ao mesmo tempo, levar em conta os agentes humanos envolvidos na recepção e na produção do texto, a partir de uma abordagem sistêmico-funcional, proporcionam uma das bases mais frutíferas para a análise e a avaliação dos textos fonte e meta.

[Attempts to explicitly link text and context, and at the same time take account of the human agents involved in text reception and production operating from a functional-systemic approach provide one of the most fruitful basis for analysing and evaluating source and target texts.] (HOUSE, 2001: 133)

Um dos conceitos nos quais a autora baseia seu modelo de qualidade é, assim como Halliday, o de equivalência. House (2001: 134-136) acredita que o primeiro requisito para a obtenção da equivalência é que a tradução de um texto tenha uma função equivalente à de seu original. A função equivalente é entendida como a aplicação ou uso do texto num contexto de situação específico. Segundo essa proposta, o perfil funcional do texto de origem tem um papel fundamental e a partir dele a qualidade de uma tradução deveria ser mensurada.

A partir disso e apoiando-se em Halliday (1973), conforme explicita Hurtado Albir (2001: 480-481), House divide os textos em **ideacionais**, nos quais predomina o conteúdo (por exemplo, textos científicos, comerciais, jornalísticos) e **interpessoais**, nos quais tem um papel destacado a natureza da inter-relação entre emissor e receptor (textos como os literários, os sermões, os discursos políticos).

Na revisão do modelo (HOUSE, 2001: 137-138), são incluídos os conceitos de Halliday de **campo** (conteúdo e natureza da atividade social), **tom** (relações entre os participantes) e **modo** (meio e canal de comunicação). Nessa proposta o gênero também

é enfocado, já que ela preceitua uma comparação do texto fonte com o texto meta em termos de gênero e também com relação aos três domínios do registro (campo, tom e modo). Os elementos lexicais, sintáticos e textuais (eg. tipos de coesão) são analisados como elementos da materialidade linguística que caracterizam o campo, o tom, o modo e o gênero, estes sim os componentes que conferem a um texto seu perfil funcional individual e único.

Para House (2001: 139-140), dependendo das características do texto original, deveria utilizar-se o método da tradução patente/manifesta (*overt*) ou da tradução encoberta (*covert*). Na primeira, o original e a tradução devem ser equivalentes no nível da linguagem/texto, registro e gênero e o tradutor será visível. Na segunda, deve ser equivalente no nível do gênero e função do texto, cabendo ao tradutor “encobrir” a sua transformação. Nesse último caso, o tradutor será, senão invisível, menos visível.

CAPÍTULO V

A ABORDAGEM PROCESSUAL E A LINGUÍSTICA DE *CORPUS*

5.1 Estudos de processo tradutório

Bell (1998) destaca que há duas principais formas de estudar o comportamento do tradutor, uma que se baseia no **produto**, na análise comparativa do original e da tradução, e outra que se fundamenta no **processo**, que se utiliza de métodos como os protocolos verbais e outros instrumentos, como entrevistas, filmagem dos tradutores enquanto trabalham, etc.

Dentro dos estudos tradutórios, costuma-se dar maior ênfase à primeira dessas abordagens, ou seja, ao *produto*, e isso não acontece por acaso, já que os processos de produção de uma tradução, especialmente os processamentos mentais, apresentam maior dificuldade de serem observados, posto que suas características não são imediatamente acessíveis ao pesquisador.

Os estudos centrados no *processo*, entendido como processo psicolinguístico, têm como seu objeto os fenômenos que ocorrem na “pequena caixa preta da mente do tradutor, durante o processo de criação de um texto novo e mais ou menos coincidente em outra língua” (HOLMES, 2000 [1972]: 177). Eles tiveram início ainda na década de 80, com o uso de técnicas de introspecção oriundas da psicologia experimental, os *Think-Aloud Protocols* (TAPs ou protocolos verbais), que podem ser definidos como aquelas verbalizações de ações e pensamentos realizadas pelos sujeitos durante a tarefa de tradução, ou, mais precisamente, como o registro dessas verbalizações.

5.1.1 Estudos processuais precursores: problemas e estratégias de tradução

Krings (1986) foi um dos primeiros pesquisadores a lançar mão de técnicas advindas da psicologia experimental para estudar o processo de tradução. Em seu trabalho, observava a produção de oito estudantes nativos de língua alemã, metade deles traduzindo na direção alemão>francês e a outra metade na direção contrária, francês>alemão. Buscava verificar as regularidades nas verbalizações dos sujeitos, em textos que tivessem igual nível de dificuldade e uma ampla gama de problemas

tradutórios. Uma hipótese de Krings era que a estrutura do processo tradutório dependeria, em grande medida, do tipo de problema com que se deparavam os estudantes (p. 264).

Utilizando as técnicas dos protocolos verbais, Krings pôde constatar que as interrupções nas verbalizações de seus estudantes durante a tradução correspondiam a pontos nos quais haviam encontrado algum tipo de problema. Também pôde averiguar que o fluxo de verbalização só era retomado após os sujeitos terem encontrado um tipo de solução para dito problema.

O estudo de Krings permitiu-lhe chegar a duas categorias básicas para a análise do processo em tradução: às noções de **problema tradutório** e de **estratégias** empregadas para sua solução. Com base em protocolos verbais espontâneos de seus sujeitos, e sem perguntar-lhes explicitamente sobre os problemas que tiveram ao longo da tarefa, Krings listou onze ações que indicavam que seus sujeitos haviam encontrado problemas de tradução, os "indicadores" de problemas tradutórios. A percepção de um problema de tradução aparecia indicada quando um dos participantes de seu estudo:

- Declarava ter encontrado um problema;
- Utilizava fontes de consulta;
- Sublinhava trechos do texto fonte;
- Analisava semanticamente um ou mais elementos do texto fonte;
- Hesitava na busca de equivalências;
- Confrontava equivalentes potenciais;
- Monitorava equivalentes potenciais;
- Aplicava princípios específicos tradutórios;
- Alterava a forma como estava redigido o texto meta;
- Avaliava a qualidade da escolha tradutória realizada;
- Apresentava algum comportamento, atitude ou característica paralinguística ou não-linguística (como suspiros, por exemplo).

(KRINGS, 1986: 267)

Esses indicadores, como explicita Hurtado Albir (2001: 283), poderiam ainda ser subdivididos entre os de **natureza primária**, ou seja, explicitados pelos sujeitos (como consultas a dicionários ou omissões na tradução) ou **secundária** (não declaradas mas observáveis, como correções, marcas no texto de origem, etc.).

A noção de **estratégia**, reformulada por Krings a partir da definição dada por Færch e Kasper (1983a apud KRINGS: 1986: 268) diz respeito a “planos potencialmente conscientes para resolver um problema tradutório [*potentially conscious plans for solving a translation problem*]”, e só existe em função da noção de problema. Isso significa que para a mobilização de uma estratégia era necessário, primeiro, a identificação por parte dos sujeitos de que existia no dado ponto um problema a ser solucionado. É justamente o que o autor busca representar com na Figura 5.

Figura 5 – Modelo de Krings para o processo de tradução (KRINGS, 1986: 269)

Krings dividiu as estratégias em cinco tipos, de acordo com a natureza de cada problema tradutório. Transcrevemos abaixo a definição dada pelo autor a cada uma delas (KRINGS, 1986: 267-273):

As estratégias de compreensão [*strategies of comprehension*] são aquelas resultantes de problemas na compreensão do texto de origem que, por sua vez, redundam em problemas de tradução. São dois os principais subtipos de estratégias de compreensão: a *consulta a fontes de referência*, como dicionários, por exemplo, para buscar termos desconhecidos; e a *inferência*, caso em que os sujeitos tentavam solucionar os problemas recorrendo a seus próprios conhecimentos, especialmente quando as fontes de consulta não solucionavam o problema encontrado.

As estratégias de recuperação de equivalentes [*strategies of equivalent retrieval*] são aquelas tentativas conscientes de recuperar da memória um item lexical já conhecido, mas não evocado imediatamente quando da tradução. Recorrendo ao trabalho de Glahn (1980), Krings enumera os seguintes tipos de procedimentos de recuperação:

- a. aguardar que o termo surja;
- b. recorrer a semelhanças de tipo formal;
- c. recuperar um elemento por meio de campos semânticos;
- d. realizar a busca via associação com outras línguas;
- e. recuperar o item evocando situações de aprendizagem anteriores;
- f. lançar mão de procedimentos de tipo sensorial.

Entretanto, assinala o autor, em razão da frequente “falta de uma relação de equivalência 1:1 entre itens em distintas línguas, a tradução revela-se mais como uma atividade de busca por um equivalente do que como uma atividade de busca pelo equivalente [*lack of a one-to-one relationship between items in different languages, translation turns out to be a search for an equivalente rather than for the equivalente*]” (destaques do original). Nesse sentido, Krings opta por referir-se a essa classe de estratégia como estratégia de recuperação de equivalentes “potenciais” [*potencial equivalent retrieval strategies*].

As estratégias de monitoramento de equivalentes [*strategies of equivalent monitoring*] são aquelas utilizadas quase sempre depois de ser aplicada uma estratégia de recuperação. Nesse tipo de estratégia, o sujeito verificava se os itens da língua fonte

e meta eram de fato equivalentes, mas não existia uma preocupação com a adequação para além de um nível léxico-semântico imediato. A principal estratégia utilizada era a realização de um cotejo entre itens das duas línguas, no qual se procuravam quaisquer elementos que os diferenciasssem, fossem esses estilísticos, conotativos ou de outro tipo. A mera existência de diferenças era interpretada como uma contraindicação para que se utilizasse o potencial equivalente em questão.

As estratégias de redução [*reduction strategies*] aplicavam-se quando a solução do problema dependia da redução de algum componente de significado formal ou funcional. Segundo Krings (idem: 273), a forma mais frequente em que esse tipo de estratégia aparecia era: a) desistência de utilizar um item que fosse notadamente marcado ou metafórico; e b) substituição desse item por equivalentes não-marcados ou não-metafóricos no texto meta.

As estratégias de tomada de decisão [*decision making strategies*] tinham lugar sempre que o sujeito dispunha de dois ou mais equivalentes ou as estratégias de recuperação e de monitoramento falhavam. Por não contar com critérios que os auxiliassem na decisão, grande parte deles tendia a utilizar o que Krings denominou princípios tradutórios [*translation principles*]. Esses princípios funcionavam como parâmetros para a tomada de decisão e eram, conforme aponta o autor, externos à natureza do problema em si, podendo ser formulados como máximas do seguinte tipo: “se todos os potenciais equivalentes são igualmente (in)adequados, fique com o mais literal ou com o menos extenso” ou “se todos os equivalentes constam do dicionário, escolha o primeiro” etc.

5.1.2 Uma nova subdivisão: problemas *versus* dificuldades de tradução

Num estudo posterior, Krings (1987) propõe a distinção entre **problemas típicos**, ou seja, aqueles que são comuns a mais de um sujeito, e **problemas idiossincráticos** que, como o próprio nome sugere, referem-se àqueles problemas restritos a um único indivíduo.

Na linha dessa classificação de Krings, Nord propõe diferenciar a noção de **problemas** da de **dificuldades de tradução**. Conforme explica a autora, o problema poderia ser definido como “uma tarefa de transferência objetiva que todo tradutor

(independentemente do seu nível de competência e das condições técnicas de trabalho) deve resolver durante um determinado processo de tradução [*A translation problem is an objective transfer task which every translator (irrespective of their level of competence and of the technical working conditions) has to solve during a particular translation process*]" (NORD, 2005 [1987]: 166). Para Nord, os **problemas** se subdividiriam em quatro tipos:

- 1) os pragmáticos, aqueles que surgem da natureza da própria prática de tradução e podem ser identificados por meio de fatores extratextuais (por exemplo, a orientação aos receptores de um texto);
- 2) os culturais ou relativos à convenções culturais, isto é, aqueles oriundos das diferenças nas normas e convenções entre a cultura fonte e a meta (convenções de tipo de texto, por exemplo);
- 3) os linguísticos, aqueles surgidos das diferenças estruturais entre a língua fonte e meta (relacionados ao léxico e sintaxe das línguas); e
- 4) os textuais, ou seja, aqueles que se originam de características particulares do texto fonte (como jogos de palavras).

(NORD, 2005 [1987]: 174-176)

Um problema de tradução, segundo essa concepção, não dependeria da competência dos sujeitos, e muito menos poderia ter um caráter individual e exclusivo, como na classificação de Krings. Dentro dessa perspectiva, um problema de tradução será sempre um problema, seja para um tradutor novato, seja para o tradutor experiente. A diferença fundamental estaria no fato de que o tradutor experiente poderia ter aprendido, ao longo do tempo e com a prática, a lidar com o problema, podendo resolvê-lo mais fácil e rapidamente que um tradutor novato. Nesse sentido, o **problema** poderia ou não constituir também uma **dificuldade** para o tradutor com experiência, se este tivesse que resolvê-lo sem os recursos necessários, por exemplo, mas não deixaria de ser um problema.

Também a categoria de **dificuldades**, segundo Nord, poderia ser dividida em quatro tipos (2005 [1987]: 168-171):

- 1) as específicas do texto: relacionadas com o grau de compreensibilidade do texto fonte e que podem ser descobertas ao se repassar os fatores intratextuais da análise textual;

- 2) as dificuldades que dependem do tradutor: existentes inclusive no tradutor “ideal” plenamente competente, embora a experiência lhe tenha ensinado a superá-las. Segundo a autora, essas dificuldades se relacionariam tanto à temática da tradução, por exemplo, em um texto fonte com alto grau de abstração, como também a um *background* cultural do tradutor ou a algum fator intratextual;
- 3) as pragmáticas: relacionadas à natureza da tarefa de tradução; e
- 4) as técnicas: referentes à especificidade do tema tratado no texto, neste caso, a tarefa pode ser mais facilmente realizada reduzindo as dificuldades técnicas com pesquisa e documentação.

Para Hurtado Albir (2001: 286-287) a diferenciação entre problema e dificuldade é muito importante, especialmente porque o primeiro teria um aspecto fundamentalmente mais objetivo (relacionado às dificuldades linguísticas e extralinguísticas, por exemplo, que estarão presentes para todos e quaisquer tradutores, independentemente da forma ou da velocidade com que estes o resolvam), enquanto a segunda teria um caráter mais subjetivo (ou seja, dependeria em grande medida das competências dos sujeitos e dos recursos disponíveis para sua solução).

Resumidamente, poderíamos concluir que um problema de tradução normalmente pressuporá uma dificuldade, mas uma dificuldade do tradutor (seja por falta de tempo, de conhecimentos, ferramentas, recursos etc.) nem sempre decorrerá da existência de um problema de tradução. Na visão de Presas (1996), como indica Hurtado Albir (2001), é justamente a falta de separação entre problemas e dificuldades o que poderia ter tido, nos estudos de Krings, um interessante impacto nos resultados obtidos pelo autor.

5.1.3 A relação entre problema e erro de tradução

A noção de problema não está relacionada apenas aos conceitos de estratégia e de dificuldade, está igualmente ligada à noção de erro em tradução, especialmente quando não é encontrada uma solução considerada eficaz para o problema em questão.

É Séguinot (1990) quem formula uma importante reflexão sobre esse tema. Segundo a pesquisadora, os erros são importantes não apenas para tratar aspectos como a

qualidade da tradução, mas porque constituem “janelas” para os processos mentais ocorridos durante a tradução, ao fornecer dados sobre a forma como se organiza no cérebro a informação linguística e sobre o desenvolvimento do processo ocorrido no treinamento do tradutor (p. 68).

Retomando um estudo anterior de 1989, realizado pela mesma autora com um tradutor profissional, verificou-se que os erros encontrados no começo das orações não coincidiam com aqueles observados ao seu final. Um dos exemplos utilizados por Séguinot diz respeito à tradução, no começo da oração, de uma estrutura que no texto fonte em francês aparecia no singular (*cette visite*) por uma estrutura no plural, mais idiomática na língua de chegada, o inglês. De acordo com a autora, o mesmo procedimento não se observava ao final das orações: a tradução, nesse ponto, ficava bastante presa ao texto fonte, com o uso de estruturas no singular (embora os sujeitos corrigissem esses erros posteriormente). A presença de erros como o exemplificado na tradução, concentrados ao final da oração, evidenciava uma espécie de “impulso autopropulsor [*self-propelling impulse*]”, que impedia que o sujeito conseguisse se distanciar, nessa fase final das orações, da forma como o texto fonte estava escrito. Para Séguinot (1990: 69), isso se deve a problemas com os limites da memória de curto prazo, de forma que, “quando essa memória começa a escassear, o tradutor pode recorrer à transcodificação [*When that memory begins to fade, the translator may turn to transcoding.*]”.

Essa estudiosa assinala ainda que o texto fonte e sua morfologia podem influir na ocorrência de erros, o que não aconteceria na produção espontânea na segunda língua, circunstância em que o elemento a exercer influência seria a própria morfologia da língua nativa, numa espécie de transferência/interferência da LM sobre a LE.

A partir da comparação entre traduções de um dado fragmento feitas por um grupo de estudantes em nível avançado (quarto ano) com traduções feitas por esses mesmos sujeitos no início do curso (primeiro ano), a pesquisadora constata piora em determinados pontos, relacionados em geral ao vocabulário do texto/língua fonte que parece agir sobre a tradução.

Apesar desse resultado de certa forma surpreendente e, à primeira vista, negativo, a autora também observa uma considerável melhora no nível sintático dos textos produzidos, o que, em sua opinião, pode dever-se à formação universitária recebida e como esta se refletiu nas ações tomadas pelos sujeitos ao longo do trabalho.

Os erros no nível lexical, por outro lado, poderiam ser justificados pela pouca experiência de seus sujeitos, que faria com que erros nesse nível mais superficial não fossem objeto de monitoração durante o processo tradutório, como se esperaria com sujeitos profissionais.

Diferentemente do que acontecia com o profissional do estudo de 1989, não houve, para os estudantes avançados, dados suficientes para corroborar a observação inicial, de que a posição das informações na oração tenha tido influências sobre o tipo de erro encontrado no trabalho de 1990. Séguinot acredita que essa diferença nos resultados se deva ao ritmo desenvolvido pelos profissionais, na forma de lidar com seu volume de trabalho, que os distinguiria dos estudantes avançados. Estes processariam o texto de um modo diferente daqueles, com maior foco em alguns pontos (como o estilo do texto) e menos atenção a outros aspectos, daí a ocorrência de erros que, nessa fase de aprendizado, já não se esperaria encontrar (p. 72).

O estudo de Séguinot pode ajudar-nos a entender o tipo de interferência encontrada na tradução direta, da LE sobre a LM. Poderíamos supor que, com a sobrecarga na memória de curto prazo, menos atenção consciente seria dirigida a aspectos menos visíveis, especialmente no caso de línguas próximas como o português e o espanhol, daí a ocorrência de estruturas na tradução que, apesar de corretas de um ponto de vista gramatical, poderiam ser caracterizadas como menos frequentes/naturais na língua materna dos sujeitos.

5.1.4 A utilização de técnicas de acesso ao processo tradutório

5.1.4.1 Estudos processuais coadunados ao encargo tradutório

Entre os estudos pioneiros do processo tradutório por meio dos protocolos verbais está o de Jääskeläinen (1989). A autora descreve um experimento realizado com estudantes de tradução que traduziam do inglês para o finlandês.

O objetivo de seu trabalho era observar o que distinguia as traduções produzidas pelos sujeitos denominados pela autora “profissionais” (alunos de quinto ano) das traduções de “não profissionais” (alunos de primeiro ano), bem como o que os

distingua do ponto de vista do processo tradutório. Focalizou-se especialmente a sensibilidade dos sujeitos do estudo para o encargo ou finalidade tradutória, já discutida em trabalhos como o de Reiss e Vermeer (1996 [1984]), um fator de extrema relevância no processo de tomada de decisões.

Para isso, propõe-se modificar, no texto meta, a função original do texto fonte. As mudanças empreendidas teriam o papel de motivar os estudantes a tomar decisões que fossem observáveis tanto no produto quanto no processo. Essas decisões, contudo, dependiam da avaliação que o tradutor fizesse da situação tradutória, um parâmetro que, na visão de Jääskeläinen, era fundamental para medir o grau de profissionalismo do tradutor. A hipótese inicial desse trabalho, baseada em parte nos estudos de Krings (1986), é que os profissionais levariam em conta o encargo, mas os não profissionais deixariam de fazê-lo ou o fariam em menor medida.

Com a ajuda dos TAPs, Jääskeläinen chegou a resultados bastante interessantes. Os estudantes de primeiro ano mostraram mais consciência no que diz respeito ao encargo de tradução do que supunha em suas hipóteses iniciais, embora de fato houvesse uma distância entre o trabalho produzido por eles e pelos profissionais, mais sensíveis à finalidade durante todo o processo, o que foi constatado nas tomadas de decisão com relação ao estilo empregado no texto.

Os dados obtidos junto aos alunos de primeiro ano terminaram, assim, por surpreender a pesquisadora, já que estes demonstraram preocupar-se com a qualidade do produto final da tradução. Nesse sentido, Jääskeläinen vê em seus estudantes um grau de profissionalismo não encontrado nos sujeitos dos estudos de Krings (1986) e de Gerloff (1987), razão pela qual acredita poder chamá-los de semiprofissionais.

O estudo de Jääskeläinen consegue reunir, de maneira satisfatória, os estudos processuais à sensibilidade ao encargo/finalidade tradutória e, apesar da descrição de seus sujeitos ditos “profissionais” ser passível de questionamentos, por se tratarem ainda de estudantes sem consistente experiência profissional de fato, a autora pôde observar a capacidade de ambos os grupos não só em atentar para o novo encargo, mas também para efetuar as mudanças necessárias a essa nova situação. Isso importa na medida em que, como aponta Cintrão (2006: 45), a finalidade é “um dos pontos em que o conhecimento do tradutor tem considerável independência da proficiência bilíngue, no sentido de que aquele não ser dado *a priori* por esta”. Também em nossa pesquisa

consideraremos a finalidade da tradução e como ela é ou não levada em conta pelos sujeitos com diferentes perfis e níveis de proficiência.

5.1.4.2 Uma abordagem da técnica dos protocolos: seus prós e contras

Gonçalves (2001) faz uma análise do uso da técnica dos protocolos verbais no estudo do processo tradutório e apresenta uma série de justificativas para sua utilização, fundamentadas em autores como Færch e Kasper (1987), Hölscher e Möhle (1987) e Gerloff (1987), sem deixar de salientar as críticas à sua utilização e validade, principalmente aquelas feitas por Börsch (1986).

Færch e Kasper discutiram o uso da técnica dos protocolos verbais no campo da aprendizagem/aquisição de línguas estrangeiras. Para esses autores, a técnica dos protocolos tem grandes vantagens, uma vez que os dados submetidos à análise são “as declarações dos próprios informantes sobre o modo como organizam e processam as informações [*informant's own statements about the ways they organize and process information*]” (FÆRCH E KASPER, 1987 apud GONÇALVES, 2001: 14).

Como explicita Gonçalves (2001: 16-17), Færch e Kasper propõem uma tipologia de classificação das técnicas introspectivas, com base em trabalhos como os de Ericsson & Simon (1980), Huber & Mandl (1982), Cohen & Hosenfeld (1981) e Cohen (1984), de acordo com os seguintes parâmetros:

- a) objeto de introspecção: pode ser um aspecto cognitivo, social ou afetivo;
- b) menor ou maior relação com a ação em si: o que é objeto da descrição ou verbalização pode relacionar-se diretamente, em diferentes graus, com a tarefa realizada;
- c) relação temporal com a ação: pode ser **retrospectiva** (a descrição ou relato da ação ocorre apenas quando a tarefa é finalizada); **simultânea** (a ação é descrita ou verbalizada simultaneamente à sua execução), **consecutiva** (há alternância entre a realização da ação e sua descrição ou relato);
- d) menor ou maior tempo de treinamento: o sujeito pode estar mais ou menos preparado para a verbalização por meio de treinamento para esse fim, o que pode minimizar os efeitos da autocensura sobre os protocolos;

e) procedimento de incentivo à descrição/verbalização: pode haver incentivo ostensivo ao relato/descrição da ação; pode-se também fazer com que a tarefa seja mais livre, sem a ação do pesquisador, para que a interferência deste sobre a verbalização daquele possa ver-se reduzida; e

f) combinação dos métodos: os TAPs podem ser de mais de um tipo, podem ser simultâneos e consecutivos ou também retrospectivos.

Hölscher e Möhle (1987), conforme expõe Gonçalves (2001: 17), também se dedicam a estudar a aplicação das técnicas introspectivas, mas no campo específico da tradução. Essas autoras destacam que técnicas introspectivas, com a dos protocolos, não permitem o acesso direto ao que ocorre na mente dos sujeitos, mas podem ser muito úteis para o estudo dos processos que subjazem à produção e recepção da linguagem, além de dar suporte às inferências que podem ser feitas sobre esses mesmos processos.

Gerloff (1987: 138) também lança mão dessa técnica de estudo em sua pesquisa piloto, nesse caso, com um objetivo metodológico bem específico: o de desenvolver um sistema de decodificação que permitisse examinar as diferenças existentes, no que diz respeito ao processamento mental da tradução, entre estudantes, bilíngues e tradutores. Conclui que os protocolos permitem abordar os processos cognitivos subjacentes e também identificar as unidades de processamento.

Gonçalves também traz à luz as considerações de Börsch (1986) para discutir as críticas e a validade do método dos protocolos. Como assinala, muitas das queixas feitas à técnica dos TAPs estão relacionadas com a forma como os sujeitos elaboram os dados (independentemente do tipo de coleta realizada). Segundo informa, para os que desaprovam os TAPs, o método seria falho pois os dados produzidos por ele são passíveis de subjetivismo, já que o sujeito pode omitir alguns aspectos em sua verbalização, que não desejasse dar a conhecer ao pesquisador, especialmente se estes pensamentos e atitudes são avaliados pelo sujeito como malsucedidos.

Ericsson e Simon (1980 apud BÖRSCH, 1986: 203) subscrevem o pontuado por Börsch ao afirmarem que “quando os sujeitos estão trabalhando sob uma pesada carga cognitiva, tendem a parar a verbalização ou a produzir verbalizações menos completas [*when subjects are working under a heavy cognitive load, they tend to stop verbalizing or they provide less complete verbalizations.*]”. Na ótica desses autores, o método seria problemático por ser forçosamente incompleto. Aqueles “processos não gravados na memória de curto prazo não são relatados:

estes são, por exemplo, passos detalhados de processos motores e percentuais, frequentemente repetidos e, conseqüentemente, automatizados [*processes not recorded in short-term memory are not reported; these are for instance detailed steps of perceptual-motor processes, often repeated and therefore automated processes*]”.

É claro que as observações levantadas, com relação ao uso dessas técnicas, são bastante pertinentes. Contudo, alguns aspectos considerados negativos, como a incompletude das verbalizações, também podem dar acesso ao processo mental, como indicam autores como Krings (1986), para quem a ausência ou interrupção do fluxo de verbalização se configura, na verdade, como uma importante prova: de que se intensifica, naquele momento, o processamento mental. Apesar das inegáveis limitações, a análise do processo por meio das técnicas introspectivas se justifica ao permitir (i) que se obtenham determinados dados que, sem a sua utilização, seriam inacessíveis, (ii) que se amplie o entendimento do próprio produto da tradução.

Por fim, Gonçalves nos dá a conhecer um detalhado relato de sua pesquisa, na qual também utiliza a técnica dos protocolos verbais. Nele descreve os sujeitos do estudo (10 alunos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Ouro Preto e da Universidade Federal de Minas Gerais), os materiais utilizados, as tarefas (fundamentalmente duas traduções de legendas, do inglês para o português), o roteiro da pesquisa, e a descrição do espaço físico em que foram levadas a termo as atividades. Por último, apresenta algumas justificativas e discussões com relação a essas variáveis e às análises e resultados obtidos e conclui que a técnica se mostra muito eficaz metodologicamente na abordagem de processos cognitivos da tradução, tanto quantitativa quanto qualitativamente.

Embora o estudo de Gonçalves não lhe tenha permitido fazer grandes generalizações, entre outras coisas, devido ao seu restrito número de sujeitos e à pouca experiência tradutória da maior parte deles, consegue pôr em prática, num trabalho metodologicamente bem elaborado, a classificação de Færch e Kasper dos métodos de introspecção na tradução de legendas.

5.1.4.3 A utilização de opções metodológicas das Ciências Sociais no campo da Tradução

Fábio Alves é outro dos pesquisadores brasileiros que se dedica a estudar o processo tradutório. No texto abordado nesta seção, o autor coloca em discussão dois grandes paradigmas metodológicos que, segundo ele, vêm norteando as pesquisas em sua área: a positivista e a subjetivista. A grande diferença entre essas duas vertentes, conforme o autor (2001: 69), estaria no foco (ou não) dado aos resultados e em sua possibilidade de generalização. Na perspectiva positivista, explica, funcionam como critérios a “objetividade, a confiabilidade e a validade” dos dados e há uma preocupação de que os resultados sejam generalizáveis; na subjetivista, a opção se dá por uma “abordagem interacionista”, com foco na subjetividade do tradutor, sem que exista uma preocupação em generalizar os resultados obtidos.

Alves também realiza nesse trabalho uma análise crítica dos instrumentos utilizados nas pesquisas de processo tradutório, como os protocolos verbais concomitantes, a verbalização retrospectiva, questionários e entrevistas, vídeos, julgamento de especialistas e softwares. Apresenta, por último, uma discussão das aplicações metodológicas da triangulação (descrita mais adiante), com destaque para os trabalhos desenvolvidos pelo grupo PACTE (Espanha), o grupo TRAP (Dinamarca), e para alguns pesquisadores brasileiros, dentre os quais se inclui o próprio autor, discutindo também alguns resultados e restrições já detectadas no uso dessa metodologia.

Alves defende que nos estudos tradutórios sejam empregadas, conjuntamente, tanto análises quantitativas quanto qualitativas, opção metodológica que em Ciências Sociais, segundo indica, recebe o nome de **triangulação**. Na triangulação, os dados são coletados e interpretados por meio de métodos e técnicas de diferentes tipos, o que aumentaria as chances de o pesquisador ter sucesso ao tentar observar, compreender e explicar um dado fenômeno (p. 71). Apesar de seu caráter mais objetivo, que levaria a aproximar a triangulação da vertente positivista, essa opção metodológica tem a vantagem de não excluir de sua abordagem o subjetivismo implicado no processo de tradução.

Uma das técnicas utilizadas, defendidas e descritas por Alves é a dos **protocolos verbais**. Há, de acordo com o que expõe, algumas variações em sua aplicação (assinaladas por nós, a partir de Gonçalves, no item 5.1.4.2 deste trabalho), mas sempre sem perder de vista um intento maior, que é o de observar, dentro do possível, o que

ocorre durante o processo de tradução na mente do tradutor. Independentemente da forma de coleta, assinala que, nos protocolos, as verbalizações são sempre gravadas para posterior transcrição e estudo.

A grande vantagem dos **protocolos concomitantes** é, na ótica do autor:

a qualidade textual das verbalizações, as possibilidades concretas de se analisar os comportamentos inferenciais dos informantes, as possibilidades de análises contrastivas e cruzamentos quantitativos entre grupos numerosos de informantes e a possibilidade, a partir do seu uso, de levantar-se generalizações sobre atividades diretamente relacionadas ao processo de tradução. (ALVES, 2001: 76)

Dentro dos estudos de processo, também merecem destaque as **técnicas retrospectivas**, que compreendem, por exemplo, entrevistas e questionários realizados após o término da tradução. Os dados obtidos por meio dessas técnicas, como informa Alves, podem ser coletados mediante a descrição, dirigida ou livre, do que foi feito ao longo da tarefa. O pesquisador pode pedir ao sujeito de seu estudo que fale sobre a realização do trabalho, sobre os passos seguidos, suas dúvidas, as pesquisas efetuadas, etc. Da mesma forma que os protocolos concomitantes, as verbalizações obtidas mediante técnicas retrospectivas são gravadas e os relatos transcritos.

Segundo explica o autor (2001: 77), a verbalização retrospectiva possibilita, por exemplo, “obter dados qualitativos, de natureza subjetiva, através dos quais os informantes colocam em evidência as partes do experimento que mais lhes chamaram a atenção”. Mas também apresentam a desvantagem, desde sua perspectiva, de não permitir, como os protocolos concomitantes, “a sistematização dos dados, o cruzamento das informações e de se levantar generalizações a partir da amostra”.

A nosso ver, e de acordo com o Börsch (1986), mesmo aqueles protocolos recolhidos durante a tradução (concomitantes) são, em última análise, dados obtidos *a posteriori* e, assim como os dados coletados com as técnicas retrospectivas, não podem garantir o acesso total ao que Holmes (2000) chamou de “caixa-preta da mente do tradutor”, seja porque os sujeitos deixam de dizer algo intencionalmente, seja porque essa verbalização/descrição passou por uma reformulação (ou, nos termos de Börsch, por um “filtro”), seja porque inúmeros processamentos e ações são automatizados e inconscientes e, portanto, não estão à disposição nem mesmo da consciência do informante. Isso nos faz crer que utilizar as técnicas retrospectivas em nossa pesquisa não seria desvantajoso, principalmente se levarmos em conta que os dados foram

coletados imediatamente após o final das tarefas, evitando-se, assim, um grande lapso de tempo entre a sua realização e a entrevista, quando os dados estariam, mais fortemente, sujeitos a esquecimento, distorções ou (r)elaboraões.

A utilização das técnicas retrospectivas, tal como proposta em nosso trabalho, ou seja, numa forma dialogada depois da conclusão das atividades, sem qualquer tipo de treinamento ou instrução prévia, eliminaria pelo menos duas das críticas feitas por Börsch quanto às técnicas introspectivas concomitantes: i) a de que a verbalização tivesse influência sobre o andamento do processo (no caso de que os sujeitos estivessem ao mesmo tempo realizando a tradução e verbalizando suas ações), e ii) a de que o treinamento, em relação à técnica de verbalização, alterasse a sua natureza.

Estamos cientes, todavia, de que essas técnicas não serão suficientes para conseguirmos todas as respostas que procuramos, uma vez que elas só nos darão acesso aos processos conscientemente envolvidos na realização da tradução (FRASER, 1996). Para obter informações de interesse que poderiam não surgir espontaneamente nas entrevistas retrospectivas, lançamos mão também de um questionário pós-tradução, na linha da proposta de triangulação de Alves.

Outros procedimentos metodológicos, como softwares criados com a finalidade de monitorar o processo também são de grande auxílio para as pesquisas empírico-experimentais, tal como se verá a seguir com o *Translog*. Em conjunto com a aplicação de técnicas como as verbalizações, tais procedimentos podem ter suas características positivas potencializadas e os dados obtidos serem ainda mais confiáveis.

5.1.5 Medidas de tempo na detecção de problemas e dificuldades de tradução: o *Translog*

O *Translog* é um programa de computador que registra o acionamento das teclas do computador em tempo real. Ele foi desenvolvido pela equipe de Arnt L. Jakobsen, da Escola de Administração de Copenhague (Dinamarca), e teve uma primeira versão lançada em 1999. De acordo com Rothe-Neves (2001), esse programa possibilita a utilização do registro dos movimentos de teclado de diversas formas. No caso da tradução, é possível rever os passos da redação do texto na medida em que ele foi sendo

produzido, e também observar o tempo total da tarefa, as pausas ou hesitações, as correções, bem como as soluções finais.

Com o objetivo de evidenciar como esse programa pode ser interessante para a observação do processo tradutório, Rothe-Neves faz uma revisão de alguns aspectos metodológicos (natureza da disciplina e do problema, a operacionalização, as medidas utilizadas para abordar o processo cognitivo e o planejamento da pesquisa em tradução), descreve detalhadamente a pesquisa tradutória que usa medidas de tempo (os métodos de coleta utilizados e o *Translog*) e apresenta um exemplo de estudo sobre as características cognitivas do tradutor (com seu respectivo planejamento, métodos, tarefas e materiais empregados, as definições de medidas e de procedimentos e os resultados alcançados no trabalho).

Enfocaremos nesta seção aqueles aspectos do artigo de Rothe-Neves que dizem respeito às medidas de tempo e ao *Translog*, já que são essas as informações que mais nos interessam para nossa pesquisa.

Rothe-Neves explica que existem quatro tipos de medida, que ele adapta de Tommola e Lindholm para dados de tradução (1995 apud ROTHE-NEVES, 2001: 45-46) e que transcrevemos a seguir:

As **medidas objetivas a posteriori** são aquelas características observáveis do resultado daquele processo cognitivo que nos interessa. Em geral, em pesquisas de tradução, analisamos determinadas medidas do texto final.

As **medidas subjetivas a posteriori** são avaliações pessoais sobre características do processo após ele estar concluído.

As **medidas em tempo real diretas** são aquelas feitas durante o processo, mas sem a contribuição ou interferência do participante.

As **medidas em tempo real indiretas** são aquelas feitas durante o processo, mas que podem sofrer alteração por interferência do participante. Essas medidas são importantes porque permitem ao pesquisador, não apenas, mas também no caso da tradução, medir o tempo de realização de uma dada atividade como um índice da dificuldade de processamento/complexidade.

Como observamos, existem distintas medidas de tempo passíveis de observação e cada uma delas dá acesso a um tipo de informação. Além de escolher qual dessas medidas interessa a um determinado estudo, é preciso saber como obtê-las. Nesse sentido, o *Translog* configura-se como um excelente aliado. Os dados fornecidos por

esse programa são armazenados sob a forma de um arquivo (.log) que pode ser recuperado de diversas maneiras, podendo, por exemplo, rastrear-se as teclas utilizadas, e as informações referentes ao tempo (total e as pausas detectadas). O software disponibiliza também dois arquivos de texto (.txt), um com o texto final sem marcações, que pode ser visualizado ou impresso, e outro para análise em editor de texto próprio. Os dados obtidos a partir desses recursos possibilitam ao pesquisador não só fazer inferências, mas proceder a uma análise muito mais fidedigna.

O autor utiliza ainda as seguintes definições de medida de tempo (ROTHERNEVES, 2001, 56-57):

- tempo médio de toque (TMT): o período de trabalho efetivo necessário, em média, para realizar um toque (com correções, mas sem pausas);
- tempo médio por caracteres (TMC): o período necessário, em média, para processar (ler ou redigir) um dos caracteres constantes no texto final (sem as correções, contadas sem as pausas);
- tempo médio por orações (TMO): o período necessário, em média, para processar uma oração;
- taxa de fluência (TF): a proporção de tempo realmente utilizado para a produção;
- taxa de correção (TC): a proporção de correções realizadas durante a tarefa.

Acreditamos que as informações extraídas do *Translog*, em conjunto com as explicações/relatos proporcionados pelos voluntários, constituirão uma fonte bastante valiosa para a análise dos dados de processo tradutório. Utilizaremos o *Translog* para observar principalmente marcas como pausas, correções, reformulações, etc. na tradução das orações subordinadas antes identificadas. A inexistência desse tipo de marcas poderá indicar a ausência de processamento mais reflexivo na tradução dessas construções e nos permitirá observar se a presença do fenômeno da interferência tem ou não relação com processamentos menos reflexivos e mais automatizados.

5.2 A Linguística de *Corpus*

A Linguística de *Corpus* (LC) é uma área de estudos dedicada à “exploração da linguagem [...] feita mediante evidências, extraídas por meio de ferramentas computacionais, de um *corpus* de linguagem natural e autêntica criteriosamente reunido e disponível eletronicamente” (TAGNIN; TEIXEIRA, 2004: 321).

Um *corpus*, por sua vez, pode ser definido como:

um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise. (BERBER SARDINHA, 2004: 8-9)

Assim constituído, o *corpus* possibilita o estudo da linguagem tal como ela realmente é produzida pelos falantes de uma comunidade linguística, seja através de pesquisas terminológicas, seja através de pesquisas lexicográficas, tradutórias, etc.

5.2.1 Tipologia

Dentro da LC, um *corpus* de estudo pode ser de diferentes tipos. Berber Sardinha (2004: 20-21) explica que os *corpora* normalmente são reunidos a partir de determinados critérios e, de acordo com o seu conteúdo e finalidade, podem ser coletados segundo:

- a) o **modo**: pode ser falado (transcrições de textos orais) ou escrito (textos escritos);
- b) o **tempo**: pode ser sincrônico (textos de um só período); diacrônico (inclui mais de um período de tempo); contemporâneo (textos correntes, de circulação atual); e histórico (textos de um período de tempo passado);
- c) a **seleção**: pode ser de um *corpus* de amostragem (formado por porções/ fragmentos de textos ou de variedades textuais e representar uma amostra finita da linguagem); monitor (ao contrário do *corpus* de amostragem, no *corpus*

monitor a composição é reciclada com objeto de que reflita o estado atual de uma língua); dinâmico ou orgânico (permite ampliação ou redução); estático (como o próprio nome sugere, não permite alterações); e equilibrado ou balanceado (a distribuição dos elementos que compõem o *corpus*, tais como textos ou gêneros, é bastante semelhante);

- d) o conteúdo:** pode ser especializado (os textos pertencem a um tipo/gênero específico); regional ou dialetal (textos oriundos de uma ou mais variedades sociolinguísticas específicas); e multilíngue (textos em diferentes idiomas);
- e) a autoria:** pode ser composto por dados de aprendizes de língua estrangeira ou por falantes nativos;
- f) a disposição interna:** pode ser paralelo (textos comparáveis, por exemplo, original e sua tradução); e alinhado (as traduções aparecem abaixo de cada linha do original);
- g) a finalidade:** de estudo (com fins descritivos); de referência ou controle (para contrastar o que se observa no *corpus* de estudo); de treinamento ou teste (formado com a finalidade de permitir o desenvolvimento de aplicações e ferramentas de análise).

Outra classificação trazida à baila por esse mesmo autor (p. 21) tem como base as seguintes interrogações:

- a) pluralidade de autoria:** o material que compõe o *corpus* tem um único autor ou vários?
- b) origem da autoria:** quem produz os textos que compõe o *corpus*, nativos ou não nativos?
- c) meio:** os textos são falados ou escritos?
- d) integridade:** os textos que constituem o *corpus* são integrais ou fragmentos?
- e) especificidade:** os textos que compõe o *corpus* são de tipos variados ou de um tipo específico?
- f) dialeto:** os textos que compõe o *corpus* são de variedade padrão ou regionais/dialetais?

- g) **equilíbrio:** a distribuição de variedades do *corpus* é equitativa?
- h) **fechamento:** podem ser incluídos novos conteúdos no *corpus* ou não?
- i) **renovação:** os textos que compõem o *corpus* são representativos de um período de tempo definitivo ou é passível de renovação?
- j) **temporalidade:** o *corpus* retrata períodos históricos de tempo ou não?
- k) **tradução:** os textos que formam o *corpus* são originais ou há também traduções desses textos para uma ou várias línguas?
- l) **intercalação:** quando há traduções, estas estão incorporadas a cada linha do original ou aparecem em lugares separados?

De maneira geral, alguns itens, embora designados de forma distinta, são compartilhados pelas duas classificações, como é o caso de equilíbrio/seleção ou meio/modo; e outros elementos são exclusivos a apenas uma delas, como é o caso da finalidade. No que diz respeito aos *corpora* de nossa pesquisa, poderíamos cruzar as duas classificações tipológicas apresentadas pelo autor e caracterizá-los como segue:

I – *Corpus* de receitas coletados da internet:

meio/modo: escrito;

integridade: textos completos;

tempo/temporalidade: contemporâneo;

fechamento: permite a inserção de outros textos;

renovação: permite novos textos;

seleção/equilíbrio: equilibrado com relação ao número de palavras;

conteúdo/especificidade: especializado (textos de um mesmo gênero: receitas);

origem da autoria: falantes nativos;

pluralidade de autoria: vários autores nativos;

disposição interna: comparável;

finalidade: *corpus* de estudo;

II – *Corpus* de traduções de receitas:

meio/modo: escrito;

integridade: textos completos;

tempo/temporalidade: contemporâneo;

fechamento: permite a inserção de novas traduções, mas do mesmo texto;

renovação: permite a inserção de outros textos;

seleção/equilíbrio: equilibrado com relação ao número de textos por grupos;

conteúdo/especificidade: especializado (textos de um mesmo gênero: receita);

origem da autoria: aprendizes de língua estrangeira;

pluralidade de autoria: vários estudantes;

disposição interna: paralelo;

finalidade: *corpus* de estudo;

tradução: original e tradução;

intercalação: traduções aparecem separadas do texto fonte.

III – *Corpus* de receitas escritas e completadas pelos sujeitos:

meio/modo: escrito;

integridade: textos completos;

tempo/temporalidade: contemporâneo;

fechamento: não;

renovação: permite novos textos;

seleção/equilíbrio: equilibrado com relação ao número de palavras;

conteúdo/especificidade: especializado (textos de um mesmo gênero: receitas);

origem da autoria: falantes nativos;

pluralidade de autoria: vários autores nativos;

disposição interna: comparável;

finalidade: *corpus* de estudo;

5.2.2 Questões de representatividade

Outra das questões pertinentemente colocadas por Berber Sardinha (2004) em seu estudo se refere à representatividade de um *corpus* de estudo, do quê e para quem ele é (ou deve ser) representativo. Como ressalta o pesquisador, essas não são questões simples de serem respondidas.

No caso da primeira parte da pergunta (um *corpus* representativo do quê), segundo o autor, um importante parâmetro será a extensão da amostragem. A noção de amostragem, advinda dos estudos estatísticos, é definida como o “ato, processo ou técnica de escolha e seleção de membros de uma população ou de um universo estatístico que possam constituir uma amostra” (p. 23). Trata-se de um elemento crucial para que um *corpus* possa ser classificado como representativo ou não. Entretanto, como indica, em pesquisas com linguagem, a população é um parâmetro normalmente difícil de se definir, razão pela qual não é possível dizer se uma amostra é, de fato, representativa ou não.

Na segunda parte da pergunta (para quem um *corpus* é representativo) o problema é de natureza subjetiva. Se um *corpus* não pode, por via estatística, ter estimada sua representatividade, caberá aos sujeitos atribuírem ou não a ele representatividade, bem como, ao pesquisador, saber conduzir seu estudo, os resultados obtidos e sua abrangência.

Assim, se a representatividade relaciona-se com a extensão do *corpus*, deveríamos poder estabelecer que tamanho ou número de palavras é necessário para compô-lo. Mas, como vimos, essa não constitui tarefa das mais simples embora, via de regra, pareça valer sempre a máxima de quanto maior, melhor. Para o referido linguista, a extensão do *corpus* variará fundamentalmente de acordo com o objetivo de cada pesquisa. Para um trabalho que lide com o léxico de um idioma, como exemplifica, uma grande quantidade de palavras será importante, posto que determinadas palavras, quando pouco usadas em uma língua, terão mais chances de ocorrer num *corpus* de maiores proporções.

Em 2004, preocupado em apresentar critérios mais objetivos para classificar a dimensão dos *corpora* de estudos, Berber Sardinha fez um levantamento, utilizando como parâmetro trabalhos apresentados em conferências na área de LC ao longo de quatro anos, e chegou aos seguintes resultados (IDEM: 26):

Tamanho em palavras	Classificação
Menos de 80 mil	Pequeno
80 a 250 mil	Pequeno-médio
250 mil a 1 milhão	Médio
1 milhão a 10 milhões	Médio-grande
100 milhões ou mais	Grande

Quadro 2 – Classificação do *corpus* segundo o número de palavras

Se fossemos considerar essa tentativa de categorização, conseguiríamos classificar nosso *corpus* de receitas coletadas da internet como de porte pequeno-médio, já que ele está formado por 200.000 palavras. No entanto, para as extensões atualmente verificadas nos trabalhos dessa linha de estudos, nos quais se utilizam *corpora* de centenas de milhões de palavras, tais números estariam já bastante defasados.

Para uma pesquisa que tem como *corpus* textos técnicos de um tipo/gênero específico e cuja finalidade é a análise de estruturas sintáticas determinadas, como a nossa, deter-se em classificações baseadas numa extensão “ideal” do material de estudo não parece vir ao caso, uma vez que, como se observa, essas classificações costumam ser bastante plásticas, conseqüentemente, uma dimensão hoje considerada como adequada para um estudo ou comunidade científica, pode já não ser em um curto espaço de tempo.

5.2.3 LC, naturalidade e idiomaticidade

Como já havíamos visto no capítulo dedicado à naturalidade (Capítulo II), existem determinadas formas que preveem a seleção de outras e com as quais normalmente coocorrem. Esse fenômeno está relacionado com o que em LC se convencionou chamar de **idiomaticidade**, conceito que diz respeito à seleção de determinados itens lexicais e/ou categorias gramaticais que acompanham um dado elemento.

De acordo com Berber Sardinha (2004: 239), alguns padrões de funcionamento dessa seleção podem ser formalizados, principalmente, sob os seguintes termos:

- a) **colocação**: em que o campo semântico e os elementos lexicais se associam;
- b) **coligação**: em que os elementos do léxico e da gramática se associam; e
- c) **prosódia semântica**: em que se associam os elementos lexicais e a conotação, seja ela positiva, negativa ou neutra; palavras que apresentam uma prosódia fundamentalmente negativa, como “causar”, quando combinadas com palavras

como “problemas”, “danos”, “prejuízos”; e palavras de conotação mais positiva ou neutra, como “acontecer”, que coocorrem com vocábulos como “evento”, “coisa”, “nada”.

A idiomaticidade, como também já assinalamos anteriormente, não está relacionada com a forma gramaticalmente correta de se dizer algo, mas com a forma típica, natural encontrada em uma língua ou comunidade linguística. Na tradução, esse aspecto parece ser especialmente relevante, como pontua Berber Sardinha (2004: 238), já que “a quebra de padrões entre uma língua e outra pode trazer implicações relacionadas à fidedignidade, aceitabilidade e legibilidade do texto traduzido ou vertido”. Isso implica que, quando não observados os padrões de funcionamento, ligados sobretudo ao gênero e à situação de ocorrência de uma dada forma, o texto final pode ter como resultado uma produção possível, correta de um ponto de vista gramatical, mas estranha ou pouco comum na língua meta.

5.2.4 Ferramenta para exploração de *corpus*: o *WordSmith Tools*

Existem ferramentas que contribuem não só com a análise de um *corpus*, mas também agilizam a sua coleta e análise. Os dois softwares de análise mais utilizados são o *AntConc* (ANTHONY, 2004) e o *WordSmith Tools* (SCOTT, 1996), que permitem comparar automática ou semiautomaticamente diversos textos e/ou partes de texto. Detalharemos este último, por ser aquele escolhido para esta pesquisa, em razão de treinamento prévio recebido para sua utilização.

O *WordSmith Tools* possibilita ao pesquisador abordar diversos aspectos do *corpus* e uma grande quantidade de textos a partir de seus vários recursos. Ele conta com três ferramentas: a *WordList* (gerador de lista de palavras), a *KeyWords* (gerador de palavras-chave) e a *Concord* (concordanciador).

Com a *WordList* pode-se obter uma lista de palavras, tanto por ordem de frequência como por ordem alfabética.

KeyWord, como o próprio nome indica, é uma ferramenta que permite o acesso às palavras-chave de um *corpus* quando os dados deste são cruzados com os de um *corpus* de referência.

A *Concord* gera linhas de concordância a partir de um item de busca, que pode ser constituído por uma ou mais palavras; extrai colocados (palavras que ocorrem sempre com outras determinadas palavras) e *clusters* (sequências de palavras que se repetem nas linhas de concordância); gera *plots* de distribuição de palavras (i.e. permite visualizar a localização, no(s) texto(s), da palavra de busca), *patterns* (ou seja, os colocados segundo a frequência com que ocorrem) e *follow up* (linhas de concordância da palavra de busca X com um colocado Y).

O *WordSmith Tools* também apresenta 11 utilitários, cujas definições foram obtidas do Manual do *WordSmith Tools* (SCOTT, 2008):

- 1) *Character profiler*: encontra caracteres, tanto os mais frequentes como aqueles estranhos ao *corpus*.
- 2) *Corpus corruption-detector*: busca arquivos corrompidos.
- 3) *Data converter*: converte arquivos criados em versões mais antigas do programa para versões mais atuais.
- 4) *File utilities*: compara, divide arquivos em unidades menores, encontra arquivos em duplicidade; busca erros, renomeia e agrupa arquivos.
- 5) *File viewer*: permite visualizar o conteúdo de arquivos (o seu formato, caracteres estranhos ou ocultos, etc.).
- 6) *Language chooser*: seleciona o(s) idioma(s) com o(s) qual(is) se pretende trabalhar.
- 7) *Minimal pairs*: encontra erros de digitação e pares de palavras com diferenças mínimas.
- 8) *Text converter*: permite editar arquivos, renomeá-los, alterar suas características, e mover arquivos para novas pastas.
- 9) *Viewer & Aligner*: possibilita visualizar e alinhar os textos (por parágrafos ou sentenças).
- 10) *Webgetter*: busca e reúne textos diretamente da web.
- 11) *WSConcGram*: gera sequências de duas ou mais palavras (*concgrams*).

Outras importantes recursos para o estudo do *corpus* são os cabeçalhos e as etiquetas. Os cabeçalhos, por exemplo, quando inseridos pelo pesquisador, facilitam a busca de informações filtradas por determinados parâmetros, como a origem do texto, a data da coleta, a autoria do texto, assim como outros dados que o criador/organizador do

corpus definir como interessantes para si mesmo ou para o consulente. Com a etiquetagem de textos, que pode ser feita de forma automática ou manual, é possível incluir dados de ordem morfossintática, por exemplo.

Em nosso estudo, nos valeremos sobretudo da ferramenta *Concord* do *WordSmith* com o objetivo de verificar, a partir das conjunções “*quando/quando*”, “*hasta/até*” e “*para/para*”, as características sintáticas de orações subordinadas encabeçadas por essas conjunções no *corpus* de receitas coletados nas duas línguas. Este tema será discutido nas seções 6.1 e 7.1.

5.2.5 LC, tradução e tradução técnica

A Linguística de *Corpus* pode prestar um auxílio expressivo à tradução e à terminologia. Baker em 1993, conforme expõe Laviosa (2002), foi pioneira em utilizar, de um ponto de vista descritivo, as ferramentas de análise da LC nos estudos da tradução.

Em trabalhos posteriores, Baker (1995) defende que as pesquisas em tradução sejam levadas a termo por meio de *corpora* de diferentes tipos: paralelos, bilíngues, multilíngues e comparáveis. Este último tipo seria aquele que, na visão da autora (1995: 236), ofereceria maior potencial para o estudo da tradução, já que, por meio dele, pode-se identificar características que seriam reconhecidas como específicas de textos traduzidos.

Para Laviosa (2002: 27), essa identificação levaria não só a observar possíveis normas comuns a textos traduzidos, mas também a avaliar se entre um texto fonte e um meta existem relações que podem ser representativas de equivalências estabelecidas por uma determinada população. Além disso, de acordo com a estudiosa (p. 107), a utilização de *corpora* pode trazer benefícios ao desempenho dos tradutores, ao fazer com que estes atentem para questões centrais na tradução, como a precisão e a fluência do texto produzido.

A utilização de *corpus* pode contribuir muito com a tradução técnica – como a de receitas – e com pesquisas nesse campo, como exemplificam van den Broek (1986), Colina (1997) e Teixeira (2008).

As traduções do gênero receita foram objeto de análise de van den Broek (1986). Esse autor analisou traduções feitas para o holandês de receitas escritas originalmente em inglês e francês, com um *corpus* produzido por estudantes avançados. Verificou que seus

sujeitos realizavam modificações na forma sintática do texto fonte, como a passagem de verbos para o imperativo, para que se conformasse à estrutura utilizada em holandês no gênero. Essa conduta levou o pesquisador a concluir que havia, por detrás das ações de seus alunos, o intuito de adaptar o produto final ao novo público e cultura receptora.

No estudo de Colina (1997), por outro lado, observou-se o contrário. O *corpus* de traduções para a língua inglesa feitas por estudantes cuja língua materna era o espanhol apresentava inadequações quanto ao gênero na língua meta (inglês) e também interferências motivadas pelas características do texto fonte (espanhol). Os resultados, para a autora, evidenciavam que o conhecimento da língua meta não era suficiente para traduzir, mais ainda no caso de textos técnicos que requerem um conhecimento específico.

O trabalho de Teixeira (2008), por sua vez, tinha como objetivo a identificação de possíveis dificuldades na tradução do gênero receita e a criação de um sistema pelo qual se pudesse avaliar o desempenho dos sujeitos. Tinha por base um *corpus* formado por traduções de receitas de 28 estudantes brasileiros de língua inglesa, na direção inglês>português, e um questionário pelo qual se obtinha não só o perfil dos sujeitos, mas também dados referentes à tradução, como as dificuldades nela encontradas. Ao comparar esses dados, Teixeira constatou que aspectos como a idade e o sexo dos sujeitos não tiveram forte impacto sobre a qualidade do produto tradutório. Também observou que, em geral, os tradutores compartilhavam uma preocupação com os ingredientes utilizados na receita e esse foi um dos itens mais indicados por eles como sendo fonte de dificuldade para a tradução. Segundo a pesquisadora, esses dados poderiam indicar que havia uma concepção comum entre os sujeitos de seu estudo, uma ideia equivocada de que, para dominar uma área técnica, bastaria ter conhecimentos sobre os termos nela empregados.

De acordo com o que vínhamos discutindo, a competência requerida para a tradução de um texto técnico, como no caso da receita, não passa apenas pelo nível da palavra, mas envolve outros elementos que, reunidos, podem garantir a sua qualidade.

Como bem assinalaram os três estudos anteriores, não são apenas as diferenças com relação ao vocabulário empregado nesse gênero (e a existência ou não daqueles itens na cultura meta) os únicos fatores que dificultam a execução da tarefa de tradução, mas, e talvez principalmente, a diferente forma de dizer e de construir o gênero textual, específica em cada língua.

A LC consegue, nesse sentido, proporcionar ao tradutor não só a construção de um *corpus*, mas uma importante fonte de apoio na resolução de problemas/dificuldades tradutórias, fornecendo-lhe informações de uma determinada comunidade linguística, sobre aspectos morfosintáticos e lexicais próprios aos textos que, se não lhe retornarem respostas em sua busca por equivalentes, pelo menos poderão apontar caminhos mais confiáveis que tão somente a sua intuição a respeito dos mecanismos de funcionamento dos gêneros e da língua em questão.

CAPÍTULO VI

A FORMAÇÃO DO *CORPUS*

Neste capítulo descrevemos o desenho metodológico adotado para a formação do *corpus* de nosso estudo. Por meio dele, pretendemos observar se o uso e distribuição de infinitivo/subjuntivo nas orações subordinadas temporais e finais em traduções de uma receita, feitas para a língua portuguesa por estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira, diferenciam-se daqueles mais comumente encontrados em textos desse gênero produzidos originalmente em português.

Em linhas gerais, a formação de nosso *corpus* poderia ser dividida nas seguintes três etapas:

I – Preparação para a coleta de dados <ul style="list-style-type: none">▪ Piloto▪ Falhas e aperfeiçoamento do desenho experimental▪ Recrutamento de voluntários▪ Participantes do estudo
II – Coleta <ul style="list-style-type: none">▪ Tarefas propostas▪ Ferramentas utilizadas▪ Procedimentos e materiais
III – Pós-coleta <ul style="list-style-type: none">▪ Transcrição das entrevistas▪ Problemas e observações à coleta

Quadro 3 – Etapas da formação do *corpus* de aprendizes

Tal divisão, como ficará demonstrado a seguir, é um pouco mais complexa. As sessões seguintes evidenciam um aspecto de continuidade entre as etapas e, ao mesmo tempo, a existência de algumas ramificações dentro delas.

6.1 A constituição do *corpus* para cotejo

Para saber se as escolhas dos voluntários nas traduções de nosso *corpus* de estudo se desviavam do padrão normal de funcionamento das orações subordinadas temporais e finais encontradas no gênero receita fazia-se necessário primeiro verificar

que padrão era esse. Nesse sentido, construímos um *corpus* de receitas escritas em português e em espanhol que nos servisse a essa comparação.

Nosso *corpus* foi coletado em *sites* de culinária, principalmente entre novembro e dezembro de 2011¹⁸, e contém cerca de 200.000 palavras para as receitas em cada idioma. A fim de termos uma amostra bastante variada de fontes, foram recolhidas 20 receitas em cada uma das páginas web, sendo 10 textos representativos de pratos “doces” e 10 de pratos “salgados”. Sempre que possível, foi também observada na coleta a classificação apresentada pelo *site*, por exemplo, em pães, sopas, acompanhamentos, pratos principais, carnes, peixes, sobremesas, etc. Como essas categorias nem sempre estavam presentes e tampouco eram exatamente as mesmas em todos os *sites*, optamos pela divisão acima, em doces/salgados, por ser mais simplificada.

Com o propósito de observar o que efetivamente ocorria em cada uma das línguas nesse gênero, as receitas foram selecionadas de maneira aleatória, sem a leitura integral dos textos. Buscávamos assim que a coleta fosse o mais livre possível e que não sofresse influências por parte da pesquisadora e do que se pretendia estudar.

Tendo em vista que nossos sujeitos são brasileiros estudantes de espanhol como língua estrangeira que produziram textos desse mesmo gênero, decidimos que apenas seriam coletadas receitas de fontes do Brasil. Para a coleta do *corpus* em língua espanhola, decidimos que a variedade da língua a ser seguida seria a mesma do texto de origem escolhido para a tarefa de tradução, ou seja, como os sujeitos traduziriam uma receita vinda da Espanha, também nosso *corpus* de receitas escritas em espanhol deveria ter essa origem. Os *sites* de receitas foram relacionados com as ferramentas de busca avançadas do Google. Utilizamos palavras de busca *receita culinária/cozinha* e “*receta culinaria/cocina*” e os filtros de busca *.br* e *.es.*, respectivamente.

Muitas vezes o critério relativo ao país de origem do *site* não foi suficiente para alcançarmos o tamanho do *corpus* previamente determinado. Por essa razão, em alguns casos, optamos por páginas que, mesmo sem a extensão *.br* e *.es*, fossem reconhecidas como do Brasil, pelas receitas nelas contidas, como foi o caso do *site* www.nordesteweb.com. No caso das fontes em língua espanhola, a questão se tornava um pouco mais complexa. Devido à grande gama de países que têm como língua oficial o espanhol, nos casos de dúvida, para ter certeza da fonte da receita, optamos por *sites*

¹⁸ Mas não somente nesse intervalo de tempo. Isso ocorreu porque, em casos em que constatamos duplicidade, por exemplo, foi necessário fazer novas coletas, nos respectivos *sites*, após esse período.

de *chefs*, de aficionados por gastronomia e de especialistas espanhóis (*Falsarius Chef*, por exemplo) ou ainda por blogs que, mesmo não sendo de especialistas, tivessem na identificação do autor a menção da origem espanhola (*La cocina de lechuza*, de A Corunha), ou ainda por casos em que as receitas eram de autoria do mantenedor da página ou postadas por ele – o que pressupunha o crivo dessa pessoa para a publicação – e também por *sites* e blogs mantidos por periódicos *online* desse país (como o *Madrid fusion*). Além disso, procuramos observar, de maneira geral, se a nomenclatura utilizada para os ingredientes era reconhecida como pertencente ao léxico do espanhol ibérico, como é o caso das palavras “*melocotón*” e “*fresa*”.

Como já havíamos indicado (5.2.2 Questões de representatividade), determinar a extensão do *corpus* tampouco constituía tarefa fácil porque, entre outras razões, variavam as recomendações sobre a dimensão que este deveria ter. Pareceu-nos que para um tratamento tão específico como aquele pretendido em nossa pesquisa um *corpus* de receitas com 200.000 palavras em cada uma das línguas seria adequado.

Também teve lugar importante nessa decisão o fato de que, para obter um *corpus* com 200.000 palavras, foi necessário recolher cerca de 620 receitas (em 31 *sites*) em língua espanhola, enquanto, em língua portuguesa, esse número foi bastante superior, atingindo 948 receitas (em 48 *sites*). Este dado já demonstrava existir uma grande diferença entre as receitas nas duas línguas. Assim, manter os critérios estipulados antes da coleta (de um número pequeno de receitas por *site*, apenas 10 receitas de doces e 10 de salgados e, ao mesmo tempo, de um número diversificado de *sites*) ficava cada vez mais difícil.

Todos os textos foram armazenados e salvos em formato .txt, de acordo com uma nomenclatura previamente definida, como se observa no fragmento da planilha de organização dos dados da coleta reproduzida a seguir.

LISTA DE SITES PB				
n.º ordem coleta	Códigos		data coleta	nome site
	dc (doce) n.º ordem_língua_iniciais site	sl (salgado) n.º ordem_língua_iniciais site		
1	dc01_PB_TG	sl01_PB_TG	17/10/2010	tudo gostoso
2	dc02_PB_TG	sl02_PB_TG	17/11/2011	tudo gostoso
3	dc03_PB_TG	sl03_PB_TG	17/11/2011	tudo gostoso
4	dc04_PB_TG	sl04_PB_TG	17/11/2011	tudo gostoso
5	dc05_PB_TG	sl05_PB_TG	17/11/2011	tudo gostoso

6	dc06_PB_TG	sl06_PB_TG	17/11/2011	tudo gostoso
7	dc07_PB_TG	sl07_PB_TG	17/11/2011	tudo gostoso
8	dc08_PB_TG	sl08_PB_TG	17/11/2011	tudo gostoso
9	dc09_PB_TG	sl09_PB_TG	17/11/2011	tudo gostoso
10	dc10_PB_TG	sl10_PB_TG	17/11/2011	tudo gostoso
11	dc01_PB_MV	sl01_PB_MV	17/10/2010	mais você
12	dc02_PB_MV	sl02_PB_MV	18/11/2011	mais você
13	dc03_PB_MV	sl03_PB_MV	18/11/2011	mais você
14	dc04_PB_MV	sl04_PB_MV	18/11/2011	mais você
15	dc05_PB_MV	sl05_PB_MV	18/11/2011	mais você
16	dc06_PB_MV	sl06_PB_MV	18/11/2011	mais você
17	dc07_PB_MV	sl07_PB_MV	18/11/2011	mais você
18	dc08_PB_MV	sl08_PB_MV	18/11/2011	mais você
19	dc09_PB_MV	sl09_PB_MV	18/11/2011	mais você
20	dc10_PB_MV	sl10_PB_MV	18/11/2011	mais você

Figura 6 – Planilha de códigos/informações das receitas coletadas da internet

Também incluímos em cada texto um cabeçalho com informações referentes a sua fonte e algumas etiquetas que distinguíssem as partes da receita, <ingr>, para ingredientes, e <modprep> para a etapa de descrição de elaboração do prato. Embora nossa análise não contemple os dados relacionados ao cabeçalho, acreditamos que podem ser úteis a futuros estudos do material. No quadro abaixo apresentamos o modelo de uma receita com cabeçalho e as etiquetas aplicadas.

```

<cabeçalho>
<nomearq> exemplo, dc (para doce), número da receita, idioma (PB português do Brasil e EE espanhol
da Espanha), iniciais do site, nesse caso Cozinha Brasileira sl10_PB_CB </nomearq>
<língua> português </língua>
<font> cozinha brasileira </font>
<site> http://www.cozinhabrasileira.com/suinos/bisteca_de_porco_recheada_com_provolone.html </site>
<data> 19.11.2011 </data>
<nomerec> Bisteca de porco recheada com provolone </nomerec>
<outrasinf> Autor: Sergio Coelho </outrasinf>
</cabeçalho>

<corptexto>
<ingr> Ingredientes
5 bistecas de porco grossas 3 cm
200 gramas de queijo provolone
100 gramas de azeitonas picadas
1 kilo de batata descascada
1 colher de colorau

```

2 colher de shoyu
alho picado
pimenta
sal
papel alumínio </ingr>

<modprep> Preparo:

Fazer um corte fundo no meio da bisteca de modo que dê para rechear;
Temperar com sal, pimenta, colorau, shoyu, alho;
Deixe descansar 30 minutos;
Pegar a bisteca colocar dentro um pouco de queijo provolone e azeitonas. Faça em todas;
Em uma assadeira revestida de papel alumínio, colocar as bistecas e as batatas;
Cobrir com papel alumínio;
Levar ao forno 1 hora;
Tire o papel deixe mais 30 minutos até dourar. </modprep>
</corptexto>

Quadro 4 – Modelo de arquivo de armazenamento dos textos coletados na internet

Os dados foram analisados com o auxílio do *WordSmith Tools* (descrito e comentado em 5.2.4 acima), um programa que possibilita, de forma simplificada, uma abordagem mais acurada dos dados.

6.2 Preparação para a coleta de dados

6.2.1. A escolha das tarefas e o teste-piloto

Para operacionalizar nosso estudo, foi preciso definir que textos/atividades nos possibilitariam observar a interferência em tradução, que sujeitos participariam da pesquisa e se o produto das traduções, por si só, constituiria fonte suficiente para a abordagem de nosso tema e, principalmente para a caracterização da presença ou não do fenômeno.

Outras duas tarefas além da tradução foram então pensadas: a redação em português de uma receita a partir de uma determinada sequência de imagens e uma atividade de completar na qual os voluntários deveriam preencher lacunas subsequentes às conjunções “quando”, “até” e “para” em uma receita em português.

A nosso ver, tornar-se-ia mais palpável realizar qualquer julgamento com relação à tradução se soubéssemos também como os sujeitos se comportavam quando da produção, em sua própria língua e nesse gênero, das estruturas objeto de estudo. A

tarefa de escrita teria um papel importante pois, de acordo com nossa suposição, a redação orientada por imagens faria com que as estruturas temporais e finais aparecessem de forma bastante espontânea para esses sujeitos em língua materna.

Restava, porém, um problema a solucionar: como garantir que as construções objeto de estudo aparecessem, considerando que a redação era uma tarefa livre? Para assegurar-nos de que essas orações surgiram de alguma forma, foi proposta uma terceira tarefa, mais dirigida, na qual os indivíduos tinham de completar construções iniciadas por “para”, “até” e “quando”.

Antes de aplicar os textos escolhidos para as tarefas aos sujeitos de nossa pesquisa, pensamos ser importante realizar um teste-piloto para comprovar, entre outras coisas, se não havia falhas ou problemas graves nessa metodologia que prejudicassem ou inviabilizassem o uso dos dados.

Selecionamos para o teste-piloto quatro sujeitos, concluintes do curso de letras espanhol. Nessa ocasião, a escolha foi movida por uma certa intuição de que a interferência estaria mais sujeita a ocorrer no trabalho de indivíduos com um nível de conhecimento da língua estrangeira mais avançado. Essa intuição encontrava suporte em leituras como a de Larsen-Freeman e Long (1991), para quem os aprendizes avançados teriam certa predisposição ao fenômeno da interferência da língua estrangeira sobre a materna. Dentre os quatro participantes do piloto, três já haviam vivido e estudado em um país hispano-falante.

As coletas foram feitas de forma individual, no final de novembro e início de dezembro de 2010, na sala 28 (gabinete dos professores de língua espanhola). As condições de trabalho foram as mesmas para todos os voluntários (como acesso à internet e às mesmas fontes de consulta) e a duração foi sempre inferior às 4 horas agendadas para cada coleta, o que nos permitiu confirmar que o tempo de 4 horas totais era suficiente para que os sujeitos trabalhassem sem pressão de tempo. Os voluntários 1 e 2 realizaram as atividades na seguinte ordem: redação, tradução, atividade de completar lacunas; e os voluntários 3 e 4 em outra ordem: atividade de completar lacunas, tradução, redação. Todos preencheram uma autorização para uso dos dados e um formulário com seus dados pessoais.

No caso da tradução (quadro 5), por exemplo, utilizamos um texto que apresentava, pelo menos uma vez cada, as estruturas a serem observadas (aparecem destacadas em negrito no quadro 5, para facilitar a localização pelo leitor).

Leche frita

Ingredientes

- 6 huevos
- 60 gr. de maicena
- 60 gr. de harina
- 120 gr. de azúcar
- 1 cucharadita de esencia de vainilla
- ½ l. de leche
- 1 cucharadita de canela en polvo
- 100 gr. de azúcar glasé (azúcar molida)
- 1 nuez de mantequilla

Se pone en un cazo la leche a hervir. En otro cazo, se ponen los huevos batidos, el azúcar y la vainilla. Luego se agrega la harina y la maicena en el segundo cazo y se remueve todo muy bien.

A continuación, se le añade la leche hirviendo y, sin dejar de remover, se deja cocer unos cinco minutos. La crema debe de quedar muy espesa, si no es así, se le añade más maicena diluida en leche y se le agrega poco a poco **hasta alcanzar el espesor adecuado**.

Se pasa la crema por un colador grande **para que no queden grumos**, ya que quedarían muy desagradables al paladar.

Se unta una fuente de horno con un poco de mantequilla y se vierte la mezcla, **hasta que cuaje bien**, se corta en porciones regulares y se desmolda.

Se pone una sartén al fuego con bastante aceite.

Las porciones se pasan por harina y huevo batido, se rebozan bien por ambas caras y se fríen en la sartén.

Cuando estén doradas, se sirven en una fuente espolvoreada con azúcar glasé y canela.

De esta manera ya estarían listas, pero para los más “atrevidos” las aconsejo flambeadas con un buen licor, le dan un toque especial.

Quadro 5 – Material para a atividade de tradução do teste-piloto

No segundo caso (quadro 6), a seleção do material para a redação se pautou menos pelo conteúdo da receita e muito mais pela informação que as fotografias que a acompanhavam deveria fornecer. Acreditávamos que as imagens do passo a passo detalhado, juntamente com as palavras de orientação, deveriam favorecer ao máximo o emprego das orações estudadas.

Bolo Tropical de Creme de Laranja e Gengibre

Ingredientes:

- 5 ovos grandes
- 1 xícara (chá) de açúcar
- ½ xícara (chá) de suco de laranja concentrado
- ½ xícara (chá) de óleo
- 1 colher (sopa) de gengibre ralado
- 2 xícaras (chá) de farinha de trigo
- 1 colher (sopa) de fermento em pó

claras – neve

+ açúcar – claras firmes

+ gemas – 8 minutos

+ óleo – rapidamente – bem homogêneo

+ suco de laranja – 15 minutos – bem misturado.

gengibre ralado – bem incorporado à massa.

+ farinha peneirada – aos poucos – massa não muito líquida

fermento em pó – fora da batedeira – movimento de baixo para cima – massa aerada

massa – forma untada e polvilhada com farinha.

forno médio (225 °C) – 45 minutos – não abrir o forno – primeira meia hora – não baixar a massa

Esfriar - desenformar.

Quadro 6 – Material para a atividade de escrita do teste-piloto

No terceiro caso (quadro 7), usamos o mesmo texto da tarefa de escrita, fazendo nele algumas modificações, de forma que os sujeitos tivessem de completar as construções a partir dos nexos “quando”, “até” e “para”.

Bolo Tropical de Creme de Laranja e Gengibre

Ingredientes:

- ▢ 5 ovos grandes
- ▢ 1 xícara (chá) de açúcar
- ▢ ½ xícara (chá) de suco de laranja concentrado
- ▢ ½ xícara (chá) de óleo
- ▢ 1 colher (sopa) de gengibre ralado
- ▢ 2 xícaras (chá) de farinha de trigo
- ▢ 1 colher (sopa) de fermento em pó

Modo de preparo:

Bata as claras até (1)_____neve. Adicione açúcar até (2)_____ firmes. Acrescente quatro gemas e bata durante 8 minutos para (3)_____. Coloque o óleo e bata até (4)_____ bem homogêneo. Quando (5)_____ bem homogêneo, despeje o suco de laranja e misture bem com a batedeira. Depois adicione o gengibre ralado e bate até (6)_____ bem incorporado à massa. A farinha deve ser acrescentada pouco a pouco até (7)_____ consistente. Acrescente o fermento em pó fora da batedeira e incorpore à massa em movimentos suaves de baixo para cima para (8)_____ aerada.

Unte a forma e polvilhe com farinha para (9)_____. Leve ao forno médio (225°C) por aproximadamente 45 minutos. É importante não abrir o forno durante os primeiros 30 minutos para (10)_____. Depois de passado esse tempo, teste o ponto da massa com uma faca. Se (11)_____ limpa, está pronto.

Quadro 7 – Material para a atividade de completar do teste-piloto

Para obter dados relativos ao processo de tradução, utilizamos o *Translog* (JAKOBSEN, 1999) que, como apontado em 5.1.5, é um programa que registra os movimentos de teclado em tempo real. Com ele, podíamos observar as pausas, omissões, correções, etc. realizadas pelos sujeitos.

Valemo-nos também de entrevistas que eram realizadas após a conclusão das tarefas, concomitantemente à visualização pelos sujeitos dos textos produzidos que lhes eram exibidos numa reprodução do processo de digitação, mediante a função *replay* do *Translog*. Nessas entrevistas pedíamos aos voluntários que falassem sobre como tinha sido a realização do trabalho, sobre os passos seguidos, suas dúvidas, as pesquisas efetuadas, etc. Esses relatos foram gravados e transcritos.

6.2.2 Falhas observadas, aperfeiçoamento do desenho experimental e observações gerais

Por meio do teste-piloto verificamos as seguintes falhas no método:

- a) Na atividade de tradução: constatamos que o texto selecionado para o estudo piloto “*Leche frita*”, apesar de apresentar as construções a serem analisadas, não contava com tantos elementos interessantes à observação (como falsos amigos como “*en cuanto*”, construções cristalizadas próprias do gênero do tipo “*¡Que aproveche!*”, etc.) quanto o texto “*Langostinos Abanico*”, cuja tradução por estudantes de graduação nos havia inspirado o projeto e que efetivamente escolhemos para a coleta de dados final;
- b) Na atividade de escrita da receita: notamos, ao longo das coletas, que a ausência de numeração nas imagens poderia dificultar que os sujeitos seguissem a sequência correta na redação; ademais, em alguns casos, como na penúltima imagem, as palavras de orientação não contribuíam para que as estruturas que desejávamos focalizar aparecessem;
- c) Na atividade de completar a receita: observamos que o texto escolhido (o mesmo da atividade anterior) e adaptado para essa tarefa restringia muito as opções dos sujeitos no momento de preencher os campos assinalados no texto, normalmente limitando as soluções a um único verbo (“ficar”).

O teste-piloto também nos permitiu comprovar o tempo a ser reservado para que as coletas (de 4 horas totais para o trabalho, sem pressão de tempo) e fez com que repensássemos o perfil dos sujeitos que fariam parte da pesquisa. Passamos a acreditar que a divisão por grupos de pessoas que se encontrassem em períodos distintos de aprendizagem da língua espanhola poderia trazer resultados comparativos mais interessantes. Isso aconteceria porque os egressos do curso *Língua Espanhola 3 (L3)* teriam trabalhado há pouco tempo com o tipo de orações analisadas nas receitas – nessa disciplina, coloca-se ênfase no emprego de subjuntivo, indicativo e infinitivo em língua espanhola, segundo determinados fatores, como tipos de subordinação e a identidade entre os sujeitos de oração principal e subordinada, por exemplo – enquanto os egressos de *Tópicos Contrastivos Acerca do Funcionamento da Língua Espanhola e do*

Português Brasileiro (TC) – uma das últimas disciplinas do curso – provavelmente já não as teriam tão sistematicamente acessíveis na memória, ou seu uso já estaria totalmente internalizado.

O teste-piloto possibilitou decidir sobre uma possível ordem de execução das atividades, já que a sequência utilizada inicialmente não possibilitava observar se a tradução teria influências sobre as demais produções ou não, que era justamente o que mais nos interessava. Ao subdividir internamente cada um dos grupos de 10 voluntários de L3 e de TC em dois grupos menores, de 5 sujeitos cada, e alternar a realização da tarefa de tradução, como se explicita a seguir, acreditávamos que esse objetivo poderia ser atingido. A ordem das tarefas de escrita e de completar foi mantida porque, de nossa perspectiva e após o teste-piloto, seria claro o efeito de um texto praticamente pronto (complete), no qual faltam apenas umas poucas construções, sobre a redação de um texto (escrita) que teria de ser construído em sua totalidade.

Egressos de Língua Espanhola 3				Egressos de Tópicos Contrastivos					
Ordem:		1ª	2ª	3ª	Ordem:		1ª	2ª	3ª
Grupo A (5 primeiros sujeitos)		tradução → escrita → complete			Grupo A (5 primeiros sujeitos)		tradução → escrita → complete		
Grupo B (5 últimos sujeitos)		escrita → complete → tradução			Grupo B (5 últimos sujeitos)		escrita → complete → tradução		

Quadro 8 – Ordem de execução das tarefas por grupos

Pudemos observar também no piloto que os sujeitos, durante a entrevista, não conseguiam explicar por que escolheram determinadas formas sintáticas em detrimento de outras. Pensamos que esse fato se deve, muito provavelmente, a que as estruturas objeto de análise não constituíssem pontos de dificuldade para esses sujeitos. Em outras palavras, seria difícil conseguir uma resposta para uma pergunta que esses sujeitos não tinham feito conscientemente a si mesmos. Não foram encontradas pausas expressivas nesses pontos, o que poderia evidenciar a ausência de reflexão sobre os usos dessas estruturas na sua língua materna. Tais dados serviram de ponto de partida para nossa pesquisa atual.

6.2.3 Recrutamento e cronograma das coletas

Outro fator importante no planejamento do trabalho foi a convocação de voluntários que se dispusessem a fazer parte do estudo, uma vez que o número de sujeitos por nós pretendido era relativamente alto (vinte no total). Para tanto, contamos com a colaboração dos professores da Área de Espanhol, que cederam algum tempo de suas aulas para a exposição de nossa proposta de participação na pesquisa.

Embora a coleta não durasse mais do que quatro horas, de acordo com o piloto realizado, não estávamos seguros de que haveria voluntários suficientes para atingir o quorum almejado. Para isso e a fim de não sermos surpreendidos com desistências ou outros imprevistos durante a etapa de coleta (planejada para os meses de junho e julho), fizemos o agendamento dessa conversa com os alunos ainda no início do semestre letivo de 2012, por meio de um e-mail enviado aos professores.

Nossa presença nos grupos fazia-se importante porque desta forma podíamos explicar aos alunos os objetivos do estudo e sanar eventuais dúvidas, levando em conta, evidentemente, as informações que poderiam ser transmitidas a eles naquele momento. Parecia importante para não interferir sobre o comportamento dos sujeitos durante a coleta não explicitar, por exemplo, que nosso estudo focalizava a tradução das subordinadas finais com *para* e temporais com *cuando* e *hasta*.

Esse contato para recrutamento de voluntários foi feito no mês de abril de 2012, com os alunos que estavam cursando as disciplinas de *Língua Espanhola 3* (da qual esperávamos obter colaboração dos egressos) e de *Variedade e Alteridade* (da qual esperávamos obter colaboração dos sujeitos que já tivessem cursado a disciplina de Tópicos Contrastivos). Em nosso cronograma inicial, as coletas, especialmente com os egressos de Tópicos Contrastivos, estavam previstas para serem realizadas imediatamente após o seu oferecimento, no segundo semestre letivo de 2011, porém uma greve ocorrida nesse período inviabilizou nossos planos. Isso fez com que buscássemos colaboração dos ex-alunos de TC na disciplina de Variedade e Alteridade (VA) que, apesar de formar com TC o bloco de disciplinas finais, não a prevê como requisito.

Essa consulta constituía uma primeira sondagem com a qual desejávamos ter, ainda que sem total comprometimento por parte dos alunos, uma ideia de quantos sujeitos aceitariam participar da pesquisa. Nossa intenção era realizar a coleta com os

egressos de Tópicos Contrastivos no mês de julho, quando poderíamos utilizar a sala onde se encontrava a maior parte dos materiais de consulta (gabinete dos professores) sem comprometer, de forma drástica, o andamento dos trabalhos rotineiramente realizados pelos professores nesse espaço durante o período de aulas. No mês de agosto a coleta seria realizada com os egressos de Língua Espanhola 3, posto que, nesse momento, os sujeitos já teriam abordado nessa disciplina, como ponto do programa, o uso de subjuntivo/infinitivo nas subordinações em língua espanhola.

O quadro abaixo mostra o agendamento feito com os respectivos professores das disciplinas de Língua Espanhola 3 e de Variedade e Alteridade para a conversa com os estudantes.

Disciplina	Docente	Data da conversa	Período da turma
<i>Língua Espanhola 3</i>	Mônica O'Kuinghttons	09/04/12	Noturno
	Egisvanda Sandes	09/04/12	Noturno
	Fátima Bruno	12/04/12	Matutino
<i>Variedade e Alteridade</i>	Zulma Kulikowski	05/04/12	Matutino
	Maite Celada	12/04/12	Noturno

Quadro 9 – Agendamento da conversa com os alunos

Não encontramos em um dos grupos de Variedade e Alteridade, o da Profa. Zulma, nenhum sujeito que já tivesse cursado Tópicos Contrastivos, apesar de muitos estudantes mostrarem-se interessados em colaborar conosco. Apesar de não ser um panorama exatamente esperado, esse era um resultado possível, por não existir a obrigatoriedade de cursar TC antes de VA. No outro grupo, da Profa. Maite, havia alguns sujeitos que já tinham cursado a disciplina que nos interessava e podiam contribuir com o estudo.

A tabela a seguir informa o número de interessados quando da primeira consulta, tanto no grupo de Língua Espanhola 3 (L3) quanto no grupo de Variedade e Alteridade (VA), bem como aqueles que estavam aptos a fazer parte do estudo, ou seja, que já tinham cursado Tópicos Contrastivos (TC).

Consulta inicial (abril/2012)						
Disciplina	N.º matriculados	Docente	Alunos que manifestaram interesse	Período	Sujeitos aptos / período	Total interessados aptos
L3	24	Mônica O'Kuinghttons	9	Noturno	17	26
	20	Egisvanda Sandes	8	Noturno		
	29	Fátima Bruno	9	Matutino	9	
VA (Egressos de TC)	13	Zulma Kulikowski	8*	Matutino	0	7
	11	Maite Celada	7	Noturno	7	

* Nenhum havia cursado TC até aquele momento.

Tabela 1 – Alunos interessados em participar do estudo na consulta inicial

Na conversa com os alunos, explicamos de maneira sumária quais eram as atividades (ou seja, uma tarefa de escrita em língua materna, um texto para completar em língua materna e uma tradução para a língua materna), o tempo aproximado para a coleta (máximo de 4 horas) e que eles teriam direito, ao final da coleta, a um certificado de participação. O certificado de participação na pesquisa funcionava como um estímulo à participação dos sujeitos, já que estes poderiam converter as horas utilizadas na coleta e discriminadas no certificado em créditos de Atividades Acadêmico-Científico-Culturais (AACC), necessárias para a conclusão dos créditos requeridos na sua formação.

Após obter os e-mails dos alunos interessados em cada grupo e de disponibilizar o meu para que pudessem me contatar, comprometi-me a enviar-lhes uma mensagem em que contasse, mais detalhadamente, em que consistia a coleta. A mensagem era a seguinte:

Prezado/a,

O presente e-mail tem a finalidade de consultá-lo/a sobre sua possibilidade de participação voluntária na pesquisa de mestrado por mim desenvolvida no âmbito do programa de Pós-Graduação da Área de Espanhol da Área de Espanhol (DLM/ FFLCH/USP).

Meu trabalho tem por objetivo o estudo da tradução e da produção de um determinado gênero textual, ambas as tarefas efetuadas por estudantes brasileiros de espanhol língua estrangeira, oriundos de dois diferentes grupos, a saber:

- a) Egressos da disciplina Língua Espanhola 3;
- b) Egressos da disciplina Tópicos Contrastivos Acerca do Funcionamento da Língua Espanhola e do Português Brasileiro.

Os voluntários receberão um certificado de participação com o número de horas da coleta para a obtenção de créditos em Atividades Acadêmico-Científicas-Culturais (AACC).

Vale ressaltar que, no decorrer da pesquisa e na dissertação, a identidade e os dados pessoais de todos os voluntários serão mantidos por mim em absoluto sigilo, conforme me comprometo formalmente na autorização a ser assinada pelos participantes quando da coleta.

Descrição das atividades

Os sujeitos do estudo terão, basicamente, as seguintes tarefas:

1. preencher um formulário, já anexo a esta mensagem, com seus dados (para controle de variáveis);
2. escrever um texto em língua portuguesa, a partir de uma sequência de imagens;
3. completar um texto em língua portuguesa;
4. traduzir para a língua portuguesa um texto de aproximadamente 2 laudas escrito em língua espanhola.
5. responder algumas perguntas sobre as tarefas numa entrevista que será gravada.

As atividades 2 a 5 serão realizadas individualmente, na sala 28 (gabinete dos professores de Língua Espanhola), em dia e horário previamente agendados, de acordo com a disponibilidade do voluntário e do local da coleta. Os testes previamente efetuados mostraram que todas as atividades não devem ultrapassar as quatro horas para as quais estará reservada a sala.

Esta mensagem constitui uma simples consulta, assim sendo, responda-a apenas se for de seu interesse ou se for possível ajudar-me com este estudo. Em caso afirmativo, por favor, devolva também o questionário anexo a esta mensagem devidamente preenchido.

Agradeço desde já sua atenção e coloco-me à disposição para eventuais esclarecimentos.

Bruna Macedo de Oliveira

Quadro 10 – E-mail enviado aos alunos interessados em participar do estudo

Junto com esse e-mail, enviávamos um questionário (reproduzido abaixo), com o qual visávamos obter o perfil dos possíveis colaboradores. Isso era fundamental para realizar a seleção dos sujeitos que pudessem efetivamente participar do estudo. Se tivéssemos, por exemplo, dentre os interessados, algum bilíngue nativo, teríamos de excluí-lo dos potenciais voluntários. Além disso, com os dados desse questionário, poderíamos montar um quadro de disponibilidade e, a partir daí, organizar o cronograma de coletas.

Questionário 1 - perfil do voluntário

Este questionário visa a uma averiguação do perfil dos alunos que frequentam os cursos língua e de tradução na área de espanhol. Seu interesse é a formação de um *corpus* para futuros estudos de pós-graduação. A participação é voluntária e os dados pessoais nele contidos serão mantidos em absoluto sigilo.

Data ____/____/____

Dados pessoais:

Nome: _____

e-mail: _____ Idade: _____

Sexo: M () F () Nacionalidade: _____

Língua materna: _____

Qual(is) língua(s) é(são) falada(s) em sua casa? _____

Qual é o seu contato com hispano-falantes? Esteve alguma vez em um país hispano-falante? Se sim, quantas?

Formação acadêmica:

1. Ano de início do curso do Letras: _____

2. Marque as disciplinas de Língua Espanhola já cursadas:

- () Língua Espanhola I
() Língua Espanhola II
() Língua Espanhola III
() Práticas Orais em Língua Espanhola
() Argumentação e Sintaxe em Língua Espanhola
() Prática Escrita em Língua Espanhola
() Variedade e Alteridade na Língua Espanhola
() Tópicos Contrastivos Acerca do Funcionamento da Língua Espanhola e do Português Brasileiro

3. Já estudou língua espanhola antes de seu ingresso na Universidade? () Sim () Não.

Em caso afirmativo, responda.

Onde: _____

Por quanto tempo? _____

Idioma(s) _____ em _____ que _____ as _____ aulas _____ eram ministradas: _____

4. Frequenta(ou) outras disciplinas de língua estrangeira na Universidade? Se sim, quais?

5. Estuda(ou) outras línguas estrangeiras? Se sim, quais?

6. Você se considera proficiente em qual(is) língua(s)? Nomeie-as em ordem decrescente.

7. Já frequentou alguma disciplina relacionada à tradução oferecida pelo Departamento de Letras Modernas? Em caso afirmativo, assinale-as abaixo:

- () Introdução aos Estudos Tradutológicos
() Introdução à Prática de Tradução do Espanhol
() Análise Contrastiva para Tradução Português/Espanhol
() Tradução Comentada do Espanhol I

Outras:

8. Se você já frequentou alguma disciplina, forneça o máximo de informações possíveis sobre o conteúdo estudado em cada uma delas.

9. Já frequentou outros cursos de/sobre tradução? Se sim, onde e qual a duração desses cursos? Tais cursos abordavam que línguas especificamente?

10. Esta(s) disciplina(s) era(m) prática(s) e/ou teórica(s)?

11. Como foi a avaliação proposta em cada disciplina cursada na área de tradução? Comente o que você achou de cada uma delas.

Sobre tradução:

1. Para você, o que é a tradução?

2. Defina o que seria, para você, uma boa tradução.

3. Qual(is) é(são) a(s) característica(s) que você julga importante(s) e/ou essencial(is) para que alguém seja tradutor?

4. Você trabalha (ou já trabalhou) com tradução? O que você considera mais difícil nessa atividade?

5. Qual(is) tipo(s) de texto você considera mais difícil traduzir? Por quê?

6. Qual(is) materiais/fontes você considera importantes para traduzir? Por quê?

7. Você tem dicionários de língua espanhola? De que tipo?

8. Você costuma consultar outros dicionários? Quais?

Disponibilidade:

1. No caso de aceitar participar de uma pesquisa sobre tradução, você poderia fazê-lo em que dia(s)/horário(s)?

2. Você aceitaria que as tarefas realizadas por você fossem utilizadas para pesquisa, desde que se mantivessem seus dados pessoais em absoluto sigilo?

Quadro 11 – Questionário 1 (perfil dos voluntários)

Essa mensagem, em conjunto com o questionário, foi enviada no mesmo período da conversa com as turmas (normalmente nesse dia ou no dia imediatamente subsequente), ainda no início do mês de abril. Contudo, não houve retorno. No mês de junho voltamos a contatá-los por e-mail, mas as respostas já não eram muito promissoras: alguns dos alunos desistiram da participação e outros sequer responderam à nova consulta. A tabela a seguir, parcial reformulação da tabela 1 anterior, apresenta os números reais de alunos de Língua Espanhola 3 e de Variedade e Alteridade (egressos de TC) que manifestaram interesse e efetivamente confirmaram participação na pesquisa.

Nova consulta (junho/2012)							
Disciplina	N.º matriculados	Período	Docente	Alunos que manifestaram interesse inicial	Alunos que confirmaram participação	Total interessados aptos	Total aptos confirmados
L3	24	Noturno	Mônica O'Kuinghttons	9	2	26	4
	20	Noturno	Egisvanda Sandes	8	2		
	29	Matutino	Fátima Bruno	9	0		
VA (Egressos de TC)	13	Matutino	Zulma Kulikowski	8*	0	7	3
	11	Noturno	Maite Celada	7	3		

Tabela 2 – Voluntários confirmados em relação com os que manifestaram interesse inicial

É importante ressaltar o apoio de todos os docentes das citadas disciplinas no recrutamento. No que diz respeito ao grupo de egressos de Tópicos Contrastivos, merecem especial menção as professoras Maite Celada, Gretel Fernández e Heloísa Cintrão, cuja intervenção foi determinante para atingirmos o número de dez sujeitos necessários em cada grupo. A professora Maite Celada, por exemplo, se disponibilizou a enviar nossa consulta, por e-mail, aos seus ex-alunos, o que resultou na participação

de dois sujeitos. A Profa. Gretel Fernández, da Faculdade de Educação, consultou seus então alunos da disciplina de Metodologia do Ensino de Espanhol¹⁹, com o que conseguimos mais quatro voluntários. A professora Heloísa Cintrão, por fim, passou-nos alguns contatos de potenciais colaboradores, alunos de suas disciplinas de tradução, o que nos valeu mais uma adesão. Cabe ressaltar igualmente a contribuição dos próprios voluntários, especialmente de V7 e V9 de TC, que intermediaram o contato com outros participantes de nossa pesquisa. Com toda essa força-tarefa, conseguimos enfim atingir o número de sujeitos previstos no projeto.

Com relação ao grupo de egressos de Língua Espanhola 3, dada a grande quantidade de sujeitos que manifestaram interesse na consulta de abril (um total de 26, isto é, mais do que o dobro do estipulado para tal grupo), acreditávamos que não seria difícil fechar o número de voluntários necessários. Todavia, essa suposição caiu por terra ao entrarmos em contato com os inicialmente interessados e descobrirmos que a situação já não era a mesma. Foi necessário, a partir daí, “garimpar” novos potenciais participantes. Agendamos com os professores que estavam ministrando a disciplina de *Práticas Oraís em Língua Espanhola* (PO), matéria imediatamente subsequente à de Língua Espanhola 3, um novo contato com os alunos, para o início do mês de agosto de 2012. Com as professoras Maite Celada e Heloísa Cintrão realizamos o agendamento da conversa pessoalmente e com as professoras Fátima Cabral Bruno e Zulma Kulikowski por e-mail. A tabela a seguir traz as datas em que foram feitas as consultas aos sujeitos do grupo PO (egressos de L3), o número de interessados e o de sujeitos que realmente puderam contribuir com o estudo.

Disciplina	Período	Docente	Data da consulta	Matriculados	Interes-sados	Confirma-dos
<i>Práticas Oraís</i> (egressos de <i>Língua Espanhola 3</i>)	Matutino	Fátima Bruno	16/08/12	23	9	4
	Matutino	Zulma Kulikowski	16/08/12	13	3	3
	Noturno	Heloísa Cintrão	13/08/12	27	1	0
	Noturno	Maite Celada	13/08/12	20	4	0

Tabela 3 – Data da nova consulta, número de matriculados, número de interessados e número de voluntários de confirmados (egressos de L3)

¹⁹ Recorremos à Profa. Gretel Fernández, naquele momento, por acreditarmos que muitos de seus alunos poderiam se enquadrar no perfil que nos interessava. Isso aconteceria porque, normalmente, as disciplinas finais do bacharelado em língua espanhola coincidem, no que diz respeito ao período ideal em que deveriam ser cursadas, com as disciplinas da licenciatura nessa língua. Outro aspecto reforçaria nossa suposição: o de que muitos dos alunos esperam concluir as disciplinas do bacharelado em língua espanhola para cursar as disciplinas da licenciatura nessa língua, em razão do tempo que deve ser dedicado aos estágios. Daí encontrarmos sujeitos que estivessem dentro do perfil almejado.

A tabela a seguir resume o número de voluntários que participaram da pesquisa e sua respectiva origem:

	Disciplina / Origem aluno	Docente / Outras indicações	Alunos que confirmaram participação	Total participantes
Grupo TC	<i>Variedade e Alteridade (egressos de TC)</i>	Zulma Kulikowski	0	0
		Maite Celada	3	3
	<i>Ex-alunos</i>	Maite Celada	2	2
	<i>Alunos de disciplinas de tradução</i>	Heloísa Cintrão	1	1
	<i>Alunos de Metodologia Ensino Espanhol</i>	Gretel Fernández	4	4
	<i>Sujeitos Indicados por outros Voluntários</i>	V9	1	1
	Total sujeitos grupo egressos TC			11
Grupo L3	<i>Língua Espanhola 3</i>	Mônica O'Kuinghttons	2	4
		Egisvanda Sandes	2	
		Fátima Bruno	0	0
	<i>Práticas orais (egressos de L3)</i>	Zulma Kulikowski	3	7
		Fátima Bruno	4	
		Maite Celada	0	0
		Heloísa Cintrão	0	
	Total sujeitos grupo (egressos L3)			11

Tabela 4 – Alunos que participaram do estudo e procedência

Pode parecer curioso que, em ambos os grupos, tenhamos um total de onze sujeitos ao invés de dez, já que este era o número de participantes por nós planejado, mas isso não ocorreu por acaso: tivemos problemas em duas coletas, uma com um sujeito de TC e outra com um sujeito de L3, o que fez com que tivéssemos de convocar um voluntário a mais para cada grupo (apresentamos detalhes a esse respeito em 6.4.2.).

As coletas foram realizadas sempre no gabinete dos professores de língua espanhola, sala 28 do prédio de Letras da FFLCH/USP, espaço gentilmente cedido pelas professoras que nela trabalham para a realização dessa etapa de nossa pesquisa. Nenhuma das coletas alcançou o teto de quatro horas para as quais estava reservado o local.

Indicamos a seguir as datas, horários, tempo de duração das coletas realizadas com cada voluntário o tempo médio por grupo.

GRUPO TC				
Mês	Dia	Horário	Tempo total	Voluntário
Junho	22 (6ª f)	de 08 a 9h45	1h45	1
	26 (3ª f)	de 17 a 18h40	1h40	2
	29 (6ª f)	de 08 a 10h00	2h00	3
Julho	05 (5ª f)	de 15 a 16h40	1h40	4
	11 (4ª f)	de 14h30 a 16h00	1h30	5
	18 (4ª f)	de 17 a 19h20	2h20	6
	23 (2ª f)	de 17 a 19h10	2h10	7
	24 (3ª f)	de 16 a 18h10	2h10	8
	25 (4ª f)	de 19 a 22h00	3h00	9
	30 (2ª f)	de 15 a 17h20	2h20	10
Agosto	10 (6ª f)	de 18h50 a 20h20	1h30	11
TEMPO MÉDIO GRUPO TC			2h00	
GRUPO LE				
Mês	Dia	Horário	Tempo total	Voluntário
Agosto	01 (4ª f)	de 14 a 16h00	2h00	1
	06 (2ª f)	de 08h30 a 10h00	2h00	2
	16 (5ª f)	de 08 a 10h00	2h00	3
	21 (3ª f)	de 11h40 a 13h00	1h20	4
	22 (4ª f)	de 14h00 a 15h40	1h40	5
	23 (5ª f)	de 14h00 a 15h40	1h40	6
	24 (6ª f)	de 15h20 a 17h20	2h00	7
	27 (2ª f)	de 14 a 16h30	1h30	8
	28 (3ª f)	de 10 a 12h10	2h10	9
	30 (5ª f)	de 13h40 a 15h40	2h00	10
Setembro	24 (2ª f)	de 14h20 a 17h00	2h40	11
MÉDIA TEMPO GRUPO LE			1h54	

Tabela 5 – Cronograma de coletas por grupo, voluntário e tempo médio de duração

6.2.4 Os participantes do estudo

Como já explicitamos na seção anterior, os sujeitos que realizaram as tarefas que conformam nosso *corpus* eram estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira, egressos das disciplinas de *Língua Espanhola 3* e de *Tópicos Contrastivos Acerca do Funcionamento da Língua Espanhola e do Português Brasileiro*.

Embora a escolha desses indivíduos constituísse uma tentativa de manter certa homogeneidade dentro dos respectivos grupos, o perfil de nossos dez voluntários, em cada caso, acabou sendo bastante heterogêneo. Garantir que todos os estudantes (não) tivessem feito cursos extracurriculares de espanhol antes de seu ingresso à universidade e/ou (não) tivessem estudado outras línguas, por exemplo, era muito complicado. No princípio, pensávamos em excluir da participação no estudo aqueles sujeitos que já tivessem cursado alguma disciplina de tradução em língua espanhola, oferecida como

optativa pelo departamento de Letras Modernas da FFLCH/USP mas, após receber os questionários dos interessados, verificamos que seria muito difícil alcançar o quorum desejado sem incluir esses voluntários. Apesar de distante da condição ideal, era essa a realidade com a qual teríamos de lidar.

As tabelas a seguir exprimem, brevemente, as características gerais de perfil de nossos voluntários (excluídos aqueles casos em que tivemos algum tipo de problema na coleta), recolhidos a partir do questionário 1 (ver quadro 11 precedente).

Grupo de egressos de Tópicos Contrastivos								
Voluntário	Idade	Sexo	Ter estado em país hispano-falante / N.º vezes	Ter estudado espanhol antes da universidade/ tempo	Ter estudado outras línguas	Ter cursado disciplinas de tradução oferecidas no curso	Ter feito cursos de tradução fora da grade do bacharelado	Ter trabalhado/ trabalhar com Tradução
V2	24	F	Argentina e Uruguai	Fisk / 3 anos	Inglês			X
V3	23	F		EEC / 6 meses	Inglês	IET, IPTE, TCE1		X
V4	26	F	6 vezes em países hispano-falantes		Francês	IET, IPTE, ACTPE, TCE1		
V5	23	F	Argentina (1 mês) / Espanha (6 meses)	Instituto Madre Mazzarello / 2 anos	Inglês, Francês e Tupi	IET	X	X
V6	28	M		CCAA / 3,5 anos	Inglês	IET, IPTE, ACTPE, TCE1		
V7	27	F	Uruguai (1 vez)		Inglês	IPTE		
V8	28	F	Argentina (1 mês)					
V9	26	F	Argentina e Uruguai (1 semana)		Inglês			
V10	37	F	Argentina e Uruguai (2 vezes)		Inglês			
V11	24	F	Argentina (1 vez) / casada com nativo	Centro de Estudos Julia de Macedo / 3 anos	Francês e Inglês	IET / I' TE / ACTPE	X	X

Tabela 6 – Perfil dos egressos de Tópicos Contrastivos

Grupo de egressos de Língua Espanhola 3								
Voluntário	Idade	Sexo	Ter estado em país hispano-falante / N.º vezes	Ter estudado espanhol antes da universidade / tempo	Ter estudado outras línguas	Ter cursado disciplinas de tradução oferecidas no curso	Ter feito cursos de tradução fora da grade do bacharelado	Ter trabalhado/trabalhar com Tradução
V1	35	F	Argentina (4 vezes, 1 mês) e Peru e Bolívia (1 vez)	Skill / 1 ano	Inglês e Francês	IET, TCE1		X
V2	22	F			Inglês			
V3	27	F	Não, mas já morou com colombianos mexicanos e argentinos					
V4	36	F	Paraguai (6 vezes, 20 dias cada), Argentina (2 vezes, 20 dias), Chile (1 vez, 1 mês), Peru (1 vez, 1 mês) pai paraguaio		Inglês, Chinês	IPTE	X	X
V5	30	F	Argentina (férias, família nesse país) e Uruguai (15 dias) / mãe argentina		Inglês, Francês	IPTE		X
V6	24	F			Inglês	IET, IPTE, TCE1	X	
V7	30	F	Argentina, Paraguai, Uruguai, Bolívia, Peru, Bolívia	Centro Cultural Brasil-Espanha, Instituto Cervantes (total 3,6 anos)	Inglês e Francês			X
V8	18	F			Inglês			X
V10	22	F	Argentina (8 meses) / namorado argentino	Centro Educacional de Línguas / 3 anos	Inglês	IPTE		
V11	20	F	Chile (uma vez por ano) / pai chileno	Colégio Visconde Porto Seguro / 3 anos	Alemão, Inglês e Francês	IPTE		

Tabela 7 – Perfil dos egressos de Língua Espanhola 3

Como é possível notar, os voluntários de **Tópicos Contrastivos**, por exemplo, têm uma média de idade de 27,6 anos, quase sua totalidade são mulheres, apenas duas

pessoas (V3 e V6) nunca estiveram em um país hispano-falante e apenas uma não estudou outras línguas estrangeiras além do espanhol (V8), seis delas já tinham cursado alguma disciplina de tradução, duas das dez pessoas já tinham feito outros cursos de tradução além dos oferecidos como optativas na grade do curso e quatro sujeitos já trabalharam como tradutores, mesmo que não profissionalmente.

Para os sujeitos de **Língua Espanhola 3**, a média de idade (26,7) é muito próxima da do outro grupo, embora os voluntários deste estejam na metade da graduação; também a configuração no que diz respeito ao sexo dos sujeitos é semelhante, todas são mulheres; apenas três dessas pessoas nunca estiveram em um país hispano-falante (V2, V6 e V8). Quando comparamos o fator ter ou não estudado outras línguas estrangeiras, os dados desse grupo se distanciam dos obtidos no outro, já que seis dos dez sujeitos não tinham estudado outras línguas além do espanhol. Metade deles relata já ter cursado disciplinas de tradução. Encontramos igualdade com relação ao número de sujeitos que fizeram cursos de tradução fora do âmbito do bacharelado: também duas pessoas nesse grupo. Apesar de contar com menor tempo de estudo formal universitário em língua espanhola, metade dos voluntários de L3 informou já ter trabalhado com tradução alguma vez.

Dado o perfil tão plural dentro e entre os dois grupos, buscaremos focalizar em nossa pesquisa apenas a influência ou não dos cursos de tradução sobre os resultados encontrados.

6.3 Coleta

6.3.1 Tarefas propostas

Como antes assinalamos (em especial em 6.2.1), para caracterizar as escolhas tradutórias dos estudantes como uma espécie de interferência em tradução, pareceu-nos importante observar não só o emprego de infinitivo/subjuntivo nas orações subordinadas adverbiais temporais e finais, mas também cotejar esses usos com aqueles realizados quando da elaboração/finalização de textos do mesmo gênero em língua materna. Assim, foram propostas as seguintes atividades.

Com a **tarefa de tradução** (quadro 12), objetivávamos confirmar nossa hipótese de que, diante das construções de funcionamento aparentemente análogo da língua estrangeira, nossos sujeitos tenderiam a seguir as estruturas do texto fonte, mesmo que estas não fossem as mais naturais ou frequentes em sua língua materna, o português.

<p style="text-align: center;"><u>Langostinos Abanico</u></p> <p><i>Ingredientes:</i></p> <p>Langostinos (elijase la cantidad), una rama de tomillo, una hoja de laurel, aceite de oliva, sal, pimienta, judías verdes, un tomate.</p> <p>Para la mayonesa: aceite, vinagre, limón, huevos.</p> <p>Para el alioli, también ajo.</p> <p><i>Modo de preparación:</i></p> <p>Se pone en una olla grande agua a hervir con bastante sal, granos de pimienta, una hoja de laurel, una rama de tomillo y una cucharada de aceite de oliva. Cuando hierva, se echan los langostinos y se dejan hasta que el agua vuelva a hervir. Después, se quita la cacerola del fuego y se dejan los langostinos dentro unos diez minutos. Luego se vuelcan en un colador grande para que escurran y se enfríen. Es aconsejable guardar el agua de los langostinos para después cocer las verduras.</p> <p>Mientras tanto, se cortan y se lavan las judías y se ponen a cocer en el agua que sobre de hervir los langostinos. Déjelas en el fuego unos quince minutos con la cacerola destapada para que se queden “enteras”. Se escurren en un colador y se refrescan debajo del grifo con un chorro de agua fría para que conserven un bonito color.</p> <p><i>Modo de preparación de la mayonesa y el alioli:</i></p> <p>Para la mayonesa se ponen en un recipiente los huevos con una pizca de sal, pimienta y un poquito de vinagre. Entonces se bate poco a poco con la batidora y progresivamente se añade una cucharada y media de aceite de girasol. Al final, en cuanto la salsa ya esté bien hecha, se puede añadir una cucharadita de zumo de limón para que quede más suave. El alioli, para los cocineros iniciados, se haría de la misma manera que la mayonesa pero añadiendo dos dientes de ajos por cada yema de huevo.</p> <p><i>Decoración:</i></p> <p>En cuanto esté preparada la mayonesa y el alioli, coja un plato grande o una fuente y añada una capa de mayonesa. Ponga el alioli en un borde del plato para que no se mezcle con el resto de los sabores, porque está muy picante. Después, coloque los langostinos pelados, sin piel y sin cabeza, como en la imagen. Decore el centro del plato con un tomate cortado en forma de flor. Se aconseja acompañar este plato de vino blanco seco muy frío.</p> <p>¡Que aproveche!</p> <p style="text-align: right;">CHAMORRO GUERRERO, M. D. et al. <i>Abanico</i>. Libro del alumno. Barcelona: Difusión.</p>
--

Quadro 12 – Material para atividade de tradução (final)

A **tarefa de escrita** (quadro 13) foi desenhada para que mesmo aqueles sujeitos que não tivessem muita familiaridade com o gênero conseguissem redigir o texto da receita. Isso foi fundamental já que não podíamos, a fim de não influenciar a produção final, informar os voluntários antes da coleta sobre o tipo do texto que teriam de escrever. Com essa tarefa mais livre, guiada por imagens e algumas estruturas de

orientação, acreditávamos ter como resultado construções temporais e finais produzidas de forma bastante espontânea por esses indivíduos.

Bolo Tropical de Creme de Laranja e Gengibre

Ingredientes:

- 5 ovos grandes
- 1 xícara (chá) de açúcar
- ½ xícara (chá) de suco de laranja concentrado
- ½ xícara (chá) de óleo
- 1 colher (sopa) de gengibre ralado
- 2 xícaras (chá) de farinha de trigo
- 1 colher (sopa) de fermento em pó

(1) claras – neve

(2) + açúcar – claras firmes

(3) + gemas – 8 minutos

(4) + óleo – rapidamente – bem homogêneo

(5) + suco de laranja – 15 minutos – bem misturado.

(6) gengibre ralado – bem incorporado à massa.

(7) + farinha peneirada – aos poucos – massa não muito líquida

(8) fermento em pó – fora da batedeira – movimento de baixo para cima – massa aerada

(9) massa – forma untada e polvilhada com farinha.

(10) forno médio (225 °C) – 45 minutos – não abrir o forno – primeira meia hora – para *** a massa

(11) frio - forma.

Quadro 13 – Material para a atividade de escrita (final)

Com a **tarefa de completar** (quadro 14), procurávamos induzir o uso das orações pesquisadas, uma vez que alguma(s) delas poderia não ter surgido no primeiro texto, ou seja, outras construções que não as abordadas na pesquisa poderiam ter sido mobilizadas satisfatoriamente para a redação da receita guiada apenas por imagens e palavras-chave.

Bolo com recheio cremoso tem chocolate

Globo.com - Receitas.com

Ingredientes

Massa

- 6 ovos grandes (claras em neve)
- 1 xícara chá de óleo
- 2 xícaras chá de açúcar
- 1 xícara chá água quente (sem ferver)
- 1 xícara chá chocolate em pó
- 3 xícaras chá farinha de trigo
- 1 colher de sopa de fermento em pó

Recheio

- 700ml leite integral
- 6 colheres de sopa cheias de amido de milho
- 3 gemas

1 lata de doce de leite (leite condensado cozido na pressão por +- 50 minutos)
200grs de chocolate ao leite
1 lata de creme de leite gelado e sem soro

Cobertura

200grs de chocolate ao leite
200grs de creme de leite sem soro ou 1 caixinha

Calda

leite condensado
chocolate em pó
água

Modo de preparo

Massa

Bater as claras em neve e reservar. Bater as gemas com o açúcar e o óleo até (1) _____ homogêneo. Misture o chocolate em pó na água quente. Ir alternando a água com a farinha. Deixe ficar homogêneo, desligue a batedeira e, com ajuda de um fue, misture o fermento em pó e as claras em neve. Levar para (2) _____ em forno médio por aproximadamente 45 minutos. Nunca abrir o forno antes de 15 minutos e, para saber se o bolo está totalmente assado, espete um palito no meio: se sair sequinho, está pronto.

Recheio

Leve ao fogo os quatro primeiros ingredientes, lembrando sempre de dissolver antes o amido de milho no leite. Vá mexendo até (3) _____. "Dica"- quando (4) _____ a engrossar, tire um pouquinho do fogo e mexa rapidamente até (5) _____. Depois volte com ele ao fogo para (6) _____ o amido, sempre mexendo. Esta dica é para (7) _____. Desligue o fogo e acrescente o chocolate picado até (8) _____. Deixe esfriar e acrescente o creme de leite.

Cobertura

Derreta o chocolate em banho-maria ou no micro-ondas em potência média. Depois de derretido misture com o creme de leite. "Dica"- Quando (9) _____ derreter no micro-ondas, pique bem o chocolate e, a cada 30 segundos, vá mexendo para (10) _____, até (11) _____ por completo. Esta cobertura você pode usar em vários bolos, como o prestígio.

Calda

Misture os três ingredientes ao seu gosto e regue o bolo para (12) _____ bem molhadinho.

Dica

Raspas de Chocolate: Derreter o chocolate fracionado, mais fácil para trabalhar e fazer casquinhas. Espalhe sobre a pedra de mármore. Quando (13) _____ a endurecer, com a ajuda de uma espátula, vá empurrando e fazendo as casquinhas. Decore seu bolo.

Cadaminuto.com.br © 2012 - Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita do Cadaminuto.com.br.

Quadro 14 – Material para a atividade de completar (final)

6.3.2 Ferramentas utilizadas

6.3.2.1 Translog

O *Translog*, como já havíamos assinalado, é um programa que grava os movimentos de teclado enquanto os sujeitos realizam um determinado trabalho. Seu funcionamento é muito semelhante ao de um editor de texto comum. Nele, entretanto, quando acionado o dispositivo do programa no qual o sujeito trabalhará (*Translog User*), a tela se apresenta dividida em duas janelas paralelas: na parte superior, é exibido o material que foi inserido pelo pesquisador e que não pode ser alterado pelo participante do estudo; na parte inferior, aparece o espaço no qual o voluntário digitará seu texto. No exemplo abaixo, referente à atividade de tradução, o texto que aparece na parte de cima da tela é aquele que será traduzido (o texto fonte), na parte de baixo, o espaço destinado à tradução do candidato (o texto meta).

Figura 7 – Tela do *Translog* exibida aos participantes da pesquisa

Na parte superior, apresenta-se o texto fonte inserido pelo pesquisador; na inferior, o espaço destinado ao trabalho.

[illegible]

À esquerda, a função *Replay* reproduz o texto completo de V11_L3. À direita, a função *Linear representation* exibe os códigos e marcações de tempo gravados pelo programa ao longo da execução do trabalho.

143

primeira tecla para redigir sua tradução do texto, considera-se iniciada a fase de **produção** em si. Por fim, quando o sujeito termina a digitação completa da tradução, ou seja, quando chega ao último sinal gráfico equivalente no texto fonte (normalmente o ponto final do texto meta), termina a fase de produção e inicia-se a fase de **revisão**, que por sua vez é concluída assim que for salvo o texto pela última vez e fechado o programa.

O programa apresenta outras duas grandes vantagens: a primeira, já mencionada (cf. 5.1.5), é fornecer o acesso a dados de natureza objetiva, como pausas e reformulações, com os quais se pode chegar a interessantes descobertas sobre o processo tradutório; a segunda é não se configurar como um método invasivo, uma vez que o sujeito não se dá conta de que está sendo monitorado e, por isso mesmo, não haveria em seus dados, pelo menos não *a priori*, interferências motivadas por esse tipo de controle.

Os dados fornecidos, contudo, terão de passar pelo olhar do pesquisador. Para minimizar os efeitos da interpretação – e do subjetivismo que ela necessariamente implica –, coadunar as informações do *Translog* com aquelas obtidas por meio de outras técnicas, como as entrevistas, pode ser bastante conveniente.

6.3.2.2 *Protocolos verbais e técnicas retrospectivas*

Os protocolos verbais, como detalhado no Capítulo V, costumam ser definidos como a explicação/relato de pensamentos e ações feitas pelo sujeito ao mesmo tempo em que leva a termo uma dada tarefa (verbalização devidamente gravada e transcrita pelo pesquisador). Esse tipo de técnica, de acordo com o que foi discutido, costuma apresentar alguns inconvenientes, como a participação mais ativa do pesquisador, a influência advinda do treinamento dos sujeitos para sua realização, entre outras. Seu maior inconveniente é, talvez, a interferência no processo mental ao qual se pretende ter acesso, já que a tarefa (suponhamos, a tradução) normalmente não seria realizada com a verbalização, e esta supõe um novo processamento mental adicional ao da tarefa em si. Esse inconveniente é próprio da verbalização concomitante, e um dos motivos da adoção da entrevista retrospectiva realizada imediatamente após concluída a tarefa é eliminá-lo.

Assim, neste trabalho, optamos por utilizar uma variação dos protocolos, a técnica retrospectiva, na qual os dados são coletados imediatamente após o término da tarefa, as

entrevistas são gravadas e logo transcritas para fins de análise. Mesmo com um curto espaço de tempo transcorrido entre a realização da tarefa e da verbalização, como em nosso caso, essa modalidade de coleta de dados não está livre de reformulações, no que concerne aos comentários ou justificativas dadas pelos sujeitos acerca das hesitações, pausas, correções encontradas em sua produção. Além disso, nela é necessário que os indivíduos resgatem as informações de sua memória, o que também se configura como um aspecto problemático, já que, por um lado, a memória nem sempre é confiável, podendo haver falhas nesse processo de recuperação, e, por outro, os dados ficam mais suscetíveis à distorção da reelaboração consciente *a posteriori*, o que pode influenciar negativamente os resultados. Ainda assim, as técnicas retrospectivas apresentam algumas significativas vantagens para as pesquisas em tradução, conforme assinala Cintrão (2006: 408-409):

- 1) Evitam a sobrecarga cognitiva que supõe ter que falar e formular os próprios pensamentos intermitentemente, ao mesmo tempo em que se reservam recursos cognitivos para lidar com os esforços propriamente dirigidos à tradução;
- 2) Evitam distorções que a sobrecarga cognitiva mencionada pode provocar nos dados de tempo de programas de computador que registram pausas e tempo total da tradução, como o *Translog*;
- 3) Permitem dirigir as reflexões e considerações do sujeito a pontos específicos previamente selecionados e, portanto, focar os problemas de tradução que interessa observar;
- 4) Têm mostrado ser mais estruturados e por isso mais aptos a fornecer dados sobre inferências e qualidade de processamentos metacognitivos e discursivos envolvidos nas tomadas de decisão.

Acreditamos que as entrevistas retrospectivas sejam de grande auxílio para os pontos não automatizados/problemáticos, por serem esses os (mais) imediatamente acessíveis aos sujeitos. Na sua forma dialogada, como a adotada neste estudo, permitirão ainda dirigir a atenção para aquelas estruturas que nos interessa observar – retomando o ponto 3 anterior descrito por Cintrão – mesmo quando estas não constituam dificuldades refletidas nos dados de processo (como pausas, por exemplo).

6.3.3 Procedimentos e materiais adotados

A coleta foi dividida em duas etapas. Na primeira, foram coletados dados apenas do grupo de Tópicos Contrastivos. Buscávamos fazer os encontros com os voluntários de forma intercalada, ou seja, com um intervalo de um dia entre uma coleta e outra, para que, no dia livre, pudéssemos realizar a respectiva transcrição. Esse procedimento nem sempre foi seguido à risca, como se pode notar no cronograma da Tabela 5 acima, especialmente porque, como dependíamos da disponibilidade dos voluntários, às vezes era necessário fazer coletas em três dias consecutivos. Na segunda etapa, quando concluídos os trabalhos com o primeiro grupo (TC), demos início às coletas com o grupo de Língua Espanhola 3.

Antes da coleta, o *Translog* foi configurado para os fins de nosso estudo. Incluímos na pasta *Project* do programa os textos / instruções que seriam utilizados e exibidos aos sujeitos na parte superior da tela em cada tarefa. Esses arquivos eram abertos pela pesquisadora, a cada atividade da coleta, e colocados à disposição dos voluntários para a realização do trabalho.

Tratávamos de garantir as mesmas condições para todos os participantes. Todas as atividades foram realizadas num mesmo ambiente (na mesma sala no prédio de Letras da FFLCH/USP); no mesmo computador (um notebook da marca Dell de 2 GB de memória); com acesso aos mesmos materiais (folhas para anotações, caneta e mouse sem fio) e iguais fontes de consulta (internet, os mesmos dicionários bilíngues e monolíngues). Também foi utilizado para a coleta um aparelho MP5 e um celular, com os quais gravávamos as entrevistas.

Antes de iniciar a primeira tarefa, perguntávamos ao voluntário qual a sua ocupação e, no caso de exercer uma atividade profissional, que atividade era essa. Esta pergunta era importante porque não constava do questionário de perfil respondido inicialmente e, a nosso ver, poderia ser uma variável relevante, em especial no caso de um indivíduo ser um cozinheiro profissional, por exemplo. Explicávamos novamente em que consistiam as três atividades (uma tarefa de escrita, uma de completar um texto e uma de tradução) e, nesse momento, informávamos qual era o gênero com o qual lidaria, ou seja, a receita culinária. Também comunicávamos aos sujeitos que as tarefas seriam feitas num editor de texto específico, o *Translog*, e que esse programa não apresentava recursos de edição ou formatação (formatação de parágrafo e caracteres, por exemplo), como outros

convencionais. Dizíamos, por fim, que depois de terminadas as tarefas, iríamos comentá-las, uma a uma, numa entrevista que seria gravada. Nesse ponto da conversa, reiterávamos que os dados pessoais seriam mantidos em caráter absolutamente sigiloso.

A cada atividade uma folha de instruções era lida à pessoa e entregue a ela em seguida, para o caso de sentir necessidade de voltar a consultar as instruções durante a tarefa. Mostrávamos como funcionava o *Translog*, como podia dar início ao trabalho e como proceder quando o terminasse. Explicávamos quais teclas utilizar para movimentar-se pelo texto fonte ou pelo texto de instrução (▼▲), e que para deslocar-se por seu próprio texto deveria utilizar as teclas *Page up* e *Page down* do teclado do computador, no caso de o texto ter mais de uma página.

Na instrução da primeira tarefa, estava previsto um tempo para familiarização com o programa. Em geral, os sujeitos prescindiam desse “treinamento”, após uma breve demonstração do funcionamento do *Translog*, na qual utilizávamos uma notícia curta escrita em língua portuguesa. Terminada a leitura das instruções e passada a fase de familiarização com o *Translog*, o texto que seria trabalhado era acionado no programa pela pesquisadora para poder ser aberto pelo voluntário apenas com o acionamento da tecla GO e a folha de instruções entregue ao voluntário, para eventuais consultas. Avisávamos o participante que, quando se sentisse preparado, deveria pressionar a tecla GO para começar a tarefa e que, quando estivesse certo de que ela estava concluída, deveria clicar a tecla STOP e chamar imediatamente a pesquisadora para salvar o texto que havia produzido. Essas instruções eram muito importantes porque o *Translog* não permite ir salvando o texto ao longo da produção e, em caso de manuseio incorreto dos recursos do programa, corria-se o risco de perder todos os dados.

Enfatizávamos, durante a leitura das instruções, que eram permitidas consultas a quaisquer fontes, a qualquer momento, e durante qualquer uma das tarefas, tanto à internet quanto aos dicionários – abaixo discriminados – que estavam dispostos em pilhas, imediatamente à frente do voluntário, na mesma mesa em que estava trabalhando; e que poderia fazer anotações, se achasse necessário, nas folhas reservadas para essa finalidade. Também salientávamos que poderia dispor do tempo que julgasse necessário para a realização das tarefas.

Bilíngues

- DÍAZ FOUCES, O.; PERES RODRIGUES, J. R. (2011). *Diccionario bilingüe para estudiantes brasileños: portugués-español / español-portugués*. Madri: SGEL.
- FLAVIAN, E. & ERES FERNÁNDEZ, G. (1999). *Minidicionário espanhol-português/português-espanhol*; 13. ed. São Paulo: Ática.
- GONZÁLEZ, N. T. M & MORENO, F. (2003). *Diccionario bilingüe de uso español-portugués/portugués-espanhol*. 2 vol. Madri: Arco-Libros.
- GRAN DICCIONARIO ESPAÑOL-PORTUGUÉS/PORTUGUÉS-ESPAÑOL (2001). Madri: Espasa-Calpe.

Monolíngues

- CLAVE. DICCIONARIO DE USO DEL ESPAÑOL ACTUAL (2000). 4. ed. Madri: SM.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (1992). *Diccionario de la Lengua Española*; [S.l.]: Brosmac.
- SEÑAS. DICCIONARIO PARA LA ENSEÑANZA DE LA LENGUA ESPAÑOLA PARA BRASILEÑO (2000). São Paulo: Martins Fontes.

Quadro 15 – Lista de dicionários disponibilizados para consulta durante a coleta

Durante a coleta, a pesquisadora permanecia na sala, sentada do mesmo lado em que estava o sujeito, mas guardando uma certa distância, que não permitia visualizar com nitidez o que este estava fazendo. A pesquisadora também realizava anotações de tempo, do horário de início e fim de cada tarefa, e tomava nota de perguntas realizadas pelos sujeitos ou de dicionários consultados, mas sem uma observação direta e contínua dos sujeitos enquanto trabalhavam. Esse tipo de monitoração ostensiva não era nossa intenção, tínhamos a intenção de fazer com que os voluntários se sentissem, dentro do possível, à vontade com aquela circunstância. Os participantes eram advertidos de que não poderíamos responder a questões específicas a respeito das tarefas, no sentido de ajudá-los ou opinar sobre a produção dos textos e da tradução, nem dialogar com eles durante a sua execução. As dúvidas operacionais eram prontamente respondidas, no entanto.

Quando o voluntário acabava a última das atividades, dávamos início à entrevista. Nessa etapa, explicávamos que aquele editor de texto tinha a especial característica de marcar os movimentos de teclado e que iríamos rever como tinham sido feitas cada uma de suas tarefas. Perguntávamos então como tinha sido aquela atividade, se o sujeito tinha tido problemas, dificuldades, dúvidas, etc. e em que pontos.

Na **tradução**, por exemplo, a folha de instruções lida e entregue ao voluntário era a seguinte:

INSTRUÇÕES

Tradução: Espanhol → Português.

- 1) Você traduzirá uma receita da língua espanhola para a língua portuguesa. O texto tem aproximadamente duas laudas. A tradução será realizada num programa de edição de texto que apresentará uma janela dividida em duas partes.
- 2) Neste programa, o texto a ser traduzido será exibido apenas para leitura na parte superior da tela. A tradução deverá ser redigida na parte inferior.
- 3) Antes disso, você fará um teste de alguns minutos com uma notícia de jornal para familiarizar-se com o programa.
- 4) Para iniciar o trabalho, é necessário clicar com o mouse no botão onde se lê **“GO”** (localize-o pela imagem de uma **bandeira verde**). Depois disso, você verá o texto em espanhol aparecer na tela superior.
- 5) As **setas da barra de ferramentas** superior possibilitam que você se movimente pelos trechos do texto para leitura, isso significa que você pode voltar a ler fragmentos já apresentados ou percorrer o texto como um todo.
- 6) O computador que está utilizando lhe permite o acesso à Internet. Para abrir o navegador Internet Explorer, basta clicar no ícone com a letra “e” ( ).
- 7) Sempre que sentir necessidade, use o material de consulta disponível na mesa da sala.
- 8) Ao seu lado, você terá algumas folhas de papel em branco e uma caneta. Caso precise, você pode utilizá-los para fazer pequenas anotações. Por favor, não os utilize como rascunho da tarefa de tradução. Digite seu texto diretamente no computador.
- 9) Quando considerar terminado o texto, clique no botão vermelho ( ) onde se lê **“STOP”**, na barra de ferramentas superior, e chame imediatamente a pesquisadora para salvar o seu texto.

Obrigada!
Bruna

Quadro 16 – Instruções da tarefa de tradução

É importante ter em conta que, como explicitamos no item 6.2.1, a respeito das mudanças realizadas no projeto a partir do teste-piloto, a tradução era a primeira tarefa realizada pelos primeiros cinco sujeitos de cada grupo e a última realizada pelos outros cinco voluntários. Em termos práticos, as instruções não mudavam muito, exceto pelo ponto 3, a respeito da demonstração do *Translog*. Esse item aparecia sempre nas instruções da primeira tarefa executada, fosse ela a tradução, fosse ela a redação. Na tarefa de tradução, salientávamos que o texto que seria apresentado na parte superior deveria ser traduzido integralmente na parte inferior da tela (como demonstrado na figura 7 precedente).

Na tarefa de **redação**, a seguinte folha de instruções era lida e posteriormente entregue ao participante.

INSTRUÇÕES

Tarefa: elaboração do texto (receita) em língua PORTUGUESA.

- 1) Você recebeu algumas folhas com fotografias que ilustram uma receita passo a passo.
- 2) A partir desse material, você deverá escrever uma receita. Essa tarefa será realizada num programa de edição de texto que apresentará uma janela dividida em duas partes.
- 3) Para iniciar o trabalho, é necessário clicar com o mouse no botão onde se lê **“GO”** (imagem de uma **bandeira verde**). Depois disso, você verá um resumo destas instruções na parte superior da tela.
- 4) Observe a sequência numerada de fotos que aparecem nas folhas entregues separadamente e use as palavras indicadas acima de cada uma para redigir a receita completa na parte inferior da tela.
- 5) As **setas da barra de ferramentas** superior possibilitam que você se movimente pelos trechos do texto para leitura. Isso significa que você pode voltar a ler fragmentos já apresentados ou percorrer o texto como um todo.
- 6) O computador que está utilizando lhe permite o acesso à Internet. Para abrir o navegador Internet Explorer, basta clicar no ícone com a letra “e” ( ).
- 7) Sempre que sentir necessidade, use o material de consulta disponível na mesa da sala.
- 8) Além das folhas de papel com as ilustrações da receita, você terá disponível uma caneta, no caso de precisar realizar alguma anotação. Por favor, não os utilize como rascunho da tarefa de escrita, digite seu texto diretamente no computador.
- 9) Quando considerar terminado o trabalho, clique no botão vermelho onde se lê **“STOP”** ( ) , na barra de ferramentas superior, e chame imediatamente a pesquisadora para salvar o seu texto.

Obrigada!

Bruna

Quadro 17 – Instruções da tarefa de redação

Informávamos então o voluntário de que o conteúdo apresentado na parte de cima da tela do *Translog*, reproduzido a seguir, constituía um resumo daquelas instruções que estavam sendo lidas naquele momento e que ele deveria utilizar a sequência de figuras e palavras de orientação entregue em papel separadamente (quadro 13 acima) para escrever sua receita. Quando terminado o trabalho, o arquivo era salvo pela pesquisadora.

Figura 9 – Resumo das instruções da redação (*Translog*)

Na tarefa de **completar**, a folha de instruções era a seguinte:

INSTRUÇÕES

Tarefa: completar um texto em língua PORTUGUESA.

- 1) O modo de preparo da receita a seguir está incompleto.
- 2) Cada espaço em branco na receita está marcado com um número de (1) a (13).
- 3) A tarefa será realizada num programa de edição de texto que apresentará uma janela dividida em duas partes.
- 4) Na janela inferior, redija as palavras que usaria para preencher essa receita coerentemente, usando uma linha para o preenchimento de cada um dos espaços em branco, e indicando pelo número o espaço correspondente.
- 5) Para iniciar o trabalho, é necessário clicar com o mouse no botão onde se lê “GO” (imagem de uma **bandeira verde**). Depois disso, você verá um resumo destas instruções na parte superior da tela.
- 6) As **setas da barra de ferramentas** superior possibilitam que você se movimente pelos trechos do texto para leitura. Isso significa que você pode voltar a ler fragmentos já apresentados ou percorrer o texto como um todo.
- 7) O computador que está utilizando lhe permite o acesso à Internet. Para abrir o navegador Internet Explorer, basta clicar no ícone com a letra “e” (.
- 8) Sempre que sentir necessidade, use o material de consulta disponível na mesa da sala.
- 9) Além da folha com estas instruções e a receita para completar, você terá disponível uma caneta, no caso de precisar realizar alguma anotação. Por favor, não os utilize como rascunho. Digite seu texto diretamente no computador.

- 10) Quando considerar terminado o trabalho, clique no botão vermelho onde se lê “STOP” ( ), na barra de ferramentas superior, e chame imediatamente a pesquisadora para salvar o seu texto.

Obrigada!

Bruna

Quadro 18 – Instruções tarefa de complete

Na parte superior da tela nessa tarefa, aparecia tanto um resumo das instruções quanto o texto que deveria ser completado, como se observa abaixo.

Figura 10 – Resumo das instruções e texto da tarefa de complete (*Translog*)

Na atividade acima, também entregávamos ao voluntário o texto em papel que deveria ser completado. Tomamos essa decisão por acreditar que o fato de acompanhar o texto na tela poderia provocar alguma confusão nessa tarefa, no momento de preencher os correspondentes espaços assinalados, ainda que estes estivessem numerados.

Quando a última tarefa era concluída, começávamos a visualização dos arquivos .log salvos, a partir da função *Replay* do *Translog Supervisor* (Figura 11 abaixo). Decidimos que esse procedimento deveria ser feito somente ao final para que não houvesse influências sobre as demais produções, mesmo contando com a possibilidade de que alguns dados se perdessem com o lapso de tempo entre a execução da primeira

tarefa e a entrevista ao término da terceira e última. Os relatos eram realizados com base nessa visualização, a uma velocidade de 300% com relação à produção dos sujeitos.

Figura 11 – Visualização de dados da tradução de V10_L3

À direita, a função *Replay* apresenta o texto sendo digitado, à direita, a função *Linear representation*, as marcações gravadas pelo programa.

Durante essa etapa, questionávamos o participante sobre suas pausas, em especial, mas também sobre suas correções ou reformulações e ele as comentava. Também pedíamos que falasse sobre as dúvidas que tivera, problemas, dificuldades ou qualquer outro evento que lhe parecesse relevante, e que informasse como tinha resolvido essa determinada questão (caso resolvida), se tinha ficado insatisfeito com algo ou com alguma solução dada, e a que materiais ou fontes de consulta recorreu e em que tarefas. Durante os comentários, normalmente pausávamos a visualização e só prosseguíamos quando o sujeito finalizava sua fala. Em alguns momentos, voltávamos ao ponto onde havia terminado o último comentário e retomávamos a entrevista a partir daí.

Essa etapa era importante pois a mera marcação dos tempos de pausa não era suficiente para que soubéssemos a que ela se devia (se o sujeito estava relendo o texto, se tinha tido dúvidas com uma palavra, antes ou depois da pausa, ou com uma construção sintática, por exemplo). Com esse diálogo, muitas dessas marcações aportadas pelo *Translog* receberam uma justificativa e, embora essa “explicação” possa ter passado por

alguma reformulação por parte dos voluntários, constituem dados seguramente mais confiáveis do que nossas suposições pessoais a partir dos dados do *Translog*.

Em algumas situações, certos sujeitos não conseguiam se lembrar (ou, talvez, não quisessem explicitar) o motivo de suas pausas e/ou reformulações; noutros, elaboravam explicações extensas sobre as razões que os levaram a deter-se num determinado ponto, a reformular uma estrutura ou a realizar alguma substituição.

Ao término dos comentários gerais a respeito de cada uma das tarefas, voltávamos sobre as orações subordinadas que nos interessava observar. Na tarefa de **redação**, por exemplo, perguntávamos sobre essas estruturas principalmente quando havia alternância entre as escolhas de infinitivo e subjuntivo dentro do texto e sobre o que teria motivado essa oscilação. No caso da tarefa de **completar**, indagávamos os participantes sobre suas escolhas, em especial quando havia pausas mais longas, reformulações ou oscilação entre as escolhas de uma ou outra forma. Na **tradução**, a pesquisadora tinha consigo uma folha com o texto fonte impresso, na qual estavam assinaladas as orações subordinadas a serem examinadas. O sujeito era questionado a respeito da tradução dessas estruturas e se elas tinham sido de alguma maneira problemáticas para eles. Isso ocorreu mesmo quando não havia registro de pausa ou reformulação. Às vezes, voltávamos sobre explicações que os voluntários tinham formulado na entrevista, nessa ou em outras das atividades, para comprovar ou refutar as informações/justificativas dadas para a escolha de uma ou outra estrutura. Os trechos selecionados na tradução, sobre os quais colocamos atenção na entrevista, estão destacados no quadro abaixo:

Se pone en una olla grande agua **a hervir con bastante sal**, granos de pimienta, una hoja de laurel, una rama de tomillo y una cucharada de aceite de oliva.

Cuando hierva, se echan los langostinos y se dejan **hasta que el agua vuelva a hervir**.

Luego se vuelcan en un colador grande **para que escurran y se enfrien**.

Es aconsejable guardar el agua de los langostinos **para después cocer las verduras**.

Mientras tanto, se cortan y se lavan las judías y se ponen **a cocer en el agua que sobre de hervir los langostinos**.

Déjelas en el fuego unos quince minutos con la cacerola destapada **para que se queden “enteras”**.

Se escurren en un colador y se refrescan debajo del grifo con un chorro de agua fría **para que conserven un bonito color.**

Al final, **en cuanto la salsa ya esté bien hecha**, se puede añadir una cucharadita de zumo de limón **para que quede más suave.**

En cuanto esté preparada la mayonesa y el alioli, coja un plato grande o una fuente y añada una capa de mayonesa.

Ponga el alioli en un borde del plato **para que no se mezcle con el resto de los sabores**, porque está muy picante.

Quadro 19 – Pontos focalizados durante a entrevista (tarefa de tradução)

Ao final dessa etapa, entregávamos aos voluntários um questionário sobre a tarefa de tradução (quadro 20), que visava delinear as impressões gerais sobre essa atividade e sobre as concepções dos sujeitos sobre o gênero receita. Eles o preenchiam e, por último, assinavam uma autorização (quadro 21) para uso dos dados na pesquisa.

Questionário 2 – pós-tradução

1. Você já tinha traduzido alguma receita? Se sim, quando e com qual finalidade/para qual público?

2. Qual o seu interesse por essa área (cozinha, gosta de cozinhar, escreve receitas, coleciona-as, compra livros de culinária, troca receitas com amigos, acessa e/ou envia receitas para sites especializados)?

3. Na sua opinião, com relação ao grau de dificuldade, a tradução foi:

() Muito fácil () Fácil () Difícil () Muito difícil

Justifique sua resposta:

4. Quais foram as dificuldades encontradas? Como você as solucionou?

5. Usou alguma fonte de consulta? Qual(is) e em quais momentos?

6. Sentiu necessidade de utilizar algum material/fonte/recurso que não estivesse disponível no ambiente de tradução? Qual(is)?

7. Ficou insatisfeito com alguma solução dada para algum problema que surgiu durante a tarefa de tradução? Se sim, qual e por quê?

8. Na sua opinião, o que seria mais difícil na tradução de receitas e que materiais/recursos/fontes seriam necessários ou poderiam contribuir para a tradução na área de culinária?

Quadro 20 – Questionário 2 (pós-tradução)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Modernas – Área de Espanhol
Programa de Mestrado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana

AUTORIZAÇÃO

Eu _____
_____, RG n.º _____, autorizo o uso do questionário por mim respondido e dos textos e tradução por mim produzidos com o objetivo de constituírem *corpus* a ser utilizado exclusivamente para fins de pesquisa por professores e alunos de pós-graduação da Área de Espanhol desta Faculdade. Ciente de que meus dados pessoais serão mantidos em absoluto sigilo, assino a presente.

São Paulo, _____ de _____ de 2012.

Assinatura

Quadro 21 – Autorização para uso de dados

6.4 Pós-coleta

6.4.1 Procedimentos e transcrição das entrevistas

Uma vez terminada a coleta de dados com um voluntário, criávamos uma pasta identificada com o número a ele atribuído (que variava de V1 a V11) e salvávamos cada um dos arquivos gerados pelo *Translog*. Esses arquivos recebiam um nome e o número de identificação do voluntário. Assim, **escrita V2_TC** correspondia à tarefa de **escrita** do **segundo** voluntário do grupo de egressos de Tópicos Contrastivos.

Criávamos então um documento denominado **Comentários** (quadro 22 abaixo) no qual realizávamos apontamentos gerais sobre as tarefas do participante do estudo e indicávamos o uso de fontes de consulta, impressas ou não. Logo, extraíamos os dados do *Translog* relativos ao tempo gasto em cada uma das atividades e tomávamos nota das estruturas objeto de estudo, em um quadro construído nesse mesmo arquivo de comentários.

O tempo total da coleta foi de aproximadamente 1h30 hora (com entrevista). Não foi utilizado nenhum material de consulta disponível da sala (impresso), apenas a internet e dicionários online. Achou mais difícil traduzir, por desconhecer algumas palavras. Cozinha e conhece bem o gênero, segundo informa. Parece manifestar uma preocupação por adequar o texto à forma da receita brasileira, como com o uso de imperativos, por exemplo, e com adaptações de formas de dizer que, como indica, seriam diferentes e mais diretas em português. Além disso, disse que achou a tarefa de tradução mais complexa por requerer uma série de sinônimos para não deixar o texto muito repetitivo e para fazer com que parecesse uma receita brasileira.

Não traduz e não se dá conta da relação entre o título da receita e o nome do livro.

Na tradução (40:10):

En cuanto esté preparada – coloca “quando a maionese estiver preparada”. Inicialmente confunde com “enquanto”, mas percebe que não faz sentido e muda para “quando”.

Exceto no caso de “quando”, em que utilizou a forma com futuro do subjuntivo, e no segundo caso, nos demais manteve a forma do texto fonte. Há alguns erros de digitação, talvez motivados pelo texto fonte, como “girasol, consistencia”. Confunde “iniciantes” com “iniciados”.

Temporais	
<i>Quando/En cuanto</i>	
1	<i>Cuando hierva, se echan los langostinos</i> (Muda a estrutura)
2	En cuanto la salsa ya esté bien hecha Quando a consistência estiver boa
3	En cuanto esté preparada quando a maionese estiver preparada
<i>Hasta</i>	
4	Hasta que el agua vuelva a hervir Até que a água ferva novamente
Finais	
<i>Para</i>	
5	Para que escurran y se enfríen (Muda a estrutura)
6	Para que se queden “enteras” Para que fiquem inteiras
7	Para que conserven un bonito color Para que conservem a cor
8	Para que quede más suave Para que fique mais suave
9	Para que no se mezcle Para que os sabores não se misturem
A	
10	Se pone en una olla grande... a hervir Ferva em uma panela de água (muda a estrutura)
11	Se ponen a cocer Coloque-as para cozinhar

Na escrita (10:22):

Fez constatações interessantes, porque viu que “bater algo por 15 minutos” era muito tempo (a receita tinha sido manipulada, percebo, agora, e acabou ficando um pouco irreal a situação). Diz que não utilizaria as estruturas apontadas, mas outras. Além disso, quando mencionada “até que fique aerada” retoma com infinitivo, “até ficar aerada”, mas não faz isso no texto escrito. Na entrevista diz que na forma escrita não usaria a estrutura com infinitivo, mas na fala, foi a primeira estrutura que lhe veio à mente. Notar que há alguns erros potencialmente interessantes, como “enseguida” escrito junto (influência do espanhol?). No quadro 10, não utiliza a estrutura com “para”, nem a de “abrir o forno”. “Quando” não aparece.

2	Até que a clara fique firme
7	Para que a massa não fique muito líquida
8	Até que a massa fique aerada

No complete (07:33):

Diz que acha estranho “dica para cozinheiros iniciantes” e por isso muda para “novos cozinheiros”, mas mantém a estrutura na tradução. Essa é uma parte importante, porque ao mesmo tempo em que, em alguns casos com “até que” a voluntária diz que usaria “até + infinitivo”, como “até ficar cremoso”, em outros lugares, onde emprega o infinitivo, como em “até esfriar” diz que colocaria “até que esfrie” (não há uma coerência, as formas são aleatórias?). Não parece existir uma explicação exatamente, em alguns casos, parece ser orientada pelo verbo, por sua semântica, como é o caso de assar, em que diz não caber outra forma que não o infinitivo. Não há pausas nesses lugares devidas (ou explicadas) pelas preposições. Faz uma importante diferenciação entre a forma escrita e falada, diz que na fala jamais utilizaria a estrutura com subjuntivo. O fato de completar, parece, leva a que as formas sejam mais próximas, como ela explica, da forma com que seriam ditas e não necessariamente escritas. A ideia de que sejam as estruturas subjuntivas mais formais também aparece na fala da voluntária. Estas seriam

mais próprias da linguagem escrita, a seu ver. No caso de “até que fique derretido”, por exemplo, assinalou que a escritura com subjuntivo é mais clara do que a com infinitivo. Cinco estruturas com “até”, 3 com subjuntivo; cinco com “para” (1 não foi preenchida com verbo): apenas 1 com subjuntivo; três com “quando” (1 não foi preenchida com verbo): as outras 2 com futuro do subjuntivo.

1	Até que o creme fique
2	Para assar
3	Até que fique cremoso
4	Quando o creme
5	Até esfriar
6	Para cozinhar o amido
7	Para os novos cozinheiros
8	Até derreter
9	Quando for
10	Para dissolver o chocolate
11	Até fique derretido
12	Para que fique
13	Quando começar

Quadro 22 – Arquivo Comentários de V2_TC

Ao final, na pasta de cada voluntário, contávamos com os seguintes arquivos, tomados, a título de exemplo, do voluntário 1 de Língua Espanhola 3 (V1_L3):

	Nome do arquivo	Formato
1	Questionário 1 V1_L3	.doc
2	Comentários V1_L3	.doc
3	Entrevista V1_L3	.doc
4	Complete V1_L3	.log (arquivo com os códigos para trabalho em editor de texto)
5	Complete V1_L3	.txt (arquivo com o texto final visualizável)
6	Complete V1_L3	.rtf (arquivo com marcações de tempo, revisão, etc.)
7	Escrita V1_L3	.log (arquivo com os códigos para trabalho em editor de texto)
8	Escrita V1_L3	.txt (arquivo com o texto final visualizável)
9	Escrita V1_L3	.rtf (arquivo com marcações de tempo, revisão, etc.)
10	Tradução V1_L3	.log (arquivo com os códigos para trabalho em editor de texto)
11	Tradução V1_L3	.txt (arquivo com o texto final visualizável)
12	Tradução V1_L3	.rtf (arquivo com marcações de tempo, revisão, etc.)
13	Gravação V1_L3	.mp3 (arquivo de som)

Quadro 23 – Arquivos contidos na pasta de cada voluntário

Além desses arquivos eletrônicos, tínhamos também, de cada sujeito, o questionário sobre a tradução preenchido ao final da coleta e a autorização do uso de dados, ambos em papel.

Passávamos aí à transcrição das entrevistas. Estas não eram feitas com o rigor requerido nos estudos fonéticos, no que tange ao formato e marcas de transcrição, em razão

da finalidade de nosso estudo, mas eram levadas a cabo de forma bastante cuidadosa e detalhada, frase a frase. Alguns relatos, quando fugiam ao tema da pesquisa ou constituíam intervenções de terceiros (como interrupções, por exemplo, muito raras, mas existentes), não foram transcritos, apenas indicados. As entrevistas duravam, em média, quarenta minutos, para os quais levávamos cerca de cinco horas de transcrição. Durante essa fase, eram destacados todos os itens que considerávamos potencialmente importantes para o estudo, como demonstrado a seguir.

ESCRITA

(...)

[P] (...) Aqui, antes desse você também para um pouquinho, né? Nesse último.

[V7] É, eu acho que eu fiquei pensando se tinha que tirar da forma, acho que é isso. Porque na imagem tá fora da forma já.

[P] Uhum.

[V7] Eu acho que era isso que eu tava pensando.

[P] (...) Porque aí, “retire a forma do forno”.

[V7] É, eu acho que aí eu só reformulei porque eu achei que ficava melhor. Mas acho que ideia era a mesma.

[P] A mesma. Vamos ver se você muda alguma coisa aqui?

[V7] Ainda voltei lá.

[P] “Deixe esfriar e em seguida retire do forno”. (...) “Para crescer a massa”, aí você mudou pra “para deixar crescer a massa”

[V7] Eu achei que ficava menos feio do que “para deixar crescer a massa”. (...)

Quadro 24 – Trecho da entrevista (parte de redação do texto em português) de V7_L3

Assim, se fosse necessário, poderíamos localizá-los no próprio arquivo da transcrição, quando da análise propriamente dita, com mais facilidade. Anotávamos ou acrescentávamos ainda no arquivo de comentários os dados relevantes à pesquisa, como explicações sobre a seleção ou mudança de uma estrutura, por exemplo.

A tabela a seguir exprime, de forma conjunta, a totalidade de dados que compõem nosso *corpus*.

					TC	LE		TC e LE
NOME DOS ARQUIVOS/DOCUMENTOS	Questionário 1 (perfil)	FORMATO	.doc	QUANTIDADES POR GRUPO	10	10	SOMA DE MATERIAIS COLETADOS	20
	Comentários		.doc		10	10		20
	Entrevista		.doc		10	10		20
	Complete (códigos)		.log		10	10		20
	Complete (texto)		.txt		10	10		20
	Complete (marcações)		.rtf		10	10		20
	Escrita (códigos)		.log		10	10		20
	Escrita (texto)		.txt		10	10		20
	Escrita (marcações)		.rtf		10	10		20
	Tradução (códigos)		.log		10	10		20
	Tradução (texto)		.txt		10	10		20
	Tradução (marcações)		.rtf		10	10		20
	Gravação entrevista		.mp3		10	10		20
	Questionário 2 (tradução)		papel		10	10		20
	Autorização (uso de dados)		papel		10	10		20
TOTAL GERAL DE MATERIAIS COLETADOS								300

Tabela 8 – Síntese dos materiais válidos coletados

6.4.2 Problemas e observações relativos à coleta

No que diz respeito à etapa de **planejamento**, constatamos que o teste-piloto foi essencial para identificar alguns itens que puderam ser aperfeiçoados antes da coleta final, como foi o caso do texto para completar que, por resultar bastante artificial, teve de ser substituído. Essa decisão permitiu encontrar um texto que, sem ter que passar por mais que uma ou outra manipulação, atendia aos propósitos e superava, em abundância de estruturas, o texto inicial. Além disso, tinha a vantagem de permitir, por parte dos sujeitos, a escolha de distintos verbos.

As anotações realizadas ao longo da execução das tarefas, na etapa de **coleta**, também foram de grande ajuda porque possibilitaram, quando da transcrição, confirmar algumas informações dadas (ou omitidas) pelos sujeitos, além de incluírem-se novos dados.

O fato de não perguntarmos diretamente no início da entrevista sobre as estruturas objeto da pesquisa, ou seja, de verificar, com os sujeitos, toda a produção, suas pausas, correções, etc. para depois focarmos sobre essas orações também nos pareceu relevante, para que os sujeitos não tivessem tão claro aquilo que estávamos

observando e, com isso, evitando que direcionassem ou controlassem intencionalmente as informações as quais nos dariam ou não acesso nesse momento da entrevista. Acreditávamos que essa abordagem traria menor influência ou induziria em menor medida as respostas dos participantes.

Também merece destaque a transcrição feita imediatamente após cada encontro na fase de **pós-coleta**. A nosso ver, essa ação constituiu um passo crucial, pois fez com que importantes informações não se perdessem. Alguns dados não muito claros na gravação, por exemplo, puderam ser recuperados. Isso acontecia porque a entrevista ainda estava, no momento da transcrição, muito recente na memória da pesquisadora. Além disso, a transcrição nos permitiu constatar que houve problemas em dados de duas coletas. Na primeira coleta do grupo de Tópicos Contrastivos (V1_TC) verificamos que o final da entrevista não havia sido gravado, o que fez com que, a partir de então, passássemos a utilizar sempre mais de um aparelho para gravação. Na penúltima coleta do grupo Língua Espanhola 3 (V9_L3) verificamos que a voluntária comentou, por engano da pesquisadora no momento de seleção do arquivo, um texto que não havia sido produzido por ela, mas por outra pessoa, sem que nem a participante, nem a pesquisadora tivessem se dado conta do erro. Em ambos os casos, só foi possível contornar os problemas, com a realização de novas coletas com outros sujeitos, devido ao curto espaço de tempo entre a coleta e a transcrição.

Cabe assinalar, também, que detectamos algumas falhas no método, a partir dos comentários feitos pelos voluntários, principalmente com relação ao material para redigir a receita. Algumas imagens (n.º 4, por exemplo) não deixavam claro o que estava acontecendo naquele ponto da receita: se ao acrescentar o ingrediente dever-se-ia desligar a batedeira ou continuar batendo a massa. Questões como essa, porém, não tiveram interferência a ponto de inviabilizar a redação desse texto embora, é certo, pudessem repercutir no seu produto final, de modo que não culminasse na elaboração do prato, se alguém tentasse fazê-lo.

CAPÍTULO VII

ANÁLISE DOS DADOS

Iniciaremos este capítulo analisando por meio do *corpus* de receitas coletadas em *sites* da internet como as orações subordinadas adverbiais temporais com “*cuando/quando*” e “*hasta/até*” e as finais com “*para/para*” ocorrem no gênero receita em português e em espanhol. Essa comparação inicial constituirá um passo importante para que, na segunda parte do capítulo, ao cotejar esses dados com os do *corpus* de aprendizes, possamos observar se há coincidência(s) e disparidade(s) entre as escolhas feitas por eles, em cada uma das atividades, e o que efetivamente havíamos observado no *corpus* de receitas originalmente escritas em português. Complementando os dados de produto tradutório com os de processo (como as pausas, as entrevistas, etc.) e observando correlações entre eles, será possível discutir desses dois pontos de vista se está presente o fenômeno da interferência e se ela é ou pode ser decorrente da não percepção dos contrastes na distribuição de usos de infinitivos e subjuntivos em cada uma das línguas nas orações subordinadas temporais e finais no gênero em questão.

7.1 Análise do *corpus* de receitas coletadas da internet

Para analisar as orações subordinadas no *corpus* de receitas em língua espanhola e portuguesa utilizamos a ferramenta *Concord* do *WordSmith Tools*. Nossas palavras de busca foram, para o espanhol, “*cuando*”, “*hasta*” e “*para*” e, para o português, “*quando*”, “*até*” e “*para*”. Não realizamos especiais seleções do tipo de concordância a ser apresentada. Interessava-nos, num primeiro momento, verificar como essas palavras de busca apareceriam para, a partir daí, extrair aqueles exemplos que consistiam em orações. A figura a seguir demonstra como, depois de introduzido o termo de interesse, nesse caso, o nexos “*cuando*”, eram apresentadas as linhas de concordância nessas buscas iniciais.

Concord

File

Edit

View

Compute

Settings

Windows

Help

N	Concordance	Set	Tag	Word	#	Sen	Sen	Para	Para	lead	lead	Sec	Sec	File	%
1	mundo. Yo os diría que a partir de 25 minutos vayáis comprobando. Quando el palillo con que pinchéis salga húmedo pero sin masa			Quando	475	2814%	039%			039%	dc01_EE_AC.txt			89%	
2	4. Montar las claras con una pizca de sal, vl. 3 ½ durante 5 m. quando empiecen a montar, añadid 100 gr. de azúcar por el brocal sin			quando	132	333%	036%			036%	dc01_EE_CA.txt			42%	
3	azúcar y la mantequilla y programamos 10 minutos 90º velocidad 1. Quando termine, servimos en los recipientes, en este caso una fuente			Quando	114	3 9%	031%			031%	dc01_EE_CO.txt			84%	
4	de cereza negra a calentar a fuego medio, sin que llegue a hervir. quando esté caliente le añadéis la mantequilla cortada en trozos y lo			quando	315	1048%	042%			042%	dc01_EE_CR.txt			45%	
5	lo vayáis a servir, así se conservará mejor y estará estupenda para quando la sirvas. ¡Espero que os guste amigo@sl Ralu			quando	735	2534%	039%			039%	dc01_EE_CR.txt			98%	
6	el azúcar. Programar 6 minutos. Temperatura 37°. Velocidad 3 y 1/2. Quando termine volver a programar 6 minutos, la misma velocidad y			Quando	148	913%	036%			036%	dc01_EE_DS.txt			44%	
7	dos cucharillas, formamos bolitas que iremos echando en la sartén quando esté el aceite caliente. No echéis muchas ya que se			quando	289	1030%	073%			073%	dc01_EE_EA.txt			74%	
8	otro "perezooso" que nos tocará ayudarle para que no se nos queme. Quando veamos que ya están bien fritos, sacamos sobre papel			Quando	333	1417%	034%			034%	dc01_EE_EA.txt			84%	
9	sellado. Lo espolvoreáis con azúcar por encima, se mete al horno y quando veáis que el hojaldre está doradillo y guapo, es que está.			quando	207	1054%	035%			035%	dc01_EE_FC.txt			94%	
10	, hasta el día siguiente. La harina se hidratará bien, sucederá como quando dejamos reposar la masa de las crepes. Antes de hornear las			quando	161	556%	056%			056%	dc01_EE_GC.txt			61%	
11	tres cuartas partes de las cápsulas y espolvorea un poco de azúcar, quando las introduzcáis en el horno, baja la temperatura a 210º C.			quando	253	958%	038%			038%	dc01_EE_GC.txt			87%	
12	con unos trozos de cáscara de limón y una rama de canela. Quando empiece a hervir, incorpora el arroz, baja el fuego y cuécelo			Quando	93	212%	036%			036%	dc01_EE_HU.txt			46%	
13	los tiempos son orientativos, cada horno va por libre....Eso sí, retirad quando el centro de la tarta todavía esté algo "tembleque" al enfriar			quando	198	824%	051%			051%	dc01_EE_LE.txt			55%	
14	la salsa de cerezas. En el horno, el relleno subirá como un soufflé. Quando la retiremos y a medida que vaya enfriando, se desinflará.			Quando	246	1217%	053%			053%	dc01_EE_LE.txt			67%	
15	de las manzanas salteadas. Retirar del fuego y depositar en un bol. Quando enfríe, extraer la rama de vainilla y colocar este relleno en el			Quando	257	8 8%	051%			051%	dc01_EE_MB.txt			65%	
16	no se debe hacer demasiado ya que luego la volveremos a hornear. Quando ya está lista con el crumbed terminará de coger color.			Quando	409	1417%	037%			037%	dc01_EE_MB.txt			97%	
17	azúcar, la canela, la ralladura de limón y las 6 yemas de los huevos. Quando esté todo bien mezclado vamos incorporando la harina poco			quando	119	5 7%	049%			049%	dc01_EE_MG.txt			58%	
18	/#more-3014 14.11.2011 Brownie rubio Quando vi la iniciativa del Pintxo de #eldiadelbrownie me pareció una			Quando	11	028%	0 3%			0 3%	dc01_EE_MP.txt			13%	
19	a calentar en una cazuela a fuego bajo durante unos 5 minutos. Quando esté caliente (sin que hierva, solo caliente) añadimos el			Quando	369	16 7%	041%			041%	dc01_EE_RR.txt			45%	
20	espumosa. 03. Ponemos el horno a calentar a 180ºC, para que quando metamos la tarta la temperatura este uniforme. 04. Cuando el			quando	461	2053%	051%			051%	dc01_EE_RR.txt			55%	
21	, para que cuando metamos la tarta la temperatura este uniforme. 04. Quando el chocolate se haya fundido con la nata apagamos el fuego			Quando	470	2117%	052%			052%	dc01_EE_RR.txt			56%	
22	poco más, aún así utiliza el truco del tenedor). Pinchamos la tarta y quando salga limpio la tarta ya está. 07. Si la tarta sube no os			quando	639	2850%	071%			071%	dc01_EE_RR.txt			73%	
23	sartén con un chorrito de aceite de oliva virgen extra Love Picual y quando empiecen a dorar retiramos a un plato. 02. Untamos la			quando	735	3277%	031%			031%	dc01_EE_RR.txt			82%	
24	de limón). Colar el preparado y dejar enfriar revolviendo de vez en quando . Después, agregar 300 cc de crema de leche batida y, por			quando	151	330%	030%			030%	dc01_EE_TE.txt			69%	
25	que estén duras. Rociar el bizcocho con almibar y licor de café. Quando la crema esté dura, pasar el fondo del molde por un poco de			quando	193	711%	077%			077%	dc01_EE_TE.txt			81%	
26	es posible fijar en los conventos andaluces del siglo XVII. quando en ellos se desarrollaba los más florido de la repostería			quando	43	030%	018%			018%	dc01_EE_VP.txt			25%	
27	. Mantenemos el hervor durante 2 minutos, retiramos del fuego y quando deje de hervir lo ponemos de nuevo al fuego hasta que hierva			quando	316	1346%	058%			058%	dc02_EE_AC.txt			63%	
28	de crema, (si se hace en thermomix, 5 m. vl. 3 ½ temp. 37º y quando acabe, otros 5 m. misma vl. Pero sin temp.) Añadid el			quando	131	138%	043%			043%	dc02_EE_CA.txt			49%	
29	mantita y lo dejamos durante 2 horas hasta que doble de su volumen. Quando ha pasado este tiempo cogemos la bandeja de horno, la			Quando	375	1310%	031%			031%	dc02_EE_CC.txt			81%	
30	los colores para que quede bonito. Precautamos el horno a 190º y quando ha alcanzado esta temperatura introducimos el roscón y lo			quando	440	1627%	035%			035%	dc02_EE_CC.txt			94%	
31	ase namuafael u a la naiera, ne cará rññl nara nñcalatñe hñzcochñe quando handñe un nactal. Yo suela colar al almibar de colar quando			quando	167	642%	034%			034%	dc02_EE_FF.txt			86%	

concordance

collocates

plot

patterns

clusters

filenames

follow up

source text

notes

1042
16.02.2017

Figura 12 – Resultados do Concord para “quando” em língua espanhola

Depois de obtidas as linhas de concordância, empreendíamos uma análise caso a caso. Para classificar as orações, elaboramos uma planilha em Excel (como se vê na figura 13 a seguir), com os seguintes filtros: **Nº** (para indicar a quantidade de exemplos), **linha** (para a localização das linhas de concordância se fosse necessário recorrer ao *corpus* novamente), **TF** (para o código de identificação do texto fonte), **MudSuj** (para marcar se havia ou não mudança de sujeito na oração subordinada com relação à principal), **Núm sujeito da principal** (para assinalar se o sujeito da oração principal estava no singular ou no plural), **Núm sujeito da subordinada** (para assinalar se o sujeito da subordinada estava no singular ou no plural), **Infin Sub** e **Subj Sub** (para marcar o verbo da oração subordinada como infinitivo ou subjuntivo) e, na coluna final, **1ª PL, IM, SE, IN** (para a indicação de como o verbo da oração principal aparecia, se em primeira pessoa do plural (PL), imperativo (IM), passiva (SE) ou infinitivo (IN)).

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N
	N.º	Linha	TF	Sim	Não	Amb	N.º sujeito da Princ	N.º sujeito da Subor	Infim Sub	Subj Sub	1ª PL/IM/SE/IN			
2	1	1	dc01_EE_AC	1				1	1		1	PL		
3	2	2	dc01_EE_AC		1			1		1	1	PL		
4	3	3	dc01_EE_AC	1				1	1			1	PL	
5	4	4	dc01_EE_AC	1			1		1		1	PL		
6	5	5	dc01_EE_AR	1				1	1			1	PL	
7	6	6	dc01_EE_AR	1				1		1		1	PL	
8	7	7	dc01_EE_AR	1				1	1			1	PL	
9	8	8	dc01_EE_CA		1			1		1		1	IN	
10	9	9	dc01_EE_CA	1			1		1			1	IN	
11	10	10	dc01_EE_CC	1				1		1		1	PL	
12	11	11	dc01_EE_CD	1				1	1			1	PL	
13	12	12	dc01_EE_CR	1			1		1			1	IM	
14	13	13	dc01_EE_CR	1			1			1		1	IM	
15	14	14	dc01_EE_CR	1			1		1			1	IM	
16	15	15	dc01_EE_CR		1		1		1		1	IM		
17	16	16	dc01_EE_CR		1		1		1		1	IM		
18	17	17	dc01_EE_CR		1		1		1		1	IM		
19	18	18	dc01_EE_CR		1		1		1		1	IM		

Figura 13 – Planilha de classificação das orações subordinadas temporais com “hasta”

Essas divisões na planilha nos permitiam focalizar determinadas informações e, especialmente, se havia ou não mudança de sujeito entre uma e outra oração. Os filtros nos possibilitavam distintas combinações de pesquisa, segundo o critério que se desejava observar. Por exemplo, podíamos separar apenas os casos com mudança de sujeito em que o sujeito da oração subordinada estava no singular e o verbo em infinitivo, como no fragmento da planilha a seguir (figura 14), referente à temporal “até”.

	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R
	N.º	Linha	TF	MudSuj	N.º sujeito da Princ	N.º sujeito da Subor	Infim Sub	Subj Sub	1ª IM/I								
14	15	dc01_PB_CP	1		1		1	1					IM				
23	24	dc01_PB_DE	1		1		1	1					IM				
26	27	dc01_PB_GN	1		1		1	1					IM				
27	28	dc01_PB_GN	1		1		1	1					IM				
30	32	dc01_PB_HD	1		1		1	1					IM				
34	36	dc01_PB_MA	1		1		1	1					IN				
36	38	dc01_PB_MA	1		1		1	1					IN				
39	42	dc01_PB_MN	1		1		1	1					IM				
43	46	dc01_PB_MR	1		1		1	1					IM				
46	49	dc01_PB_MV	1		1		1	1					IM				
48	51	dc01_PB_MX	1		1		1	1					IM				
49	52	dc01_PB_MX	1		1		1	1					IM				
55	59	dc01_PB_NW	1		1		1	1					IM				
56	60	dc01_PB_NW	1		1		1	1					IM				
58	62	dc01_PB_PA	1		1		1	1					IM				
61	66	dc01_PB_PV	1		1		1	1					IM				
62	67	dc01_PB_PV	1		1		1	1					IM				
63	68	dc01_PB_RD	1		1		1	1					IN				
64	69	dc01_PB_RL	1		1		1	1					IM				
65	70	dc01_PB_RL	1		1		1	1					IM				

Figura 14 – Planilha de classificação das orações subordinadas temporais com “até” com aplicação de filtros

Embora o *WordSmith* nos apresentasse a distribuição da palavra de busca ao longo do *corpus* – em *collocates*, por exemplo, com a contagem de ocorrências no total de textos e em *plots* dentro de cada texto –, esse número nem sempre respondia exatamente às orações pesquisadas. A aplicação de um filtro como TF nos permitia obter, se fosse necessário, não só o código referente ao texto da subordinada em análise, mas quantas vezes esse tipo de oração aparecia dentro de um mesmo texto, por exemplo. Filtros como SE, por outro lado, nos possibilitavam selecionar apenas aqueles casos que apresentavam, na oração principal, verbos em passiva. Como se observará mais adiante, essa era uma informação importante, já que determinadas construções, como passivas presentes na oração principal, mostrariam ter influência decisiva sobre os usos encontrados na subordinada.

Apresentamos a seguir um exame detalhado das orações do *corpus* de receitas escritas. Na sequência, deter-nos-emos em alguns dos pontos de maior relevância na comparação das estruturas em cada uma das línguas.

7.1.1 Descrição das orações encontradas no *corpus* de receitas escritas

Quando

No *corpus* de receitas em língua portuguesa, as orações com “quando” orientadas ao futuro apresentam apenas verbos no futuro do subjuntivo, exemplos (1) e (2). Em 948 receitas houve 276 entradas com “quando”. Desse total de ocorrências, 205 (74%) referiam-se a orações do tipo estudado e estavam presentes em 157 (16%) textos.

(1) (sl10_PB_VE) **Quando estiver fervendo [a água]**, incorpore a farinha de trigo.

(2) (dc03_PB_DD) **Quando for servir**, coloque o panetone no prato, decore (...) com a calda de caramelo.

Cuando

No *corpus* de receitas em língua espanhola, as orações temporais com “cuando” com projeção futura estavam sempre acompanhadas de verbos no presente do subjuntivo, exemplos (3) e (4). Embora o futuro do subjuntivo exista também em espanhol, trata-se de um uso arcaico: em textos atuais, seu emprego restringe-se a alguns contextos bastante específicos, em geral formulaicos, tais como o jurídico, os

ditos populares, etc. Em 620 receitas, encontramos 627 entradas com “*cuando*”. Dessas, 424 (67%) correspondiam a orações temporais e estavam distribuídas em 249 (40%) textos.

(3) (sl02_EE_AR) *Cuando esté caliente [la manteca], rehogar la cebolla picada.*

(4) (dc01_EE_EA) *Cuando veamos que ya están bien fritos [los buñuelos], sacamos sobre papel absorbente.*

Até

As sentenças com “até” em língua portuguesa apresentam na oração subordinada verbos no presente do subjuntivo (precedidos de “que”) e no infinitivo. Em 948 receitas, houve 1371 entradas com “até”. Desse total, 1242 (90% das ocorrências) apresentavam orações do tipo estudado, e constavam em 672 (49% dos) textos.

Nas receitas em português, quando há correspondência entre os sujeitos sintáticos das orações principal e subordinada, costuma aparecer o verbo em infinitivo na subordinada (5) e (6). No caso de não coincidência entre os sujeitos, encontramos duas formas: a) o uso da preposição “até” seguida de “que” e verbo no presente do subjuntivo (7); b) o uso de “até” e um verbo em infinitivo (8). O infinitivo, nesse tipo de construção não correferencial, parece ver-se reforçado em língua portuguesa, em comparação com a língua espanhola, justamente pela possibilidade de realizar a concordância com o sujeito da sentença por meio da flexão de infinitivo (9).

Orações com sujeitos correferenciais

(5) (dc10_PB_MV) Espirre o suco de limão sobre a calda e bata com a colher de pau, de preferência de fora para dentro, **até obter uma pasta branca e macia.**

(6) (dc10_PB_MV) Bata tudo no liquidificador **até conseguir um caldo homogêneo.**

Orações com sujeitos não correferenciais

(7) (dc01_PB_MR) Leve ao forno pré-aquecido (alto), em banho-maria, por 1 ½ hora, ou **até que a abóbora esteja macia.**

(8) (dc07_PB_MN) Misture o recheio **até ficar firme.**

(9) (dc01_PB_SA) Triture as nozes e amêndoas **até formarem uma farinha.**

Como vimos no Capítulo III, essa descrição constitui o modelo canônico de estruturação dessas subordinadas temporais com “até”. Em nosso *corpus*, 880 (70% do total de) orações correspondem a esse perfil “regular”. Nelas, 200 (16%) referem-se a estruturas com correferência entre os sujeitos das duas orações e 680 (54%) a orações com mudança de sujeito. Todos os casos de identidade entre os sujeitos sintáticos, excetuando-se o indicado no item (10) a seguir, apresentavam nas orações subordinadas verbos com infinitivo. Nos casos não correferenciais, por sua vez, 435 (35%) apresentavam verbos com infinitivo e 245 (19%) com subjuntivo. Dentre essas mesmas 680 não correferenciais, havia sujeito plural na subordinada em 105 casos (8,5% no total de 1242): em 59 (4,7% de 1242; 56% das 105) delas ocorria infinitivo flexionado e em 46 (3,7% de 1242; 44% das 105) presente do subjuntivo plural. Não houve casos de não correferenciais com sujeito plural da subordinada em infinitivo nos quais o infinitivo não estivesse flexionado. De acordo com esses dados, seria possível dizer que o emprego de infinitivo nos exemplos canônicos das temporais com “até” é predominante inclusive quando há mudança de sujeito sintático.

Há alguns casos que não se encaixam nessas regras. É o que destacamos a seguir.

Subjuntivo na subordinada com sujeitos correferenciais

Encontramos apenas um caso (menos de 0,1% do total de orações) em que, apesar de haver coincidência entre os sujeitos da oração principal e da subordinada, o verbo aparecia em presente de subjuntivo.

(10) (sl09_PB_MM) Faça o mesmo processo **até que termine com a camada de pão.**

O uso de subjuntivo na oração correferencial é apresentado nas gramáticas que consultamos como possível em construções com verbo principal modalizado (vide Capítulo III) e, de acordo com elas, pode ser explicado pela expressão de eventualidade inerente a esse modo. Entretanto, parece constituir uma grande exceção em português no gênero receita, já que em 94% das temporais com “até” (todas com imperativo ou valor imperativo na principal), esse tipo de construção só foi observado uma única vez.

Casos ambíguos

Desde o início de nossa classificação começamos a perceber que muitos dos casos analisados, que apresentam verbos no infinitivo na oração subordinada, não nos possibilitavam uma clara identificação com relação ao seu sujeito, ou seja, era difícil saber exatamente qual sintagma nominal exercia controle ou era o agente do verbo da oração subordinada. Em geral, configuravam-se duas possibilidades de classificação do sujeito da subordinada: 1ª) que esse controle fosse exercido pelo mesmo sujeito da oração principal (normalmente aquela **pessoa** que prepararia a receita); 2ª) que o controle fosse exercido por outro elemento (normalmente um **ingrediente** da receita, em geral o objeto direto da oração principal).

Como forma de testar se o verbo da oração subordinada não tinha um único sujeito sintático possível, realizamos algumas operações de comutação.

i) Comutávamos o ingrediente que supúnhamos poder funcionar como sujeito da subordinada e verificávamos se o verbo poderia concordar com ele de modo percebido como gramatical e coerente semanticamente, fosse mediante um infinitivo flexionado, fosse por meio de "que" + subjuntivo plural, como em “Frite [o bolinho] até dourar” > “Frite [os bolinhos] até **dourarem**” ou “Frite [os bolinhos] até que **dourem**”. Se o verbo pudesse levar um sujeito plural, ou seja, se fosse possível a concordância sujeito plural/flexão verbal, então o sujeito do verbo poderia ser outro que não o da oração principal (normalmente, a pessoa que prepara a receita, como nos exemplos).

ii) Utilizávamos, na oração subordinada, um pronome de objeto direto que retomasse o ingrediente da oração principal, para confirmar se o verbo da subordinada poderia ter o mesmo sujeito da principal (a pessoa que prepara a receita): “Frite o bolinho até **assá-lo**”.

Percebemos que, em muitos dos casos de dúvida, os dois tipos de comutação eram igualmente aceitáveis, resultando na produção de sentenças gramaticais e coerentes em português. A ambiguidade nessas construções parecia dever-se tanto a características semânticas quanto sintáticas. Isso acontecia porque, semanticamente, verbos como “dourar” e “assar”, como nos casos acima, admitiriam sujeitos animados ativos (a pessoa que frita os bolinhos atua sobre eles de forma a dourá-los) e sujeitos inanimados que passavam por uma transformação (os bolinhos é que "se" douram). Sintaticamente, construções com a sintaxe “até + infinitivo” na subordinada não nos

permitiriam supor, sempre, que existe correspondência entre os sujeitos das duas orações, tal como ficou claro pelos exemplos (8) e (9) precedentes.

Com a aplicação dos referidos testes de comutação e, principalmente, em razão do comportamento dos verbos analisados, começamos a duvidar de alguns critérios que chegaram a ser empregados, num primeiro momento da classificação, por aparentemente poderem desambiguar o sujeito. Um deles dizia respeito a posição pós-verbal do sintagma nominal (SN) na oração subordinada, como em (11) e (12).

(11) (sl10_PB_CN) Mexa [tudo] até derreter **o queijo**.

(12) (dc03_PB_NE) Deixe ferver até dissolver **os torrões de açúcar**.

Nos casos acima, o SN (o queijo/os torrões de açúcar) parecia restringir que esse elemento fosse o sujeito sintático da subordinada. Neles, haveria um sujeito [+humano] que realiza a ação expressa na oração principal de “mexer/deixar ferver” e que “derrete o queijo/dissolve os torrões de açúcar”. Esse parâmetro, contudo, nem sempre se mostrava válido. Orações como (11), por exemplo, podiam ser reformuladas como (13), em que “o queijo” pode ocupar a função de sujeito da subordinada:

(13) (sl10_PB_CN) Mexa [tudo] até **o queijo** derreter.

Passamos então a supor que, mesmo em casos como (11) e (12), verbos que apresentassem um funcionamento análogo aos dois anteriores podiam ser considerados semanticamente ambíguos quanto ao seu sujeito, pois: (i) alguém poderia derreter **o queijo** (e, nesse caso, “o queijo” ocuparia a posição de complemento do verbo) e (ii) **o queijo** poderia derreter (e assim “o queijo” teria a função de sujeito verbal). Seria possível questionar a necessidade do pronome “se” para que “o queijo” fosse sujeito em (ii) (até que **se** derreta o queijo). Entretanto, segundo verificado em nosso *corpus*, o emprego desse pronome parece ser bastante raro no gênero, já que não houve, com as temporais, nenhuma ocorrência (o que talvez aconteça em geral no português brasileiro atual, segundo sugere o uso mais frequente de construções como “a porta fechou” em lugar de “a porta se fechou”).

O mais interessante de exemplos como (11) e (13) é que, embora possamos concluir que “o queijo” em posição pré-verbal em (13) cumpre a função de sujeito sintático, não parecia possível dizer categoricamente que em (11) não pudesse sê-lo,

apesar de sua interpretação como objeto direto ser ainda a mais imediata. Isso parece ocorrer porque verbos como “derreter”, que são transitivos em essência e supõem um sujeito agente e um objeto direto, podem ter uma construção inacusativa, na qual o sujeito sintático está presente, “o queijo”, mas o seu papel temático não é o de agente. Em (13), “o queijo” aparece na função de tema²⁰, como um argumento que se projeta para a posição de sujeito sintático, mas que, na verdade, sofre a ação. Assim, se considerarmos uma interpretação inacusativa para o verbo “derreter” em (11), a posição pós-verbal de “o queijo” não impediria que este elemento fosse o sujeito sintático da oração subordinada porque, enquanto tema, seria justamente essa a posição mais esperada para sua realização na sentença.

Comportamento semelhante encontramos em 357 (29,4%) orações com “até” em nosso *corpus*. Nelas encontramos verbos transitivos como “dar”; e transitivos/ inacusativos, como “dourar”, “engrossar”, “ferver”, “dissolver”, “derreter”, “gratinar”, “aquecer”, “congelar”, “formar”, “endurecer”, “reduzir”, “gratinar”, “aquecer”, etc. Alguns desses exemplos em que a identificação do sujeito era ambígua são colocados a seguir:

(14) (dc08_PB_MU) Leve [a mistura] à geladeira **até dar o ponto**.

(15) (dc01_PB_GN) Em um recipiente junte o fermento, o leite, o açúcar, 1 kg de farinha de trigo e misture bem **até dissolver o fermento**.

(16) (dc01_PB_AS) Leve [a mistura] ao fogo mexendo sempre **até ferver**.

(17) (dc07_PB_MD) Deixe a calda no fogo **até engrossar**.

(18) (dc07_PB_MD) Leve ao freezer **até congelar**.

(19) (dc02_PB_MV) Bata bem **até formar uma mistura homogênea**.

(20) (sl01_PB_CR) Misture os queijos, distribua sobre a abobrinha e leve ao forno médio, preaquecido, por 20 minutos ou **até gratinar e derreter o queijo**.

Tomemos, aleatoriamente, o exemplo (16), em que podemos entender: **i)** que o mesmo sujeito que “leva a mistura ao fogo” também “ferve” essa mistura e, nesse caso, o verbo seria transitivo; ou **ii)** que é a “mistura que ferve” e, nesse caso, o verbo seria inacusativo. Casos como esse, em que o possível sujeito da subordinada (o objeto direto

²⁰ Não empregamos o termo “tema” como oposto a “rema”, mas como o nome de um papel semântico (ou papel temático) que designa a interpretação semântica de um sintagma nominal.

da oração principal) não está explicitado na subordinada talvez possam favorecer a interpretação da construção como ambígua. Mesmo que entendêssemos que há coincidência entre os sujeitos sintáticos das duas orações, como em (i), o elemento que ocupa a posição de objeto direto na oração principal, “a mistura”, não volta a ser explicitado na oração subordinada, teríamos então na subordinada um verbo transitivo “ferver”, mas apenas a posição de agente ocupada (= ao do verbo “levar”), mas a posição de objeto é nula.

Outros casos

Observamos que em quatro casos (menos de 0,5%) em que havia mudança de sujeito na oração subordinada o verbo em infinitivo não concordava com aquele elemento que parecia exercer o controle sobre o evento expresso na subordinada.

(21) (dc02_PB_MD) Distribua [a gelatina] em taças individuais e leve-as à geladeira **até se firmar**.

(22) (dc06_PB_PM) Levar os ingredientes ao fogo **até abrir fervura**.

(23) (dc04_PB_MA) Bata os ovos na batedeira **até dobrar de volume**.

(24) (sl06_PB_RS) Pique os pimentões e deixe cozinhar **até amolecer e o caldo engrossar**.

Em (21), por exemplo, apesar de o verbo “firmar” aparecer com o pronome “se”, não se verifica a concordância com o provável sujeito sintático “as taças”. Isso pode ocorrer porque, semanticamente, “as taças” não podem “firmar-se”, mas sim o seu conteúdo, nesse caso, “a gelatina”. Mas esse elemento só pode ser recuperado pelo contexto.

Em (22) verificamos que o objeto direto da oração principal, “os ingredientes” parecia ocupar o papel de sujeito da oração subordinada “até abrir fervura”. Entretanto, a concordância com o plural não se produz. O mesmo pode ser dito com relação ao exemplo (23), com o verbo “dobrar” e o sujeito “os ovos”.

Em (24), embora pudéssemos considerar a existência de correlação com o sujeito da sentença principal (o mesmo do verbo em imperativo “pique”), existe a possibilidade de que esse verbo transitivo atue como inacusativo, ou seja, que seu sujeito sintático seja “os pimentões” [-humano], objeto direto da principal. Essa segunda interpretação parece ser mais provável pelo contexto (“os pimentões amolecem” seria

mais lógico do que “a pessoa amolece os pimentões”). Contudo, a concordância mediante a flexão plural do infinitivo, uma vez mais, não se constata.

A tabela a seguir resume, em porcentagens, os dados encontrados para a temporal com “até” no *corpus*.

		INFINITIVO		SUBJUNTIVO		TOTAL
		SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL	
CASOS CANÔNICOS	COR	16%				16%
		16%				
	NCOR	31%	4%	16%	3%	54%
		35%		19%		
Total CO + NCO		51%		19%		70%
						0,1%
SUBJUNTIVO EM ORAÇÕES CORREFERENCIAIS	COR			0,1%		
				0,1%		
Total				0,1%		
						29,4%
AMBÍGUOS		29,4%				
Total		29,4%				
						0,5%
OUTROS		0,5%				
Total		0,5%				
						100%

COR = sujeitos correferenciais; NCOR = sujeitos não correferenciais

Tabela 9 – Distribuição de infinitivos e subjuntivos nas orações temporais com “até”.

Hasta

As orações com “*hasta*” apresentam, nas subordinadas em língua espanhola, verbos tanto no presente do subjuntivo como no infinitivo. Em 620 receitas, encontramos 870 entradas com “*hasta*”, das quais 768 (89% do total) eram orações temporais. Estas estavam distribuídas em 396 (63% do total de) textos.

Como havíamos apontado antes para essas orações temporais (Capítulo III), parece ser regra geral que a coincidência entre os sujeitos das sentenças seja marcada pela preposição “*hasta*” seguida de infinitivo e a mudança de sujeito por “*hasta que*” e um verbo no presente do subjuntivo.

Partindo dessa definição canônica para a distribuição de subjuntivo e infinitivo, encontramos 142 (18,5%) casos em que havia correferencialidade e, portanto, o uso de

infinitivo na subordinada, como em (25) e (26); 546 (71,06%) em que os sujeitos das orações principal e subordinada não são correferenciais, como nos exemplos (27) a (30) abaixo, todos com verbo no subjuntivo. Observamos que, à semelhança das temporais com “até” em português, as orações com “*hasta*” em espanhol também apresentam mudança de sujeito na maior parte dos casos. Entretanto, diferentemente do observado no *corpus* em língua portuguesa, a língua espanhola apresenta maior rigidez no que diz respeito aos usos de infinitivo e subjuntivo, já que em todos os casos de mudança de sujeito ocorre subjuntivo na oração subordinada.

Orações com sujeitos correferenciais

(25) (dc02_EE_FC) *Removemos bien **hasta hacer una especie de pasta consistente.***

(26) (sl07_EE_MA) *Emulsionar el ajo y el aceite con la leche de piñones a hilo **hasta obtener la consistencia deseada.***

Orações com sujeitos não correferenciais

(27) (dc01_EE_RM) *La esparcimos [la mezcla] **hasta que cubra todo el fondo.***

(28) (dc06_EE_EC) *Moverlo [el chocolate] suave **hasta que se derrita.***

(29) (dc09_EE_DS) *Mezclar por último la mantequilla **hasta que quede bien integrada.***

(30) (sl08_EE_CC) *Dejamos cocer el arroz **hasta que esté en su punto.***

Constatamos que as orações em que há correferencialidade apresentam na subordinada verbos de alta transitividade, tais como “*hacer*”, “*obtener*”, “*conseguir*”, “*observar*”, “*dejar*”, “*lograr*”, etc., que supõem um sujeito agente [+animado].

No caso das orações não correferenciais, são muito frequentes verbos transitivos, como em (27), embora também sejam encontrados verbos que podem funcionar como copulativos, como “*quedar*” (29) e “*estar*” (30).

Verbo da principal é passivo

Outra constatação interessante, quando da análise de nosso *corpus* de receitas escritas em espanhol, foi a de que a presença de uma construção passiva na oração

principal alterava o esquema canônico acima descrito. Em 33 (4,3% do total de orações com “*hasta*”) orações na voz passiva, observamos o seguinte: todos os 21 casos (2,8%) de coincidência entre os sujeitos sintáticos apresentavam o verbo da subordinada no modo subjuntivo, como no exemplo a seguir.

(31) (dc01_EE_LR) *Se añade la crema de almendras, y se mezcla bien **hasta que quede integrada**.*

Essa era uma possibilidade assinalada para as orações subordinadas aqui estudadas. Como explicitava Galán Rodríguez (cf. Capítulo III, seção 3.3.2), nas construções com passiva na principal pode haver o uso de subjuntivo mesmo quando há identidade sintática entre os sujeitos. Essa circunstância deve-se, sobretudo, ao fato de que o sujeito sintático da oração principal, do ponto de vista semântico, não é o agente, mas paciente da/na ação. Não é de estranhar o uso de subjuntivo na oração subordinada, já que os agentes “reais”, semanticamente, não são coincidentes em uma e outra sentença, ou seja, aquele que age na oração principal (a pessoa que faz a receita e que “*añade la crema y la mezcla bien*”) não é o mesmo referente focalizado pela posição de sujeito sintático na oração subordinada (“*la crema*”).

Quando há mudança de sujeito sintático entre as duas orações, o que foi verificado em 12 casos (1,5%), tanto o infinitivo quanto o subjuntivo são possíveis. Se os papéis de agente das duas orações coincidem (6 casos ou 0,75%), ou seja, quando o agente da passiva [+humano] que semanticamente atua na oração principal é sujeito da oração subordinada, o verbo da subordinada aparecerá com infinitivo (32), e quando o sujeito da oração subordinada for um terceiro elemento com relação à principal (nem sujeito nem agente na sintaxe da passiva) (6 casos ou 0,75%), normalmente um produto da ação realizada na principal, o verbo aparecerá no modo subjuntivo, como em (33).

(32) (dc01_EE_LR) *En un bol se baten las yemas con el azúcar **hasta conseguir una masa esponjosa**.*

(33) (dc01_EE_FL) *Por último, se le añaden los huevos y la harina a intervalos **hasta que quede una mezcla homogénea y sin grumos**.*

Subjuntivo na subordinada com sujeitos correferenciais

Em outros casos, apesar de não haver passiva na oração principal, também constatamos subjuntivo na subordinada com sujeitos coincidentes nas duas construções.

(34) (dc07_EE_CA) *Montar las claras con una pizca de sal (...) hasta que veamos que se ha formado un merengue firme.*

(35) (dc01_EE_RM) *Reservamos hasta que montemos la tarta.*

(36) (dc01_EE_CR) *Lo introduces en el horno, que previamente has calentado a 180°, durante 50 minutos o hasta que lo pinches con un palillo de madera y veas que el palillo sale limpio.*

(37) (dc08_EE_CR) *Mezcla hasta que consigas una textura similar a las migas.*

Nesses casos, encontramos novamente uma expressão de posterioridade e também de eventualidade. É possível que, ao pressuporem uma espécie de conselho ou de ordem, os verbos empregados na principal terminem por apresentar um valor imperativo que possibilitaria o aparecimento do subjuntivo, apesar de não ser essa a forma mais esperada em tais circunstâncias. Segundo destaca Galán Rodríguez (cf. Capítulo III, seção 3.3.2), nas orações com imperativo na principal, a regra a respeito da mudança/não mudança de sujeito para uso de subjuntivo e infinitivo na subordinada pode de fato ver-se modificada. Apesar disso, o número de ocorrências como essas em nosso *corpus* não foi muito expressivo: houve apenas 43 (5,6% do total ou 23% das orações correferenciais) orações correferenciais com subjuntivo na subordinada.

Infinitivo na subordinada com sujeitos não correferenciais

Como havíamos visto no capítulo teórico a respeito das orações subordinadas, não está descartada a possibilidade, também em língua espanhola, de que seja utilizado o infinitivo mesmo sem a correlação com o sujeito da oração principal. Esses casos, contudo, foram bastante raros em nosso *corpus* nas construções com “*hasta*”, restringindo-se aos dois seguintes exemplos (0,27% das construções temporais), ambos com o verbo de cambio²¹ “*quedar*”:

(38) (dc05_EE_LR) *Levantamos las claras hasta quedar blancas.*

(39) (dc10_EE_CD) *Batir con un robot de varillas los huevos y el azúcar unos 10 minutos hasta quedar una masa blanquecina.*

No primeiro caso, observamos que o sujeito da oração subordinada ocupa a posição de objeto direto na principal, “*las claras*”. Embora essa seja uma configuração sintática

²¹ Ou seja, aquele que expressa a mudança (permanente ou não) de um estado.

prevista pelo gramático Galán Rodríguez, a estrutura nos soava estranha, especialmente pela impossibilidade de o infinitivo estabelecer a concordância com o seu sujeito sintático que é plural. Após consulta a uma falante nativa de espanhol, comprovamos de fato ser percebida como pouco natural uma oração como (38) nessa língua.

No segundo caso, o sujeito da oração subordinada aparece explicitado nessa sentença na posição pós-verbal, “*la masa*”, com verbo em infinitivo.

É interessante notar que, nas duas situações, foi utilizado o mesmo verbo, “*quedar*”, que não poderia, de nenhuma forma, estabelecer correferência com o sujeito da oração principal nessas orações, levando, portanto, a uma interpretação inequívoca da mudança de sujeito. Talvez isso explique por que, apesar de estranhas, as duas construções com infinitivo não resultem ambíguas com relação ao sujeito.

Casos ambíguos

Houve um caso (0,135%) em que a interpretação quanto ao sujeito da subordinada temporal era ambígua.

(40) (dc05_EE_MG) *Derrite [el chocolate] con cuidado, **hasta alcanzar los 45°**.*

No exemplo anterior, podemos interpretar o sujeito da oração subordinada como correferencial ao objeto direto da principal (recuperado pelo contexto, “*o chocolate*”) ou que o sujeito seja outro elemento externo à oração, “*a temperatura*”, por exemplo. Verifica-se que o verbo da subordinada está em infinitivo embora o sujeito dessa oração não possa ser correferencial ao da oração principal. A não especificidade do sujeito da oração dependente pode explicar o uso dessa forma nominal do verbo.

Outros casos

Verificamos, por fim, um caso em que o verbo da oração principal era impessoal.

(41) (sl10_EE_PK) *Es suficiente con 4 minutos a velocidad máxima, hasta conseguir una emulsión muy fina.*

Em (41), único exemplo desse tipo encontrado (0,135%) nas temporais com “*hasta*”, o uso de infinitivo se justifica exatamente por não existir um agente que controle a ação verbal daquela que funciona como oração principal (cf. Pérez Saldanya, Capítulo III), de modo que não podemos esperar, apesar de ser notadamente clara a não correferência entre os sujeitos dos verbos, a forma flexiva com subjuntivo na subordinada.

A seguinte tabela resume os dados aqui explicitados para “*hasta*”.

		INFINITIVO		SUBJUNTIVO		TOTAL
		SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL	
CASOS CANÔNICOS	COR	18,5%				18,5%
		18,5%				
	NCOR			53%	18,06%	71,06%
				71,06%		
Total CO + NCO		18,5%		71,06%		89,56%
VERBO DA PRINCIPAL É PASSIVO	COR			2,8%		2,8%
				2,8%		
	NCOR	0,75%		0,75%		1,5%
		0,75%		0,75%		
Total CO + NCO		0,75%		3,55%		4,3%
SUBJUNTIVO EM ORAÇÕES CORREFERENCIAIS	COR			2,9%	2,7%	5,6%
				5,6%		
	Total				5,6%	
INFINITIVO EM ORAÇÕES NÃO CORREFERENCIAIS	NCOR	0,27%				0,27%
		0,27%				
	Total		0,27%			
AMBÍGUOS		0,135%				0,135%
Total		0,135%				
OUTROS		0,135%				0,135%
Total		0,135%				
						100%

Tabela 10 – Distribuição de infinitivos e subjuntivos nas orações temporais com “*hasta*”.

Para

As orações finais com “para” em português podem vir acompanhadas de verbos em presente do subjuntivo e de verbos em infinitivo. Encontramos 1712 entradas com “para” em nosso *corpus* de 948 receitas. Contudo, apenas 771 (45% delas) correspondiam a sentenças do tipo estudado, distribuídas num total de 427 (50%) textos.

Assim como no caso das temporais com “até”, nas finais com “para”, a coincidência entre os sujeitos das orações principal e subordinada costuma ser marcada pela preposição “para” seguida de infinitivo, como em (42) e (43), enquanto a mudança de sujeitos pode ser representada por “para” com um verbo em infinitivo, como em (44), ou com “para que” e um verbo no presente de subjuntivo (46). Para fazer a concordância com seu respectivo sujeito verbal, o infinitivo poderá aparecer flexionado (45).

Orações com sujeitos correferenciais

(42) (dc01_PB_GN) **Para preparar o doce de leite**, coloque as latas de leite condensado, sem o rótulo, em uma panela de pressão com água até a metade da lata.

(43) (dc04_PB_MX) Bata o biscoito no liquidificador **para conseguir as migalhas**.

Orações com sujeitos não correferenciais

(44) (sl01_PB_RD) Coloque [a mistura] em uma panela e leve novamente ao fogo médio, por aproximadamente dois minutos, **para pegar o gosto e dar liga**.

(45) (sl04_PB_CJ) Coloque os camarões de pouco em pouco para não soltar água e não os frite por muito tempo **para não perderem a consistência adequada**.

(46) (sl02_PB_MA) Vá testando aos poucos **para que a massa não fique com óleo em excesso**.

Esse modelo mais geral de construção das orações com “para” em português foi encontrado no *corpus* na seguinte proporção: 278 (36,05%) orações correferenciais e 185 (24%) orações não correferenciais. Todos os casos em que há o mesmo sujeito nas duas sentenças apresentam “para + infinitivo” (excetuados aqueles casos indicados mais adiante, exemplos 50 a 52, em que há subjuntivo na oração subordinada mesmo com sujeitos correferenciais). Naqueles em que há mudança de sujeito, por outro lado, encontramos 108 (14%) orações com “para + infinitivo” e 77 (10%) com “para que + subjuntivo”. Dentre essas construções não correferenciais, observamos que, quando o sujeito da oração subordinada é plural, a distribuição entre infinitivo e subjuntivo é

bastante próxima: 13 (1,6%) dos casos referem-se a orações com infinitivo flexionado e 14 (1,8%) a orações com subjuntivo.

Podemos comprovar que, nos casos que seguem essa estrutura canônica, o emprego de infinitivo nas finais com “para” é predominante mesmo quando há mudança de sujeito: 14% de orações com infinitivo contra 10% de orações com subjuntivo. Por outro lado, ainda que a diferença seja pequena, nos casos em que o sujeito da subordinada é plural, o infinitivo flexionado foi menos utilizado do que o presente do subjuntivo plural (1,6% contra 1,8%). Como veremos a seguir, alguns casos não se enquadram nesse esquema regular das finais com “para”.

Verbo da principal é passivo

Constatamos, ainda que em menor medida em português, que a presença de passivas na oração principal poderia ter influências sobre a sintaxe das subordinadas finais. Houve três ocorrências (0,39%) nesse sentido. Em (47), verifica-se que, apesar da coincidência entre os sujeitos sintáticos, existe uso de subjuntivo na oração final.

(47) (dc03_PB_NE) É essencial que o pudim seja preparado em banho-maria **para que asse de forma lenta e controlada**.

Notemos que no exemplo há uma oração, “é essencial”, cujo sujeito é outra oração, uma subordinada substantiva “que o pudim seja preparado em banho-maria para que asse de forma lenta e controlada”. A oração “que o pudim seja preparado em banho-maria” exerce o controle sobre a subordinada final “para que assem de forma lenta e controlada”. Os sujeitos de “seja preparado” e de “assar” possuem um mesmo referente: “pudim”. Nesse caso, parece que a estrutura sintática passiva, assim como acontecia em espanhol (nos casos de “*hasta*”), influencia o uso de subjuntivo na subordinada, apesar da coincidência entre os sujeitos sintáticos. Isso provavelmente se justifica pelo fato de não termos, semanticamente, identidade entre aqueles que de fato agem nas orações, já que o elemento “pudim” na primeira sentença (principal) é um sujeito paciente (na verdade, temos **alguém** que prepara o pudim), mas na segunda oração não (o **pudim** é que assa).

Em outros casos, como em (48) e (49), também com passiva na oração principal, houve infinitivo na subordinada.

(48) (dc04_PB_AC) Esse produto normalmente é usado **para fazer o sorvete**.

(49) (dc04_PB_MA) Certifique-se que esse acetato seja higienizado ou o papelão seja próprio para uso alimentício **para não ter contaminação**.

Em (48), podemos dizer que existe uma interpretação indeterminada quanto ao sujeito da oração subordinada. Observamos que o sujeito sintático do verbo “ser” é “esse produto”, mas o sujeito de “fazer” não pode ter esse mesmo referente. O uso de infinitivo, nesse caso, pode ter relação com a impessoalidade da ação expressa na principal e com a falta de um agente explícito, na voz passiva analítica “é usado”, o que restringiria o uso de subjuntivo, apesar de os sujeitos não serem, sintaticamente, correferenciais. O agente da passiva, contudo, é o mesmo do verbo “fazer”, o que nos levaria a caracterizar a identidade entre os agentes, em termos semânticos, já que o sujeito que “usa o produto” também “faz o sorvete”.

Em (49) também temos sujeitos sintáticos distintos, mas semanticamente idênticos. Na oração que funciona como principal à subordinada final, ou seja, “para não ter contaminação”, existe um sujeito paciente “acetato”, mas o agente da passiva não aparece explicitado. Apesar disso, é possível considerar que quem higieniza o acetato, também não terá, como resultado dessa ação, contaminação²². Cabe ainda interpretar que o sujeito da oração final seja indeterminado: se entendemos que o verbo “ter” funciona como “haver”, no sentido de “existir”, não teríamos um sujeito para ele. A indeterminação também requereria ao uso de infinitivo na construção.

Subjuntivo na subordinada com sujeitos correferenciais

Houve três casos (0,39%) nas finais com “para” em que, apesar dos sujeitos correferenciais, os verbos apareciam em presente de subjuntivo na subordinada.

²² A não ser que interpretássemos que “ter contaminação” supõe um resultado causado por quem prepara a receita, tendo como reformulação equivalente, por exemplo, “para **você** não ter contaminação como resultado de não higienizar o acetato ou usar papelão impróprio para uso alimentício”.

(50) (dc05_PB_TR) Se preferir, guarde um pouco da calda à parte **para que você possa**, na hora de servir, molhar cada pedaço com uma dose extra de cobertura de chocolate.

(51) (dc07_PB_MM) Misture delicadamente **para que mescle dois tons**.

(52) (sl09_PB_MA) Tome cuidado **para que termine as camadas com creme por cima**.

O uso de subjuntivo, nos casos (50) a (52), parece dever-se mais à expressão de eventualidade indicada por esse modo. Outro fator que contribuiria para o uso de subjuntivo é o modo imperativo na oração principal que, como já apontamos, permitiria essa combinação. Por sua pouca frequência nas receitas em língua portuguesa, pode-se afirmar que o subjuntivo nas construções correferenciais com “para”, como as acima expostas, constitui uma exceção no gênero.

Casos ambíguos

Também durante a análise das subordinadas finais nos deparamos com casos de difícil classificação, sempre com “para + verbo no infinitivo”. Como explicitamos para as temporais com “até”, parecia haver uma forte tendência, em português, de que determinados verbos transitivos fossem utilizados nessas orações subordinadas também como inacusativos.

Encontramos 294 (38%) orações finais que permitiam esse tipo de julgamento. Nelas foram frequentes verbos transitivos como “dar”; e verbos que poderiam funcionar como transitivos ou inacusativos, como “assar”, “gelar”, “cozinhar”, “gratinar”, “derreter”, “dourar”, “aquecer”, “dissolver”, “engrossar”, “esquentar”, “embatumar”, “reduzir”, “ferver”, etc. A seguir, apresentamos alguns exemplos.

(53) (dc01_PB_GN) Coloque o forno **para aquecer em temperatura moderada**.

Em (53), verificamos que o verbo “aquecer” pode ter dois sujeitos: **i)** o mesmo da oração principal, portanto, idêntico ao do verbo “colocar” (“aqueça o forno”, com sujeito [+humano], seria possível); ou **ii)** o objeto direto da principal, “forno” (“o forno se aquece”).

(54) (dc04_PB_BC) Retire o talinho branco do miolo de laranja **para não amargar a massa.**

O exemplo (54) é um pouco mais complexo. Nele podemos ter, a princípio, duas interpretações: **i)** se considerarmos que o verbo “amargar” é transitivo, então poderíamos supor que o mesmo sujeito que “retira o talinho” da laranja faz isso para “não amargar a massa”; o sintagma nominal “a massa” cumpriria a função de objeto direto da subordinada; **ii)** se interpretarmos o verbo como inacusativo, então “a massa” seria o sujeito sintático da oração subordinada, embora seu papel temático dentro da construção fosse o de paciente, não o de agente. Existe ainda uma terceira possibilidade: **iii)** a de que “o talinho branco”, objeto direto da oração principal, possa funcionar como sujeito da oração subordinada, ou seja, teríamos um sujeito (quem faz a receita) responsável por “retirar o talinho da laranja”, mas, na subordinada, um outro sujeito, “o talinho”, responsável por amargar a massa. Em outros termos:

- (i) [Sujeito A - 2.^a Imperativo] Retire o talinho branco do miolo de laranja **para** [Sujeito A - 2.^a Imperativo] **não amargar a massa.**
- (ii) [Sujeito A - 2.^a Imperativo] Retire o talinho branco do miolo de laranja **para** [Sujeito B - a massa (tema)] **não amargar a massa.**
- (iii) [Sujeito A - 2.^a Imperativo] Retire o talinho branco do miolo de laranja **para** [Sujeito C - o talinho] **não amargar a massa.**

Alguns outros exemplos de orações consideradas ambíguas são:

(55) (dc01_PB_GN) Leve [tudo] ao fogo **para assar.**

(56) (dc01_PB_CA) Junte 1 copo de leite, e leve ao fogo **para cozinhar um pouco.**

(57) (dc01_PB_MD) Cubra [o bolo] com filme plástico e leve **para gelar por cerca de 3 horas.**

(58) (dc04_PB_BC) Despeje a calda quente sobre o bolo quente **para não embatumar a massa.**

(59) (dc05_PB_NE) Retorne a torta ao forno **para dourar o merengue.**

Outros casos

Observamos que determinadas construções apresentavam um comportamento diferente dos exemplos acima. Esses casos representaram 1,17% de nosso *corpus*.

(60) (dc07_PB_CP) Misturar o leite, o creme de leite, metade do açúcar e a fava de baunilha raspada com uma faca **para soltar as sementes**.

Analise o exemplo acima. Em primeiro lugar, constatamos que o papel de oração principal é exercido por uma forma nominal, o particípio “raspada”. O sujeito desse verbo, “a fava de baunilha”, por sua vez, é paciente (como seria na passiva “foi raspada”) e tem como adjunto a oração final “para soltar as sementes”. Podemos dizer que os sujeitos das orações principal e subordinada, nesse caso, não coincidem no que diz respeito à sintaxe, já que “a fava de baunilha” (sujeito da oração principal) pareceria não poder ser sujeito da ação de “soltar” sementes como resultante de raspar com uma faca. Semanticamente, contudo, podemos entender que a pessoa que “raspa a baunilha” também “solta as suas sementes”. Nesse sentido, o uso de infinitivo refletiria, uma vez mais, a coincidência semântica entre os agentes das duas orações. Centremo-nos no seguinte exemplo.

(61) (dc07_PB_GN) Use forma de fundo removível porque fica mais fácil **para retirar a massa**.

Em (61), a oração final não se subordina diretamente a “use forma...”, mas se vincula com o adjetivo “fácil”. Esse adjetivo é modificado pela oração subordinada final “para retirar a massa”. Num exemplo como esse, nem sequer podemos dizer se há ou não mudança de sujeito entre principal e subordinada, uma vez que a subordinada estabelece uma relação com um adjetivo, não com outro verbo. O sujeito da oração subordinada, assim, não pode ser determinado sintaticamente em nossa análise, apenas podemos identificar que, do ponto de vista lógico, quem potencialmente retirará a massa será a mesma pessoa que usará a forma de fundo removível.

(62) (dc01_PB_TR) Cuidado **para não deixar empelotar**.

Houve ainda, como no exemplo (62) acima, quatro casos em que não tínhamos na oração principal um verbo com o qual pudéssemos identificar a mudança ou não de sujeito com relação à subordinada. Esses eram exemplos muito próximos da oralidade, todos começados com “cuidado”, em que tínhamos de interpretar que havia na sentença principal um verbo implícito, em imperativo, como “tenha”, que seria correferencial com o sujeito da oração subordinada.

(63) (sl10_PB_MA) Não é necessário esperar a panela chiar **para contar o tempo**.

Em (63), observamos que a oração de infinitivo “esperar a panela chiar” funcionava como principal da subordinada final “para contar o tempo”. Embora haja correferencialidade entre os sujeitos das duas orações em questão, a interpretação desse sujeito é inespecífica.

(64) (dc10_PB_HC) Não deixe que [as bananas] fiquem moles demais **para não desmanchar**.

Constatamos também nas finais com “para” em um caso em que, apesar de ser evidente a mudança de sujeito entre as duas orações, não havia concordância com relação ao elemento que exercia a função de sujeito na construção final seguida de infinitivo. No exemplo (64), parece claro que o objeto direto da oração principal, “as bananas” funcionem sintaticamente como sujeito do verbo “desmanchar”. Entretanto, a concordância com o plural “para não desmanchem” ou “para que não desmanchem” não se observa. Os dados anteriores constam resumidos na seguinte tabela.

		INFINITIVO		SUBJUNTIVO		TOTAL
		SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL	
CASOS CANÔNICOS	CO	36,2%				36,2%
		36,2%				
	NCO	12,4%	1,6%	8,2%	1,8%	24%
		14%		10%		
Total CO + NCO		50,2		10%		60,2%
VERBO DA PRINCIPAL É PASSIVO	COR			0,13%		0,13%
				0,13%		
	NCOR	0,26%				0,26%
		0,26%				
Total CO + NCO		0,26%		0,13%		0,39%
SUBJUNTIVO EM ORAÇÕES CORREFERENCIAIS	CO			0,39%		0,39%
				0,39%		
	Total				0,39%	
AMBÍGUOS		38%				38%
Total		38%				
OUTROS		1,17%				1,17%
Total		1,17%				
						100%

Tabela 11 – Distribuição de infinitivos e subjuntivos nas orações finais com “para” (português)

Para

As subordinadas finais com “*para*” em língua espanhola podem apresentar verbos tanto no presente do subjuntivo como no infinitivo. Num total de 620 receitas, houve 2141 entradas com “*para*”. Dessas, 864 (40%) correspondiam a orações finais, e estavam presentes em 249 (40% do total de) textos.

Nas orações com “*para*” encontramos, quando havia coincidência entre os sujeitos das duas orações, a preposição “*para*” seguida de infinitivo e, quando havia mudança de sujeito com relação à principal, “*para que*” seguido de presente de subjuntivo. De acordo com essa distribuição mais canônica de subjuntivos e infinitivos, obtivemos 337 (39%) orações correferenciais e, portanto, com infinitivo na subordinada, como nos exemplos (65) a (67); e 434 (50,3%) orações não correferenciais, com subjuntivo, exemplos (68) a (71).

Orações com sujeitos correferenciais

(65) (dc01_EE_PK) ***Para preparar el kissel, pon las frambuesas con el azúcar en un cazo a fuego suave.***

(66) (dc02_EE_RC) ***Golpeamos el recipiente boca abajo para quitarle el exceso de harina.***

(67) (dc01_EE_CD) ***Para repartir mejor el azúcar poner este en un colador.***

Orações com sujeitos não correferenciais

(68) (dc01_EE_DS) ***Integrarla con movimientos envolventes y sin batir para que no pierda aire la masa.***

(69) (dc01_EE_GC) ***Para que salgan mejor, introduce las cápsulas en moldes de silicona.***

(70) (dc02_EE_CD) ***Presionar bien para que queden bien cerrados.***

Nas orações correferenciais, os verbos presentes na subordinada são de alta transitividade. Nelas, em geral, temos um sujeito agente [+humano] que controla as duas orações. São exemplos verbos como “*retirar*”, “*quitar*”, “*repartir*”, “*preparar*”, “*hacer*”, “*obtener*” etc.

Nas orações não correferenciais, por outro lado, foram comuns verbos transitivos, como em (68), mas também verbos intransitivos, como “*salir*” em (69); e verbos de funcionamento análogo aos copulativos, como “*quedar*” (70).

Verbo da principal é passivo

Com construções passivas na oração principal o esquema canônico se alterava. Das 52 (6% do total de orações com “*para*”) orações com verbo na passiva, 15 (1,8%) apresentam coincidência entre os sujeitos das duas orações e verbo em subjuntivo, como em (71).

(71) (dc02_EE_MG) *Se añaden [las perlas de chocolate] casi al final **para que queden bien repartidas** sino se irían al fondo. [sic]*

Esse uso, como indicamos para as temporais com “*hasta*”, é possível porque, semanticamente, os agentes das duas orações não coincidem, ou seja, aquele que “*añade las perlas de chocolate*” não é o mesmo sujeito que “*queda repartida*”.

Quando há mudança sintática de sujeitos entre as duas orações, um total de 37 casos (4,2%), observamos que tanto o infinitivo quanto o subjuntivo podem ser utilizados. Se há correferência quanto ao papel temático de agente nas duas orações (26 casos), isto é, quando o sujeito [+humano] que realiza a ação da oração principal é o mesmo que realiza a ação da subordinada, teremos infinitivo na oração final (72), mas se o sujeito da oração subordinada for um terceiro (11 casos), o verbo estará em subjuntivo (73).

(72) (dc06_EE_TE) *A continuación se tritura el café y se mezcla con unas cucharadas de azúcar **para espolvorear por encima.***

(73) (sl10_EE_AR) *A media cocción se remueve un poco **para que los ingredientes queden repartidos por el arroz.***

Subjuntivo na subordinada com sujeitos correferenciais

Houve três casos (0,34% do total de construções com “*para*”) em que, apesar de termos sujeitos sintáticos correferenciais, na subordinada final empregava-se um verbo no subjuntivo.

(74) (dc03_EE_RR) [*Los trocitos de castañas*] Tienen que estar blanditos **para que no se queden como piedras**.

(75) (dc09_EE_MG) *La masa tiene que estar en un lugar cálido* **para que fermente bien**.

(76) (sl02_EE_CC) **Para que podamos trincar bien el foie** lo congelaremos un ratito.

Nos dois primeiros casos acima, o verbo “*tener*” da oração principal aparece em presente do indicativo e possui sujeitos sintáticos bastante claros: “*los trocitos de castañas*” em (74) e “*la masa*” em (75). Apesar da identificação entre os sujeitos das duas sentenças, parece haver, na principal, mais um valor de necessidade (nesse caso, teríamos uma interpretação mais voltada à impessoalidade) do que de posse (caso em que o verbo seria interpretado como transitivo e haveria um sujeito agente e um tema).

No exemplo (76), o subjuntivo parece ser a forma escolhida porque indica um valor de posterioridade mais evidente para a ação da subordinada do que o infinitivo, que não possui uma flexão de tempo. Isso é ainda mais relevante se considerarmos que a oração subordinada final, cuja ação é logicamente posterior à da principal, vem anteposta à principal. Um componente pragmático pareceria ter, portanto, influência nesse tipo de construção, já que o **tema** da oração, que é “como trincar (ou cortar em pedaços) o foie”, aparece antes e aquilo que é informação nova, o **rema**, ou seja, “como conseguir isso”, só aparece depois, expresso na oração principal “a partir do congelamento”. O subjuntivo, ao que parece, pode estabelecer uma relação de posterioridade mais evidente com respeito à oração principal, que também tem uma marca de projeção futura no uso da forma verbal de futuro do indicativo (ainda que com valor instrucional).

Infinitivo na subordinada com sujeitos não correferenciais

Diferentemente do que se constatou nas orações temporais com “*hasta*”, nas finais com “*para*” houve um número maior de orações que permitiam o uso de infinitivo mesmo sem coincidência entre os sujeitos sintáticos. Esses casos corresponderam a 11 (1,46% do total de finais) dos exemplos.

Vale a pena lembrar, como assinala Galán Rodríguez (ver Capítulo III), que outros elementos da oração principal – os complementos direto e indireto –, podem

funcionar como controladores do sujeito do infinitivo na subordinada, cumprindo nela o papel de agente que realiza a ação verbal. Seria um caso em que, mesmo sem a correferência entre os sujeitos sintáticos das duas orações, o verbo poderia aparecer em infinitivo na subordinada.

No primeiro exemplo a seguir (77), o objeto direto da oração principal “*las trufas con jengibre*” parece funcionar como sujeito do verbo da oração subordinada, mesmo apresentando o aspecto [-animado]. Isso ocorreria porque a semântica do verbo “*acompañar*”, nesse contexto culinário, possibilitaria tal interpretação quando há um objeto direto referido à comida, como na oração em foco. Praticamente todos os casos em que o objeto direto da principal ocupava a posição de sujeito na subordinada com infinitivo apresentavam justamente o verbo “*acompañar*” na final. É importante ressaltar, contudo, que uma interpretação correferencial, com relação aos verbos “*poder*” e “*acompañar*” em (77) não pode ser totalmente excluída ([*tú*] *puedes acompañar el café con las trufas*). Construções como as seguintes ocorreram 7 vezes (0,81% do total) no *corpus*.

(77) (dc05_EE_GC) *Puedes presentar las trufas con jengibre, al final de la comida o como detalle **para acompañar el café**.*

(78) (dc06_EE_RC) *Enharinamos una fuente **para ir al horno**.*

Outra possibilidade verificada por nós, durante a análise, é que o sujeito da oração subordinada apresentasse correlação com o dativo. Isso aconteceu em 3 casos (0,34%). No exemplo abaixo (79), é possível afirmar que quem controla a oração final é o dativo “*me*” e que, portanto, o sujeito da oração final é uma primeira pessoa verbal, que não coincide com o sujeito da primeira oração “*el chocolate*”. Como vimos, essa também configura uma possibilidade descrita por Galán Rodríguez para a língua espanhola: a de que o complemento, nesse caso o dativo, forma que exprime aquele que é o beneficiário da ação, no caso concreto, uma primeira pessoa do singular (que fará o recheio), funcione como agente [+humano] na subordinada e o verbo nessa sentença apareça em infinitivo.

(79) (dc05_EE_GC) *El chocolate con el ron me sirvió **para hacer el relleno cremoso**.*

Encontramos 1 único caso (0,11%) com infinitivo em que parecia haver correferência não com a oração principal (uma oração substantiva), mas com o sujeito da oração imediatamente anterior, de segunda pessoa do singular, “*no tires...*”. Parece-nos que no exemplo abaixo, de (80), o verbo da oração principal “*servir*”, tal como em (79), poderia trazer implícito um dativo (“*te*”) que, por sua vez, ocuparia a posição de controlador da oração subordinada, fazendo com que seu verbo, “*aliñar*”, tivesse uma interpretação determinada. Se considerássemos que a correlação deve ser feita com a ação que tem como núcleo o verbo “*servir*”, teremos uma oração final sem determinação quanto ao sujeito, uma oração que não poderia ser caracterizada como de tipo “pura” (cf. Capítulo III), já que não existe, nela, um agente propriamente dito e tampouco uma noção de finalidade, mas uma noção de subserviência, de utilidade (ex.: líquido para impermeabilizar; líquido que serve para impermeabilizar).

(80) (sl05_EE_PK) *No tires el líquido de cocción que servirá **para aliñar la ensalada.***

Os exemplos acima podem indicar que, apesar de possível, o uso de infinitivo com orações não correferenciais no gênero receita é relativamente restrito em espanhol, e depende, em grande medida, do tipo de verbo empregado.

Casos ambíguos

Houve um caso (0,11%) de ambiguidade quanto à interpretação do sujeito da oração subordinada final em espanhol.

(81) (sl01_EE_RS) *Ponemos el aceite suficiente **para freír las patatas.***

Em (81), podemos ter duas interpretações para o sujeito da subordinada. Na primeira, a oração final com infinitivo pode estar vinculada ao adjetivo “*suficiente*”, modificando-o e, nesse caso, o sujeito seria indeterminado. Nessa circunstância, sequer poderíamos dizer se houve ou não mudança de sujeito, já que o infinitivo se ligaria a um adjetivo, não a um verbo. Na segunda interpretação, a mesma pessoa que “*pone el aceite*” também “*fríe las patatas*” e, portanto, teríamos sujeitos correferenciais na oração principal e na subordinada.

Outros casos

Como assinalado antes, o uso de infinitivo pode ser decorrente de uma interpretação indeterminada do sujeito da oração final. Constatamos 1 caso (0,115%) desse tipo. Em (82), seria possível entender **(i)** que a oração final “*para hornear el hojaldre*” estaria vinculada diretamente ao sintagma nominal “*la temperatura ideal*”, e não com ao verbo copulativo “ser”; **(ii)** que temos uma expressão de utilidade com “para”, em que “*temperatura ideal para hornear*” poderia interpretar-se como “temperatura utilizada/temperatura que serve para...” e seria comutável por construções como “*la temperatura ideal de preparación es*”. Tratar-se-ia, provavelmente, de um caso de oração final “não pura”.

(82) (dc06_EE_RR) *La temperatura ideal para hornear el hojaldre es entre 200 y 225°C ni más ni menos.*

Em outros casos (83), o uso de infinitivo pode ser viabilizado devido a que o verbo da oração final não permitiria uma interpretação correferencial. É o caso do verbo inacusativo “*evaporar*”, que prevê um argumento não agente para a posição de sujeito sintático (tema), no caso, “*el alcohol*”. Só houve 2 ocorrências desse tipo (0,23%).

(83) (sl07_EE_RC) *Ponemos la copa de brandy a fuego fuerte para evaporar el alcohol.*

Encontramos também orações que não nos possibilitavam a identificação do sujeito da final, por não existir nenhum elemento, no período, que pudesse atuar como sujeito da subordinada, como em (84) abaixo.

(84) (sl10_EE_LR) *Para evitar que se abran, el aceite debe estar muy caliente.*

Apesar de o verbo “*evitar*” pressupor um sujeito agente, nessa oração ele não está especificado e tem um valor genérico. É justamente esse aspecto que leva a oração final a apresentar o infinitivo ao invés do subjuntivo. Houve outros seis exemplos (um total de 0,81%) desse tipo no *corpus*.

Em 14 (1,6%) casos, a oração principal era impessoal, como nos dois exemplos a seguir, com “*haber*”, em que se observa uma expressão de necessidade na sentença. Isso também fazia com que o infinitivo fosse utilizado na oração subordinada.

(85) (dc05_EE_FC) ***Para sacarlo***, sólo hay que ponerlo en un plato bocabajo.

(86) (sl01_EE_RR) Hay que ponerlos en un cazo con agua al sol, ***para que los caracoles saquen la “molla”***.

Nos dois casos acima, podemos afirmar que não há correferência entre os sujeitos pelo simples fato de não termos um sujeito na oração principal que possa exercer o controle sobre a oração subordinada. No primeiro caso (85), temos na oração subordinada um verbo em infinitivo “*sacar*” e um sujeito não específico. No segundo (86), o sujeito da oração subordinada é bastante claro “*los caracoles*”. Outro caso semelhante vimos com o verbo “*bastar*”, em (87). Novamente, o uso de infinitivo se justificava por não existir um agente que efetivamente realize o controle da ação verbal da subordinada.

(87) (dc02_EE_HU) ***Para conservarlos***, basta con que estén en un lugar fresco, seco y protegido de la luz del sol.

Constatamos um último caso ainda (0,11%) em que, apesar de termos subjuntivo na subordinada, não podíamos marcar a mudança de sujeito.

(88) (sl01_EE_RR) En una olla lo suficientemente grande ***para que quepa todo holgadamente ponemos 3 ó 4 cucharadas***.

Em (88), a relação se estabelece entre a subordinada “*para que quepa todo holgadamente...*” e a oração de adjetivo “*suficientemente grande*”. Como predicados, os adjetivos têm a capacidade de receber argumentos e adjuntos, como se observa nesse exemplo. Embora seja evidente qual é o sujeito da oração subordinada, “*todo*”, não há subordinação a uma oração principal com verbo para que possamos dizer se há ou não mudança de sujeito. Além disso, esse tipo de construção não parece funcionar como finalidade, já que não há uma agente [+humano] que controla a ação nela expressa.

Poderíamos interpretar que existe mais uma noção de comparação, como em “*tan grande como para que...*”, do que de objetivo/propósito propriamente. Nesse sentido, esse exemplo também se incluiria no bloco de orações de tipo não pura.

A tabela a seguir resume, em porcentagens, os dados antes descritos.

		INFINITIVO		SUBJUNTIVO		TOTAL
		SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL	
CASOS CANÔNICOS	COR	39,115%				39,115%
		39,115%				
	NCOR			34%	16,3%	50,3%
				50,3%		
Total CO + NCO		39,115%		50,3%		89,415%
VERBO DA PRINCIPAL É PASSIVO	COR			1,8%		1,8%
				1,8%		
	NCOR	2,9%		1,06%	0,24%	4,2%
		2,9%		1,3%		
Total CO + NCO		2,9%		3,1%		6%
SUBJUNTIVO EM ORAÇÕES CORREFERENCIAIS	COR			0,34%		0,34%
				0,34%		
	Total				0,34%	
INFINITIVO EM ORAÇÕES NÃO CORREFERENCIAIS	NCOR	1,27%				1,27%
		1,27%				
	Total		1,27%			
AMBÍGUOS		0,11%				0,11%
Total		0,11%				
OUTROS		2,865%				2,865%
Total		2,865%				
100%						

Tabela 12 – Distribuição de infinitivos e subjuntivos nas orações finais com “para” (espanhol)

7.1.2 Análise comparativa

Algumas conclusões podem ser formuladas a respeito do funcionamento das referidas orações subordinadas em cada uma das línguas a partir do exame acima realizado.

No que se refere ao par “quando/*cuando*”, por exemplo, podemos dizer que o número de orações com “*cuando*” em língua espanhola (total de 424) é duas vezes maior do que o número de orações com “quando” em língua portuguesa (total de 205). Apesar disso, no que se refere à sua distribuição em cada *corpus*, o número de temporais desse tipo é similar, ocupando 74% do total de entradas em língua portuguesa e 67% em língua espanhola. A diferença entre as construções em uma e outra língua não se limita aos números anteriores. Sempre que apresentam uma orientação futura, as construções com o nexos “quando” em português terão o verbo em futuro do subjuntivo, as orações com “*cuando*” em espanhol, por outro lado, serão construídas com presente do subjuntivo. Esse é um dado de suma importância para a análise da tradução empreendida na seção seguinte, pois o uso de uma forma (presente de subjuntivo) pela outra (futuro do subjuntivo) redundará numa estrutura que, como se observou, não existe em português no gênero receita e, portanto, configurar-se-á como um erro em tradução.

A comparação das temporais com “até/*hasta*” e das finais com “para/*para*” exigiu-nos um olhar mais aprofundado. Como havíamos apontado desde o princípio, interessava-nos especificar como se dava, no gênero receita, a distribuição de infinitivos e subjuntivos nessas orações e, principalmente, qual era a forma preferida quando não havia coincidência sintática entre os sujeitos das duas sentenças, já que eram justamente esses os casos com os quais nossos sujeitos se enfrentariam nas traduções. Supúnhamos que o espanhol fosse mais rígido quanto à marcação de mudança de sujeito, com “*para/hasta que* + subjuntivo” e que o português fosse mais flexível em permitir “para/até + infinitivo” mesmo com mudança de sujeito na subordinada, inclusive devido à possibilidade de flexionar o verbo em infinitivo.

Consideremos, em primeiro lugar, os casos ditos “canônicos” para as orações com “até/*hasta*”. Em português, as temporais com “até” apresentaram, em sua maioria, construções em que há mudança de sujeito com relação à oração principal (54%). O mesmo ocorreu em espanhol, mas numa proporção bem maior (71%). A diferença fundamental entre um e outro caso está no fato de que, em língua portuguesa, quando os sujeitos sintáticos não são correferenciais, há preferência por verbos no infinitivo (65% das não correferenciais, 35% do total de subordinadas com “até”), ao passo que em língua espanhola opta-se por subjuntivo (todas as construções não correferenciais, 71% do total de subordinadas com “*hasta*”).

No caso das finais com “*para/para*”, também levando em conta os casos canônicos, constatamos em português a predominância de orações correferenciais (36% contra 24% de orações não correferenciais), mas não em espanhol (50% de orações não correferenciais contra 39% de orações correferenciais). Se nos detivermos nos casos em que há mudança de sujeito, observaremos que, em português, a maior parte das orações não correferenciais são formuladas com infinitivo (14% do total de subordinadas com “*para*”, 58% das não correferenciais) e não com subjuntivo (10% do total, 42% das não correferenciais). Em espanhol, pelo contrário, todas as orações não correferenciais apresentam subjuntivo em sua construção.

Os dados acima já dariam conta de comprovar nossa hipótese inicial, de que haveria uma tendência mais forte em português para o uso de infinitivo mesmo em orações com sujeitos diferentes, o que confirmamos não ocorrer em espanhol.

A questão, contudo, vai um pouco além. Como foi possível observar pelos exemplos, o emprego de infinitivo/subjuntivo nas temporais com “*até/hasta*” e nas finais com “*para/para*” não responde apenas a critérios sintáticos, mas também a fatores semânticos.

Algumas ocorrências encontradas no *corpus* fugiram à regra geral canônica e constituíram, para “*hasta*” em espanhol, cerca de 10% dos casos e, para “*até*” em português, 30% do total de orações. Nas finais, esses números foram 10,7% dos exemplos em espanhol e 39,8% dos exemplos em português.

Notamos que quando o verbo da oração principal era passivo em espanhol havia uma mudança significativa no esquema sintático mais comum (segundo o qual a mudança de sujeito seria marcada pelo subjuntivo e a igualdade entre sujeitos, pelo infinitivo). Na verdade, o movimento nas passivas era exatamente o oposto: em orações com sujeitos sintáticos diferentes tínhamos infinitivo e, com sujeitos sintáticos iguais, subjuntivo. Essa suposta “inversão”, na verdade, era produto de uma influência semântica sobre o funcionamento sintático observado nessas orações. Construções desse tipo foram bastante frequentes no *corpus* em espanhol, tanto nas temporais com “*hasta*” quanto nas finais com “*para*”, mas muito raras em português, encontradas apenas três vezes nas finais com “*para*”.

Outro caso que não se enquadrava nessa “regra” de distribuição geral era o uso de subjuntivo em orações cujos sujeitos eram idênticos sem que houvesse passiva na

principal. Embora essa fosse uma possibilidade prevista, segundo a bibliografia consultada, ela não foi frequente em nenhuma das línguas.

O infinitivo também tem um papel de destaque dentro de nossas “exceções”. Em espanhol seu uso foi pouquíssimo comum em construções não correferenciais nas receitas. Por outro lado, quando verificadas construções de interpretação indeterminada, inespecífica ou impessoal, foi a sintaxe selecionada, tanto numa língua quanto na outra. Nas orações classificadas como ambíguas o infinitivo também teve destaque, sobretudo em língua portuguesa, já que em muitos dos casos não podíamos atribuir um único sujeito à oração final. Os casos ambíguos constituíram 29% do total das temporais com “até” e 38% do total das orações com “para”. Em espanhol, foram apenas 0,135% os casos de ambiguidade nas orações com “*hasta*” e 0,11% nas orações com “*para*”.

Houve ainda algumas construções que resultavam bastante estranhas. Em geral, esses casos estavam marcados fortemente pela oralidade, como na não flexão verbal em (38) “*Levantamos las claras hasta quedar blancas*” e a falta de concordância em (64) “Não deixe que [as bananas] fiquem moles demais **para não desmanchar**”. Isso fez com que tivéssemos de olhar nossos exemplos com algum cuidado, considerando que, apesar de escritas, as receitas aqui analisadas poderiam não refletir em sua totalidade a forma como as orações objeto de estudo deveriam ser formuladas (seriam percebidas como agramaticais ou ao menos não naturais por um falante nativo culto). Ao terem sido extraídas de *sites* da internet, não podemos confiar que tenham recebido a revisão e o tratamento adequados em todas as circunstâncias.

7.2 Análise do *corpus* de aprendizes

Para comparar as escolhas tradutórias relativas às orações subordinadas adverbiais temporais e finais entre os sujeitos e também para verificar em que (ou se) estas escolhas se distanciavam das formas encontradas no *corpus* de receitas escritas originalmente em português, por um lado, e se diferenciavam daquelas observadas no texto produzido e no texto completado em português, por outro, foi necessário pensar numa maneira não apenas de contrastar o produto dessas três atividades, mas também de abordar os dados do processo tradutório, a partir dos registros do *Translog*.

Nesse sentido foi necessário, numa primeira etapa, separar as orações por tipo, em temporais (quando e até) e finais (para), e depois colocar em paralelo os dados encontrados. Com campos como “Tempo de pausa” e “Tipo de reformulação” (imediate “I”, durante a produção do texto “P” ou na fase de revisão “R”) foi possível focalizar algumas informações do processo referentes a cada um dos fragmentos observados. Buscávamos considerar ainda se o número e as características dos cursos (curriculares e extracurriculares) realizados no campo da tradução (cujas informações dispomos no quadro comparativo) poderia indicar alguma influência detectável nos resultados.

Este capítulo tem a seguinte estrutura geral, idêntica para o grupo TC e para o grupo L3:

Traduções: para cada um dos onze fragmentos a serem examinados elaboramos um “**Quadro Comparativo**” no qual foram incluídas as traduções feitas pelos sujeitos das estruturas subordinadas. Logo, no item “**Comentários**”, realizamos uma descrição geral dessa produção. Na sequência, apresenta-se uma “**Síntese do observado no Translog**” e, por último, os dados extraídos das “**Entrevistas**” e “**Questionários**” relacionados com essa produção. No final, após a abordagem de todos os fragmentos, fazemos um “**Resumo**” dos principais aspectos observados e contrastados.

Produção livre (tarefa de redação): para cada uma das onze imagens a partir das quais os sujeitos redigiram a receita incluímos algumas “**Possibilidades**” que haviam sido cogitadas para a utilização das orações temporais e finais na redação. Em seguida, apresentamos as “**Ocorrências**”, ou seja, o trecho da redação que se relaciona com a imagem, depois alguns “**Comentários**” sobre essa produção (inicialmente apenas sobre aquela na qual não estavam presentes as subordinadas do tipo estudado, que serão abordadas mais adiante), uma “**Síntese do observado no Translog**” e as informações obtidas nas “**Entrevistas**”. Como nosso interesse residia nas orações temporais e finais, todas as vezes que essas estruturas apareciam nos textos, tratamos de separá-las segundo o seu tipo num “**Quadro comparativo**” (temporais com “quando” e “até” e finais com “para”), para que fossem objeto de “**Comentários específicos**”. Realizamos então uma “**Síntese do observado no Translog**” sobre essa produção e extraímos as respectivas informações das “**Entrevistas**”. Da mesma forma que para a tarefa de tradução, ao final da análise apresentamos um “**Resumo**” das principais características constatadas.

Produção dirigida (tarefa de completar): contávamos com treze campos que deveriam ser preenchidos a partir das conjunções temporais “quando” e “até” e da final

“para”. Para cada um dos casos, foram colocadas algumas “**Possibilidades**” aventadas por nós sobre os tempos/modos que poderiam ser empregados nessa atividade. Depois, apresentamos as “**Ocorrências**” verificadas nesses fragmentos, os respectivos “**Comentários**” por nós realizados, uma “**Síntese do observado no Translog**”, os dados das “**Entrevistas**” e, por fim, um “**Resumo**” que abrangia todos os trechos.

Observar-se-á que em cada um dos quadros de apresentação dos dados, entre as informações dos cinco primeiros sujeitos e as dos cinco últimos, há uma linha em branco. Essa linha indica a divisão feita internamente por nós nos grupos, para a ordem de execução das atividades. Assim, os sujeitos V2 a V6_TC e V1 a V5_L3 realizaram primeiro a tradução, depois a tarefa de redação e, por último, a de completar; e os voluntários V7 a V11_TC e V6 a V11_L3 primeiro a tarefa de redação, logo a de completar e na tarefa final a tradução. Como já havíamos explicitado no capítulo a respeito da metodologia adotada nesta pesquisa, tencionávamos verificar se a tradução teria tido ou poderia ter influências sobre as demais produções. No item “Comentários” de cada uma das atividades fazemos menção também a esse aspecto.

7.2.1 Dados de produto e processo tradutório

Os fragmentos observados na TRADUÇÃO da receita *Langostinos Abanico* foram os seguintes:

SUBORDINADAS TEMPORAIS	
CUANDO/ EN CUANTO	
1	Cuando hierva , se echan los langostinos (...)
2	Al final, en cuanto la salsa ya esté bien hecha , se puede añadir una cucharadita de zumo de limón (...)
3	En cuanto esté preparada la mayonesa y el alioli , coja un plato grande o una fuente y añada una capa de mayonesa.
HASTA	
4	Se echan los langostinos y se dejan hasta que el agua vuelva a hervir .
SUBORDINADAS FINAIS	
PARA	
5	Luego se vuelcan en un colador grande para que escurran y se enfrien .
6	Déjelas en el fuego unos quince minutos con la cacerola destapada para que se queden “enteras” .
7	Se escurren en un colador y se refrescan debajo del grifo con un chorro de agua fría para que conserven un bonito color .
8	Se puede añadir una cucharadita de zumo de limón para que quede más suave .
9	Ponga el alioli en un borde del plato para que no se mezcle con el resto de los sabores, porque está muy picante .

A	
10	<i>Se pone en una olla grande agua a hervir con bastante sal (...)</i>
11	<i>Mientras tanto, se cortan y se lavan las judías y se ponen a cocer en el agua que sobre de hervir los langostinos.</i>

Quadro 25 – Fragmentos observados na tradução

Para examinar o fenômeno da interferência nas construções discriminadas no quadro acima, dividimos essas estruturas por tipo. As subordinadas temporais com “*cuando*” e com “*en cuanto*”, agrupadas por seu funcionamento análogo na receita, foram as primeiras discutidas. Em seguida, passamos ao exame das temporais com “*hasta*” e, por último, das finais com “*para*” e “*a*”. Vale assinalar que, apesar das orações iniciadas por “*a*” não apresentarem o tipo de interferência por nós observado nos exemplos de “*para*” (sintática), ou seja, de não haver exatamente uma relação com a escolha entre infinitivos e subjuntivos nesses casos, tais construções poderiam apresentar dados interessantes à observação do fenômeno, ainda que noutro nível (lexical, numa palavra relacional).

7.2.1.1 Tradução no Grupo TC

TEMPORAIS

Orações com “*CUANDO/EN CUANTO*”

Nas orações temporais com “*cuando/en cuanto*” supúnhamos que o fenômeno da interferência poderia se manifestar com a manutenção do verbo em presente do subjuntivo na tradução para a língua portuguesa. Como já apontado na seção 7.1.1 acima, para a ideia de projeção futura, o nexos temporal “quando” só poderia ocorrer em português com um verbo no futuro do subjuntivo no gênero receita. Em língua espanhola, por outro lado, essa relação é conseguida com verbos no presente do subjuntivo.

Fragmento 1

Quadro comparativo

QUADRO 26 – COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO (F1) TC		Tempo Pausa	Tipo de reformulação	N.º cursos de tradução (currículo)	Cursos de tradução (extra)
1. Cuando hierva, se echan los langostinos (...)					
V2_TC	Acréscete os lagostins				
V3_TC	Quando ferver, jogue as lagostas na panela.		R	3	
V4_TC	Quando a água estiver fervendo, colocar os camarões		I	4	
V5_TC	Quando ferver, acrescentar os camarões	11.22	I	1	1
V6_TC	Quando ferver, acrescente os camarões	14.63	P	4	
V7_TC	Quando levantar fervura, acrescente o camarão			1	
V8_TC	Quando ferver, coloque os camarões		I		
V9_TC	Cuando estiver fervendo, coloque os camarões				
V10_TC	Quando ferver, coloque o lagostim	57.07			
V11_TC	Quando ferver, coloque os camarões			3	1

Em “Tipo de reformulação”: I: imediata; P: fase de produção; R: fase de revisão.

Comentários

No fragmento 1, buscávamos verificar se a oração “*quando hierva*” induziria uma tradução por “quando ferva” em português, um uso que não parece estar previsto em nossa língua no gênero receita, de acordo com nosso *corpus* de comparação.

Nos dados finais do grupo TC não houve, para esse fragmento, nenhuma tradução que confirmasse a influência da estrutura sintática fonte sobre a produção na língua meta.

Excetuando-se o caso do sujeito V2_TC, em que há uma formulação mais distante da do texto de partida – na qual se omite que o processo de fervura da água deve anteceder ao acréscimo dos camarões na panela – em todas as demais traduções se constata na temporal “quando” com futuro do subjuntivo.

Em 60% dos casos (V3, V5, V6, V8, V10 e V11_TC), utiliza-se na subordinada o verbo “ferver” > “quando ferver”. Nos 30% restantes (V4, V7 e V9) há uma ligeira modificação na construção, com o uso de verbos como “levantar” e “estar”, também no futuro do subjuntivo. Em V9, verifica-se ainda que a conjunção temporal encontra-se grafada tal como em língua espanhola, com a letra “c” inicial.

Puderam-se observar nesse fragmento algumas informações interessantes quanto ao léxico empregado, especialmente no caso da tradução de “*langostinos*”, um termo problemático para todos os sujeitos, pela dificuldade de se identificar (i) o que eram e (ii) qual o seu correspondente em língua portuguesa. Além da própria questão

linguística inerente a essa palavra, colocava-se também a questão cultural, já que, para boa parte dos brasileiros e, talvez, principalmente, para os que vivem em cidades grandes, como no caso dos aqui voluntários, esse tipo de prato, que contém frutos do mar, não costuma fazer parte do cotidiano. Em menor medida, também o verbo “*echar*” poderia constituir-se como um problema, seja pela forma passiva “*se echan*”, seja pela busca por um equivalente em português.

Notamos que V2 e V10 traduzem inadequadamente “*langostinos*” por “lagostins” e V3 por “lagostas”. Com relação ao verbo “*echar*”, verificamos que em V3_TC há uma seleção, senão inadequada, ao menos pouco comum na língua de chegada, o emprego do verbo “jogar”. Pudemos afirmar isso após uma simples consulta ao *corpus* de receitas escritas: houve apenas 46 ocorrências de “jogar”, enquanto outros verbos de função/sentido análogo, como “acrescentar”, aparecem cerca de 500 vezes.

Com relação à ordem de execução das tarefas, não encontramos, para essas orações temporais, dados que pudessem diferenciar a produção dos sujeitos que fizeram a tradução inicialmente, como primeira tarefa (V2 a V6), e aqueles que a fizeram como tarefa final (V7 a V11).

Síntese do observado no Translog

Em 40% dos casos (V2, V7, V9 e V11_TC) não há pausas ou reformulações. Nos 60% restantes verifica-se o seguinte.

V3_TC: há reformulação na fase de revisão. Esta não se refere à construção temporal, mas à oração principal, interpretada e traduzida por “deve-se tirar as lagostas da panela” e depois reelaborada como “jogue as lagostas na panela”.

V4_TC: observa-se uma pausa e logo a reformulação no nível sintático. Utiliza-se uma forma passiva “colocam-se” e logo um verbo no infinitivo “colocar”.

V5_TC: encontramos pausa e reformulação. Verifica-se uma pausa antes da tradução de “*langostinos*”, em seguida, a inclusão de “os camarões” depois do verbo da oração principal e a substituição da forma infinitiva “colocar” pela forma imperativa “acrescente”.

V6_TC: há pausa ao término da tradução da subordinada. A oração principal é traduzida por “ponha os camarões”. Ainda na fase de produção, depois de concluir o período subsequente, o voluntário volta à oração principal e substitui a forma “ponha” por “acrescente”.

V8_TC: observa-se reformulação imediata na oração temporal. A tradução é começada com “quando come...”, há uma interrupção e substitui-se o verbo “come...” por “ferver”.

V10_TC: há uma pausa antes de “*langostinos*” e, em seguida, sua tradução por “lagostim”.

Entrevistas

Em 50% dos casos (V2, V6, V8, V9 e V11_TC) não há referência a esse fragmento nas entrevistas.

Nos 50% restantes, observam-se as seguintes considerações, reproduzidas aqui literalmente.

Perguntado sobre a mudança realizada na fase de revisão, de “deve-se tirar as lagostas” por “jogue as lagostas”, V3_TC disse: “Foi uma dificuldade de interpretação, na verdade (...) não prestei atenção nesse nicho e no final eu vi que eu tinha iniciado com ‘coloque as lagostas’, mas na verdade era para pôr todos os ingredientes na água fervendo para depois acrescentar a lagosta. Foi uma dificuldade de interpretação (...) Mais uma falha de atenção”.

V4_TC disse que trocou o verbo na forma passiva por um verbo infinitivo “Porque ‘se colocam’ não é uma coisa que a gente lê em receita”.

V5_TC informou sobre esse trecho: “acho que eu não sabia se colocava com pronomes, sabe, pronome complemento, ‘colocá-los’”.

V7_TC comentou a tradução por “quando levantar fervura”: “eu não sei se essa expressão é corrente aqui, mas eu ouvia muito isso, assim, da minha avó. (...) Era mais ou menos assim, ‘não deixa o leite derramar, quando levantar fervura, desliga’”.

V10_TC relatou ter sido um trecho “tranquilo”, mas verificamos uma pausa, antes de “*langostinos*” palavra que, em outro momento da entrevista, diz ter procurado.

Questionários

Não foi encontrada, para nenhum dos voluntários desse grupo, qualquer menção a esse trecho específico da tradução.

Fragmento 2

Quadro comparativo

QUADRO 27 – COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO (F2) TC		Tempo Pausa	Tipo de reformulação	N.º cursos de tradução (currículo)	Cursos de tradução (extra)
2. Al final, en cuanto la salsa ya esté bien hecha, se puede añadir una cucharadita de zumo de limón (...)					
V2_TC	Quando a consistência estiver boa, acrescente uma colher de suco de limão	10.25	I		
V3_TC	Ao final, quando a maionese estiver bem firme, pode-se acrescentar uma colherada de suco de limão	32.04		3	
V4_TC	No final, quando o molho estiver pronto, pode-se adicionar uma colherinha de suco de limão		I	4	
V5_TC	Ao final, assim que o molho estiver bem preparado, acrescente uma colherzinha de suco de limão	12.10 20.92	I e R	1	1
V6_TC	Por último, quando o molho já estiver no ponto, acrescente uma colherzinha de suco de limão			4	
V7_TC	Por fim, quando o molho estiver pronto, acrescente uma colherzinha de suco de limão			1	
V8_TC	Ao final, quando o molho esteja pronto, se pode acrescentar uma colher de suco de limão	36.41 50.40			
V9_TC	Ao final, enquanto o molho já estiver pronto, você pode acrescentar uma pequena colher de suco de limão	55.11			
V10_TC	Ao final, quando o molho estiver pronto, se pode acrescentar uma colher de chá de suco de limão	13.38 14.01	I		
V11_TC	No final, quando o molho estiver bem consistente, você pode acrescentar uma colherzinha de suco de limão			3	1

Comentários

No item 2 nosso foco estava na influência ou não trazida pelo presente do subjuntivo “*esté*” numa tradução por essa “*estaja*” em língua portuguesa. Além disso, nesse fragmento, colocavam-se outras questões de interesse no que diz respeito à interferência, como é o caso do próprio nexos temporal “*en cuanto*”, um falso cognato de “*enquanto*” em português. Uma correta interpretação desse nexos levaria a traduções que indicam posterioridade em língua portuguesa, como é o caso das conjunções subordinativas “quando, logo que, assim que”, e não simultaneidade, como temos com “*enquanto*”.

Nesse caso, nossa intuição a respeito da interferência sobre a temporal parece ter se confirmado, ainda que numa pequena parcela dos exemplos. Em 10% (V8_TC) dos casos, embora o conector temporal tenha sido corretamente interpretado na tradução por “quando”, o presente do subjuntivo foi mantido na tradução com “*estaja*”.

Em 70% (V2, V3, V4, V6, V7, V10, V11_TC) observamos a tradução por “quando” seguido do verbo “estar” em futuro do subjuntivo > “quando estiver”.

Nos 20% restantes as soluções foram as seguintes. V5_TC utilizou adequadamente o nexos “assim que” para a tradução de “*en cuanto*” e o verbo “estar” no futuro do subjuntivo. V9_TC, por outro lado, empregou corretamente o verbo no futuro do subjuntivo, mas não parece ter se dado conta do falso cognato “*en cuanto*”, uma vez que este foi traduzido por “enquanto”.

Outros elementos podem ser ainda mencionados nesse fragmento da tradução. É o caso da palavra “*salsa*” e de outros termos que, embora não constituam exemplos de falsos amigos, na sua acepção mais corrente²³, tais como “*bien hecha*” e “*cucharadita*”, tampouco poderiam ser traduzidos palavra por palavra sem prejuízo de interpretação em português.

No primeiro caso, em V2, notamos uma reformulação, com a supressão de “*salsa*” e a inclusão de “consistência”, circunstância em que o item lexical ficaria subentendido. Em V3, traduz-se “*salsa*” por “maionese” o que, como se verifica no texto, causa certa confusão, já que estes elementos “*salsa* [molho]” e “*mayonesa* [maionese]” não funcionam como sinônimos dentro do texto. Nos demais, o termo foi traduzido corretamente por “molho”.

Em “*bien hecha*”, observamos que a maior parte dos sujeitos conseguiu compreender a dificuldade de se manter a tradução *ipsis litteris*. 50% deles (V4, V7, V8, V9 e V10_TC) traduziram “*bien hecha*” por “pronto”. Os demais deram soluções variadas: V2, que já tinha suprimido o termo “*salsa*”, utilizou “consistência boa”; V3 “firme”; V5 “bem preparado” (talvez uma formulação mais literal de “*bien hecha*” e, ao mesmo tempo, a menos provável em língua portuguesa, já que, pelo menos logicamente, um molho não ficaria bem/mal preparado); V6 “no ponto” e V11 “consistente”. Uma possível razão para que este item tenha sido um ponto problemático no texto pode ser o fato de que, atualmente, os molhos quase sempre sejam comprados já prontos. Em nosso *corpus* de receitas escritas, por exemplo, encontramos 478 ocorrências da palavra “molho”, mas só 60 delas se referiam à elaboração deste na receita. A expressão “*bien hecha*” poderia ser caracterizada como problema de tipo cultural/pragmático, não só porque a orientação de “fazer o molho” não deva ser, atualmente, a mais esperada para o leitor brasileiro, mas porque, por esta ação não fazer

²³ Entendido como palavras semelhantes ou idênticas graficamente, mas cujos sentidos não são correspondentes.

parte de sua práxis, este não poderia saber qual aspecto o molho deveria ter e, portanto, reexpressar em língua materna esse feito se tornava ainda mais complexo.

Com relação à “*cucharadita*”, a questão envolve a seleção/distribuição de termos que, embora tenham um equivalente imediato na outra língua, conforme reproduzimos a partir do dicionário Señas (2000) abaixo, não funcionam de uma mesma forma.

cu-cha-ra-da [kutʃaráda] *f.* Cantidad de una cosa que cabe en una cuchara: *tiene que tomar una ~ de este jarabe después de cada comida.* □ **colherada**.

Como observamos em nosso *corpus* de comparação, esses itens não são correspondentes em todos os níveis. Em língua portuguesa, “colherada” é um termo de baixíssima frequência nas receitas, com apenas duas ocorrências no *corpus* de comparação. Para indicar as medidas, utilizamos mais correntemente o termo “colher” (319 ocorrências). Em espanhol, o uso de “*cucharada*” parece ser simetricamente oposto ao verificado em português, já que é exatamente essa a palavra usada para as medidas (240 ocorrências). Sobre o diminutivo de “*cucharadita*”, constatamos que o vocábulo “colherzinha” não apareceu nenhuma vez no *corpus* de receitas escritas. Por outro lado, ainda que com pouca frequência, a forma “colherinha”, não recomendada pela norma culta, surgiu cinco vezes. Esses dados podem indicar: (i) a tradução de “*cucharada*” por “colherada” constitui um problema textual, já que esta forma não reexpressa adequadamente os usos praticados nas duas línguas em tal gênero; (ii) o diminutivo não parece ser a forma esperada em português e, por isso mesmo, talvez devesse ser selecionado para a tradução um tipo de colher específico, de tamanho pequeno, como é o caso da “colher de café” ou da “colher de chá”. As soluções foram variadas e podem ser discutidas quanto à sua precisão. Excetuando-se o sujeito V3_TC, que traduziu o termo em questão por “colherada”, nos demais encontramos: V2 e V8 “colher”, V4 “colherinha”, V9 “colher pequena”, V10 “colher de chá” e V4, V6, V7 e V11 “colherzinha”.

Vale mencionar ainda que em V8 e V10_TC houve, na oração principal, a forma “*se puede*” do espanhol traduzida literalmente em português por “se pode”, com o pronome na posição proclítica apesar de, especialmente do ponto de vista normativo, o esperado ser o pronome enclítico num texto escrito, isso ao manter-se essa formulação mais literal, evidentemente.

No que diz respeito à ordem de realização das tarefas, não é possível caracterizar grande diferença entre a produção dos sujeitos que começaram pela tradução ou que terminaram com ela a coleta. O que se pode apontar é que dois (V6 e V11) dos três voluntários (V6, V7 e V11) que não apresentaram reformulações ou pausas no grupo TC já conheciam essa receita, por terem-na traduzido durante o curso de “Análise Contrastiva para a Tradução”.

Síntese do observado no Translog

Em 30% dos casos (V6, V7 e V11_TC) não há pausas ou reformulações nesse trecho. Nos demais 70% encontramos:

V2_TC: há reformulação imediata na oração temporal, que tinha sido traduzida por “depois que a maionese es...” e logo reformulada por “quando a consistência estiver boa”. Observamos pausa depois da oração temporal.

V3_TC: há pausa antes de “*cucharadita*”.

V4_TC: verifica-se uma reformulação na temporal que inicialmente é traduzida por “quando o molho esteja”. A seguir, o verbo em presente do subjuntivo “esteja” é substituído por futuro “estiver”.

V5_TC: há pausa antes de “quando”, nexos que é substituído por “assim que”. Nova pausa é observada depois de “bem preparado”. O adjetivo dessa expressão é substituído por “batido”. Na fase de revisão, substitui-se novamente o adjetivo “batido”, retornando-se para a primeira forma empregada, “preparado”.

V8_TC: há pausa antes de “ao final” e antes de “quando”.

V9_TC: há pausa antes de “molho”.

V10_TC: nota-se pausa depois de “enquanto” e logo a sua substituição por “quando”. Outra pausa é constatada antes da oração principal “se pode acrescentar”.

Entrevistas

A complexidade desse fragmento fica ainda mais evidenciada se considerarmos que apenas um dos sujeitos, V7, deixa de referir-se a ele na entrevista.

V2_TC, ao ser perguntado sobre as reformulações realizadas no trecho em questão, disse se não lembrar.

V3_TC informou, a respeito da pausa nesse período: “aí eu fiquei em dúvida com os diminutivos que foram usados no texto e acho que isso infantiliza, não sei,

pensando no público alvo, aí pensei, ‘uma colherada’, ‘uma colherzinha’, que fosse, por isso eu parei”.

V4_TC, a respeito da mudança da estrutura em presente “esteja” por “estiver”, explicou: “É que eu faço muita confusão disso ‘quando estiver’, ‘quando esteja’, porque acho que existe até ‘quando esteja’, mas é mais normal ‘quando estiver’. (...) Acho que mais quando eu traduzo, assim, o espanhol influencia muito o que você está fazendo. Aí eu escrevi uma coisa e depois eu mudei”.

V5_TC informou a respeito do fragmento: “Eu tinha colocado ‘bem batido’, eu coloquei ‘bem preparado’ (...) Que na verdade eu não sei se foi melhor”. Também comentou a pausa detectada na oração temporal “eu parei nesse ‘*en cuanto*’ para ver se esse ‘*en cuanto*’ era a conjunção temporal, se é ‘assim que’, ou se era o ‘*en cuanto*’, ‘sobre algo’”.

V6_TC fez dois comentários sobre o trecho, o primeiro, acerca da tradução de “*al final*”: “eu coloquei o ‘por último’ (...) Foi uma expressão que me veio na hora”; e o segundo a respeito da tradução de “*bien hecha*”: ““No ponto’, acho que funciona. Não sei se é exatamente isso, mas eu achei que funcionava”.

V8_TC, quando perguntado sobre as pausas nesse fragmento, disse: “Foi por causa do ‘*al final*’. Eu falei, bem, eu coloco diferente ou ponho alguma coisa, igual, dá pra gente..., ‘no final’ também. Eu nem lembro o que que eu pus, acho que ‘ao final’ (...) Foi os dois que eu achei, ‘*al final*’, ‘*en cuanto*’, que dá a impressão, assim, pra mim, lendo... (...) Que já tá pronto, que o molho já tá pronto, aí eu fiquei pensando, ‘*al final, en cuanto la salsa ya esté bien hecha*’..., para quê? É uma coisa que a pessoa ainda tá fazendo. (...) Então eu fiquei pensando em qual sentido era para a receita mesmo, se era, se tinha o mesmo sentido que eu tava entendendo. Eu falei, a receita já tá feita, então eu não posso usar... o ‘enquanto’, para o português, pelo menos, não usaria”.

V9_TC, com relação à pausa antes do termo “molho”, comentou: “Aqui que eu comecei a refletir, de novo, sobre o ‘*alioli*’ (...) Porque ‘*salsa*’ é molho. Aí eu falei... que será... Aí eu comecei a pesquisar de novo e eu acho que eu encontrei”.

V10_TC, com relação à primeira pausa, comentou: “É, porque aí eu caí na real que tava o ‘*en cuanto*’ (...)”. No que diz respeito à oração principal, com “se pode acrescentar”, reconheceu a influência da língua/texto fonte: “ficou errado aqui, ‘se pode’, fui na onda do espanhol”.

V11_TC relatou: “O ‘*bien hecha*’ eu fiquei pensando (...) É, e eu não tenho certeza que ‘*bien hecha*’ é ‘bem consistente’. (...) E eu fiquei fazendo um esforço para pensar ‘*bien hecha*’, as vezes que eu já tinha ouvido. Não consultei, porque eu achei que não valia a pena, porque ia ter, enfim, milhões, (...) para o ‘*hecho*’ e não vinha ao caso. E pensei, bom, maionese, normalmente tem, se não ficar aguada, todos os *chefs* falam, ‘ficou rala a maionese’, então eu falei, deve ser consistente mesmo”.

Questionários

V5_TC comentou que havia ficado insatisfeito com a tradução de “*salsa bien hecha*”. Os demais não se referiram a esse fragmento no questionário.

Fragmento 3

Quadro comparativo

QUADRO 28 – COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO (F3) TC		Tempo Pausa	Tipo de reformulação	N.º cursos de tradução (currículo)	Cursos de tradução (extra)
3. En cuanto esté preparada la mayonesa y el alioli, coja un plato grande o una fuente y añada una capa de mayonesa.					
V2_TC	Quando a maionese e a pasta de alho estiverem prontas, pegue um prato grande e acrescente uma camada generosa de maionese	10.97	I		
V3_TC	Ao terminar de preparar a maionese e o molho, pegue um prato grande ou uma vasilha e cubra o fundo com maionese.	27.45 25.22	P e I	3	
V4_TC	Quando a maionese e o alioli estiverem prontos, pegue um prato grande ou uma vasilha e adicione uma camada de maionese.	14.92 20.69	I	4	
V5_TC	Assim que a maionese e o óleo estiverem preparados, pegue um prato grande ou uma bandeja e acrescente uma camada de maionese.	27.18	I	1	1
V6_TC	Quando o molho e o alho e óleo estiverem prontos, pegue um prato grande ou uma travessa e coloque uma camada de molho.	1.00.47	I	4	
V7_TC	Depois de preparada a maionese e o creme, em uma travessa grande coloque uma camada de maionese.	26.04 12.51		1	
V8_TC	Quando estiver tudo preparado para a maionese e para o alho e óleo, pegue um prato grande o um recipiente e acrescente uma camada de maionese.	1.12.65 21.18	I		
V9_TC	Enquanto a maionese e o molho alho e óleo estão sendo preparados, pegue um prato grande ou uma forma e coloque uma camada de maionese	1.14.40			
V10_TC	Quando estiverem preparados a maionese e o 'alioli', pegue um prato grande ou uma tigela e distribua uma camada de maionese.	1.04.20 30.77	I		

V11_TC	quando a maionese e o alioli estiverem prontos, pegue um prato grande ou uma travessa e faça uma camada de maionese.	28.14	I	3	1
--------	--	-------	---	---	---

Comentários

Assim como nos fragmentos anteriores, procurávamos observar se a temporal em presente do subjuntivo interferiria na tradução em língua portuguesa. Também o nexso temporal “*en cuanto*” seria objeto de análise, já que, como falso cognato, poderia fazer com os sujeitos incorressem na transposição desse item, com “*enquanto*” em língua materna.

Encontramos o uso de “*enquanto*” apenas em 10% dos casos, com o mesmo sujeito que o tinha utilizado no fragmento 2 (F2) anterior, V9_TC. Nesse caso, e diferentemente do fragmento precedente, o verbo utilizado na tradução estava no presente do indicativo e a ideia transmitida no trecho era de simultaneidade.

Em 60% dos casos (V2, V4, V6, V8, V10 e V11_TC) observamos a tradução por “quando” seguido do verbo “estar” no futuro do subjuntivo. O que muda substancialmente nesse trecho com relação a F2 é a identificação do sujeito da oração temporal por parte dos voluntários. Embora no original o verbo esteja no singular, a concordância não parece ser feita com um único elemento, mas com os dois, em conjunto, isto é, tanto com a “*mayonesa*” quanto com o “*alioli*”. Esse fato fez com que os voluntários, em sua maioria (exceto V3 e V8), alterassem a concordância verbal para uma terceira pessoa do plural, “*estiverem*”.

Nos outros 30% restantes observamos:

V3 utilizou uma formulação menos próxima do original, com a tradução por “ao terminar de preparar”. Ao alterar o foco, ou seja, ao transformar em sujeito da oração subordinada a pessoa que faz a receita (que é também o mesmo sujeito da oração principal), parece conseguir resolver a possível dificuldade em estabelecer com quem deveria fazer a concordância o verbo da oração temporal, e se seu sujeito seria singular ou plural.

V5_TC utilizou, como na tradução do fragmento 2, o conector temporal “*assim que*”.

No caso de V7, a tradução da temporal foi feita com o nexso “*depois*” seguido do adjetivo feminino “*preparada*” no singular, o que indica a concordância com apenas o primeiro dos elementos, ou seja, com “*maionese*”, tal como parece ser o caso do original, onde se lê “*esté preparada la mayonesa...*”.

V8 utilizou como sujeito da temporal o termo “tudo”, ao que parece, como forma de solucionar a dificuldade de identificação do sujeito da temporal. Entretanto, sua solução não parece ter sido a mais feliz já que, segundo a interpretação dada em seu texto (“quando estiver tudo preparado para a maionese e o alho e óleo”), não são o “*alioli*” e a “*mayonesa*”, ou apenas um deles, que fica(m) pronto(s), mas um “tudo” que antecederia à preparação desses acompanhamentos, diferentemente do observado no texto fonte.

Os itens lexicais identificados como problemáticos nesse fragmento são: “*alioli*” (na oração subordinada), “*fuelle*” e “*capa*” (na oração principal). As traduções encontradas foram bastante distintas entre os sujeitos.

No caso de “*alioli*”, tínhamos um problema cultural, relacionado ao uso de um molho que não parece ser empregado (ou não é bem conhecido) em nossa culinária e que, além disso, poderia constituir-se, por sua semelhança gráfica, como falso cognato de uma preparação bastante comum em receitas de massas, como em “macarrão alho e óleo”, por exemplo. Em 30% dos sujeitos (V4, V10 e V11) há manutenção da forma usada no texto em espanhol “*alioli*”; 30% (V5, V6 e V8) traduziram o item por “alho e óleo” (com erro ortográfico no caso de V5); e os 60% restantes apresentaram as seguintes soluções: V2 traduziu o termo por “pasta de alho”; V3 por “molho”; V9 por “molho alho e óleo”; e V7 por “creme”.

Para “*fuelle*”, 20% dos sujeitos (V3 e V4) utilizaram na tradução “vasilha”; e 30% (V6, V7 e V11) “travessa”. Os demais 50% apresentaram as seguintes soluções: V2 suprimiu o item; V5 traduziu-o por “bandeja”; V8 usou “recipiente”; V9 “forma” e V10 “tigela”. O maior problema, com relação a esse termo, era a identificação exata do utensílio em língua portuguesa. Por não saber especificá-lo ou por não poder encontrar qual seria o seu correspondente, os sujeitos oscilaram entre formas mais genéricas (como recipiente) e mais específicas (como bandeja).

No que refere à “*capa*”, só não encontramos tradução por “camada” em um dos casos: V3_TC. No produto final desse sujeito, a palavra é suprimida e há indicação de que o fundo do prato deve ser coberto com a maionese, o que não figura na receita original. No trabalho de V2 notamos ainda a inserção do adjetivo “generosa”, relacionado a esse vocábulo, o que tampouco constava do original.

Com relação à ordem de execução das atividades e aos cursos de tradução realizados pelos sujeitos, não é possível identificar diferenças claras quanto ao produzido no fragmento.

Síntese do observado no Translog

Todos os sujeitos apresentam alguma marca, de pausa e/ou reformulação, na tradução do fragmento 3, o que pode caracterizá-lo como de alta complexidade.

V2_TC traduziu o trecho como “enquanto se prepara a maionese e a pasta de alho, pegue um prato grande e fundo”, deteve-se alguns segundos nessa última palavra, apagou-a e concluiu a oração principal como “acrescente uma camada generosa de maionese”. Imediatamente parece dar-se conta da impossibilidade ou da tradução inadequada da subordinada temporal e a reformula como “quando estiverem prontas”.

V3_TC: há pausas e reformulações no fragmento. Depois da oração temporal encontramos uma pausa, o verbo “tire” é incluído em outro ponto da receita (no seu início). O sujeito retoma a construção aqui focalizada: “um prato grande e ou uma vasilha e faça”, uma nova pausa é verificada e reformula-se o final da oração principal como “cubra o fundo com maionese”.

V4_TC: há pausas e reformulações imediatas, tanto sintáticas como lexicais. Inicialmente a temporal é traduzida com o verbo “estar” no futuro do subjuntivo singular, logo, modifica-se o verbo para o plural. Uma pausa é constatada após a palavra “bacia” que, em seguida, é substituída por “vasilha”. Nova pausa ocorre antes da tradução da palavra “capa”.

V5_TC: nota-se reformulação da temporal, que inicialmente apresenta verbo no singular, mas logo é substituído por plural. Há pausa antes da tradução de “fuente”.

V6_TC: há correção imediata do nexos temporal, que havia sido grafado com “t” (quanto) e não com “d” (quando) e uma pausa depois de “bandeja”. Esta última palavra é substituída por “vasilha” e depois por “travessa”. Também observamos a alteração imediata da palavra “capa” por “camada”.

V7_TC: observa-se pausa antes da tradução de “fuente” e antes da tradução de “añada una capa de mayonesa”.

V8_TC: há pausa antes de “alho e óleo” e depois de palavra “fundo”. Substitui-se “fundo” por “um recipiente”.

V9_TC: encontramos pausa antes da tradução de “fuente”.

V10_TC: há substituição imediata do verbo singular “estiver” pelo plural “estiverem”. Nova pausa é detectada antes da tradução de “*fuelle*”. Depois de outra pausa o sujeito corrige o verbo “pegar” que tinha sido escrito com “q”; escreve “*capa*” e logo substitui essa palavra por “camada”.

V11_TC: substitui “estiver” por “estiverem”. É verificada uma pausa antes da tradução de “*añada una capa de mayonesa*”.

Entrevistas

V2 explicou, com relação ao fragmento, que “tinha entendido que era ‘enquanto você está preparando a maionese vá fazendo outra coisa’, mas não é, a maionese já tinha que estar preparada para colocar no prato”.

V3 disse que “Foi aí que eu pensei em mudar os verbos para o imperativo. (...) E eu comecei a mudar lá em cima. (...)”. Com relação ao fragmento que contém “*capa*”, explicou “É, porque, na verdade, pelo que eu me lembro de receitas, não é uma cobertura, mas fazer um fundo para que as lagostas fossem imersas. (...) Mas isso dentro do meu repertório, que é horrível, de cozinha”.

V4_TC relatou “É, eu coloquei ‘bacia’, daí depois eu pensei ‘tem outro nome para isso’, daí eu fui procurar no dicionário, era ‘vasilha’ e não ‘bacia’. (...)”. Também falou sobre a tradução de “*capa*”: “É, eu já tinha ouvido essa palavra, mas eu não sabia traduzir, daí eu procurei no dicionário. (...) No de espanhol. É porque às vezes é mais rápido procurar do que tentar lembrar”.

V5_TC comentou: “Ah, eu não sabia o que era ‘*fuelle*’ (...) Procurei, no dicionário da Neide”. Disse também, com relação à temporal: “coloquei ‘assim que’ (...) Já tinha pensado no outro [refere-se ao “*en cuanto*” do fragmento 2], facilitou, demorei mais no primeiro”.

V6_TC disse: ““*Una fuente*’, eu fiquei pensando, é ‘bandeja’? Lá fui eu atrás do que seria, aí eu peguei algumas imagens no Google, porque bandeja não funcionaria muito bem, uma ‘vasilha’. (...) É, “vasilha”, “travessa”..., eu acabei ficando com a ‘travessa’”.

V7_TC informou: “Eu fui buscar o que que era ‘*fuelle*’. Aí não consegui achar outros sentidos, que não fossem “fonte” mesmo. Aí resolvi trocar ‘prato’ e ‘fonte’ por um utensílio só”.

V8_TC disse, sobre a pausa inicial: “Eu fiquei tentando achar alguma coisa equivalente, porque também me dá a impressão ‘*en cuanto esté preparada*’ a ação ainda

tá ocorrendo (...) Eu tava tentando achar só uma equivalência pro português, assim, alguma coisa para começar a frase...”. Sobre a segunda pausa nesse trecho, comentou: “Um prato grande e fundo, eu falei, o que é ‘*una fuente*’? Aí eu coloquei ‘um recipiente’ (...) ‘*La fuente*’ eu pesquisei”.

V9_TC referiu-se à sua pausa nesse trecho: “eu fui, acho, que pesquisar para saber o que era uma ‘*fuente*’”. Posteriormente, parece perceber o equívoco de sua interpretação da temporal: “Agora você falando, essa frase eu não entendi se é ela já tá preparada ou se ela está sendo preparada”.

V10_TC fez os seguintes comentários sobre o trecho: “eu não sabia se ‘*fuente*’ era uma ‘forma’ ou uma ‘tigela’ (...) Procurei. (...) No Clave. (...) ‘*Capa*’, eu falei, se alguém me pede para colocar uma ‘*capa*’ na forma eu não vou saber o que é”.

V11_TC disse, referindo-se ao trecho em que substitui o verbo singular por plural: “É porque eu esqueci, foi, eu não notei, ‘quando a maionese estiver pronta’, aí eu vi que era a ‘maionese e o alioli’, voltei para acrescentar isso (...)”. Comentou ainda: “‘*capa*’ eu não tive dúvida de colocar ‘camada’”.

Questionários

Não foi encontrada, para nenhum dos sujeitos desse grupo, qualquer menção a esse trecho da tradução.

Orações com “*HASTA*”

Acreditávamos que pudesse haver interferência na tradução das orações com “até”, de forma que os sujeitos optassem sempre pelo uso de subjuntivo, tal como acontece no texto fonte, mesmo que em língua portuguesa pudesse ser utilizado infinitivo, com ou sem sujeitos correferenciais entre as duas orações.

Fragmento 4

Quadro comparativo

QUADRO 29 – COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO (F4) TC		Tempo Pausa	Tipo de reformulação	N.º cursos de tradução (currículo)	Cursos de tradução (extra)
4. (...) y se dejan <i>hasta que el agua vuelva a hervir</i>.					
V2_TC	espere até que a água ferva novamente.	18.21			
V3_TC	e deixe-as até que a água volte a ferver		R	3	
V4_TC	e deixar até que a água volte a ferver	11.45	I	4	
V5_TC	e deixá-los até que a água volte a ferver	1.10.99	I e P	1	1
V6_TC	e deixe a água ferver novamente		I	4	
V7_TC	e deixe até que a água volte a ferver			1	
V8_TC	e deixe até que a água volte a ferver	11.55			
V9_TC	e deixe eles na água até que ela comece a ferver novamente				
V10_TC	e deixe até que a água volte a ferver	15.80			
V11_TC	e deixe até ferver novamente		R	3	1

Comentários

No fragmento 4, em que é clara a mudança de sujeitos entre as duas orações (na principal = “*langostinos*” e na subordinada = “*agua*”), tencionávamos verificar se a estrutura “*hasta que hierva*” influenciaria os sujeitos a empregarem “até que ferva” na tradução, ainda que o infinitivo “até (a água) ferver” pudesse ser utilizado.

Em 80% dos casos (V2, V3, V4, V5, V7, V8, V9 e V10_TC) a hipótese de interferência se confirmou. Destes, 60% (V3, V4, V5, V7, V8 e V10) mantiveram a mesma estrutura, na mesma ordem do texto fonte “*hasta que el agua vuelva a hervir*” por “até que a água volte a ferver”. V2 e V9 mudam ligeiramente a construção, apesar de manterem o modo subjuntivo, com “até que a água ferva novamente” e “até que ela comece a ferver novamente”.

Os 20% restantes (V6 e V11_TC) não utilizam o modo subjuntivo na tradução: V6 suprimiu a temporal, numa relação de coordenação “deixe a água ferver novamente”, e V11 utilizou um verbo com infinitivo, com a tradução por “até ferver novamente”. Na tradução de V11 “os camarões” (sintagma nominal plural) aparecem como objeto direto da oração imediatamente anterior e não podem funcionar como sujeito do verbo “ferver” (infinitivo singular). O advérbio “novamente”, por outro lado, reduz a possibilidade de se interpretar o sujeito de “ferver” como correferencial ao do verbo “deixar”. Assim, o elemento que parece funcionar como sujeito do verbo da subordinada, nesse caso “a água”, ficaria subentendido.

A forma passiva, presente na oração principal, transformou-se em praticamente todos os casos em imperativo, exceto em V4 e V5_TC que optaram por infinitivo na instrução. Talvez o mais interessante, no caso da abordagem dessa sentença, é que 60% dos sujeitos (V4, V6, V7, V8, V10 e V11_TC) parece ter se valido da possibilidade de que, em português, o objeto direto não precisasse ser explicitado e, por isso mesmo, tenham traduzido “*se dejan*” por “deixe” ou “deixar”, sem a preocupação de ocupar esse suposto “vazio sintático” correspondente ao complemento verbal. Em 30% dos casos encontramos: um pronome de complemento direto unido ao imperativo (V3), em “deixe-as”; um pronome de complemento seguido do infinitivo (V5), em “deixá-los”; e um pronome pessoal na posição de objeto direto (V9), em “deixe eles”. Os 10% restantes (V2_TC) empregaram um verbo distinto de “deixar”, o verbo “esperar” que não implicava, nessa situação, um lugar a ser preenchido.

Não há nada, com relação à ordem de realização das tarefas, que efetivamente diferencie um e outro grupo. Com relação aos cursos de tradução feitos pelos voluntários, observa-se que dois (V6 e V11) dos três sujeitos (V4, V6 e V11) que já haviam traduzido esse mesmo texto, na disciplina de “Análise Contrastiva para a Tradução”, foram justamente aqueles que utilizaram, como soluções finais, estruturas menos próximas às do texto fonte, com a supressão da temporal (numa oração coordenada, no caso de V6) e o uso de infinitivo no lugar do subjuntivo na oração temporal (V11). Vale a pena enfatizar esse fato porque, um dos temas tratados no referido curso é justamente o contraste entre os usos de infinitivo/subjuntivo em orações subordinadas nas duas línguas.

Síntese do observado no Translog

Em apenas 20% (V7 e V9) não se verificam pausas ou reformulações.

V2 e V10_TC: há pausa antes do início do período.

V3_TC: o sujeito não traduz, durante a fase de produção, o trecho em questão, só o faz na fase de revisão.

V4_TC: observa-se pausa antes do período. O sujeito retorna à oração imediatamente anterior para substituir o verbo na forma passiva “colocam-se” pelo verbo “colocar”.

V5_TC: há reformulação do verbo da oração principal “deixá-los” por “deixar”. O conector temporal não havia sido traduzido nesse primeiro momento. Depois da

tradução do período seguinte, “*Mientras tanto, se cortan y se lavan las judías*”, o sujeito retorna ao fragmento aqui em foco, volta a modificar o verbo da oração principal por “deixá-los” e traduz a conjunção subordinativa “*hasta*” por “até”.

V6_TC: há reformulação no nível sintático, mas não pausa. O sujeito inicialmente realiza uma tradução mais próxima do texto fonte, em “deixe até que a água volte a ferver”, corrige o verbo “voltar” que havia sido digitado incorretamente e logo substitui essa formulação por “deixe a água ferver novamente”.

V8_TC: há pausa antes da temporal.

V11_TC: há reformulação na fase de revisão. Traduz-se num primeiro momento o período por “deixe até que a água volte a ferver” (formulação mais próxima à do texto de origem) e, na fase de revisão, substitui-se essa construção por “deixe até ferver novamente”.

Entrevistas

Apenas 20% dos sujeitos (V3 e V7) deixam de comentar esse fragmento na entrevista, embora um deles, (V3), só tenha traduzido o período em destaque na fase de revisão.

V2_TC, perguntado sobre a pausa nesse trecho, disse: “eu tinha escrito tudo ‘acrescente, acrescente, acrescente’, depois eu voltei colocando sinônimos, senão ia ficar umas dez vezes ‘acrescente’”.

V4_TC informou: “depois eu mudei de ideia (...) porque ‘se colocam’ não é uma coisa que a gente lê em receita, eu acho. (...) Eu não sabia muito bem como traduzir, esse ‘*se dejan hasta*’ (...) Então eu coloquei ‘deixar até que a água volte a ferver’”.

V5_TC comentou: “eu comi um ‘*hasta*’ ali, e depois eu arrumei. (...) É que eu misturo. (...) É, acho, que é uma mistura mesmo, de línguas”.

V6_TC explicou que “Primeiro eu digitei errado, depois eu pensei, ‘volte a ferver’, talvez não soaria muito português, então ‘ferva de novo’ (...) Soava melhor ‘ferver de novo’, ‘novamente’. (...) Acho que seria um pouquinho mais, do que ‘volte a ferver’”.

V8_TC disse, sobre a pausa antes do trecho, que “tava pensando como é que eu colocaria, como eu ia escrever de uma forma que ficasse mais.... coerente”.

V9_TC comentou sua interpretação sobre o fragmento: “Parece que quando coloca o camarão para, a água para de, ele tira aquele estado. (...) Essa água parou de ferver e ela voltou ao estado que ela tava, é até que os camarões lá dentro começassem a ferver novamente na água”.

V10_TC expõe que sua pausa nesse trecho se devia ao termo “*langostinos*”, presente em “*se dejan*”.

V11_TC explicou sua reformulação, com a oração temporal com infinitivo, como uma questão de estilo “acho que por firula mesmo, não sei se era tão necessário assim”.

Questionários

Não há referência específica ao trecho.

FINAIS

Orações com “*PARA*”

Da mesma forma que para as temporais com “*hasta*”, o tipo de interferência que, a nosso ver, poderia ocorrer com as finais com “*para*” seria a utilização da forma “para que + subjuntivo” quando, em língua portuguesa, o modo infinitivo igualmente pudesse ser empregado nessas construções, mesmo com mudança de sujeito.

Fragmento 5

Quadro comparativo

QUADRO 30 – COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO (F5) TC		Tempo Pausa	Tipo de reformulação	N.º cursos de tradução (currículo)	Cursos de tradução (extra)
5. Luego se vuelcan en un colador grande <i>para que escurran y se enfrien</i>.					
V2_TC	Depois escorrá-os e os deixe esfriar.	12.80 16.79	I		
V3_TC	Logo, passe as lagostas por uma peneira grande <i>para que escurram e esfriem</i> .	24.75 34.79	I e R	3	
V4_TC	Despeje-os então em uma peneira grande <i>para que escurram e esfriem</i>		I e R	4	
V5_TC	Em seguida, despejar em uma peneira grande <i>para escorrer e esfriar</i>		I e R	1	1
V6_TC	Depois, vire-os em um escorredor grande <i>para que a água escorra e eles se esfriem</i>	14.84	I	4	
V7_TC	Despeje os ingredientes em uma peneira grande <i>para que escorra a água e esfrie</i> .	19.94 21.06	I	1	
V8_TC	Depois derrame em um escorredor grande <i>para que escorra e esfrie</i> .	18.20 23.06	I		
V9_TC	Logo em seguida, com uma peneira, escorra água da panela e deixe os camarões esfriando.	02.06.59 21.13 15.52	I		
V10_TC	Em seguida, coloque em um escorredor grande <i>para escorrer a água</i> . Deixe esfriar.	35.91 11.92	I		
V11_TC	Depois escorra em um escorredor grande e deixe esfriar.			3	1

Comentários

No fragmento 5, pretendíamos observar se a oração final “*para que escurran y se enfríen*” induziria uma tradução em que se mantivesse o verbo no subjuntivo. Aqui, diferentemente dos demais casos até agora analisados, não havia mudança de sujeito na oração subordinada. Pareceria estranho, então, o uso de subjuntivo na oração subordinada se os sujeitos coincidem na construção em espanhol. Entretanto, como já detalhado na seção 7.1.2 acima, esse modo parece ser a sintaxe normal para os casos de passiva na oração principal na língua espanhola já que, apesar da correferência entre os sujeitos em termos sintáticos, não existe identificação semântica. Em língua portuguesa, por outro lado, a instrução com verbo na voz passiva não poderia ser utilizada nesse gênero, o que implicaria uma mudança de sujeito sintático entre as duas línguas na oração principal. Desta forma, poder-se-ia empregar tanto um verbo em imperativo como um verbo em infinitivo em português. Na oração subordinada, interessava-nos verificar se os voluntários cogitariam o uso de infinitivo, mesmo se, com a necessária alteração sintática na principal – em que teríamos um sujeito [+humano] que realiza a ação –, os sujeitos das duas orações deixassem de ser coincidentes. Em caso afirmativo, verificar também se os voluntários se valeriam do infinitivo flexionado que permitiria a concordância com um sujeito plural, se a forma escolhida para “*langostinos*” fosse “*camarões*”, numa construção como “*para escorrerem [os camarões]...*”, por exemplo.

Em 50% dos casos (V3, V4, V6, V7 e V8_TC) a mudança de sujeito sintático foi marcada com subjuntivo. 20% dos voluntários utilizaram na final uma construção mais próxima da do original, V3 e V4, traduziram-na por “*para que escurram e esfriem*”. Nos demais, verifica-se o seguinte: V6 interpreta que os verbos da subordinada se referem a coisas distintas, de forma que, apesar de manter o modo subjuntivo em ambos, cada um dos verbos concorda com um sujeito diferente: “*para que a água escurra e eles [os camarões] esfriem*”; V7 explicita o objeto do primeiro verbo, “*para que escurra a água e esfrie*”; e V8 passa os dois verbos para singular “*para que escurra e esfrie*”.

Apenas 20% (V5 e V10_TC) utilizam verbos com infinitivo, respectivamente, “*para escorrer e esfriar*” e “*para escorrer*”. Em V5 e V10, existe a possibilidade de dupla interpretação com relação ao sujeito desses verbos: (i) que haja coincidência com o sujeito da oração principal; (ii) que o elemento “*a água*”, objeto direto implícito em V5 e tema do verbo inacusativo em V10, funcione como sujeito da oração subordinada.

Em 30% dos casos (V2, V9 e V11_TC), a solução tradutória não manteve a subordinação, substituindo-se esta por uma oração coordenada “escorra e deixe”. Em V2 nota-se a acentuação incorreta do verbo em imperativo unido ao complemento: “escorrá-os”.

Outros três pontos nos interessavam nesse fragmento. Um deles dizia respeito à tradução do falso cognato “*luego*”, em português, a indicação do passo seguinte numa sequência de ações, que é quase sempre formulada com “depois”, “em seguida”, “após”, por exemplo. Houve tradução por “logo” (com sentido de “imediatamente”) em 10% (V3) dos casos e por “então” (sentido de “naquele momento”) em outros 10% (V4). Em 40% das traduções encontramos o marcador temporal traduzido por “depois” (V2, V6, V8 e V11); em 20%, por “em seguida” (V5 e V10); e em 10% por “logo em seguida” (V10). Os 10% (V7) restantes omitem na tradução esse advérbio.

O segundo item dizia respeito à tradução do verbo “*volcar*”. 30% dos sujeitos (V2, V9 e V11) não o retomaram no texto meta; 30% (V4, V5 e V7) traduziram-no por “despejar”; e os 40% restantes por “passar” (V3); “virar” (V6); “derramar” (V8) e “colocar” (V10).

O terceiro item de interesse era o termo “*colador*” que, se bem não se constitui exatamente como um falso amigo, tampouco prevê uma tradução por seu equivalente mais imediato, “coador”, na circunstância sob exame. A palavra “coador”, pelo menos para a variante brasileira do português, relacionar-se-ia a um utensílio normalmente feito de tecido, utilizado para “coar” líquidos ou preparações com características distintas da verificada na receita. Em outras palavras, não seria provável utilizar um coador para escorrer a água da fervura de um espaguetti, por exemplo, mas sim para reter as substâncias sólidas e de tamanho bem pequeno, como num chá ou café, deixando apenas que a água passe (é o que se constata nas 26 entradas com o verbo “coar” em nosso *corpus* de receitas escritas). A relação com o termo “peneira” é mais ou menos a mesma, já que o se pressupõe “peneirar” são, via de regra, substâncias finas, como farinha, açúcar ou grãos muito menores ou líquidas, mais delicadas, como gemas e misturas batidas no liquidificador (das 155 ocorrências com a palavra de busca “peneir*”, ou seja, para todas as ocorrências de verbo ou substantivo derivado dessa entrada, nenhuma esteve relacionada com um elemento que apresentasse a dimensão de camarões grandes). Por fim, restaria o termo “escorredor” que, ao que parece, melhor se encaixaria para o contexto especificado na receita, o de um alimento cozido, cujas

dimensões são um pouco maiores (nas 149 entradas em nosso *corpus* com “escorr*” observamos exatamente esse aspecto, por exemplo em “milho escorrido”, “escorra a linguiça”, “coloque o nhocão no escorredor” etc.). A escolha do termo “escorredor”, por outro lado, implicava um segundo problema de ordem linguística a ser solucionado na tradução, o de uma indesejável repetição, em “escorrer com/num escorredor”. Os resultados finais foram os seguintes: 50% dos sujeitos (V3, V4, V5, V7 e V9) utilizaram o termo “peneira”; 40% (V6, V8, V10 e V11) “escorredor” e 10% (V2) omitiram-no. Como se observa, embora nenhum dos sujeitos do grupo TC apresente no texto final uma tradução literal por “coador”, muitos deles lançam mão do termo “peneira” que, como já explicitamos, não parece ser o mais adequado/natural para o contexto tratado.

Não acreditamos que exista grande diferença entre os resultados daqueles sujeitos que realizaram a tradução como primeira atividade (V2 a V6) e os que a fizeram como tarefa final (V7 a V11), apesar de esses últimos terem apresentado traduções menos próximas às do original, uma com infinitivo e duas com estruturas coordenadas. No que se refere aos cursos de tradução, não parece haver influência sobre o uso de infinitivo nas finais: um dos sujeitos (V5) que optou por tal forma fez a tradução como primeira tarefa e tinha frequentado uma disciplina curricular e outra extracurricular de tradução; enquanto o outro (V10) fez a tradução como última tarefa e não tinha cursado nenhuma disciplina desse tipo. Além disso, dois dos sujeitos que já tinham traduzido o texto em “Análise Contrastiva para a Tradução”, (V4 e V6), empregaram subjuntivo, apesar de, como já apontado, o contraste nesse nível e estrutura fosse objeto de destaque ao longo do curso. No caso de V11, que também realizou o referido curso e a tradução da receita, por outro lado, constatamos o maior distanciamento quanto à forma sintática empregada no texto fonte, com uma estrutura coordenada. Tampouco há marcas de pausa ou reformulação nessa estrutura, o que poderia indicar que todos os problemas envolvidos no trecho não tenham constituído, para esse sujeito, também uma dificuldade, uma vez que já teria, em outra oportunidade, elaborado formas de lidar com eles. Por último, pode-se dizer que algumas soluções lexicais mais acertadas, como a de “*luego*” por “depois” e de “*colador*” por “escorredor” são compartilhadas por dois dos três sujeitos que já tinham traduzido essa mesma receita na referida disciplina (V6 e V11).

Síntese do observado no Translog

Observamos que não existe pausa ou reformulação em apenas um dos casos, em V11_TC.

V2_TC: há pausa antes de “*luego*” (início do período) e reformulação imediata da forma “escorraos” por “escorrá-os”. Verifica-se nova pausa antes da oração coordenada “e os deixe esfriar”.

V3_TC: há pausa antes e depois da tradução do termo “*luego*”. O sujeito traduz “*se escurren*” por “são”, em seguida, substitui esse verbo por “devem ser colocadas” e novamente por “devem ser passadas por uma peneira grande”. Na fase de revisão, troca “devem ser passadas” por “passe”.

V4_TC: há reformulação imediata e reelaboração na revisão. O sujeito traduz inicialmente o trecho por “logo se despe...”, substitui essa construção por “despejar” e em seguida por “depois, despejar em uma peneira grande” e por “despeje-os para que”. Muda-a para “escorrê-los” e volta a utilizar uma oração subordinada “para que escorram e esfriem”. No final do texto, inclui o marcador “então”, após o verbo da oração principal “despeje-os então”.

V5_TC: verifica-se reformulação imediata e na fase de revisão, tanto no nível sintático como no nível lexical. A oração final com “para que” é reformulada por “para escorrer e esfriar”. Durante a fase de revisão, substitui-se “coador” por “peneira”.

V6_TC: observa-se pausa após a tradução de “*colador grande*” por “escorredor grande” e, em seguida, a inclusão do pronome objeto “os” após o verbo “vire”.

V7_TC: há pausa antes do início do período e depois da tradução de “*luego*”. O sujeito traduz “*se vuelcan en un colador*” por “coe” e logo altera essa formulação por “despeje os ingredientes”, substituindo, depois, “os ingredientes” por “mistura”. Retorna à forma inicial “ingredientes”. Traduz a oração subordinada usando infinitivo “para escorrer a água e esfriar” e, em seguida, troca-a por “para que escorra a água e esfrie”.

V8_TC: há pausa antes da tradução de “*luego*” e antes de “*se enfríen*”.

V9_TC: há pausa no início do período, nova pausa depois de “peneire”, pausa e substituição da construção inicial por “coloque os camarões em uma peneira e retire”. Verifica-se ainda outra reformulação no trecho por “com uma peneira, escorra a água da panela e deixe os camarões esfriando”.

V10_TC: nota-se pausa antes da tradução de “*se escurren*” por “escorra”. Substitui-se o verbo “escorrer” em imperativo por “coloque em um escorredor grande

para escorrer a água”. Há nova pausa nesse ponto e a tradução da segunda parte da sentença final num novo período: “Deixe esfriar”.

Entrevistas

V2_TC informou sobre o fragmento: “Aí eu não sabia como que eu colocava, se eu colocava... tinha que dar um jeito de não colocar a palavra de novo, que já tinha repetido demais. (...) Eu não sabia se colocava ‘deixe esfriar’, ‘os deixe esfriar’, ‘deixe-os esfriar’. Aí eu fiquei pensando, coloquei de várias formas.” Conclui “(...) Eu só coloquei ‘para escorrer’ (...) Eu achei que era informação demais”.

V3_TC comentou a respeito da pausa nesse trecho: “eu não encontrei um verbo para colocar antes de ‘peneira’, porque tem o verbo ‘peneirar’ (...) Então, como tinha uma característica, um adjetivo, a ‘peneira grande’, então não poderia colocar ‘peneirar’, por isso a dificuldade e a pausa. (...) É, na verdade, eu não cheguei a uma conclusão, porque se usa ‘peneirar’ alguma coisa”.

V4_TC quando perguntado sobre a oscilação entre infinitivo e subjuntivo no trecho explicou que “eu achava que ia ficar muito sem referência, assim, porque ‘para escorrer e esfriar’, o quê?” Sobre as mudanças na fase revisão disse “Alguma outra coisa que eu quis encadear melhor, aí eu coloquei o ‘então’”.

V5_TC, sobre a formulação com infinitivo na oração final disse: “Acho que foi... é... acho que é uma coisa mais geral, ‘para escorrer e esfriar’, ‘para que eles...’, não sei, acho que ‘para que’ teria que colocar um sujeito e esse ‘eles’, acho que... não sei, como é uma comida, acho que uma coisa mais geral, a ação, ‘escorrer e esfriar’”. Sobre a alteração ao final do texto, com a troca de “coador” por “peneira”, disse ter procurado “no dicionário” e que “a diferença é mais no tamanho, o coador é menor. Apesar que tem o coador de café que é diferente, não sei. Enfim, a ‘peneira’ acho que é uma coisa maior, então eu falei, ah, vou trocar por ‘peneira’”.

V6_TC explicou: “Eu fiquei pensando em como usar ‘virar no escorredor’, eu acho que fica assim mesmo. (...) Eu pensei também em ‘vire-os’, ‘vire’, ‘para que eles virem’”.

V7_TC informou: “Eu fiquei tentando puxar pela memória o que seria um ‘colador’. (...) Eu fiquei em dúvida se era uma ‘peneira’ ou um ‘coador’, aí eu fui buscar.” Com relação à mudança da forma infinitiva na oração final pela forma com subjuntivo, disse “(...) Porque para mim ficou um pouco obscuro. (...) Aí eu tentei explicar um pouco mais”.

V8_TC referiu-se à tradução de “*se escurren en un colador*”: “eu falei, vou deixar, vai servir de pesquisa, depois que derrama no escorredor grande para escorrer, eu achei que ficava meio redundante, mas eu falei, vou deixar”.

V9_TC comentou: “eu fiquei pensando se eu ia colocar ‘*luego*’ ou ‘logo em seguida’, acho que eu fiquei pensando. (...) Eu fui procurar o que que era ‘*colador*’”. Sobre a estrutura coordenada escolhida para a tradução, disse: “É, eu entendi em espanhol, assim, pelo contexto, mas eu falei assim, tá, não posso traduzir exatamente o que tá aí porque vai ficar estranho. (...) Aí eu adaptei como se fosse em português, eu entendi a ideia e eu adaptei assim”.

V10_TC disse que separou a oração subordinada em duas “para não ficar um período muito grande. (...) ‘Em seguida, coloque em um escorredor grande para escorrer a água’(...) Isso foi proposital, períodos mais curtos. (...) É só adequação, mesmo”.

V11_TC comentou a dificuldade com relação à redundância do texto “Aí eu coloquei ‘escorra’. Aí depois vinha ‘*colador*’, vou ter que colocar o quê, ‘escorredor’? Aí ficou superfeio”.

Questionário

V11_TC menciona no questionário ter ficado insatisfeito com a repetição de “escorrer no escorredor”.

Fragmento 6

Quadro comparativo

QUADRO 31 – COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO (F6) TC		Tempo Pausa	Tipo de reformulação	N.º cursos de tradução (currículo)	Cursos de tradução (extra)
6. <i>Déjelas en el fuego unos quince minutos con la cacerola destapada para que se queden “enteras”.</i>					
V2_TC	Mantenha em fogo baixo uns 15 minutos com a panela destampada <i>para que fiquem inteiras.</i>	10.43			
V3_TC	Deixe os feijões no fogo por 15 minutos com a panela destampada <i>para que fiquem “inteiros”.</i>			3	
V4_TC	Deixe a vagem no fogo durante aproximadamente quinze minutos com a panela destampada <i>para que não se quebrem.</i>	28.82 15.28 39.80 47.85	I e P	4	
V5_TC	Deixe-as no fogo durante uns quinze minutos com a panela destampada <i>para que continuem “inteiras”</i>			1	1
V6_TC	Deixe-a no fogo uns quinze minutos com a panela destampada <i>para que fique “inteira”</i>		I	4	

V7_TC	Leve-as ao fogo por aproximadamente quinze minutos com a panela aberta <i>para que se conservem inteiras</i>	11.91	R	1	
V8_TC	Deixe-as no fogo por quinze minutos com a panela destampada <i>para que fiquem inteiras.</i>	31.01			
V9_TC	Deixe a no fogo por quinze minutos com a panela destapada <i>para que fique inteira.</i>				
V10_TC	Deixe no fogo aproximadamente quinze minutos com a panela destampada <i>para que se mantenham inteiras.</i>				
V11_TC	Deixe no fogo por 15 minutos com a panela destampada, <i>para que não desmanchem</i>			3	1

Comentários

No fragmento 6, diferentemente do que fragmento anterior, há na oração principal um verbo em imperativo e os sujeitos da principal e da subordinada não são correferenciais. Aqui, buscávamos observar se a estrutura com subjuntivo “*para que se queden*” seria reproduzida na tradução ou se outras formas surgiriam, como o infinitivo ou o infinitivo flexionado, uma vez que o sujeito da subordinada era plural.

Pode-se dizer que em 100% dos casos houve algum grau de interferência na sintaxe, já que o subjuntivo foi a forma selecionada, tal como no texto fonte. Entretanto, algumas alterações podem ser notadas: V6 e V9, por exemplo, mudaram para singular o sujeito que, na oração subordinada do texto fonte era plural.

Um dos itens que nos pareceu ser causa de alguma complexidade na tradução desse fragmento era o verbo “*quedarse*”, utilizado aqui no sentido de “permanecer num estado anterior”. 50% dos sujeitos (V2, V3, V6, V8 e V9) optaram por uma tradução por “ficar”, provavelmente a mais esperada para esse verbo em português. Outras traduções foram: V5 utilizou “continuar”, V7 “conservar” e V10 “manter-se”. Em V4 observa-se uma tradução menos literal, em “para que não se quebrem”. Nela não existe concordância com o sujeito singular que havia sido expresso na oração principal, “a vagem”, provavelmente por influência do plural no texto fonte. V11 também realiza uma tradução menos presa ao original: “para que não desmanchem”. Observemos que o voluntário se vale de uma forma que, como apontamos em 7.1.2, é bastante recorrente em língua portuguesa: a não explicitação do “se” em “para que não desmanchem” ao invés de “para que não se desmanchem”.

Não encontramos distinções entre o grupo que fez a tradução no início da coleta e o grupo que a fez por último. No entanto, vale salientar que dois dos sujeitos que já tinham

realizado a tradução desse mesmo texto no curso de “Análise Contrastiva para a Tradução” (V4 e V11) foram aqueles que, apesar de conservarem o modo subjuntivo no texto, tiveram soluções tradutórias menos literais, com alguma mudança de perspectiva (ao interpretarem que “ficar inteiro” é igual a “não quebrar / desmanchar”), o que não implica, de nossa parte, um juízo de valor sobre a qualidade (ou não) dessas soluções tradutórias.

Síntese do observado no Translog

Em 40% dos casos (V3, V5, V9 e V11_TC) não há pausas ou reformulações. Nos demais, observa-se:

V2_TC: há pausa antes de iniciar o período.

V4_TC: há pausa antes do início do período e depois da palavra “fogo”. Nesse momento, o sujeito volta a trechos anteriores e substitui “ervilhas” por “vagem”. Há nova pausa. Quando aparentemente conclui o trecho aqui observado, detém-se alguns segundos e logo substitui “deixe-a” por “deixe a vagem”.

V6_TC: nota-se substituição da palavra “cerca” por “uns”.

V7_TC: há pausa antes do início do período. Na fase de revisão, o sujeito substitui “sem tampa” por “aberta”.

V8_TC: há pausa antes da tradução de “*destapada*”, mais ou menos na metade da palavra “panela”.

V10_TC: na fase de revisão, corrige a palavra “enteiras” por “inteiras”.

Entrevistas

Em 40% dos casos (V3, V5, V6, V7_TC) não houve menção a esse fragmento.

V2_TC, quando perguntado sobre a pausa, disse que não lembrava porque havia se detido nesse ponto.

V4_TC comentou: “É, aí fico um pouco... A concordância, porque assim, ‘a vagem’, e ‘deixe-a no fogo’, será que a pessoa entende que são várias? Eu não sabia se colocava ‘deixe-as’, ‘deixe-a’”. Disse, com relação às alterações feitas: “É, eu mudei. Lá em cima também. (...) É, foi essa parte que eu tive dúvida do ‘deixe’, ‘deixe-as’”. Sobre a tradução por “para que não se quebrem” relatou “É, eu achei que ficava mais claro ‘para que não se quebrem’ do que ‘para que fiquem inteiras’”.

V8_TC informou: “Ah, eu parei um pouco mais, eu fiquei pensando, ‘cacerola, cacerola’... será que é ‘panela’ também? Aí eu tentei consultar, mas não veio nada, aí eu falei, deve ser ‘panela’, minha vó falava ‘panela’”.

V9_TC observou que “eu não coloquei hífen também no outro que eu coloquei ‘deixe a’”, mas não se dá conta de que a palavra “*destapar*” em português não possui a mesma grafia que em espanhol.

V10_TC comentou a correção na palavra “inteiras”, que havia sido digitada incorretamente.

V11_TC informou: “o ‘desmanche’ me deixou um pouquinho assim, mas ‘inteira’ (...) ‘inteira’ é ‘não desmanhada’. Normalmente a gente fala mais, eu sinto, que em receita, pelo menos eu sinto isso, ‘para não desmanchar’ do que ‘até que continuem inteiras’ (...) Eu tenho a impressão que é mais, mais recorrente”.

Questionário

Não foi encontrada, para nenhum dos sujeitos desse grupo, qualquer menção a esse trecho da tradução.

Fragmento 7

Quadro comparativo

QUADRO 32 – COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO (F7) TC		Tempo Pausa	Tipo de reformulação	N.º cursos de tradução (currículo)	Cursos de tradução (extra)
7. Se escurren en un colador y se refrescan debajo del grifo con un chorro de agua fría <i>para que conserven un bonito color.</i>					
V2_TC	Depois de cozidas, escorra a água e joque água fria <i>para que conservem a cor.</i>	12.37	I		
V3_TC	Escorra e lave os feijões com um jato de água fria <i>para que sua cor se conserve.</i>	15.19	I e R	3	
V4_TC	Escorra-as com uma peneira e esfrie-as com água fria da torneira <i>para que a cor verde se conserve bem viva.</i>	47.85 11.97 1.32.92 20.14	I e P	4	
V5_TC	Escorrer as vagens em uma peneira. Deixe-as esfriar debaixo da torneira com um jato de água gelada <i>para que mantenham uma cor bonita.</i>	23.61	I e R	1	1
V6_TC	Depois, vire o conteúdo em um escorredor e jogue água fria corrente <i>para que a vagem conserve uma cor bonita.</i>	13.16 12.18	I e R	4	
V7_TC	Escorra-as em uma peneira e lave-as em água fria corrente <i>para que conservem uma cor viva.</i>		R	1	
V8_TC	Despeje tudo no escorredor e refresque debaixo da água fria <i>para que fiquem com uma cor bonita.</i>	29.06 41.24	I		

V9_TC	Escorra a água da vagem, usando uma peneira e deixe a vagem embaixo da torneira <i>para que água fria conserve a sua cor.</i>	14.01 1.47.11 30.97 19.00	P e I
V10_TC	Escorra e em seguida dê um jato de água fria <i>para que se conserve a cor bonita.</i>	15.28 20.25	I e R
V11_TC	Escorra e passe pela água fria <i>para conservar a cor.</i>		I	3	1

Comentários

O fragmento 7 continha a oração final “*para que conserven un bonito color*”. Nesse caso, como no fragmento 5, o modo subjuntivo era utilizado apesar de termos na oração principal e na subordinada o mesmo sujeito sintático. Como assinalamos, essa costuma ser a construção empregada em espanhol, no caso de passiva, quando os sujeitos sintáticos são correferenciais, mas os agentes semânticos não. Considerando as modificações esperadas para essa construção em língua portuguesa e o fato de que, provavelmente, as relações semânticas estariam mais evidenciadas, com um sujeito [+animado/agente] na principal (pessoa que faz a receita) e outro sujeito [-animado] na subordinada (a/s vagem/ns), buscávamos verificar se o subjuntivo do texto fonte seria também empregado no texto meta ou não. Tal como supúnhamos, o subjuntivo foi utilizado em 90% das traduções. Somente V11 lançou mão de uma construção com infinitivo.

As soluções foram muito variadas no que diz respeito à oração final. V2 e V7 utilizaram estruturas bastante próximas às do original no que diz respeito à subordinada, respectivamente “para que conservem a cor” e “para que conservem uma cor”; V3, V4 e V10 transformaram o substantivo “cor” em sujeito, em “para que sua cor se conserve”, “para que a cor verde se conserve” e “para que se conserve a cor”; V5 utilizou uma construção semelhante à do original, mas substituiu o verbo “conservar” por “manter”, em “para que mantenham”; V6 optou por retomar o sujeito singular, em “para que a vagem conserve uma cor”; V8 utilizou o verbo “ficar”, em “para que fiquem com uma cor”; V9 transformou em sujeito da final o substantivo “água”, em “para que a água fria conserve a sua cor”.

V11 foi o único a optar por uma oração com infinitivo na final e essa escolha parece estar pautada pela correferência entre os sujeitos das duas orações, já que quem “escorre” também é aquele que busca “conservar” a cor da vagem utilizando água fria. Essa suposição poderia ser corroborada pelo fato de que o outro sujeito provável,

“vagens”, sendo plural no texto, não poderia ter essa função sintática sem a devida flexão verbal.

O fragmento se caracterizava como de difícil solução, já que praticamente todos os seus elementos poderiam constituir dificuldades/problemas tradutórios.

As formas passivas “*se escurren y se refrescan*” foram transformadas em imperativos em todos os casos.

Como tratamos no fragmento 5 anterior, existia a dificuldade de coordenar a ideia de “escorrer” de “*se escurren*” e o utensílio “escorredor” de “*colador*” sem que o texto resultasse repetitivo. Observamos que os sujeitos V2, V3, V10 e V11 utilizaram o verbo “escorrer”, mas sem o utensílio “*colador*” no presente fragmento. V4 e V7 optaram por “escorra-as com/em uma peneira”. V5 separou na tradução as ideias, em primeiro lugar “escorrer as vagens em uma peneira” e só depois, em outra oração, a ideia de esfriá-las. V6 utilizou “vire o conteúdo em um escorredor”, V8 “despeje tudo no escorredor” e V9 “escorra a água da vagem usando uma peneira”.

Com relação a “*se refrescan debajo del grifo con un chorro*”, V2 utilizou o verbo “jogar” e não empregou qualquer termo que fizesse referência a “*grifo*” e/ou “*chorro*”; V3, V6, V7, V8, V10 e V11 não retomam explicitamente o termo “*grifo*” nas traduções “lave os feijões com um jato de água”, “jogue água fria corrente”, “lave-as em água fria corrente”, “refresque debaixo de água fria”, “dê um jato de água” e “passe pela água”, respectivamente; V4 utilizou o verbo “esfriar” em “esfrie-as com água fria da torneira”; V5 “deixe-as esfriar debaixo da torneira com um jato de água”; V9 “deixe a vagem embaixo da torneira”.

No que diz respeito ao adjetivo “*fría*” em “*agua fría*”, havia a possibilidade de que os sujeitos o entendessem como falso cognato, embora, para o caso em questão, com a ideia de utilizar a água que sai da torneira (*grifo*) no processo de resfriamento das vagens, essa interpretação fosse menos provável de ser confirmada. O julgamento como falso cognato esteve presente em V5, ao utilizar o adjetivo “gelada”.

Para a tradução de “*un bonito color*”, verificamos que 40% dos sujeitos não retomaram o adjetivo (V2, V3, V9 e V10); 50% o fizeram (V5, V6, V7, V8 e V10) e 10% (V4) escolheram fazer uma tradução menos calcada no texto fonte, em “a cor verde se conserve bem viva”.

Não observamos diferença entre os participantes do estudo que fizeram a tradução inicialmente e aqueles que a fizeram por último. Quanto a ter ou não

frequentado cursos de tradução, constatamos que o único dos voluntários a não apresentar pausas e, ao mesmo tempo, utilizar o modo infinitivo na tradução da final já tinha traduzido esse mesmo tempo anteriormente, durante o curso de “Análise Contrastiva para a Tradução” (V11). Também o voluntário que reexpressou mais fortemente a ideia de “*conservar un bonito color*” já havia traduzido essa receita (V4).

Síntese do observado no Translog

V2_TC: há pausa depois de “escorra a água” e reformulação de “parar o cozimento” por “para que conservem a cor”.

V3_TC: nota-se pausa após “são escorridos em uma peneira” e, em seguida, a reformulação dessa estrutura por “são lavados com um jato de água fria para que sua cor fique conservada”. Depois, o sujeito substitui “fique conservada” por “se conserve”. Na fase de revisão, modifica a forma “são escorridos e lavados” por imperativo “escorra e lave”, incluindo ainda “os feijões”.

V4_TC: há pausa antes do início do período, previamente à tradução por “escorrê-las em uma peneira” e pausa depois desse ponto. O sujeito apaga essa primeira redação, retorna à oração imediatamente anterior para incluir o elemento “vagem”. Há nova pausa antes de se iniciar o período aqui abordado e depois de “para que conservem”. Em seguida, substitui-se a referida oração final por “para que a cor verde se conserve bem viva”.

V5_TC: há reformulação da forma imperativa “escorra” por “escorrer” e de “deixá-las” por “deixar”. O voluntário inclui um ponto final antes da tradução de “deixar” e passa esse verbo para imperativo, num novo período: “deixe-as”. Verifica-se pausa antes da tradução de “*chorro*” por “jato”. Na fase de revisão, há substituição de “coador” por “peneira” e de “fria” por “gelada”.

V6_TC: há pausa antes do início do período e depois de “escorredor”, nova pausa depois de “jogue” e a substituição por “deixe debaixo da torneira”. Substitui-se a última construção por “jogue água fria corrente para que a vagem conserve uma cor bonita”. Na fase revisão, o sujeito inclui a palavra “depois” no começo do período.

V7_TC: verifica-se reformulação apenas na fase de revisão, com a substituição de “esfrie-as” por “lave-as”.

V8_TC: observa-se pausa antes do início do período e no final dele. Há reformulação na primeira parte, em “escorra tudo em uma peneira” por “despeje tudo no escorredor”; e em “para dar um” por “para que fiquem com uma cor bonita”.

V9_TC: há pausa antes do início do período e depois de “deixe”. Nesse momento, o sujeito começa a substituir a tradução de “*judías*” em todo o texto, na qual tinha utilizado “azeitonas”, por “vagem”; só então retoma o fragmento e reformula “debaixo de um jato” por “embaixo da torneira”.

V10_TC: há pausa antes do início do período. O sujeito traduz “*se escurren*” por “escorra”, muda esse verbo para “coloque”, e oscila entre essas duas escolhas por algum tempo. Observa-se uma pausa e supressão de toda a formulação anterior. Inicia o trecho novamente com “escorra e coloque embaixo da torneira”, substitui essa última parte por “dê um jato de água”. Na fase de revisão, inclui “em seguida” depois do verbo “escorrer”.

V11_TC: verifica-se reformulação de “passe pela torneira” por “passe pela água fria”.

Entrevistas

V2_TC comentou: “primeiro eu escrevi ‘parar o cozimento’, depois eu voltei atrás e escrevi ‘para manter a cor’ (...) Eu ia mudar o texto, depois eu voltava para traduzir o texto do jeito que era. (...) Porque às vezes eu mudava para ficar perto do que o português fala, porque dificilmente uma receita em português fala assim ‘para manter a cor’, eles falam ‘para parar o cozimento’. Depois eu falei, quer saber, vou fazer igual tá no texto. (...) Primeiro eu coloquei do jeito que o brasileiro fala, ‘para parar o cozimento’, depois eu voltei e coloquei do jeito que o texto fala, ‘para manter a cor’ (...) Só que eu não deixei, porque o texto fala, “manter a cor bonita”, eu achei que era muita coisa, eu não coloquei”. Perguntado sobre a palavra “bonita” que não foi utilizada na tradução, mas que estava presente no texto fonte, disse: “também porque explicava demais, porque ‘tirar a água’, e o jeito que deveria jogar a água fria, eu acho que, de novo, era muita informação”.

V3_TC demonstra não ter compreendido bem o trecho, ou sua sintaxe na forma passiva, “esse ‘*se refrescan*’, não sei, é animalizar, sei lá, é animalizar os feijões, você imaginar os feijões se refrescando.” Com relação ao adjetivo “bonito”, que foi omitido, disse: “foi um lapso. É, ‘para que a cor bonita se conserve’”.

V4_TC relatou sobre suas pausas nesse fragmento: “É, alguma das pausas é porque eu costumo ler antes, assim, para ver se eu preciso mudar, sabe. (...) Eu devo

estar lendo essa hora. (...) Não sei se eu coloquei ‘escorrer’ ou ‘escorra’. (...) Eu não sabia se era ‘com uma peneira’, ‘em uma peneira’”. Comentou que voltou para incluir “vagem” no trecho anterior, no lugar do pronome, porque “Ficava melhor”. Disse também que “É, ‘*para que conserven un bonito color*’ eu não sabia muito bem. (...) A cor verde, ‘para que a cor verde se conserve bem viva’”.

V5_TC informou sobre esse fragmento “Também ‘*chorro*’ eu não lembrava, sabia o que era, mas o ‘jato’ não vinha à cabeça. (...) Uma coisa também que eu tive que tomar cuidado foi ‘água fria’, que eu coloquei a primeira, acho, ‘água fria’ e depois eu lembrei que seria mais ‘água gelada’, alguma coisa assim. (...)” Refere-se ainda a “*colador*”: “Acho que a diferença é mais no tamanho, né, o coador é menor. Apesar que tem o coador de café que é diferente, né, não sei, enfim, a peneira acho que é uma coisa maior, então eu falei, ah, vou trocar por ‘peneira’”.

V6_TC explicou suas pausas nesse fragmento: “Voltou o ‘escorredor’ e mais uma vez eu fiquei pensando na vagem, ‘vire’, ‘vire-a’. (...) ‘Deixa debaixo da torneira’, é, talvez não vá funcionar, eu acabei trocando. (...) É meio curso de estética também, o que que ficou bonito, o que que não ficou. (...) Foi a estrutura, eu fiquei pensando. (...) Virar o quê? (...) Porque como eu fiz um pouquinho depois, tá vendo, ‘vire o conteúdo’, talvez fosse melhor especificar, ‘o conteúdo’, ‘uma cor bonita’, tudo bem que seria a ‘vagem’ de qualquer jeito, mas eu achei que ficaria melhor”.

V7_TC comentou a reformulação realizada: “É porque, acho que tava, com a ‘panela sem tampa’ e eu achei que tava muito extenso, que poderia reduzir aí (...) tava ‘esfrie-as com água fria’. (...) Aí eu queria eliminar um dos ‘fria’”.

V8_TC explicou sua pausa antes do início do trecho: “É porque eu tava tentando encontrar... alguma coisa que encaixasse aí no começo. Porque eu falei, ‘*se escurren*’ (...) Não dá para... não tem um... um referente igual em português, não dá pra ser igual, eu não tava achando alguma coisa que desse o mesmo sentido, então eu parei um pouco”. Sobre a pausa no final em “Despeje tudo no escorredor e refresque debaixo da água fria para que fiquem com uma cor bonita”: “foi mais para tentar organizar essa parte”.

V9_TC explicou as pausas observadas no trecho: “Eu parei um pouco para ver o que que era ‘*refrescan debajo de un*’ (...) É, eu entendi, mas eu não sabia como passar isso para o português. (...) ‘Deixar elas com um jato de...’ Eu achei estranho colocar isso. (...) Eu coloquei só ‘embaixo da água fria’, não com um jato, assim, (...) porque em português, não sei, me corrija se até eu tiver errada. (...) Porque tá falando que tem um

jato de... e eu não queria falar tudo. (...) O processo, só que deixar na água fria.” Com relação à substituição de “azeitona” por “vagem” disse: “É. Nossa, eu achei estranho, mas sei lá, uma receita, eu falei não, deixa eu procurar porque. (...) Eu tirei”.

V10_TC referiu-se a alterações no fragmento: “É só adequação, mesmo (...) Eu voltei e coloco ‘escorra e dê um jato de água fria para que se conserve a cor bonita’”.

V11_TC relatou: “Essa parte foi complexa. ‘Passe pela torneira’, eu falei, pela torneira é claro que a gente tem que passar, mas...”. Sobre o fato de já conhecer a receita, comentou: “Foi mais fácil. A primeira vez que eu traduzi isso daí eu demorei um tempo, não pelas palavras, porque não tem coisa, assim, muito difícil. (...) Mas pela estrutura da receita, que é bem diferente da nossa, assim, põe muita firula, tipo ‘para manter a bonita cor’. (...) Tanto que eu nem pus, eu pus só cor, ‘conservar a cor’, e já. (...) E na primeira vez que eu traduzi eu fiquei me prendendo a essas coisas, entendeu?”.

Questionário

Nenhum dos sujeitos mencionou especificamente esse trecho na entrevista.

Fragmento 8

Quadro comparativo

QUADRO 33 – COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO (F8) TC		Tempo Pausa	Tipo de reformulação	N.º cursos de tradução (currículo)	Cursos de tradução (extra)
8. Se puede añadir una cucharadita de zumo de limón para que quede más suave.					
V2_TC	para que fique mais suave.				
V3_TC	para que fique mais suave.			3	
V4_TC	para que fique mais suave.			4	
V5_TC	para que fique mais suave.	10.59		1	1
V6_TC	para que fique mais suave.			4	
V7_TC	para apurar o sabor.			1	
V8_TC	para que fique mais suave.				
V9_TC	para que o sabor fique mais suave.		R		
V10_TC	para que fique mais suave.				
V11_TC	para que fique mais suave			3	1

Comentários

No fragmento 8, assim como nos anteriores, o interesse estava na interferência (ou não) da forma subjuntiva “para que quede más suave” na tradução para o português.

Em 90% dos casos (exceto em V7_TC) verificou-se a influência da forma usada no texto fonte. V7 foi o sujeito que mais se afastou da estrutura de partida porque, além

de empregar o modo infinitivo, utiliza o verbo “apurar” ao invés do verbo “ficar”, como fizeram os demais. Com essa escolha, manteve a correlação entre os sujeitos das duas orações, o que justifica o uso do infinitivo na subordinada final.

O elemento lexical que poderia constituir algum problema para os sujeitos nesse ponto da tradução já foi comentado no fragmento 2 (“*cucharadita*”).

Não encontramos distinções entre o grupo que fez a tradução no início da coleta e o grupo que a fez por último. Tampouco notamos diferença entre as produções daqueles sujeitos que já tinham traduzido o texto em questão e/ou que tinham frequentado disciplinas de tradução em comparação com os demais.

Síntese do observado no Translog

Em 80% dos casos (V2, V3, V4, V6, V7, V8, V10 e V11_TC) não há pausas ou reformulações.

Nos 20% restantes observamos o seguinte.

V5_TC: há pausa antes da tradução de “*más suave*”.

V9_TC: há correção na fase de revisão, com a inclusão de “que” após a preposição “para”.

Entrevistas

90% dos sujeitos (excetuando-se V7_TC) não se referem a esse fragmento.

V7_TC comentou-o: “eu achei que se eu colocasse mais ou menos próximo, como tá aí, eu achei que não daria a ideia, no gosto mesmo, do limão, não vai ficar uma coisa... Pra mim pareceu que não ficaria ‘suave’, e não é a ideia de suave que eu quero dar, é para ficar marcante. (...) Eu acho que não teve nada intencional, assim, acho que foi a expressão. (...) A expressão feita”.

Questionário

Não foi encontrada, para nenhum dos sujeitos, qualquer menção a esse trecho.

Fragmento 9

Quadro comparativo

QUADRO 34 – COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO (F9) TC		Tempo Pausa	Tipo de reformulação	N.º cursos de tradução (currículo)	Cursos de tradução (extra)
9. Ponga el alioli en un borde del plato <i>para que no se mezcle con el resto de los sabores, porque está muy picante.</i>					
V2_TC	Coloque a pasta de alho no canto do prato, <i>para que os sabores não se misturem.</i>		I		
V3_TC	Depois, coloque o molho na borda do prato <i>para não se misture com o resto dos sabores</i> porque estará muito picante.			3	
V4_TC	Coloque o alioli no canto do prato <i>para que não se misture com o resto dos sabores</i> , uma vez que ele é picante.		I e R	4	
V5_TC	Coloque o alho e óleo na borda do prato <i>para que não misture com os outros sabores</i> , porque está muito picante.	13.84	I e R	1	1
V6_TC	Ponha o alho e óleo na borda do prato <i>para que não se misture com o restante</i> , já que fica muito picante.	16.73 12.30	I e R	4	
V7_TC	Acrescente o creme na borda da travessa de modo que não se misture com os outros sabores, uma vez que este tem o sabor picante		I	1	
V8_TC	Coloque o alho e óleo em uma borda do prato <i>para que não se misture com os outros sabores</i> , porque está muito apimentado.				
V9_TC	Ponha o molho alho e óleo na borda do prato <i>para que não se misture com o resto dos sabores</i> , poque está muito picante.				
V10_TC	Coloque o 'alioli' na borda do prato <i>para que não se misture com o restante dos sabores</i> , pois está picante	11.14	P e I		
V11_TC	Coloque o alioli na borda do prato <i>para que não se misture com os outros sabores</i> , pois é bastante picante.	14.14 14.46		3	1

Comentários

Como nos casos anteriores referentes à final com “para” (fragmentos 5 a 8), pretendíamos observar se a forma “*para que se mezcle*” teria influências sobre a tradução da oração final em língua portuguesa. Aqui, como em F6, tínhamos um verbo em imperativo na sentença principal e a não coincidência entre os sujeitos de uma e outra oração era evidente. Houve uso de subjuntivo em 100% dos casos no fragmento 9, embora um dos sujeitos, V7_TC, tenha substituído a conjunção final com “para que” por uma conjunção consecutiva “de modo que”. Observamos que V2_TC, apesar de ter mantido a estrutura final, fez uma formulação mais distante da do original, com “para que não se misturem os sabores”.

No que diz respeito aos itens lexicais que, nesse fragmento, nos interessava observar, destacamos: o verbo “*poner*” e os termos “*alioli*” (que também aparece em outros momentos da receita) e “*picante*”.

O verbo “*poner*” foi traduzido em 70% dos casos (V2, V3, V4, V5, V8, V10 e V11) como “colocar”. 20% dos sujeitos (V6 e V7), entretanto, optaram pela tradução por “pôr”. De acordo com a comparação quantitativa realizada em nosso *corpus* de receitas escritas, há apenas 36 ocorrências com “pôr” ao passo que outros verbos, como “colocar” aparecem mais de 1.100 vezes. Tais dados indicariam que o verbo “pôr” não pareceria ser a primeira escolha tradutória para o gênero em questão e que, em certa medida, a escolha em seu favor, por parte de V6 e V7, constituiria uma espécie de hipnose produzida pelo texto fonte. Houve ainda uma variação na escolha desse item lexical, em 10% (V7), com a tradução por “acrescentar”.

Para a tradução de “*alioli*”, vemos que 30% dos sujeitos (V5, V6 e V8) utilizaram “alho e óleo”, 30% (V4, V10 e V11) mantiveram “alioli”, como no original, e os 40% restantes optaram por “molho de alho e óleo” (V9), “molho” (V3), “creme” (V7) e “pasta de alho” (V2).

Para o termo “*picante*”, verificamos que 80% dos sujeitos realizaram uma tradução literal por “picante”. Embora essa seja uma interpretação possível, já que o sabor marcante do molho é dado tanto pelo alho como pela pimenta, pareceria mais precisa uma tradução menos literal, como “forte”, por exemplo. Nos 20% restantes há (i) omissão dessa informação na tradução (V2) e (ii) tradução por “apimentado” (V8).

Não se observou, nesse trecho, diferenças quanto ao uso de infinitivo/subjuntivo no que se refere à ordem de realização das tarefas pelos sujeitos e tampouco no que diz respeito a terem ou não frequentado disciplinas de tradução. Vale mencionar que dois dos três voluntários (V4 e V11) que decidiram manter na tradução o termo espanhol “*alioli*” já tinham traduzido a receita durante a disciplina de “Análise Contrastiva para a Tradução”. O caso de V6_TC merece especial atenção já que, além de ter feito todos os cursos de tradução em espanhol até aquele momento oferecidos e de já ter tido a experiência de traduzir essa mesma receita, empregou, na tradução do fragmento em foco, as opções provavelmente menos apropriadas em português: o verbo “pôr” no lugar de outro de maior frequência; o modo subjuntivo na oração final; e a tradução de “*alioli*” por “alho e óleo”.

Síntese do observado no Translog

Em 30% dos casos (V3, V8 e V9) não há pausas ou reformulações.

Nos 70% restantes encontramos o seguinte.

V2_TC: há reformulação imediata: inicialmente o sujeito traduz a final como “para que não se misture com a maionese” e em seguida por “para que os sabores não se misturem”.

V4_TC: há reformulação de tipo lexical, no início do período, o sujeito começa a tradução do verbo “*poner*” com “po” e logo o substitui por “colocar” em imperativo. Na fase de revisão, substitui “porque estará muito apimentado” por “uma vez que ele é picante”.

V5_TC: nota-se pausa depois da tradução de “*resto*” e substituição imediata de “resto” por “outros”. Na fase de revisão, troca “já que” por “porque” em “porque está muito picante”.

V6_TC: há pausa antes do início do período e nova pausa depois de sua conclusão. Nota-se reformulação imediata, com a substituição de “outros” por “o restante” e de “porque” por “já que”. Na fase de revisão, altera a forma “está” por “fica”.

V7_TC: observa-se reformulação imediata após a final “para que não” por “de modo que não”. No final do período, muda “este é picante” por “tem o sabor picante”.

V10_TC: no início da tradução desse trecho, após “coloque”, o voluntário retorna à oração imediatamente anterior para substituir “acrescente uma camada” por “distribua uma camada”. Prossegue com a tradução do fragmento aqui abordado e traduz “*plato*” por “recipiente”. Em seguida substitui “recipiente” por “prato”. Há então uma pausa e a troca de “porque” por “pois” em “pois está picante”.

V11_TC: constata-se pausa antes do início do período e no final dele.

Entrevistas

40% dos sujeitos (V2, V3, V8, V10_TC) não se referem a esse fragmento.

V4_TC comentou: “É, porque o ‘alioli vai estar muito picante’, o prato vai estar muito picante... Aí eu coloquei assim e pensei, ah, daqui a pouco eu vejo. (...) Voltei para ver. (...) Eu procurei para ver se... porque ‘picante’ pra mim, a melhor correspondência seria ‘apimentado’, mas eu procurei para ver se em português tinha picante”. Perguntado sobre algum problema no trecho, disse “Teve, pra entender a frase. E eu também não podia decidir muito bem ‘para que não se misture’, ‘para não misturar’”. Quando questionado se tinha ou não usado “para não se misturar” respondeu

“Não, acho que não, eu só pensei. (...) Eu fico repetindo na minha cabeça e vejo o que que eu acho. (...) que é melhor. Mas acho que a outra também dá certo”.

V5_TC comentou sobre a pausa no trecho: “É, eu achei muito esquisito ‘com o resto’, aí eu coloquei ‘com os outros sabores’, alguma coisa assim.” Disse ainda sobre o fragmento “Uma coisa que eu achei esquisita é esse ‘muito picante’, né? Não sei, não pareceu muito português, mas eu também não procurei, eu deixei”. A respeito da substituição no final, disse: “Eu achei melhor ficar mais, como fala, ser mais fiel ao texto. Se ele fala ‘porque’ eu continuo ‘porque’”. Relatou ainda “Eu pensei em colocar ‘para que não se misture’, mas eu achei muito preciosismo”.

V6_TC referiu-se à pausa no final do período, em “picante”: “Foi por causa da frase anterior. (...) Aí eu mudo mais pra frente ‘já que está muito picante’ para ‘fica’, ‘já que fica muito picante’”.

V7_TC informou sobre a mudança de “para que” por “de modo que”: “(...) Acho que é algo pessoal, eu costumo usar muito essa expressão. (...) Acho que é quase um vício de linguagem”.

V9_TC comentou: “Essa daí também eu fiz uma tradução bem ao pé da letra, não sei se seria assim em português, eu deixei assim porque eu entendi, pensando assim na receita, achei que fazia sentido deixar assim”.

V11_TC, a respeito das pausas nesse trecho, disse: “‘colocar o alioli’, esse foi o problema. (...) ‘Coloque o alioli’, onde, meu Deus, aí eu coloquei na ‘borda’, mas eu não gostei da ‘borda’. (...) “‘*Está muy picante*’, a gente não fala assim, ‘está muito picante’, esse ‘pois é’ também não tem muito cara de receita. (...) Aí eu tive um pouquinho de problema porque... normalmente a gente não vê em receita ‘coloque tal coisa na borda do prato’, porque a borda do prato é para você pegar o prato e levar para algum lugar; mas assim, ‘coloque ao lado’ também parece que você vai pegar a tigela e colocar do lado. (...) Então eu falei, bom, vou colocar na ‘borda’ mesmo e paciência, mas eu não gostei”.

Questionário

Apenas V11_TC menciona o fragmento 9, dizendo ter ficado insatisfeito com a tradução, já que “na borda, não servimos nada”.

Orações com “A”

Com as finais iniciadas por “a” a possibilidade de que houvesse interferência se relacionava com a manutenção, na subordinada em língua portuguesa, da preposição “a” no lugar de “para”, por ser aquela pouco (ou improvável) em nossa variante da língua portuguesa, como se confirmou em nosso *corpus* de receitas escritas (nenhuma ocorrência desse tipo).

Fragmento 10

Quadro comparativo

QUADRO 35 – COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO (F10) TC		Tempo Pausa	Tipo de reformulação	N.º cursos de tradução (currículo)	Cursos de tradução (extra)
10. Se pone en una olla grande <i>agua a hervir con bastante sal</i> (...)					
V2_TC	Ferva em uma panela de água com bastante sal				
V3_TC	Coloque em uma panela grande com água fervente bastante sal			3	
V4_TC	Colocar água <i>para ferver</i> em uma panela grande com bastante sal		I	4	
V5_TC	Em uma panela grande, colocar <i>para ferver</i> água com bastante sal		I	1	1
V6_TC	Coloque água <i>para ferver</i> em uma panela grande com bastante sal	11.00	I	4	
V7_TC	Em uma panela grande ferva água com bastante sal			1	
V8_TC	Coloque uma panela grande com água e bastante sal e deixe ferver	11.45 10.45	I		
V9_TC	Coloque em uma panela grande, a água <i>para ferver</i> com bastante sal				
V10_TC	Em uma panela grande, coloque água <i>para ferver</i> com sal suficiente (ou a gosto)				
V11_TC	coloque <i>para ferver</i> , em uma panela grande, água com bastante sal	13.71	I	3	1

Comentários

Nenhum dos sujeitos empregou a preposição “a” para a tradução da final.

Observamos que 60% dos sujeitos (V4, V5, V6, V9, V10 e V11) utilizaram a estrutura com “para” seguida de infinitivo na subordinada, em “*agua a hervir*” por “água para ferver”. V4 e V6 alteraram ligeiramente a ordem verificada no texto fonte, colocando “em uma panela grande” no final da oração. V10 faz exatamente o contrário, antecipa essa forma de localização para o início da oração “Em uma panela grande, coloque para ferver”. V9 segue exatamente a mesma ordem do texto fonte. Os sujeitos V5 e V11_TC modificam a posição do elemento “água” na oração, colocando-o após o

verbo “para ferver água”. Essa alteração poderia indicar que “água”, para esses sujeitos, fosse interpretada como o objeto direto da oração subordinada e que os verbos coincidem no que diz respeito a seus sujeitos, ou seja, em que ambas as orações possuem um sujeito humano e que quem “coloca a água no fogo” também a “ferve”.

Os 40% restantes (V2, V3, V7 e V8_TC) reformularam totalmente a construção, suprimindo a oração final. V2 e V7 juntam num único verbo “ferver”, no modo imperativo, o que no texto original estava separado por subordinação “*se pone* (oração principal)... *a hervir* (oração subordinada)”. V3 coloca a ideia de “ferver a água” numa relação de anterioridade com a de “colocar” de forma que, quando o sal é acrescentado à água, esta já estava em processo de fervura: “Coloque em uma panela com água fervente...”. V8, por sua vez, transforma a estrutura subordinada numa oração coordenada “Coloque ... e deixe ferver”. É interessante notar que, apesar da construção mais distante com relação ao texto fonte, os sujeitos V2, V3 e V7 não apresentaram qualquer pausa ou reformulação no trecho.

Os resultados indicaram que esse tipo de estrutura não parece motivar/favorecer a ocorrência do fenômeno da interferência, já que nenhum dos sujeitos transferiram a preposição do texto fonte para a tradução na língua meta.

Não há dados suficientes para indicar diferença entre os sujeitos que fizeram a tradução inicialmente e aqueles que a fizeram por último. Tampouco se pode afirmar que existam informações que diferenciem os sujeitos que já frequentaram cursos de tradução daqueles que não o fizeram nesse trecho.

Síntese do observado no Translog

Não encontramos, em 40% dos casos (V2, V3, V7 e V9_TC), nenhuma pausa ou reformulação.

Nos 60% restantes, observa-se:

V4 e V5 apresentam reformulações imediatas no nível sintático. V4_TC reestrutura a ordem dos elementos na oração, primeiro “colocar em uma panela água para ferver” e depois “colocar água para ferver em uma panela”. V5_TC primeiro formula a construção como “colocar em uma panela” e depois “colocar para ferver em uma panela grande” e, por último, “em uma panela grande, colocar para ferver água”. Não há pausas nos dois casos.

Em V6_TC há pausa e reformulações imediatas, tanto de tipo sintático quanto de tipo lexical. Antes dessa estrutura, observamos uma pausa e uma oscilação, primeiro entre a forma “coloque em uma panela grande água”, depois com a forma “ferva água com bastante sal” e, por último, com “coloque água para ferver”.

V8_TC apresenta pausas e reformulações imediatas no nível estrutural. Há pausa depois de “coloque uma panela grande com água para ferver” e, em seguida, uma segunda pausa e alteração da estrutura inicialmente subordinada por uma estrutura com coordenação, “coloque uma panela grande com água e bastante sal e deixe ferver”.

Em V10_TC há reformulações imediatas. Primeiro o sujeito traduz “*se pone*” por “coloque” e logo “em uma panela grande, coloque água para ferver”.

V11_TC tem pausa e reformulação imediata. Observamos a tradução por “coloque para ferver em uma panela” e, em seguida, a reformulação para “coloque água com bastante sal em uma panela grande”, uma pausa e a substituição da oração anterior por “coloque para ferver, em uma panela grande, água com bastante sal”.

Entrevistas

Nessa fase da receita, encontramos as seguintes considerações:

V2_TC explicou da seguinte forma a alteração feita na estrutura da instrução: “eu mudei porque aí fala muito indiretamente e em português fala... (...) porque tá ensinando a pessoa a fazer, desse jeito tá tudo muito sugestivo, e lá é mesmo mandando fazer, e eu coloquei tudo no imperativo”.

V3_TC, quando perguntado sobre a supressão da oração subordinada final, disse o seguinte: “É, na verdade, pensando em receitas que eu já li, na estrutura da língua de chegada. (...) Mas também poderia ser ‘para ferver’”.

V6_TC declarou ter ficado em dúvida entre “ferva” e “coloque”, de como/do que usar em português.

V7_TC comentou o uso de imperativo na receita: “acho que é porque é bem típico do gênero receita, o imperativo, acho que isso foi o que mais me induziu”.

V8_TC informou que, nessa etapa, resolveu “agrupar o que tinha que ser feito, tinha que estar tudo dentro de uma panela para você deixar ferver”.

V11_TC informou que ficou em “dúvida se colocava, se eu mantinha um pouquinho mais parecido ou se eu colocava até levantar fervura”. Além disso, teve dúvida com relação ao “lugar da panela” na oração.

V4, V5, V9 e V10 disseram não ter tido problemas no trecho em questão e não fizeram outras considerações a respeito.

Questionários

Não foi encontrada, para nenhum dos sujeitos desse grupo, qualquer menção a esse trecho da tradução.

Fragmento 11

Quadro comparativo

QUADRO 36 – COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO (F11) TC		Tempo Pausa	Tipo de reformulação	N.º cursos de tradução (currículo)	Cursos de tradução (extra)
11. Mientras tanto, se cortan y se lavan las judías y se ponen a cocer en el agua que sobre de hervir los langostinos.					
V2_TC	Enquanto os lagostins esfriam, lave as vagens e coloque-as para cozinhar na água reservada.		I		
V3_TC	Enquanto isso, corte e lave os feijões e os coloque para cozinhar na água que sobrou do cozimento das lagostas.	23.21	I e R	3	
V4_TC	Enquanto isso, corte e lave a vagem e coloque-a para cozinhar na água que sobrou da fervura dos camarões.		I e R	4	
V5_TC	Enquanto isso, cortar e lavar a vagem. Coloque-as para cozinhar na água que sobrou após a fervura dos camarões.	25.81 1.10.99	I e P	1	1
V6_TC	Enquanto isso, assim que lavar e cortar a vagem, coloque-a para cozinhar na água que sobrou do cozimento dos camarões.	23.86	I e R	4	
V7_TC	Enquanto o camarão esfria, corte e lave as ervilhas, em seguida coloque-as para cozinhar na água utilizada para ferver o camarão.	10.91 10.02	I	1	
V8_TC	Enquanto isso, corte e lave a vagem e coloque para cozinhar na água utilizada para ferver os camarões.	31.76			
V9_TC	Enquanto isso, corte e lave a vagem e deixe a cozinhado na água que foi usada para ferver os camarões.	16.14 1.47.11	I e P		
V10_TC	Enquanto isso, corte e lave a orelha de padre e a cozinhe na mesma água em que foi cozido o lagostim.	23.77 1.30.74	I e R		
V11_TC	Enquanto esfria, corte e lave as vagens e coloque para cozinhar no caldo dos camarões	2.01.88 25.96	I	3	1

Comentários

Da mesma forma que no fragmento precedente (F10), buscávamos verificar no item 11 se haveria algum tipo de interferência da estrutura final em língua espanhola

com a preposição “a” sobre a tradução em língua portuguesa. Isso não ocorreu em nenhum dos casos.

80% dos sujeitos (V1, V2, V3, V4, V5, V6, V7, V8 e V11) utilizaram “para” e infinitivo na subordinada, traduzindo “*a cocer*” por “para cozinhar”. Os 20% restantes (V9 e V10) não utilizam orações finais: o primeiro emprega um verbo na forma de particípio (cozinhado), ao que parece, por um erro de digitação, já que a estrutura imperativa precedente sugere o uso de um gerúndio; o outro voluntário transforma a oração subordinada numa coordenada.

Novamente aqui, os resultados parecem indicar que a estrutura final com “a” não teve, sobre a produção dos sujeitos, influência negativa.

Com relação à oração principal, podemos dizer que existiam três itens que poderiam caracterizar problemas/dificuldades para os sujeitos. Um deles era o conector “*mientras tanto*” que, em português, poderia ser traduzido por “enquanto isso”. Não houve, no produto final, nenhuma tradução inadequada para essa conjunção adverbial.

O segundo desses itens era a instrução na forma passiva “*se cortan, se lavan y se ponen*”. Excetuando-se os sujeitos V5 e V6_TC que traduziram os verbos por infinitivos “cortar, lavar”, todos os demais utilizaram imperativo. Vale a pena mencionar ainda que V5 e V6_TC utilizaram infinitivo para os dois primeiros verbos, mas não para o terceiro, de modo que “*se ponen*” foi traduzido como uma oração separada, com verbo no imperativo “coloque”. No caso de V2, cabe dizer também que um dos verbos foi omitido na tradução final, o verbo “cortar”, em “lave e coloque-as”. Em todos os casos parece ter ficado claro que o objeto da oração principal deveria ser retomado de alguma forma (antes ou depois) do verbo “colocar”. V9_TC substituiu “colocar” por “deixe-a cozinha[n]do” e V10 substituiu a perífrase verbal por um só verbo “cozinhe”.

Em terceiro lugar, podemos apontar como de possível complexidade a tradução de “*que sobre de hervir*”. As soluções foram bastante diversas: V2 utilizou “na água reservada”; V3 e V6 “na água que sobrou do cozimento”; V4 “na água que sobrou da fervura”; V5 “na água que sobrou após a fervura”; V7 e V8 “na água utilizada para ferver”, V9 “na água que foi usada para ferver”, V10 “na mesma água em que foi cozido” e V11 “no caldo do camarões”.

Não parece haver, com relação à ordem de execução das tarefas e a ter ou não cursado disciplinas de tradução, diferenças significativas entre a produção dos sujeitos.

Síntese do observado no Translog

Para V2_TC não há pausas, mas uma reformulação imediata. Traduz “para cozinhar na água”, substitui essa forma por “reserve a água” e logo por “na água reservada”.

V3_TC: há pausa depois de “ao mesmo tempo” que é substituído imediatamente por “enquanto isso”. O sujeito traduz o trecho em foco como “os feijões devem ser cortados e lavados e colocados para cozinhar na água que sobrou do cozimento das lagostas” e, na fase de revisão, substitui essa formulação por “corte e lave os feijões e os coloque para cozinhar”.

V4_TC: há reformulação imediata e na fase de revisão. A tradução inicial é “cortar e lavar as ervilhas e colocar”. O verbo “colocar” é substituído em seguida pela forma “colocá-las”. Na fase de revisão, substituem-se todos os verbos por imperativos “corte e lave a vagem e coloque-a”.

V5_TC: observa-se uma pausa após a tradução da oração principal por “enquanto isso, cortar e lavar as ervilhas”. O sujeito retorna a um trecho anterior e substitui “azeite” por “óleo de oliva (azeite)” e “ervilhas” por “vagem”. Volta para a oração final, onde havia parado, e a traduz por “colocá-las para cozinhar”. Em seguida substitui o verbo em infinitivo por imperativo “coloque-as”.

V6_TC: há uma pausa depois de “vagem” e uma oscilação entre as formas “lave-a” e “lave a vagem”. Reformula-se a estrutura por “assim que lavar e cortar a vagem, coloque-a para ferver”, substitui-se este último verbo por “cozinhar” e conclui-se a oração com “na água que sobrar do cozimento dos camarões”. Na fase de revisão, troca ainda o verbo em infinitivo “sobrar” por “sobre”.

V7_TC: verifica-se uma pausa antes de “*mientras tanto*” e nova pausa antes da tradução de “*se ponen*”. O sujeito traduz a oração final como “para cozinhar na água de cozimento” e em seguida substitui essa formulação por “para cozinhar na água utilizada para ferver o camarão”.

V8_TC: há pausa antes de “*mientras tanto*”.

V9_TC: há pausa depois da tradução por “enquanto se cortam e lavam as azeitonas”, em seguida, reformulação por “enquanto isso, corte e lave as azeitonas e deixe cozinhado na água para servir com os camarões”. A parte final da oração é substituída por “água que foi usada para ferver os camarões”. Ainda na fase de produção, depois de “escorra as azeitonas usando uma peneira”, retorna aos trechos anteriores e substitui “azeitonas” por “vagem”.

V10_TC: observa-se pausa após a tradução de “*judías verdes*” por “feijão” e, em seguida, nova pausa e a substituição de “feijão” por “vagens”. Na fase de revisão, troca “vagens” por “orelha de padre”.

V11_TC: há pausa depois da tradução de “*judías verdes*” por “feijões” e substituição imediata deste último item por “vagens”. Também se nota uma pausa antes da tradução de “*se ponen*”.

Entrevistas

V2_TC comentou: “Eu coloquei ‘guarda a água’, depois eu achei que tava ruim e eu coloquei ‘reserve a água’, porque todas as receitas, quando traz, falam ‘reserve’”.

V3_TC informou: “eu confundi ‘*mientras tanto*’ com ‘ao mesmo tempo’ (...) Eu sempre faço uma tradução livre, com o repertório que eu tenho, e depois vou confirmando tudo”. Disse que na revisão volta para trocar os verbos por imperativos e “eventualmente alguma coisa, alguma repetição”.

V4_TC disse: “Nessa eu tinha colocado infinitivo, ‘cortar e lavar’ e depois eu mudei para ‘corte e lave’, imperativo. (...) Porque o que vem em seguida é ‘colocar para cozinhar’ e para mim ficava muito, ‘cortar, lavar e colocar para cozinhar’”.

V5_TC explicou sua reformulação “mas não era ‘ervilhas’, eu sabia que tinha algo de errado, e também mudei aí. (...)”. Disse também, com relação às alterações feitas no trecho: “Foi mais uma questão de reformular, na verdade, de pontuar melhor”.

V6_TC comentou: “Eu acabei mudando. (...) Aqui foi outro ponto que eu fiquei em dúvida. Você entende? “Cortar, lavar”, “corte primeiro e lave”. (...) É. “Corte e lave”, “corte a vagem e lave”, mas aí ainda vai ter outro verbo. Então “corte e lave” e depois “coloque”, outro verbo? (...)”. Disse ainda que “E eu fiquei pensando muito em usar “vagem”, porque em português, mesmo que seja no plural, que sejam muitas, pelo menos eu sempre ouvi mais”.

V7_TC explicou a pausa inicial: “Acho que é bem semelhante, eu fiquei tentando lembrar a diferença de ‘*mientras*’ e ‘*mientras tanto*’”. Com relação à segunda pausa, informou: “Eu reli a frase anterior e achei que tinha ficado muito assim, ‘faça isso’, ‘faça aquilo’ e achei que colocando ‘em seguida’ dava uma quebrada”.

V8_TC disse “Aí eu parei porque eu falei, ‘corte os feijões’, que palhaçada de feijões é essa? Aí eu falei, tem uma coisa, uma pegadinha nesse ‘feijão’, aí eu voltei, fui no dicionário, foi uma demoradinha. (...)” Acrescenta, ainda sobre esse fragmento, “É

que eu tava tentando achar, lembrar na verdade, o que que eu podia colocar aí, nessa estrutura, ‘*mientras tanto*’, traduzir, para ficar, para dar sequência no texto, aí eu parei um pouquinho e consultei no mesmo *site*, no Wordreference, e eu coloquei”.

V9_TC explicou suas alterações na formulação: “Talvez porque eu achei que ficou meio... elas não se cortam sozinhas, acho que melhor colocar logo um ‘corte e lave’ (...) Eu usei ‘azeitona’, porque até então eu achava que era azeitona. (...) Porque eu fiquei, sabe, eu fui fazendo o texto... Com ela na cabeça. Não tenho certeza que é isso não”. Perguntado sobre onde tinha pesquisado “*judías verdes*” e como tinha decidido, disse: “Acho que foi nesse vermelho [dicionário Señas]. Isso aí, eu falei: nossa, tava totalmente errada”.

V10_TC comentou sobre as pausas nesse trecho: “pra mim, é, eu sei o que é ‘*judías*’, mas é muito complicado o que é, é ‘orelha de padre’, é ‘ervilha’, eu sei que as ervilhas têm outra, outra palavra para isso, para ervilha, mas eu fiquei na dúvida com relação ao que escolher”.

V11_TC informou: “aí eu mudei (...) É ‘*mientras tanto*’, ‘*mientras tanto*’ o quê? Eu achei que faltava dizer... (...) o que que tava acontecendo nesse ‘*mientras tanto*’. (...) É, eu falei, ‘*agua que sobre*’ é o ‘caldo’, tá, o ‘caldo dos camarões’”.

Questionários

Não houve referência a esse trecho.

Outras informações importantes extraídas dos Questionários

Embora não tenhamos encontrado, na maior parte dos questionários pós-tradução, dados específicos sobre os fragmentos observados, existem algumas informações neles que merecem ser recuperadas, ainda que não possam ser tratadas em nosso estudo.

V3_TC, por exemplo, observou, na pergunta sobre dificuldades/problemas, que estas estavam relacionados, no texto, ao vocabulário e a determinadas formas verbais não recorrentes na língua meta. Na questão sobre insatisfação com alguma solução dada, informou que “a partir de uma revisão mais concisa do texto, poderia mantê-lo mais coerente, com o uso de um único tempo verbal ou deixá-lo menos repetitivo”.

V4_TC também salientou que teve de “pensar nas estruturas, especialmente sobre o uso de infinitivo e do subjuntivo”.

V5_TC informou que suas “principais dificuldades foram os falsos cognatos” e que teria ficado insatisfeito em manter o termo “*abanico*”. Outro ponto mencionado foi a tradução de “*la salsa está bien hecha*”, pois, para o voluntário “uma tradução literal fica artificial”.

V2, V6, V7, V8, V9, V10 e V11_TC salientaram dificuldades com o vocabulário. V2 destacou insatisfação com a tradução do título da receita. V6 informou também dificuldade com algumas expressões, sem especificá-las. V10 mencionou dúvidas com estruturas (sem dizer quais eram), solucionadas com pesquisas realizadas em *sites* de pesquisa e disse ter ficado insatisfeito com a tradução de “*langostinos*” e de “*judías*”, por não ter podido definir exatamente o seu significado em português. V11 citou as palavras “*langostinos*” e “*alioli*” como dificuldades e também o que chama de “sobra de informação”, um problema que teria solucionado “reduzindo [o texto] ao que mais importa”; disse ainda ter ficado insatisfeito com a tradução do trecho que continha “borda” e “escorredor”, por causa da repetição.

Como se observa, algumas das queixas encontradas no questionário são recorrentes a mais de um sujeito e, em geral, relacionam-se ao léxico empregado no texto fonte, não à sua sintaxe.

Resumo

A partir das descrições realizadas, dos dados de pausa e reformulação extraídos do *Translog* e das informações coletadas nas entrevistas e questionários foi possível constatar certas regularidades entre os sujeitos e comprovar a hipótese sobre alguns dos problemas previstos para o texto.

No caso das temporais com “*cuando/en cuanto*” (fragmentos 1 a 3), observamos que a interferência no nível sintático, com o uso de presente do subjuntivo, não se confirmou na maior parte, ocorrendo apenas em um único caso (em V8_TC no fragmento 2). Apesar da baixa ocorrência, também teve lugar nesses fragmentos a interferência no nível lexical, com o uso de “enquanto” por “*en cuanto*” em duas oportunidades: fragmentos 2 e 3, com o mesmo sujeito, V9.

Para o fragmento 4, com a temporal com “*hasta*”, embora o uso de infinitivo fosse possível e mais provável em português (como salientamos em 7.1.1), não foi esse o resultado encontrado na tradução desse tipo de subordinada. Constatamos que o emprego de subjuntivo (80% das traduções de temporais com “até”), tal como constava

no texto de partida, era marcadamente superior ao de infinitivo (10% do total das traduções de orações com “até”). Se considerássemos o verbo “ferver”, por exemplo, como núcleo de “voltar a ferver”, verificariamos no *corpus* de receitas originalmente escritas em português que ele é mais frequente com infinitivo na temporal com “até” em (97% dos casos) se comparado com o uso do subjuntivo (apenas 3%). Embora esse verbo permita, em determinados casos, uma dupla interpretação com relação à identificação de seu sujeito, no exemplo em questão, com a explicitação do sujeito, em “até a água (voltar a) ferver”, isso não ocorreria. Coincidentemente ou não, o uso de infinitivo, nessa estrutura, ocorre justamente com duas pessoas que já tinham traduzido esse mesmo texto (V6 e V11). Verificamos que V6 optou por excluir a temporal com “até”, numa construção coordenada, por “soar melhor em português”; V11, por outro lado, mantém a temporal com infinitivo, uma mudança que, em sua visão, “não era tão necessária”, e apresenta uma construção em que fica a cargo do leitor interpretar quem ocupa o lugar de sujeito sintático, uma vez que “ferver” possibilitaria tanto a correlação com um sujeito [+humano], idêntico ao da oração principal, como a correlação com um elemento [-humano], nesse caso, “a água”.

Nas orações finais com “*para*” (fragmentos 5 a 9) também constatamos que as escolhas foram fortemente pautadas pelo texto de partida, ignorando-se, na maior parte das vezes, que a língua de chegada dispunha também de outra possibilidade, o infinitivo.

No fragmento 5 observamos que 50% dos sujeitos empregam estruturas com subjuntivo para evidenciar a mudança de sujeito entre a principal e a subordinada. A escolha por uma ou outra forma (infinitiva ou subjuntiva) não foi mencionada como problemática pelos sujeitos, embora a formulação em português de todo o período fosse bastante complexa, ao envolver na subordinada dois verbos “*escurrir*” e “*enfriar*”, por um lado – os quais poderiam ser relacionados a sujeitos distintos (a água escorre; os camarões esfriam, por exemplo) – e também pela difícil decisão quanto à maneira de reexpressar a relação existente entre “*colador*” e “*escurrir*” sem incorrer numa tradução excessivamente literal (e pouco aceitável) como “escorredor para escorrer”. Em razão disso, em F5, mesmo os sujeitos que mantiveram a oração com subjuntivo apresentaram soluções variadas: apenas dois deles (V3 e V4) seguiram, quase que à risca, o texto fonte. Os únicos voluntários que apresentaram alguma reformulação no sentido de oscilar entre a escolha de subjuntivo e infinitivo deram explicações coincidentes sobre a opção final, embora estas sejam diferentes. V5, por exemplo, substituiu o subjuntivo

pelo infinitivo porque, para ele, esta última forma “generaliza” o que se está dizendo; V7, que fez exatamente o contrário, ou seja, substitui o infinitivo pelo subjuntivo, justificou a alteração dizendo que este modo “explica mais”. Isso talvez se deva: (1) à complicada estrutura inicial e aos muitos elementos problemáticos envolvidos na sua tradução; (2) a uma suposta crença de que o infinitivo não possa ser utilizado com sujeitos diferentes e não tenha o poder de desambiguar / especificar / explicar a mudança de sujeito, como teria o subjuntivo.

No fragmento 6 esperávamos chegar a encontrar a forma flexionada de infinitivo na tradução, talvez com o uso do verbo “ficar” no plural, um possível (e provavelmente o mais imediato) equivalente de “*quedar*”. Entretanto, isso não ocorreu em nenhum dos casos. A situação encontrada no fragmento 8 é bastante semelhante. Apenas um dos sujeitos, V7, optou por infinitivo na oração final, numa interpretação menos próxima da verificada no texto fonte, “apurar o sabor” por “*quedar más suave*”, segundo a qual há coincidência entre os sujeitos sintáticos das duas sentenças. Nos demais, ocorre o uso de presente do subjuntivo singular, tal como no texto fonte. A interferência, em casos como esse, tornava-se ainda mais clara, especialmente pela escolha de subjuntivo com um verbo como “ficar”, que não possibilitava uma interpretação ambígua, mesmo sem a explicitação de seu sujeito e com o emprego de infinitivo. Na verdade, esse verbo normalmente ocorre na forma nominal nas receitas em português. Em nosso *corpus* encontramos 67% do uso de infinitivo com “ficar” (incluídos os casos de singular e plural) contra 33% de casos de subjuntivo, todos com sujeitos não correferenciais.

No fragmento 7 observamos que o modo subjuntivo também foi predominante em 90% das traduções, embora a interpretação, com relação ao sujeito da subordinada, fosse ligeiramente distinta da do texto original em três casos: V4 e V10 mudaram o sujeito, que no original eram “*judías*” (plural) para “a cor”, respectivamente em “para que sua cor se conserve” e “para que se conserve a cor bonita”, enquanto V9 transformou “a água” em sujeito da oração subordinada, em “para que água fria conserve a sua cor”. Apesar de os sujeitos não serem coincidentes nas duas orações, também nesse caso poder-se-ia utilizar o infinitivo, em “para conservarem a cor” ou “para a vagem conservar a cor”, no caso de uma tradução mais literal, em que “vagens” seria o sujeito, por exemplo. O infinitivo foi utilizado apenas em uma oportunidade, na qual se mantém a correlação entre os sujeitos das duas orações.

No fragmento 9 todos os voluntários utilizaram subjuntivo na oração subordinada, embora V7 tenha substituído a oração final por uma consecutiva, com a conjunção “de modo que”. Em F9, um dos sujeitos, V4, durante a entrevista, explicita ter tido dúvidas com relação ao uso de infinitivo e subjuntivo nessa construção, embora tenha se decidido pela forma flexiva. Apesar disso, não se verifica qualquer marca nos dados de processo que apontasse tal indecisão.

Nos fragmentos 10 e 11 não houve interferência da preposição “a” sobre a tradução da oração final.

7.2.1.2 Tradução no Grupo L3

TEMPORAIS

Orações com “CUANDO/EN CUANTO”

Como já explicitamos antes, os nexos “cuando/en cuanto” e “quando” selecionam tempos verbais distintos para as mesmas situações com projeção futura: ao passo que em língua espanhola se utiliza o presente do subjuntivo, em português a opção se dá pelo futuro do subjuntivo. O uso de uma forma pela outra, assim, caracterizaria inequivocamente o fenômeno da interferência na tradução.

Fragmento 1

Quadro comparativo

QUADRO 37 – COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO (F1) L3		Tempo Pausa	Tipo de reformulação	N.º cursos de tradução (currículo)	Cursos de tradução (extra)
1. Cuando hierva, se echan los langostinos (...)					
V1_L3	Quando ferver, jogue os camarões			2	
V2_L3	quando ferver, ponha os camarões				
V3_L3	Quando começar a ferver, coloque os camarões	12.01 10.29	I		
V4_L3	Quando ferver, jogue os camarões		I	1	
V5_L3	Quando ferver, coloque os camarões	13.48		1	
V6_L3	Quando ferver, colocar os camarões			3	1
V7_L3	Quando ferver, coloque os lagostins	11.97			
V8_L3	Quando começar a ferver, acrescente os camarões	48.10 10.23	I e R		
V10_L3	Quando ferver a água, acrescente as lagostas			1	
V11_L3	Quando ferver, colocar os lagostins			1	

Em “Tipo de reformulação”: I: imediata; P: fase de produção; R: fase de revisão.

Comentários

Como indicamos anteriormente para TC, pretendíamos verificar se a forma “*quando hierva*” em presente do subjuntivo teria influências sobre a tradução em língua portuguesa por “quando ferva”. Os dados finais não apontaram nenhuma ocorrência desse tipo no fragmento.

Em todos os casos utiliza-se a estrutura temporal seguida de futuro do subjuntivo. Em 80% (V1, V2, V4, V5, V6, V7, V10 e V11), observa-se o verbo “ferver”: “quando ferver” (V2 escreve o conector com “c” ao invés de “q”). Nos 20% restantes (V3 e V8), a tradução é formulada como “quando começar a ferver”, também com o verbo em futuro do subjuntivo.

No que tange ao léxico empregado no período, destacamos novamente “*langostinos*” e “*echar*”.

Como já havíamos assinalado em 7.2.1.1, o primeiro dos itens constituía-se como problemático tanto pela dificuldade em se identificar de que fruto do mar se tratava, por um lado, e se existia um nome específico para ele em língua portuguesa. V7 e V11 traduziram inadequadamente o termo “*langostinos*” por “lagostins” e V10 por “lagostas”.

No caso de “*echar*”, a complexidade estava tanto na forma passiva com que se apresentava, quanto na seleção de um equivalente para o tipo de texto, posto que muitas possibilidades poderiam ser aventadas. Notamos que V1 e V4 utilizaram o verbo “jogar” como tradução para “*echar*”, uma tradução que, como já assinalado, não parece uma colocação possível para nomes de ingredientes, no gênero em questão (ingredientes de uma receita não são “jogados” na panela). V2_L3 também emprega um verbo de baixa ocorrência no gênero, na tradução de “*echar*” por “pôr”.

No que se refere à ordem de execução das tarefas, não se constatou diferenças entre os grupos que realizaram a tradução no início ou no final da coleta. Com relação aos cursos de tradução frequentados pelos sujeitos, observa-se que aqueles que já tinham cursado algumas disciplinas de tradução foram justamente os que não apresentaram pausas ou reformulações no fragmento.

Síntese do observado no Translog

Não há pausas ou reformulações em 50% dos casos (V1, V2, V6, V10 e V11_L3). Nos demais, observa-se:

V3_L3: há pausas e reformulações imediatas. O sujeito traduz “quando começar a ferver...”. Detém-se por alguns segundos nesse ponto, apaga toda a construção e escreve apenas o conector “quando”. Para novamente, apaga “quando” e reescreve a oração como “depois que come...”. Desiste dessa estrutura e a reelabora com “quando começar a ferver, coloque os camarões”.

V4_L3: nota-se reformulação imediata no nível sintático. Primeiro escreve “joga-se” e em seguida substitui o verbo pelo imperativo “jogue”.

V5_L3: há pausa depois da temporal, antes do verbo “*echar*”. Em seguida, inicia a tradução com o verbo “colocar” em imperativo.

V7_L3: verifica-se pausa antes da tradução de “*langostinos*”.

V8_L3: há pausa e reformulação imediatamente depois da oração temporal. Traduz-se a sentença principal por “ponha a água para ferver”, depois se substitui o verbo “pôr” por “colocar” no imperativo. Detém-se alguns segundos nesse ponto. Inclui “os langostinos”. Apaga toda a oração principal e a traduz por “acrescente os langostinos”. No final da tradução, na fase de revisão, substitui “langostinos” por “camarões”.

Entrevistas

Em 50% dos casos (V1, V4, V6, V10 e V11_L3) não há referência a esse trecho. Nos demais, verificam-se os seguintes relatos, transcritos literalmente a partir das entrevistas:

V2_L3 observou: “‘Quando’ eu escrevi em espanhol”.

V3_L3 disse: “Teve uma hora que eu tava escrevendo ‘quando’ com ‘c’ mesmo (...). É uma coisa que eu faço muito, tipo, começar a escrever ‘quando’ com ‘c’”. Ainda sobre esse fragmento, explicou “Acho que ainda não foi... pode ter tido alguma duvidazinha de formulação”.

V5_L3 informou: “Eu pensei em como eu colocaria ‘*Se echan los langostinos*’. Saber se é... ‘ponha’ (...) ‘Ponha, coloque’, saber se..., porque ‘*se echan*’ não é ‘pôr’ nem ‘colocar’, eu não sabia como ia resolver, parei para pensar um pouco”.

V7_L3 comentou a pausa nesse trecho: “Não lembro, não, porque que eu parei. Se eu tava pensando na estrutura. (...) Acho que sim”.

V8_L3 relatou que, nesse ponto, “Eu fiquei pensando, ‘*se echan*’, eu fui procurar o ‘*echan*’, aí eu vi que era ‘colocar’. Aí eu fiquei pensando, no primeiro eu tenho o ‘*se pone*’, que teria que colocar ‘coloque’, ‘ponha’, né? (...) Viu, eu tinha colocado ‘ponha’, ‘coloque’, eu fiquei trocando”.

Questionários

Não foi encontrada qualquer menção a esse fragmento da tradução.

Fragmento 2

Quadro comparativo

QUADRO 38 – COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO (F2) L3		Tempo Pausa	Tipo de reformulação	N.º cursos de tradução (currículo)	Cursos de tradução (extra)
2. Al final, <i>en cuanto la salsa ya esté bien hecha</i>, se puede añadir una cucharadita de zumo de limón (...)					
V1_L3	Ao final, <i>quando o molho já estiver bem feito</i> , pode-se acrescentar uma colherzinha de suco de limão	21.13		2	
V2_L3	Ao final, <i>quando já estiver bem feita</i> , pode-se adicionar uma colher de suco de limão		I		
V3_L3	No final, <i>quando a mistura estiver no ponto</i> , pode-se colocar um colherzinha de suco de limão	52.71 16.92	I		
V4_L3	Ao final, <i>quando o molho já estiver bem preparado</i> , pode se acrescentar uma colher de chá de suco de limão		R	1	
V5_L3	Ao final, <i>assim que o molho estiver com boa consistência</i> , pode-se adicionar uma colherzinha de suco de limão	10.34	I	1	
V6_L3	Ao final, <i>assim que o molho estiver bem feito</i> , pode-se adicionar uma colher de café de suco de limão	38.28		3	1
V7_L3	Ao final, <i>quando o molho já estiver pronto</i> , você pode acrescentar uma colherzinha de zuco de limão	18.03			
V8_L3	Ao fim, <i>quando o molho estiver terminado</i> , acrescente uma colher de suco de limão	44.19 35.64 12.74	I e P		
V10_L3	Por fim, <i>quando o molho já estiver pronto</i> , pode-se acrescentar uma colherada de suco de limão	18.24 11.86	I	1	
V11_L3	No final, <i>quando o molho já estiver bem feito</i> , pode-se acrescentar uma colher pequena de suco de limão	16.74 19.80 1.05.53 18.80	I	1	

Comentários

No fragmento 2 buscávamos observar se a oração temporal “*cuando esté*”, com presente do subjuntivo, teria influências sobre o tempo verbal escolhido em língua portuguesa. Em nenhum dos casos de L3 foi encontrada a tradução por “esteja” no produto final. Também era nossa intenção verificar se o falso cognato “*en cuanto*” apareceria na tradução como “enquanto”. Todos os sujeitos, nesse fragmento, parecem ter se dado conta do falso cognato.

Em 80% dos casos (V1, V2, V3, V4, V7, V8, V10 e V11_L3) houve tradução por “quando” seguido do verbo “estar” no futuro do subjuntivo, com alguma variação na tradução do sujeito da oração temporal “*salsa*”. V5 e V6 traduziram o nexos temporal adequadamente por “assim que”, também com o verbo “estar” no futuro do subjuntivo.

No que diz respeito à oração principal, 20% dos sujeitos (V7 e V8_L3) modificaram a forma “*se puede*”, respectivamente, com a inclusão do pronome pessoal “você” em “você pode acrescentar” e com a substituição do verbo “poder” por “acrescentar” em imperativo. Nos demais casos constata-se a utilização de “pode-se”. Nota-se em V7 que a palavra “suco” não foi grafada corretamente em português (escrita com “z” na tradução), e que também há erro na grafia de “acrescentar”.

Com relação ao falso cognato “*salsa*”, por exemplo, em V2_L3 há supressão do termo e a concordância do adjetivo subsequente com uma palavra feminina “bem feita”. V3, por sua vez, utiliza “mistura”. Todos os demais efetuam a tradução por “molho”.

Para “*bien hecha*” houve distintas soluções: quatro sujeitos (V1, V2, V6 e V11_L3) utilizaram uma tradução bastante literal por “bem feito”; V4 usou “bem preparado” (que, como assinalamos, tampouco parece ser a mais adequada, já que é difícil definir o que seria um molho bem/mal preparado); V3 “no ponto”; V5 “com boa consistência”, V8 “terminado”; e V7 e V10_L3 traduziram a expressão por “pronto”.

Quanto à “*cucharadita*”, 40% (V1, V3, V5 e V7) utilizaram “colherzinha”; 40% (V2, V4, V8 e V11) “colher”, 10% (V6) “colher de café” e 10% (V10) “colherada”. Aqui, como no grupo TC, apenas um dos sujeitos teria incorrido no falso cognato (V10). Interessante notar que o voluntário com mais cursos/disciplinas de tradução foi justamente aquele que deu a solução mais específica para a tradução desse item: “colher de café”.

Apesar do acima exposto, não há informações suficientes que nos levem a diferenciar categoricamente aqueles sujeitos que fizeram a tradução como primeira ou última tarefa ou a distinguir a produção daqueles que fizeram cursos de tradução em comparação com os que não os fizeram.

Síntese do observado no Translog

V1_L3: há pausa entre “ao” e “final”, mas não reformulação.

V2_L3: não há pausa, mas reformulação no nexos temporal, traduzido por “enquanto” e em seguida por “quando”.

V3_L3: há pausa antes de temporal “quando a mistura estiver” e nova pausa antes da tradução de “*bien hecha*” por “pronta”. Imediatamente, o sujeito substitui “pronta” por “no ponto”.

V4_L3: não há pausa, mas reformulação na fase de revisão. A tradução inicial “quando o molho esteja bem feito” é substituída por “quando o molho estiver bem preparado”.

V5_L3: verifica-se uma pausa depois de “pronto” e reformulação por “com boa consistência”.

V6_L3: há pausa depois da oração temporal, antes de “pode-se”.

V7_L3: nota-se pausa antes do início do período.

V8_L3: observa-se pausa antes e depois de “ao fim, quando a salsa estiver bastante”. Nesse ponto, o sujeito retorna ao fragmento anterior e inclui o advérbio “progressivamente”. Volta para a estrutura aqui em foco e substitui “*salsa*” por “o molho estiver”, detém-se novamente e, em seguida, inclui a palavra “terminado”.

V10_L3: o sujeito substitui “bem” por “pronto” na temporal. Para alguns poucos segundos antes de traduzir a oração principal e, novamente, antes de “*cucharadita*”.

V11_L3: há diversas pausas no trecho: antes do início do período, depois da palavra “molho”, antes da oração principal, depois de “colherinha” e antes de “suco de limão”. Só há reformulação na tradução de “*cucharadita*”, inicialmente feita por “colherada”, mas logo substituída por “colheradinha” e, depois de uma pausa mais extensa (de mais de um minuto), a substituição desse item por “colherzinha” e logo por “colher pequena”.

Entrevistas

V1_L3 disse com relação à pausa: “É, fiquei nessa dúvida, se colocaria ‘depois’, ‘no final’, a palavra mesmo.” Referiu-se à tradução de “*bien hecha*” por “bem feito”: “Eu pus ‘bem feito’ mesmo? (...) É, eu pus, eu tinha..., eu fiquei um pouco com dúvida, na hora, de ‘quando estiver pronto’. Eu pensei em pôr isso e não pus. Isso foi... se eu fosse rever agora, eu teria colocado. (...) Eu acabei não procurando. Mas eu devia ter procurado, eu não me toquei, eu podia ter procurado. Até numa gramática, alguma coisa assim.” Comentou ainda: “Acho que eu pesquisei ‘*zum*’ (...) ‘*Bien hecha*’ eu não sabia, assim, como poderia traduzir isso”.

V2_L3 referiu-se à substituição de “enquanto” por “quando”: “eu achei que ficaria estranho ‘enquanto a salsa estiver’, achei melhor ‘quando já estiver pronta’”.

V3_L3 comentou: “Eu tava tentando entender o que esse ‘*al final*’ queria dizer. (...) Ah, esse ‘*esté*’. ‘*En cuanto la salsa ya esté*’, tipo, eu fiquei meio em dúvida do ‘*en cuanto*’ com o ‘*esté*’, o tempo verbal. Se ‘já tá pronta’, ‘enquanto ela fica pronta’”.

V4_L3 explica a alteração de presente para futuro do subjuntivo no fragmento: “‘Quando esteja bem feita’, mas aí eu pensei, primeiro ‘esteja’, não queria usar um subjuntivo assim, e porque a gente já tá falando, ‘ao final’, então ela está, ela já tá pronta, então ‘quando ela já estiver bem prontinha’ (...) Melhor do que ‘bem feito’, porque a gente tá falando de modo de preparo então eu acho que [preparado] é mais próximo de uma pessoa que tá lendo a receita”.

V5_L3 disse: “Ah, é, eu coloquei ‘estiver boa’, alguma coisa assim. Eu achei que esse ‘*bien hecha*’ é com relação à consistência dela”.

V6_L3 explicou a alteração em “*cucharadita*”: “É, porque eu tinha posto ‘colherinha’, aí eu mudei, eu falei, não, não é ‘colherinha’, é ‘colher de café’ e aí eu mudei em cima por ‘colher de sopa’ também”.

V7_L3 fez a seguinte menção a esse trecho: “Eu usei um ‘você’ aí que eu ainda não tinha usado”.

V8_L3 comentou: “‘*salsa*’ depois eu mudei para ‘molho’, eu coloquei ‘salsa’ porque tava ‘salsa’ (...) Essa daí eu não sabia o que colocar, ‘quando estiver bem feita’, ‘terminada’, não sabia o que colocar”.

V10 explicou suas pausas no fragmento: “Esse ‘suco de limão’ eu fiquei pensando, é ‘suco de limão’ mesmo? Qualquer pessoa que cozinha sabe isso, mas eu não tenho. (...) E fiquei pensando se era igual”.

V11_L3 disse: “Acho que eu fiquei na dúvida de como traduzir a frase, o ‘*al final*’ se era ‘no final’, a ‘*salsa*’ também me confundiu um pouco, e o ‘*esté bien hecha*’, eu coloquei... (...) Esse eu achei difícil também. (...) É, eu achei estranho ‘colheradinha’. (risos) Eu fui procurar co... eu achei muito esquisito ‘colheradinha’, eu nunca escutei isso, então eu fui procurar ‘colherada’. Aí eu vi que ‘colherada’ era qualquer medida que coubesse uma colher. Eu falei, ah, então eu vou pôr uma ‘colher’. Uma ‘colher pequena’. Achei que dava na mesma e era menos estranho”.

Questionários

Não houve referência a esse trecho da tradução.

Fragmento 3

Quadro comparativo

QUADRO 39 – COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO (F3) L3		Tempo Pausa	Tipo de reformulação	N.º cursos de tradução (currículo)	Cursos de tradução (extra)
3. En cuanto esté preparada la mayonesa y el alioli, coja un plato grande o una fuente y añada una capa de mayonesa.					
V1_L3	Assim que a maionese e o alho e óleo estiverem prontos, pegue um prato grande ou uma travessa e acrescente uma camada de maionese.	10.92 1.17.64	R	2	
V2_L3	Quando a maionese e o molho já estiverem prontos, pegue um prato grande ou uma vasilha e unte com a maionese	12.37 28.73			
V3_L3	Quando estiver pronta a maionese e o molho alho e óleo, em um prato grande ou em uma travessa, coloque um camada de maionese.	36.30 11.26 40.51	I e R		
V4_L3	Enquanto está preparando a maionese e o molho de alho e óleo, pegue um prato grande ou um pirex e coloque uma camada de maionese.	36.38	I	1	
V5_L3	Assim que estiver preparada a maionese e o alioli, pegue um prato grande ou um pirex e adicione uma camada de maionese	1.20.75		1	
V6_L3	Assim que estiver preparada a maionese e o alioli, pegar um prato grande ou uma vasilha e adicionar uma camada de maionese.	16.42 16.93		3	1
V7_L3	Quando a maionese e o alho e óleo já estiverem prontos, pegue um prato grande ou uma travessa e espalhe uma camada de maionese.	16.12 43.86			
V8_L3	Quando a maionese e o molho alho e óleo estiverem preparados, pegue um prato grande ou uma travessa e acrescente uma camada de maionese.	44.31 53.86			
V10_L3	Quando estiver preparada a maionese e o alho-e-óleo, pegue um prato grande ou uma travessa e adicione uma camada de maionese.	37.69		1	
V11_L3	Quando a maionese e o molho de alho e óleo estiverem prontos, pegue um prato grande ou uma vasilha e acrescente uma camada de maionese.	17.83 34.83 11.04 23.88	I	1	

Comentários

Pretendíamos verificar nesse fragmento se a forma “*esté*” seria transposta como “*esteja*” na tradução para a língua portuguesa. Também nos interessava observar qual seria a tradução dada para o conector temporal “*en cuanto*”.

Somente em 10% dos casos (V4_L3) houve tradução do nexos temporal por “enquanto”. Esse fato teve reflexo sobre a tradução do verbo por “está” (terceira pessoa do singular do presente do indicativo), de modo que a oração que expressa uma relação, no original, de posterioridade, na tradução passou a ter uma ideia de simultaneidade.

Em 60% dos casos (V2, V3, V7, V8, V10 e V11_L3) encontramos a tradução por “quando” seguido do verbo “estar” no futuro do subjuntivo. A concordância, entretanto, se deu de distintas formas: V2, V7, V8 e V11 fizeram-na com o plural e V3 e V10 com o singular.

V1 usou “assim que” seguido de futuro do subjuntivo plural. V5 e V6_L3 utilizaram, como na tradução do fragmento anterior, o conector “assim que”, em ambos os casos, seguido de futuro do subjuntivo singular.

Com relação aos itens lexicais assinalados como problemáticos, poderíamos dizer que, quanto ao termo “*alioli*”, 40% (V1, V4, V7 e V10) traduziram-no por “alho e óleo”; 30% (V3, V8 e V11) por “molho alho e óleo”, 20% (V5 e V6) mantiveram o termo em espanhol “*alioli*” e 10% (V2) utilizaram apenas “molho”.

Para “*fuelle*”, encontramos a tradução por “travessa” em 50% (V1, V3, V7, V8 e V10); por “vasilha” em 30% (V2, V6 e V11); e por “pirex” em 20% (V4 e V5).

Quanto à “*capa*”, houve apenas um caso em que o termo não apareceu, em V2_L3, nos demais foi utilizado “camada”.

Na tradução do fragmento em foco observamos uma grande quantidade de erros ortográficos no grupo L3, como é o caso de “acrecente” por “acrescente” (V1); “porntos” por “prontos” (V2); “preparda” por “preparada” (V6), “olho” por “óleo” (V7) e “álho” por “alho” (V8); e outros problemas de concordância, como “um camada” (V3). Apesar disso, de acordo com os dados de processo coletados no *Translog*, apenas V2 deixa de fazer qualquer revisão no texto.

Não é possível diferenciar a produção dos voluntários segundo os critérios de ordem de execução dessa tarefa ou de terem ou não frequentado cursos de tradução.

Síntese do observado no Translog

V1_L3: há pausa no início da temporal e antes de “acrescente”. Observamos que o sujeito retorna, na fase de revisão, a esse período e inclui a palavra “travessa”.

V2_L3: há duas pausas: uma antes da temporal e outra depois de “prato”.

V3_L3: há pausa depois da tradução de “*alioli*” e antes da tradução de “*fuelle*”. O sujeito corrige a palavra “óleo” que havia sido escrita como “olho” e reformula o trecho com a palavra “recipiente” por “outro tipo de recipiente”. Na fase de revisão substitui “recipiente” por “travessa”.

V4_L3: observa-se uma pausa antes da tradução de “*fuelle*”. Há substituição do verbo “pega” pela forma “pegue” e do substantivo “baixela” por “pirex”.

V5_L3: há pausa depois de “pirex”.

V6_L3: existem duas pausas, antes da tradução de “*fuelle*” e antes da tradução de “*capa*”.

V7_L3: há duas pausas: antes do início da temporal e antes da tradução de “*fuelle*”.

V8_L3: nota-se pausa antes da oração principal e antes da tradução de “*capa*”.

V10_L3: há pausa depois da palavra “alho”.

V11_L3: há reformulação de “quando a maionese estiver pronta” por “quando a maionese e o molho de alho e óleo estiverem prontos”; pausa depois de “prato grande”, nova pausa antes e depois da inclusão da palavra “vasilha” e antes de “camada”.

Entrevistas

V1_L3 disse sobre a primeira pausa: “Acho que foi que forma que eu ia colocar o ‘*esté*’ mesmo, o verbo, ali”. Sobre a pausa seguinte, comentou: “Porque eu não sabia essa palavra [“*fuelle*”]. (...) Aí eu fui procurar no... eu achei, acho que no... não sei se achei no Wordreference ou se achei no Señas, eu procurei nos dois”. Relatou ainda que “Eu não tinha achado. Eu não sabia que tinha várias formas, assim, essa “*fuelle*” como uma coisa de cozinha, um utensílio de cozinha”.

V2_L3 comentou sobre o trecho: “Acho que o ‘*en cuanto*’ é difícil pra mim, traduzir, igual ‘*misimo*’, é complicado. (...) Eu parei para pensar, mas eu não procurei no dicionário. (...) ‘*Fuente*’ eu fui procurar”.

V3_L3 informou: “Eu acho que eu fiquei com dúvida nesse uso do ‘*en cuanto*’ mesmo porque sempre que aparece coisas assim, ‘*en cuanto esté*’”. Disse também que “Essa frase, eu tentei, pesquisei. (...) ‘refratário’. ‘Refratário’, falaram isso? Não, não. Ah, não sei, falaram um nome mais genérico, assim, podia ser qualquer coisa, não sei. É, um ‘recipiente’. Falaram que era um ‘recipiente’ e o ‘recipiente’ podia ser qualquer coisa, aí eu já coloquei ‘refratário’, não? (...) Ah, é, eu mudei”.

V4_L3 disse que teve de fazer a seguinte pesquisa nesse fragmento: “Aí sim, eu fui procurar ‘*fuelle*’, não achei nada que se parecesse com um utensílio de cozinha, aí eu coloquei uma ‘baixela’ (...) Mas aí depois eu voltei, eu pensei, não, não é uma baixela na verdade, é alguma coisa mais funda. (...) Foi aí que eu coloquei o ‘pirex’”.

V5_L3 informou: “Aí eu pus ‘pirex’ e fui procurar uma foto de um pirex e era pirex mesmo”.

V6_L3 comentou: “Eu fui procurar o que era ‘*fuelle*’ (...) No Wordreference”. E sobre a pausa antes de “*capa*” disse: “Pra procurar também o que era”.

V7_L3, perguntado sobre a pausa antes do início do período, explicou: “eu acho que eu tava pensando na estrutura mesmo. (...) E nesse ‘*en cuanto*’, né? Que a tradução confunde um pouco”. Sobre a pausa antes de “*fuelle*” informou: “A ‘*fuelle*’ eu fui buscar, não conhecia (...). Eu tinha certeza de que não era ‘fonte’, deve ter um outro significado”.

V8_L3 disse que havia se detido no trecho “Pra procurar ‘*fuelle*’” e (...) “procurar o ‘*capa*’”.

V10_L3 sobre a pausa no fragmento, explicou: “Acho que eu tava pensando na ‘*fuelle*’”.

V11_L3 fala sobre a reformulação feita na temporal (singular por plural) e sobre as pausas no período em questão: “Aí eu inverti a frase e concordei. (...) Ah, sim, eu fui procurar ‘*fuelle*’ no dicionário e como eu achei ‘vasilha’ eu achei que fazia mais sentido, porque eu não sabia o que que era uma ‘*fuelle*’. (...) ‘*Capa*’ também eu fui procurar”.

Questionários

Não se mencionou esse fragmento nas entrevistas.

Orações com “*HASTA*”

Como havíamos indicado antes, o foco de observação nas temporais com “*hasta*” estava na manutenção do verbo com subjuntivo (presente no texto fonte) na tradução para a língua portuguesa embora esta preveja, mesmo quando há mudança de sujeito, também o uso de infinitivo.

Fragmento 4

Quadro comparativo

QUADRO 40 – COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO (F4) L3		Tempo Pausa	Tipo de reformulação	N.º cursos de tradução (currículo)	Cursos de tradução (extra)
4. (...) y se dejan <i>hasta que el agua vuelva a hervir</i>.					
V1_L3	e deixe até que a água volte a ferver			2	
V2_L3	e deixe até a água ferver				
V3_L3	e deixe até que a água ferva novamente.	17.09			
V4_L3	e os deixe até que a água volte a ferver.			1	
V5_L3	e deixe até que a água volte a ferver			1	
V6_L3	e esperar até que a água volte a ferver.		R	3	1
V7_L3	e deixo-os na panela até que a água volte a ferver.				
V8_L3	e aguarde até que a água volte a ferver.	1.09.83	I		
V10_L3	e espere até que a água volte a ferver.			1	
V11_L3	e deixar até que a água volte a ferver.			1	

Comentários

Buscávamos verificar se a temporal “*hasta que el agua vuelva a hervir*” apareceria na tradução com “até que + subjuntivo” ou se seria empregado o infinitivo “até + infinitivo”. Em 90% dos casos nossa hipótese a respeito da interferência da estrutura do texto fonte se confirmou. Destes, em apenas 1 (V3_L3) houve uma ligeira alteração na construção inicial, com “até que a água ferva novamente”. O voluntário V2_L3 é o único a utilizar infinitivo na oração subordinada, com clara explicitação do sujeito: “até a água ferver”.

Com relação à tradução da forma passiva “*se dejan*” da oração principal, 20% dos sujeitos optaram por utilizar infinitivo na instrução: V6 “esperar” e V11 “deixar”; 10% (V7) um verbo na primeira pessoa do presente do indicativo singular “deixo”; e nos 70% restantes, verbo no imperativo: V1, V2, V3, V4 e V5_L3 por “deixe”, V8_L3 por “aguarde” e V10_L3 por “espere”. Os sujeitos V4 e V7 optaram por retomar o objeto direto, respectivamente em “os deixe” e “deixe-os”; nos demais casos, os sujeitos parecem valer-se da possibilidade de não retomar o complemento em língua portuguesa.

Não há nada, com relação à ordem de realização das tarefas, que pareça diferenciar um e outro grupo. Tampouco é possível distinguir, no que diz respeito às produções, os sujeitos que fizeram cursos de tradução e aqueles que não os fizeram.

Síntese do observado no Translog

Em 70% dos casos (V1, V2, V4, V5, V7, V10 e V11_L3) não há pausa ou reformulação. Nos 30% restantes observamos o seguinte.

V3_L3: há pausa antes do período.

V6_L3: nota-se reformulação na fase de revisão: o verbo da oração principal, que tinha sido traduzido por “deixar”, foi substituído por “esperar”.

V8_L3 havia traduzido o verbo da principal por “deixe”, em seguida, inclui nessa formulação o pronome oblíquo “os”, em “os deixe”. Verifica-se uma pausa e a reformulação de todo o período por “aguarde até que a água volte a ferver”.

Entrevistas

70% dos sujeitos (V1, V2, V4, V5, V7, V10 e V11_L3) não se referem a esse fragmento na entrevista.

V3_L3 disse sobre a pausa nesse trecho: “acho que é a questão de formular mesmo. (...) É que eu tava tentando achar um jeito de formular. (...) Esse ‘*se dejan*’. Eu não sabia como colocar isso”.

V6_L3 comentou a substituição de um verbo por outro na revisão: “eu vi que eu tinha posto no infinitivo algumas partes e sem infinitivo em outras... Aí eu mudei tudo para o infinitivo”.

V8_L3 informou a respeito da pausa no fragmento: “[estava] pensando em como formular”.

Questionários

Não há menção a esse fragmento na entrevista.

FINAIS

Orações com “*PARA*”

Assim como no caso de “*hasta*”, interessava-nos observar se a forma subjuntiva presente nas finais com “*para*” no texto fonte traria influências sobre a produção com esse mesmo modo verbal na língua meta, embora o infinitivo também fosse possível.

Fragmento 5

Quadro comparativo

QUADRO 41 – COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO (F5) L3		Tempo Pausa	Tipo de reformulação	N.º cursos de tradução (currículo)	Cursos de tradução (extra)
5. Luego se vuelcan en un colador grande <i>para que escurran y se enfrien</i>.					
V1_L3	Despeje em uma peneira grande <i>para que escurram e esfriem</i> .	55.07		2	
V2_L3	Logo depois, escorra-os em uma peneira grande e deixe esfriar.	53.32			
V3_L3	Passado os dez minutos, coloque-os em uma peneira <i>para escorrer a água e esfriar</i> .	11.99 44.35 11.10 46.83 10.60	I		
V4_L3	Logo, jogue-os num escorredor <i>para que escurram e esfriem</i> .	18.66		1	
V5_L3	Então passe-os por um escorredor <i>para tirar o excesso de água e esfriá-los</i> .	14.58 17.32 22.73	I	1	
V6_L3	Após esse tempo, despejá-los em um grande escorredor <i>para retirar todo o excesso de água e para que esfriem</i> .	40.69 52.03 12.16	I	3	1
V7_L3	Em seguida, despeje-os os em um escorredor grande <i>para que esfriem</i> .	02.26.91	P		
V8_L3	Logo entorne o conteúdo da panela em um coador grande <i>para que os camarões escurram e esfriem</i> .	01.25.36 16.13	R		
V10_L3	Escorra as lagostas e deixe esfriar.	12.51		1	
V11_L3	Depois, virar em uma peneira grande <i>para que eles escurram e esfriem</i> .	54.05 23.07 12.04	I	1	

Comentários

No fragmento 5 tínhamos um período conformado por orações com sujeitos idênticos, mas com o uso de subjuntivo. Como já assinalamos, isso se devia ao fato de que os sujeitos agentes não eram os mesmos entre uma e outra oração em espanhol. Buscávamos verificar qual seria a tradução da final com subjuntivo “*para que escurran y se enfrien*” e se o uso de infinitivo seria cogitado pelos sujeitos, inclusive por sua possibilidade de flexão e concordância com o sujeito plural, se fosse o caso.

Acreditávamos que os voluntários optariam pela mesma forma presente no texto fonte. Essa suposição se confirmou em 50% dos casos (V1, V4, V7, V8 e V11_L3). Em V1 e V4, a tradução foi “para que escurram e esfriem”; V7 utilizou apenas um verbo, “esfriar” em “para que esfriem”; V8 retomou o sujeito “camarões” na oração final, em

“para que os camarões escorram e esfriem”; e V11 retomou o sujeito na oração subordinada com o pronome pessoal “eles”, em “para que eles escorram e esfriem”.

Em 20% (V3 e V5) dos casos houve emprego de infinitivo na tradução: “para escorrer a água e esfriar” e “para tirar o excesso de água e esfriá-los”. Em ambos, verifica-se que o sujeito da oração subordinada coincide com o da principal, ou seja, aquele que “coloca” e “passa algo pelo escorredor” também é responsável por “escorrer” e “tirar o excesso de água”. A coincidência entre os sujeitos das duas orações justifica o emprego de infinitivo na subordinada.

Em 10% dos casos (V6) utiliza-se, na oração final, tanto um verbo com infinitivo quanto um verbo com subjuntivo: “(i) para retirar a água (ii) para que esfriem”. Haveria, então, em (i) correferência entre o sujeito da subordinada e o sujeito da oração principal (quem despeja os camarões também os retira da água); e em (ii) mudança de sujeito com relação à oração principal e com a primeira parte da subordinada (o sujeito de “despejar” é um [a pessoa que faz a receita] e o sujeito de “esfriar” é outro [os camarões]).

Nos 20% (V2 e V10) restantes há substituição da oração subordinada por uma oração coordenada “escorra e deixe”.

Com relação aos outros itens identificados por nós como problemáticos, temos o seguinte.

O marcador de tempo “*luego*” é omitido em 20% dos casos (V1 e V10); 20% dos sujeitos traduzem-no por “logo” (V4 e V8); e os 60% restantes por “então” (V5); “logo depois” (V2); “passado os dez minutos” (V3), “após esse tempo” (V6); “em seguida” (V7); e “depois” (V11).

Para a tradução de “*volcar*”, verificamos a omissão desse verbo em 20% das ocorrências (V2 e V10); em 30% há tradução por “despejar” (V1, V6 e V7); e nos 50% restantes as seguintes soluções: “colocar” (V3); “jogar” (V4); “passar” (V5); “entornar” (V8); e “virar” (V11).

No caso de “*colador*”, houve omissão do termo em 10% dos casos (V10); tradução por “peneira” em 40% (V1, V2, V3 e V11); por “escorredor” em 40% (V4, V5, V6 e V7); e por “coador” nos 10% finais (V8). Diferentemente do grupo TC, um dos sujeitos de L3 (V8) utiliza na tradução a forma mais literal e, como explicitamos antes, provavelmente a menos indicada para a receita em questão: “coador”.

Embora não seja possível tirar conclusões a partir desses resultados, observamos que os dois casos de tradução com verbo em infinitivo aparecem no primeiro grupo (V1 a V5), entre os sujeitos que fizeram como primeira tarefa a tradução (portanto sem influência das demais produções sobre esta). No que se refere a ter ou não frequentado disciplinas de tradução, não é possível distinguir as produções dos voluntários.

Síntese do observado no Translog

Há pausa antes do início do período em 40% dos casos (V1, V2, V4, V10_L3).

Em V3_L3 há várias pausas: antes do início do período, depois da tradução do marcador temporal “*luego*” por “passados os dez minutos”, depois da tradução do verbo da oração principal “*volcar*” e antes da tradução de “*colador*”. Há reformulação de “por um tempo aproximadamente” por “em uma peneira até que esfriem”, e substituição dessa construção por “para escorrer e esfriar”.

V5_L3: há pausa antes do início do período, depois da tradução de “*luego*” e nova pausa antes da tradução da oração final. Substitui-se “peneira” por “escorredor”.

V6_L3: verifica-se pausa depois da tradução de “*luego*”. Substitui-se “escorrer em uma peneira grande” por “despejar em um escorredor grande”. Há nova pausa e substituição de “despejar” por “despejá-los em”. Inclui-se a expressão “esse tempo” na sequência de “após”; e muda-se “escorredor” por “grande peneira” e, em seguida, por “grande escorredor”. Inicia-se a tradução da oração final como “para que escorr” e logo esta é substituída por “retirar a água e para que esfriem”. É incluída nessa última formulação “todo o excesso de água”.

V7_L3: há pausa antes do período e reformulação na fase de produção. O sujeito substitui “peneira” por “escorredor”.

V8_L3: nota-se pausa depois de “logo” e antes da tradução da oração final por “se escorram e esfriem”. Na fase de revisão, são incluídos “os camarões” nesse fragmento.

V11: observa-se pausa antes do início do período, antes e depois da palavra “peneira”. Ainda há inclusão do pronome “eles” na final: “para que eles escorram”.

Entrevistas

V1_L3 informou sobre a pausa nesse trecho: “Porque ‘*vuelcan*’ eu fiquei assim, porque lá é ‘*invertir*’, eu fui procurar a palavra e eu coloquei ‘despeje’, eu acho”.

V2_L3 disse: “também não lembrava o que eram ‘*vuelcan*’”.

V3_L3 explicou as pausas detectadas no fragmento: “esse ‘*vuelcan*’ (...) Eu fiquei na dúvida o que era também o significado. (...) Tinha ‘*colador*’, eu acho que eu pesquisei também, que esse eu não sabia mesmo, não tinha a menor ideia. (...) Também foi, tipo, tentando formular, ‘*para que escurran*’, fica, ‘para que escorram’, acho que fica meio estranho. Nem sei se eu acabei colocando isso mesmo. (...) Não sei, não gostei. Não sei, foi uma questão assim, de formulação. (...) Acho que se eu colocasse ‘para que escorram e se esfriem’ parecia que eles é que se... Se escorrer e tirar a água, sei lá.”

V4_L3 comentou sobre a tradução de “*escurrir*” e “*colador*”: “Aí depois me incomodou, mais pra frente, eu vou usar “escumadeira”. (...) me incomodou ter colocado ‘num escorredor para que escorram’, tipo, óbvio. (...) Novamente... é... esse verbo em espanhol [“*volcar*”] me fez pensar na palavra ‘verter’”.

V5_L3 informou: “eu fui ver o que era ‘*colador*’, porque eu não sabia. (...) E aí esse ‘*se vuelcan*’ também, eu não sabia, ‘virar’, ‘pôr’, porque em português parece que é mais genérico, é ‘pôr’ e ‘colocar’ e o espanhol é mais específico. (...) E aí eu resolvi que ia colocar ‘passar pelo escorredor’ (...) porque eu acho que é mais natural”. Sobre a substituição de “peneira” por “escorredor” disse: “É, eu achei que não era ‘peneira’ (...) E eu fiquei um pouquinho, demorando, para ver como é que eu ia resolver”.

V6_L3 explicou as pausas encontradas no trecho: “eu fiquei pensando se era ‘peneira’ ou ‘escorredor’. (...) Aí eu achei como peneira, mas eu achei que em português era escorredor, aí foi isso que eu demorei. (...) E também ele fala para virar e escorrer e escorrer no escorredor? (...) Ia ficar repetitivo. (...) Aí eu penso em colocar para escorrer”. Indagado sobre a tradução da oração final, em que emprega primeiro um verbo com infinitivo e depois um com subjuntivo, disse: “Foi sem pensar também”.

V7_L3 explicou: “eu saí para procurar ‘*vuelcan*’ (...) Eu imaginava que era para despejar, mas eu fiquei em dúvida, aí eu fui no dicionário, nessa hora eu usei o Wordreference, na verdade fui ver a conjugação também.” Também se refere à escolha da tradução de “*colador*”: “mudei ‘peneira’, na verdade”.

V8_L3 disse: “Eu fui procurar o ‘*colador*’ (...) No Señas. (...) O ‘*se vuelcan*’ eu fui procurar”. Também menciona a tradução de “*langostinos*”: “No fim essa parte eu também mudei. (...) Aí eu coloquei ‘langostinos’”.

V10_L3 informou que sua pausa, nesse trecho, se devia a “essas, passivas (...) ‘Se’, a gente não escreve assim. (...) É, tava pensando nisso”. Quando questionada sobre a forma escolhida disse “É, mais claro, mais direto”.

V11_L3 explicou as pausas: “acho que eu fui procurar ‘vuelcan’ e ‘colador’, eu fui procurar os dois, eu acho. (...) Aí eu vi que um era ‘entornar’ e o outro eu substitui por ‘peneira’ mesmo. (...) Porque eu achei que ‘coador’ ia ficar sem sentido.” Também se refere à inclusão do pronome “eles” na oração final com subjuntivo: “O sujeito. (...) Eu senti necessidade”.

Questionários

V5_L3 mencionou ter tido dificuldade com o termo “colador”.

Fragmento 6

Quadro comparativo

QUADRO 42 – COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO (F6) L3		Tempo Pausa	Tipo de reformulação	N.º cursos de tradução (currículo)	Cursos de tradução (extra)
6. Déjelas en el fuego unos quinze minutos con la cacerola destapada <i>para que se queden “enteras”</i> .					
V1_L3	Deixe-as no fogo cerca de quinze minutos com a panela destampada <i>para que fiquem inteiras</i> .	19.54 02.57.99		2	
V2_L3	Deixe-a no fogo uns quinze minutos com a panela abertas <i>para que ela fiquem inteiras</i> .	11.99			
V3_L3	Deixe-as no fogo uns quinze minutos com a panela destampada <i>para que permaneçam inteiras</i> .		I		
V4_L3	Deixe-as no fogo uns quinze minutos com a panela destampada <i>para que fiquem “inteiras”</i> .			1	
V5_L3	Deixe-a no fogo por cerca de quinze minutos com a panela destampada <i>para que elas permaneçam inteiras</i> .			1	
V6_L3	Deixá-las no fogo por quinze minutos com a panela destampada <i>para que fiquem “inteiras”</i> .			3	1
V7_L3	Deixe-as no fogo uns quinze minutos com a panela destampada <i>para que fiquem “inteiras”</i> .				
V8_L3	Deixe no fogo por cerca de quinze minutos com a panela destampada <i>para que as vagens permaneçam inteiras</i> .		I		
V10_L3	Cozinhe por uns 15 minutos com a panela destampada <i>para que fiquem inteiras</i> .	11.12		1	
V11_L3	Deixe-as no fogo por cerca de quinze minutos com a panela destampada <i>para que fiquem “inteiras”</i> .	11.82 29.94 15.43 12.01 10.55	I e P	1	

Comentários

Nesse fragmento, diversamente do anterior, temos clara mudança de sujeitos entre uma oração e outra. Queríamos saber como essa mudança se expressaria na

tradução e se seria marcada com subjuntivo, como no original, ou não. Em todos os casos foi utilizada na tradução “para que + subjuntivo”.

Quanto à tradução do verbo “*quedarse*”, verificamos que 70% (V1, V2, V4, V6, V7, V10 e V11) dos sujeitos utilizaram o verbo “ficar”. Os 30% restantes (V3, V5 e V8) traduziram “*quedarse*” por “permanecer”.

Verifica-se que V2, que inclui o pronome sujeito “ela” no singular na subordinada, não estabelece a concordância com este, mas com um plural. O mesmo é observado em V5 que, mesmo usando um termo no singular ao longo do texto, nesse trecho emprega plural, notadamente por influência do texto fonte.

Não foi possível distinguir os grupos que fizeram a tradução em primeiro lugar e os que a fizeram por último. Tampouco constatamos, com relação aos sujeitos que fizeram ou não cursos de tradução, dados que nos permitam distinguir os resultados.

Síntese do observado no Translog

Em 40% dos casos (V4, V5, V6 e V7_L3) não há pausa ou reformulação.

V1_L3: há duas pausas após a tradução de “para que fiquem”.

V2_L3: verifica-se pausa antes da tradução de “*fuego*”. Há emprego do adjetivo “abertas” no plural, embora o substantivo “panela” esteja no singular. Também se contata que, apesar da inclusão do pronome sujeito “ela” na sentença final, não se faz a concordância adequada com o verbo. Não existem marcas de revisão no texto, o que explicariam todas essas “falhas”.

V3 e V8_L3: há substituição imediata do verbo “*quedarse*”, inicialmente traduzido como “ficar”, por “permanecer”.

V10_L3: há pausa antes da tradução do período.

V11_L3: encontramos pausa antes do início do período, depois da palavra “destapada”, a correção desta, com a inclusão da letra “m”, e nova pausa. O sujeito retorna a um trecho anterior para substituir o numeral 10 pelo número por extenso. Uma nova pausa é constatada e o sujeito muda “vagem” pelo seu plural “vagens” num trecho anterior. Inclui “por cerca” em “quinze minutos”. Há nova pausa e a conclusão da tradução desse fragmento com “para que fiquem ‘inteiras’”.

Entrevistas

Em 30% (V3, V4, V10_L3) dos casos não há menção a esse trecho.

V1_L3 informou sobre o fragmento: “como ‘inteiras’ tava lá entre aspas, aí eu fui ver se tinha alguma coisa, sei lá, alguma outra forma, se essa palavra queria dizer alguma outra coisa (...) Procurei no Google”.

V2_L3 comentou: “eu tinha colocado, acho, eu tinha colocado ‘deixe-as’ no plural, aí eu falei, ‘deixe-a’, porque eu tinha colocado só ‘vagem’. (...)” Mencionou também, quando repassávamos a tradução: “Eu esqueci que tinha colocado no singular”.

V5_L3 observou a falta de concordância no trecho: “eu não vi”.

V6_L3 referiu-se à tradução de “*enteras*”: “acho que porque eu fui procurar se ‘enteras’ era ‘inteiras’ mesmo”.

V7_L3 fez o seguinte comentários sobre o trecho: “a única coisa é que eu não entendo por que [tem que deixar as vagens]”.

V11_L3 explicou as pausas no período: “é que eu esqueci onde tava o sujeito, de quem que eu tava falando. (...) Era da ‘vagem’. (...) Pra retomar o sujeito. (...) Acho que eu tinha colocado ‘destapada’. (...) Aí depois de procurar eu vi que não, que era ‘destampada’, sem tampa, né? (...) Aí eu parei para pensar no jeito que eu fala..., se é destapada ou destampada. (...)” Também se referiu à tradução de “*enteras*”: “acho que sim, não sabia muito como traduzir ‘*enteras*’, eu coloquei ‘inteiras’ também entre aspas”.

Questionários

Não foi encontrada, para nenhum dos sujeitos desse grupo, qualquer menção a respeito desse trecho.

Fragmento 7

Quadro comparativo

QUADRO 43 – COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO (F7) L3		Tempo Pausa	Tipo de reformulação	N.º cursos de tradução (currículo)	Cursos de tradução (extra)
7. Se escurren en un colador y se refrescan debajo del grifo con un chorro de agua fría para que conserven un bonito color.					
V1_L3	Escorra em uma peneira e jogue água fria para que conservem uma cor bonita.	1.08.30	I e P	2	
V2_L3	Escorra em uma peneira e esfrie debaixo da torneira com um jato de água fria para que se conserve uma cor bonita.	33.95			

V3_L3	Depois de cozidas, escorra a água em uma peneira e em seguida coloque-as em baixo de um jato de água fria <i>para conservá-las com uma bonita cor.</i>	15.11 17.30 27.23 28.79 12.20 50.01 21.09 12.94	I e P		
V4_L3	Escorrer num escumadeira e deixe esfriar debaixo da torneira com um jorro de água fria <i>para que conservem uma bonita cor.</i>	26.52	I	1	
V5_L3	Passe-as pelo escorregor e esfrie-as sob água corrente <i>para que conservem uma cor bonita.</i>			1	
V6_L3	Escorre-las e esfriá-las debaixo da torneira, com um jato de água fria <i>para que conservem uma cor bonita.</i>	30.65 16.68	I	3	1
V7_L3	Escorra-as e deixe-as esfriar debaixo de uma torneira de água fria <i>para que conservem uma cor bonita.</i>	1.10.27			
V8_L3	Escorra as vagens em um coador e esfrie-as debaixo de água corrente fria <i>para que conservem a coloração</i>	16.09 24.68 10.03	I e P		
V10_L3	Escorra as vagens e esfrie-as com água <i>para que conservem uma boa cor (aparência).</i>	13.16 10.61	I	1	
V11_L3	Escorrer em uma peneira e esfriar debaixo da torneira com um jato de água fria para que elas conservem uma cor bonita.	1.18.52 10.27 18.02 15.23 23.98 15.95 38.30 43.65		1	

Comentários

No fragmento 7, tencionávamos verificar como a oração final “*para que conserven un bonito color*” seria traduzida para a língua portuguesa. Tal como no fragmento 5, aqui também tínhamos uma construção passiva na oração principal e a coincidência entre os sujeitos sintáticos (mas não semânticos), daí o uso de subjuntivo no texto fonte.

A final com “para” seguida de subjuntivo foi encontrada em 80% dos casos (V1, V2, V4, V5, V6, V7, V8 e V10), excluindo-se aqui os dados de V11 que, ao que parece, incorreu num erro de digitação nesse ponto, posto que a forma com presente de indicativo, “conservam”, não seria possível nesse contexto. Em praticamente todas as ocorrências de “para que + subjuntivo” foram utilizadas estruturas muito semelhantes à do texto fonte, em “para que conservem”. Excetua-se V2 que transformou o substantivo “cor” em sujeito da oração final, em “para que se conserve uma cor”.

Nos 10% restantes (V3) optou-se por infinitivo na final “para conservá-las com uma cor bonita”, mantendo-se aí, diferentemente dos casos anteriores, a identidade entre os sujeitos da oração principal e da subordinada.

As formas passivas “*se escurren y se refrescan*” foram substituídas por imperativos em praticamente todos os casos: somente V6 e V4 optam por infinitivos, respectivamente em “escorre-las e esfriá-las” (com ausência do acento gráfico no primeiro verbo) e “escorrer e esfriar”.

Da mesma forma que no fragmento 5, era necessário saber lidar com a tradução de “*se escurren en un colador*” para o texto em português não ser redundante. 30% dos voluntários (V1, V2 e V11) utilizaram “escorra/er em uma peneira”; 10% (V3) “escorra a água em uma peneira”, 10% (V4) “escorra num escumadeira”, 10% (V6) “passe-as pelo escorredor” e 10% (V8) “escorra as vagens em um coador”. Os 30% restantes (V6, V7 e V8) empregaram apenas o verbo “escorrer” em “escorre-las”, “escorra-as” e “escorra as vagens”, respectivamente, omitindo-se assim o substantivo “*colador*”. Como afirmamos antes, a tradução de “*colador*” por “peneira” ou “coador” não parece ser a mais adequada se considerarmos as dimensões do alimento que deveria passar por tal processo. A tradução de V4, por “escumadeira”, parece ainda mais distante, visto que tal utensílio não se presta à função de retirar a água de um alimento, mas a espuma de uma preparação ou os alimentos imersos (em óleo, por exemplo) numa panela, para a gordura escorrer.

Na tradução de “*se refrescan debajo del grifo con un chorro*”, V1 utilizou o verbo “jogar” e não retomou os termos “*grifo*” e “*chorro*”; V2 empregou “esfrie debaixo da torneira com um jato de água”; V3 “coloque-as em baixo de um jato de água” (com a preposição “embaixo” grafada incorretamente e com a supressão do termo “*grifo*”); V4 “deixe resfriar debaixo da torneira com um jorro de água” (com a tradução de “*chorro*” por “jorro” que, ao que parece, não é a mais natural para esse gênero; numa busca simples no Google – não encontramos nenhuma ocorrência em nosso *corpus* de comparação –, encontramos cerca de 5 ocorrências para “jorro de água” em receitas contra 7.000 para “jato de água”, por exemplo); V5 “resfrie-as sob água corrente”; V6 “esfriá-las debaixo da torneira com um jato de água”; V7 “esfriar debaixo de uma torneira com água”; V8 “esfrie-as debaixo de água corrente”; V10 omitiu tanto “*grifo*” quanto “*chorro*” em “resfrie-as com água”; e V11 usou “esfriar debaixo da torneira com um jato de água”.

Com relação à tradução do adjetivo “*fría*” em “*agua fría*”, excetuando-se os sujeitos V5 e V10 que o omitiram na tradução, todos os demais utilizaram “fria”.

Para a tradução de “*un bonito color*”, 50% dos sujeitos (V1, V2, V5, V6 e V11) utilizaram “uma cor bonita”; 20% (V3 e V4) optaram pela tradução mais próxima à do original, no que diz respeito à ordem dos elementos na oração, com “uma bonita cor” e os 20% restantes realizaram as seguintes traduções: “coloração” (V8) e “boa cor” (V10).

Não notamos grande diferença entre os resultados dos sujeitos que fizeram a tradução como primeira tarefa e os que a fizeram por último. Tampouco pudemos constatar elementos que de fato diferenciasssem as traduções dos sujeitos que realizaram cursos de tradução e dos que não realizaram.

Síntese do observado no Translog

V1_L3: há reformulação inicial, com a supressão do pronome “se” e a inclusão do verbo em imperativo “escorra”; alteração de “passe pela torneira” por “passe pela água fria” e depois por “passe debaixo da torneira” e por “jogue água gelada para que conservem uma cor bonita”. Durante a tradução da sentença seguinte, o sujeito tem uma pausa e retorna ao período aqui observado para substituir “gelada” por “fria”.

V2_L3: verifica-se pausa depois da tradução de “peneira”.

V3_L3: observam-se diversas pausas e reformulações ao longo da tradução do fragmento. Depois da tradução de “passe-as por uma peneira” a reformulação por “escorra a água”. Há pausa e inclusão de “em uma peneira”. Nova pausa é detectada antes da tradução de “debaixo” e logo há substituição dessa forma por “coloque-as em baixo”; outra pausa e a inclusão das palavras “vagens” e “água” em trechos anteriores. Retoma-se o fragmento em foco e substitui-se a construção antes empregada pela que se verifica no quadro acima.

V4_L3: há reformulação imediata de “refrescar” por “resfriar” e uma pausa antes da tradução de “*chorro*”.

V5_L3: não existem pausas ou reformulações no trecho.

V6_L3: há pausa antes do início do período e depois da tradução de “escorredor”. O sujeito reformula a construção com “jogar água fria” e a substitui pelo verbo “esfriá-las”.

V7_L3: verifica-se pausa antes do início do período.

V8_L3: há pausa antes do início do período e depois da palavra “coador”. Inclui-se o sintagma “as vagens” após o verbo “escorrer”. Nota-se nova pausa depois de “esfrie-as” e a reformulação de “água corrente” por “água fria corrente”. Ainda na fase de produção, durante a tradução do item “Decoração” da receita, o sujeito muda a ordem de “água fria corrente” por “água corrente fria”.

V10_L3: há pausa antes do início do período e nova pausa depois de “resfrie-as com a água”. Substitui-se a construção anterior por “com água para que conservem uma boa cor”.

V11_L3: constam diversas pausas, mas nenhuma reformulação: antes do início do período, depois da palavra “peneira”, antes de “esfriar”, depois de “debaixo”, antes e depois de “torneira”, antes de “jato” e depois de “fria”.

Entrevistas

V1_L3 comentou que nesse fragmento: “Eu fiquei vol... eu fiquei pensando. (...) Aquela lá de ‘passar pela água fria’ (...) É, fiquei pensando um jeito de... Aí coloquei ‘água gelada’, porque tem que dar essa, parece que tem que resfriar mesmo. (...) E depois eu voltei para ‘água fria’”.

V2_L3 explicou que no momento da pausa: “Eu queria ver se ‘colador’ era escorredor, assim, de macarrão, ou se era uma peneira mesmo (...). Aí eu fui procurar no dicionário”. Comentou também: “eu achei que é estranho ‘ficar uma cor bonita’, em receita em português nunca se coloca isso, ‘faça tal coisa para que fique uma cor bonita’, assim”.

V3_L3, perguntado sobre as pausas no trecho, disse não se lembrar delas, mas que se lembrava de ter começado “a frase umas três vezes”. Comentou, sobre a tradução feita da oração final com infinitivo: “Eu transferi, eu acho, a responsabilidade (...) Elas não se conservam, a gente é que faz isso (...) Acho que é assim que eu vejo como funciona”.

V4_L3 explicou sua pausa: “A minha questão foi com o ‘chorro’. Eu falei, poxa, mas já tô deixando na água fria. Eu fiquei pensando, numa receita, você só coloca debaixo da torneira, não preciso falar que da torneira sai um jato de água, eu fiquei pensando, traduzo ou não traduzo. Aí eu fiquei nesse dilema”.

V5_L3 comentou: “Essa parte aqui também, que tinha, eu fiz até rápido esse ‘sob a água corrente’, mas achei, quando eu li a primeira vez, [que] tinha que prestar atenção nessa parte, como eu ia resolver”.

V6_L3 disse “É, eu parei porque eu fiquei pensando em como escrever em português, porque escorria, mas e depois, não é refrescar embaixo da torneira? (...) Aí eu coloquei ‘esfriar’. Foi o ‘esfriá-las’, que era ‘*resfriarlas*’ que eu fiquei pensando como era a tradução do ‘*refrescarlas*’”.

V7_L3 relatou: “eu resolvi não usar a palavra ‘escorredor’ aí (...). Eu coloquei somente ‘escorrer’. Já tinha feito a referência ao escorredor”.

V8_L3 informou, sobre a pausa no trecho, que estava “relendo”. Disse “Eu acho que é a parte que eu tô olhando na internet as fotos”.

V10_L3 explicou as pausas nessa parte do texto: “Porque eu achei estranha essa construção também. Eu não colocaria, até não coloquei, ‘debaixo da... da torneira’ (...) Eu achei que no espanhol é muito extensa, essa estrutura (...). É, por que tem que fazer essa indicação? (...) Fica mais limpo, mais claro”.

V11_L3 comentou as pausas detectadas: “Eu não conhecia essas palavras, nem o ‘*grifo*’ e o ‘*chorro*’ eu não sabia como traduzir.” Referiu-se ao uso de infinitivo na tradução da oração principal: “Eu achei que ia concordar mais (...) Ser mais impessoal.” Também mencionou a tradução da oração subordinada, em que utiliza o pronome pessoal “elas”: “Eu fiquei na dúvida de como traduzir a frase, assim, aí eu coloquei ‘para conservar, para que conserve’, eu não lembro agora. (...) Aí eu senti falta de retomar o sujeito. (...) E “uma bonita cor” eu achei que ia ficar estranho”.

Questionário

V4_L3 disse ter ficado insatisfeito com a tradução de “*chorro de agua*”, com a redundância da tradução “debaixo da torneira com um jorro de água para esfriar”.

Fragmento 8

Quadro comparativo

QUADRO 44 – COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO (F8) L3		Tempo Pausa	Tipo de reformulação	N.º cursos de tradução (currículo)	Cursos de tradução (extra)
8. Se puede añadir una cucharadita de zumo de limón <i>para que quede más suave</i>.					
V1_L3	para que fique mais suave.			2	
V2_L3	para que fique mais suave.				
V3_L3	para que fique com um sabor mais suave.				
V4_L3	para que fique mais suave.			1	
V5_L3	para que fique mais suave.			1	
V6_L3	para que fique mais suave.			3	1
V7_L3	para deixá-la mais suave.				

V8_L3	para que o sabor fique mais suave.				
V10_L3	para que fique mais suave			1	
V11_L3	para que ele fique mais suave		1	1	

Comentários

No fragmento 8, uma vez mais, pretendíamos verificar se a estrutura com subjuntivo seria utilizada na tradução ou se os sujeitos lançariam mão de outras formas para explicitar a mudança de sujeito sintático entre uma e outra oração.

Verificamos que 90% dos voluntários (exceto V7_L3) apresentaram construções com “para que + subjuntivo” na tradução. O mais interessante é que, assim como no grupo TC, o sujeito V7_L3 foi aquele que mais se distanciou do texto fonte, não só por ter empregado um verbo no infinitivo, mas por ter utilizado o verbo “deixar” no lugar de “ficar”, equivalente mais imediato para a tradução de “*quedar*”. Nesse caso, as propriedades semânticas do verbo “deixar” contribuem ou induzem à utilização de infinitivo, já que se prevê como sujeito desse verbo transitivo uma pessoa (agente) que, nesse caso, coincide com o sujeito da oração principal. Há uma mudança de perspectiva quando comparada a tradução com o texto fonte, no qual é o elemento, o molho, que fica mais suave.

A problemática envolvida na tradução de outros itens desse fragmento foi discutida em F2.

Não é possível detectar diferenças significativas na produção dos voluntários segundo os critérios de ordem de execução dessa tarefa ou de terem ou não frequentado cursos de tradução.

Síntese do observado no Translog

Não há pausa ou reformulação nesse fragmento em 90% dos casos (exceto em V11_L3).

Em V11_L3 encontramos reformulação imediata: o sujeito inclui o pronome pessoal “ele” na oração subordinada final “para que ele fique”.

Entrevistas

Ressalvados os sujeitos V3 e V7, em todos os demais não há referência a esse trecho na entrevista.

V3_L3 comentou: “Essa eu acho que eu acrescentei também [um sabor] na tradução”.

V7_L3 referiu-se ao uso de “deixar” na tradução da oração subordinada: “eu não pensei nessa estrutura. (...) Não lembro de ter pensado”.

Questionário

Não há referência a esse fragmento no questionário pós-tradução.

Fragmento 9

Quadro comparativo

QUADRO 45 – COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO (F9) L3		Tempo Pausa	Tipo de reformulação	N.º cursos de tradução (currículo)	Cursos de tradução (extra)
9. Ponga el alioli en un borde del plato para que no se mezcle con el resto de los sabores, porque está muy picante.					
V1_L3	Ponha o molho alho e óleo em volta do prato para que não se misture com o resto dos sabores, porque é muito picante.			2	
V2_L3	Ponha o molho em uma borda do prato para que não se misture com o resto dos ingredientes, porque está muito picante.		I		
V3_L3	Coloque o molho alho e óleo em um lado do prato para que não se misture com o sabor dos outros alimentos, já que está muito picante	25.07 16.00	I		
V4_L3	Coloque o molho de alho e óleo na borda do prato para que não se mescle com o resto dos sabores, porque está muito picante.		I	1	
V5_L3	Ponha o alioli na borda do prato para que não se misture com o resto dos sabores, porque ele é muito picante.	10.49 18.18	I	1	
V6_L3	Colocar o alioli em uma borda do prato para que não se misture com os demais sabores, porque está muito picante.			3	1
V7_L3	Coloque o alho e óleo num canto do prato que não se misture com os demais sabores, já que ele é muito picante.				
V8_L3	Coloque o molho alho e óleo em uma das bordas do prato para que não se misture com o resto dos sabores, pois é muito forte.		I		
V10_L3	Ponha o alho-e-óleo nas beiradas do prato para que não se mesquem os sabores, porque está muito apimentado.			1	
V11_L3	Coloque o molho de alho e óleo em uma borda do prato para que não se misture com o resto dos sabores, porque ele está muito picante.	01.07.52	I	1	

Comentários

Assim como em TC, nesse fragmento, todos os voluntários de L3 mantiveram na tradução da final o verbo no subjuntivo para marcar a não coincidência entre os sujeitos das duas orações.

Dois dos membros desse grupo (V4 e V10_L3) traduziram o verbo “*mezclar*” por “mesclar” em português, de baixíssima frequência constatada no *corpus* de receitas escritas (uma única ocorrência), o que comprovaria sua pouca naturalidade no gênero (verbos como “misturar” – escolha mais comum entre os outros sujeitos – ocorriam mais de 800 vezes). Apesar do uso do verbo “mesclar”, a interpretação dada por V10 é ligeiramente distinta da do texto fonte: “para que não se mesclem os sabores” ao invés de “para que o alioli não se misture com...”.

Com relação ao verbo “*poner*”, 60% dos sujeitos (V3, V4, V6, V7, V8 e V11) utilizaram “colocar” enquanto os 40% restantes (V1, V2, V5 e V10) optaram por “pôr”, forma que, como já enfatizamos, não parece ser a forma mais frequente para as receitas escritas em português.

No caso do termo “*alioli*”, houve 50% (V1, V3, V4, V8 e V11) de traduções por “molho (de) alho e óleo”, 20% (V5 e V6) por “alioli”, 10% (V2) por “molho”, e 20% (V7 e V10) por “alho e óleo”.

Para “*picante*”, 80% dos sujeitos realizam uma tradução literal por “picante”; 10% (V8) empregam “forte” e os 10% restantes (V10) “apimentado”.

Não nos parece haver diferenças nos resultados, no que se refere à ordem das tarefas e tampouco ao fator ter ou não cursado disciplinas de tradução.

Síntese do observado no Translog

Em 40% (V1, V6, V7 e V10_L3) das traduções não se observa pausa ou reformulação nesse fragmento.

V2_L3: há reformulação de “restos dos sabores” por “resto dos ingredientes”.

V3_L3: há substituição, logo no início, do verbo “pôr” – que não chega a ser totalmente escrito – por “colocar”. Verifica-se uma pausa antes de “sabor” e nova pausa depois de “alimentos”. Em seguida, há inclusão do advérbio “não” na final “para que não se misture”.

V4_L3: começa a traduzir com o verbo “pôr”, sem chegar a terminar de digitá-lo, e o substitui por “coloque”.

V5_L3: há pausa depois da tradução de “*ponga*” por “ponha” e nova pausa depois da tradução de “*borde del plato*” por “borda do prato”. Substitui-se “fica” por “é muito picante”.

V8_L3: altera, no início do fragmento, o verbo “pôr” por “colocar” em imperativo.

V11_L3: verifica-se uma pausa no final do período e logo a inclusão do pronome pessoal “ele” em “porque ele está muito picante”.

Entrevistas

30% dos sujeitos (V1, V6, V8_L3) não comentam este fragmento na entrevista.

V2_L3 disse a respeito da reformulação feita em “resto dos ingredientes”: “eu fui traduzindo, assim, automático. Mas ‘sabores’ não combina, aí eu coloquei ‘ingredientes’” (...) Fica melhor ‘os ingredientes’”.

V3_L3 relatou: “Esse aí também, foi um pouco de falta de atenção minha, porque eu não tinha percebido que tinha um ‘no’, ‘*para que no se mezcle*’(...) Aí eu li de novo e vi que estava errado. (...) ‘Não se misture os sabores’, poderia ser também”.

V4_L3 comentou quando lida a tradução dessa estrutura: “Eu fui muito literal aí no final, agora lendo. (...) Eu acho, eu acho que eu faria diferente agora, voltando, escutando você falar. (...) ‘O molho de alho e óleo’, eu nem sei se a palavra em português é essa, eu devia ter olhado, ‘molho de alho e óleo na borda do prato para que não se misture com o resto dos sabores’”.

V5_L3 explicou, sobre as pausas no trecho, “E aí eu parei para procurar ‘borda’ (...) E parei para procurar o ‘picante’ (...) Pra ver se era ‘picante’ mesmo (...). E aí eu achei que, tá aí, ‘*está muy picante*’, e eu resolvi colocar ‘porque ele é muito picante’”.

V7_L3 comentou a tradução de “resto” por “demais”: “É, porque o resto eu achei que ia ficar meio esquisito. Porque é tudo, né?”.

V10_L3 perguntada sobre a tradução da oração final “para que não se meschem os sabores”, disse: “eu acho que sim [que ficou melhor], embora eu não fiquei pensando assim, nessa questão”.

V11_L3 comentou a pausa detectada no trecho: “Aí eu acho que eu parei por causa do ‘*picante*’ e porque eu achei que tava sem sujeito e ficava muito estranho. (...) Eu resolvi colocar ‘ele’ e eu mantive o ‘picante’ mesmo. Eu achei estranho o alho ficar picante, eu achei estranho, mas eu acabei deixando”.

Questionário

Não há referência a esse trecho.

Orações com “A”

Como assinalamos para o grupo TC, nossa intenção, ao abordar as finais com “a”, era verificar se poderia haver interferência com o emprego de uma preposição não esperada em língua portuguesa, “a”, no lugar de “para”.

Fragmento 10

Quadro comparativo

QUADRO 46 – COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO (F10) L3		Tempo Pausa	Tipo de reformulação	N.º cursos de tradução (currículo)	Cursos de tradução (extra)
10. Se pone en una olla grande <i>agua a hervir con bastante sal</i> (...)					
V1_L3	Coloque em uma panela grande água <i>para ferver</i> com bastante sal			2	
V2_L3	Ponha em uma panela grande água <i>a ferver</i> com bastante sal				
V3_L3	Em uma panela grande coloque água <i>para ferver</i> com bastante sal				
V4_L3	Coloca-se água <i>para ferver</i> numa panela grande com bastante sal			1	
V5_L3	Em uma panela grande coloque água <i>para ferver</i> com sal a gosto	19.81	I	1	
V6_L3	Ferver em uma panela grande água com bastante sal	18.00	I	3	1
V7_L3	Em uma panela grande, coloque água <i>para ferver</i> com bastante sal	28.56			
V8_L3	Coloque <i>para ferver</i> em uma panela grande a água com bastante sal	29.14 39.43 20.98 11.14	I		
V10_L3	Numa panela grande, coloque <i>para ferver</i> água com bastante sal			1	
V11_L3	Colocar em uma panela grande: Água <i>para ferver</i> com bastante sal	12.09 47.32		1	

Comentários

Houve o uso de “a” na final em 10% dos casos (V2_L3). Trata-se de um uso bastante estranho e poderia ser classificado como interferência, como um decalque no nível estrutural ou, em último instância, até mesmo como um erro, especialmente se considerarmos que essa é uma estrutura que esteve totalmente ausente no *corpus* de comparação. Nos dados referentes a esse mesmo sujeito encontramos outro tipo de interferência no fragmento, com o emprego do verbo “pôr” que, embora possível, é muitíssimo menos frequente do que o verbo “colocar”, como já explicitado.

Em 10% (V6) dos casos de L3 há supressão da oração final. Reúne-se, num único verbo, “ferver”, no modo infinitivo, o que no texto original estava separado por subordinação “*se pone* (oração principal)... *a hervir* (oração subordinada)”.

A maior parte dos voluntários, 80% (V1, V3, V4, V5, V7, V8, V10 e V11_L3) mantém a estrutura subordinada final com “para + infinitivo”, em “água para ferver”.

V1, V4 e V11_L3 utilizam construções muito próximas à do texto fonte, inclusive na ordem dos elementos. Em V4 há decalque no nível sintático, ao conservar-se, na tradução, o verbo na forma passiva “coloca-se”, não observado em nosso *corpus* de receitas escritas nenhuma vez para as instruções.

V3, V5 e V7 antecipam “em uma panela grande” para o início da oração. V8 altera ligeiramente a ordem verificada no texto fonte, usando “coloque para ferver em uma panela grande água...”. V10 não só antecipa “numa panela grande” para o início da oração, como pospõe o elemento “água” ao verbo da subordinada “coloque para ferver água”. Esse tipo de alteração na ordem dos constituintes pode indicar que o ingrediente “água” esteja sendo interpretado, por V8 e V10, como objeto do verbo e que os sujeitos da oração principal e da subordinada são correferenciais.

Não foi possível diferenciar o produto final dos sujeitos que já tinham frequentado disciplinas de tradução daqueles que não o tinham. Não pudemos, tampouco, constatar diferenças gerais com relação à ordem de realização das tarefas, embora o voluntário que apresente os dois tipos de interferência (lexical, com o verbo “pôr”, e sintática, com “a ferver”) pertença ao grupo que fez como primeira tarefa a de tradução.

Síntese do observado no Translog

Não houve, para 50% dos sujeitos (V1, V2, V3, V4, V10_L3) pausas ou reformulações nesse fragmento. Nos demais casos, verifica-se:

V5_L3 apresenta pausas e reformulações. Observamos que antes de iniciar essa construção existe uma pausa, o sujeito traduz a oração por “ponha em uma” e, em seguida, reformula-a por “em uma panela grande coloque a água para ferver”.

V6_L3 tem pausa e reformulação imediata no nível lexical. Antes do início da estrutura há uma pausa. O sujeito traduz a oração por “colocar em uma panela grande” e logo a reformula por “ferver em uma... água com bastante sal”.

Em V7_L3 encontramos pausa antes do início do período.

V8_L3: há pausas e reformulações no nível estrutural e lexical. Antes de iniciar o período nota-se pausa, logo a tradução do verbo da oração principal por “coloca-se” e em seguida sua substituição por “coloque em uma”. Nova pausa é verificada antes da palavra “panela” e outra depois de “a”. Substitui-se a estrutura precedente por “ferva a água”. Mais adiante, o fragmento é modificado uma vez mais por “coloque a água para ferver”.

V11_L3: há pausas antes do início da oração principal e antes da subordinada.

Entrevistas

V1_L3 é o único a não mencionar esse fragmento na entrevista. Nos demais casos, encontramos as seguintes considerações:

V2_L3 informou: “acho que ficou estranho ‘a ferver’, eu não sabia se colocava gerúndio ou não, acho que aí ele tá... no infinitivo. Eu coloquei”. Também relatou que se pudesse “acho que eu iria trocar” por “água fervendo”.

V3_L3 disse ter tido dificuldade “para definir direito o que era ‘olla’ nessa parte”.

V4_L3 comentou: “também não quis seguir tão literal”, embora perceba que “não mudou tanto, não (...) mais uma inversão”, já que apenas a ordem do elemento “água” foi alterada para a posição pós-verbal na oração principal, “coloca-se água”.

V5_L3 relatou: “Eu achei o ‘ponha’ feio. (...) E achei que soaria mais natural se eu colocasse o verbo depois”.

V6_L3 disse que se deteve um pouco nesse fragmento: “porque eu tava tentando lembrar se era a ‘panela’, se era ‘panela’ mesmo. (...) Mas aí eu nem cheguei a procurar, eu lembrei que era”. Comentou também: “eu comecei pensando na tradução direitinho e depois eu falei, vou pôr ‘ferver’ no começo”.

V7_L3 informou, apesar da pausa antes do início do período, que não teve problemas com relação a essa estrutura.

V8_L3 explicou que se deteve nessa parte: “para escrever de uma outra forma (...) uma forma que fosse melhor”. Perguntado se tinha encontrado problema nesse período, respondeu negativamente: “não, foi só a questão de escolher ‘ponha’ ou ‘coloque’”.

V10_L3 comentou sua impressão sobre o fragmento: “eu achei estranho, eu mantive mais ou menos, mas eu achei estranho, a água com o sal, com sal, direto”.

V11_L3 informou que, nesse ponto, “eu fui procurar ‘olla’, se seria “panela” mesmo” e também “acho que eu fiquei nesse ‘a hervir’, como colocar (...) eu coloquei

‘para ferver’ (...) não sei que solução dar para isso (...) o ‘a ferver’ eu nunca escutei, achei melhor o ‘para’”.

Questionários

Não houve referência a esse trecho.

Fragmento 11

Quadro comparativo

QUADRO 47 – COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO (F11) L3		Tempo Pausa	Tipo de reformulação	N.º cursos de tradução (currículo)	Cursos de tradução (extra)
11. Mientras tanto, se cortan y se lavan las judías y se ponen a cocer en el agua que sobre de hervir los langostinos.					
V1_L3	Enquanto isso, corte e lave as vagens e as coloque para cozinhar na água que sobrou dos camarões.	12.08	I	2	
V2_L3	Enquanto isso, corte e leve a vagem e ponha para cozinhar na água que sobrou para ferver os camarões.	16.86			
V3_L3	Em seguida, corte e lave as vagens e coloque-as na água reservada, para cozinhar	32.17 11.58 14.14 13.56 11.83	I e P		
V4_L3	Enquanto isso, cortar e lavar as vargens e colocar para cozinhar na água em que se ferveu os camarões.	29.63 30.01		1	
V5_L3	Enquanto isso, corte e lave a vagem e cozinhe-a na água que sobrou da fervura dos camarões.	39.01	I	1	
V6_L3	Enquanto isso, cortar e lavar as vagens, e colocá-las para cozinhar na água que sobrou da fervura dos camarões.	11.27	I	3	1
V7_L3	Enquanto isso, corte e lave as vagens e coque-as para cozinhar na água que sobrou da fervura dos lagostins.	13.80			
V8_L3	Enquanto isso, corte e lave as vagens e coloque-as para cozinhar na água restante da fervura.	28.27	I		
V10_L3	Enquanto isso, corte as vagens e coloque-as para cozinhar na água reservada das lagostas.	11.98		1	
V11_L3	Enquanto isso, cortar e lavar as vagens e colocá-las para cozinhar na água que sobrou da fervura dos langostins.	17.80 15.22 11.52 11.05	I	1	

Comentários

De igual forma que para o fragmento anterior, buscávamos observar se haveria algum tipo de interferência da construção “a cocer” sobre a tradução em língua

portuguesa. Não houve nenhuma ocorrência da preposição “a” no lugar de “para” na oração subordinada final de F11.

90% dos sujeitos utilizaram a estrutura com “para” seguida de infinitivo, traduzindo “*a cocer*” por “para cozinhar”. V5 foi o único a reformular a construção, utilizando uma oração coordenada ao invés de uma subordinada, em “corte, lave e cozinhe-a na água”.

No que diz respeito ao conector “*mientras tanto*”, apenas V3_L3 parece ter entendido de forma incorreta o seu sentido, já que essa conjunção temporal, que indica uma ação simultânea, foi traduzido por “em seguida”, nexos que indicam posterioridade.

No que tange às formas passivas “*se cortan, se lavan y se ponen*”, observamos que 30% sujeitos (V3, V6 e V11_L3) traduziram-nas por infinitivos “cortar, lavar e colocar” ao passo que os demais substituíram as passivas por imperativos “corte, lave e coloque”. V10_L3 omitiu um desses verbos (lavar) na tradução por “corte as vagens e coloque-as para”. A retomada do objeto direto só não foi feita em duas ocasiões (por V2 e V4): “lave a vagem e ponha” e “lavar as vagens e colocar para”. V2 traduz “*se pone a cocer*” por “ponha para cozinhar” e V5 diretamente por “cozinhe”.

Para a expressão “*en el agua que sobre de*” encontramos o seguinte: 40% (V5, V6, V7 e V11) dos sujeitos optaram pela tradução por “na água que sobrou da fervura”; 20% (V3 e V10) por “na água reservada” e nos 40% restantes, V1 utilizou “na água que sobrou dos camarões”; V4 “na água em que se ferveu”; V8 “na água restante da fervura” e V2 interpretou inadequadamente o texto fonte, com a tradução por “na água que sobrou para ferver os camarões”.

Não parece haver, com relação à ordem de execução das tarefas e a ter ou não cursado disciplinas de tradução, diferenças significativas.

Síntese do observado no Translog

V1_L3: verifica-se uma pausa após a tradução por “água que sobrou”. O sujeito substitui o verbo no passado por um verbo no infinitivo “sobrar” e, em seguida, volta à formulação inicial “sobrou”.

V2_L3: há pausa antes da tradução de “*mientras tanto*”.

V3_L3: notam-se diversas pausas e reformulações. Há pausa antes da tradução de “*mientras tanto*” por “enquanto isso”, depois o sujeito se detém novamente e substitui “enquanto isso, corte” por “em seguida, corte e lave as ervilhas e coloque-as na

água reservada”. Há nova pausa e substituição da oração “é aconselhável reservar” por “reserve”. Novas pausas são encontradas. O sujeito então retoma o período em questão, traduz “para ferver”, depois “até co...”, apaga essa última, para novamente e conclui o fragmento com “para cozinhar”.

V4_L3: há duas pausas depois de “lavar as vargens e cortar”.

V5_L3: há pausa seguida de reformulação em “coloque para” por “cozinhe-a”.

V6_L3: verifica-se reformulação de “para cozinhar na água descartada” por “na água que ferveu”, uma pausa e nova reformulação por “na água que sobrou da fervura”.

V7_L3: há uma pausa depois de “vagens”.

V8_L3: o sujeito se detém antes da tradução de “*mientras tanto*”. Traduz a final como “para que cozinhem com a água” e logo substitui essa construção por “coloque-as para cozinhar na água restante da fervura”.

V10_L3: observa-se pausa após a tradução de “*judías verdes*” por “vagens”.

V11_L3: há pausas e uma reformulação: pausa antes do início do período, em “*mientras tanto*”, nova pausa antes da tradução de “*se ponen*” e antes da final “*a cocer*”. O sujeito reformula o verbo em infinitivo, incluindo na posição pós-verbal o objeto “colocá-la”. Outra pausa é constatada após “*langostinos*” e, depois dessa pausa, a reformulação de “sobrou de ferver” por “sobrou da fervura”.

Entrevistas

V1_L3 explica a pausa nesse trecho: “É a mesma coisa. É aquela coisa de adaptar. (...) Adaptar a forma que eles colocam na receita”.

V2_L3 também se refere à pausa detectada nesse ponto: “Eu parei para ver como era a frase para saber como que eu traduziria ‘*mientras tanto*’”.

V3_L3 informou: “Eu fiquei na dúvida do que era o ‘*mientras tanto*’, que palavra, nesse caso... (...) É, tipo, meio que [um] sentido de imediato, uma coisa que acontece, não sei se ‘*mientras*’ é uma coisa que... acontece no mesmo momento que outra, né? (...) Demorei muito para fazer isso aí porque eu não sabia como colocar”.

V4_L3 referiu-se à forma passiva presente no trecho: “É, esse ‘*se cortan y se lavan*’, eu achei que para uma receita era uma construção... (...) Ficaria melhor no infinitivo. Eu ia colocar ‘corte’. (...) Mas eu falei não, às vezes eu uso um imperativo, às vezes não, para balancear um pouco, para a pessoa não ficar brava. (...) Então eu decidi, vamos ‘cortar’, fica mais seco, fica mais próximo [do interlocutor]”.

V5_L3 comentou o trecho: “É, eu mudei um pouco. (...) Eu sintetizei”.

V6_L3 não se refere a esse fragmento.

V7 e V8_L3 disseram, a respeito das pausas detectadas, que estavam “pensando na estrutura”.

V10_L3 explicou que sua pausa se devia à estrutura “Da água, né, a água que sobre”.

V11_L3 explicou que as pausas se deviam à tradução de “*mientras tanto*” e de “*se pone*”: “deu um branco de como traduzir ‘*mientras tanto*’”. (...) Esse ‘*se pone*’, como tá no impessoal, eu acabei colocando no infinitivo. Foi uma dúvida, acho que foi o que mais eu tive dúvida durante a receita (...). Eu acabei colocando no infinitivo”.

Questionários

Não houve nos questionários menções a esse trecho.

Outras informações importantes extraídas dos Questionários

Apesar de não termos encontrado, na maior parte dos casos, menções a respeito dos fragmentos estudados, alguns comentários podem ser destacados, em especial pelos problemas/dificuldades apontados pelos sujeitos.

V1_L3 destacou como dificuldade o título da receita.

V2, V3, V4, V5, V6, V8, V10_L3 mencionaram ter tido dificuldades com o vocabulário. V2 salientou ainda o uso de alguns verbos em modos diferentes. V3 destacou “as dificuldades foram em relação à construção das frases, já que era [sua] intenção deixar o texto claro”. V4 referiu-se à distribuição de verbos “tentei mesclar infinitivos e subjuntivos para tornar a leitura mais leve”. V5 citou as palavras “*judías*”, “*alioli*”, “*langostinos*” e “*colador*”; disse ainda ter ficado insatisfeito com a decisão de usar nota de rodapé para o termo “*alioli*”. V8 também relatou dificuldade com o termo “*langostinos*”. V10 mencionou como dificuldade “alguns verbos, construções passivas”.

V11_L3 informou que “as dificuldades foram em expressar o sujeito nas frases, em momentos que o espanhol não expressava, além de traduzir o sentido impessoal, que acabei optando pelo infinitivo”.

V7_L3 disse que “as maiores dificuldades se devem ao pouco conhecimento da área”, o que teria o deixado inseguro em determinadas soluções, segundo explicou.

Resumo

Com base nas descrições e nos dados do *Translog*, das entrevistas e questionários, podemos apontar o seguinte.

Assim como para os sujeitos de TC, também para L3 as temporais com “*cuando*” e “*hasta*” e as finais com “*para*” não foram, em linhas gerais, assinaladas como problemáticas pelos sujeitos, no que diz respeito às formas verbais que as acompanhavam no texto.

Nas temporais com “*cuando/en cuanto*” (fragmentos 1 a 3), verificamos que a interferência no nível sintático, com o uso de “quando + presente do subjuntivo”, não ocorreu em nenhum caso, ao passo que no grupo TC havia ocorrido uma vez (V8_TC, fragmento 2). No nível lexical, por outro lado, a interferência de “*en cuanto*” na tradução por “enquanto” ocorreu em 10% dos casos (V4_L3), no fragmento 3.

Com relação ao fragmento 4, na temporal com “*hasta*”, constata-se um único caso em que, apesar de não haver coincidência entre os sujeitos sintáticos, utiliza-se o infinitivo V2 (10% do total). Nos demais, optou-se pela construção com o verbo em subjuntivo, como no texto fonte. Excetuando-se V3, que utilizou “até que a água ferva novamente”, todos os sujeitos empregaram a construção “até que a água volte a ferver”, estrutura bastante semelhante à usada no texto fonte.

Nas orações finais com “*para*” (fragmento 5 a 9), as formas verbais escolhidas eram, em quase todos os casos, as mesmas usadas no texto fonte.

No fragmento 5, temos 50% de finais seguidas de subjuntivo. Como havíamos pontuado, esse fragmento era bastante complexo e envolvia diversos problemas em sua tradução. Isso fez com que não se verificasse uma tradução exatamente literal, mesmo entre aqueles que optaram por subjuntivo. Dois sujeitos (V3 e V5) utilizaram infinitivo nessa oração final, com coincidência entre os sujeitos das orações principal e subordinada. Chamou-nos a atenção a presença, no grupo L3, de uma tradução que coadunou na final verbos relacionados a diferentes sujeitos entre si. Poderíamos identificar o primeiro sujeito da subordinada [+humano], do verbo “retirar”, como correferencial ao da oração principal (= ao de “despejar”); e o segundo sujeito, na oração com subjuntivo, do verbo “esfriar”, como não correferencial, (= “os camarões”).

Nos fragmentos 6 e 8 esperávamos encontrar o verbo “ficar” – tradução mais imediata para “*quedar*” – em infinitivo. Entretanto, isso não aconteceu. Em F6, por exemplo, 100% das ocorrências foram da final “para que + subjuntivo”. Em F8, apenas

10% dos sujeitos (V7) lançaram mão de “para + infinitivo”, com outro verbo “deixar”. Nesse último caso, haveria uma alteração na forma de interpretar a final, se comparada com a presente no texto fonte, já que no TF aquele que acrescenta o suco de limão é um (sujeito que prepara a receita) e quem fica suave é outro (o molho). Segundo a formulação de V7, a pessoa que acrescenta o suco de limão (pessoa que faz a receita) é a mesma que deixa o molho suave com essa ação. Os casos de tradução de “*quedar*” por “ficar”, nesses dois fragmentos, evidenciam a tendência à interferência na construção final, uma vez que a forma com subjuntivo ali empregada não parece ser, nesse gênero, a mais comum, como já indicamos anteriormente.

No fragmento 7, assim como para TC, constatamos apenas 10% de ocorrências com infinitivo na tradução da final, explicada pelo sujeito V3 pela coincidência entre os sujeitos “Elas [as vagens] não se conservam, a gente é que faz isso”. Dentre os 90% que utilizaram subjuntivo, apenas V2 altera o sujeito da oração subordinada para “cor”, em “para que se conserve a cor”. Nos demais, as traduções são bastante coladas à estrutura do texto fonte. Nesse sentido, ainda que sutilmente, houve um distanciamento um pouco maior por parte dos membros do grupo TC, especialmente no que diz respeito à tradução dos itens lexicais ou de reduções/omissões realizadas no trecho, como no caso da tradução mais literal de “*grifo*” e “*chorro de agua*”, presente em 70% das traduções de L3 e em 50% de TC.

No fragmento 9 todos os sujeitos empregaram subjuntivo na oração subordinada para marcar a não correlação entre os sujeitos. É interessante notar que no grupo L3 houve interferência também no nível lexical nesse trecho, com a tradução de “*mezclar*” por “mesclar” em duas ocasiões: no produto de V4 e V10.

No caso das finais com “*a*”, nos fragmentos 10 e 11, encontramos interferência em um único exemplo: em F10, sujeito V2. Não foi observada nenhuma ocorrência semelhante em nosso *corpus* de comparação.

As orações temporais com “*hasta*” e finais com “*para*” parecem corroborar a hipótese de interferência, já que, na sua grande maioria, os voluntários sequer cogitaram a possibilidade de usar o modo infinitivo nas orações em que havia mudança de sujeito, mesmo naqueles casos – como com o verbo “ficar” – em que era evidente que o sujeito da principal não poderia ser o mesmo da subordinada.

7.2.2 Outras atividades

Da mesma forma que na tarefa de tradução, para as atividades de ESCRITA e de COMPLETE, separamos as estruturas segundo o seu tipo, em **temporais** e **finais**.

7.2.2.1 Produção Livre TC

Na tarefa de ESCRITA, procurávamos saber qual seria o uso mais espontâneo das orações temporais com “quando” e “até” e das finais com “para” numa receita produzida em língua materna pelos voluntários da pesquisa. Para tanto, lançamos mão de uma sequência de imagens e de algumas palavras de orientação que, embora favorecessem a redação do texto, não podiam garantir o aparecimento de tais construções. Em caso de encontrarmos o tipo de estrutura pesquisado, seria possível verificar se as escolhas efetuadas nessa produção se aproximavam ou se distanciavam da forma empregada na tradução e, a partir daí, ter mais subsídios para caracterizar ou não os resultados como uma espécie de interferência na tradução no nível estrutural.

Apresentamos, em primeiro lugar, a “Imagem”, as “Possibilidades” por nós cogitadas para as construções e um quadro com todas as “Ocorrências” observadas. Realizamos alguns “Comentários” sobre essa produção (apenas para os casos que não se incluem nas orações pesquisadas), uma “Síntese do observado no *Translog*” e nas “Entrevistas”. Ato contínuo, fazemos uma abordagem específica das orações temporais e finais encontradas na redação e relacionadas com cada imagem.

Imagem	Palavras de orientação
1	claras – neve
2	+ açúcar – claras firmes
3	+ gemas – 8 minutos
4	+ óleo – rapidamente – bem homogêneo
5	+ suco de laranja – 15 minutos – bem misturado
6	gengibre ralado – bem incorporado à massa
7	+ farinha peneirada – aos poucos – massa não muito líquida
8	fermento em pó – fora da batedeira – movimentos de baixo para cima – massa aerada
9	massa – forma untada e polvilhada com farinha
10	forno médio (225°C) – 45 minutos – não abrir o forno – primeira meia hora – para *** a massa
11	frio – forma

Quadro 48 – Número da imagem e respectivas palavras de orientação da produção livre

Imagem 1

Possibilidades

Temporais

Até

a) até + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: até **obter, alcançar** o ponto de neve.

b) até + **infinitivo flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até **chegarem, atingirem** o ponto de neve.

c) até que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até que **atinjam, adquiram** o ponto de neve

Ocorrências

QUADRO 50 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I1) TC (TODOS OS CASOS)		Tipo de Reformulação
1. Palavras de orientação: <i>claras – neve</i>		
V2_TC	Com o auxílio de uma batedeira, bata as claras em velocidade média por cerca de 3 minutos.	
V3_TC	Em uma batedeira, misture as claras (até ficarem firmes) (ponto de neve). Acrescente o açúcar	P
V4_TC	Bata as claras em neve (até que fiquem firmes.)	
V5_TC	Em primeiro lugar, bata as claras em neve.	I e R
V6_TC	Bata as claras em neve.	
V7_TC	Separe as gemas das claras e bata-as até elas adquirirem consistência de neve	
V8_TC	Bata as claras em neve até que a mistura fique bem homogênea	
V9_TC	Usar 5 ovos e separar as claras em neve da gema	
V10_TC	Bata as claras em neve e reserve	
V11_TC	Bata as claras em neve,	

Em “Tipo de reformulação”: I: imediata; P: fase de produção; R: fase de revisão.

Comentários

Em 60% dos casos (V2, V5, V6, V9, V10 e V11_TC) não se utilizam estruturas do tipo estudado. Nos 40% restantes verifica-se o emprego de temporais com “até”, como se verá mais adiante.

Não há dados suficientes que nos levem a caracterizar, com relação à ordem de execução das tarefas, qualquer tipo de influência da tradução sobre essa produção, uma vez que tanto os sujeitos que redigiram a receita depois da tradução (V2 a V6) como aqueles que fizeram a redação inicialmente (V7 a V11) apresentaram soluções muito semelhantes quanto à distribuição dos modos.

Síntese do observado no Translog

Abordaremos aqui apenas aqueles casos que não se incluem nas temporais e finais estudadas, já que serão objeto de exame futuro.

Em V5_TC, observamos que há reformulação, tanto no nível sintático como no lexical. O sujeito utiliza, em primeiro lugar “bater as claras em neve”, depois reformula imediatamente essa construção por “bater as claras dos ovos até”, depois por “ter a clara dos ovos” e logo por “bater as claras dos ovos até que”. Na fase de revisão, retorna à estrutura inicial, com “bata as claras em neve”.

Em todos os demais casos não verificamos reformulação ou pausa.

Entrevistas

Os sujeitos V2, V10 e V11_TC não se referem a esse trecho na entrevista.

V5_TC comentou: “não sabia o que colocava primeiro, primeiro eu colocava ‘separe as claras e as gemas’ ou não, então eu já coloquei direto ‘bata as claras em neve’”.

V6_TC informou: “eu fiquei pensando ‘bata as claras em neve’ e depois eu fiquei olhando essa [aponta para a imagem], o que ela tava querendo me dizer”.

TEMPORAIS

Orações com “ATÉ”

Quadro comparativo

QUADRO 51 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I1) TC (“ATÉ”)		Tipo de Reformulação
1. claras – neve		
V3_TC	Em uma batedeira, misture as claras até ficarem firmes (ponto de neve).	P
V4_TC	Bata as claras em neve (até que fiquem firmes.)	
V7_TC	Separe as gemas das claras e bata-as até elas adquirirem consistência de neve	
V8_TC	Bata as claras em neve até que a mistura fique bem homogênea	

Comentários específicos

Na primeira figura, encontramos quatro construções temporais com “até” no grupo TC (V3, V4, V7 e V8). Em todos, verifica-se que o sujeito da subordinada não é o mesmo da oração principal.

Dois dos voluntários (V3 e V7) optam por “até + infinitivo flexionado”. Os demais, (V4 e V8), realizam uma formulação com subjuntivo, respectivamente com os sujeitos “as claras” (explicitado apenas na principal) e “a mistura”. Nesses últimos exemplos, o infinitivo poderia ser também empregado, em “até ficar firmes” e “até a mistura ficar”.

Síntese do observado no Translog

Apenas o voluntário V3 apresentou uma reformulação: começa a construção com “bata as cinco claras até ficarem firmes” e depois suprime as quantidades expressas, ainda durante a produção do texto.

Entrevistas

Não há menção, com relação aos sujeitos V4 e V7_TC, a respeito desse trecho.

V3_TC informou que a construção era “bater as claras em neve ou bater as claras até que fiquem em ponto de neve”, mas que no final opta por deixar “ponto de neve”.

V8_TC relatou que “estava procurando uma palavra. (...) As claras, elas têm que ficarem..., elas têm que ficar com uma consistência, quase soltando do recipiente, mas eu não lembrava uma... que colocasse isso”.

Imagem 2

Possibilidades

Temporais

Quando

a) quando + futuro do subjuntivo

Não correferência entre os sujeitos

Ex: quando **estiverem** firmes.

Até

b) até + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: até **obter** claras firmes.

c) até + **infinitivo flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até **ficarem, estarem** firmes.

d) até que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até que **fiquem, estejam** firmes.

Finais

Para

e) para + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: para **obter** claras firmes.

f) para + **infinitivo flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para **ficarem, estarem** firmes.

g) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para que **fiquem, estejam** firmes.

Ocorrências

QUADRO 52 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I2) TC (TODOS OS CASOS)		Tipo de Reformulação
2. + açúcar – claras firmes		
V2_TC	Vá acrescentando açúcar até que a clara fique firme	I
V3_TC	Em uma batedeira, misture as claras até ficarem firmes (ponto de neve) . Acrescente o açúcar.	P

V4_TC	(Bata as claras em neve) até que fiquem firmes . Adicione então o açúcar	
V5_TC	Acrescente o açúcar e bata a mistura até as claras ficarem firmes	P
V6_TC	Quando elas estiverem firmes , acrescente o açúcar.	
V7_TC	Em seguida, adicione o açúcar e continue batendo para que a clara fique mais firme	I
V8_TC	Depois acrescente o açúcar para que a clara fique mais consistente	
V9_TC	Adicionar 1 xícara de chá de açúcar e bater por mais 1 minuto.	
V10_TC	Acrescente um pouco de açúcar caso queira as claras mais firmes (1 colher de sopa).	
V11_TC	acrescente açúcar até que as claras fiquem firmes	

Comentários

20% dos sujeitos (V9 e V10_TC) não utilizaram uma estrutura do tipo estudado. Houve 50% de ocorrências com a temporal seguida de “até” (V2, V3, V4, V5 e V11) e 10% com a temporal com “quando” (V6). Nos demais 20% (V7 e V8) encontramos orações finais com “para”.

Os sujeitos que realizaram essa tarefa depois da tradução (V2 a V6) apresentaram soluções com temporais em todos os casos: com “quando + futuro do subjuntivo” e com “até que + presente de subjuntivo” e “até + infinitivo”. Os que a fizeram antes da tradução, utilizaram orações finais com “para que + presente de subjuntivo” e “até que + presente de subjuntivo”.

Síntese do observado no Translog

Nos dois casos em que não se utilizou as orações objeto de estudo (V9 e V10) não há reformulação.

Entrevistas

V9 e V10 não se referem a esse fragmento na entrevista.

TEMPORAIS

Orações com “QUANDO”

Quadro comparativo

QUADRO 53 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I2) TC (“QUANDO”)		Tipo de Reformulação
2. + açúcar – claras firmes		
V6_TC	Quando elas estiverem firmes , acrescente o açúcar.	

Comentários específicos

Em V6 utilizou-se o nexos “quando” seguido de futuro do subjuntivo plural. Os sujeitos da oração subordinada e da principal não coincidem.

Síntese do observado no Translog

V6 não reformula essa oração.

Entrevistas

Não há comentários sobre esse trecho por parte de V6.

Orações com “ATÉ”

Quadro comparativo

QUADRO 54 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I2) TC (“ATÉ”)		Tipo de Reformulação
2. + açúcar – claras firmes		
V2_TC	Vá acrescentando açúcar até que a clara fique firme	I
V3_TC	Em uma batedeira, misture as claras até ficarem firmes (ponto de neve). Acrescente o açúcar.	P
V4_TC	(Bata as claras em neve) até que fiquem firmes . Adicione então o açúcar	
V5_TC	Acrescente o açúcar e bata a mistura até as claras ficarem firmes	P
V11_TC	acrescente açúcar até que as claras fiquem firmes	

Comentários específicos

Houve cinco orações com a temporal “até” (V2, V3, V4, V5 e V11_TC), todas com sujeitos não correferenciais entre uma e outra sentença. Embora o verbo escolhido seja o mesmo em todos os casos, “ficar”, a escolha quanto à forma verbal que o seguiria variou. Em três casos (V2, V4 e V11) se utilizou “até que + subjuntivo”. Nos dois casos restantes (V3 e V5), empregou-se “até + infinitivo flexionado” para fazer a concordância com o sujeito plural “as claras”.

Síntese do observado no Translog

V4 e V11_TC não reformulam esse trecho.

V2_TC inicia a construção com uma temporal com “quando” mas, em seguida, decide pela formulação com a conjunção “até”.

V3_TC começa a redação utilizando “bata as cinco claras até ficarem firmes” e depois exclui a quantidade “cinco”.

V5_TC, na fase de produção, reformula a temporal “quando estiverem firmes, acrescente o açúcar” pela temporal com “até”.

Entrevistas

Não há menção a esse fragmento por V4 e V11.

V2_TC disse: “eu podia colocar, eu pensei em falar de consistência, ‘até que a consistência fique boa’, mas aí tinha que usar o ‘firme’, que tava escrito”.

V3_TC comentou sobre as quantidades na receita: “foi uma coisa que depois eu mudei, porque eu falei já que as quantidades já são dadas nessa parte dos ingredientes, então eu também vou excluir isso, depois eu excluí”.

V5_TC explicou sua reformulação: “Eu mudei depois a ordem. Não sabia se a gema vinha depois, se vinha antes, ah, enfim. (...) É que eu não sabia qual é a ordem, se colocava o açúcar para a clara firmes. (...) Essas claras estavam me deixando confusa”.

FINAIS

Orações com “PARA”

Quadro comparativo

QUADRO 55 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I2) TC (“PARA”)		Tipo de Reformulação
2. + açúcar – claras firmes		
V7_TC	Em seguida, adicione o açúcar e continue batendo para que a clara fique mais firme	I
V8_TC	Depois acrescente o açúcar para que a clara fique mais consistente

Comentários específicos

Dois sujeitos decidem pela oração final com “para” seguida de subjuntivo. Em ambos os casos, utiliza-se o verbo “ficar” que, por sua semântica, permitiria o uso de infinitivo sem ambiguidade na interpretação não correferencial presente nos exemplos.

Síntese do observado no Translog

V7_TC reformula a oração inicial “batendo as claras para firmar” por “para que a clara fique mais firme”.

Não há reformulação por parte de V8_TC.

Entrevistas

V7_TC disse que realizou a alteração de infinitivo por subjuntivo porque “Eu fiquei com receio de não ficar tão claro (...) Achei que poderia dar, não uma ambiguidade, mas não ficar claro”.

V8_TC explicou não haver uma opção consciente por uma ou outra estrutura: “Foi no momento de escrever, cada uma, coloquei o que achei melhor, mas eu não pensei: nessa eu vou usar essa estrutura e naquela a outra, sem pensar mesmo”.

Imagem 3

Possibilidades

Não havíamos pensado que, para a imagem 3, seriam utilizadas quaisquer construções do tipo estudado. Entretanto, houve ocorrências de orações temporais.

Ocorrências

QUADRO 56 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I3) TC (TODOS OS CASOS)		Tipo de reformulação
3. + gemas – 8 minutos		
V2_TC	Coloque as gemas e bata por 8 minutos.	R
V3_TC	Acrescente o açúcar e as gemas e bata a mistura por 8 minutos.	
V4_TC	Adicione então o açúcar e as gemas e bata por mais oito minutos.	
V5_TC	Coloque as gemas e continue batendo por oito minutos.	P
V6_TC	Depois, coloque as gemas e bata por cerca de oito minutos	
V7_TC	Adicione as gemas à mistura e bata por mais 8 minutos	
V8_TC	Acrescente a gema e bata por oito minutos até que os ingredientes estejam bem misturados	I
V9_TC	Após esse processo inicial, acrescentar as 5 gemas e bater por mais alguns minutos.	
V10_TC	Junte as gemas e bata por 8 minutos.	
V11_TC	acrescente as gemas e bata por aproximadamente 8 minutos	

Comentários

Apenas 10% dos sujeitos (V8_TC) utilizam uma estrutura do tipo estudado. Nos demais casos, observam-se orações coordenadas, como “coloque as gemas e bata por 8 minutos”.

Não há informações que nos levem a diferenciar a produção dos sujeitos com relação à ordem de execução das tarefas.

Síntese do observado no Translog

Em 70% (V3, V4, V6, V7, V9, V10 e V11_TC) dos casos não há qualquer tipo de reformulação nesse trecho.

V2_TC substitui, no final da redação, o verbo “acrescentar” por “colocar”.

V5_TC inicialmente formula o fragmento como “depois de oito minutos, coloque as gemas”. Prossegue a redação do texto e, após a frase “Acrescente o açúcar e bata até as claras ficarem firmes”, reelabora a oração anterior como “coloque as gemas e continue batendo por oito minutos”.

Entrevistas

Em 50% dos casos (V3, V4, V6, V10 e V11_TC) não há comentários para I3.

V2_TC disse ter se detido nesse ponto porque: “Acho que eu fiquei pensando em mudar o ‘acrescente’”.

V5_TC comentou: “Eu mudei depois a ordem. Não sabia se a gema vinha depois, se vinha antes”.

V7_TC explicou: “eu demorei um pouco porque me pareceu que a frase ia ficar rebuscada, então eu tentei rearranjar para um jeito mais simples”.

V9_TC comentou: “eu não sabia se tinha que... eu comecei a me prender ao tempo, eu falei, será que é oito minutos mesmo que tem que ficar batendo ou será que é o tempo da receita até aqui, que dura oito minutos? Aí eu fiquei... eu acho que depois eu cheguei até a mudar os tempos... Ah, eu acho que eu posso modificar isso”.

TEMPORAIS

Orações com “ATÉ”

Quadro comparativo

QUADRO 57 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I3) TC (“ATÉ”)		Tipo de reformulação
3. + gemas – 8 minutos		
V8_TC	Acrescente a gema e bata por oito minutos até que os ingredientes estejam bem misturados	I

Comentários específicos

Apenas V8_TC utiliza uma oração temporal, com “até que + subjuntivo plural”. Embora verifiquemos mudança do sujeito, o infinitivo poderia ser igualmente empregado, em “até os ingredientes estarem bem misturados”, por exemplo. Mas essa possibilidade não foi cogitada.

Síntese do observado no Translog

V8_TC reformula a oração temporal, inicialmente redigida como “até que tudo esteja bem misturada” e depois por “até que os ingredientes estejam bem misturados”.

Entrevistas

V8_TC comentou o trecho reformulado: “eu queria colocar outra palavra, eu pensei em ‘homogêneo’, mas eu já tinha usado ‘homogêneo’ lá atrás, então deixa eu pôr outra coisa, né? Aí, por isso que eu apaguei, eu pensei em colocar..., mas deixa os ingredientes, eu vou colocar os ingredientes e ‘até que eles estejam bem misturados’”.

Imagem 4

Possibilidades

Temporais

Até

a) até + **infinitivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até **ficar, estar** homogêneo.

b) até que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até que **fique, esteja** homogêneo.

Finais

Para

c) para + **infinitivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para **ficar, estar** homogêneo.

d) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para que **fique, esteja** homogêneo.

Ocorrências

QUADRO 58 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I4) TC (TODOS OS CASOS)		Tipo de Reformulação
4. + óleo – rapidamente – bem homogêneo		
V2_TC	Ponha o óleo, formando um massa bem homogênea.	I
V3_TC	Ainda na batedeira, acrescente rapidamente o óleo até que a massa fique homogênea	
V4_TC	Acrescente o óleo e bata rapidamente para obter uma mistura homogênea	
V5_TC	Despeje rapidamente o óleo e bata até a mistura ficar homogênea	
V6_TC	A seguir, acrescente o óleo e bata rapidamente até que a massa fique bem homogênea	
V7_TC	Acrescente o óleo e bata mais rapidamente para misturar de forma homogênea	
V8_TC	Depois coloque o óleo	
V9_TC	Logo em seguida, colocar 1/2 xícara de chá de óleo rapidamente de modo que a mistura se torne bem homogênea.	
V10_TC	Acrescente o óleo e bata rapidamente até que tudo fique bem homogêneo.	
V11_TC	acrescente o óleo e bata rapidamente até que a massa fique bem homogênea	

Comentários

30% dos sujeitos (V2, V8 e V9) não empregaram estruturas do tipo pesquisado.

O equilíbrio entre as orações temporais e finais entre aqueles que realizaram a tarefa de produção livre depois ou antes da tradução não nos permite concluir que haja interferência de uma tarefa sobre a outra nesse trecho.

Síntese do observado no Translog

V2, V8 e V9 não reformulam o fragmento.

Entrevistas

Os sujeitos acima mencionados não apresentam nenhum comentário sobre I4.

TEMPORAIS

Orações com “ATÉ”

Quadro comparativo

QUADRO 59 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I4) TC (“ATÉ”)		Tipo de Reformulação
4. + óleo – rapidamente – bem homogêneo		
V3_TC	Ainda na batedeira, acrescente rapidamente o óleo até que a massa fique homogênea	I
V5_TC	Despeje rapidamente o óleo e bata até a mistura ficar homogênea
V6_TC	A seguir, acrescente o óleo e bata rapidamente até que a massa fique bem homogênea	
V10_TC	Acrescente o óleo e bata rapidamente até que tudo fique bem homogêneo.	
V11_TC	acrescente o óleo e bata rapidamente até que a massa fique bem homogênea	

Comentários específicos

Muitos dos voluntários optaram por alterar, ainda que ligeiramente, as palavras de orientação, normalmente adaptando o gênero do adjetivo “homogêneo” para “homogênea”. Com isso, algumas possibilidades que não tínhamos pensado surgiram na redação desse trecho. Em 40% (V3, V6, V10 e V11) das construções foram utilizadas estruturas com “até” seguido de subjuntivo. Em 10% (V5), empregou-se infinitivo na temporal com “até”. Em todos eles observa-se não coincidência entre os sujeitos das orações principal e da subordinada. Interessante notar que todos esses cinco voluntários lançam mão do mesmo verbo, “ficar”, que não possibilitaria ambiguidade quanto à identificação de seu sujeito, mesmo que a forma escolhida fosse o infinitivo.

Síntese do observado no Translog

V3_TC utiliza, em primeiro lugar, uma oração final “para que fique bem homogênea” e, em seguida, reformula-a para uma temporal “até que fique bem homogênea”.

Para os demais casos (V5, V6, V10 e V11_TC) não há reformulações.

Entrevistas

V3_TC informou que “[fiquei] pensando também no óleo, nessa mistura, né? O óleo ele dá uma outra forma, uma textura diferente na massa, eu fiquei pensando ‘para que fique homogêneo’, ‘para que fique bem misturado’ (...) É, eu não encontrei um correspondente para isso, esse ‘para que fique, para que a massa fique’”.

V6_TC comentou o trecho: “eu fiquei pensando ‘rapidamente o quê?’, o óleo, [era] para bater rapidamente, para acrescentar rapidamente”.

V10_TC explicou que no trecho em questão: “fiquei na dúvida... sobre o que escrever mesmo.” Disse também, quando perguntado sobre a alternância de formas de infinitivo e subjuntivo ao longo da receita, em “até que fique” e “até ficar”: “Não foi, acho que não foi, [que] não tenha sido consciente”.

V5 e V11_TC não se referem ao fragmento.

FINAIS

Orações com “PARA”

Quadro comparativo

QUADRO 60 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I4) TC (“PARA”)		Tipo de Reformulação
4. + óleo – rapidamente – bem homogêneo		
V4_TC	Acrescente o óleo e bata rapidamente para obter uma mistura homogênea
V7_TC	Acrescente o óleo e bata mais rapidamente para misturar de forma homogênea	

Comentários específicos

Apenas 20% dos voluntários (V4 e V7) utilizam orações finais. Em ambos os casos, há coincidência entre os sujeitos das sentenças e, portanto, o emprego do infinitivo.

Síntese do observado no Translog

Não há reformulações.

Entrevistas

V4_TC não comenta o trecho.

V7_TC foi perguntado, nesse ponto, por que optou em alguns casos por “para que + subjuntivo” e noutros por “para + infinitivo” ao longo da receita. Respondeu o questionamento da seguinte maneira: “Eu tentei mesclar vários tempos verbais, para não ficar uma coisa repetitiva e mecânica”.

Imagem 5

Possibilidades

Temporais

Quando

- a) quando + **futuro do subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: quando **estiver** bem misturado.

Até

- b) até + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até **ficar, estar** bem misturado.

- c) até que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até que **fique, esteja** bem misturado.

Finais

Para

d) para + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para **ficar, estar** bem misturado.

e) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para que **fique, esteja** bem misturado.

Ocorrências

QUADRO 61 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I5) TC (TODOS OS CASOS)		Tipo de Reformulação
5. + suco de laranja – 15 minutos – bem misturado		
V2_TC	Adicione o suco de laranja e misture por cerca de 15 minutos	R
V3_TC	Depois, adicione o suco de laranja e bata por mais 15 minutos até que tudo fique bem misturado	
V4_TC	Coloque o suco de laranja e bata por cerca de quinze minutos para que fique bem misturado	
V5_TC	Acrescente o suco de laranja e bata por mais quinze minutos, até ficar bem misturado	
V6_TC	Coloque o suco de laranja e bata por mais quinze minutos, de modo que fique tudo bem misturado	
V7_TC	Adicione o suco de laranja e continue batendo por mais 15 minutos até que tudo esteja bem misturado	
V8_TC	Depois coloque o óleo e o suco de laranja e bata a massa por mais 15 minutos	
V9_TC	Depois, inserir 1/2 de chá de suco de laranja	
V10_TC	Coloque o suco de laranja e bata por, aproximadamente, 15 minutos ou até ficar bem misturado	
V11_TC	Acrescente o suco de laranja e bata por cerca de 15 minutos, até que ele fique bem misturado à massa	

Comentários

40% dos voluntários (V2, V6, V8 e V9_TC) não utilizaram orações temporais ou finais do tipo estudado. V2 modifica a expressão orientadora “bem misturado” pelo verbo “misturar” no imperativo. V6 usa uma oração causal “de modo que”. V8 e V9 não lançam mão da expressão “bem misturado” e V9 tampouco utiliza “15 minutos”.

Não há informações que nos levem a diferenciar os resultados dos sujeitos que fizeram essa tarefa antes da tradução daqueles que a fizeram por último.

Síntese do observado no Translog

V2_TC altera, na revisão, o verbo “acrescentar” usado no início da oração por “adicionar”.

V6 e V8_TC não realizam reformulações no trecho.

V9_TC havia usado uma oração causal, “inserir ½ de chá de suco de laranja e continuar a bater de modo que a mistura se torne” e depois a suprime em “inserir ½ de chá de suco de laranja”.

Entrevistas

V2_TC comentou: “ia ter que bater por quinze minutos, eu achei que era um absurdo, eu fiquei pensando se tava certo”.

V6 e V8_TC: não fizeram referência ao trecho específico.

Quando perguntado sobre a omissão da subordinada causal, V9_TC informou: “É que eu ia colocar, acho, no caso, ‘laranja e em seguida’ e eu achei melhor resumir”.

TEMPORAIS

Orações com “ATÉ”

Quadro comparativo

QUADRO 62 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I5) TC (“ATÉ”)		Tipo de Reformulação
5. + suco de laranja – 15 minutos – bem misturado		
V3_TC	Depois, adicione o suco de laranja e bata por mais 15 minutos até que tudo fique bem misturado	P
V5_TC	Acrescente o suco de laranja e bata por mais quinze minutos, até ficar bem misturado
V7_TC	Adicione o suco de laranja e continue batendo por mais 15 minutos até que tudo esteja bem misturado	
V10_TC	Coloque o suco de laranja e bata por, aproximadamente, 15 minutos ou até ficar bem misturado	
V11_TC	Acrescente o suco de laranja e bata por cerca de 15 minutos, até que ele fique bem misturado à massa	

Comentários específicos

Diferentemente do que havia acontecido com a imagem 4, a maior parte dos sujeitos se ateuve, neste caso, às palavras de orientação para escrever o texto. Em 50% (V2, V5, V7, V10 e V11) dos exemplos foram utilizadas orações temporais com “até”, dentre

elas, 20% com infinitivo (V5 e V10) e 30% (V3, V7 e V11) com subjuntivo. Em todos, verifica-se a não coincidência entre o sujeito da principal e da subordinada, com o emprego dos verbos “ficar” e “estar” que permitiriam também o uso de infinitivo sem que isso pressupusesse ambiguidade ou dificuldade de se identificar a mudança de sujeito.

Síntese do observado no Translog

Excetuando-se V3, que incluiu, posteriormente, o elemento “tudo” na oração, os outros sujeitos não apresentaram reformulações nesse trecho.

Entrevistas

30% dos voluntários (V3, V5, V10_TC) não comentam o fragmento I5 na entrevista.

V7_TC informou: “eu fiquei com receio de ficar repetitivo, porque eu já tinha dito, acho que algumas frases acima, ‘para que a mistura’ e aqui ‘bem misturado’”.

V11_TC relatou a dúvida quanto à estrutura utilizada: “É que eu falei, ‘até que ele’, normalmente a gente não usa ‘ele’ em receita de bolo, ‘até que ele fique’, aí eu fiquei pensando, se repetisse, eu já tinha usado “suco” outra vez, ‘acrescente o suco de laranja’, aí se eu colocasse ‘até que o suco de laranja’, eu falei, ah, vai ‘ficar’”.

FINAIS

Orações com “PARA”

Quadro comparativo

QUADRO 63 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I5) TC (“PARA”)		Tipo de Reformulação
5. + suco de laranja – 15 minutos – bem misturado		
V4_TC	Coloque o suco de laranja e bata por cerca de quinze minutos para que fique bem misturado

Comentários específicos

Apenas 10% dos sujeitos (V4_TC) empregaram uma oração final. Apesar de utilizar o verbo “ficar” no modo subjuntivo para marcar a mudança de sujeito sintático,

o mesmo verbo poderia ser utilizado, como já dissemos, com infinitivo, sem que isso trouxesse problemas à interpretação do trecho.

Síntese do observado no Translog

V4_TC não reformula I5.

Entrevistas

Não há referências ao fragmento.

Imagem 6

Possibilidades

Temporais

Quando

a) quando + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: quando **estiver** bem incorporado.

Até

b) até + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até **ficar, estar** bem incorporado.

c) até que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até que **fique, esteja** bem incorporado.

Finais

Para

d) para + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para **ficar, estar** bem incorporado.

e) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para que **fique, esteja** bem incorporado.

Ocorrências

QUADRO 64 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I6) TC (TODOS OS CASOS)		Tipo de Reformulação
6. gengibre ralado – bem incorporado à massa		
V2_TC	Enseguida salpique o gengibre ralado.	R
V3_TC	Depois, incorpore o gengibre à massa e continue batendo.	
V4_TC	Junte o gengibre ralado de modo que fique bem incorporado à massa	
V5_TC	Jogue o gengibre ralado e verifique que ele se incorporou bem à massa.	
V6_TC	Despeje o gengibre ralado e bata para que ele fique bem incorporado à massa	
V7_TC	Acrescente o gengibre ralado e bata até que ele esteja bem incorporado à massa	I
V8_TC	Coloque um pouco de gengibre para dar um sabor especial a massa	
V9_TC	(Depois, inserir 1/2 de chá de suco de laranja) e logo em seguida 1 colher de sopa de gengibre ralado.	
V10_TC	Logo em seguida, acrescente o gengibre ralado de forma que fique bem incorporado à massa	
V11_TC	Acrescente o gengibre ralado à massa, incorporando bem.	

Comentários

Em 70% dos casos (V2, V3, V4, V5, V9, V10 e V11_TC) não houve orações do tipo estudado. V2 e V9 não utilizam a expressão de orientação “bem incorporado” em sua receita. V3 transforma a referida expressão em um verbo, no modo imperativo: “incorpore”. V4 e V10 empregam orações subordinadas de outro tipo, respectivamente “de modo que” e “de forma que”. V5 utiliza uma oração coordenada “jogue o gengibre e verifique que ele se incorporou”. V11 lança mão de uma oração reduzida de gerúndio “incorporando bem”.

Não se pode dizer que a ordem das tarefas tenha tido influências sobre a produção dos sujeitos.

Síntese do observado no Translog

Não se verifica reformulações para 50% dos casos (V2, V4, V5, V10 e V11_TC).

V3_TC substituiu, na fase de revisão, o marcador adverbial “no final” por “depois”.

V9_TC, em sua formulação inicial, usou a estrutura “deixando a massa bem incorporada”, mas em seguida a excluiu do texto.

Entrevistas

30% dos voluntários (V2, V3, V9_TC) não comentam esse fragmento do texto.

V4_TC informou que se deteve nesse ponto da receita: “Eu tava pensando em como eu ia escrever ‘bem incorporado à massa’”.

V5_TC comentou: “Esse ‘verifique’ eu falei, ai meu Deus, como é que eu vou pôr esse ‘bem incorporado à massa’?”.

V9_TC disse não se lembrar do que havia motivado a omissão da oração reduzida de gerúndio.

V11_TC explicou que se deteve nesse trecho devido ao “bem incorporado”. Comentou também com relação a fragmento: “eu acho, ‘até que fique, até que fique’, eu acho que eu já tinha usado várias vezes, então eu falo, tá bom, então não vai ficar igual”.

TEMPORAIS

Orações com “ATÉ”

Quadro comparativo

QUADRO 65 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I6) TC (“ATÉ”)		Tipo de Reformulação
6. gengibre ralado – bem incorporado à massa		
V7_TC	Acrescente o gengibre ralado e bata até que ele esteja bem incorporado à massa	

Comentários específicos

Apenas 10% dos sujeitos (V7) utilizam uma estrutura temporal com “até”, seguido de subjuntivo. A mudança de sujeito com relação à oração principal é clara, mas o uso do subjuntivo é optativo, já que o verbo “estar” permitiria o emprego de infinitivo, em “até (este) estar bem incorporado”, sem que houvesse ambiguidade.

Síntese do observado no Translog

Não se observa reformulações no texto de V7.

Entrevistas

V7_TC não se refere a esse fragmento na entrevista.

FINAIS

Orações com “PARA”

Quadro comparativo

QUADRO 66 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I6) TC (“PARA”)		Tipo de Reformulação
6. gengibre ralado – bem incorporado à massa		
V6_TC	Despeje o gengibre ralado e bata para que ele fique bem incorporado à massa	
V8_TC	Coloque um pouco de gengibre para dar um sabor especial a massa	

Comentários específicos

Constatam-se 20% de orações finais em I6. Em V6 verifica-se, na subordinada, um sujeito distinto do da oração principal, com a utilização do verbo “ficar” no modo

subjuntivo. Este poderia aparecer na forma nominal, como já dissemos, já que sua semântica não permitiria outra possibilidade de interpretação que não a de um sujeito não correferencial. Em V8, por outro lado, o verbo “dar” em infinitivo possibilita a dupla interpretação: pode-se entender que o sujeito da subordinada seja “gingibre”, termo que ocupa o lugar de objeto direto da oração principal; ou que seu sujeito seja o mesmo sujeito do verbo da oração principal, “colocar” (quem “coloca” o gengibre “dá” sabor à massa com essa ação).

Síntese do observado no Translog

Não se verificam reformulações.

Entrevistas

V6_TC comentou: “Eu acho que eu fiz uma pequena confusão com as expressões, eu acho que eu fui para ‘misturado’ e depois eu vi que era ‘incorporado à massa’ (...) Acho que eu voltei mesmo para ler (...) Pra ver como é que tava”.

V8_TC disse que se deteve nesse fragmento “por causa dessa parte aqui do gengibre, aí eu coloquei que as claras, as gemas... depois vai o suco de laranja, coloquei tudo na mesma sequência. O suco de laranja eu parei porque eu tava pensando no gengibre. Aí eu acho que coloquei ‘coloque uma pitada de gengibre’, não lembro como que eu fiz direito, e passei para a próxima imagem”.

Imagem 7

Possibilidades

Finais

Para

- a) para + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: para **obter, conseguir, ter** uma massa muito líquida.

- b) para + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para a massa não **ficar** muito líquida.

- c) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para que a massa não **fique** muito líquida.

Ocorrências

QUADRO 67 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I7) TC (TODOS OS CASOS)		Tipo de Reformulação
7. + farinha peneirada – aos poucos – massa não muito líquida		
V2_TC	Polvilhe a farinha aos poucos para que a massa não fique firme muito líquida	R
V3_TC	Fora da batedeira, acrescente a farinha para que a massa não fique muito líquida	
V4_TC	Peneire a farinha adicionando-a aos poucos à mistura para que a massa não fique muito líquida	
V5_TC	Em seguida e aos poucos, coloque a farinha peneirada, para que a massa não fique muito líquida	
V6_TC	Acrescente a farinha peneirada aos poucos: o ideal é que a massa não fique muito líquida	
V7_TC	Introduza aos poucos na mistura a farinha peneirada para que a massa não fique muito líquida	
V8_TC	Quando tudo estiver bem homogêneo , acrescente a farinha peneirada e o fermento. Continue batendo a massa por mais 10 minutos até que esta esteja bem consistente e não muito líquida	
V9_TC	Continuar batendo a mistura e acrescentar aos poucos 2 xícaras de farinha de trigo peneirada de modo que a mistura se torne uma massa. Quando a massa estiver no ponto , ou seja, não muito líquida, parar de bater	
V10_TC	A farinha, previamente peneirada, deve ser acrescida aos pouco à mistura. A massa não pode ficar muito líquida.	
V11_TC	Aos poucos, acrescente a farinha peneirada à massa, para que ela não fique muito líquida.	

Comentários

Em 80% dos casos (V2, V3, V4, V5, V7, V8, V9 e V11_TC) utilizou-se alguma estrutura do tipo estudado. Embora para a imagem 7 não tivéssemos cogitado a ocorrência de uma oração temporal, esse tipo de construção apareceu em duas oportunidades nesse grupo (em V8 e V9).

Dois dos sujeitos, V6 e V10, conseguem uma formulação que foge das temporais e finais observadas, respectivamente com “o ideal é que a massa não fique muito líquida” e “a massa não pode ficar muito líquida”.

Pode-se dizer que os indivíduos que realizaram primeiro a tarefa de produção livre tiveram resultados mais variados, já que há estruturas temporais com “até” e “quando” e também orações finais com “para”. No grupo que fez essa atividade depois da tradução, encontramos apenas construções finais.

Síntese do observado no Translog

V6_TC utiliza inicialmente “a massa não deve ficar” e em seguida reformula essa construção com dois pontos e “o ideal é que a massa não fique”.

Para V10_TC não há reformulações.

Entrevistas

V6_TC comentou: “parece que tá querendo dizer assim, o objetivo é que a massa não fique muito líquida. Primeiro eu tinha pensado em colocar em travessões, na verdade dois hífen, o ‘a massa não fique muito líquida’, depois eu coloquei ‘o ideal é que a massa não fique muito líquida’. Eu fiquei pensando qual seria a relação aí, ‘aos poucos para que’ (...) É que parece que fica um pouco estranho, “os poucos para que a massa não fique muito líquida”. É para que não engrosse de uma vez, né? Então eu tenho que tentar encontrar uma outra forma para dar sentido para todas essas expressões”.

V10_TC não se refere a esse trecho na entrevista.

TEMPORAIS

Orações com “QUANDO”

Quadro comparativo

QUADRO 68 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I7) TC (“QUANDO”)		Tipo de Reformulação
7. + farinha peneirada – aos poucos – massa não muito líquida		
V8_TC	Quando tudo estiver bem homogêneo , acrescente a farinha peneirada e o fermento. Continue batendo a massa por mais 10 minutos até que esta esteja bem consistente e não muito líquida
V9_TC	Continuar batendo a mistura e acrescentar aos poucos 2 xícaras de farinha de trigo peneirada de modo que a mistura se torne uma massa. Quando a massa estiver no ponto , ou seja, não muito líquida, parar de bater	

Comentários específicos

Apesar de não supormos inicialmente que orações temporais com “quando” pudessem ser utilizadas na redação desse trecho, encontramos duas ocorrências. No primeiro caso, V8_TC, decide-se separar as ideias de “acrescentar a farinha” e “massa não muito líquida”. Observamos que esse sujeito não só deixa de utilizar a palavra de orientação “aos poucos”, como reúne, no mesmo fragmento, instruções que estavam em imagens distintas: o ingrediente “fermento”, por exemplo, aparecia apenas na imagem subsequente, de número 8. Com relação à “massa não muito líquida”, usa uma segunda oração temporal, com o verbo “até”, como será demonstrado a seguir.

V9_TC, por sua vez, utiliza uma oração subordinada com o nexos “de modo que”: “de modo que a mistura se torne uma massa”. Em seguida, emprega as demais palavras de orientação na temporal com “quando” para explicitar o que seria “uma massa no ponto”, ou seja, “não muito líquida”.

O verbo utilizado, em ambos os casos, é o verbo “estar”. Neles não há correferência entre os sujeitos das duas orações. No primeiro caso, a concordância se dá com “tudo” e, no segundo, com “massa”.

Síntese do observado no Translog

Não há reformulação para os sujeitos V8 e V9_TC.

Entrevistas

Não há comentários nesse fragmento.

Orações com “ATÉ”

Quadro comparativo

QUADRO 69 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I7) TC (“ATÉ”)		Tipo de Reformulação
7. + farinha peneirada – aos poucos – massa não muito líquida		
V8_TC	Quando tudo estiver bem homogêneo, acrescente a farinha peneirada e o fermento. Continue batendo a massa por mais 10 minutos até que esta esteja bem consistente e não muito líquida

Comentários específicos

Como já apontamos na análise das orações com “quando”, o sujeito V8_TC utiliza duas construções subordinadas temporais para a redação do fragmento referente à imagem 7. Aqui observamos o caso da temporal com “até”, em que há mudança com relação ao sujeito da oração principal. Apesar de ser possível o uso de infinitivo, em “até (esta) estar...” e o verbo em questão não pudesse, nessa circunstância, concordar com outra coisa que não o sujeito “massa”, a forma escolhida é a subjuntiva.

Síntese do observado no Translog

V8_TC não reformula esse fragmento.

Entrevistas

Não há comentários sobre esse fragmento.

FINAIS

Orações com “PARA”

Quadro comparativo

QUADRO 70 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I7) TC (“PARA”)		Tipo de Reformulação
7. + farinha peneirada – aos poucos – massa não muito líquida		
V2_TC	Polvilhe a farinha aos poucos para que a massa não fique firme muito líquida	R
V3_TC	Fora da batedeira, acrescente a farinha para que a massa não fique muito líquida
V4_TC	Peneire a farinha adicionando-a aos poucos à mistura para que a massa não fique muito líquida

V5_TC	Em seguida e aos poucos, coloque a farinha peneirada, para que a massa não fique muito líquida	
V7_TC	Introduza aos poucos na mistura a farinha peneirada para que a massa não fique muito líquida	
V11_TC	Aos poucos, acrescente a farinha peneirada à massa, para que ela não fique muito líquida.	

Comentários específicos

Em 60% dos casos (V2, V3, V4, V5, V7 e V11_TC) encontramos orações finais, como havia sido previsto nas “Possibilidades”. Em todos eles, o verbo escolhido foi “ficar” no modo subjuntivo. Como já assinalamos anteriormente, embora este verbo não pudesse ser correferencial nesse contexto, e pudesse aparecer com o modo infinitivo, em “para a massa não ficar”, por exemplo, isso não ocorreu em nenhum dos exemplos com “para”.

Síntese do observado no Translog

Excetuando-se V2_TC que substitui o verbo “colocar”, inicialmente usado na oração principal, pelo verbo “polvilhar” durante a revisão, em todos os demais não há reformulação.

Entrevistas

V2_TC comentou: “Eu mudei isso daí, eu coloquei ‘coloque’, depois eu coloquei ‘polvilhe’”. Referiu-se também à forma “não muito líquida”: “só usei porque tava escrito”.

V3_TC relatou que, numa segunda revisão, preferiria deixar tudo num único modo “para que fique” ou “para ficar”.

V4_TC informou: “aqui eu também parei um pouquinho e voltei várias vezes para ver como é que eu ia colocar essas palavras. (...) ‘Para não ficar’ (...) Seria possível, mas eu não pensei”.

V5_TC disse que ficou em dúvida do que colocaria nesse trecho, após ler as instruções: “Aí eu pensei, e agora?”.

V7 e V11_TC não se referiram a esse trecho na entrevista.

Imagem 8

fermento em pó – fora da batedeira – movimento de baixo para cima – massa aerada

Possibilidades

Finais

Para

a) para + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: para **obter, conseguir, alcançar** uma massa aerada.

b) para + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para a massa **ficar, adquirir uma textura/consistência** aerada.

c) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para que a massa **fique** aerada.

Ocorrências

QUADRO 71 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I8) TC (TODOS OS CASOS)		Tipo de Reformulação
8. fermento em pó – fora da batedeira – movimentos de baixo para cima – massa aerada		
V2_TC	Com a batedeira desligada, adicione o fermento fazendo movimentos de baixo para cima até que a massa fique aerada.
V3_TC	Por último, junte o fermento em pó fazendo um movimento de baixo para cima para que a massa fique aerada.	
V4_TC	Por último, com a massa já fora da batedeira, coloque o fermento em pó e misture fazendo movimentos de baixo para cima para que a massa fique aerada.	
V5_TC	Fora da batedeira, acrescente o fermento em pó, fazendo movimentos de baixo para cima para que a massa fique aerada	
V6_TC	Já sem o auxílio da batedeira, coloque o fermento em pó e, com uma colher, mexa a massa, fazendo movimentos de baixo para cima, a fim de que ela fique aerada
V7_TC	Coloque o fermento em pó na massa fora da batedeira, em um movimento de baixo para cima para evitar que a massa fique aerada
V8_TC	Quando tudo estiver bem homogêneo , acrescente a farinha peneirada e o fermento.	
V9_TC	Adicionar 1 colher de sopa de fermento em pó mexendo sempre "de baixo para cima" para que a massa tenha um aspecto de aerada	
V10_TC	Por último e fora da batedeira, coloque o fermento em pó e faça um movimento de baixo para cima para obter uma massa aerada	
V11_TC	Fora da batedeira, acrescente o fermento em pó, misture com movimentos de baixo para cima para que a massa fique bem aerada	

Comentários

Em todos os casos ocorreram orações temporais e finais como as estudadas. Embora não tivéssemos levantado a possibilidade de que aparecessem temporais com “quando” e “até”, isso ocorreu em alguns dos casos. Vale assinalar que o sujeito V8_TC reuniu, numa mesma formulação, as instruções presentes nas imagens 7 e 8, deixando de fora algumas palavras de orientação, como é o caso de “fora da batedeira” e “movimentos de baixo para cima”. Como já comentamos essa mesma produção quando tratamos da imagem 7, não voltaremos a repeti-la aqui.

Podemos dizer, com relação à ordem das tarefas, que os sujeitos que realizaram a produção livre como primeira tarefa apresentaram construções tanto com subjuntivo como com infinitivo nas finais. Aqueles que fizeram a tradução antes dessa tarefa, apresentaram todas as construções com subjuntivo.

Síntese do observado no Translog

Especificada a seguir, para cada um dos tipos de temporais e finais.

Entrevistas

Detalhados a seguir, para cada tipo de oração.

TEMPORAIS

Orações com “ATÉ”

Quadro comparativo

QUADRO 72 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I8) TC (“ATÉ”)		Tipo de Reformulação
8. fermento em pó – fora da batedeira – movimentos de baixo para cima – massa aerada		
V2_TC	Com a batedeira desligada, adicione o fermento fazendo movimentos de baixo para cima até que a massa fique aerada.

Comentários específicos

Encontramos apenas um caso de temporal com “até” referido à imagem 8. O sujeito V2 empregou o verbo “ficar” em subjuntivo para marcar a não correlação entre os sujeitos das duas sentenças, embora o infinitivo também pudesse ter sido utilizado.

Síntese do observado no Translog

Não há reformulações no trecho para V2.

Entrevistas

V2_TC comentou que só havia utilizado “massa aerada porque tava escrito”, que “Só iria falar para acrescentar o fermento mexendo delicadamente, não iria falar ‘até ficar aerada’”. Perguntado se pensou em usar o modo infinitivo, como havia feito em seu comentários durante a entrevista, respondeu: “Não, na hora eu não pensei, acho que eu falei porque veio na cabeça direto, mas para escrever, não faria”.

FINAIS

Orações com “PARA”

Quadro comparativo

QUADRO 73 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I8) TC (“PARA”)		Tipo de Reformulação
8. fermento em pó – fora da batedeira – movimentos de baixo para cima – massa aerada		
V3_TC	Por último, junte o fermento em pó fazendo um movimento de baixo para cima para que a massa fique aerada.	
V4_TC	Por último, com a massa já fora da batedeira, coloque o fermento em pó e misture fazendo movimentos de baixo para cima para que a massa fique aerada.	
V5_TC	Fora da batedeira, acrescente o fermento em pó, fazendo movimentos de baixo para cima para que a massa fique aerada	R
V6_TC	Já sem o auxílio da batedeira, coloque o fermento em pó e, com uma colher, mexa a massa, fazendo movimentos de baixo para cima, a fim de que ela fique aerada	
V7_TC	Coloque o fermento em pó na massa fora da batedeira, em um movimento de baixo para cima para evitar que a massa fique aerada	
V9_TC	Adicionar 1 colher de sopa de fermento em pó mexendo sempre "de baixo para cima" para que a massa tenha um aspecto de aerada	
V10_TC	Por último e fora da batedeira, coloque o fermento em pó e faça um movimento de baixo para cima para obter uma massa aerada	
V11_TC	Fora da batedeira, acrescente o fermento em pó, misture com movimentos de baixo para cima para que a massa fique bem aerada	

Comentários específicos

Em 80% dos casos, tal como esperávamos, a opção nesse trecho se deu em favor de uma oração final. Em apenas 20% (V7 e V10_TC) observamos o uso de verbos no infinitivo, respectivamente de “evitar” e “obter”, em ambos os casos, mantendo-se na oração subordinada o mesmo sujeito da oração principal. V7 parece não ter compreendido bem a instrução, já que utiliza “para evitar que a massa fique aerada” quando é justamente esse o aspecto que se pretende com o procedimento descrito na receita. Nos demais casos (V3, V4, V5, V6, V9 e V11_TC) encontramos o verbo “ficar” e “ter” no modo subjuntivo, com a clara mudança de sujeito com relação à oração principal, apesar de ser possível o modo infinitivo em todos eles.

Síntese do observado no Translog

Não há reformulações em 70% dos casos (V3, V4, V6, V7, V9, V10 e V11_TC). Para V11, observa-se que tampouco houve revisão depois de terminado o texto (a palavra “massa”, por exemplo, ficou grafada incorretamente).

V5_TC utiliza uma temporal “até que fique” e na fase de revisão a substitui por uma final “para que”.

Entrevistas

50% dos sujeitos (V3, V4, V6, V7, V11_TC) não comentam esse trecho.

V5_TC explica a substituição realizada e o incômodo com a repetição das estruturas temporais e finais: “É que eu pensei eu vou bater, mas não... é por algum motivo, então ‘para que a massa fique aerada, para o bolo ficar aerado’, o ‘para que’ tem mais uma noção de finalidade, né? (...) Acho que depois eu penso, talvez tenha uma finalidade nisso e não uma questão temporal. (...) Talvez eu mudasse, teria que pensar, para não ficar muito no começo ‘até que’ e depois ‘para que’, ‘até’ não, ‘até’, ‘até’ e depois ‘para que’, ‘para que’. Porque isso soa ruim, entendeu, repetir, repetir as coisas.”

V9_TC comentou: “se ela [a massa] ficar um pouco mais aerada ou um pouco menos, é a gosto do freguês, entendeu?”.

V10_TC explicou a seleção de “para + infinitivo”: “para não colocar ‘para que a massa fique aerada’, [usei] ‘para obter uma massa aerada’, acho que aí foi, essa eu consegui encaixar melhor”.

Imagem 9

Possibilidades

Para a imagem 9 não prevíamos a utilização de nenhuma oração subordinada do tipo pesquisado. Esta foi incluída no material apenas por questões de encadeamento e coerência do texto.

Ocorrências

QUADRO 74 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I9) TC (TODOS OS CASOS)		Tipo de Reformulação
9. massa – forma untada e polvilhada com farinha		
V2_TC	Coloque a massa em uma forma untada e polvilhada com farinha.	
V3_TC	Coloque a massa em uma forma untada e polvilhada com farinha	
V4_TC	Coloque a massa em uma forma untada e polvilhada com farinha	
V5_TC	Despeje-a em uma forma untada e polvilhada com farinha.	
V6_TC	Vire a massa em uma forma untada e polvilhada com farinha.	I e R
V7_TC	Despeje a massa em uma forma untada e polvilhada com farinha	
V8_TC	Assim que a massa estiver pronta é só untar a forma com manteiga e farinha	
V9_TC	colocar a massa em uma forma untada e povilhada com farinha	I
V10_TC	Despeje a massa em forma redonda e média, untada e polvilhada com farinha.	I
V11_TC	Despeje a massa em uma forma untada e polvilhada com farinha	

Comentários

Encontramos um caso em que há oração temporal com “assim que”, nos dados de V8_TC. Nos demais casos, a variação concentrou-se apenas no verbo escolhido para a instrução (colocar, despejar, virar) e na sua forma verbal (infinitiva ou imperativa).

Não há dados que comprovem a influência da tradução sobre a produção desse trecho.

Síntese do observado no Translog

Em 60% dos casos (V2, V3 V4, V6, V7 e V11_TC) não há reformulação.

V5_TC substitui imediatamente “Pegue uma forma, unte-a e polvilhe com farinha” por “Despeje a massa”. No final, durante a revisão, muda o termo “massa” pelo pronome oblíquo em “despeje-a”.

V9_TC inicialmente utiliza “de modo que ela não grude”, mas logo desiste da oração subordinada.

V10_TC emprega o verbo “colocar” em imperativo e em seguida o substitui por “despejar”, também em imperativo. Inclui então o tamanho da forma na oração.

Entrevistas

60% dos sujeitos (V2, V4, V5, V6, V7 e V11_TC) não comentam o fragmento.

V3_TC informou: “pra mim, havia necessidade de levar o que para o que, sabe? Levar a... eu tinha, porque não ficou claro, terminou de fazer a receita, tá num vasilhame, e você leva o vasilhame para o forno”.

V9_TC explicou porque desistiu da construção subordinada: “É que eu achei que ia ser totalmente desnecessário. (...) Porque já está que é untada, já parte do pressuposto que é para não grudar”.

V10_TC comentou a substituição de “colocar” por “despejar”: “eu acho que fica mais... menos repetitivo. (...) E ‘despeje’ é um termo muito recorrente na receita, por isso.” Sobre a inclusão do adjetivo “média”, em “forma redonda” disse “é por causa do desenho”.

TEMPORAIS

Orações com “ASSIM QUE”

Quadro comparativo

QUADRO 75 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I9) TC (“ASSIM QUE”)		Tipo de Reformulação
9. massa – forma untada e polvilhada com farinha		
V8_TC	Assim que a massa estiver pronta é só untar a forma com manteiga e farinha

Comentários específicos

V8_TC foi o único a empregar uma estrutura subordinada na imagem 9, com a temporal “assim que”, de funcionamento análogo à “quando”.

Síntese do observado no Translog

Não há reformulação da estrutura.

Entrevistas

V8 comentou apenas o acréscimo de “manteiga”, por achar necessário no trecho: “Aí eu acrescentei, não tem a manteiga”.

Imagem 10

Possibilidades

No caso da imagem 10, a preposição incluída nas palavras de orientação já indicava que, nesse trecho, se esperaria o uso de uma subordinada final.

Finais

Para

- a) para + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: para não **solar, embatumar, murchar, prejudicar** a massa.

- b) para + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para a massa não **solar, embatumar, murchar**.

- c) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para que a massa não **embatume**.

Ocorrências

QUADRO 76 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I10) TC (TODOS OS CASOS)		Tipo de Reformulação
10. forno médio (225°C) – 45 minutos – não abrir o forno – primeira meia hora – para *** a massa		
V2_TC	Asse em fogo médio por cerca de 45 minutos.	
V3_TC	leve-a para o forno (médio - 225°C) por 45 minutos. É aconselhável não abrir o forno durante a primeira meia hora para a massa não solar .	I e R
V4_TC	asse em forno médio (225°) durante 45 minutos. Lembre-se de não abrir o forno durante a primeira meia hora para não afundar a massa .	
V5_TC	Leve ao forno em uma temperatura média (225°) durante 45 minutos. Não abra o forno durante meia hora para que a massa não murche	
V6_TC	Não abra o forno na primeira meia hora para não abaixar a massa	
V7_TC	Não abra o forno durante a primeira meia hora para não murchar a massa	
V8_TC	e levar a massa no forno por 45 minutos a 225 graus	
V9_TC	levar em forno médio durante 45 minutos. Tomar cuidado para não abrir o forno durante a primeira meia hora para não interferir no crescimento da massa .	I
V10_TC	Asse em forno médio por, aproximadamente, 225°C (ou 45 minutos). Não abra o forno durante a primeira meia hora para que a massa não perca a consistência	R
V11_TC	leve ao forno médio (225° C) por cerca de 45 minutos. Você não deve abrir o forno na primeira meia hora para que a massa não sole	

Comentários

Apesar de, nesse caso, a preposição estar indicada entre as palavras de orientação, a construção com a final não ocorreu em todos os casos. V2 e V8_TC, por exemplo, não a empregaram.

Não há dados que nos permitam concluir que haja influência das demais tarefas sobre a presente, nesse trecho. Embora os sujeitos que tenham feito primeiro a tradução tenham empregado mais estruturas com infinitivo, a diferença é muito pequena com relação ao outro grupo (três casos contra dois).

Síntese do observado no Translog

V2 e V8_TC: não há reformulação da estrutura.

Entrevistas

V2_TC comentou: “Ah, eu fiquei pensando se colocava ‘para não abrir o forno’ e aí eu não coloquei”.

V8_TC não se referiu a esse fragmento do texto.

FINAIS

Orações com “PARA”

Quadro comparativo

QUADRO 77 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I10) TC (“PARA”)		Tipo de Reformulação
10. forno médio (225°C) – 45 minutos – não abrir o forno – primeira meia hora – para *** a massa		
V3_TC	leve-a para o forno (médio - 225°C) por 45 minutos. É aconselhável não abrir o forno durante a primeira meia hora para a massa não solar .	I e R
V4_TC	asse em forno médio (225°) durante 45 minutos. Lembre-se de não abrir o forno durante a primeira meia hora para não afundar a massa	
V5_TC	Leve ao forno em uma temperatura média (225°) durante 45 minutos. Não abra o forno durante meia hora para que a massa não murche	
V6_TC	Não abra o forno na primeira meia hora para não abaixar a massa	
V7_TC	Não abra o forno durante a primeira meia hora para não murchar a massa	
V9_TC	levar em forno médio durante 45 minutos. Tomar cuidado para não abrir o forno durante a primeira meia hora para não interferir no crescimento da massa.	I
V10_TC	Asse em forno médio por, aproximadamente, 225°C (ou 45 minutos). Não abra o forno durante a primeira meia hora para que a massa não perca a consistência	R
V11_TC	leve ao forno médio (225° C) por cerca de 45 minutos. Você não deve abrir o forno na primeira meia hora para que a massa não sole	

Comentários específicos

Houve 8 orações finais dentre os 10 sujeitos.

Em 5 dessas, observa-se infinitivo. Em V4, V6, V7 e V9, dada a posição pós-verbal do elemento “massa”, poderíamos supor que o sujeito da oração final é o mesmo do da oração principal e o elemento “massa” o objeto da subordinada. Contudo, dada a natureza dos verbos empregados, o elemento “massa” também poderia funcionar como sujeito, se entendermos os verbos como inacusativos. Em V3 isso é ainda mais forte, já que o elemento “a massa” aparece na posição pré-verbal, o que induziria a interpretá-lo como sujeito sintático. Nos três casos restantes (V5, V10 e V11), verificamos presença de verbo no modo subjuntivo (murche, perca, sole), vinculado ao sujeito “massa”.

Síntese do observado no Translog

Em 50% dos casos (V4, V5, V6, V7, V11_TC) não há reformulações.

V3_TC altera a formulação inicial “não abra” por “é aconselhável não abrir o forno... para que a massa possa crescer”, substitui “possa crescer” por “não sole” e, na fase de revisão, troca o subjuntivo por um infinitivo “para a massa não solar”.

V9_TC reformulou a instrução inicial “não esquecer” por “tomar cuidado” e, em seguida, substituiu “pois a massa pode não crescer” pela oração final “para não interferir no crescimento da massa”.

V10_TC deixa a construção final pela metade “para que a massa...” e só a completa no final do texto, na fase revisão, “não perca consistência”.

Entrevistas

V5 e V11_TC não se referem a esse trecho na entrevista.

V3_TC disse “depois eu mudei, por conta dessa conjugação verbal, o ‘sole’, não é muito comum, depois eu mudei para ‘não solar’ (...) ficava mais claro”.

V4_TC, questionada sobre o uso de infinitivo nesse caso e do subjuntivo em outros, disse: “Simplesmente me parece mais, não sei. ‘Para que a massa não afunde’ também é possível, eu acho. (...) Acho que nesses casos seria indiferente. (...) Geralmente eu sortio, assim, essas estruturas, não é consciente. Escrevi uma e vejo, é essa, se tá bom, tá bom.”

V6_TC comentou: “Eu fiquei pensando, tem uma expressão para dizer isso, ‘a massa abaixar’, não sei se é realmente isso que estão querendo, mas, é ‘para não abaixar a massa’, para ela continuar subindo”.

V7_TC informou: “Eu achei que as dicas não me ajudaram muito. (...) Aí eu fiquei tentando tomar algumas decisões”.

V9_TC relatou ter tido dúvidas na construção: “Eu fiquei na super dúvida, assim, do que col.... a massa o quê, eu volto depois aí.” Perguntada sobre o uso de infinitivo em “para obter” e de subjuntivo em “para que a massa tenha um aspecto de aerada”, informou “É muito inconscientemente que eu fiz. Eu acho. Você analisando agora. (...) É... talvez... eu posso tá viajando, não sei, como uma coisa... (...) Como uma coisa mais... não é uma possibilidade, uma coisa que, ou você faz isso ou você faz aquilo e vai dar errado. (...) Então é uma coisa mais impositiva. (...) Mas se ela fizer, se ela abrir o forno, vai danar tudo, então é por isso que eu acho que eu usei essas duas formas diferentes”.

V10_TC, indagado sobre os usos de infinitivo em outra estrutura (“para obter uma massa aerada”) e de subjuntivo nessa construção (“para que a massa não perca a consistência”) explicou: “Eu acho que para usar exatamente o que tava pedindo nas... instruções”.

Imagem 11

Possibilidades

Temporais

Quando

a) quando + **futuro do subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: quando **estiver** frio.

Finais

Para

b) para + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: para retirar o bolo da forma, desenformar.

Ocorrências

QUADRO 78 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I11) TC (TODOS OS CASOS)		Correção/ Reformulação
11. frio – forma		
V2_TC	Depois de assado, espere esfriar, desenforme e sirva com café forte.	
V3_TC	Espere esfriar para desenformar o bolo.	
V4_TC	Quando estiver assado, retire do forno e espere esfriar antes de retirá-lo da forma	
V5_TC	Tire o bolo do forno e desenforme-o assim que estiver frio	
V6_TC	Quando o bolo estiver frio, tire-o da forma.	
V7_TC	Espere esfriar para desenformar	
V8_TC	Quando o bolo bem dourado e tiver crescido bastante já pode tirar do forno e servir.	
V9_TC	Após retirar do forno, esperar esfriar e retirar da forma.	
V10_TC	Deixe o bolo na forma até que esteja frio.	
V11_TC	Retire da forma quando estiver frio	

Comentários

Em 80% dos casos encontramos orações do tipo estudado. Nos 20% restantes vemos: V2 usou verbos no modo imperativo em um período por coordenação: “espere esfriar, desenforme e sirva”; e V9 verbos no infinitivo, também com uma oração coordenada “retirar do forno, esperar esfriar e retirar da forma”.

Não existem dados suficientes para caracterizar diferenças significativas entre os sujeitos que realizaram essa tarefa antes ou depois da tradução.

Síntese do observado no Translog

Não há reformulação no texto de V2 e V9_TC.

Entrevistas

V2 e V9_TC não mencionam esse trecho na entrevista.

TEMPORAIS

Orações com “QUANDO/ASSIM QUE”

Quadro comparativo

QUADRO 79 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I11) TC (“QUANDO”/“ASSIM QUE”)		Correção/ Reformulação
11. frio – forma		
V4_TC	Quando estiver assado, retire do forno e espere esfriar antes de retirá-lo da forma	I
V5_TC	Tire o bolo do forno e desenforme-o assim que estiver frio	
V6_TC	Quando o bolo estiver frio, tire-o da forma.	
V8_TC	Quando o bolo bem dourado e tiver crescido bastante já pode tirar do forno e servir.	I
V11_TC	Retire da forma quando estiver frio	

Comentários específicos

40% dos voluntários (V4, V6, V8 e V11_TC) optaram pela forma “quando” seguida de futuro do subjuntivo e 10% (V5) empregaram seu nexos correlato “assim que”.

Síntese do observado no Translog

V4_TC reformula essa oração, retira a palavra “bolo” da estrutura inicial “retire o bolo do forno”.

Não há reformulação em V5, V6 e V11_TC.

V8_TC substituiu “quando a massa” por “quando o bolo”.

Entrevistas

V4_TC comentou: “ficou sem referência (...) eu apaguei [bolo]”.

V6_TC disse: “O bolo frio, eu fiquei pensando, (...) é só o bolo que tem que esfriar, claro, para a pessoa tirar da forma.”

V8_TC explicou que nesse trecho: “Aí eu copieei [já pode tirar do forno] para ver se tinha posto alguma coisa errada”.

V5 e V11_TC não mencionam o fragmento.

Orações com “ATÉ”

Quadro comparativo

QUADRO 80 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I11) TC (“ATÉ”)		Correção/ Reformulação
11. frio – forma		
V10_TC	Deixe o bolo na forma até que esteja frio.	I

Comentários específicos

Houve um caso de oração temporal com “até que + subjuntivo” e sujeitos não correferenciais. Poderia ser igualmente empregado verbo no modo infinitivo para marcar a mudança de sujeito, em “até estar frio”, por exemplo.

Síntese do observado no Translog

Inicialmente formula a construção como “espere até que o bolo fique frio e o desenforme” e depois a substitui pela verificada no quadro anterior.

Entrevistas

V10_TC comentou sobre esse trecho que “Poderia colocar ‘até esfriar’” e que a escolha pela estrutura final “não foi consciente”.

FINAIS

Orações com “PARA”

Quadro comparativo

QUADRO 81 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I11) TC (“PARA”)		Correção/ Reformulação
11. frio – forma		
V3_TC	Espere esfriar para desenformar o bolo.	I
V7_TC	Espere esfriar para desenformar

Comentários

Dois sujeitos, V3 e V7, utilizaram formas finais, seguidas de infinitivo. Em ambos os casos, a ação ocorrida na oração subordinada é exercida pelo mesmo sujeito da principal, o que justifica a seleção desse modo e não de subjuntivo.

Síntese do observado no Translog

V3_TC emprega “para tirar da forma” e depois reformula a final por “para desenformar”.

V7_TC não apresenta reformulações.

Entrevistas

V3_TC comentou: “É, mas podia ser ‘para que...’, mas é que ‘para que desenforme o bolo’ é um pouco demais, esquisito (...)”. Comentou também que “Trocaria [as outras estruturas por infinitivo], para manter uma coerência”.

V7_TC relatou: “Aí eu pensei em finalizar de uma forma simples, ‘espere esfriar””.

Resumo

De maneira geral, na tarefa de Produção Livre, observamos que as imagens e palavras de orientação foram adequadas e conseguiram, em grande medida, motivar o uso das orações subordinadas objeto de nosso estudo.

Interessa-nos aqui destacar as escolhas de subjuntivo/infinitivo nas temporais com “até” e nas finais com “para” (ver quadro abaixo) já que, para as temporais com “quando” ou conectores de funcionamento semelhante, como “assim que”, não observamos nenhuma ocorrência de presente de subjuntivo, como se esperaria em caso de interferência da língua espanhola.

	I1		I2		I3		I4		I5		I6		I7		I8		I10		I11		
	Até	Para	Até	Para	Até	Para	Até	Para	Até	Para	Até	Para	Até	Para	Até	Para	Até	Para	Até	Para	
V2			ficar										ficar	ficar							S
																					I
V3							ficar		ficar					ficar		ficar					S
	ficar		ficar														solar		desenformar		I
V4	ficar		ficar		estar					ficar				ficar		ficar					S
							obter										afundar				I
V5			ficar											ficar		ficar		murchar			S
							ficar		ficar												I
V6							ficar					ficar				ficar					S
																	abaixar				I
V7			ficar						estar		estar			ficar							S
	adquirir							misturar								evitar		murchar		desenformar	I
V8	ficar		ficar										estar								S
											dar										I
V9																ter					S
																	interferir				I
V10							ficar										perder	estar			S
									ficar							obter					I
V11			ficar				ficar		ficar					ficar		ficar		sole			S
																					I

Quadro 82 – Distribuição de infinitivos/subjuntivos com “até” e “para” na tarefa de produção livre de TC

Obs: A coluna I9 foi omitida porque não há, nesse caso, orações com “até” ou “para”. I: Infinitivo; S: subjuntivo.

Encontramos um total de 54 orações dos tipos estudados nas receitas produzidas pelos voluntários. Desses, 24 (45%) correspondem a orações temporais (“até”) e 30 (55%) a finais (“para”).

No caso das orações temporais com “até”, observamos que 17 (70%) referem-se a orações com subjuntivo e 7 (30%) a orações com infinitivo, em todos eles há mudança de sujeito com relação à oração principal.

O que se verifica nas finais com “para”, apesar de igualmente termos o predomínio do modo subjuntivo, em 18 (60%) casos contra 12 (40%) com infinitivo, é que em praticamente todas as ocorrências de infinitivo (exceto em V8, I6, com verbo de interpretação ambígua “dar”) existe coincidência entre os sujeitos sintáticos das orações principal e subordinada, como se constata pela seleção de verbos como “obter”, “misturar”, “evitar”, que preveem um sujeito agente.

Merece destaque ainda o verbo “ficar”, extremamente profícuo nessa tarefa de redação. Verificamos que ele é o mais utilizado, com 33 (61%) ocorrências na redação, 15 nas finais (todas com subjuntivo) e 18 nas temporais (13 com subjuntivo e 5 com infinitivo). Como já comentamos por diversas vezes, o verbo “ficar” não poderia manter, nos exemplos acima, a correlação com o sujeito da oração principal, entretanto, isso não fez com que o infinitivo fosse também cogitado na maior parte das vezes. Após

uma consulta a nosso *corpus* de receitas escritas, constatamos que esse verbo ocorria 27 vezes com infinitivo e apenas 13 com subjuntivo nas orações finais, todas com sujeitos não correferenciais. Da mesma maneira, nas temporais, a estrutura com infinitivo era a preferida no *corpus* de comparação, com 173 ocorrências contra 57 com subjuntivo. Esses dados poderiam sugerir que há certo desvio das formas que acompanham esse verbo na produção desses sujeitos, mesmo na sua língua materna.

Com relação à ordem de execução das atividades, não nos parece que aqueles que tenham realizado a tradução antes desta tarefa de redação tenham recebido influência dessa produção inicial, já que os resultados são bastante equiparáveis: encontramos, por exemplo, 10 casos de infinitivo e 18 de subjuntivo no grupo que realizou primeiro a tradução e 9 de infinitivo e 17 de subjuntivo no grupo que realizou a tradução como tarefa final. O que poderia ser assinalado, nessa comparação, é que os sujeitos que fizeram a tradução antes (V2 a V6) teriam empregado mais vezes o infinitivo com mudança de sujeito, 5 ocorrências, do que aqueles que fizeram como primeira tarefa a redação (V7 a V11), apenas 2.

Vale ressaltar que alguns dos voluntários referiram-se ao emprego das formas de subjuntivo e infinitivo nessa tarefa, como se observa a seguir.

V2, por exemplo, que emprega, em todas as construções por nós estudadas o verbo “ficar”, sempre com o modo subjuntivo, durante a entrevista, utilizou a forma “até + ficar” em infinitivo. Questionado a esse respeito, respondeu que tinha dito o que lhe tinha vindo à cabeça, mas que, na escrita, não usaria a forma com infinitivo.

V3 explicitou que, se fosse possível um segunda revisão, alteraria todas as construções para uma só forma, que usaria todas com infinitivo ou todas com subjuntivo, para manter a coerência do texto.

V7 disse que a mudança da forma “até ficar” por “até que fique” em I2 devia-se a um receio de que a primeira oração, tal como estava, não ficasse clara com infinitivo. Também observou que havia usado infinitivo em determinados casos, como em I4, para não tornar o texto repetitivo.

V4, V8 e V10 expuseram que as escolhas pelas formas de infinitivo/subjuntivo não eram conscientes em sua produção.

Esses comentários/explicações nos levam a algumas conclusões sobre a percepção dessas formas verbais por parte de nossos voluntários: (i) as escolhas, por infinitivo/subjuntivo, não parecem encontrar respaldo numa ação consciente dos

sujeitos; **(ii)** o infinitivo, a juízo de alguns deles, seria uma forma “menos clara” que o subjuntivo e, além disso, seria menos própria para o texto escrito; **(iii)** ao passo que alguns dos sujeitos indicam preferir manter nessas construções uma só forma verbal (V3), outros se incomodam justamente com o efeito repetitivo que essa escolha única poderia trazer ao texto (V7).

7.2.2.2 Produção Livre L3

Imagem 1

Possibilidades

Temporais

Até

- a) até + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: até **obter**, **alcançar** o ponto de neve.

- b) até + **infinitivo flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até **chegarem**, **atingirem** o ponto de neve.

c) até que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até que **atinjam, adquiram** o ponto de neve

Ocorrências

QUADRO 83 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I1) L3 (TODOS OS CASOS)		Tipo de reformulação
1. claras – neve		
V1_L3	Separe as 5 claras das gemas e bata-as na batedeira até o ponto de neve.	
V2_L3	Bata as claras em uma batedeira	I
V3_L3	Primeiramente, separe as gemas das claras. Em uma batedeira, bata as claras até que se tornem claras em neve	
V4_L3	Numa batedeira, bater as claras em neve (até que fiquem firmes e formando picos)	
V5_L3	Continue batendo até alcançar o ponto de neve	I
V6_L3	Bata cinco claras em neve.	I e R
V7_L3	Bata cinco claras em neve	
V8_L3	Primeiro bata as claras em neve.	
V10_L3	Bata as claras de 5 ovos grandes em ponto de neve numa batedeira	
V11_L3	Em uma batedeira, bata as claras dos ovos até que virem claras em neve	I e P

Em “Tipo de reformulação”: I: imediata; P: fase de produção; R: fase de revisão.

Comentários

Na primeira figura, encontramos apenas 40% das construções do tipo estudado no grupo L3 (V3, V4, V5 e V11), todos com a temporal “até”. Nos 60% restantes, foram utilizadas apenas orações simples, com verbos no imperativo.

Com relação à ordem de execução das tarefas, pode-se dizer apenas que os sujeitos do primeiro grupo (V1 a V5), que realizaram a produção livre depois da tradução, apresentaram mais estruturas temporais do que os sujeitos do outro grupo, (V6 a V11), que realizaram como primeira tarefa a redação.

Síntese do observado no Translog

Em 40% dos casos (V1, V7, V8, V10_L3) não há reformulações no que diz respeito a esse fragmento.

V2_L3 reformula a construção de forma imediata. Utiliza uma estrutura subordinada, com subjuntivo “bata as claras em uma batedeira até que tenham”, mas logo a substitui por uma oração simples “bata as claras em uma batedeira”.

V6_L3 oscila entre o uso de subjuntivo e infinitivo na subordinada. Inicialmente formula “bata cinco claras até ficarem em ponto / em neve”, depois “bata cinco claras

até atingirem o ponto de neve” e, em seguida, “até que fiquem em neve”. Na fase de revisão, decide suprimir a subordinada.

Entrevistas

Em 30% dos casos (V7, V8, V10_L3) não há referência a esse fragmento.

V1_L3 comentou: “[fiquei] pensando só como... porque (...) tem que falar que tem que separar as gemas das claras, para colocar”.

V2_L3 relatou: “não sabia se eu colocava que era para separar a gema do ovo, se era para colocar só a clara (...) acho que é meio óbvio, quem sabe fazer clara em neve sabe que tem que separar”.

V6_L3 disse: “a gente tá acostumado a falar ‘clara em neve’, mas eu não sabia se em receita a gente via ‘ao ponto de neve’, só ‘claras neve’, aí eu coloquei ‘claras em neve’”.

TEMPORAIS

Orações com “ATÉ”

Quadro comparativo

QUADRO 84 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I1) L3 (“ATÉ”)		Tipo de reformulação
1. claras – neve		
V3_L3	Primeiramente, separe as gemas das claras. Em uma batedeira, bata as claras até que se tornem claras em neve
V4_L3	Numa batedeira, bater as claras em neve (até que fiquem firmes e formando picos)	
V5_L3	Continue batendo até alcançar o ponto de neve	I
V11_L3	Em uma batedeira, bata as claras dos ovos até que virem claras em neve	I e P

Comentários específicos

Em V3, V4, V5 e V11 utilizam-se orações subordinadas temporais com “até”.

Excetuando-se V5, que emprega verbo no infinitivo, caso em que há correlação entre os sujeitos das orações principal e subordinada, os demais, V3, V4 e V11_L3, realizam uma construção com verbo no modo subjuntivo para marcar a mudança entre os sujeitos das duas orações. Em todos esses casos, verifica-se a concordância com o sujeito plural da subordinada, “as claras”.

Síntese do observado no Translog

V4 não reformula essa construção.

Embora V3_L3 varie na formulação/decisão da oração principal, não constatamos variação entre infinitivo/subjuntivo na subordinada.

V5_L3 oscila na escolha de subjuntivo, em “até que as claras em neve”, na omissão da subordinada, em “até o ponto de neve”, e no uso de infinitivo, em “até alcançar o ponto de neve”, sua decisão final.

Em V11_L3 verifica-se também uma alternância entre “bata as claras até formar” e “até que fiquem em neve”. Em determinado ponto da tarefa, o sujeito retorna à estrutura e a substitui por “até que virem claras em neve”.

Entrevistas

V3_L3 informou: “eu coloquei ‘as claras’ (...) ‘Somente as claras’ (risos) eu tentei de todas as formas, tipo... (...) Não sabia como falar isso (risos). Tanto que não ficou bom, ficou ‘até que’, tipo, não lembro o que eu coloquei, mas ficou ‘até que vire clara em neve’, sabe, porque eu não sabia, ‘até que se transforme’, ‘até que fique com consistência de’, eu não sabia.”

V4 não menciona esse trecho.

V5_L3 explicou que a alternância entre as formas de subjuntivo e infinitivo se deve ao fato de que “eu sou muito, eu sou bem preocupada em não repetir muito estrutura, nem palavra, então talvez por isso que eu fique alterando, não sei”.

V11_L3 disse sobre esse fragmento: “eu tava em dúvida, justamente (...) eu achei que não existia ‘que fiquem em neve’, eu achei que só existia a informação ‘claras em neve’. (...) Eu acho que poderia ter sido uma solução melhor, eu não sei dizer por que que eu troquei, na verdade”.

Imagem 2

Possibilidades

Temporais

Quando

- a) quando + futuro do subjuntivo

Não correferência entre os sujeitos

Ex: quando **estiverem** firmes.

Até

- b) até + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: até **obter** claras firmes.

- c) até + **infinitivo flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até **ficarem, estarem** firmes.

- d) até que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até que **fiquem, estejam** firmes.

Finais

Para

- e) para + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: para **obter** claras firmes.

- f) para + **infinitivo flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para **ficarem, estarem** firmes.

- g) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para que **fiquem, estejam** firmes.

Ocorrências

QUADRO 85 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I2) L3 (TODOS OS CASOS)		Tipo de Reformulação
2. + açúcar – claras firmes		
V1_L3	Acrescente o açúcar para que as claras em neve <i>fiquem</i> mais firmes.
V2_L3	Quando já <i>estiverem</i> com boa consistência, acrescente o açúcar.	
V3_L3	Assim que as claras <i>estiverem</i> bem firmes, acrescente aos poucos o açúcar e as gemas, batendo por mais oito minutos.	
V4_L3	(Numa batedeira, bater as claras em neve) até que <i>fiquem</i> firmes e formando picos. Acrescente o açúcar com a batedeira desligada.	
V5_L3	Para uma consistência mais firme, acrescente mais açúcar se julgar necessário.	
V6_L3	Após estarem firmes, adicione uma xícara de chá de açúcar.
V7_L3	adicione 1 xícara de açúcar e continue batendo até que as claras <i>fiquem</i> firmes	
V8_L3	Quando <i>estiverem</i> firmes, acrescente açúcar e continue a bater.	
V10_L3	Quando as claras em neve <i>estiverem</i> firmes, adicione uma xícara de chá de açúcar	
V11_L3	Em seguida adicione açúcar e continue batendo, até que as claras <i>fiquem</i> firmes.	

Comentários

Apenas 20% (V5 e V6) não empregaram estruturas do tipo estudado.

Não podemos caracterizar qualquer influência da ordem das tarefas e, em especial, da tradução, sobre os resultados.

Síntese do observado no Translog

Não há reformulações/correções no fragmento para V5 e V6

Entrevistas

Não há menção sobre o trecho em referência.

TEMPORAIS

Orações com “QUANDO/ASSIM QUE”

Quadro comparativo

QUADRO 86 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I2) L3 (“QUANDO” / “ASSIM QUE”)		Tipo de Reformulação
2. + açúcar – claras firmes		
V2_L3	Quando já estiverem com boa consistência , acrescente o açúcar.	I
V3_L3	Assim que as claras estiverem bem firmes , acrescente aos poucos o açúcar e as gemas, batendo por mais oito minutos.	
V8_L3	Quando estiverem firmes , acrescente açúcar e continue a bater.	I
V10_L3	Quando as claras em neve estiverem firmes , adicione uma xícara de chá de açúcar	

Comentários específicos

Houve 40% (V2, V3, V8 e V10_L3) de orações com a temporal “quando/assim que” seguida de futuro do subjuntivo plural.

Síntese do observado no Translog

Não há reformulações/correções no fragmento para os sujeitos V3 e V10_L3.

V2_L3 modifica a temporal “até que tenham” por “quando já estiverem”.

V8_L3 substitui a temporal “até que fiquem” por “quando estiverem firmes”.

Entrevistas

V3_L3 não menciona esse fragmento.

V2_L3 comentou: “Acho que eu ia continuar a escrever outra coisa. (...) Acho que... ia terminar, ‘até que tenham uma consistência boa’, ponto final, aí depois eu acho que eu continuei. (...) ‘Acrescente o açúcar’, é que eu queria continuar a frase com ‘acrescente o açúcar’ e se tivesse assim não teria como ter a continuidade”.

V8_L3 disse apenas que “eu fui reescrevendo algumas partes”.

V10_L3 relatou: “fiquei pensando nesse ‘claras firmes’, tive uma dificuldade, de como é que eu iria continuar (...) Porque as claras, eu fiquei pensando, ‘a clara neve firme’ como é que eu escreveria”.

Orações com “ATÉ”

Quadro comparativo

QUADRO 87 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I2) L3 (“ATÉ”)		Tipo de Reformulação
2. + açúcar – claras firmes		
V4_L3	(Numa batedeira, bater as claras em neve) até que fiquem firmes e formando picos. Acrescente o açúcar com a batedeira desligada.	
V7_L3	adicione 1 xícara de açúcar e continue batendo até que as claras fiquem firmes	
V11_L3	Em seguida adicione açúcar e continue batendo, até que as claras fiquem firmes.	

Comentários específicos

30% dos sujeitos (V4, V7 e V11) empregam “até que + subjuntivo plural”. Em todos os casos, o verbo escolhido é “ficar”. Este poderia também ter sido empregado no infinitivo, com a respectiva flexão verbal para fazer a concordância com o sujeito “as claras”.

Síntese do observado no Translog

Não há reformulação para nenhum dos casos de temporal com “até”.

Entrevistas

Nenhum dos três sujeitos comenta essa estrutura na entrevista.

FINAIS

Orações com “PARA”

Quadro comparativo

QUADRO 88 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I2) L3 (“PARA”)		Tipo de Reformulação
2. + açúcar – claras firmes		
V1_L3	Acrescente o açúcar para que as claras em neve fiquem mais firmes.	

Comentários específicos

10% (V1) dos voluntários empregaram oração final com “para” seguido de subjuntivo plural para marcar a não coincidência entre o sujeito da principal [+humano] e o sujeito da subordinada [-humano, “as claras”].

Síntese do observado no Translog

Não há reformulação ou correção.

Entrevistas

V1 não se refere ao fragmento na entrevista.

Imagem 3

Possibilidades

Embora não prevíssemos, para essa imagem, a ocorrência de orações do tipo estudado, houve um caso.

Ocorrências

QUADRO 89 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I3) L3 (TODOS OS CASOS)		Tipo de reformulação
3. + gemas – 8 minutos		
V1_L3	Adicione as gemas e bata por mais 8 minutos.	P
V2_L3	Depois, coloque as gemas e bata por mais 8 minutos.	
V3_L3	(acrescente) o açúcar e as gemas, batendo por mais oito minutos.	
V4_L3	Bata até que se incorporem	

V5_L3	Acrescente as gemas e bata por mais oito minutos.	
V6_L3	Junte as cinco gemas e bata por oito minutos.	
V7_L3	Adicione as gemas e bata por 5 minutos.	
V8_L3	Depois acrescente as gemas e volte a bater por cerca de oito minutos.	I
V10_L3	Então, acrescente as gemas reservadas, batendo bem por 8 minutos.	
V11_L3	Adicione então as gemas e bata por mais 8 minutos, aproximadamente	

Comentários

V4_L3, sujeito que pertence ao grupo que realizou como primeira tarefa a de tradução, é o único a empregar uma oração temporal. Nos demais casos, verificam-se orações coordenadas.

Síntese do observado no Translog

Em 70% (V2, V3, V5, V6, V7, V10 e V11_L3) dos casos não há reformulação.

V1_L3 usa o verbo “colocar” inicialmente e depois o substitui por “adicionar”.

V8_L3 reformula imediatamente a oração, substituindo “bater” por “volte a bater”.

Entrevistas

Excetuando-se V1_L3, que disse ter ficado “pensando nessa coisa da batedeira. (...) Dela tá ligada ou não. Porque é ‘Bata por 8 minutos e mexa rapidamente’. Se manda bater por 8 minutos e aqui é rapidamente então tá desligando e ligando toda hora”, os demais não comentam esse fragmento.

TEMPORAIS

Orações com “ATÉ”

Quadro comparativo

QUADRO 90 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I3) L3 (“ATÉ”)		Tipo de reformulação
3. + gemas – 8 minutos		
V4_L3	Bata até que se incorporem	

Comentários específicos

V4_L3 utiliza uma oração subordinada temporal com “até”. A não coincidência entre os sujeitos é marcada pelo verbo em subjuntivo plural “incorporar”. Nesse caso,

seria igualmente possível o uso de infinitivo flexionado, sem possibilidade de ambiguidade na compreensão, em “até se incorporarem”, por exemplo.

Síntese do observado no Translog

Não há reformulações.

Entrevistas

V4_L3 não comenta esse fragmento.

Imagem 4

Possibilidades

Temporais

Até

- a) até + **infinitivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até **ficar**, **estar** homogêneo.

- b) até que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até que **fique**, **esteja** homogêneo.

Finais

Para

- c) para + **infinitivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para **ficar, estar** homogêneo.

- d) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para que **fique, esteja** homogêneo.

Ocorrências

QUADRO 91 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I4) L3 (TODOS OS CASOS)		Tipo de Reformulação
4. + óleo – rapidamente – bem homogêneo		
V1_L3	Depois acrescente o óleo e bata rapidamente. Quando a massa estiver homogênea acrescente o suco de laranja e o gengibre ralado deixe batendo por 15 minutos	I
V2_L3	Rapidamente, acrescente o óleo e bata até a mistura tornar-se homogênea	
V3_L3	Em seguida acrescente o óleo batendo até que fique homogêneo	I
V4_L3	e acrescente o óleo rapidamente até que a mistura esteja homogênea	
V5_L3	Adicione rapidamente o óleo, batendo até que fique bem homogêneo	I
V6_L3	Depois adicione meia xícara de chá de óleo e mexa rapidamente, até que fique bem homogêneo	
V7_L3	Em seguida, adicione meia xícara de chá de óleo e bata rapidamente até a mistura ficar homogênea	
V8_L3	A meia xícara de chá de óleo deve ser acrescentada rapidamente à mistura, sempre mexendo, de modo que fique homogênea	
V10_L3	Mude a potência da batedeira para rápido e acrescente 1/2 xícara de chá de óleo. Misture tudo rapidamente	
V11_L3	Adicione o óleo rapidamente e continue com o mesmo processo, até que a mistura fique bem homogênea	I

Comentários

Somente 20% dos sujeitos (V8 e V10) não empregaram estruturas do tipo estudado em I4.

Quando comparados os resultados dos voluntários que realizam a tarefa de escrita antes ou depois da tradução, verificamos que aqueles que fizeram como primeira tarefa a tradução empregaram, em todos os casos, orações subordinadas do tipo pesquisado, na sua maioria, com o modo subjuntivo. Isso não ocorreu da mesma forma

no grupo que realizou, como primeira tarefa, a de produção livre, já que seus sujeitos lançaram mão de outras estruturas.

Síntese do observado no Translog

V8 e V10_L3 não reformulam esse trecho.

Entrevistas

Não há referência a esse fragmento.

TEMPORAIS

Orações com “QUANDO”

Quadro comparativo

QUADRO 92 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I4) L3 (“QUANDO”)		Tipo de Reformulação
4. + óleo – rapidamente – bem homogêneo		
V1_L3	Depois acrescente o óleo e bata rapidamente. Quando a massa estiver homogênea acrescente o suco de laranja e o gengibre ralado deixe batendo por 15 minutos	I

Comentários específicos

Embora não estivesse previsto, foi utilizada uma estrutura com a temporal com “quando” seguida de futuro de subjuntivo (V1_L3).

Síntese do observado no Translog

V1_L3 reformula a temporal inicial, “até obter”, em que haveria coincidência entre os sujeitos das duas sentenças, por “quando a massa estiver”; nesse caso a oração subordinada tem um sujeito distinto do da principal.

Entrevistas

V1_L3 comentou “É, que continuava a batedeira batendo (...) Aí eu fui para o próximo, aí eu vi o suquinho ali, não tá batendo, eu tive só essa coisa”, mas não se refere à mudança de uma formulação temporal com “até” pela outra com “quando”.

Orações com “ATÉ”

Quadro comparativo

QUADRO 93 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I4) L3 (“ATÉ”)		Tipo de Reformulação
4. + óleo – rapidamente – bem homogêneo		
V2_L3	Rapidamente, acrescente o óleo e bata até a mistura tornar-se homogênea	
V3_L3	Em seguida acrescente o óleo batendo até que fique homogêneo	I
V4_L3	e acrescente o óleo rapidamente até que a mistura esteja homogênea	
V5_L3	Adicione rapidamente o óleo, batendo até que fique bem homogêneo	I
V6_L3	Depois adicione meia xícara de chá de óleo e mexa rapidamente, até que fique bem homogêneo	
V7_L3	Em seguida, adicione meia xícara de chá de óleo e bata rapidamente até a mistura ficar homogênea	
V11_L3	Adicione o óleo rapidamente e continue com o mesmo processo, até que a mistura fique bem homogênea	I

Comentários específicos

Em 70% dos casos houve construção temporal com “até”. 50% (V3, V4, V5, V6 e V11) dos voluntários empregaram “até” com verbo no modo subjuntivo e os 20% restantes (V2 e V7) “até” com infinitivo. Em todos esses casos observamos que não existe correferência entre os sujeitos da oração principal e da subordinada. Convém salientar que os voluntários que empregaram o verbo em subjuntivo poderiam ter utilizado também verbos na forma finita, já que “ficar” e “estar” não poderiam, nos contextos em questão, ter como interpretação a correlação entre os sujeitos sintáticos.

Síntese do observado no Translog

Em 40% dos casos (V2, V4, V6, V7_L3) não houve reformulações.

V3_L3 altera “até que se forme uma massa” por “até que fique homogêneo”.

V5_L3 reelabora a construção “até obter uma mistura” (com infinitivo e coincidência entre os sujeitos das duas orações) por “até que fique bem homogêneo” (com subjuntivo e não coincidência entre os sujeitos).

V11_L3 constrói “até ficar bem homogênea” e em seguida substitui a forma finita do verbo por “até que a mistura fique bem homogênea”.

Entrevistas

V2_L3 disse que se deteve um pouco nessa parte “por causa do rapidamente (...) que eu não sabia o que era”.

V3_L3 comenta: “eu vi depois que tinha o adjetivo homogêneo na figura”.

V4 e V6_L3 não se referem a esse fragmento na entrevista.

V5_L3 justifica a passagem de infinitivo para subjuntivo no trecho: “Eu tinha pensado ‘obter uma mistura homogênea’, alguma coisa assim, que eu troquei de infinitivo para subjuntivo, mas eu não sei por que, foi à toa, e achei, aí eu quis usar do jeito que estava escrito aqui”.

V11_L3 comentou que mudou a estrutura com infinitivo porque “eu achei que tava sem sujeito. (...) E ficou estranha a construção e eu voltei, coloquei o sujeito e concordei.” Quando perguntado por que não manteve a oração com infinitivo, respondeu “eu acho que eu quis variar um pouco, na verdade, eu achei que eu tava usando muito infinitivo, aí eu acabei usando o subjuntivo, acho que por isso”.

Imagem 5

Possibilidades

Temporais

Quando

- a) quando + **futuro do subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: quando **estiver** bem misturado.

Até

- b) até + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até **ficar, estar** bem misturado.

- c) até que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até que **fique, esteja** bem misturado.

Finais

Para

- d) para + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para **ficar, estar** bem misturado.

- e) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para que **fique, esteja** bem misturado.

Ocorrências

QUADRO 94 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I5) L3 (TODOS OS CASOS)		Tipo de Reformulação
5. + suco de laranja – 15 minutos – bem misturado		
V1_L3	acrescente o suco de laranja e o gengibre ralado, deixe batendo por 15 minutos para misturar bem o suco	P
V2_L3	Acrescente suco de laranja e misture bem por 15 minutos.
V3_L3	Acrescente ainda o suco de laranja, bata por mais quinze minutos até que fique tudo muito bem misturado	
V4_L3	Coloque o suco de laranja, bata por 15 minutos até que fique bem misturado.	
V5_L3	Acrescente o suco de laranja e bata por mais quinze minutos, observando que todos os ingredientes fiquem bem misturados.	
V6_L3	Agregue meia xícara de chá de suco de laranja concentrado e bata por quinze minutos, para que tudo fique bem misturado	P
V7_L3	Adicione meia xícara de chá de suco de laranja concentrado e bata durante 15 minutos, misturando bem.
V8_L3	Em seguida, adicione a meia xícara de chá de suco de laranja concentrado e bata a massa por mais quinze minutos para que fique bem misturada	
V10_L3	Quando estiver tudo bem misturado , adicione 1/2 xícara de chá de suco de laranja concentrado e bata por mais 15 minutos.	
V11_L3	Coloque o suco de laranja, misturando bem por cerca de 15 minutos	

Comentários

40% dos sujeitos (V2, V5, V7 e V11_L3) não utilizaram, nesse ponto, nenhuma oração subordinada do tipo estudado. V2 e V7 lançam mão de orações coordenadas. V5 e V11 utilizam formas verbais de gerúndio.

Apesar de encontrarmos um caso de oração final seguida de infinitivo no grupo que realizou como primeira tarefa a tradução, não é possível concluir que essa tarefa tenha tido influência sobre a produção escrita, já que os demais dados se assemelham em muito aos dos sujeitos que realizam a tarefa de escrita em primeiro lugar.

Síntese do observado no Translog

Não há reformulação por parte de V2, V5, V7 e V11_L3.

Entrevistas

Nenhum dos quatro voluntários acima menciona esse trecho na entrevista.

TEMPORAIS

Orações com “QUANDO”

Quadro comparativo

QUADRO 95 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I5) L3 (“QUANDO”)		Tipo de Reformulação
5. + suco de laranja – 15 minutos – bem misturado		
V10_L3	Quando estiver tudo bem misturado, adicione 1/2 xícara de chá de suco de laranja concentrado e bata por mais 15 minutos.

Comentários específicos

V10_L3 foi o único a empregar uma temporal com “quando” em I5. Nela, os sujeitos da oração subordinada e da principal não coincidem.

Síntese do observado no Translog

Não há reformulação no texto de V10.

Entrevistas

V10_L3 comentou que se deteve um pouco nesse trecho: “porque eu fiquei pensando justamente nesse termo (....) ‘bem misturado’”.

Orações com “ATÉ”

Quadro comparativo

QUADRO 96 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I5) L3 (“ATÉ”)		Tipo de Reformulação
5. + suco de laranja – 15 minutos – bem misturado		
V3_L3	Acrescente ainda o suco de laranja, bata por mais quinze minutos até que fique tudo muito bem misturado
V4_L3	Coloque o suco de laranja, bata por 15 minutos até que fique bem misturado.	

Comentários específicos

Ao contrário do que se observou com os sujeitos de TC, no grupo L3 apenas 20% (V3 e V4) dos voluntários empregaram orações temporais com “até”, em ambos os casos seguidas do verbo “ficar” em subjuntivo.

Síntese do observado no Translog

Em V3 e V4_L3 não se verificam reformulações.

Entrevistas

V3 e V4_L3 não se referem a esse trecho.

FINAIS

Orações com “PARA”

Quadro comparativo

QUADRO 97 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I5) L3 (“PARA”)		Tipo de Reformulação
5. + suco de laranja – 15 minutos – bem misturado		
V1_L3	acrescente o suco de laranja e o gengibre ralado, deixe batendo por 15 minutos para misturar bem o suco	P
V6_L3	Agregue meia xícara de chá de suco de laranja concentrado e bata por quinze minutos, para que tudo fique bem misturado	P
V8_L3	Em seguida, adicione a meia xícara de chá de suco de laranja concentrado e bata a massa por mais quinze minutos para que fique bem misturada

Comentários específicos

Há 30% dos casos com orações finais nesse fragmento: V1, V6 e V8_L3. Apenas V1 opta por um verbo no modo infinitivo, mantendo a identidade entre os sujeitos das duas orações. Os demais (V6 e V8) empregam o verbo “ficar” com presente do subjuntivo para marcar a não correferência entre os sujeitos das duas orações, apesar de o infinitivo também ser possível.

Síntese do observado no Translog

V1_L3 inicialmente formula a final como “para que misture bem”. Depois de terminar a oração referente à imagem seguinte (6), retorna à construção acima e a substitui por “para misturar bem o suco”.

V6_L3 utiliza uma construção temporal com infinitivo “até estar tudo bem misturado” e, após a redação do fragmento subsequente, emprega uma oração final com “para que + subjuntivo”.

V8_L3 não apresenta reformulação nesse fragmento.

Entrevistas

V1_L3 disse sobre sua reformulação: “Só porque os dois juntos, achei que ia ficar uma frase muito... entendeu, ‘para misturar bem o suco’, não ‘para que suco fique bem misturado à massa’ e ‘para que o gengibre fique incorporado’”. Perguntado pela opção pelo infinitivo, disse “Eu acho que tem mais cara de receita”.

V6_L3 também foi questionado sobre a reformulação da final com infinitivo por subjuntivo, e respondeu “Não sei por que eu troquei”.

V8_L3 não comentou esse fragmento na entrevista.

Imagem 6

gengibre ralado – bem incorporado à massa.

Possibilidades

Temporais

Quando

- a) quando + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: quando **estiver** bem incorporado.

Até

- b) até + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até **ficar, estar** bem incorporado.

- c) até que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até que **fique, esteja** bem incorporado.

Finais

Para

- d) para + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para **ficar, estar** bem incorporado.

e) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para que **fique, esteja** bem incorporado.

Ocorrências

QUADRO 98 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I6) L3 (TODOS OS CASOS)		Tipo de Reformulação
6. gengibre ralado – bem incorporado à massa		
V1_L3	(deixe batendo por 15 minutos para misturar bem o suco) e incorporar o gengibre à massa	P
V2_L3	Depois, bem incorporado à massa, acrescente o gengibre ralado.	
V3_L3	Ponha o gengibre, misture para que ele fique bem incorporado à massa.	
V4_L3	Acrescente o gengibre ralado de deixe bater até que tudo fique bem incorporado.	
V5_L3	Coloque o gengibre ralado de maneira que ele fique bem incorporado à massa.	
V6_L3	Junte uma colher de sopa de gengibre ralado e misture até ficar bem incorporado à massa	R
V7_L3	Acrescente uma colher de sopa de gengibre ralado e bata novamente até que ele fique bem incorporado à massa	
V8_L3	Acrescente o gengibre ralado e, quando estiver bem incorporado.	
V10_L3	Despeje 1 colher de sopa de gengibre ralado, este deve ser bem incorporado à massa.	
V11_L3	(Coloque o suco de laranja, miturando bem por cerca de 15 minutos) e em seguida, o gengibre ralado, até que fique bem incorporado à massa	

Comentários

Apenas em 30% dos casos (V2, V5 e V10_L3) não houve orações do tipo estudado. V2 emprega uma oração de difícil interpretação, já que a relação entre o que deve ser incorporado à massa e o elemento gengibre não fica muito clara. V5 utiliza uma oração com “de maneira que”. V10 opta por uma oração que se justapõe à principal, com “este deve ser bem incorporado à massa”.

Não é possível caracterizar influência de outras tarefas sobre a presente com relação ao fragmento I6.

Síntese do observado no Translog

Não há reformulação para V2, V5 e V10_L3.

Entrevistas

V2_L3 comentou: “‘bem incorporado’ eu fiquei pensando no que que isso significava. (...) Porque eu sou ruim de receita”.

V5_L3 explicou: “Aí de novo, porque precisa que o gengibre fique bem incorporado à massa. Aí é a mesma coisa, como eu tinha usado ‘observando’, eu fiquei, como é que eu vou colocar agora, pra não usar a mesma construção de gerúndio? Não queria repetir e usei ‘de maneira que’”.

V10_L3 informou: “eu achei super difícil essa parte do gengibre (...) Eu achei que seria difícil colocar o gengibre, sei lá, unir esse dois [gengibre e bem incorporado].”

TEMPORAIS

Orações com “QUANDO”

Quadro comparativo

QUADRO 99 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I6) L3 (“QUANDO”)		Tipo de Reformulação
6. gengibre ralado – bem incorporado à massa		
V8_L3	Acrescente o gengibre ralado e, quando estiver bem incorporado ,	I

Comentários específicos

Apenas 10% dos sujeitos (V8) se utilizam da temporal com “quando” + futuro do subjuntivo singular.

Síntese do observado no Translog

V8 substitui a oração final usada no início “para que fique bem incorporado à massa” pela temporal “quando estiver bem incorporado”.

Entrevistas

V8 comentou a dificuldade em formular o trecho: “A do gengibre eu não sabia o que fazer com ele (...) Eu fiquei, tá, eu tenho que colocar, mas como que eu vou falar isso, e ficar claro?”, mas não se referiu à mudança da final pela temporal.

Orações com “ATÉ”

Quadro comparativo

QUADRO 100 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I6) L3 (“ATÉ”)		Tipo de Reformulação
6. gengibre ralado – bem incorporado à massa		
V4_L3	Acrescente o gengibre ralado e deixe bater até que tudo fique bem incorporado.	
V6_L3	Junte uma colher de sopa de gengibre ralado e misture até ficar bem incorporado à massa	R
V7_L3	Acrescente uma colher de sopa de gengibre ralado e bata novamente até que ele fique bem incorporado à massa	
V11_L3	(Coloque o suco de laranja, miturando bem por cerca de 15 minutos) e em seguida, o gengibre ralado, até que fique bem incorporado à massa	

Comentários específicos

40% dos voluntários (V4, V6, V7 e V11_L3) empregaram orações temporais com o nexos “até”. Embora todos tenham escolhido o mesmo verbo, “ficar”, somente em um dos casos há uso de infinitivo (V6) para marcar a mudança de sujeito. Nos demais, emprega-se subjuntivo.

Síntese do observado no Translog

Não há reformulação em V4, V7 e V11_L3.

V6_L3 utiliza inicialmente “até que fique” e, durante a revisão, modifica o verbo em subjuntivo por uma oração com infinitivo “até ficar”.

Entrevistas

V4, V7 e V11_L3 não se referiram a esse trecho.

V6_L3 comentou sobre a mudança da forma verbal: “Acho que era para não ficar tão repetido”.

FINAIS

Orações com “PARA”

Quadro comparativo

QUADRO 101 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I6) L3 (“PARA”)		Tipo de Reformulação
6. gengibre ralado – bem incorporado à massa		
V1_L3	(deixe batendo por 15 minutos para misturar bem o suco) e incorporar o gengibre à massa	P
V3_L3	Ponha o gengibre, misture para que ele fique bem incorporado à massa.	

Comentários específicos

Há 20% de ocorrências com orações finais (V1 e V3_L3), uma com infinitivo e outra com subjuntivo. No primeiro caso, V1, os sujeitos das duas sentenças são idênticos. No segundo, apesar de o verbo “ficar” permitir o infinitivo (sem que isso implicasse ambiguidade na interpretação), opta-se pelo subjuntivo para marcar a mudança de sujeito.

Síntese do observado no Translog

Inicialmente V1_L3 utiliza uma construção subjuntiva “para que ele fique bem incorporado”, mas depois de algum tempo reformula-a por uma com verbo em infinitivo “para incorporar”.

V3_L3 não modifica/corrigi o fragmento em referência.

Entrevistas

V1_L3 comenta sobre a mudança para infinitivo: “Eu acho que tem mais cara de receita”.

V3_L3 não menciona o trecho.

Imagem 7

Possibilidades

Finais

Para

- a) para + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: para **obter, conseguir, ter** uma massa muito líquida.

- b) para + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para a massa não **ficar** muito líquida.

- c) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para que a massa não **fique** muito líquida.

Ocorrências

QUADRO 102 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I7) L3 (TODOS OS CASOS)		Tipo de Reformulação
7. + farinha peneirada – aos poucos – massa não muito líquida		
V1_L3	Aos poucos, vá acrescentando a farinha de trigo peneirada (observe que essa massa não fica muito líquida).
V2_L3	Aos poucos, coloque a farinha peneirada, a massa já não deve estar muito líquida neste ponto.	
V3_L3	Aos poucos ponha a farinha peneirada até que a massa se torne uma mistura não muito líquida.	
V4_L3	Aos poucos, vá acrescentando a farinha peneirada, a massa ficará não muito líquida.	
V5_L3	Aos poucos, vá acrescentando a farinha, até perceber que a massa não está muito líquida	
V6_L3	Adicione aos poucos duas xícaras de chá de farinha de trigo peneirada até obter uma massa não muito líquida.
V7_L3	Peneire 2 xícaras de chá de farinha de trigo e adicione aos poucos, a fim de que a massa não fique muito líquida	I
V8_L3	acrescente aos poucos as duas xícaras de farinha peneirada para que a massa não fique muito líquida	I
V10_L3	Agora peneire 2 xícaras de chá de farinha de trigo, mas coloque aos poucos para que a massa não fique nem muito pesada, nem muito líquida
V11_L3	Coloque a farinha, já peneirada, aos poucos, até que a massa fique num estado não muito líquido

Comentários

Em 70% dos exemplos (V3, V5, V6, V7, V8, V10 e V11_L3) verificamos orações dos tipos estudados. Não havíamos pensado que orações temporais seriam empregadas para esse trecho da receita. Entretanto, no caso dos sujeitos de L3, essas orações foram a grande maioria: 40% (V3, V5, V6 e V11_L3).

Três dos voluntários (V1, V2 e V4) realizam outros tipos de formulação que não as temporais e finais.

Todos os sujeitos que realizaram como primeira tarefa a redação empregaram estruturas do tipo estudado, o que não aconteceu com aqueles que fizeram a tradução antes das demais atividades.

Síntese do observado no Translog

Não há reformulações em V1, V2 e V4_L3.

Entrevistas

V1_L3 disse que colocou a instrução entre parênteses porque “É uma conversa com a cozinheira. Uma diquinha”.

V2_L3 não se refere a esse fragmento.

V4_L3 observou apenas que a palavra “líquida” havia sido grafada incorretamente: “aí eu não corriji”. Nota-se, pelos dados do *Translog*, que esse sujeito não revisou o texto após a sua conclusão.

TEMPORAIS

Orações com “ATÉ”

Quadro comparativo

QUADRO 103 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I7) L3 (“ATÉ”)		Tipo de Reformulação
7. + farinha peneirada – aos poucos – massa não muito líquida		
V3_L3	Aos pocos ponha a farinha peneirada até que a massa se torne uma mistura não muito líquida .	I e P
V5_L3	Aos poucos, vá acrescentando a farinha, até perceber que a massa não está muito líquida	
V6_L3	Adicione aos poucos duas xícaras de chá de farinha de trigo peneirada até obter uma massa não muito líquida .	
V11_L3	Coloque a farinha, já peneirada, aos poucos, até que a massa fique num estado não muito líquido	

Comentários específicos

Embora não tenhamos previsto, houve, no grupo L3, mais casos de orações temporais com “até” do que de finais com “para”. Esse era um resultado bastante possível, já que finais com “para” e temporais com “até”, por vezes, são usadas com valores muito semelhantes. Encontramos dois casos de temporal seguido de subjuntivo, com os verbos “tornar-se” (V3) e “ficar” (V11) e dois casos com verbos no infinitivo, “perceber” (V5) e “obter” (V6). O mais interessante, de nosso ponto de vista, é que apesar dos verbos em subjuntivo utilizados não poderem, nesse contexto, ter outro sujeito que não “a massa”, ou seja, apesar de não poderem ser correferenciais com o sujeito da oração principal, os voluntários não cogitaram a forma infinitiva. Com relação aos verbos em infinitivo, “perceber” e “obter”, a utilização dessa forma verbal se justifica pela manutenção do mesmo sujeito nas duas sentenças.

Síntese do observado no Translog

Não há reformulação em V3, V6 e V11_L3. Em V3 tampouco há revisão (vejamos, por exemplo, como ficou grafada a palavra “pouco”).

V5_L3 inicialmente constrói uma oração com “sem deixar que a massa”, mas logo a substitui pela temporal “até perceber que a massa”. Antes de terminar seu texto, retorna ainda ao referido fragmento, para corrigir a palavra “perceber”.

Entrevistas

V3 e V6_L3 não se referem ao trecho em questão.

V5_L3 comentou apenas a correção na fase de produção: “Eu errei na hora de digitar em ‘até perceber’, depois voltei e arrumei”, mas não se refere à temporal.

V11_L3 disse: “Eu não sabia como inserir essa ‘massa não muito líquida’. (...) Eu fiquei pensando nessa construção”.

FINAIS

Orações com “PARA”

Quadro comparativo

QUADRO 104 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I7) L3 (“PARA”)		Tipo de Reformulação
7. + farinha peneirada – aos poucos – massa não muito líquida		
V7_L3	Peneire 2 xícaras de chá de farinha de trigo e adicione aos poucos, a fim de que a massa não fique muito líquida	I
V8_L3	acrescente aos poucos as duas xícaras de farinha peneirada para que a massa não fique muito líquida	I
V10_L3	Agora peneire 2 xícaras de chá de farinha de trigo, mas coloque aos poucos para que a massa não fique nem muito pesada, nem muito líquida	

Comentários específicos

No caso das finais empregadas por V7, V8 e V10_L3, observamos que a opção se deu em favor do verbo “ficar” no modo subjuntivo. Como já havíamos dito, tal verbo não teria possibilidade de ser correferente com outro sujeito que não fosse, no caso concreto, “a massa”. Contudo, nenhum dos sujeitos lançou mão da forma infinitiva “para a massa ficar”. Cabe fazer uma ressalva no caso do sujeito V7, já que este utiliza a conjunção subordinativa final “a fim de”, que praticamente não foi encontrada em nosso *corpus* de receitas escritas em português (apenas uma ocorrência, com infinito plural “a fim de ficarem”).

Síntese do observado no Translog

V7_L3 utiliza inicialmente “sem deixar que a massa fique” e em seguida uma final “a fim de que”.

V8_L3 emprega inicialmente a subordinada “de modo que a massa resultante não fique” e logo a substitui por uma final “para que a massa”.

Em V10_L3 não há reformulações.

Entrevistas

V7_L3 comentou: “eu tô acrescentando a farinha para ela não ficar muito líquida.” Sobre a alteração de “sem deixar” por “a fim de que fique” disse: “se eu falasse que era ‘sem deixar’ parece que ela [a massa] tava líquida, (...) eu achei que assim ficava mais claro”.

V8_L3 comentou a construção desse trecho: “É, problema para formular. Eu fui escrevendo, mas acho que não está muito claro, vou escrever de novo”.

V10_L3 relatou: “essa ‘massa não muito líquida’, como é que eu ia fazer isso? Porque, na verdade, é uma... relação com a farinha. (...) Aos poucos pra não causar problema na receita, juntar o ‘aos poucos’ com ‘massa não muito líquida’”.

Imagem 8

Possibilidades

Finais

Para

a) para + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: para **obter, conseguir, alcançar** uma massa aerada.

b) para + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para a massa **ficar, adquirir uma textura/consistência** aerada.

c) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para que a massa **fique** aerada.

Ocorrências

QUADRO 105 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I8) L3 (TODOS OS CASOS)		Tipo de Reformulação
8. fermento em pó – fora da batedeira – movimentos de baixo para cima – massa aerada		
V1_L3	Com a batedeira desligada adicione o fermento em pó misturando-o à massa com movimentos de baixo para cima, isso fará com que a massa adquira uma textura aerada.	P
V2_L3	Acrescente o fermento em pó sem mais utilizar a batedeira, fazendo movimento de baixo para cima, para que a massa fique aerada.	
V3_L3	Coloque o fermento em pó, misturando-o fora da batedeira, fazendo um movimento de baixo para cima até que a massa fique aerada	
V4_L3	Coloque o fermento em pó, mas não bata na batedeira. Faça movimentos com o fuet de baixo para cima até que veja a massa ficar aerada	
V5_L3	Desligue a batedeira e acrescente o fermento em pó. Faça movimentos de baixo para cima para incorporar o fermento pois assim a massa ficará aerada	I
V6_L3	Fora da batedeira adicione uma colher de sopa de fermento em pó e mexa bem, fazendo movimentos de baixo para cima, para obter uma massa aerada	
V7_L3	Em seguida, acrescente 1 colher de sopa de fermento em pó e misture, fora da batedeira, com movimentos de baixo para cima até que a massa fique aerada.	
V8_L3	Com a massa fora da batedeira, junte o fermento em pó e mexa com movimentos de baixo para cima para que fique aerada.	
V10_L3	Por último, acrescente o fermento em pó (1 colher de sopa), mas já fora da batedeira. O movimento deve ser de baixo para cima, para que a massa fique aerada.	
V11_L3	Por último, agregue o fermento em pó, misturando a massa fora da batedeira, com movimentos de baixo para cima, até que a receita fique aerada.	P

Comentários

Excetuando-se V1_L3, em todos os demais casos verificamos orações dos tipos pesquisados.

Apesar de não termos pensado no aparecimento de temporais com “até”, foram 4 as ocorrências.

O comportamento dos dois grupos é muito semelhante, o que impede qualquer conclusão sobre a influência da ordem das tarefas sobre essa produção.

Síntese do observado no Translog

V1_L3 inicialmente lança mão de uma oração final, com “para que a massa adquira uma textura aerada”, mas antes de chegar ao final da receita, retorna a essa estrutura inicial e a reformula como “isso fará com que a massa”.

Entrevistas

V1_L3 comentou sobre a alteração realizada: “Fica mais explicativo, eu acho”.

TEMPORAIS

Orações com “ATÉ”

Quadro comparativo

QUADRO 106 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I8) L3 (“ATÉ”)		Tipo de Reformulação
8. fermento em pó – fora da batedeira – movimentos de baixo para cima – massa aerada		
V3_L3	Coloque o fermento em pó, minturando-o fora da batedeira, fazendo um movimento de baixo para cima até que a massa fique aerada
V4_L3	Coloque o fermento em pó, mas não bata na batedeira. Faça movimentos com o fuet de baixo para cima até que veja a massa ficar airada	
V7_L3	Em seguida, acrescente 1 colher de sopa de fermento em pó e misture, fora da batedeira, com movimentos de baixo para cima até que a massa fique aerada.	
V11_L3	Por último, agregue o fermento em pó, misturando a massa fora da batedeira, com movimentos de baixo para cima, até que a receita fique aerada.	P

Comentários específicos

Verificamos que 40% dos sujeitos optam pela construção com “até”. Excetuando-se V4, que utiliza uma oração com subjuntivo, com o verbo “ver”, apesar de o sujeito das duas orações, principal e subordinada, ser o mesmo, todos os demais empregam a forma subjuntiva para marcar a mudança de sujeito com relação à oração principal, com o verbo “ficar”.

Síntese do observado no Translog

Não há reformulação em V3, V4 e V7_L3. Não há revisão por parte de V3 e V4, de acordo com os dados do *Translog*: tanto a palavra “misturar” (V3), como “aerada” (V4) ficam grafadas inadequadamente.

V11_L3 usa inicialmente na temporal o termo “massa”, mas antes de terminar o texto o substitui por “receita”.

Entrevistas

V3, V4, V7_L3 não comentam esse fragmento.

V11_L3 disse: “eu achei que tinha muita ‘massa’ (...) que eu tava repetindo muito ‘massa’ (...) decidi colocar ‘receita’”.

FINAIS

Orações com “PARA”

Quadro comparativo

QUADRO 107 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I8) L3 (“PARA”)		Tipo de Reformulação
8. fermento em pó – fora da batedeira – movimentos de baixo para cima – massa aerada		
V2_L3	Acrescente o fermento em pó sem mais utilizar a batedeira, fazendo movimento de baixo para cima, para que a massa fique aerada.	
V5_L3	Deseligue a batedeira e acrescente o fermento em pó. Faça movimentos de baixo para cima para incorporar o fermento pois assim a massa ficará aerada	I
V6_L3	Fora da batedeira adicione uma colher de sopa de fermento em pó e mexa bem, fazendo movimentos de baixo para cima, para obter uma massa aerada	
V8_L3	Com a massa fora da batedeira, junte o fermento em pó e mexa com movimentos de baixo para cima para que fique aerada.	
V10_L3	Por último, acrescente o fermento em pó (1 colher de sopa), mas já fora da batedeira. O movimento deve ser de baixo para cima, para que a massa fique aerada.	

Comentários

Em 50% dos casos há orações finais. Verificamos que dois dos sujeitos (V5 e V6_L3) escolhem o infinitivo, mantendo-se coincidência entre os sujeitos dos verbos (“incorporar” e “obter”, respectivamente). Nos três outros casos (V2, V8 e V10_L3) utiliza-se o verbo “ficar” em subjuntivo, embora a forma finita também fosse possível.

Síntese do observado no Translog

Excetuando-se V5_L3, que utiliza o verbo “misturar” e em seguida o substitui por “incorporar”, em todos os demais casos não há reformulação.

Entrevistas

V2_L3 comentou a escolha por subjuntivo em I8: “acho que no primeiro [imagem 4, oração com ‘até a mistura tornar-se homogênea’] estava inconsciente e [nesse caso] quando eu coloquei no subjuntivo eu já pensei, assim, ‘para que fique’”.

Para os demais casos de final (V5, V6, V8 e V10_L3) não há referência na entrevista.

Imagem 9

Possibilidades

Como já explicitamos para TC, a imagem 9 foi incluída unicamente para os efeitos da construção do texto da receita, razão pela qual não prevíamos nenhum tipo de oração subordinada nessa etapa. Isso se comprovou com todos os sujeitos de L3.

Ocorrências

QUADRO 108 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I9) L3 (TODOS OS CASOS)		Correção/ Reformulação
9. massa – forma untada e polvilhada com farinha		
V1_L3	Despeje a massa em uma forma untada com manteiga e polvilhada com farinha.	I
V2_L3	Despeje a massa em uma forma untada e polvilhada com farinha.	
V3_L3	Despeje a mistura em uma forma untada e polvilhada com farinha	
V4_L3	Unte uma forma polvilhada de farinha e despeje a massa.	R
V5_L3	Em uma forma untada e polvilhada com farinha despeje a massa	
V6_L3	Em uma forma untada e polvilhada com farinha, despeje a massa.	
V7_L3	Unte e polvilhe uma forma com farinha e despeje nela a massa.	
V8_L3	Em uma forma untada e polvilhada com farinha despeje a massa	
V10_L3	Despeje a massa em uma forma untada e polvilhada com farinha.	
V11_L3	Coloque a massa em uma forma untada e polvilhada	

Comentários

As produções se distinguem, basicamente, quanto aos verbos escolhidos: “despejar” e “colocar”.

Não há dados que nos levem a diferenciar os resultados com relação à ordem de execução das tarefas.

Síntese do observado no Translog

Não há reformulação em 80% (V2, V3, V5, V6, V7, V8, V10 e V11_L3) dos casos.

V1_L3 substitui imediatamente o verbo “adicionar” por “colocar”.

V4_L3 troca, na fase de revisão, o verbo “jogar” por “despejar”.

Entrevistas

Excetuando-se V4_L3 que comentou: “‘jogar a massa’, achei que o verbo é muito desleixado para uma receita, ‘despejar a massa’, né. (...) ‘Jogue a massa’ não achei adequado”; em todos os demais não há comentários.

Imagem 10

Possibilidades

Finais

Para

- a) para + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: para não **solar, embatumar, murchar, prejudicar** a massa.

- b) para + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para a massa não **solar, embatumar, murchar**.

- c) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para que a massa não **embatume**.

Ocorrências

QUADRO 109 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I10) L3 (TODOS OS CASOS)		Tipo de Reformulação
10. forno médio (225°C) – 45 minutos – não abrir o forno – primeira meia hora – para *** a massa		
V1_L3	Leve ao forno médio (225°C) por aproximadamente 45 minutos. Não abra o forno na primeira meia hora de cozimento para que a massa não murche .	I e R
V2_L3	Leve ao forno médio (225 °C), por 45 minutos. Não abra o forno nos primeiros 30 minutos, para que a massa não murche .	
V3_L3	deixe assar em forno médio (225° C) por aproximadamente 45 minutos. Não abra o forno na primeira meia hora do cozimento para não comprometer a massa .	
V4_L3	No forno médio (225°C) deixe assar por 45 minutos, sem abrir o forno na primeira meia hora para não murchar a massa .	I
V5_L3	e leve ao forno médio (225oC) por quarenta e cinco minutos. Não abra o forno durante a primeira meia hora para que a massa não embatume .	
V6_L3	Levar ao forno médio (225°C) por quarenta e cinco minutos. Não abra o forno durante a primeira meia hora. Para não prejudicar o crescimento da massa .	
V7_L3	Leve ao forno médio (225°C) durante 45 minutos, sem abrir o forno na primeira meia hora para deixar crescer a massa .	R
V8_L3	e leve ao forno médio, cerca de duzentos e vinte e cinco graus, por quarenta e cinco minutos. Não abra o forno antes de 30 minutos de cozimento, pois a massa pode murchar.	I
V10_L3	Asse o bolo em forno médio (225 °C) por aproximadamente 45 minutos. Não abra o forno durante a primeira meia hora para não solar a massa	
V11_L3	leve ao forno médio (225 °C) por 45 minutos. É importante não abrir o forno durante a primeira meia hora, para não danificar a massa	

Comentários

Apenas 10% dos sujeitos (V8_L3) não utilizaram uma oração final, mas uma oração explicativa, em “pois a massa pode murchar”.

Nesse exemplo, podemos dizer que o uso de formas finitas foi majoritário no grupo que realizou primeiro a tarefa de redação. No outro grupo, há alternância entre as escolhas de infinitivo e subjuntivo, com predomínio desta sobre aquela.

Síntese do observado no Translog

V8_L3 substitui a forma futura “poderá murchar” por presente em “pode murchar”.

Entrevistas

V8_L3 não se referiu a esse fragmento do texto.

FINAIS

Orações com “PARA”

Quadro comparativo

QUADRO 110 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I10) L3 (“PARA”)		Tipo de Reformulação
10. forno médio (225°C) – 45 minutos – não abrir o forno – primeira meia hora – para *** a massa		
V1_L3	Leve ao forno médio (225°C) por aproximadamente 45 minutos. Não abra o forno na primeira meia hora de cozimento para que a massa não murche.	I e R
V2_L3	Leve ao forno médio (225 °C), por 45 minutos. Não abra o forno nos primeiros 30 minutos, para que a massa não murche.	
V3_L3	deixe assar em forno médio (225° C) por aproximadamente 45 minutos. Não abra o forno na primeira meia hora do cozimento para não comprometer a massa.	
V4_L3	No forno médio (225°C) deixe assar por 45 minutos, sem abrir o forno na primeira meia hora para não murchar a massa.	I
V5_L3	e leve ao forno médio (225oC) por quarenta e cinco minutos. Não abra o forno durante a primera meia hora para que a massa não embatume.	
V6_L3	Levar ao forno médio (225°C) por quarenta e cinco minutos. Não abra o forno durante a primeira meia hora para não prejudicar o crescimento da massa.	
V7_L3	Leve ao forno médio (225°C) durante 45 minutos, sem abrir o forno na primeira meia hora para deixar crescer a massa.	R
V10_L3	Asse o bolo em forno médio (225 °C) por aproximadamente 45 minutos. Não abra o forno durante durante a primeira meia hora para não solar a massa	
V11_L3	leve ao forno médio (225 °C) por 45 minutos. É importante não abrir o forno durante a primeira meia hora, para não danificar a massa	

Comentários específicos

Dentre os 90% de finais, verificamos em 6 a opção por infinitivo. Pode-se dizer que, pela posição pós-verbal do elemento “massa”, teríamos, em todos esses casos de infinitivo (V3, V4, V6, V7, V10 e V11), coincidência entre os sujeitos da oração principal e da subordinada. Verbos como “solar” e “murchar”, contudo, poderiam ter, por suas propriedades semânticas, também a correlação com “a massa”. Nos demais casos (V1, V2 e V5), utiliza-se subjuntivo para marcar a mudança de sujeito, com os verbos “murchar” e “embatumar”.

Síntese do observado no Translog

60% (V2, V3, V5, V6, V10 e V11_L3) dos voluntários não apresentam reformulação. Em V5, constata-se que não houve revisão no texto (a palavra “primeira” fica grafada incorretamente).

V1_L3 reformula a construção inicial com subjuntivo “para que a massa não” por infinitivo “para não afundar a massa”. Na fase de revisão, volta a utilizar subjuntivo “para que a massa não murche”.

V4_L3 inicia com “para que”, mas logo substitui essa construção por uma oração com infinitivo “para não murchar”.

V7_L3 havia usado a estrutura “para crescer a massa” e, na fase de revisão, substitui-a por “para deixar crescer a massa”.

Entrevistas

V1_L3 comentou as alterações feitas na final: “eu falei, ‘a massa não murchar, afundar’, até pesquisei o que eles falavam, eles falavam ‘massa baixar’, eu achei que nenhuma das palavras assim tinham, eu acho que o melhor era ‘murchar’ mesmo, (...) você abre o forno e vira uma sola. (...) Eu não sei explicar por que eu mudei, eu acho que achei que ficava melhor. (...) É que ‘não afunde’ eu achei muito, é o verbo, que talvez estivesse errado, eu achei, assim, ‘afunde’, ‘afundar’ eu achei que ficava mais suave. (...) Sei lá, o próprio verbo, porque a massa não afunda, na verdade.” Quando perguntado por que não teria optado por “para não murchar” disse: “Parece que aí fica mais... para mim, eu acho, pensando, não que eu pensei isso na hora, me parece assim, talvez tenha pensado que a receita fica mais, que essa dica fica mais contundente assim. (...) É, mais forte do que ‘para não murchar’, parece, a pessoa não vai dar muita bola, não sei”.

V2_L3, perguntado por que, durante a entrevista, tinha dito “para não murchar” e, quando redigiu o texto, usou “para que não murche”, respondeu: “eu acho que é mais... é mais... assim, é mais formal colocar ‘para que não murche’, com o subjuntivo”.

V3_L3, questionado sobre a variação entre infinitivo e subjuntivo na receita, disse: “Não tenho a menor ideia. (...) Na verdade, eu não pensei muito”.

V4_L3 explicou a mudança para infinitivo no trecho: “eu fiquei pensando no que poderia caber aí. (...) Eu achei que daria, ‘para que não murche a massa’ (...) Mas acho que o ‘para que não murche’, eu achei feio. (...) Sonoramente ruim”.

V5_L3, também foi indagado por que, durante a entrevista, tinha dito “para não embatumar” e depois, no texto, usou “para que não embatume”, mas não pôde explicar, disse não saber o porquê disso.

V6_L3 não comenta o trecho em referência.

V7_L3 disse: “pensei, pensei e não fazia a menor ideia. Depois, que já tinha passado, tava em outro exercício, eu pensei, ah, deve ser para assar a massa, sei lá. (...) Eu achei que ficava menos feio do que ‘para deixar crescer a massa’ (...) Não sei se de fato o que vem aqui, nesse caso aqui, que já tem ‘para’ (...) É, óbvio que eu poderia dizer ‘para que a massa cresça’, sei lá, mas já tinha uma forma, ‘para *** a massa’ que pedia. (...) eu acho que induzia um pouco.”

V10_L3 foi indagado sobre se havia alguma justificativa para ter usado “para que a massa fique” no fragmento precedente e, neste, “para não solar a massa”, explicou: “eu acho que aí é por causa da ‘massa’, né, é uma ação. (...) Agora o verbo ‘solar’ a pessoa tem uma interferência. (...) Eu acho que tem essa relação. (...) Eu acho que sim, quer dizer, não sei, porque depois você pode solar a massa”.

V11_L3 também foi questionado sobre o uso de subjuntivo em construções como “para que as claras virem” e infinitivo no presente trecho. Disse: “Eu acho que é para deixar mais impessoal [o infinitivo] (...) o último, as claras que vão virar em neve. Não sei, realçar as claras”.

Imagem 11

Possibilidades

Temporais

Quando

- a) quando + **futuro do subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: quando **estiver** frio.

Finais

Para

- b) para + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: para retirar o bolo da forma, desenformar.

Ocorrências

QUADRO 111 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I11) L3 (TODOS OS CASOS)		Tipo de Reformulação
11. frio – forma		
V1_L3	Quando estiver pronto, desligue o forno, espere esfriar e só então desenforme.
V2_L3	Ao esfriar, o bolo já pode ser retirado da forma.	
V3_L3	Depois de pronto, quando o bolo estiver frio tire-o da forma.	
V4_L3	Depois de assado, deixe esfriar e desenforme.	
V5_L3	Retire do forno e desenforme depois de frio.	

V6_L3	Depois de frio, retire da forma e sirva	
V7_L3	Deixe esfriar e, em seguida, retire o bolo da forma.	I e R
V8_L3	Assado, desenforme o bolo quando ele estiver frio	I
V10_L3	Quando o bolo estiver frio , retire-o da forma.	
V11_L3	retire o bolo da forma e deixe que fique completamente frio antes de comer.	

Comentários

Em apenas 40% dos casos houve orações do tipo estudado, todas elas com a temporal “quando” seguida de futuro do subjuntivo.

Nos demais, verifica-se: V2_L3 lançou mão de uma oração temporal reduzida de infinitivo “ao esfriar”; V4, V5, V6, V7 e V11 utilizam verbos no modo imperativo em um período por coordenação.

Não há dados que nos levem a distinguir os resultados com relação à ordem de realização das tarefas.

Síntese do observado no Translog

Excetuando-se V7_L3, em todos os demais (V2, V4, V5, V6 e V11) não há reformulação. V7_L3 inicia o texto com “retire a forma do forno e espere esfriar”, em seguida altera a formulação para “depois de retirar do forno” e, na fase de revisão, por “deixe esfriar”.

Entrevistas

50% dos sujeitos (V2, V4, V5, V6 e V11_L3) não se referem a esse fragmento.

V7_L3 comentou: “É, eu acho que eu fiquei pensando se tinha que tirar da forma, acho que é isso. Porque na imagem tá fora da forma já.”

TEMPORAIS

Orações com “QUANDO”

Quadro comparativo

QUADRO 112 – COMPARAÇÃO DA ESCRITA (I11) L3 (“QUANDO”)		Tipo de Reformulação
11. frio – forma		
V1_L3	Quando estiver pronto , desligue o forno, espere esfriar e só então desenforme.	
V3_L3	Depois de pronto, quando o bolo estiver frio tire-o da forma.	
V8_L3	Assado, desenforme o bolo quando ele estiver frio	I
V10_L3	Quando o bolo estiver frio , retire-o da forma.	

Comentários específicos

Nos 40% de casos com a temporal “quando”, observa-se mudança com relação ao sujeito da oração principal e emprego de futuro do subjuntivo singular.

Síntese do observado no Translog

Apenas V8_L3 reformula esse trecho: retira o advérbio “somente” de seu texto, imediatamente após tê-lo escrito.

Entrevistas

V1_L3 é o único a comentar o fragmento: “eu pensei em colocar o ponto, colocar o palito e tal, mas aí não tinha a foto, eu falei, vou seguir as instruções”.

Resumo

Para a tarefa de Produção Livre, destacaremos o uso de subjuntivo/infinitivo nas temporais com “até” e nas finais com “para”, posto que nas temporais com “quando” não houve casos de presente de subjuntivo que pudessem sugerir algum tipo de influência da língua espanhola sobre a produção em língua portuguesa. Vejamos o quadro a seguir:

	I1		I2		I3		I4		I5		I6		I7		I8		I10		
	Até	Para	Até	Para	Até	Para	Até	Para	Até	Para	Até	Para	Até	Para	Até	Para	Até	Para	
V1				ficar													murchar	S	
										misturar		incorporar							I
V2																ficar		murchar	S
								tomar											I
V3	tomar						ficar		ficar			ficar	tonar		ficar				S
																		comprometer	I
V4	ficar		ficar		incorporar		ficar		ficar		ficar				ver				S
																		murchar	I
V5							ficar											embatumar	S
	alcançar												perceber			incorporar			I
V6							ficar		ficar										S
											ficar					obter		prejudicar	I
V7			ficar								ficar			ficar	ficar				S
							ficar											deixar	I
V8									ficar					ficar		ficar			S
																			I
V10											ficar			ficar		ficar			S
																		solar	I
V11	virar		ficar				ficar						ficar		ficar				S
																		danificar	I

Quadro 113 – Distribuição de infinitivos/subjuntivos com “até” e “para” na tarefa de produção livre de L3

Obs.: As colunas I9 e I11 foram omitidas porque não há orações com “até” ou “para”. I: Infinitivo; S: subjuntivo.

No quadro acima há um total de 51 orações, 30 (59%) com a temporal “até” e 21 (41%) com a final “para”. Tais dados mostram que, nessa produção, os resultados de L3 se diferenciam dos de TC, pelas construções temporais constituírem maioria.

Para as orações temporais com “até”, há 25 (83% das temporais de) orações com subjuntivo e 5 (27%) orações com infinitivo. É interessante notar que nos casos de infinitivo dois dos cinco apresentam coincidência entre os sujeitos das duas orações, ao contrário do que acontecia em TC, em que todos os casos de infinitivo diziam respeito a orações com mudança de sujeito. Outro dado bastante curioso nas temporais do grupo L3 é que um dos sujeitos (V4 em I8) emprega o modo subjuntivo apesar de os sujeitos da oração principal e subordinada não mudarem: “**Faça** movimentos com o fuet... até que veja a massa...”.

Para as orações com “para”, embora tenhamos predomínio de construções com subjuntivo, 11 (52%) contra 10 (48%) de infinitivo, a diferença é bastante pequena. Em todos os casos de infinitivo constatamos correferência entre os sujeitos sintáticos, com o emprego de verbos como “obter”, “deixar”, etc.

Também constatamos que o verbo “ficar” foi o mais frequente no texto, com 30 ocorrências (59%), 9 nas orações finais (todas com subjuntivo) e 22 nas orações temporais (20 com subjuntivo e 2 com infinitivo). Aqui, assim como para TC, houve predomínio de construções seguidas de subjuntivo apesar de, como havíamos assinalado antes, essa forma verbal ser mais frequente com infinitivo nas receitas em português. Esses dados, assim, caracterizariam um desvio com relação ao verificado no gênero, a partir do *corpus* de comparação.

Não nos parece que exista interferência clara da tarefa de tradução sobre a produção escrita, uma vez que a distribuição de usos de infinitivo e subjuntivo, por exemplo, é bastante semelhante entre os voluntários: 8 (infinitivo) e 19 (subjuntivo) no grupo que fez a tradução como primeira tarefa (V1 a V5) e 7 (infinitivo) e 17 (subjuntivo) no que não a fez inicialmente (V6 a V11). Observamos, porém, que os casos de infinitivo com mudança de sujeito concentram-se no grupo que fez a tarefa de produção livre antes da tradução (V6 e V7).

A seguir, fazemos referência a algumas menções dos voluntários sobre o uso de subjuntivo e infinitivo na redação.

V1 explicou que mudou, em duas oportunidades, I1 e I6, a construção com subjuntivo por infinitivo porque esta última forma “tem mais cara de receita”. Disse

ainda, sobre I10, que o subjuntivo, em “para que não murche”, “era mais contundente, mais forte do que ‘para murchar’”.

V2 comentou em I4 que a opção por infinitivo havia sido inconsciente, enquanto que a opção por subjuntivo, em I8, não. Disse ainda, em outro momento da entrevista, sobre I10, que o subjuntivo “é mais formal”.

V4, sobre I10, disse que “para que não murche” era “sonoramente ruim”. V7 apresenta uma justificativa semelhante para a opção por infinitivo, “para deixar” era “menos feio”.

V5 informou que a mudança de subjuntivo para infinitivo em I1 era decorrente de uma tentativa de fazer com o texto não fosse repetitivo. V6 usou a mesma justificativa, com relação a I6.

V10 informou que o infinitivo em I10 era necessário “porque era uma ação da pessoa”.

V11 explica ter mudado, em I4, a final “até ficar” por “até que fique” porque, com o infinitivo “ficava sem sujeito”. Além disso, a mudança era feita “para variar um pouco” a estrutura escolhida. Comentou ainda que o “infinitivo é mais impessoal” e o subjuntivo “destaca a pessoa”.

Seria possível afirmar, a partir dos dados da entrevista, que: **(i)** a escolha por um e outro quase sempre é inconsciente; **(ii)** em determinadas circunstâncias, dependendo do verbo empregado, o infinitivo parece ser a forma preferida, por não causar espécie no ouvinte, como “sole, murche”; **(iii)** por outro lado, o subjuntivo seria considerado mais “formal”, “forte” e “contundente”, ao “destacar” o sujeito, o infinitivo, por outro lado, não estaria dotado dessa mesma capacidade; **(iv)** a alternância entre as formas, por parte de um mesmo voluntário, pode dever-se a uma tentativa de não repetir a mesma estrutura ao longo do texto.

7.2.2.3 Produção Dirigida TC

Para a tarefa de Produção Dirigida, apresentamos algumas “Possibilidades” levantadas para cada uma das orações, um quadro com as “Ocorrências” encontradas e, em seguida, alguns “Comentários” sobre tais dados, uma “Síntese do observado no *Translog*” e nas “Entrevistas”.

Os fragmentos examinados na tarefa de COMPLETE foram os seguintes:

TEMPORAIS	
QUANDO	
1	“Dica” – quando _____ a engrossar, tire um pouquinho do fogo (...)
2	Quando _____ derreter no micro-ondas, pique bem o chocolate (...)
3	Quando _____ a endurecer, com a ajuda de uma espátula, vá empurrando e fazendo as casquinhas.
ATÉ	
4	Bater as gemas com o açúcar e o óleo até _____ homogêneo.
5	Vá mexendo até _____.
6	Tire um pouquinho do fogo e mexa rapidamente até _____.
7	Desligue o fogo e acrescente o chocolate picado até _____.
8	Vá mexendo para... até _____ por completo.
FINAIS	
PARA	
9	Levar para _____ em forno médio por aproximadamente 45 minutos.
10	Depois volte com ele ao fogo para _____ o amido, sempre mexendo.
11	Esta dica é para _____.
12	Pique bem o chocolate e, a cada 30 segundos, vá mexendo para _____.
13	Misture os três ingredientes ao seu gosto e regue o bolo para _____ bem molhadinho.

Quadro 114 – Fragmentos selecionados para a tarefa de produção dirigida

TEMPORAIS

Orações com “QUANDO”

Complete 1

Possibilidades

a) quando + **futuro do subjuntivo singular**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: quando **começar**

Ocorrências

QUADRO 115 – COMPARAÇÃO DE COMPLETE (C1) TC (“QUANDO”)		Tipo de Reformulação
1. “Dica” – quando _____ a engrossar, tire um pouquinho do fogo (...)		
V2_TC	o creme	
V3_TC	começar	
V4_TC	estiver prestes	P
V5_TC	o recheio começar	I
V6_TC	o recheio estiver prestes	
V7_TC	a calda	I
V8_TC	o chocolate começar	
V9_TC	a mistura	
V10_TC	começar	
V11_TC	começar	

Em “Tipo de reformulação”: I: imediata; P: fase de produção; R: fase de revisão.

Comentários

Excetuando-se os casos de V2, V7 e V9_TC, que parecem não ter se dado conta da preposição antes do verbo “engrossar”, todos os demais completaram o texto de forma coerente. Em 50% das ocorrências, utilizou-se o verbo “começar”, como estava previsto, na forma de futuro do subjuntivo. Os 20% restantes, V4 e V6, empregaram o verbo “estar” também no futuro do subjuntivo. Vale mencionar que a escolha deste último verbo, apesar de possível, provavelmente não teria o efeito esperado para a correta elaboração do prato.

Com relação à ordem de execução das tarefas, não é possível distinguir entre os resultados obtidos pelos sujeitos que realizaram essa tarefa depois (V2 a V6) e aqueles que a fizeram antes da tradução (V7 a V11).

Síntese do observado no Translog

70% dos sujeitos (V2, V3, V6, V8, V9, V10 e V11_TC) não realizam reformulações nesse trecho.

V4_TC, depois de completar o item 5, retorna ao item 1 e reformula a opção inicial “a massa” por “estiver prestes”.

V5_TC apaga imediatamente o verbo “engrossar” e utiliza “começar”.

V7_TC substitui “o caldo” por “a calda”.

Entrevistas

Em 70% dos casos (V2, V3, V6, V8, V9, V10 e V11_TC) não há referências a esse fragmento.

V4_TC informou: “essa, eu mudei, eu não tinha percebido que tinha esse ‘a’”.

V5_TC comentou a modificação realizada: “aí depois eu apago, porque eu vejo que tem o ‘engrossar’ já aqui”.

V7_TC explicou que nesse fragmento: “eu fiquei em dúvida se caldo era feminino ou calda”.

Complete 2

Possibilidades

a) quando + **futuro do subjuntivo singular**

Correferência entre os sujeitos

Ex: quando **for, colocar para**

Ocorrências

QUADRO 116 – COMPARAÇÃO DE COMPLETE (C2) TC (“QUANDO”)		Tipo de Reformulação
2. Quando _____ derreter no micro-ondas, pique bem o chocolate (...)		
V2_TC	for	R
V3_TC	for	
V4_TC	for	
V5_TC	colocar o chocolate para	I
V6_TC	for	
V7_TC	for	
V8_TC	o chocolate começar a	I
V9_TC	you colocar o chocolate para	
V10_TC	for	
V11_TC	for	I

Comentários

O item 2, diferentemente do primeiro (C1), previa o uso de um verbo em que se mantivesse a correlação entre os sujeitos das duas orações. Isso só não se verifica em V8_TC, que utilizou uma formulação possível de um ponto de vista gramatical, mas incoerente, já que o sujeito da oração subordinada, “chocolate”, não pode ser picado depois

de já ter começado a derreter, como consta no texto desse voluntário. 70% dos sujeitos optaram pelo verbo “ir” e 20% pelo verbo “colocar”, sempre com futuro do subjuntivo.

Não se pôde distinguir os resultados com relação à ordem de execução das tarefas.

Síntese do observado no Translog

Em 70% dos casos (V2, V3, V5, V7, V8, V10 e V11_TC) não houve reformulação no trecho.

V4_TC muda, durante a revisão, “precisar” por “for”.

V9_TC reformula imediatamente “quando o chocolate” por “quando você colocar o chocolate para”.

Entrevistas

70% dos voluntários (V2, V3, V4, V5, V7, V8 e V11_TC) não fazem referência a esse fragmento.

V6_TC comentou: “Aí eu pensei, ‘o chocolate for derreter’, mas já tá aqui de novo [o chocolate], então não vai poder ser isso. Então eu achei que talvez só usando o verbo funcione, ‘quando for derreter no micro-ondas’, eu acabei só optando por isso”.

V9_TC disse: “Eu fiquei pensando, ‘quando o chocolate derreter no chocolate, pique bem o chocolate e, a cada 30 segundos’, aí eu coloquei. Achei estranho, achei melhor ‘quando você colocar o chocolate para derreter no micro-ondas’”.

V10_TC informou que havia saltado esse fragmento “porque não tinha opção, depois pensei e resolvi seguir [com o texto] para depois voltar”.

Complete 3

Possibilidades

a) quando + **futuro do subjuntivo singular**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: quando **começar**

Ocorrências

QUADRO 117 – COMPARAÇÃO DE COMPLETE (C3) TC (“QUANDO”)		Tipo de Reformulação
3. Quando _____ a endurecer, com a ajuda de uma espátula, vá empurrando e fazendo as casquinhas.		
V2_TC	começar
V3_TC	começar	
V4_TC	estiver prestes	
V5_TC	o chocolate começar	
V6_TC	começar	
V7_TC	o chocolate estiver prestes
V8_TC	o chocolate começar	
V9_TC	cada pedaço de chocolate começar	
V10_TC	começar
V11_TC	começar	

Comentários

Em 80% dos casos (exceto em V4 e V7, mais adiante comentados) foi usado o verbo “começar” em futuro do subjuntivo singular. Distingue-se entre o sujeito da principal [+humano] e o sujeito da subordinada [-humano, igual a “chocolate”]. Os 20% restantes, V4 e V7, empregaram o verbo “estar” também no futuro do subjuntivo. Essa última escolha parece ser inadequada, especialmente se levarmos em conta que os consulentes não obteriam o resultado esperado na receita.

Não é possível distinguir a produção quanto à ordem de execução das tarefas.

Síntese do observado no Translog

Apenas V9_TC realiza alguma modificação nesse trecho, ao incluir o verbo “começar” em “cada pedaço de chocolate começar”.

Entrevistas

V9_TC comentou: “aí eu olhei, tinha ‘endurecer’... e depois eu vi que era ‘a endurecer’, então (...) Eu acho que eu vou mudar ainda”.

Os demais não se referem a esse trecho.

Orações com “ATÉ”

Complete 4

Possibilidades

a) até + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: até **obter, conseguir** um creme.

b) até + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até **ficar, estar**.

c) até que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até que **fique, esteja**.

Ocorrências

QUADRO 118 – COMPARAÇÃO DE COMPLETE (C4) TC (“ATÉ”)		Tipo de reformulação
4. Bater as gemas com o açúcar e o óleo até _____ homogêneo.		
V2_TC	que o creme fique	R
V3_TC	ficar	
V4_TC	que fique	
V5_TC	ficar	
V6_TC	ficar	
V7_TC	que tudo esteja bem	
V8_TC	ficar	I
V9_TC	ter um aspecto	I
V10_TC	obter um creme	I
V11_TC	ficar	

Em “Tipo de reformulação”: I: imediata; P: fase de produção; R: fase de revisão.

Comentários

Há 70% de construções com a temporal “até” seguida de infinitivo. Observa-se mudança de sujeito com relação à oração principal em 60% dos casos (V3, V5, V6, V8, V9 e V11_TC). Em 30% desses (V2, V4 e V7_TC), empregou-se um verbo no modo

subjuntivo para marcar a não coincidência entre os sujeitos das duas sentenças. Houve correferência entre os sujeitos e, portanto, infinitivo, em 10% (V10_TC) dos casos.

Embora a diferença seja muito pequena, observamos que os voluntários que realizaram a tarefa de complete antes da de tradução utilizaram mais estruturas temporais com infinitivo (V7 a V11) do que os sujeitos do outro grupo (V2 a V6).

Síntese do observado no Translog

Em 60% dos casos (V2, V4, V5, V6, V7 e V11_TC) não constatamos correções/reformulações relativas a infinitivos/subjuntivos na temporal em questão.

O voluntário V3_TC alterou, na fase de revisão, a formulação sintática com subjuntivo “até que fique” por uma oração com infinitivo “até ficar”.

V8_TC utiliza “até que a mistura fique”, mas imediatamente substitui essa formulação por “até ficar”.

V9_TC emprega “até o aspecto se tornar” e logo altera a construção por “até ter um aspecto”.

V10_TC completou inicialmente o trecho com “um creme” e em seguida incluiu o verbo “obter”.

Entrevistas

50% dos sujeitos (V2, V4, V6, V7 e V11_TC) não se referem especificamente a esse fragmento na entrevista.

V3_TC comentou: “‘até que fique homogêneo’, porque o que que fica homogêneo, um ‘caldo’? Eu só pensei em ‘caldo’, mas poderiam ser outras palavras. No final ficou ‘até ficar homogêneo’, não tinha necessidade...”

V5_TC explicou: “eu ia colocar ‘até a massa ficar homogênea’ (...) Mas é ‘homogêneo’. Tinha que colocar uma palavra... (...) para manter a concordância. Então eu deixei geral, ‘para ficar homogêneo’”.

Questionado sobre a alteração da estrutura “até que a mistura fique homogênea”, V8_TC disse: “Eu tirei porque já tem ‘homogêneo’”.

V9_TC informou sobre a reformulação no trecho: “é... eu fiquei pensando, será que a massa tem aspecto? Sabe, eu fiquei muito assim, e aí, no caso, eu resolvi colocar melhor”.

V10_TC observou: “faltou ‘obter’”, por isso retornou a esse trecho e incluiu o verbo.

Complete 5

Possibilidades

a) até + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: até **obter** um creme, **misturá-los**.

b) até + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até o creme **ficar**, **estar** incorporado.

c) até que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até que **fique**, **esteja**, **engrosse**.

Ocorrências

QUADRO 119 – COMPARAÇÃO DA COMPLETE (C5) TC (“ATÉ”)		Tipo de Reformulação
5. Vá mexendo até _____.		
V2_TC	que fique cremoso.	
V3_TC	formar um caldo	
V4_TC	que esteja bem misturado	I
V5_TC	misturar bem os quatro ingredientes	R
V6_TC	engrossar	
V7_TC	a calda engrossar	I
V8_TC	misturar todos os ingredientes	I
V9_TC	se tornar uma mistura com uma aparência mais líquida	I e P
V10_TC	engrossar	I
V11_TC	engrossar	

Comentários

Verificamos 80% de construções com infinitivo. Nelas há coincidência entre os sujeitos da oração principal e da subordinada em três casos (V3, V5 e V8) e mudança de sujeito em dois (V7 e V9). Nas três outras ocorrências de infinitivo (V6, V10 e V11) há utilização de um verbo, “engrossar”, que permite dupla interpretação: a identificação correferencial (a mistura engrossar) e não correferencial (quem faz a receita engrossa a mistura).

Em 20% dos casos (V2 e V4_TC) ocorre subjuntivo, com clara mudança de sujeito com relação à oração principal. Os verbos utilizados em subjuntivo (“ficar” e “estar”) poderiam ter sido empregados também em infinitivo, sem que isso pressupusesse qualquer tipo de ambiguidade ou dificuldade na identificação de seus sujeitos, isso porque tais verbos não poderiam ser considerados correferenciais com o sujeito da oração principal.

Os voluntários que realizaram a tarefa de produção dirigida antes da de tradução empregaram, em sua totalidade, o modo infinitivo. Os demais voluntários alternaram entre as formas de infinitivo e subjuntivo.

Síntese do observado no Translog

40% dos sujeitos (V2, V3, V6 e V11_TC) não apresentam reformulação no trecho.

V4_TC substitui a forma finita “até dissolver” pela forma subjuntiva “até que esteja bem misturado”.

V5_TC, na fase de revisão, reelabora “até ganhar consistência” por “até misturar bem os quatro ingredientes”. Observamos que, apesar de manter-se infinitivo nas duas opções, na primeira formulação o sujeito da oração subordinada não coincide com o da principal, mas na segunda sim.

V7_TC utiliza o verbo “ferver” e depois o substitui por “a calda engrossar”.

V8_TC troca o verbo “engrossar” por “misturar todos os ingredientes”.

V9_TC substitui “aparência consistente” por “homogênea” e, depois de completar o item 6, retorna a essa construção e substitui “homogênea” por “mais líquida”.

V10_TC usa inicialmente “obter uma mistura”, mas depois a substitui por “engrossar”.

Entrevistas

30% dos sujeitos (V6, V10 e V11_TC) não mencionam esse fragmento na entrevista.

V2_TC comentou: “eu coloquei ‘homogênea’ e depois eu achei que iria ter que escrever de novo essa palavra e eu coloquei ‘cremoso’, achei que combinava mais. (...) Poderia ser ‘até ficar cremoso’, eu usaria. (...) Acho que [a construção utilizada] foi a primeira coisa que eu pensei.”

V3_TC relatou sobre o trecho: “é falta de repertório mesmo, ‘vá mexendo até ficar... misturado, homogêneo (...) também não cheguei a nenhuma conclusão, porque também não é dissolver, né?”.

V4_TC explicou o uso de subjuntivo: “na verdade é o infinitivo quando for o mesmo sujeito e subjuntivo quando for diferente (...) Você mexe para que o negócio fique bem misturado”.

V5_TC informou: “eu não sabia o que completar. (...) No final, eu mudo ainda”.

V7_TC comentou sobre esse fragmento: “fiquei tentando buscar um termo próprio de texto desse gênero.” Perguntado sobre a forma verbal, nesse caso utilizada, disse: “na verdade não me ocorreu, foi uma decisão assim, aleatória, não pensei exatamente na mensagem que o subjuntivo ou o... o...infinitivo”.

V8_TC disse ter se detido um pouco nesse trecho: “na verdade, eu acho que eu tava pensando que eu ia colocar aí (...) Acho que aqui já tem ‘engrossar’ (...) Como eu tinha pensado ‘engrossar’ para o 3, aí eu vi que ‘engrossar’ tava no 4, aí eu falei, bem, o que eu vou colocar aqui”.

V9_TC relatou dúvidas nesse ponto: “foi naquela coisa que eu falei dos ingredientes. (...) É, será que eu vejo pelo texto aqui, que poderia inserir ou não, ou retomo os ingredientes e me prendo a uma receita mesmo, sabe? (...) Eu sou uma péssima cozinheira. (...) Eu falei, será que eu tô falando besteira? (...) Talvez... agora eu não lembro, mas eu acho que ‘consistente’ para massa, eu não sabia se a ‘mistura consistente’, sei lá, eu achei que era melhor ‘homogênea’”.

Complete 6

Possibilidades

a) até + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: até **obter** um creme, **homogeneizar**.

b) até + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até o creme **ficar**, **estar** homogêneo, frio.

c) até que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até que **fique, esteja, engrosse, esfrie**.

Ocorrências

QUADRO 120 – COMPARAÇÃO DA COMPLETE (C6) TC (“ATÉ”)		Tipo de Reformulação
6. Tire um pouquinho do fogo mexa rapidamente até _____.		
V2_TC	esfriar
V3_TC	que fique homogêneo	
V4_TC	que a cobertura adquira uma consistência firme	
V5_TC	voltar à consistência normal	
V6_TC	ele ficar uniforme	
V7_TC	desaparecerem as bolhas de ar
V8_TC	dar o ponto desejado	
V9_TC	ficar pastosa	
V10_TC	esfriar um pouco	
V11_TC	esfriar um pouco	

Comentários

O uso de verbos com infinitivo prevaleceu em 80% dos casos. Verificamos que em 4 desses (V5, V6, V7 e V9) há mudança de sujeito. Nos demais (V2, V8, V10 e V11), pode-se considerar que os verbos apresentam interpretação ambígua quanto ao seu sujeito, podendo referir-se tanto ao mesmo sujeito do verbo da oração principal, como a um sujeito distinto: i) aquele que mexe a mistura é também aquele que esfria/dá ponto (n)a massa ou ii) um dado sujeito mexe a mistura e quem esfria é a massa/o processo de mexer é que dá ponto da massa.

Apenas 20% dos voluntários (V3 e V4) utilizam subjuntivo na subordinada embora, pelos verbos escolhidos, também pudesse ser empregado o modo infinitivo, em “até ficar homogêneo” e “até a cobertura adquirir”.

Pode-se dizer, com relação à ordem das tarefas, que os sujeitos que realizaram a tarefa produção dirigida antes da de tradução empregaram, em sua totalidade, o modo infinitivo. Para aqueles que realizaram primeiro a tarefa de tradução, houve alternância entre as formas de infinitivo e subjuntivo.

Síntese do observado no Translog

Não há reformulação em nenhum dos casos.

Entrevistas

50% dos sujeitos (V3, V4, V7, V8, V9_TC) não se referem a esse fragmento.

V2_TC, quando perguntado sobre uso do infinitivo nesse caso, disse: “eu colocaria ‘até que esfrie’, não sei por que, eu acho que eu coloquei a primeira coisa que me veio na cabeça. (...) Mas nesse caso eu colocaria. No caso de ‘cozinhar’ eu jamais colocaria de outra forma, porque eu acho que é muito, a ação mesmo, eu acho que tem que fazer agora, como ‘assar’, tinha que estar no infinitivo, sem dúvida.”

V5_TC comentou: “é que são tantas as opções que você pode pôr. Isso também dá dificuldade, né?”.

V6_TC foi questionado sobre a opção pela forma infinitiva nesse caso e pela forma subjuntiva em outras tarefas. Disse que “nessa eu acho que eu sei por que. Porque ele [o texto] começou, ‘bater as claras, bater as gemas’, se tem um culpado é ele mesmo [o próprio texto]”.

V10_TC informou ter se detido nesse fragmento: “Para encaixar, por não imaginar mesmo, ‘tirar um pouquinho do fogo e mexa rapidamente, para quê?’”

V11_TC relatou: “essas foram as piores, assim. (...) Umas coisas que eu não sei se é bem real, mas tudo bem”.

Complete 7

Possibilidades

a) até + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: até **incorporar**.

b) até + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até **ficar, estar** derretido.

c) até que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até que **fique, esteja, derreta**.

Ocorrências

QUADRO 121 – COMPARAÇÃO DA COMPLETE (C7) TC (“ATÉ”)		Tipo de Reformulação
7. Desligue o fogo e acrescente o chocolate picado até _____.		
V2_TC	derreter	
V3_TC	se incorporar à mistura	R
V4_TC	dissolver	
V5_TC	o momento em que o calor da panela possa derreter o chocolate.	
V6_TC	o receio ficar bem escuro	
V7_TC	derreter	
V8_TC	a panela ficar totalmente preenchida	I
V9_TC	a mistura ficar mais escura, mas não muito	
V10_TC	derreter	
V11_TC	derreter	

Comentários

Excetuando-se V5_TC, todos os 90% restantes utilizam infinitivo nessa construção.

Em 40% há mudança de sujeito com relação à oração principal: V3, V6, V8 e V9. Nos demais casos, em que se utiliza o verbo “derreter” (V2, V7, V10 e V11) e o verbo “dissolver” (V4), a interpretação é, pelo menos inicialmente, ambígua: pode-se entender que o mesmo sujeito que acrescenta o chocolate também o derrete/dissolve ou que o sujeito de “derreter/dissolver” é “chocolate”.

Não há dados que nos permitam diferenciar os resultados finais no que diz respeito à ordem de realização das tarefas.

Síntese do observado no Translog

Apenas V3 e V8 reformulam esse fragmento.

V3_TC substitui, na fase de revisão, o subjuntivo “até que se incorpore” por “até se incorporar”.

V8_TC inicialmente completou a oração com “encrementar”, depois com “dar um toque especial” e por último “a panela ficar totalmente preenchida”.

Entrevistas

40% dos sujeitos (V6, V9, V10 e V11_TC) não fazem menção a esse trecho.

V2_TC comentou: “eu também não tava entendendo a que se referia (...)” Sobre a opção por infinitivo/subjuntivo, disse: “Eu também usaria ‘até que derreta’, mas eu coloquei a primeira coisa que me veio à cabeça”.

Sobre o uso de infinitivo, V3_TC disse: “[o próprio o texto o levou] a usar mais o infinitivo”. Informou ainda que, se fizesse uma revisão nesse texto, “pelo menos deixaria tudo no subjuntivo ou tudo no infinitivo”.

V4_TC explicou: “É ‘até você dissolver tudo’”. A partir dessa justificativa, poderíamos reformular nossa observação inicial nos “Comentários” e caracterizar o sujeito da oração subordinada como coincidente com o da oração matriz.

V5_TC relatou: “É, eu não sabia ‘até o quê’, ‘até meia panela’, ‘até o quê’, aí eu pensei, ‘até o momento em que não dá mais para derreter’, como solução”.

V7_TC referiu-se ao trecho da seguinte forma: “Eu fiquei pensando o que aconteceria depois”.

V6_TC manifestou dificuldade nesse fragmento: “Aí também eu falei, ‘mas até o quê’? Aí eu falei ah, ‘até a panela ficar preenchida de chocolate picado’, sei lá”.

Complete 8

Possibilidades

a) até + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: até **misturar**.

b) até + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até **ficar** derretido.

c) até que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até que **fique, esteja, derreta**.

Ocorrências

QUADRO 122 – COMPARAÇÃO DA COMPLETE (C8) TC (“ATÉ”)		Tipo de Reformulação
8. Vá mexendo para... até _____ por completo.		
V2_TC	que fique derretido
V3_TC	misturar	
V4_TC	derretê-lo	
V5_TC	que o chocolate esteja derretido	
V6_TC	ele derreter	
		R
V7_TC	derreter tudo
V8_TC	que o chocolate esteja derretido	
V9_TC	ficar líquido	
V10_TC	derreter	
V11_TC	derreter	

Comentários

Apesar de bastante semelhante ao item 7 anterior, as soluções para o complete 8 foram diferentes em alguns casos.

Encontramos infinitivo em 70% das construções (V3, V4, V6, V7, V9, V10 e V11). Em V6 e V9 observa-se mudança de sujeito com relação à oração principal. Em V6, essa identificação pode ser feita especialmente pela presença do pronome pessoal “ele”, na posição pré-verbal. Em V3, V4 e V7 há manutenção do mesmo sujeito da oração principal na subordinada, em V4 com a presença do pronome obliquo “o” na posição de objeto direto, e V7 devido ao elemento “tudo” após o verbo “derreter”. V10 e V11 também lançam mão do verbo “derreter”, mas a identificação de seu sujeito não é clara.

Em 30% dos casos (V2, V5 e V8) há presença de subjuntivo, escolha que marca, nesses casos, a mudança do sujeito. Vale dizer que verbos empregados com esse modo verbal em C8, “ficar” e “estar”, permitiriam formas de infinitivo sem que isso resultasse em sentenças ambíguas.

Apesar do emprego de subjuntivo em ambos os grupos, verifica-se que seu uso é mais restrito no caso daqueles sujeitos que realizaram a produção dirigida antes da tradução. Evidentemente, em razão da pequena diferença, esses dados não podem ser considerados conclusivos.

Síntese do observado no Translog

Apenas V6_TC realiza algum tipo de reformulação nesse fragmento, ao incluir, na fase de revisão, o pronome “ele”, esclarecendo, assim, que os sujeitos da oração principal e da subordinada não são correferenciais.

Entrevistas

60% dos sujeitos (V3, V6, V7, V9, V10 e V11_TC) não se referem a esse trecho.

V2_TC comentou: “Eu também não sabia... É que eu já tinha escrito ‘derretido’. (...) E eu tinha que colocar ‘derretido’ de novo. (...) Aí eu tirei o outro ‘derretido’ de cima e coloquei só em baixo.” Explicou ainda, sobre a estrutura subordinada com subjuntivo: “É que eu acho que aqui precisava do ‘que’, o ‘que’ era meio que, remetendo ao ‘chocolate’, que o ‘chocolate’ tinha que derreter. (...) Porque se eu falasse ‘até derreter’ ficava meio vago”.

V4_TC explicou quem é o sujeito do verbo: “[é você] que vai derreter”.

V5_TC informou sobre a escolha da estrutura com subjuntivo: “eu acho que é algo um pouco inconsciente”.

V8_TC, perguntado sobre a construção utilizada, disse: “Não foi consciente. É mais assim, porque eu fiquei pensando, o que que eu vou colocar aqui, (...) de repente eu parei para pensar mais e achei que na hora de escrever ali, dessa forma ficou melhor. (...) Eu acho que porque... eu fiquei muito tempo pensando nela, as que eu acabo pensando mais, as outras também, que eu mexi nessa parte, que eu mudei de infinitivo para subjuntivo, é tudo sem, não foi nem porque eu pensei, assim, eu coloquei, agora você falando é que eu percebi”.

FINAIS

Orações com “PARA”

Complete 9

Possibilidades

a) para + **infinitivo não flexionado**

Ambiguidade entre os sujeitos

Ex: para **assar**.

b) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para que **asse**.

Ocorrências

QUADRO 123 – COMPARAÇÃO DA COMPLETE (C9) TC (“PARA”)		Tipo de Reformulação
9. Levar para _____ em forno médio por aproximadamente 45 minutos.		
V2_TC	assar	
V3_TC	uma forma untada e polvilhada com farinha	I
V4_TC	assar	
V5_TC	assar	
V6_TC	assar	
V7_TC	assar	
V8_TC	assar	
V9_TC	uma forma untada e deixar	
V10_TC	assar	
V11_TC	assar	

Comentários

Excetuando-se os casos de V3 e V9, que não utilizaram uma oração final, nos demais casos foi empregado o verbo “assar” seguido de infinitivo. Assim como os verbos “derreter” e “dissolver” antes discutidos, também o verbo “assar” pode apresentar uma dupla interpretação quanto ao seu sujeito em língua portuguesa. No exemplo em foco, podemos ter: i) quem leva ao forno o bolo também o assa ou ii) uma dada pessoa leva o bolo ao forno para ele (o bolo) assar.

Não há informações que nos levem a diferenciar a produção dos sujeitos que fizeram essa tarefa antes ou depois da tradução.

Síntese do observado no Translog

Em 90% dos casos (V2, V4, V5, V6, V7, V8, V9, V10 e V11_TC) não há reformulação.

V3_TC reelabora “uma forma untada e peneirada” por “uma forma untada e polvilhada”.

Entrevistas

40% dos voluntários (V5, V8, V9, V10_TC) não se referem a esse trecho.

V2_TC comentou: “a ação mesmo, eu acho que tem que fazer agora (...) tinha que estar no infinitivo, sem dúvida”.

V3_TC disse: “é porque, pra mim, havia necessidade de levar o que para o que, sabe? Levar a... eu tinha, porque não ficou claro, terminou de fazer a receita, tá num vasilhame, e você leva o vasilhame para o forno. (...) É, ficou faltando essa parte da receita e, como já era diretamente para levar para o forno, era essa a alternativa (...) Eu faço essa confusão, porque farinha pra mim tem que ser peneirada”.

V4_TC explicou a escolha da forma verbal: “Essa daí, eu acho que essa escolha, de infinitivo ou não, acho que foi um pouco mais consciente. Porque eu tenho uma impressão. (...) Acho que é uma impressão mesmo, acho que não tem nenhuma regra que fala isso. (...) Quando você usa o infinitivo, por exemplo ‘ao forno para não queimar’, que você leva para você não queimar o negócio. (...) Mas quando você usa o ‘para que’, seria ‘leve ao forno para que não queime’ é para que a coisa não queime. (...) Assim, é ele, não você. (...) Nessa frase específica sim. Na verdade é o infinitivo quando for o mesmo sujeito e subjuntivo quando for diferente”.

V6_TC relatou ter se detido nesse trecho: “É que eu fiquei pensando ‘levar para...?’ Mas só pode ser ‘para assar’. (...) E eu parei um pouquinho para ler a receita”.

V7_TC comentou que a indecisão sobre o fragmento: “Acho que foi o mesmo caso do primeiro exercício, de decidir, tentar recuperar assim o passo a passo de uma receita”.

V11_TC referiu-se ao uso de infinitivo: “Então, eu não pensei muito, fui mais ou menos (...) Sim, como é o costume de receitas, pra mim, receitas normalmente são daquele jeito. (...) Eu acho estranho quando eu pego uma receita. É tá assim no infinitivo [referindo-se os verbos de instrução iniciais], mas ela começou assim e eu continuei”.

Complete 10

Possibilidades

a) para + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: para **misturar, dissolver, cozinhar** o amido.

b) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para que **dissolva, cozinhe** o amido.

Ocorrências

QUADRO 124 – COMPARAÇÃO DA COMPLETE (C10) TC (“PARA”)		Tipo de Reformulação
10. Depois volte com ele ao fogo para _____ o amido, sempre mexendo.		
V2_TC	cozinhar o amido	I
V3_TC	dissolver	
V4_TC	colocar	R
V5_TC	dissolver	
V6_TC	continuar o processo e acrescenta aos poucos	
V7_TC	misturar	
V8_TC	dissolver	
V9_TC	acrescentar o açúcar e	
V10_TC	cozinhar	
V11_TC	cozinhar	

Comentários

Embora tenhamos dito que o verbo “dissolver” (e também “cozinhar”) possa ser caracterizado como ambíguo em determinadas circunstâncias, esse não parece ser o caso do fragmento 10. Aqui, devido à presença do objeto pós-verbal “amido”, a possibilidade de interpretar o verbo como não correferencial – ou seja, de que se referisse a outro sujeito que não o mesmo do verbo “voltar” – é bem reduzida. Em 30% dos casos (V3, V5 e V8) utilizou-se “dissolver”, em 30% “cozinhar” (V2, V10 e V11) e nos 40% restantes os verbos: colocar (V4), continuar (V6), misturar (V7) e acrescentar (V9), em todos os casos, com infinitivo.

Não há dados que nos permitam diferenciar o produto dos sujeitos quanto à ordem de execução das tarefas.

Síntese do observado no Translog

Apenas V2 e V4_TC apresentam reformulações nesse trecho.

V2 inicia a construção com o verbo “dissolver”, mas o substitui por “cozinhar”.

V4 troca, na fase de revisão, o verbo “dissolver” por “colocar”.

Entrevistas

40% dos sujeitos (V5, V7, V8, V10_TC) não se referem a esse trecho.

V2_TC informou a alteração verificada: “eu tinha colocado ‘dissolver o amido’, mas já tinha ‘dissolver’, daí eu mudei”.

V3_TC relatou: “também não cheguei a nenhuma conclusão, porque também não é ‘dissolver’, né?”.

V4_TC comentou quem era o sujeito na oração final: “você coloca e você mexe”.

V6_TC informou: “eu fiquei pensando, só para acrescentar o amido vai ficar um pouco estranho”.

V9_TC referiu dúvidas quanto à construção desse fragmento: “esse ‘o amido’ me deixou... eu não sabia como que eu ligava esse ‘o amido’”.

V11_TC explicou que este item (10), junto com o anterior (9) “foram os piores”.

Complete 11

Possibilidades

a) para + **infinitivo não flexionado**

Ambiguidade entre os sujeitos

Ex: para não **empelotar**.

b) para + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: para não **deixar** grumos.

c) para + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para **ficar** bem dissolvido.

d) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para que não **empelote**.

Ocorrências

QUADRO 125 – COMPARAÇÃO DA COMPLETE (C11) TC (“PARA”)		Tipo de Reformulação
11. Esta dica é para _____.		
V2_TC	os novos cozinheiros	I
V3_TC	a mistura não empelotar	R
V4_TC	que o recheio não empelote	
V5_TC	que o recheio não “empelote”	I
V6_TC	não empelotar o creme	R
V7_TC	deixar a calda mais cremosa	I
V8_TC	dar um toque especial ao recheio	I
V9_TC	a cobertura não ficar muito doce	I
V10_TC	o creme não encaroçar	I
V11_TC	não empelotar	

Comentários

Em 70% das ocorrências encontramos infinitivo (V3, V6, V7, V8, V9, V10 e V11). O verbo “empelotar” é utilizado em três desses sete casos, mas a determinação do sujeito da subordinada é diferente em cada um deles: em V3 o termo “a mistura” é colocado na posição pré-verbal, o que indicaria que esse é o sujeito da oração dependente; em V6 a posição pós-verbal apontaria que o elemento “o creme” é objeto e que o sujeito de “empelotar” é o mesmo do verbo da principal; em V11, por sua vez, a interpretação é ambígua. Em V10 também se especifica que os sujeitos não são coincidentes: o elemento “creme” na posição pré-verbal evidencia que esse é o sujeito da oração subordinada. Em V7 (com o verbo “deixar”) e V8 (com o verbo “dar”) nota-se que os sujeitos são correferenciais aos da oração principal.

Em 20% das ocorrências há presença de subjuntivo (V4 e V5) e mudança de sujeito com relação à oração matriz, ambos com o verbo “empelotar”.

Em um dos casos (V2) não se utilizou uma oração final.

Os sujeitos do grupo que realizaram esta tarefa antes da de tradução empregaram, todos, o modo infinitivo. Os que realizaram a tarefa de tradução inicialmente apresentam tanto infinitivo quanto subjuntivo em sua formulação.

Síntese do observado no Translog

V4 e V11_TC não reformulam esse trecho.

V2_TC substitui “iniciantes” por “novos cozinheiros”.

V3_TC inicia a oração com “para que não se formem bolhas na mistura” e, na fase de revisão, altera-a por “para a mistura não empelotar”.

V5_TC substitui “para que não apareçam pelotas no recheio” por “para que não empelote”.

V6_TC incluiu “o creme” após o verbo na fase de revisão.

V7_TC reelabora “não empelotar a calda” por “deixar a calda mais cremosa”.

V8_TC troca “a cobertura” por “dar um toque especial”.

V9_TC muda “chocolate” por “a cobertura não ficar muito doce”.

V10_TC substitui “para que fique encaroçada” por “para não encaroçar”.

Entrevistas

V2, V4, V11_TC não mencionam esse fragmento.

V3_TC mencionou que: “aí depois eu lembrei que na verdade tem um termo: a gente usa empelotar”.

V5_TC comentou sobre o uso de subjuntivo: “eu poderia colocar ‘para o recheio não empelotar’ (...) talvez [tenha usado essa forma] para não repetir a mesma construção”.

V6_TC referiu-se a esse trecho: “É para o quê? Então, eu coloquei ‘empelotar’, depois eu vi que era para ‘não empelotar’”. Sobre a inclusão, na fase de revisão, de “o creme”, na posição pós-verbal, comentou “É que se não colocar para que é você mesmo que vai empelotar, se eu não fizer isso, então é melhor especificar o ‘creme’”.

V7_TC, perguntado sobre a reformulação, informou: “Não lembro agora porque eu mudei. (...) Mas um processo que aconteceu, ao longo do texto, é que conforme eu ia me adentrando mais, ia ficando mais claro o, a, o anterior”.

V8_TC comentou a modificação feita: “eu gosto de toques especiais. (...) Tem sempre uma coisinha que dá um diferencial”.

V9_TC explicou: “Porque assim, eu olhei, ‘esta dica é para *** chocolate’, é ‘para o chocolate não ficar muito doce’, na verdade não é o chocolate, é a cobertura do bolo. Eu ia mudando à medida que eu ia vendo o texto mais adiante”.

V10_TC informou: “Aí eu não sabia se ia escrever ‘para que não fique encaroçada’. (...) É, achei que ficava melhor [não encaroçar]. (...) É, mas eu não gostei do ‘encaroce’. (...) ‘Para não encaroçar’. É. Assim, eu gostei, eu achei que ficou bonitinho”.

Complete 12

Possibilidades

a) para + **infinitivo não flexionado**

Ambiguidade entre os sujeitos

Ex: para **dissolver**, não **queimar**.

b) para + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: para **misturar**.

c) para + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para **ficar** bem dissolvido, derretido.

d) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até que não **queime**, **dissolva**, **derreta** bem.

Ocorrências

QUADRO 126 – COMPARAÇÃO DA COMPLETE (C12) TC (“PARA”)		Tipo de Reformulação
12. Pique bem o chocolate e, a cada 30 segundos, vá mexendo para _____		
V2_TC	dissolver o chocolate	
V3_TC	dissolver	I
V4_TC	que não queime	R
V5_TC	facilitar o derretimento	
V6_TC	que a ação do calor se faça sentir por igual	R
V7_TC	desgrudar as partes sólidas	
V8_TC	a cobertura não queimar	
V9_TC	não engrossar	
V10_TC	não queimar	
V11_TC	não misturar	

Comentários

Encontramos 80% (V2, V3, V5, V7, V8, V9, V10 e V11) de orações finais seguidas de infinitivo. Em V3, V9 e V10 observa-se ambiguidade na interpretação, com

os verbos “dissolver”, “engrossar” e “queimar”. Estes podem ser correferenciais com o mesmo sujeito da oração principal ou com o seu objeto, “chocolate”. Em V2, V5, V7 e V11 verifica-se coincidência entre os sujeitos das duas orações. No caso de V2, embora o verbo seja também “dissolver”, a posição pós-verbal do elemento “chocolate” poderia indicar que este não ocupe a posição de sujeito sintático, embora, numa interpretação inacusativa, essa interpretação não fosse impossível. Em V8, apesar do verbo ter sido também caracterizado como ambíguo, a presença do elemento “cobertura” na posição pré-verbal aponta que este é o sujeito da oração subordinada.

Nos demais 20% (V4 e V6) verificamos a presença do modo subjuntivo e a mudança de sujeito com relação à oração principal, no primeiro caso, com o sujeito “chocolate” e, no segundo, com “a ação do calor”.

Todos os voluntários que realizaram a tarefa de produção dirigida antes da de tradução utilizaram infinitivo. Os demais oscilaram entre uma e outra forma.

Síntese do observado no Translog

30% dos sujeitos apresentam algum tipo de reformulação, a saber:

V3_TC muda o verbo “incorporar” por “dissolver”.

V4_TC substitui, na fase de revisão, “ajudar a derreter” por “que não queime”.

V6_TC reelabora “as partes derretam por igual” por “a ação do calor se faça sentir por igual”.

Entrevistas

50% dos sujeitos (V2, V5, V7, V9, V10_TC) não se referem a esse fragmento.

V3_TC comentou: “No final, as soluções são muito parecidas, né, pelo contexto mesmo, é uma receita, são receitas, então, são termos comuns e não tem como fugir muito disso, é o ‘incorporar, o adicionar, juntar, bater’, não sai muito, e até se você quiser, buscar algo diferente não vai fazer sentido para aquela pessoa que está acostumada com receita. Acho que no final eu deixei ‘dissolver’”.

V4_TC informou: “É, você mexe para que o negócio não queime”.

V6_TC disse: “Depois eu acabei mudando. (...) Para não precisar repetir o verbo derreter. (...) ‘Até a ação do calor sentir fazer...’ Eu acho que é porque eu não consegui encontrar, ‘até a ação do calor sentir...’, ‘até que a ação’”.

V8_TC relatou: “É porque ficou uma coisa meio vaga, ‘para o quê’? Eu falei, ah, não sei, ‘vá mexendo para...’ aí eu falei ‘para não grudar’. Lembrei da última vez que eu tentei fazer cobertura e eu deixei grudar, então eu falei, é. (...) Deve ser alguma coisa do gênero. Para a ‘cobertura não grudar’ ou para ‘ficar bem misturado e não queimar’”.

V11_TC explicou ter tido dúvidas nesse fragmento: “Essa também, essa também foi ruim. Eu falei, mexendo para misturar, não é óbvio? Se você tá mexendo só pode ser para misturar”.

Complete 13

Possibilidades

a) para + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: para **deixá-lo**.

b) para + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para **ficar**.

c) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até que **fique**.

Ocorrências

QUADRO 127 – COMPARAÇÃO DA COMPLETE (C13) TC (“PARA”)		Tipo de Reformulação
13. Misture os três ingredientes ao seu gosto e regue o bolo para _____ bem molhadinho.		
V2_TC	que fique
V3_TC	ficar	
V4_TC	que fique	
V5_TC	que o interior dele fique	
V6_TC	que ele fique	
V7_TC	que fique
V8_TC	ficar	
V9_TC	ele permanecer	
V10_TC	que fique	
V11_TC	ficar	

Comentários

Em 40% dos casos (V3, V8, V9 e V11) são usados verbos no modo infinitivo. Excetuando-se V9, que utiliza o verbo “permanecer”, todos os demais utilizam o verbo “ficar” (não correferencial com o sujeito da oração principal). Os 60% restantes empregam verbos no modo subjuntivo (V2, V4, V5, V6, V7 e V10).

Embora haja alternância entre infinitivo e subjuntivo nos dois grupos (V2 a V6 e V7 e V11), o modo infinitivo foi mais recorrente no trabalho daqueles que realizaram a tradução como última tarefa.

Síntese do observado no Translog

Nenhum dos sujeitos reformula esse trecho.

Entrevistas

V8_TC é o único a não se referir a esse trecho na entrevista.

V2_TC comentou sobre a escolha de subjuntivo: “eu acho que eu falaria assim mesmo, ‘para que fique molhadinho’. Não, não falaria. (...) Mas conversando eu jamais usaria uma estrutura com ‘para que’. (...) Mas na escrita tendo mais a usar, mas não na fala”.

V3_TC também se referiu ao uso de infinitivo: “na verdade, pensando no exercício anterior, aqui tá tudo no infinitivo, né? É até uma solução melhor. Quando começar, ‘para ficar’ e não ‘para que fique’”.

V4_TC explica: “para que ele fique, você rega para ele ficar. (...) mas é que depende da interpretação. (...) É que é ‘para que ele fique’ e não ‘para ele ficar’, por exemplo, ‘eu rego as minhas plantas para eu ficar feliz’, não é para mim. (...) É, mas pra mim teria que ser ‘para que elas fiquem’. Não sei, é uma impressão mesmo. (...) É uma regra própria. (...) É possível [o uso de infinitivo]. Mas pra mim, se eu tivesse que fazer essa frase, eu nunca faria ela assim. Eu faria ‘para que elas fiquem’”.

V5_TC disse: “poderia ser ‘para o interior ficar bem molhadinho’. Não sei, esse ‘para que’ dá mais ênfase na função”.

V6_TC comentou: “Eu achei mais bonitinho. (...) O ‘ele’, no outro caso, eu fiquei pensando, ‘coloca, não coloca’, mas as receitas têm um pouco mais de oralidade, talvez funcionaria, encaixava mais”.

V7_TC disse ter sido induzida a usar o subjuntivo: “aí foi mais pela estrutura da frase, que me induziu [a usar o subjuntivo]”.

V9_TC comentou: “eu não sabia na verdade o verbo, ‘permanecer bem molhadinho’, não sabia o verbo. (...) Acho que foi a primeira estrutura que me apareceu, assim, mais fácil, talvez”.

V10_TC relatou sobre a escolha do verbo: “eu podia colocar ‘para ficar bem molhadinho (...) foi, mas não foi proposital”.

V11_TC referiu-se a esse trecho da seguinte forma: “eu acho que não foi uma questão do verbo, que era um dos mais fáceis, esse daqui, mas acho que eu me perdi na hora de achar qual era o buraquinho que ainda faltava.” Comentou ainda, de modo geral, sobre os usos de infinitivo/subjuntivo: “se é uma receita muito complexa, quanto menos chance de desviar você tiver, melhor, então talvez os verbos no infinitivo fiquem melhor. (...) E aí se é uma receita complexa e tem um monte de coisa pra fazer, não dá para ficar inventando muito, então você vai mais rápido. (...) Não sei, talvez, eu esteja pensando nisso agora, não planejei, enquanto tava fazendo”.

Resumo

Na tarefa de Produção Dirigida observamos que todas as orações temporais com “quando” (C1 a C3) eram seguidas de futuro do subjuntivo, única forma possível para a expressão de futuro com esse nexos temporal, de acordo com nosso *corpus* de comparação.

No caso das temporais com “até” e das finais com “para” tencionávamos verificar não só o emprego de infinitivos e subjuntivos, mas se este se diferenciava da produção livre e da tradução, por um lado, e do *corpus* de receitas escritas, por outro. No quadro abaixo, incluímos todos os verbos escolhidos pelos sujeitos para completar cada um dos campos nessa tarefa.

	C4		C5		C6		C7		C8		C9		C10		C11		C12		C13		
	ATÉ																PARA				
	CC	NC	AM	CC	NC	AM	CC	NC	AM	CC	NC	AM	CC	NC	AM	CC	NC	AM	CC	NC	AM
		fique			fique						fique									fique	S
V2						estífar			derreter				assar	cozinhar			dissolver				I
					fique																S
V3		ficar		tomar				incorporar-se		misturar			assar	dissolver		empediar		dissolver		ficar	I
		fique						adquirir								empedir				fique	S
V4									dissolver	derreter			assar	colocar							I
											estíja					empedir				fique	S
V5		ficar		misturar				voltar					assar	dissolver		empediar		facilitar			I
																				fique	S
V6								engrossar		ficar		ficar		assar	continuar		deixar				I
		estíja																		fique	S
V7								engrossar		desagregar-se		derreter	derreter		assar	misturar		dar			I
																					S
V8		ficar		misturar						dar		ficar		assar	dissolver			queimar		ficar	I
																					S
V9		ter			tomar-se		ficar		ficar		ficar		assar	acrescentar		ficar		engrossar		permanecer	I
																				fique	S
V10	obter				engrossar		estífar		derreter		derreter		assar	cozinhar		empediar		queimar			I
																				ficar	S
V11	ficar				engrossar		estífar		derreter		derreter		assar	cozinhar		empediar		misturar			I

Quadro 128 – Distribuição de infinitivos/subjuntivos com “até” e “para” na tarefa de produção dirigida de TC

Obs.: As colunas 1 a 3 foram omitidas por se referirem às temporais com “quando”. I: infinitivo; S: subjuntivo, CC: correferencial; NC: não correferencial, AM: ambígua.

Tínhamos na tarefa de produção dirigida, para as temporais com “até” e finais com “para”, um número igual de lacunas a serem preenchidas, cinco para cada um desses nexos, o que pressuporia 10 orações por produção de voluntário, perfazendo um total de 100 orações por grupo (TC). Entretanto, nem todos os campos foram preenchidos com verbos, o que reduziu esse número a 97 orações/grupo TC. Dessas, 48 (49%) correspondem às temporais com “até” e 49 (51%) às finais com “para”.

Para o conector “até”, houve 10 (21% das temporais) orações formuladas com subjuntivo (todas com mudança de sujeito com relação à principal); e 38 (79%) de orações com infinitivo. Dos casos de infinitivo, 7 (14%) dizem respeito ao mesmo sujeito da oração principal, 17 (35%) a orações em que há mudança de sujeito e 14 (30%) a verbos que permitem dupla interpretação quanto ao sujeito. É interessante notar que, diferentemente da produção livre, a grande maioria dos voluntários optou pelo uso de infinitivos nessa atividade, mesmo nos casos em que não existia coincidência entre os sujeitos das duas orações.

Outra constatação interessante foi que, da mesma forma que na tarefa de produção livre, o verbo mais frequente nas temporais com “até” foi “ficar”, com 15 (31%) ocorrências. A distribuição de infinitivos/subjuntivos não foi a mesma: ao passo que na produção livre a predominância foi de subordinadas com subjuntivo (com 13 ocorrências das 18), na produção dirigida a predominância foi de infinitivos (10 dos 15 casos). A produção dirigida, por esses usos, teria maior afinidade com os dados de nosso *corpus* de receitas escritas, em que não apenas se observa a predominância de infinitivo, como também a predominância do verbo “ficar” em infinitivo.

Nas orações finais com “para” notamos que 11 casos (22%) são de sentenças com subjuntivo e 38 (78%) de sentenças com infinitivo. Das ocorrências de infinitivo, 16 (33%) apresentam coincidência entre os sujeitos das orações principal e subordinada, 7 (14%) mudança de sujeito e 15 (31%) verbos que possibilitam a interpretação ambígua quanto ao sujeito. Aqui também constatamos que a grande maioria é de construções com infinitivo. Apesar disso, nos casos de orações cujos sujeitos não são correferenciais, verificamos que há preferência pelo modo subjuntivo (22% contra 14% de infinitivos).

O verbo “ficar”, nessa atividade, ao lado de “assar”, de interpretação ambígua, foi o mais frequente nas finais, com 10 (20% do total de orações com “para”) ocorrências. No entanto, o modo subjuntivo (7 ou 70%) foi mais recorrente do que o infinitivo (3 ou 30%) para esse verbo, mesmo constatando-se que não poderia,

independentemente de aparecer com subjuntivo ou infinitivo, ter outra interpretação a não ser a de mudança de sujeito em todos os casos analisados. Os dados para o verbo “ficar” nas orações finais poderiam indicar, ao contrário do verificado nas temporais, um desvio com relação ao uso mais esperado para esse verbo. Em linhas gerais, a predominância de formas infinitivas mostraria que a produção desses sujeitos se alinha ao encontrado no *corpus* de receitas escritas, uma vez que este aponta ser o infinitivo a forma mais frequente das orações finais.

Com relação à ordem de execução das tarefas, observamos que os sujeitos que realizaram a tarefa de tradução antes da produção dirigida (V2 a V6) empregaram mais o modo subjuntivo (76% dessas ocorrências) do que aqueles que fizeram a tradução por último (V7 a V11), como tarefa final (24%).

Quando comparada com a produção livre e com a tradução, verificamos que esta é a única tarefa na qual ocorre o modo infinitivo mais vezes do que o subjuntivo, tanto nas temporais (79%) como nas finais (78%), enquanto que, na tarefa de produção livre, houve 30% de casos de infinitivo nas temporais e 40% nas finais e, na tradução, 50% nas temporais e 16% nas finais. Como explicitamos, em praticamente todos os casos em que o subjuntivo foi empregado seria também possível o uso de verbo em infinitivo, mesmo quando existia mudança de sujeito. Apesar disso, apenas nas temporais com “até” da tarefa de produção dirigida o infinitivo foi predominante.

Antes de concluirmos este resumo, vale a pena retomar alguns comentários dos sujeitos a respeito do emprego de infinitivo/subjuntivo na tarefa de produção dirigida.

V2, que utilizou uma estrutura com “até que + subjuntivo” em C5, comentou que usaria “até ficar”, mas que a estrutura com subjuntivo foi a primeira que lhe ocorreu. A respeito de C6 e C7, em que usou o infinitivo, também comentou ter sido a primeira coisa que lhe tinha surgido. Disse ainda, sobre C13, que não diria, num discurso oral, “para que + subjuntivo”, mas na escrita, a tendência seria usar essa forma.

V3, que mudou em C4 a construção com subjuntivo “até que fique” por infinitivo “até ficar”, explicou que “não havia necessidade do ‘que’”. Em C7, comentou que o texto o teria levado a usar o infinitivo e que, se pudesse, tentaria deixar todo o texto num só modo.

V4 explicou que usava o infinitivo quando se tratava do mesmo sujeito nas duas orações e subjuntivo quando havia mudança de sujeito. Para tanto, utilizou como

exemplos os casos de C7, C8 e C10: “até você dissolver; é você que vai derreter; você coloca e você mexe”.

V5 comentou que em C11 havia optado por subjuntivo “talvez para não repetir a construção”. Sobre C13, disse “poderia ser ‘para o interior ficar molhadinho’”, mas que “‘para que’ dá mais ênfase na função”.

V10, que trocou o subjuntivo “para que fique encaroçada” por “para não encaroçar”, explicou: “encaroce não gostei, encaroçar é mais bonitinho”. Sobre C13, disse “não foi proposital, poderia colocar ‘ficar molhadinho’”.

V7 e V9 disseram que “a estrutura da frase” os teria influenciado na escolha de subjuntivo.

V5, V8 e V11 comentaram que as escolhas eram inconscientes.

Em linhas gerais, de acordo com as entrevistas, depreende-se que: **(i)** a opção, por uma ou outra forma, não parece ter uma explicação consciente na maior parte dos casos, uma exceção talvez seja V4, que explicita uma regra para o emprego de infinitivo e subjuntivo; **(ii)** o infinitivo, a juízo de alguns sujeitos, pareceria ser uma forma “mais vaga” ou imprecisa do que o subjuntivo e, além disso, menos adequada para o texto escrito; **(iii)** a alternância entre as formas de infinitivo/subjuntivo pode dever-se a uma tentativa de não tornar o texto repetitivo, como se vê em (V5), mas para alguns sujeitos, é justamente essa alternância o que seria indesejável, como para (V3), que considera o texto mais coerente com a manutenção de um mesmo tipo de construção ao longo da produção.

7.2.2.4 Produção Dirigida L3

TEMPORAIS

Orações com “QUANDO”

Complete 1

Possibilidades

a) quando + **futuro do subjuntivo singular**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: quando **começar**

Ocorrências

QUADRO 129 – COMPARAÇÃO DA COMPLETE (C1) L3 (“QUANDO”)		Tipo de Reformulação
1. “Dica” – quando _____ a engrossar, tire um pouquinho do fogo (...)		
V1_L3	começar
V2_L3	começar	
V3_L3	começar	
V4_L3	começar	
V5_L3	começar	
V6_L3	começar
V7_L3	o recheio começar	
V8_L3	o chocolate começar
V10_L3	chegar	
V11_L3	começar

Em “Tipo de reformulação”: I: imediata; P: fase de produção; R: fase de revisão.

Comentários

Diferentemente do observado no grupo TC, todos os voluntários de L3 conseguiram completar adequadamente a lacuna presente em C1. Como se observa, os sujeitos da oração subordinada e da principal não coincidem e isso fica marcado semanticamente pelo verbo na sentença, mesmo sem a explicitação do sujeito na oração subordinada.

Não é possível diferenciar a produção dos voluntários quanto à ordem das tarefas.

Síntese do observado no Translog

Apenas V7 e V10_L3 reformulam de alguma forma esse trecho. V7 troca de forma imediata “a mistura” por “o recheio” e V10 “a massa” por “chegar”.

Entrevistas

70% dos voluntários (V2, V3, V4, V5, V6, V7, V8_L3) não se referem a esse fragmento na entrevista.

V1_L3 comentou: “depois vem a dica, e eu já tava pensando em colocar ‘começar a engrossar’, aí depois a dica ‘quando’, ‘começar a engrossar’ de novo?! (...) aí eu fiquei com essa dúvida, mas aí eu falei, não, é isso mesmo, eu acho”.

V10_L3 relatou: “‘A engrossar’? Eu achei estranho esse ‘a engrossar’ (...) ‘Quando começar a engrossar’. É, deve ser ‘quando começar’. Mas eu não consegui. (...) ‘Quando chegar’ foi o melhor que veio”.

V11_L3 disse: “eu tinha visto esse ‘a engrossar’ aí eu não entendi direito o que eu podia colocar entre o ‘quando’ e o ‘a’. Aí eu fiquei, é, mas será que tá certo, será que é ‘quando engrossar’ só? Aí eu pensei no ‘começar’”.

Complete 2

Possibilidades

a) quando + **futuro do subjuntivo singular**

Correferência entre os sujeitos

Ex: quando **for**, **colocar para**

Ocorrências

QUADRO 130 – COMPARAÇÃO DA COMPLETE (C2) L3 (“QUANDO”)		Tipo de Reformulação
2. Quando _____ derreter no micro-ondas, pique bem o chocolate (...)		
V1_L3	for
V2_L3	for	
V3_L3	for	
V4_L3	for	
V5_L3	colocar para	
V6_L3	for
V7_L3	o chocolate começar a	
V8_L3	optar por	I e R
V10_L3	você for
V11_L3	for	

Comentários

A exigência, no caso do complete 2, era que o verbo escolhido tivesse como sujeito o mesmo do da oração principal. Excetuando-se o caso de V7_L3 que utilizou uma estrutura incoerente, uma vez que o chocolate não pode ser derretido depois de já ter iniciado o processo de derretimento, todos os demais puderam completar adequadamente o fragmento. 70% dos voluntários escolheram o verbo “ir”, 10% o verbo “colocar” e 10% o verbo “optar”.

Não há dados que nos permitam diferenciar a produção dos sujeitos com relação à ordem das tarefas.

Síntese do observado no Translog

Há reformulação em apenas 20% dos casos.

V8_L3 utiliza inicialmente “o chocolate começar a”, depois muda a estrutura para “quiser derreter o chocolate” e, na fase de revisão, substitui essa construção por “optar por”.

V11_L3 troca o verbo “começar” pela forma de futuro “for”.

Entrevistas

V3 e V6 não se referem a esse trecho.

V1_L3 comentou que havia se detido nesse item: “‘Quando for derreter’, né. Eu podia pôr ‘optar’, eu fiquei pensando agora. Aí no 9 [número referente a esse trecho na receita] era uma pausa disso, qual era a melhor. (...) Eu coloquei ‘for’, mas acho que agora seria ‘optar’, né? ‘Quando optar por derreter no micro-ondas’”.

V2_L3 relatou: “Eu também pensei, ‘quando’ (...) o que que eu ia colocar”.

V4_L3 informou: “[Fiquei] pensando, se, por, porque no micro-ondas você tem que picar mesmo muito, né?”

V5_3 disse que nesse trecho: “Também pensei no que poderia ser”.

V7_L3 explicou: “eu acho que eu fiquei pensando que derreter no micro-ondas, era o chocolate obviamente, mas eu acho esquisito picar depois que já derreteu, entendeu? (...) Por que não picou antes? (...) Eu achei isso uma coisa ruim do texto, mas não cabia outra coisa senão o chocolate mesmo”.

V8_L3 comentou: “A parte de derreter no micro-ondas também. Eu primeiro... eu coloquei umas coisas depois eu vi que não tinha nada a ver”.

V10_L3 explicitou ter tido dificuldades com o fragmento: “Achei difícil (...) Eu não tava achando a palavra”.

V11_L3 informou: “É que eu não tava entendendo a dica, se era da mistura ou se era do chocolate, aí primeiro eu tinha colocado como se fosse da mistura, mas depois que eu vi que era só do chocolate essa dica, era pra cortar pra depois derreter”.

Complete 3

Possibilidades

a) quando + **futuro do subjuntivo singular**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: quando **começar**

Ocorrências

QUADRO 131 – COMPARAÇÃO DA COMPLETE (C3) L3 (“QUANDO”)		Tipo de Reformulação
3. Quando _____ a endurecer, com a ajuda de uma espátula, vá empurrando e fazendo as casquinhas.		
V1_L3	começar
V2_L3	estiver	
V3_L3	esfriar e começar	
V4_L3	o chocolate começar	
V5_L3	começar	
V6_L3	em contato com a pedra, o frio a levará
V7_L3	começar	
V8_L3	o chocolate começar	
V10_L3	chegar	
V11_L3	começar

Comentários

Excetuando-se V6, que não apresenta uma oração temporal do tipo pesquisado, os 90% restantes utilizam um verbo no futuro do subjuntivo singular.

70% (V1, V3, V4, V5, V7, V8, V11) dos voluntários empregaram o verbo “começar”; 10% (V10) utilizaram o verbo “chegar” que, embora não torne o texto incoerente, tampouco apresenta muito claramente o sentido que a ação deveria ter; 10% (V2) o verbo “estar”, numa formulação bastante estranha para falantes do português brasileiro, já que não usamos a locução verbal “estar a”, equivalente ao gerúndio, para manifestar uma ação durativa.

Não constatamos diferenças nos resultados no que diz respeito à ordem de realização das tarefas.

Síntese do observado no Translog

V10_L3 é o único a fazer alguma modificação nesse trecho: utiliza inicialmente “a pasta/o chocolate” e depois a reformula por “chegar”.

Entrevistas

60% dos sujeitos (V2, V3, V5, V6, V7, V8_L3) não mencionam esse fragmento.

V1_L3 disse: “É só se era... ‘começar’ mesmo ali, a palavra. Eu fiquei pensando o que estava acontecendo ali, derreter o chocolate. Eu fiquei pensando, eu pegaria o próprio negócio e já rasparia, e aí derrete e deixa esfriar para ras, para fazer a raspinha, eu achei muito trabalhoso”.

V4_L3 comentou: “Porque ela não vai endurecer, só, então, se tá querendo dizer quando começar a endurecer. (...) Mas não quando tiver duro, foi aí que eu coloquei ‘começar’”.

V10_L3 relatou: “Eu até desconfiei desse ‘chegar a endurecer’, achei esse estranho, mas não tinha encontrado outra coisa”.

V11_L3 informou que se deteve nesse item: “porque eu fiquei na dúvida, eu acho, da receita, da continuidade. Aí depois que eu vi que era ‘endurecer’ mesmo, aí eu coloquei ‘começar’, que eu vi que já tava completo o sentido”.

Orações com “ATÉ”

Complete 4

Possibilidades

a) até + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: até **obter, conseguir** um creme.

b) até + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até **ficar, estar**.

c) até que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até que **fique, esteja**.

Ocorrências

QUADRO 132 – COMPARAÇÃO DA COMPLETE (C4) L3 (“ATÉ”)		Tipo de reformulação
1. Bater as gemas com o açúcar e o óleo até _____ homogêneo.		
V1_L3	obter um creme
V2_L3	ficar	
V3_L3	que fique bem	
V4_L3	ficar	
V5_L3	que fique	
V6_L3	obter uma mistura cujo aspecto seja bem	
V7_L3	ficar
V8_L3	ficar	
V10_L3	ficar/parecer	
V11_L3	ficar

Comentários

Em 20% dos casos (V3 e V5) há uso de subjuntivo e sujeitos não correferenciais na temporal com “até”. Os 80% restantes (V1, V2, V4, V6, V7, V8, V10 e V11_L3) optam por infinitivo na oração subordinada. Desses, V1 e V6 apresentam identidade entre os sujeitos das duas orações e, nos demais, os sujeitos não coincidem.

Os voluntários que realizaram esta tarefa antes da de tradução empregaram, todos, o modo infinitivo. Aqueles que realizaram a tarefa de tradução inicialmente oscilaram entre o emprego de uma e outra forma.

Síntese do observado no Translog

Não houve reformulações/correções em 80% dos casos (V1, V2, V3, V4, V5, V7 e V11_L3).

Em V6_L3 há reformulação imediata. Inicialmente o sujeito completou o trecho como “obter um resultado homogêneo” e depois o altera para “obter uma mistura cujo aspecto seja bem homogêneo”. Não há alternância entre as formas verbais, mas uma adequação relativa ao adjetivo masculino.

V8_L3 apresenta uma reformulação de tipo lexical. Utilizou “a mistura tornar” e logo substituiu essa forma por “ficar”.

V10_L3 utiliza dois verbos para completar a oração. Coloca o verbo “ficar” e em seguida o verbo “parecer”, talvez numa tentativa de elencar todas as formas possíveis que lhe surgiram para esse fragmento. O verbo “parecer” não havia sido previsto por nós na seção “Possibilidades”. Isso talvez se deva ao caráter que,

acreditamos, deva ter o gênero receita, ou seja, de um texto suficientemente claro que não dependa da percepção do consulente.

Entrevistas

Em 50% (V1, V2, V3, V4 e V11_L3) dos casos não se verificam comentários a respeito desse item.

V5_L3 informou sobre o uso de subjuntivo: “até que fique (...) era definitivamente mais bonito do que ‘até ficar’”.

V6_L3 comentou: “essa, o começo foi que eu demorei mais, porque era ‘até’ e era ‘homogêneo’, no masculino, e era a massa, a mistura, só vinha palavra no feminino”.

V7_L3 relatou que ficou “pensando muito (...) olhando os ingredientes e comparando com aqui, enfim, se dava alguma dica, tipo um joguinho de lógica mesmo”.

V8_L3 informou: “eu fiquei dando uma olhada na estrutura”.

V10_L3 explicou: “eu tava pensando se existe alguma outra forma de dizer isso, mas não”.

Complete 5

Possibilidades

a) até + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: até **obter** um creme, **misturá-los**.

b) até + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até o creme **ficar**, **estar** incorporado.

c) até que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até que **fique**, **esteja**, **engrosse**.

Ocorrências

QUADRO 133 – COMPARAÇÃO DA COMPLETE (C5) L3 (“ATÉ”)		Tipo de Reformulação
5. Vá mexendo até _____.		
V1_L3	começar a engrossar	
V2_L3	engrossar	
V3_L3	que a mistura fique consistente	I e R
V4_L3	ficar homogêneo	
V5_L3	que engrosse	
V6_L3	levantar fervura	R
V7_L3	ficar homogêneo	
V8_L3	conseguir uma mistura homogênea	
V10_L3	engrossar/endurecer/espessar	
V11_L3	engrossar	

Comentários

Em 80% dos casos há construções com infinitivo. Em 40% há mudança de sujeito (V1, V4, V6 e V7). Em 10% (V8) observamos a coincidência de sujeitos entre a oração principal e a subordinada. Em 30% (V2, V10 e V11) encontramos verbos que permitem a identificação tanto com o sujeito da oração matriz (quem mexe também engrossa/espessa a mistura) ou com um sujeito distinto (é a mistura que engrossa).

Nos 20% restantes (V3 e V5) há presença de subjuntivo e mudança de sujeito. Em um dos casos, V3, seria possível empregar infinitivo sem a possibilidade de recair em ambiguidade.

Os sujeitos que realizaram esta tarefa antes da de tradução empregaram o modo infinitivo; os que realizam a tarefa de tradução inicialmente alternaram entre infinitivo e subjuntivo.

Síntese do observado no Translog

Apenas dois voluntários reformulam esse trecho.

V3_L3 substituiu imediatamente o verbo “engrossar” por “ficar”. Durante a revisão, inclui ainda o termo “mistura”.

V6_L3 altera “ferver” por “levantar fervura” na fase de revisão.

Entrevistas

50% dos sujeitos não se referem a esse fragmento.

V1_L3 disse que se deteve no trecho: “para ver, porque depois vem a dica, e eu já tava pensando em colocar ‘começar a engrossar’, aí depois a dica ‘quando’, aí, ‘começar a engrossar’ de novo?!”

V4_L3 comentou: “eu falei, bom, que esse aí, no início eu fiquei pensando ‘até engrossar’ ou ‘até ficar homogêneo’. (...) Porque logo logo ela diz, ‘quando engrossar’, aí, será que é engrossar? ‘Até engrossar’, mas eu falei, não, porque depois na receita ela vai falar que depois você ferve mais, depois você tira do fogo. Então não é exatamente ‘até engrossar’. Eu fiquei pensando, talvez por isso eu tenha me detido mais”.

V7_L3 informou que: “que eu... pra destravar, vou pôr qualquer coisa (...)”.

V8_L3 explicou que teve dúvidas nessa formulação: “é uma forma de colocar, só, né, porque eu tinha em mente que era engrossar, mas não sabia como colocar”.

V11_L3 disse sobre esse ponto: “esse eu duvidei bastante qual verbo colocar”.

Complete 6

Possibilidades

a) até + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: até **obter** um creme, **homogeneizar**.

b) até + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até o creme **ficar**, **estar** homogêneo, frio.

c) até que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até que **fique**, **esteja**, **engrosse**, **esfrie**.

Ocorrências

QUADRO 134 – COMPARAÇÃO DA COMPLETE (C6) L3 (“ATÉ”)		Tipo de Reformulação
6. Tire um pouquinho do fogo mexa rapidamente até _____.		
V1_L3	esfriar	
V2_L3	ficar com uma consistência homogênea	
V3_L3	que todos os ingredientes estejam dissolvidos por completo	R
V4_L3	que esfrie um pouco	
V5_L3	esfriar	
V6_L3	que fique bem homogêneo	
V7_L3	que todos os ingredientes estejam bem misturados	
V8_L3	o amido se dissolver por completo	R
V10_L3	ficar homogêneo/liso/amornar/esfriar	
V11_L3	que esfrie	

Comentários

Encontramos equilíbrio entre as formas de infinitivo e subjuntivo em C6 para os sujeitos de L3. Nos 50% dos casos de infinitivo (V1, V2, V5, V8 e V10), três (V2, V8 e V10) referiam-se a mudança de sujeito; nos outros dois (V1 e V5), os verbos não permitem uma identificação exata a esse respeito, de modo que podemos supor (i) que o mesmo sujeito da principal é também o sujeito da subordinada ou (ii) que o sujeito da oração subordinada é o objeto (implícito) da oração matriz.

Na outra metade dos casos (V3, V4, V6, V7 e V11) há uso de subjuntivo. Poder-se-ia utilizar também o modo infinitivo em todos eles. Com verbos como “ficar” e “estar” não haveria possibilidade de interpretação ambígua: “até ficar homogêneo” (V6) e “até estarem dissolvidos/misturados” (V3 e V7).

Não é possível diferenciar a produção dos voluntários quanto à ordem de execução das tarefas.

Síntese do observado no Translog

Apenas V3 e V8 reformulam esse fragmento.

V3_L3 substitui, na fase de revisão, a forma “que abaixe” pela verificada no quadro acima “até que estejam...”.

V8_L3, durante a revisão, muda o verbo em subjuntivo por infinitivo.

Entrevistas

Cinco dos dez sujeitos não mencionam esse trecho na entrevista (V2, V4, V5 e V11_L3).

V1_L3 comentou: “esse ‘mexa até’ eu fiquei, ‘mexa rapidamente’ eu não sabia. Podia ser ‘até obter um creme’ de algum outro jeito e tal, mas eu achei que bater um creme que não tá no fogo ele podia esfriar”.

V3_L3 disse: “eu pensei que estivesse fervendo e levantando, por isso que abaixe, mas aí eu falei, nossa, que estranho, e eu não lembro pelo que eu troquei. (...) É porque essa parte ficou estranho e eu mudei”.

V6_TC informou que “não sabia o que colocar”.

V7_L3 explicou a forma escolhida: “podia ter falado ‘até misturar bem todos os ingredientes’. Eu não sei, me soa melhor, com o subjuntivo”.

V8_L3 disse: “nessa parte eu não sabia o que colocar mesmo”. Quando perguntado sobre a mudança de “até que dissolva” por “até se dissolver”, disse “Eu achei que eu tava complicando muito colocando o ‘que’”.

V10_L3 comentou as várias possibilidades incluídas nesse item: “eu li o restante e achei que poderia. (...) Poderia caber”.

Complete 7

Possibilidades

a) até + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: até **incorporar**.

b) até + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até **ficar, estar** derretido.

c) até que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até que **fique, esteja, derreta**.

Ocorrências

QUADRO 135 – COMPARAÇÃO DA COMPLETE (C7) L3 (“ATÉ”)		Tipo de Reformulação
7. Desligue o fogo e acrescente o chocolate picado até _____.		
V1_L3	derreter
V2_L3	que derreta	
V3_L3	que derreta	
V4_L3	derreter	
V5_L3	derreter	
V6_L3	derreter
V7_L3	derreter	
V8_L3	se derreter	
V10_L3	derretê-lo/ que derreta
V11_L3	derreter	

Comentários

Em C7 o verbo escolhido é sempre o mesmo: “derreter”. Em 80% dos casos há uso de infinitivo. V8 apresenta mudança de sujeito com relação à oração principal, como se observa pela presença do pronome “se”; em V10 há marca, na primeira opção, de mudança de sujeito, constatada com a presença do objeto direto, o pronome oblíquo “o”; nos seis casos restantes (V1, V4, V5, V6, V7 e V11) a identificação do verbo com um ou outro sujeito é difícil, já que este pode relacionar-se tanto com o sujeito da oração principal quanto com o elemento “o chocolate”.

Os 20% restantes (V2 e V3), e também o sujeito V10, usam o modo subjuntivo, marcando a mudança clara de sujeito e a correferência com o elemento “chocolate”.

Embora haja alternância entre infinitivo e subjuntivo, os sujeitos que realizaram a tradução como última tarefa empregaram mais o infinitivo (V6 a V11). A baixa diferença no produto final, entretanto, não nos permite ser conclusivos a esse respeito.

Síntese do observado no Translog

V8_L3 é o único a reformular esse trecho, alterando de forma imediata a estrutura “ele derreter” por “se derreter”.

Entrevistas

60% dos voluntários (V1, V2, V3, V7, V11_L3) não comentam esse fragmento. Com relação aos 40% restantes:

V5_L3, quando perguntado sobre o uso de infinitivo, explicou: “é muita palavra, muita coisa, o infinitivo é mais sintético”.

V6_L3 comentou a alteração feita: “o chocolate picado, porque eu pensei que se vai estar quente ele vai derreter, então eu troquei por derreter”.

V8_L3 relatou ter tido dificuldades com o fragmento: “esse 8 aí [número referente ao fragmento no texto] foi uma dificuldade”.

V10_L3 referiu-se ao uso de infinitivo/subjuntivo: “‘até que derreta o chocolate’ ou ‘até derretê-lo’, você (...) ‘até você derreter o chocolate’”.

Complete 8

Possibilidades

a) até + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: até **misturar**.

b) até + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até **ficar** derretido.

c) até que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até que **fique, esteja, derreta**.

Ocorrências

QUADRO 136 – COMPARAÇÃO DA COMPLETE (C8) L3 (“ATÉ”)		Tipo de Reformulação
8. Vá mexendo para... até _____ por completo.		
V1_L3	derreter
V2_L3	que derreta	
V3_L3	que derreta	
V4_L3	derreter	
V5_L3	derreter	
V6_L3	derreter	I e R
V7_L3	que ele derreta
V8_L3	que ele se derreta	
V10_L3	desfazer / derreter / desfazê-lo / derretê-lo	
V11_L3	que derreta	

Comentários

Encontramos infinitivo na metade dos casos (V1, V4, V5, V6 e V10). Excetuando-se V10, que parece inclinar-se para a concordância com/manutenção do sujeito da oração principal, dada a presença do pronome oblíquo depois do verbo nas duas últimas opções de preenchimento (desfazê-lo/derretê-lo), em todos os demais, em que se emprega o verbo “derreter”, há possibilidade de interpretação do sujeito como correferencial ao da oração principal ou não.

Nos outros 50% dos casos (V2, V3, V7, V8 e V11) as orações apresentam o verbo “derreter” em presente do subjuntivo marcando a mudança do sujeito.

Os voluntários que realizam a tradução como primeira tarefa empregam mais o modo infinitivo (três dos cinco sujeitos). A diferença com relação ao outro grupo, que fez a tradução por último, é muito pequena (dois dos cinco sujeitos), o que não nos permite tirar conclusões a esse respeito.

Síntese do observado no Translog

Somente V6_L3 reformula o fragmento em questão: usa “até que derreta” inicialmente e depois muda essa construção por “até acelerar o derretimento”. Na revisão, altera-a por “derreter”.

Entrevistas

Em 30% dos sujeitos há menção a esse ponto.

V6_L3 comentou: “eu falei, ‘acelerar o derretimento’ e ‘derreter’ de novo? (...) Aí eu fui trocar, fiquei pensando e coloquei, acho”.

V7_L3, perguntado sobre o uso de infinitivo/subjuntivo nessa construção, explicou: “na verdade eu não refleti sobre essas questões na hora que eu tava fazendo”.

V8_L3 referiu-se ao uso de subjuntivo: “eu também já tinha cortado vários ‘quês’ (...) Eu falei, ah, um aqui não vai fazer...”.

FINAIS

Orações com “PARA”

Complete 9

Possibilidades

a) para + **infinitivo não flexionado**

Ambiguidade entre os sujeitos

Ex: para **assar**.

b) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para que **asse**.

Ocorrências

QUADRO 137 – COMPARAÇÃO DA COMPLETE (C9) L3 (“PARA”)		Tipo de Reformulação
9. Levar para _____ em forno médio por aproximadamente 45 minutos.		
V1_L3	assar
V2_L3	cozinhar	
V3_L3	assar	
V4_L3	assar	
V5_L3	assar	
V6_L3	assar
V7_L3	uma forma e depois assar	
V8_L3	assar	
V10_L3	assar	
V11_L3	assar	

Comentários

Em 90% dos casos, salvo em V7, encontramos orações com “para” seguido de infinitivo. Em praticamente todas o verbo “assar” é o escolhido e, em V2, o verbo “cozinhar”. A interpretação sobre o sujeito da oração subordinada é ambígua: pode ocorrer tanto com o verbo da primeira oração quanto com o seu objeto (apesar de implícito).

Não há dados que nos levem a diferenciar os resultados dos dois grupos quanto à influência ou não da tradução sobre essa produção.

Síntese do observado no Translog

Nenhum dos sujeitos reformula esse trecho.

Entrevistas

50% dos voluntários (V1, V3, V4, V5, V6_L3) não mencionam esse fragmento.

V2_L3 disse que se deteve nesse trecho para “pensar em qual palavra eu ia colocar. (...) É que esse foi muito difícil, eu achei difícil porque geralmente é ‘leve para o forno’, você não fala porque é que você vai levar para o forno”.

V7_L3 comentou a dificuldade para preencher essa oração: “esse aí eu não fazia a menor ideia. Eu acho que depois que eu destravei do primeiro os outros foram todos um pouquinho mais rápidos. Principalmente agora, a partir da cobertura ali, acho que o recheio talvez tenha demorado um pouco também. (...) Eu falei, levar para onde, se já tá no forno? Aí eu tive que pensar pra saber, tem que levar para algum lugar antes de colocar no forno, então. Não sei se era na geladeira, mas eu falei, não, por que é que eu vou colocar na geladeira para pôr no forno”.

V8_L3 informou: “nesse daí eu demorei mais, eu demorei bastante. (...) É, só tava pensando em como eu ia completar”.

V10_L3 comentou: “Eu fiquei pensando se existe outra forma também. (...) Mas não encontrei.” Em outro comentário, explicitou quem poderia ser, na sua concepção, o sujeito da oração subordinada, que seria o elemento a ser assado “e não a pessoa”.

V11_L3 disse ter tido dúvidas sobre como completar o trecho: “eu acho que é porque eu tava em dúvida mesmo, se era para colocar ‘assar’ ou não, se era outro verbo, acho que fiquei em dúvida”.

Complete 10

Possibilidades

a) para + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: para **misturar, dissolver, cozinhar** o amido.

b) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para que **dissolva, cozinhe** o amido.

Ocorrências

QUADRO 138 – COMPARAÇÃO DA COMPLETE (C10) L3 (“PARA”)		Tipo de Reformulação
10. Depois volte com ele ao fogo para _____ o amido, sempre mexendo.		
V1_L3	cozinhar
V2_L3	acrescentar	
V3_L3	cozinhar	
V4_L3	dissolver	
V5_L3	dissolver	
V6_L3	dissolver
V7_L3	dissolver melhor	
V8_L3	apurar	
V10_L3	desfazer	
V11_L3	dissolver	

Comentários

Os verbos “cozinhar” e “dissolver”, apontados em outras situações como de interpretação ambígua, no exemplo 10, apresentam essa condição um pouco mais restrita, devido à posição pós-verbal do objeto “amido”. Em 50% dos casos (V4, V5, V6, V7 e V11) empregou-se “dissolver”, em 20% “cozinhar” (V1 e V3), nos 30% restantes foram utilizados os seguintes verbos: acrescentar (V2), apurar (V8) e desfazer (V10). Não há uso de subjuntivo ou construções que possam ser plenamente definidas como não correferenciais.

Não há dados que nos levem a diferenciar a produção dos dois grupos quanto à ordem da tarefa de tradução e sua influência sobre a produção dirigida.

Síntese do observado no Translog

Nenhum dos voluntários reformula ou corrige esse trecho.

Entrevistas

Somente 30% dos sujeitos se referem a esse fragmento na entrevista.

V8_L3 comenta: “o 6 [n.º referente a esse fragmento na tarefa] também eu tive um pouco de dificuldade. Eu não sabia o que colocar”.

V10_L3 contradiz o que havia comentado para outros trechos, em que sustentava que o infinitivo só se aplicaria a casos de coincidência entre os sujeitos das duas orações, já que levanta a possibilidade de o próprio elemento “se desfazer”. Nesse fragmento, disse que: “mas o amido se desfaz. (...) Pra desfazer, é, ‘para que amido’. Se fosse a pessoa, eu escreveria ‘para desfazê-lo’”.

V11_L3 explicou a estrutura escolhida: “eu acabei supondo, achei que isso era a única coisa que fazia mais sentido”.

Complete 11

Possibilidades

a) para + **infinitivo não flexionado**

Ambiguidade entre os sujeitos

Ex: para não **empelotar**.

b) para + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: para não **deixar** grumos.

c) para + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para **ficar** bem dissolvido.

d) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para que não **empelote**.

Ocorrências

QUADRO 139 – COMPARAÇÃO DA COMPLETE (C11) L3 (“PARA”)		Tipo de Reformulação
11. Esta dica é para _____.		
V1_L3	o creme não empelotar	R
V2_L3	não empelotar
V3_L3	não empelotar	
V4_L3	o recheio não empelotar	
V5_L3	não empelotar	
V6_L3	não empelotar	
V7_L3	evitar a formação de "bolinhas" no recheio
V8_L3	que o recheio não fique empelotado	
V10_L3	que o recheio não empelote	
V11_L3	que a mistura não empelote	

Comentários

70% dos voluntários optam por infinitivo (V1 a V7) em C11. Apenas V7 emprega um verbo cuja identificação correferencial com o verbo da oração principal é evidente: “evitar”. Em todos os demais ocorre o verbo “empelotar” (V1 a V6). Em V1 e V2 observa-se explicitação do sujeito (“o creme” e “o recheio”) e, portanto, a ausência de ambiguidade. Nos demais (V2, V3, V5 e V6) a interpretação com relação ao sujeito da subordinada é ambígua.

Nos 30% restantes (V8, V10 e V11) constata-se o modo subjuntivo. A presença dos sujeitos, “recheio” e “mistura”, deixa ainda mais clara a não correferencialidade. No caso de V8, em que se utiliza o verbo “ficar”, seria possível também o emprego de infinitivo, sem que, com isso implicasse dificuldade de interpretação.

Todos os sujeitos que realizaram a tradução como primeira tarefa empregaram infinitivo. Aqueles que fizeram a tradução como última tarefa alternaram entre as formas, com predomínio de subjuntivo sobre infinitivo.

Síntese do observado no Translog

Apenas V1_L3 faz algum tipo de reformulação: inclui, na fase de revisão, na posição pré-verbal, “o creme”.

Entrevistas

50% dos sujeitos comentam esse trecho.

V1_L3 falou sobre o emprego de infinitivo: “eu pus ‘não empelotar’, mas eu voltei e acrescentei ‘para o creme não empelotar’ (...) Essa palavra, ‘empelote’, eu não sei se ela existe mesmo, é falada, né, mas eu não sei se ela existe. (...) ‘Não empelotar’. Não, eu tinha colocado, mas depois eu mudei para ‘para que o creme não empelote’ (...) ‘Para não empelotar’. ‘Empelotar’ também é uma palavra, a gente usa, na cozinha, mas não... chequei”.

V2_L3 explicou: “geralmente quando é esse ‘para’, quando é finalidade, eu sempre uso o subjuntivo”. O constatado nesse fragmento, entretanto, é o uso de infinitivo. Comentou ainda “não sei, acho que é uma coisa inconsciente, agora que você está falando. (...) Não lembro de ter seguido nenhuma lógica, assim, para colocar”.

V3_L3 refere-se ao uso de infinitivo: “É... e não ‘para que não empelote’. (...) É, eu acho que talvez seja isso mesmo, tentar não repetir sempre a mesma... (...) pode ser, de, sei lá, meio que varie inconscientemente, para tentar não colocar os verbos todos no mesmo tempo, porque eu acho esquisito quando tá tudo no mesmo tempo”.

V10_L3 havia dito, em outro momento da entrevista, que o modo infinitivo é exclusivamente para os casos de coincidência entre os sujeitos das duas orações, entretanto, quando questionado sobre a possibilidade de usar “para o recheio não empelotar”, disse “É, podia ser (...) A minha lógica não tem lógica.”

V11_L3 comentou, sobre o uso de subjuntivo nesse trecho: “eu acho que é mais para marcar o sujeito mesmo, para concordar e marcar com o sujeito, que eu acabei colocando. (...) Sem pensar, assim.” Perguntado sobre a possibilidade de usar infinitivo, em “para a mistura não empelotar”, explicou: “Eu não sei dizer por que (...) acho que não foi a primeira que veio. (...) Acho que eu tô concordando com esse ‘volte, leve’, aí eu acabei optando por não colocar no infinitivo”.

Complete 12

Possibilidades

a) para + **infinitivo não flexionado**

Ambiguidade entre os sujeitos

Ex: para **dissolver**, não **queimar**.

b) para + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: para **misturar**.

c) para + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para **ficar** bem dissolvido, derretido.

d) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: até que não **queime, dissolva, derreta** bem.

Ocorrências

QUADRO 140 – COMPARAÇÃO DA COMPLETE (C12) L3 (“PARA”)		Correção/ Reformulação
12. Pique bem o chocolate e, a cada 30 segundos, vá mexendo para _____		
V1_L3	misturar	
V2_L3	não empelotar	
V3_L3	facilitar o derretimento	
V4_L3	misturar bem	
V5_L3	misturar	
V6_L3	que o calor se espalhe por igual	I
V7_L3	misturar melhor	
V8_L3	evitar que queime	
V10_L3	não grudar	I e R
V11_L3	não queimar	

Comentários

Em 90% dos casos (exceto em V6) há presença de infinitivo. Em V2, V10 e V11 observa-se ambiguidade na interpretação do sujeito verbal, com os verbos “empelotar”, “grudar” e “queimar”, respectivamente. Nos demais casos de infinitivo (V1, V3, V4, V5, V7 e V8) existe correlação com o sujeito da oração verbal, com o emprego dos verbos “misturar”, “evitar” e “facilitar” que não poderiam ser atribuídos, nessa circunstância, a outro sujeito que não aquele que carrega o traço [+humano].

Em 10% (V6) dos casos ocorre verbo no modo subjuntivo e a mudança de sujeito com relação à oração principal.

Não é possível diferenciar a produção dos sujeitos nesse fragmento quanto à ordem de execução das tarefas.

Síntese do observado no Translog

Apenas V6 e V8_L3 reformulam o fragmento.

V6_L3 substitui o verbo em infinitivo “dissolver” pela construção com subjuntivo “que o calor se espalhe”.

V8_L3 reelabora também a estrutura com infinitivo “a calda se misturar” por “que o chocolate se incorpore ao creme” e, na fase de revisão, por “evitar que queime”.

Entrevistas

Verificamos menção a esse fragmento em 50% dos casos.

V2_L3 disse: “essa é mais fácil, acho que o 10 [número referente a esse item na receita] eu não consegui preencher direito (...) Não sei, acho que era para completar, assim, já foi automaticamente no infinitivo, que eu pensei”.

V3_L3 comentou “eu achei que ficava melhor com o que eu tinha colocado aqui”.

V6_L3 relatou: “acho que depois eu troco de novo (...) Aí eu achei que ficou muito grande (...) ‘Se espalhar por igual’. (...) Eu fiz sem pensar isso”.

V10_L3, quando perguntado se era o chocolate que grudava, explicou: “Não, tá no infinitivo, ‘até grudar’”. Segundo essa explicação, o verbo poderia ser caracterizado como correferencial.

V11_L3 comentou ter tido dúvidas nesse trecho: “eu fiquei bem na dúvida desse também. É, porque, enfim, primeiro eu vi ‘começar a derreter’, mas depois eu vi que não era esse o sentido, que quando, no caso do micro-ondas (...) Ah, é, o 10 eu não vi muito sentido. (...) Eu acho que eu quis concordar com o infinitivo que tava na maioria da receita. (...) Aí eu achei que ia ficar estranho colocar ‘que não queime’, acho que foi isso”.

Complete 13

Possibilidades

a) para + **infinitivo não flexionado**

Correferência entre os sujeitos

Ex: para **deixá-lo**.

b) para + **infinitivo não flexionado**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para **ficar**.

c) para que + **subjuntivo**

Não correferência entre os sujeitos

Ex: para que **fique**.

Ocorrências

QUADRO 141 – COMPARAÇÃO DA COMPLETE (C13) L3 (“PARA”)		Tipo de Reformulação
13. Misture os três ingredientes ao seu gosto e regue o bolo para _____ bem molhadinho.		
V1_L3	ficar
V2_L3	que fique	
V3_L3	que ele fique	
V4_L3	ficar	
V5_L3	que fique	
V6_L3	que fique
V7_L3	deixá-lo	
V8_L3	que fique	
V10_L3	que fique / deixá-lo	
V11_L3	que fique	

Comentários

Em 40% dos casos (V1, V4, V7 e V10) temos infinitivo nas finais. Nos 60% demais (V2, V3, V5, V6, V8 e V11), e também em V10, utilizam-se verbos no modo subjuntivo. Excetuando-se V6, V7 e V10, que empregam o verbo “deixar”, em que há manutenção do sujeito da oração principal na subordinada, todos os demais utilizam o verbo “ficar” que não poderia, de nenhuma forma, fazer correferência com o sujeito da oração matriz.

Não há dados que nos permitam diferenciar a produção dos voluntários com relação à ordem das tarefas.

Síntese do observado no Translog

Não há reformulação em nenhum dos casos.

Entrevistas

40% dos voluntários se referem a esse trecho.

V1_L3 comentou que utilizou infinitivo “porque começou a receita assim. ‘Bater...’, aí eu fui seguindo o estilo da receita”.

V2_L3 disse: “eu não sabia se eu colocava ‘para que esteja’ ou ‘para que fique’ (...) Não lembro de ter seguido nenhuma lógica, assim, para colocar”.

V3_L3, perguntado sobre a escolha de infinitivo/subjuntivo, explicou: “pode ser que tenha uma lógica, assim. (...) Eu falei, né, sou um horror em gramática, não entendo nada, nada, nada. Por isso é que eu não sei analisar, pra mim é, eu só faço da forma que eu sei fazer. É inconsciente”.

V10_L3 informou sobre o uso de subjuntivo: “É a pessoa que faz, é, ‘para que fique’. (...) Mas é a partir de uma ação da pessoa”.

Resumo

Como não houve para as temporais com “quando” nenhuma construção que fugisse ao que normalmente é verificado nas receitas em língua portuguesa, destacaremos neste resumo apenas os casos relacionados com “até” e “para”. No quadro abaixo, assinalamos os verbos escolhidos pelos voluntários para completar cada um dos campos na receita nessas temporais e finais.

De um total de 95 orações (quadro acima), constatamos serem 46 (48%) referentes às temporais com “até” e 48 (52%) às finais com “para”.

Para as subordinadas com “até”, observamos que 17 (36%) correspondem a estruturas com subjuntivo e 29 (64%) a estruturas com infinitivo. Dos casos de infinitivo, 5 (11%) são correferenciais com o sujeito da oração principal, 13 (28%) não correferenciais e 11 (25%) possibilitam dupla interpretação com relação ao seu sujeito sintático da oração subordinada.

O verbo mais frequente, para as temporais com “até”, foi “derreter”, com 20 ocorrências (43%), em sua grande maioria na forma de infinitivo (12 casos, dos quais 10 se relacionam a orações de interpretação ambígua quanto ao sujeito; 1 a interpretação correferencial e 1 de interpretação com outro elemento da principal). Em segundo lugar, apresenta-se o verbo “ficar”, com 16 (24%) ocorrências (das quais 12 correspondem ao modo infinitivo, não correferenciais). Esses usos, diferentemente do da produção livre, indicariam maior proximidade com os dados de nosso *corpus* de receitas escritas, em que também se constata que o verbo “ficar” ocorre mais frequentemente com o infinitivo do que com o subjuntivo.

No caso das finais com “para”, notamos que 11 (23%) são de orações com subjuntivo e 37 (77%) de orações com infinitivo. Dos casos de infinitivo, 18 (36%) correspondem ao mesmo sujeito da oração principal, 4 (8%) a mudança de sujeito e 15 (33%) a verbos de interpretação ambígua quanto ao sujeito. Aqui também a grande maioria dos casos é de infinitivo, mas não constituiu a forma normalmente escolhida pelos voluntários quando os sujeitos eram não correferenciais (11% de orações com subjuntivo contra 4% de orações com infinitivo). Foi interessante observar que o verbo “ficar”, ao lado de “assar” (de interpretação ambígua quanto ao sujeito) foi o mais frequente, com 10 (20%) de ocorrências, com maior presença de subjuntivo (8 ou 80%) do que de infinitivo (2 ou 20%). Os dados para “ficar” nas orações finais poderiam indicar, ao contrário das temporais, algum desvio com relação ao uso mais esperado para esse verbo.

Com relação à ordem de execução das tarefas, ocorreu o oposto ao observado no grupo TC: os voluntários (47%) que realizam a tarefa de tradução antes da de complete (V1 a V5) empregaram menos o modo subjuntivo do aqueles (53%) que fizeram a tradução como última tarefa (V6 a V11).

Quando comparada com a produção livre e com a tradução, encontramos 64% de casos com a temporal “até” e 79% com a final com “para” seguidas de infinitivo, enquanto que, na tarefa de produção livre, houve 27% de casos de infinitivo nas temporais e 48% nas finais e, na tradução, 10% nas temporais e 14% nas finais. Como explicitamos, em praticamente todos os casos em que o subjuntivo foi empregado seria também possível o uso de verbo com infinitivo, mesmo quando existia mudança de sujeito. Apesar disso, apenas na tarefa de produção dirigida o infinitivo foi predominante.

Retomamos a seguir alguns dos comentários e explicações dadas, a respeito do uso de infinitivo/subjuntivo, por parte dos voluntários.

V1, sobre C11, disse “‘empelote’ [em “para que empelote] não sei se existe”. Em C13, exemplo em que usa infinitivo, comentou “eu fui seguindo o estilo da receita”.

V2 comentou em C11 “quando é esse ‘para’, finalidade, eu sempre uso subjuntivo”, mas não é isso que se observa ao longo de todo o texto, nem mesmo nesse exemplo. Disse também que a escolha “é uma coisa inconsciente, não tem uma lógica”.

V3 disse que em C11 usou infinitivo “para tentar não repetir sempre o mesmo, vario inconscientemente, acho esquisito quando está tudo no mesmo tempo”. Comentou em C13 que a escolha “foi inconsciente”.

V5 explica que considera “‘até que fique’ mais bonito do que ‘até ficar’”. Disse ainda que o “o infinitivo é mais sintético”.

V6 informou em C12 que o uso de subjuntivo é inconsciente: “fiz sem pensar”.

V7 comentou sobre C6 “poderia ter falado ‘até misturar bem’, me soa melhor com o subjuntivo”. Sobre C8, disse não ter refletido sobre tais questões.

V8 também comentou a mudança de subjuntivo para infinitivo em C6 “estava explicando muito colocando o ‘que’”. Com relação à C8, em que usa o subjuntivo, justificou “já tinha cortado várias quês, este não faria diferença”.

V10 comentou que o infinitivo ficaria reservado para os casos de coincidência entre os sujeitos das duas orações. Mas constata que o infinitivo não é impossível com sujeitos não correferenciais, em C11 “é, poderia ser ‘não empelotar’, a minha lógica não tem lógica”.

V11 disse que o uso de subjuntivo em C11 era “para marcar o sujeito”. Disse também, em C12, “acho que eu quis concordar com o infinitivo que tava na maioria da receita, achei que ia ficar estranho colocar ‘para que não queime’”.

De acordo com as entrevistas, podemos entender que: **(i)** as escolhas, por uma ou outra forma, não parecem ter uma explicação consciente, exceto, talvez, para V10, que explicita que quando não há mudança de sujeito a forma a ser usada é o infinitivo; apesar disso, nem sempre segue à risca essa “regra”; **(ii)** o subjuntivo costuma ser identificado como mais explicativo, como o modo que identifica o sujeito, ao passo que o infinitivo seria qualificado como mais sintético e também mais vago; **(iii)** alguns sujeitos dizem ter empregado o infinitivo porque algumas formas de instrução, presentes na oração principal, teriam levado a utilizarem essa forma também na subordinada; **(iv)** a alternância entre uma e outra construção também pode ser uma tentativa de não repetir sempre a mesma estrutura.

ALGUMAS CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para passarmos às conclusões de nosso trabalho, retomaremos as perguntas feitas ao início, cujas respostas, devido à complexidade do estudo, encontram-se diluídas ao longo de toda a análise e desta seção.

1) Há diferença entre a produção de traduções do gênero receita por parte de estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira em comparação com textos desse tipo coletados em *sites* brasileiros, originalmente escritos em língua portuguesa?

2) É possível detectar, por meio não só do produto, mas também do processo, se ocorre e como ocorre a interferência na tradução realizada por estudantes brasileiros desse gênero textual, principalmente no que concerne às traduções de orações subordinadas adverbiais temporais (com “*cuando*”/ “*hasta*”) e finais (com “*para*”)?

3) Qual a influência e o impacto do texto fonte na tradução de aspectos relativos à sintaxe das duas línguas?

Começamos pelos dados de **TRADUÇÃO DOS DOIS GRUPOS.**

Não encontramos, nos dados de PROCESSO relacionados com a tradução das orações temporais e finais, marcas de dificuldades ou de problematização que pudessem caracterizar um processamento consciente e reflexivo sobre seu funcionamento por parte dos sujeitos.

Considerando o tipo de marcação que Krings (1986) chama de “indicadores de problemas”, poderíamos dizer que a inexistência de pausas, correções e/ou reformulações nessas construções, bem como a ausência de verbalizações sobre elas (apenas uma menção por parte de V4_TC em F9), faria com que não pudessem ser classificadas como problemáticas.

A nosso ver, a definição de problema de tradução em Krings corresponderia mais de perto à noção de dificuldade de Nord (2005 [1987]), e seria útil adotar a distinção entre dificuldade e problema de tradução proposta por essa autora. Isso porque as marcas observáveis no processo teriam uma relação direta com a dificuldade encontrada para resolver o problema e não com a existência do problema em si. Em outras palavras, se um tradutor se depara com um problema de tradução – tal como entendemos ser o caso da seleção da forma mais frequente/usual de estruturas dentro de um gênero – com o qual já teve de lidar e que, num momento inicial, pode ter sido para

ele também uma dificuldade (que requereu pesquisas, por exemplo), provavelmente numa próxima situação análoga já não teria que fazer o mesmo percurso. A solução do problema tradutório, assim, não implica que ele deixe de constituir-se como tal, embora possa já não se configurar como uma dificuldade, reconhecível nos dados do processo pelos "indicadores" do tipo proposto por Krings. Desta perspectiva, problema e dificuldade não seriam confluentes, já que um problema será sempre um problema para todo tradutor (independentemente do tempo que este leve para solucioná-lo ou da experiência que tenha), mas pode ou não ser uma dificuldade.

Se a noção de problema adotada aqui fosse a de Nord, segundo a qual o problema independeria do perfil do tradutor e seria um componente da própria natureza do ato tradutório, da língua, da cultura e/ou do texto, poderíamos dizer que a tradução das temporais com "*hasta*" e das finais com "*para*" se configuraria como problema de tradução entre o espanhol e o português, uma vez que a distribuição de infinitivos/subjuntivos na língua/texto meta não ocorre de uma mesma forma na língua/texto fonte. A inexistência das marcas de processamento consciente e reflexivo na tradução dessas estruturas indicaria apenas que não constituíram, para os voluntários, dificuldades. Podem apontar, também, que não tenham passado pela etapa de desverbalização (SELESKOVICHT, 1968), aquela responsável pela mediação de conteúdos mentais em cada uma das línguas, fase que, segundo Presas (2000), deveria anteceder a reformulação linguística na língua meta.

As informações sobre o processo tradutório fornecidas pelo questionário pós-tradução e pela entrevista mostraram que as dificuldades percebidas pelos voluntários e seus esforços de processamento consciente se concentraram destacadamente sobre aspectos lexicais do texto traduzido. A não referência às construções por nós focalizadas é bastante relevadora de quanto determinados itens, em especial, os sintáticos, não sejam tão perceptíveis na tradução, ao menos entre línguas próximas, como já sugeria Cintrão (2006) em seu estudo.

Consideremos outras duas variáveis nos dados do processo: (i) a ordem em que as tarefas foram realizadas e (ii) os cursos de tradução frequentados pelos estudantes. Com relação à primeira, observamos que não houve diferenças significativas entre os resultados dos sujeitos que fizeram a tradução como primeira tarefa e aqueles que a fizeram por último. Quanto à segunda variável, houve diferenças especialmente no caso de alguns dos sujeitos que já tinham traduzido esse mesmo texto, durante a disciplina de

“Análise Contrastiva para a Tradução”. V6 e V11_TC, por exemplo, em F2 (oração com o nexos temporal “*en cuanto*”), não apresentaram pausas ou reformulações, constatadas em praticamente todos os demais casos (exceto em V7_TC que, apesar de não ter frequentado a referida disciplina de tradução, também não teve pausas ou reformulações no trecho). Em F4, na tradução da temporal com “*hasta*”, esses mesmos dois sujeitos, apesar de apresentarem reformulações (imediate e na fase de revisão, respectivamente), obtêm resultados que se distanciam da construção empregada no texto fonte, abrindo mão do uso do subjuntivo.

As entrevistas também indicaram haver, em determinados casos relativos aos níveis sintático e discursivo, a intenção por parte dos voluntários de adequar o texto final à forma como se constitui na língua meta. Foi o caso da tradução das orações com passiva, como se observa nos seguintes relatos: V4_TC em F1 “se colocam não é uma coisa que a gente lê em receita”; V10_L3 em F5 “essas passivas (...) ‘se’ ..., a gente não escreve assim”, entre outros. O mesmo pode ser dito com relação a outros casos, como em F5 “*se vuelcan en un colador*” em que V5_L3 explica “aí eu resolvi que ia colocar ‘passar pelo escorredor’ (...) porque eu acho que é mais natural”; ou em F6 para a tradução de “*quedarse enteras*”, de acordo com V11_TC “desmanchada... a gente fala mais... tenho a impressão que é mais recorrente”.

Embora não contemplem as orações por nós observadas, os comentários acima refletiriam uma certa preocupação com a finalidade/o público a que se destina o produto tradutório, um importante aspecto na tradução, como afirma Jääskeläinen (1989), e corroborariam as reflexões de Cintrão (2006) sobre a finalidade/encargo tradutório ser um aspecto menos dependente do grau de proficiência dos sujeitos, já que tanto em TC quanto em L3 essa preocupação esteve presente.

Quando assinalamos haver uma certa preocupação, estávamos nos referindo a determinados exemplos em que ocorreu exatamente o oposto, ou seja, a opção dos sujeitos foi deixar o texto final mais próximo do original. É o que destaca V2_TC a respeito da tradução de F7, para “*conservar un bonito color*”: “vou fazer igual tá no texto”; e V5_TC e V11_L3 na tradução de “*picante*” em F9: “não pareceu muito português, mas eu também não procurei, eu deixei”; “achei estranho o alho ficar picante, mas eu acabei deixando”. Esses resultados talvez se devam ao fato de tais construções não parecerem ser incompreensíveis ou incorretas em português, daí os sujeitos prescindirem de maior dedicação ou tempo de pesquisa nesses pontos. Ou

talvez se deva a que foram pontos em que não se sentiram capazes de chegar a uma formulação percebida como evidentemente mais natural em português – como foi o caso da substituição das instruções em passiva pelas instruções em imperativo –, valendo-se então da estratégia de manter-se próximos da estrutura do original como forma de reduzir a margem de risco.

Os dados do processo também nos permitiram identificar que alguns dos sujeitos perceberam a influência exercida pelo texto fonte na tradução. V10_TC, por exemplo, em F2, observou: “ficou errado aqui, ‘se pode’, fui na onda do espanhol”; e V2_L3 em F10 “acho que ficou estranho ‘a ferver’”.

No que diz respeito ao PRODUTO, é possível afirmar que no caso das temporais com “*cuando/en cuanto*” foi muito reduzida a interferência no nível sintático. Ela ocorreu uma única vez, na tradução por “quando + presente do subjuntivo” por parte um dos sujeitos do grupo mais avançado, V8_TC, em F2. No nível lexical, por outro lado, a hipnose (PRESAS, 2000) exercida pelo texto fonte parece ter sido mais contundente, para a tradução do nexos “*en cuanto*”. Entretanto, mesmo quando o falso cognato “enquanto” foi usado na tradução para o português, o tempo/modo verbal que o acompanhava no texto fonte não o era: V9_TC em F2, por exemplo, emprega o conector “enquanto” com verbo em futuro do subjuntivo; apenas V4_L3 em F3 usa “enquanto” com verbo em presente do indicativo. Note-se, no entanto, que a natureza dessa interferência não é puramente lexical, dada a natureza de palavra relacional que tem “*en cuanto*”.

Podemos dizer que para as temporais com “*cuando/en cuanto*” temos não só interferência, no sentido da transferência negativa do texto/língua fonte, mas, em última instância, dois tipos de erro: um no nível sintático (V8_TC em F2), com o emprego de uma construção estranha, o presente de subjuntivo, não encontrado nenhuma vez para esse nexos temporal em nosso *corpus* de receitas em português; e outro num nível em que se combinam o lexical e o sintático (V9_TC em F2 e V4_L3 em F3), com o uso de um falso cognato de uma palavra relacional, que dá ao texto uma interpretação distinta da que deveria ter (simultaneidade em lugar de posterioridade imediata), resultando numa instrução incorreta dos passos a serem seguidos para a realização da receita.

No caso das orações finais com a preposição “*a*”, o fenômeno da interferência também foi muito minoritário (apenas em V2_L3 em F10), embora tenha chegado a ocorrer.

Tanto nas temporais com “*quando/en cuanto*” quanto nas finais com “*a*” parece ficar claro que o acentuado grau de estranheza produzida no produto final, seja pela transferência de uma estrutura (“quando” + verbo no presente do subjuntivo), seja pela transferência de uma conjunção subordinativa (“a” + verbo no infinitivo) da língua estrangeira na produção em língua materna, constitui um fator preponderante para que a frequência desse tipo de interferência seja muito baixa nos dados de produto. Em ambos os casos, a interferência não produz um resultado gramaticamente aceitável no português.

Os dados relativos às traduções das temporais com “*hasta*” e das finais com “*para*” divergiram bastante dos anteriores. Neles, a interferência no nível sintático se confirmou em grande parte dos casos, com a manutenção no texto meta da estrutura com subjuntivo presente no texto fonte.

Após a análise do *corpus* de receitas escritas originalmente em português, confirmamos que nas temporais com “até” em que havia sujeitos não correferenciais (tal como ocorria no texto fonte em F4), o infinitivo era sempre predominante. Numa porcentagem de 54% de temporais desse tipo com sujeitos não correferenciais, 35% apareciam com infinitivos e 19% com subjuntivo. Dentro do total de temporais com “até” + sujeitos não correferenciais (100%), 65% se construíam com infinitivo e 35% com subjuntivo.

Figura 15 – Distribuição de infinitivos/subjuntivos nas orações não correferenciais com “até” no *corpus* de comparação em português

Quando analisados os dados da tradução, tanto no grupo que estava prestes a concluir o bacharelado (TC) quando no grupo que estava na metade do curso (L3), comprovamos que estes vão na contramão do que seria mais natural para essa

construção no gênero receita, já que os voluntários empregaram, em sua grande maioria (80% dos sujeitos de TC e 90% dos sujeitos de L3), o modo subjuntivo para indicar a mudança de sujeito na oração subordinada.

Verificamos infinitivo com sujeitos não correferenciais em um único caso nas temporais, na tradução de V2_L3, com a explicitação do sujeito “a água” na oração subordinada: “até a água ferver”. O outro caso de infinitivo (V11_TC), “até ferver novamente”, não permite uma interpretação inequívoca quanto a seu sujeito.

Nas orações finais com “**para**”, verificamos no *corpus* de receitas originalmente escritas em português que, nos casos de não correferência entre os sujeitos (24%), predominavam as construções com infinitivo (14%) sobre as formuladas com “que + subjuntivo”, embora de forma um pouco menos acentuadas que nos casos das temporais com “até”. No total de finais com sujeitos não correferenciais (tomado como 100%), 58,3% se construíam com infinitivo e 41,7% com subjuntivo.

Figura 16 – Distribuição de infinitivos/subjuntivos nas orações não correferenciais com “para” no *corpus* de comparação em português

A produção de nossos voluntários poderia ser vista novamente como desviada do padrão mais recorrente em língua portuguesa, já que o emprego de subjuntivo, no caso deles, constitui a estrutura expressivamente mais frequente (em 84% das traduções de TC e em 86% de L3).

Além disso, não houve na tradução das finais o emprego de infinitivo em nenhum caso de construção não correferencial. O infinitivo, quando presente, referia-se a contextos cuja interpretação do sujeito era ambígua (como em V5 e V10_TC em F5) ou em que existia coincidência entre os sujeitos das duas orações (como em V7_L3 em F8).

Podemos apontar ainda que, em determinados casos, tais como nas traduções que apresentam o verbo “ficar” (F6 e F8), a seleção em favor do subjuntivo por parte dos voluntários não encontrou respaldo nos dados do *corpus* de comparação em português, já que o infinitivo se mostrou mais frequente para esse verbo com sujeitos não coincidentes entre as duas sentenças.

O confronto com o *corpus* de receitas em português nos levaria a afirmar que há um desvio na distribuição de infinitivos/subjuntivos nas temporais com “até” e nas finais com “para” na tradução de nossos voluntários, e que esse desvio parece ser fruto da interferência da língua/texto fonte sobre a tradução dessas estruturas para a língua/texto materna.

Embora não possam ser considerados propriamente como erros em tradução, os resultados permitem classificar as estruturas traduzidas pelos voluntários como **decalcadas sintaticamente**. A equivalência obtida nesses textos, assim, é muito menos próxima da **equivalência dinâmica** preceituada por Nida (2009) – aquela que deveria ser a almejada em textos de tipo comunicativo, como a receita, por sua orientação aos receptores e ao que é mais frequente no gênero na língua meta – do que da **equivalência formal**. Nos termos qualitativos de House (2001), o observado nessas orações mostraria maior afinidade com uma tradução do tipo **patente/manifesta**, pelas marcas do texto fonte presentes no texto meta, uma tradução discutível, segundo a circunstância tradutória aqui debatida, e certamente **não natural** ao gênero em seu nível estrutural. Também segundo os parâmetros de avaliação de qualidade propostos por House, embora não tenhamos nesse desvio de distribuição de uso de subjuntivo ou infinitivo um **erro evidente** (uma estrutura gramaticalmente inaceitável na língua meta), temos **erro encoberto** (construções linguísticas que não são as características do gênero textual na língua meta).

Com relação aos fragmentos sintáticos abordados, alguns pontos de interesse relativos ao tema da naturalidade puderam ser também observados. Salientamos a tradução do verbo “*echar*” por “jogar”, de baixíssima frequência no âmbito das receitas, encontrada no produto tradutório de V3_TC e de V1 e V4_L3 em F1, como no exemplo abaixo.

(V3_TC) *Cuando hierva, se echan los langostinos* → Quando ferver, **jogue** as lagostas na panela.

A não naturalidade, aqui, poderia dever-se a uma não familiaridade com o gênero em questão. Apesar de o sujeito V3_TC ter indicado no questionário pós-

tradução que gosta de cozinhar e que eventualmente consulta receitas, também reportou na entrevista que seu repertório, para esse tipo de texto, não era amplo. Nos casos de V1 e V4_L3, que também utilizam o verbo “jogar”, essa justificativa talvez não se aplicasse, já que ambos apontaram no questionário gostar de cozinhar e acessar *sites* especializados, V4_L3, inclusive, relatou já ter traduzido receitas durante disciplinas cursadas e para fins pessoais.

Outro caso de desvio com relação à naturalidade na tradução desse gênero foi o uso de “pôr” como tradução para “*poner*”. Essa opção tradutória ocorreu em 20% dos casos de TC e em 40% de L3. Ela se mostra menos adequada ao gênero uma vez que “*poner/pôr*” e “*colocar/colocar*” parecem se comportar de maneira simetricamente oposta nas receitas em cada idioma, conforme se demonstra abaixo:

Figura 17 – Distribuição em EE e PB de “*poner/pôr*” e “*colocar/colocar*”

A tradução de “*cucharada*” (no texto em diminutivo) por “colherada” seria outro exemplo de ausência de naturalidade, observado em dois casos, V3_TC e V10_L3, no mesmo fragmento (F2). Aqui também, como no exemplo acima, há uma clara assimetria na distribuição de itens que, num primeiro momento, poderiam ser considerados equivalentes imediatos, mas que, na prática, como demonstrado no capítulo de análise, nem sempre o são.

O emprego de “coador” (V8_L3) e “peneira” (V3, V4, V5, V7 e V9_TC e V1, V2, V3 e V11_L3) para a tradução de “*colador*” funciona de maneira semelhante. Como apontamos durante a análise, os falantes de nossa variante da língua portuguesa provavelmente não utilizariam um “coador” ou uma “peneira” para extrair a parte líquida de substâncias sólidas das dimensões de camarões grandes (*langostinos*), ingrediente do texto da receita. Essas opções não refletiriam o utensílio mais adequado, usado por um falante de nossa língua para a mesma situação e, portanto, seriam impróprias.

Exemplos como os anteriores vêm comprovar o que, num primeiro momento, poderia ser considerado bastante óbvio, mas que, na prática, não o é: o fato de que certas fontes de consulta, como os dicionários, nem sempre constituem garantia de solução para um dado problema, sendo necessário, muitas vezes, ir mais a fundo para encontrar o termo mais preciso, aquele que é o preferido, seja pela força do uso, seja pelas convenções próprias de um gênero, para uma tradução adequada e de qualidade. Nesse sentido, o *corpus* comprova ser um excelente aliado.

Antes de passarmos aos resultados obtidos nas produções livre e dirigida em língua portuguesa, vale salientar que não encontramos, para as temporais com “quando” (ou similares como “assim que”) qualquer construção diferente das utilizadas em língua materna, ou seja, todas elas apresentavam “quando + futuro do subjuntivo”. Por tal razão, não nos deteremos sobre essas sentenças nas considerações a seguir.

No que se refere à **PRODUÇÃO LIVRE DE TC**, verificamos que todas as ocorrências da temporal com “até” apresentavam mudança de sujeito com relação à oração principal, com predomínio do modo subjuntivo (70%) sobre o infinitivo (30%). Quando comparamos esses dados com os da tradução, verificamos que eles se assemelham em parte, já que, também na tarefa de tradução de TC, o emprego de subjuntivo em construções não correferenciais foi majoritário. Na tarefa de produção livre, entretanto, há presença de estruturas com infinitivo nos mesmos contextos de mudança de sujeito, o que não ocorria na tradução. Quando cotejamos esses dados com os do *corpus* formado por receitas escritas em português, encontramos uma verdadeira discrepância, posto que a estrutura mais recorrente nessas temporais quando não há coincidência entre os sujeitos sintáticos, como destacamos, é justamente “até + verbo em infinitivo”.

Nas finais com “para” também houve mais ocorrências de subjuntivo (60%) no texto escrito pelos voluntários, o uso de infinitivo ficou praticamente restrito aos casos em que há correlação entre os sujeitos da oração principal e da subordinada (40%), com uma única ocorrência de verbo de interpretação ambígua. Novamente observamos que há coerência entre as escolhas praticadas na produção livre e as que constam na tradução dos voluntários, com o predomínio de subjuntivo quando não existe coincidência entre os sujeitos sintáticos. Aqui, da mesma forma que para as temporais com “até”, na comparação com o *corpus* de receitas em português, parece haver um alto

grau de distanciamento daquilo que é mais praticado no gênero. Além disso, quando nos centramos em determinados verbos bastante recorrentes na redação, como o verbo “ficar”, o desnível fica ainda mais patente, já que os sujeitos optaram, na sua grande maioria, por construções com subjuntivo para esse verbo, embora essa não seja a forma mais comum, exatamente porque ele não poderia aparecer, nas situações vistas na receita, como correferencial ao da oração principal.

Não parece haver influência da tarefa da tradução sobre os resultados na produção livre, uma vez que a distribuição de infinitivos/subjuntivos é bastante semelhante entre aqueles que fizeram a tradução antes e aqueles que a fizeram depois da redação em português. Se observado estritamente o emprego de infinitivos com mudança de sujeito, verificaremos que, apesar da pequena diferença, ele foi mais frequente no grupo em que a tarefa de tradução precedeu à de redação (5 ocorrências contra 2 do outro grupo). Caracterizar esse resultado como influência do texto da tradução pareceria estranho, porém, já que o emprego de infinitivos com sujeitos não correferenciais não se dava nessa tradução.

De acordo com as entrevistas sobre essa tarefa, as escolhas entre as formas de infinitivo e subjuntivo na redação não parecem responder a um critério consciente. Entretanto, alguns dos voluntários assinalaram acreditar que o infinitivo fosse menos claro ou mais próprio da linguagem oral, o que poderia ter influenciado nesses resultados, de preferência pelo subjuntivo.

Na **PRODUÇÃO LIVRE DE L3** verificamos para a temporal com “até” mudança de sujeito entre as orações em praticamente todos os casos (90% do total de 30 (=100%) orações com “até” correspondiam à mudança de sujeito), com predomínio do modo subjuntivo (88,89% do total de 27 orações não correferenciais) sobre o infinitivo (11,11% de 27 orações não correferenciais em L3). Houve ainda uma ocorrência, no total de construções com “até”, em que, apesar da correferência entre os sujeitos, utilizou-se subjuntivo (3,33% de 30 orações com “até”). Por fim, houve dois casos (6,66% de 30 orações com “até”) em que se empregou o infinitivo para construções correferenciais.

Se compararmos esses dados com os da tradução dos voluntários, poderíamos dizer que eles se alinham, em primeiro lugar, porque o uso mais frequente, em ambas as produções com sujeitos não correferenciais, foi o de subjuntivo e, em segundo lugar,

porque o infinitivo nessa mesma situação esteve presente em pequena escala nas duas tarefas. Quando comparamos esses dados com os do *corpus* de receitas escritas em português, tanto a produção livre quanto a tradução, constatamos que estes se desviam do padrão de uso de subjuntivos e infinitivos característico em receitas, já que, como indicamos, o emprego de infinitivos é sempre superior nesse gênero, inclusive nos casos de não coincidência entre os sujeitos sintáticos.

Nas finais com “**para**” também comprovamos ser mais recorrente, nas redações, o emprego de subjuntivo (52%) quando há mudança de sujeito. Todos os casos de infinitivo (48%) referem-se a orações em que o sujeito da principal e da subordinada são correferenciais. Há também coerência entre as escolhas praticadas na tradução e na atividade de produção livre, nesse sentido. Entre os dados da redação e os do *corpus* de receitas originalmente escritas em português confirmamos não existir a mesma afinidade, uma vez que os resultados da produção dos voluntários não respondem ao que é mais praticado no gênero, ou seja, o predomínio do infinitivo com sujeitos não correferenciais. Se tomado, como fizemos com TC, um verbo altamente recorrente nessa produção, como o verbo “ficar”, será possível caracterizar um desvio claro quanto ao padrão no gênero, posto que nossos sujeitos optaram pelo emprego de subjuntivo quando o mais frequente é o infinitivo.

Quanto à influência ou não da tarefa de tradução sobre a produção livre em L3, verificamos que a distribuição de infinitivos/subjuntivos é bastante semelhante entre todos os participantes. Para os casos de infinitivo em orações com sujeito não correferencial, todas as ocorrências se concentraram no grupo que fez a tradução como última tarefa, ao contrário do observado em TC.

Segundo as informações obtidas nas entrevistas de L3, as escolhas entre infinitivo e subjuntivo não são conscientes. O emprego do infinitivo parece ser o preferido apenas quando o verbo na forma subjuntiva resulta estranho/sonoramente ruim, como em “para/até que sole, murche”, de acordo com os voluntários. Alguns dos sujeitos apontaram que o subjuntivo é percebido por eles como uma estrutura mais formal ou contundente do que o infinitivo, o que talvez explicasse a preferência por aquela forma verbal em detrimento desta na maior parte das construções. Por sua vez, a preferência pelos voluntários por uma construção que dizem perceber como mais formal pode derivar de uma associação de textos escritos em geral, e portanto das receitas escritas, com um tom formal.

Na **PRODUÇÃO DIRIGIDA DE TC**, constatamos para as temporais com “até” que a maior parte das ocorrências se referem a orações em que há mudança de sujeito com relação à sentença principal (55%). Nessa tarefa, diversamente do que se verificou na tradução e na produção livre, o número maior de casos é de verbos com infinitivo, inclusive quando havia mudança de sujeito (33% de uso de infinitivo nos 54% de orações não correferenciais, correspondendo a 61% das não correferenciais). Quando cotejados esses dados com os do *corpus* de comparação em português, comprovamos ser a única das atividades que encontra afinidade com o que é mais frequente em nossa língua para o gênero em questão: o emprego de infinitivo, com ou sem mudança de sujeito entre uma e outra oração.

Da mesma forma que para “até”, nas finais com “para” o maior número de ocorrências é de orações não correferenciais (36%). Mas, ao contrário do que se observou para as temporais, as construções finais com sujeitos não correferenciais ocorrem mais vezes com subjuntivo (22%, correspondendo a 61% das não correferenciais) do que com infinitivo (14% = 39% do total das não correferenciais). As finais nessa produção, portanto, se assemelham tanto às encontradas na produção livre quanto às encontradas na tradução, mas diferem do padrão observado no *corpus* de receitas escritas em português, no qual há predomínio do infinitivo nos casos de não correferencialidade. A título de exemplo dessa discrepância, usaremos, uma vez mais, o verbo “ficar”. Notamos na produção dirigida que esse verbo ocorre mais vezes com subjuntivo (70%) do que com infinitivo (30%), um padrão oposto ao do *corpus* de comparação.

Quanto à ordem de realização das tarefas, observamos que o modo subjuntivo foi mais frequente na produção dos indivíduos que fizeram como primeira atividade a tradução, com 76% das ocorrências nesse grupo (V2 a V6). Todavia, não podemos afirmar categoricamente que tenha havido influência de uma tarefa sobre a outra.

Conforme a entrevista, não é possível dizer que exista, por parte dos voluntários, uma escolha consciente entre as formas de infinitivo e subjuntivo utilizadas para completar as lacunas da produção dirigida, mas há verbalizações em que os voluntários indicam perceber o infinitivo como mais próprio da linguagem oral do que da escrita, assim como houve na produção livre.

Na **PRODUÇÃO DIRIGIDA DE L3** também observamos para as temporais com “até” a prevalência de orações com mudança de sujeito (64%). Embora o maior número se refira às construções com infinitivo, quando não há coincidência entre os sujeitos a preferência foi, assim como nas tarefas de tradução e de produção livre, pelo subjuntivo (36% dentre os 64% = 56,3% do total de não correferenciais) e não pelo infinitivo (28% em 64% = 43,7% das não correferenciais), diferentemente do padrão observado no *corpus* de comparação em português.

Nas finais com “para”, o maior número de ocorrências é de subordinadas com correferência entre os sujeitos (36% do total de orações com “para”). Nessa tarefa, o número de construções com infinitivo com mudança de sujeito (8% em 31% de não correferenciais, ou 25,8% delas) é muito inferior ao de construções com subjuntivo (23% em 31% de não correferenciais = 74,2% destas). Nesse sentido, tais dados se aproximariam aos da produção livre e aos da tradução, mas não ao padrão do *corpus* de receitas em português. Isso fica ainda mais claro quando analisamos um verbo como “ficar”, bastante recorrente nessa produção. Nas orações com mudança de sujeito, o emprego de subjuntivo (80%) supera em muito ao de infinitivos (20%) na tarefa feita pelos sujeitos, o que ocorre de forma bastante diversa no *corpus* de comparação.

Quanto à ordem de realização das tarefas, os resultados não coincidem com os do grupo TC. Apesar da pequena diferença, o modo subjuntivo foi mais frequente nos sujeitos que fizeram a tradução como última tarefa.

As entrevistas realizadas não nos permitem dizer que existe, por parte de maioria dos voluntários (talvez exceto V10, que explicita que o infinitivo só se manteria quando há o mesmo sujeito nas duas orações), um critério consciente para a seleção de uma ou outra forma verbal na produção livre. Parece haver em alguns casos, como já dissemos, uma certa crença de que o subjuntivo pudesse ser mais específico do que o infinitivo (deixar mais claro o sujeito). De acordo com alguns dos relatos, a maior presença de infinitivos nessa tarefa poderia ser resultado da própria formulação do texto a ser completado, que contava com verbos na forma infinitiva no início da receita, na oração principal. A verbalização de alguns sujeitos sugeriu que não distinguiam entre os infinitivos em orações principais, com valor instrucional, e os infinitivos nas subordinadas, afirmando terem preferido os infinitivos para completar as subordinadas porque era a forma usada no restante do texto (casos em que tinha valor instrucional em orações principais). Numa possível replicação deste estudo, poderia ser

metodologicamente útil, portanto, manipular o texto usado para esta coleta, transformando as formas verbais de infinitivo com valor instrucional em imperativos.

Consideramos que os dados de PROCESSO e de PRODUTO TRADUTÓRIO, unidos aos do *corpus* de comparação e às atividades de PRODUÇÃO LIVRE e DIRIGIDA, deram-nos subsídios para responder às três perguntas de pesquisa indicadas do começo desta derradeira seção.

Em primeiro lugar, o texto traduzido pelos voluntários, tanto pelo grupo mais avançado como pelo grupo de estudantes em nível intermediário, apresentam diferenças importantes com relação ao que é encontrado nas receitas em português, no que concerne à distribuição de infinitivos/subjuntivos. Não parece ter existido, na tradução das subordinadas temporais com “até” e nas finais com “para”, a etapa de desverbalização, o que daria lugar ao automatismo (comprovado pela ausência de dados processuais), como resultado do que Séguinot (1989) chama de **impulso autopropulsor**, que não permitiria o descolamento do texto, favorecendo a transposição direta de estruturas da língua estrangeira que fugiriam ao padrão típico de frequência no gênero em língua materna. Um tipo de **hipnose** (PRESAS, 2000) exercida por estruturas de funcionamento aproximado abstratamente no sistema linguístico, mas, como comprovado, não coincidente nos usos textuais e discursivos das duas línguas.

Inicialmente pareceria possível afirmar que os desvios de padrão nos usos de subjuntivo e infinitivo verificado nas traduções dos estudantes resultou de interferência do espanhol na tradução para o português, já que as escolhas realizadas pelos voluntários se aproximam mais dos usos praticados no texto fonte (subjuntivo) do que do padrão observado para o gênero na língua meta (infinitivo), em contextos de não coincidência entre os sujeitos sintáticos. Nossos voluntários não pareceriam ter se dado conta de que, apesar de semelhantes e gramaticalmente corretas, suas escolhas não refletiam o gênero em português, tal como ele se constitui. Sua intuição de falantes nativos, por si só, não parece ter sido suficiente para que percebessem existir outras estruturas em sua própria língua materna que poderiam ser, como justamente eram, as normalmente selecionadas para o gênero em questão.

Essa afirmação inicial dos desvios na tradução como totalmente resultantes da interferência da língua estrangeira sobre a materna, no entanto, precisaria ser relativizada diante da constatação de que, nas demais produções textuais (não traduções)

realizadas pelos estudantes em sua língua materna verificam-se também desvios de padrão para o gênero, sem poderem ser interpretados, nestes casos, como automatismos resultantes da presença de estruturas da língua estrangeira imediatamente visíveis num texto fonte, ou seja, sem poderem ser atribuídos ao "poder hipnótico" do texto fonte na produção em língua materna.

É importante enfatizar que os resultados das produções livre e dirigida apontaram dois comportamentos bastante díspares: um mais orientado ao que se verificava na tradução, com predomínio do modo subjuntivo (produção livre), e outro mais orientado ao que se verificava no *corpus* de comparação (produção dirigida). Esses dados, especialmente os da produção livre, poderiam sugerir que, na tradução, apesar da inegável influência do texto fonte, os sujeitos não teriam se distanciado tanto assim do que eles em geral empregariam na sua própria língua materna, se fossem escrever uma receita.

Assim, nos parece necessário apontar também para outras hipóteses explicativas para os desvios de padrão nos usos de subjuntivo e infinitivo que foram verificados na tradução do gênero receita, e que poderiam estar operando de forma conjugada com a hipótese do "poder hipnótico" do texto fonte na produção das traduções. A primeira dessas hipóteses pareceria ser puramente interna à língua materna. Aparentemente, uma falta de familiaridade com a situação de produção do gênero receita se combina, nos voluntários, com a hipergeneralização ("crença") de que o tom mais adequado para um texto escrito é o formal. Como o subjuntivo é percebido, nas temporais e finais, como marcado por "formalidade" e o infinitivo como marcado por "informalidade", os sujeitos selecionam o subjuntivo mais do que de fato se seleciona numa produção autêntica e natural do gênero receita em sua língua materna. Esta seria a primeira hipótese a poderia ser conjugada com a do "poder hipnótico" do texto fonte para explicar os desvios de padrão na tradução que produziram. A segunda hipótese que nos parece verossímil é a de que, ao serem aprendizes de espanhol como língua estrangeira, o fenômeno da interferência da língua estrangeira sobre a língua materna possa estar operando também nessa dimensão mais típica do processo de aprendizagem/aquisição de língua estrangeira em si do que propriamente do processo de tradução. Esse tipo de interferência interlinguística poderia ajudar a entender o motivo dos desvios de padrão nas produções em língua materna que não foram traduções, ao mesmo tempo que sua conjugação com a hipótese do "poder hipnótico" do texto fonte explicaria porque os desvios de padrão nos usos do português na direção dos padrões de uso do espanhol foram ainda mais acentuados quando da produção da tradução.

No que se refere à distribuição de infinitivos/subjuntivos nas três tarefas, não foi possível detectar diferenças significativas entre a produção dos sujeitos de TC e dos sujeitos de L3. Apesar disso, no caso da tradução, poderíamos dizer que a interferência na temporal com “*cuando*” foi exclusiva ao grupo mais avançado (TC), o que poderia sugerir que esse tipo de fenômeno estivesse mais propenso a ocorrer com indivíduos com maior proficiência, possibilidade levantada por Larsen-Freeman (1991), como se salientou no Capítulo I (seção 1.2). Embora a pouca expressividade desses números não nos permita chegar a uma conclusão definitiva, a presença da interferência nas temporais com “*cuando*” ter se manifestado apenas na produção de aprendizes mais avançados poderia ser um indicador favorável à hipótese adicional de uma interferência própria do processo de aprendizagem de língua estrangeira se projetar nas traduções em conjunto com o tipo de interferência mais próprio do fenômeno da tradução em si (o “poder hipnótico” do texto fonte, com seus automatismos resultantes).

A divisão interna entre os grupos, quanto à ordem de execução das tarefas, tampouco mostrou diferenças significativas no que diz respeito às orações estudadas. Não parece ter afetado, em profundidade, as três atividades, uma vez que não foi possível constatar um comportamento efetivamente distinto entre os indivíduos que realizaram como primeira tarefa a tradução e os que a realizaram por último. Aqueles sujeitos que já tinham traduzido a mesma receita, por outra parte, mostraram alguma diferença em sua produção, reconhecível tanto nos dados de processo quanto nos dados de produto.

Neste estudo, em razão do grande volume de material coletado, foi necessário centrar nossos esforços nas estruturas temporais e finais analisadas. Isso fez com que outras informações de interesse não pudessem ser aqui abordadas: do ponto de vista processual, certas medidas de tempo ou dados de correção; do ponto de vista de produto, as soluções tradutórias finais encontradas para determinados problemas lexicais, como o próprio título da receita. Assim, acreditamos que esse conjunto de dados, reunido de forma criteriosa, poderá ser útil e constituir ponto de partida para outras diversas pesquisas tradutórias, ou que se dediquem à abordagem do gênero receita. Ficaremos felizes em difundi-lo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, J-M. (1999). *Linguistique textuelle*. Des genres de discours aux texts. Paris: Nathan. [apud ROJO, 2005]
- ALVES, F. (2001). A triangulação como opção metodológica em pesquisas empírico-experimentais em tradução. In: PAGANO, A. S. (org.). *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: FALE-UFGM: 69-92.
- ALVES, F.; MAGALHÃES, C. (2004). Using small corpora to tap and map the process-product interface in translation, *TradTerm*, São Paulo, v. 10, p. 163-178.
- ANTHONY, L. (2004). AntConc: A learner and classroom friendly, Multi-Platform Corpus Analysis Toolkit. In: *IWLeL 2004: An Interactive Workshop on Language e-Learning*. p. 7-13. Disponível em <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/research/iwlel_2004_anthony_antconc.pdf>. Acessado em 20/05/2013.
- ARABSKI, J. (1968). A Linguistic Analysis on English Composition Errors Made by Polish Students, *Studia Anglica Posnaniensia* 1, p. 71-89. [apud SANTOS GARGALLO, 1993].
- AUBERT, F. H. (1998). Modalidades de tradução: teoria e resultados, *TradTerm*, São Paulo, v. 5, 1, p. 99-128, junho 1998.
- BAKER, M. (1993). Corpus Linguistics and Translation Studies. Implications and Applications. In: BAKER, M; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (eds.) *Text and Technology*: In Honor of John Sinclair. Amsterdam: John Benjamins, p. 233-250.
- _____ (1995). Corpora in Translation Studies: An overview and some suggestions for future research, *Target* 7 (2), Amsterdam: John Benjamin, p. 223-243.
- BAKHTIN, M. M. (2003 [1979]). Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes (Original: 1979), p. 261-306.
- BAJTÍN, M. M.; MEDVEDEV, P. N. (1994 [1928]). Los elementos de la construcción artística. In: *El método formal en los estudios literarios*. Introducción crítica a una poética sociológica. Madrid: Alianza Editorial, p. 207-226. (Original ruso: 1928).
- BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV. (1992 [1929]). Língua, fala e enunciação. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. francês de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6 ed. São Paulo: Hucitec (Original 1929), p. 90-138.
- BECHARA, E. (1992). Moderna gramática portuguesa: cursos de 1º e 2º graus. 34.^a ed. São Paulo: Nacional, 1992.
- BELL, R. T. (1998). Psycholinguistic/Cognitive approaches. In: Baker, M. (ed.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge.

- BERBER SARDINHA, T. (2004). *Linguística de Corpus*. Barueri: Manole.
- BÖRSCH, S. (1986). Introspective Methods in Research on Interlingual and Intercultural Communication. In: HOUSE, J.; BLUM-KULKA, S. (eds.). *Interlingual and intercultural communication. Discourse and cognition in translation and second language acquisition studies*. Tübingen: Gunter Narr, p. 195-209.
- BOWKER, L. (1998). Using Specialized Monolingual Native-Language Corpora as a Translation Resource: a Pilot Study, *Meta XLIII*, 4, p. 631-651.
- BRAGA, M. L. (1999). As orações de tempo sob uma perspectiva funcionalista. In: RODRIGUES, A. C. S.; ALVES, I. M.; GOLDSTEIN, N. S. (org.) *I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 97-108.
- BRAIT, B. (2010). Tramas verbo-visuais da linguagem. In: BRAIT, B. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, p. 193-214.
- BRIONES, I. A. (2001). Dificultades de la traducción portugués-español vistas a través de la lingüística contrastiva. *Actas del IX Congreso Brasileño de Profesores de Español [recurso eletrônico]*. Brasília: Consejería de Educación. Embaixada da Espanha.
- BRONCKART, J-P. (2003 [1999]). *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Maria Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC.
- CASTILHO, A. T. (2010). *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, p. 338-381.
- CINTRÃO, H. P. (2006). *Colocar lupas, transcriar mapas*. O desenvolvimento da competência tradutória em nível básico de espanhol como língua estrangeira. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (Departamento de Letras), Universidade de São Paulo, São Paulo.
- COHEN, A. (1984). Studying second-language learning strategies: how do we get the information? *Applied Linguistics*, s.1. n. 5, p. 101-112. [apud GONÇALVES, 2001]
- COHEN, A.; HOSENFELD, C. (1984). Some uses of metalinguistic data in second language research. *Language Learning*, s.1. n. 26, p. 45-66. [apud GONÇALVES, 2001]
- COLINA, S. (1997). Contrastive Rhetoric and Text-Tipological Conventions in Translation Teaching. *Target* 9. Amsterdam: John Benjamin, p. 335-353.
- CORDER, S. P. (1971a). Idiosyncratic Dialects and Error Analysis, *International Review of Applied Linguistics*, 9, p. 147-160.
- _____ (1993 [1983]). A role for the mother tongue. In: *Language transfer in language learning*. Amsterdam Philadelphia: John Benjamins Pub. Co., p. 18-31.

COSERIU, E. (1952) *Sistema, norma y habla* (con un resumen en alemán). Montevideo: Universidad de la República, Facultad de Humanidades y Ciencias, Instituto de Filología, Departamento de Lingüística.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. (2001) *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

ERICSSON, K. A.; SIMON, H. A. (1980) Verbal reports as data. *Psychological Review*, s.1. n. 87, p. 215-251. [apud BÖRSCH, 1986]

FÆRCH, C; KASPER, G. (1983a). Plans and Strategies in Foreign Language Communication. In: _____ (eds.) *Strategies in Interlanguage Communication*. Harlow: Longman, p. 20-60. [apud KRINGS, 1986.]

_____ (1987). From product to process: introspective methods in second language research. In: _____ (ed.) *Introspection in second language research*. Philadelphia: Multilingual Matters, p. 3-23. [apud GONÇALVES, 2001.]

FILLMORE, C. J. (1971) Scenes-and-frames semantics. In: ZAMPOLIN, A. (ed.). *Linguistic Structures Processing*. Amsterdam: N. Holland, p. 55-81. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/25549985/Fillmore-Scenes-and-Frames-Semantics>> Acessado em 03/08/2012.

_____ (1979) Innocence: a second idealization for linguistics. In: *Berkeley Linguistic Society* 5, p. 63-76. [apud TAGNIN, 2002]

FRASER, J. (1996). The Translator Investigated. In: *The Translator*, Volume 2, Número 1, p. 65-79.

FRIES, C. (1945). *Teaching and learning English as a foreign language*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

GALÁN RODRÍGUEZ, C. (2000). *La Subordinación Causal y Final*. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (dir.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Vol. 3. Madrid: Espasa, p. 3621-3642.

GARCÍA FERNÁNDEZ, L. (2000). Los complementos adverbiales temporales. La subordinación temporal. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Vol. 2. Madrid: Espasa, p. 3129-3207.

GARCÍA, S. (1996). *Las expresiones causales y finales*. Madrid: Arco/Libros.

GASS, S. M.; Selinker, L. (eds.) (1993 [1983]). Introduction. In: *Language transfer in language learning*. Amsterdam Philadelphia: John Benjamins Pub. Co., p. 1-17.

GERLOFF, P. (1987). Identifying the unit of analysis in translation: some uses of think-aloud protocol data. In: FÆRCH, Claus; KASPER, Gabrielle. (eds.). *Introspection in Second Language Research*. Philadelphia: Multilingual Matters, p. 135-158.

GLAHN, E. (1980). Introspection as a Method of Elicitation in Interlanguage Studies. *Interlanguage Studies Bulletin* 5, p. 119-128. [apud KRINGS, 1986].

GONÇALVES, J. L. V. R. (2001). Pesquisas empírico-experimentais em tradução: os protocolos verbais. In: PAGANO, A. S. (org.). *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: FALE-UFMG: 13-39.

GONZÁLEZ, N. T. M.; KULIKOWSKI, M. Z. M. (1999). Español para brasileños. Sobre por dónde determinar la justa medida de una cercanía. *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos*, v. 9, p. 11-19.

HALLIDAY, M. A. K. (1973). *Explorations in the Functions of Language*. London: Arnold. [apud HURTADO ALBIR, 2001].

_____ (1985). *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold. [apud Braga 1999]

_____ (2001). Towards a theory of good translation. In: STEINER, E.; YALLOP, C. *Exploring translation and multilingual text production: beyond content*. Berlin e New York: Mouton de Gruyter, p. 13-18.

HATIM, B.; MASON, I. (1995 [1990]). *Teoría de la traducción*. Una aproximación al discurso. Barcelona: Ariel.

HOLMES, J. (2000 [1972]). The name and nature of translation studies. In: VENUTI, L. (ed.). *The Translation Studies Reader*. London/New York: Routledge. p. 172-185.

HOUSE, J. (2001). How do we know when a translation is good? In: STEINER, E.; YALLOP, C. *Exploring translation and multilingual text production: beyond content*. Berlin e New York: Mouton de Gruyter, p. 127-160.

HUBER, G. L.; MANDL, H. (1982). (ed.) *Verbale Daten*. Beltz: Weinheim and Basel. [apud GONÇALVES, 2001]

HURTADO ALBIR, A. (1990). Conclusion. In: *La notion de fidélité en traduction*. Publications de la Sorbonne, col. Traductologie n.º 5. Paris: Didier, p. 219-228.

_____ (2001). *Traducción y traductología*. Madrid: Cátedra, 2001.

ILARI R. et al. (2008). A preposição. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (orgs.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. V. II. Classes de palavras e processo de construção. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 760-763.

JÄÄSKELÄINEN, R. (1989) Translation assignment in professional versus non-professional translation: A think-aloud protocol study. In: SÉGUINOT, C. (ed.). *The Translation Process*. Toronto: H.G. Publications; York University, p. 87-97.

JAKOBSEN, A. L. (1999). *Translog* as a tool in the learning of translation. Comunicação apresentada à Conferência *CIUTI* sobre Interdisciplinaridade. Antuérpia, 26-67/05/1999. (manuscrito). [apud ROTHE-NEVES, 2001]

_____. (2002). Orientation, segmentation, and revision in translation. In: HANSEN, J. (ed.) *Empirical translation studies: process and product*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2002, p. 191-204. (Copenhagen Studies in Language Series, 27) [apud ALVES; MAGALHÃES, 2004]

KELLERMAN, E. (1979). Transfer and non-transfer: where we are now. *Studies in Second Language Acquisition* 2, p. 37-57. [apud GASS; SELINKER 1993 [1983].]

_____. (1983). Now you see it, now you don't. In: GASS, S.; SELINKER, L. *Language Transfer in Language Learning*. Rowley, Mass: Newbury House, p. 112-134.

KELLERMAN E.; SHARWOOD-SMITH, M. (1986). *Cross-linguistic influence in second language acquisition*. Pergamon Press. [apud Larsen-Freeman, D.; Long, M. H., 1994 [1991].]

KELLY, L. G. (1979). *The true interpreter: a history of translation theory and practice in West*. New York: St. Martin's. [apud RODRIGUES 2000]

KJELLMER, G. (1992). Grammatical or nativelike? In: LEITNER, Gerhard (ed.) *New Directions in English Language Corpora*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, p. 329-343.

KRESS, G. (1985). *Linguistic Processes in Sociocultural Practice*. Victoria: Deakin University Press. [apud HATIM; MASON, 1995 [1990]

KRINGS, H. P. (1986). Translation problems and translation strategies of advanced German learners of French (L2). In: HOUSE, J.; BLUM-KULKA, S. (eds.). *Interlingual and intercultural communication. Discourse and cognition in translation and second language acquisition studies*. Tübingen: Gunter Narr, p. 263-276.

_____. (1987). The use of introspective data in translation. In FÆRCH, Claus; KASPER, Gabrielle. (eds.). *Introspection in Second Language Research*. Clevedon/Philadelphia: Multilingual Matters, p. 159-176.

LADO, R. (1957). *Linguistics across cultures*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

LAMPARELLI, A. H. C. A. (2007) *A naturalidade na tradução: quem garante?* 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br>>. Acessado em 08/05/2013.

LARSEN-FREEMAN, D.; LONG, M. H. (1994 [1991]). *Introducción al estudio de la adquisición de segundas lenguas*. Madrid: Editorial Gredos. (*An Introduction to Second Language Acquisition Research*. London: Longman Group Uk Limited, 1991).

LAVIOSA, S. (1998) Universals of Translation. In: BAKER, M. (ed.) (1998). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, p. 288-291.

_____. (2002). *Corpus-based translation studies: theory, findings, applications*. Rodopi: Amsterdam-New York.

MACKEY, W. F. (1970). The description of bilingualism. In: FISCHMAN, J. A. (ed.) *Readings in the Sociology of Language*. The Hague: Mouton, p. 554-584. [apud Presas, 2000]

MARCUSCHI, L. M. (2007 [2002]). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, A. A. *Gêneros textuais & ensino*. Lucerna: Rio de Janeiro, 5.^a ed., 19-36.

MARTÍNEZ GARCÍA, H. (1996). *Construcciones temporales*. Madrid: Arco/Libros.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. A. (1988). The structure of discourse and “subordination”. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (eds.) *Clause combining in grammar and discourse*. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. [apud BRAGA 1999]

NEVES, M. H. M. (2003). *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, p. 787-801; 884-893.

NEVES, M. H. M.; BRAGA, M. L.; DALL’AGLIO-HATTNER, M. M. (2008): As construções hipotáticas. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (orgs.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. V. II. Classes de palavras e processo de construção. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 938-946.

NIDA, E. A. (1964). *Towards a Science of Translating*. Leide: E. J. Brill, 1964. [apud RODRIGUES 2000.]

_____. (2009). Principles of correspondence. In: VENUTI, L. (ed.). *The Translation Studies Reader*. New York: Routledge, p. 153-167.

NORD, C. (2005 [1987]). Applications of the model in translation training. In: *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*. 2nd Edition. Rodopi: Amsterdam/New York: 2005, p. 155-190.

OLIVEIRA, B. M. O. (2009). *Teste das modalidades de tradução literal e decalque como indicadores de desenvolvimento da competência tradutória em análise de corpus*. Trabalho de Graduação Individual (TGI), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (Departamento de Letras Modernas), Universidade de São Paulo, São Paulo.

PAWLEY, A.; SYDER, F. (1983). Two puzzles for linguistic theory: native-like selection and native-like fluency. In: RICHARDS, J.; SCHMIDT, R. (eds.) *Language and Communication*, v. 9. Longman: London, 191-226.

PÉREZ SALDANYA, M. (2000). El modo en las subordinadas relativas y adverbiales. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Vol. 2. Madrid: Espasa, p. 3253-3318.

PERINI, M. A. (1998). *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, p.125-179; 199-206; 292-297.

PORTO DAPENA, J. A. (1991). *Del indicativo al subjuntivo: valores y usos de los modos del verbo*. Madrid: Arco/Libros.

PRESAS, M. (1996). *Problemes de traducció i competència traductora*. Bases per a una pedagogia de la traducció. Tese de doutorado. Universidade Autônoma de Barcelona. [apud HURTADO ALBIR, 2001]

_____. (2000). Bilingual Competence and Translation Competence. In: SCHÄFFNER, C.; ADAB, B. (ed.). *Developing Translation Competence*. Amsterdam: John Benjamins, p. 19-31.

PRINCE, E. F. (1981). Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (ed.) *Radical Pragmatics*, New York: Academic Press. [apud HATIM; MASON, 1995 [1990].]

REINECKE, J. E. (1969). *Language and Dialect in Hawaii, A Sociolinguistic History to 1935*. Honolulu, Hawaii: University of Hawaii Press. [apud LARSEN-FREEMAN, D.; LONG, M. H. 1994 [1991].]

REISS, K; VERMEER, H. J. (1996 [1984]). *Fundamentos para una teoría funcional de la traducción*. Trad. Sandra García Reina; Celia Martín de León; Heidrun Witte. Madrid: Akal. (*Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. 2.ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1991 [1.ed. 1984]).

RODRIGUES, C. C. (2000). Introdução. In: *Tradução e diferença*. São Paulo: Ed. Unesp, p. 15-24.

ROJO, R. (2005). Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 184-207.

ROTHER-NEVES, R. (2001). Medidas em tempo real para estudos experimentais em tradução: explorando o programa *Translog*. In: PAGANO, A. S. (org.). *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: FALÉ-UFMG: 41-67.

SALKIE, R. (1997). Naturalness and contrastive linguistics. In: Lewandowska-Tomaszczyk, B.; Melia, P. J. (eds.) *Practical Applications in Language Corpora PALC'97*. Łódź: Łódź University Press, p. 297-312. [apud LAMPARELLI, 2007]

SANTOS GARGALLO, I. (1993). *Análisis contrastivo, análisis de errores e interlengua en el marco de la lingüística contrastiva*. Madrid: Síntesis.

SCOTT, M. (1996). *WordSmith Tools*. Oxford: Oxford University Press.

_____. (2008). *WordSmith Tools Help*. Liverpool: Lexical Analysis Software.

SÉGUINOT, C. (1989). The Translation Process: An Experimental Study. In: _____ (ed.) *The Translation Process*, Toronto. H. G. Publications, York University. [apud SÉGUINOT, 1990].

_____. (1990). Interpreting errors in translation. *Meta*, vol. 35, 1, p. 68-73.

SELINKER, L. (1972). Interlanguage, *International Review of Applied Linguistics*, 10, p. 209-231.

_____. (1994). Towards interlanguage: Uriel Weinreich. In: *Rediscovering Interlanguage*. London: Longman, p. 26-42.

SILVA, M. G. G. V. (1992). *As modalidades de tradução aplicadas ao conto “O cobrador”*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. [apud AUBERT, 1998].

SNELL-HORNBY, M. (1999 [1988]). *Estudios de traducción: hacia una perspectiva integradora*. Salamanca: Almar. (*Translation Studies: an integrated approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988.)

SOUZA, G. T. (1999) *Introdução à teoria do enunciado concreto do Círculo Bakhtin/Voloshinov/ Medvedev*. São Paulo: Humanitas, p. 85-136.

STEINER, G; (1975). *After Babel: aspects of language and translation*. Oxford: Oxford University Press. [apud RODRIGUES, 2000].

STEINER, E. (1998). A Register-Based Translation Evaluation: An Advertisement as a Case in Point. *Target* 10, Amsterdam: John Benjamin, p. 291-318. [apud HOUSE, 2001].

TAGNIN, S. E. O. (2002). Os *corpora*: instrumentos de auto-ajuda para o tradutor. In: *Caderno de tradução*. Universidade Federal de Santa Catarina, v. 9. p. 191-219.

_____. (2005). *O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas*. São Paulo: Disal.

TAGNIN, S. E. O.; TEIXEIRA, E. (2004). Linguística de *Corpus* e Tradução Técnica – Relato da montagem de um *corpus* multivarietal de culinária. In: *TradTerm*, São Paulo, v. 10, p. 313-358.

TEIXEIRA, E. (2008). Tradução culinária e ensino: um exemplo de metodologia de avaliação utilizando etiquetagem e o WordSmith Tools. In: *Domínios da Linguagem*. Linguística de *Corpus*. v2, n. 2.

TOMMOLA, J.; LINDHOLM, J. (1995). Experimental research in interpreting: which dependent variable? In: _____ (org.) *Topics in interpreting research*. Turku: University of Turku/Centre for translation and interpreting, p. 121-133. [apud ROTHE-NEVES, 2001.]

TOURY, G. (1995). Towards laws of translational behavior. In: *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, p. 259-279.

VAN DEN BROEK, R. (1986). Contrastive Discourse Analyses as a Tool for Interpretation of Shifts in Translated Texts. In: HOUSE, J.; BLUM-KULKA, S. (eds.). *Interlingual and intercultural communication. Discourse and cognition in translation and second language acquisition studies*. Tübingen: Gunter Narr, p. 37-47.

VENUTI, L. (1986). The Translator's Invisibility. *Criticism*, v. 18, n. 2, p. 179-212.

WEINREICH, U. (1974 [1953]). *Languages in contact: findings and problems*. The Hague: Mouton.

WODE, H. (1978). The L1 vs. L2 acquisition of English negation. In: *Working Papers on Bilingualism*, 15, p. 37-57. [apud LARSEN-FREEMAN; LONG, 1994 [1991].

ANEXOS (EM CD)

L3	
Ordem A	Pasta/Voluntário
	V1
	V2
	V3
	V4
	V5
Ordem B	V6
	V7
	V8
	V10
	V11
TC	
Ordem A	Pasta/Voluntário
	V2
	V3
	V4
	V5
	V6
Ordem B	V7
	V8
	V9
	V10
	V11
Receitas da Internet	
EE (receitas espanhol)	
PB (receitas português)	
Lista de códigos	

Lista de materiais por pasta/voluntário	Formato
Comentários	.doc
Complete (códigos)	.log
Complete (texto)	.txt
Complete (marcações)	.rtf
Entrevista	.doc
Escrita (códigos)	.log
Escrita (texto)	.txt
Escrita (marcações)	.rtf
Questionário 1 (perfil)	.doc
Questionário 2 (tradução)	papel
Tradução (códigos)	.log
Tradução (texto)	.txt
Tradução (marcações)	.rtf